

FELIZ ANO VELHO

ALFAGUARA

MARCELO
RUBENS
PAIVA

2 LIVROS
EM 1

Ainda
estou
aqui



MARCELO
RUBENS
PAIVA

FELIZ
ANO
VELHO

Ainda
estou
aqui

ALFAGUARA


ALFAGUARA


Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

FELIZ ANO VELHO

Copyright © 1982, 2015 by Marcelo Rubens Paiva

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de Marcelo Rubens Paiva:

São Paulo, 1989 (Rui Mendes)

Revisão

Eduardo Rosal

Rita Godoy

AINDA ESTOU AQUI

Copyright © 2015 by Marcelo Rubens Paiva

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de Eunice e Rubens Paiva:

Aeroporto de Brasília, anos 1960 (Acervo de família)

Preparação

Mariana Delfini

Revisão

Carolina Vaz

Ana Grillo

Cristhiane Ruiz

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P169f

Paiva, Marcelo Rubens,

Feliz ano velho e Ainda estou aqui [recurso eletrônico]/ Marcelo Rubens Paiva.

– 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

387p. recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7962-447-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

15-26060

CDD:869.93
CDU:821.134.3(81)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Feliz ano velho](#)

[Marcelo Rubens Paiva](#)

[Prefácio](#)

[Biiiiiiin](#)

[Do lado de cá dos trilhos](#)

[UTI Unidade de Terapia Intensiva](#)

[Hospital Paraíso, São Paulo](#)

[Apartamento](#)

[Uma paulista chamada avenida](#)

[Início de dezembro 1980](#)

[Ainda estou aqui](#)

[Eunice e Rubens](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Parte 1](#)

[Onde é aqui?](#)

[A água que não era mais do mar](#)

[Blá-blá-blá...](#)

[Cometas da memória](#)

[Mãe-protocolo](#)

[Parte 2](#)

[Merda de ditadura](#)

[É a peste, Augustin — Perdão, tenho que morrer](#)

[O telefone tocou](#)

[Doze dias](#)

[Ou, ou, ou, ou, ou...](#)

[O sacrifício](#)

[Parte 3](#)

[Depois do luto](#)

[Você se lembra de mim?](#)

[Já falei do suflê?](#)

[O choro final](#)

[O alemão impronunciável](#)

[O que estou fazendo aqui?](#)

[A denúncia](#)

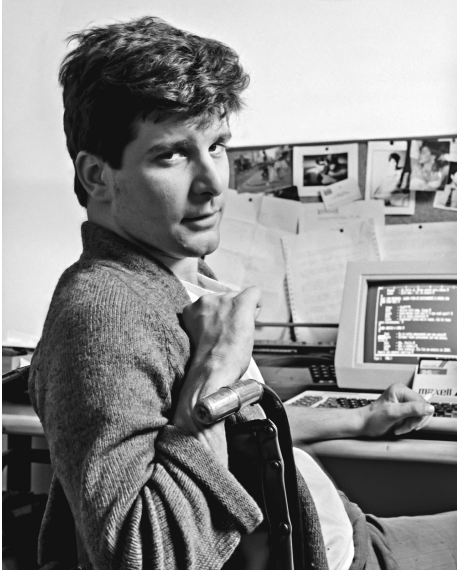
[Decisão — Recebimento da denúncia](#)

[Nota do autor](#)

FELIZ ANO VELHO

MARCELO
RUBENS
PAIVA

ALFAGUARA

Prefácio

Marcelo, cara, peguei teu texto para ler em um dia de tremendo baixo-
astral. Como sempre acontece comigo (desde que te conheço), recebi uma
porrada de energia na boca do estômago e o moral subiu dos intestinos para a
cabeça.

O teu livro está um barato, especialmente porque dá pra sentir um gozo
aberto tipo pôquer descoberto. No fundo eu acho que a transa da literatura
está ligada à transa da verdade (assim como a revolução, o amor e um montão
de coisas). E é aí que está todo o pique do que você escreveu. A tua história está
transada de um jeito putamente terno, bem-humorado, erótico e sedutor, o
que, aliás, é a tua maneira de ser.

Agora o seguinte: vou tentar uma contribuição de leitor numas de baixo-
astral. Ou então porque me sinto um tanto machucado pela vida e sinto
vontade de transar a amargura como parte da realidade. Se você achar que as
minhas questões não têm nada a ver com teus sentimentos, vê se não é o caso
de falar sobre isso com quem transa as coisas desse jeito. Ou então desencana e
manda ver no teu texto.

1. O que é que passou pela tua cabeça na hora que você mergulhou estilo
Tio Patinhas?

2. Raiva, revolta contra o fatalismo do acidente? (por que logo eu?)

3. Quando você fala em “cagada”, isso expressa sentimento de culpa?

4. Eu acharia legal que, em alguma parte, viesse um relato personalizado
da tua visão do Rubens Paiva e do sequestro.

Tem uma firmeza no teu texto que espero que você mantenha: é um texto
limpo de teorias e com um puta sentimento que expressa e defende tuas ideias.
Por exemplo, é deliciosa a maneira como na história há elementos críticos sobre

as pessoas, comportamentos sem nenhuma cagação de regras ou ironias baratas, mas com uma puta firmeza.

Ameaça final: se você não publicar esse livro, juro que vou me aliar ao pai da sua namorada da BBB e perseguir você até o juízo final.

Abração,

LUÍS TRAVASSOS
Inverno de 1981

O Travassos foi presidente da UNE em 68 e morreu na quarta-feira de Cinzas de 1982, aos trinta e sete anos. Não leu o final do meu livro, nem escreveu o dele (veado, eu dizia que a história da vida dele era muito mais emocionante que a minha). Não consegui convencê-lo a escrever, mesmo depois de mostrar as minhas primeiras páginas analfabetas. Sinto saudade da gente bebendo cerveja e falando das nossas desgraçadas vidas. Nós, com quem o destino não foi muito generoso, temos uma certa cumplicidade com a vida, e procuramos juntos nos defender dela.

É difícil entender por que um rapaz de vinte anos fica paralisado depois de um mergulho mal dado. Assim como é difícil aceitar que um líder estudantil teve que passar toda a sua juventude fugindo de país em país, pois alguns generais não gostavam dele.

Você morreu, Zé, e eu adorava você. Este livro é dedicado a você, e, quando eu for pro céu, vou levar o que você não leu, e umas folhas em branco pra sua história.

Até mais, garotão.

MARCELO RUBENS PAIVA

Biiiiiiin

14 de dezembro de 1979

17 horas

Sol em conjunção com Netuno
e em oposição a Vênus

Subi numa pedra e gritei:

— Aí, Gregor, vou descobrir o tesouro que você escondeu aqui embaixo, seu milionário disfarçado.

Pulei com a pose do Tio Patinhas, bati a cabeça no chão e foi aí que ouvi a melodia: biiiiiiin.

Estava debaixo d'água, não mexia os braços nem as pernas, somente via a água barrenta e ouvia: biiiiiiin. Acabara toda a loucura, baixou o santo e me deu um estado total de lucidez: “Estou morrendo afogado”. Mantive a calma, prendi a respiração, sabendo que ia precisar dela para boiar e aguentar até que alguém percebesse e me tirasse dali. “Calma, cara, tente pensar em alguma coisa.” Lembrei que sempre tivera curiosidade em saber como eram os cinco segundos antes da morte, aqueles em que o bandido com vinte balas no corpo suspira...

— Sim, Xerife, o dinheiro do banco está enterrado na montanha azul.

Por que o cara não manda todo mundo tomar no cu e morre em paz?

O fôlego tava acabando, “devem pensar que estou brincando”. Era estranho não estar mexendo nada, não sentia nenhuma dor e minha cabeça estava a mil por hora. “Como é que vai ser? Vou engolir muita água? Será que vai vir uma caveira com uma foice na mão?”

— Venha, bonecão, vamos fazer um passeio para o mundo do além, uuuaaaaaa!!!

Será que vou pro céu? Acho que não, as últimas missas a que fui eram as de sétimo dia dos tios e avós. Depois, não sei se deus gosta de jovens que, vez em quando, dão uma bola, gostam de rock. Pelo menos não é isso o que os seus representantes na Terra demonstram. É, meu negócio vai ser com o diabo, vou

ganhar chifrinhos, um rabinho em forma de flecha, e ficar peladinho, curtindo uma fogueira.

De repente estava respirando, alguém me virou.

— Você tá bem? — Era o professor Urtiga, que me carregava no colo. Sem saber o que dizer, pedi uma respiração boca a boca. Ele me olhou assustado e foi me levando pra margem fazendo a respiração. Já em chão firme, os bêbados e loucos falavam:

— Ei, Marcelo, levanta!

— Que é isso, Paiva?

— E aí, tinha muito ouro?

— Levanta, que ele fica bom logo, é só dar uma chacoalhada.

— Isso, me levanta, eu devo estar meio bêbado.

Me levantaram, mas não deu em nada. Todos ficaram impressionados, logo começaram a transar uma ida a um hospital qualquer: uma cabeça mágica arrumou uma tábua. Deitaram-me e fomos até onde estavam os carros. Não havia dúvidas de que a Kombi era o melhor deles. Entraram Urtiga, Florência, Marcinha, Gregor e não sei mais quem. Urtiga foi cantando em castelhano, imaginei que fosse algum ritual maia, já que ele é mexicano. Gregor foi cutucando meu pé e chamou seu deus que até hoje não sei quem é, a Marcinha apelou pro Pai-Nosso e a Florência só chorava. O caminho tava demorando, mas eu nem me importava, tava gostoso ali, deitado, ouvindo o canto maia, com a certeza de que nada de grave havia acontecido. No hospital me dariam uma injeção qualquer e tudo bem. Urtiga começou a passar a mão na minha cabeça. Reparei que ele tava preocupado, olhei pra sua mão e vi que estava toda ensanguentada. Só poderia ser de algum corte da minha cabeça.

Chegando no pronto-socorro, percebi que o negócio era sério: maca, oxigênio, enfermeiros, médicos, maca correndo, teto branco, todo mundo olhando, mesa de raio X.

— Sente aqui?

— Não.

— E aqui?

— Só acima do pescoço.

— Ih, meu deus...

Veio uma mulher: disse calmamente meu nome e pedi para avisar minha família em São Paulo.

— Ah! Avisa também o dr. Miguel aqui em Campinas. O telefone dele é 29045.

Não sei como consegui lembrar o telefone do pai da minha *ex-girl*. Comecei a pensar nela, doce Lalá, faz quase dois anos e não teve outra paixão igual. Lembrei-me de que, sempre que a gente ia jantar fora, pedíamos vinho e ficávamos tão bêbados que todas as privadas de bares campineiros estavam registradas com meu vômito.

— Não, moça, não corte minha unha, é que eu toco violão e vou fazer uma gravação neste fim de semana.

Seria a primeira vez que ia entrar num estúdio profissional.

— Guarda esse colar, que ele é muito especial.

— Pô, meu cabelo não, é que eu sou muito vaidoso.

Me deixaram carequinha, carequinha. Apaguei.

Do lado de cá dos trilhos

De um lado, sou neto de latifundiários; de outro, comerciante italiano da rua Santa Rosa. Filho de engenheiro e advogada, tenho quadros bonitos na parede e piso em tapetes persas. O único calo que tenho em minhas mãos é de tocar violão. Não tenho marcas de estilete nem de balas pelo corpo, apenas arranhões devido a uma infância debaixo das traves. Sempre joguei no gol.

Nasci do lado de cá dos trilhos, de marginal somente no colegial, onde os colegas eram príncipes; eu, apenas burguês. Eles calçavam All Star, um tênis todo fresco, americano, que encantava as menininhas, dando um porte de jogador de basquete da Harvard University. Eu usava um Bamba, figurando um goleiro do Vasquinho, meu time de futebol.

O Tietê enche, mas não molha minha casa; o temporal cai, mas não atola minha rua. Nunca tive que trabalhar. Meu berço não era de ouro, mas era um berço. Só aos dez anos peguei no batente, no Rio de Janeiro. Fora eleito presidente do Vasquinho. Era um cargo glorioso, mas tinha que pôr dinheiro na Caixa. Varria quintais e ganhava Cr\$5,00. Em outras palavras, cinquenta chicletes. Sempre fui um grande pidão, e, nos jantares que meus pais ofereciam, eu punha uma urna na entrada, escrito:

DÊ UMA COLABORAÇÃO

A UM POBRE GAROTO.

Eles achavam graça e davam. Como os jantares eram frequentes, já estava me tornando um milionário. Resolvi investir, capitalizar minhas economias. Virei um sócio fanático da Caixa Econômica Federal. No Natal e no meu aniversário, o bolo era grande. Pensei até em investir no *overnight*, mas não tinha know-how para tanto. No dia seguinte, ia direto para minha amiga

Caixa, onde os caras já me conheciam, e todo dia 26 de dezembro ou 2 de maio já tinha um comprovante de depósito preenchido em meu nome no valor de Cr\$500,00 (cinco mil chicletes), era o bolo da minha avó. Pena que todo ano, até hoje, a ficha continue preenchida em Cr\$500,00. Minha avó não entende nada de correção monetária.

A conta crescia, começava a ficar apetitosa. Andava pelas vitrines escolhendo o que poderia e o que não poderia ser meu. Um dia, encheu o saco. Não queria morrer rico sem ter nada em mãos. Primeiro foi uma prancha de isopor, dessas de pegar jacaré. Fiquei bom no mar, passei pruma de surfe, mas vim morar em São Paulo, e, até agora, as ondas do laguinho do Ibirapuera não subiram. Tinha de fazer um investimento mais paulistano: comprei um violão. Aos dezessete anos, conheci uma linda paraguaia na Unicamp. Com as férias, veio o convite. Nunca havia saído do Brasil. Então, fechei a conta numa aventura ao Paraguai. Que decepção: ela tinha um namorado paraguaio. Tinha carregado o Fabião comigo, mas ele também levou um fora de uma *muchacha*. Decidimos então ir à Argentina, mas comemoramos a última noite paraguaia numa boate. Bêbados e mal-amados, uns caras insistiram para irmos pro “quilombo”. Quilombo? Deve ser algum gueto de negros, pensei. Que nada, era um puteiro. Bêbados, mas nem tão mal-amados, eu e o Fabião fomos pra Argentina, onde torramos todo o dinheiro em cassinos e mulheres. Que besteira, ficamos duros. Tenho um pouco de vergonha, mas também um pouco de orgulho, pois não era só nos filmes que os caras se estrepavam em Las Vegas. Nós também.

Estávamos com fome e frio em Buenos Aires. Como explicar às nossas famílias que não tínhamos dinheiro pra voltar? Apelamos para a criatividade:

— Fomos assaltados.

— Que coisa horrível.

Em dois dias havia dinheiro suficiente para passarmos mais um mês, porém, cinco minutos depois, fomos pra rodoviária, pegamos um Pluma. Quarenta e oito horas de viagem sem abrir a boca. A Argentina e o Paraguai riram de nós como quem diz: “Enganamos mais dois trouxas”.

UTI

Unidade de Terapia Intensiva

Acordei. De um lado, um caninho com um líquido amarelo que entrava em minha veia; do outro, um com sangue. Na boca, um acoplado, aqueles aparelhinhos de respiração artificial que já conhecia do *Fantástico*. Muito eficiente, fechava a boca com a língua, mesmo assim o ar entrava. Tinha uma sanfoninha pendurada que enchia e esvaziava. Assoprava e ela nem se tocava, enchia e esvaziava...

Fiquei curtindo o bicho: como é gostoso respirar sem fazer força, enchia e esvaziava... Passei a reparar no ambiente. Era uma sala pequena, com luz fria. Não sabia se era dia ou noite, porque não havia janelas, só paredes brancas. À minha esquerda, um leito com um cara em cima. Também tinha uma sanfoninha. À direita, dois leitos. Tentei me erguer, mas não consegui.

É mesmo, não mexia nada. Lembrei-me do acidente, só podia estar num hospital. “O que aconteceu comigo? Será que fui operado? Será que é por causa da bebida que estou assim? Algum trauma devido à batida na cabeça?” Ouvi vozes e percebi que havia gente na sala. Comecei a balançar o pescoço pra chamar a atenção. Veio uma enfermeira e perguntou se tava tudo bem.

— Eh, eh, eh...

Perguntou se eu queria tirar o aparelho. Fiz um gesto afirmativo, ela pediu pra esperar um pouco e saiu. Nunca sentira tanta falta da minha voz. Precisava saber se era sério o que tinha acontecido, queria falar, ouvir, e naquela sala não havia nada. A enfermeira voltou com mais dois caras. Perguntaram-me se eu seria capaz de respirar sem a sanfoninha. Era óbvio que podia, afinal de contas eu tava absolutamente acordado. Minha boca livre, perguntei o que havia acontecido. Responderam que eu fora operado e que estava tudo bem.

— Como assim?

— Mantenha-se calmo e com um pouco de paciência, que você vai pra casa logo. Tua mãe teve aqui, mas voltou pra São Paulo, porque já é tarde.

— Que horas são?

— Três da manhã.

— Tudo isso? Mas o que aconteceu? Por que acordei só agora? Quebrei alguma coisa? Por que é que não me mexo?

— Calma, amanhã cedo virá o médico que te operou, e você vai saber de tudo. Nós estamos aqui pra te ajudar, tente dormir e descansar, que já, já, você fica bom.

Acordei com uma pessoa cantando. Era uma enfermeira. Estava vindo direto pra mim, como se me conhecesse há muito tempo.

— E aí, Marcelo, tudo bem? Eu sou a Elma. Aguenta um pouco que nós vamos te dar um banho.

Ela era baixinha, gordinha, dessas com uma cara simpaticíssima. Não entendi direito aquele banho. Será que vão me colocar num chuveiro? Mas como? Se eu não me mexo. Imagino que não conseguiria ficar em pé. Podem me pôr numa banheira, mas com esses caninhos vai ser meio difícil. Estava meio confuso, não conseguia pensar direito. “Será que vai demorar pra mexer alguma coisa? Pode ser que dê pra mexer alguma coisa, pode ser que dê pra ficar em pé, que merda não entender nada de medicina. Além do que, esse líquido amarelo que entra na veia deve ser algum tranquilizante, é que eu tô meio de barato, com a boca seca e formigando.”

Apesar de sozinho lá deitado, dava pra sacar que a movimentação era intensa. Veio um sujeito com uma bandeja na mão:

— E aí, meu irmão, como é que é, tudo firme? Fica frio, não esquentar não, porque se você esquentar a cabeça, caspa vira Mandiopan.

Fiquei imaginando um cara começando a ficar nervoso, vermelho, a cabeça pipocando ploc ploc ploc...

Até hoje não sei por que comecei a chamar esse cara de Ding Dong. Era o nome do percussionista do meu conjunto. Lembro-me que ele adorava quando eu o chamava de Ding Dong e, apesar de não ser sua função, ele vinha todo dia, punha a bandeja e falava:

— Olha, senão caspa vira Mandiopan.

Veio outro cara, esse se chamava Divino, molhou uma toalha n'água e começou a passar no meu corpo. Perguntei se era aquilo o banho.

— É, meu irmão. É um banho de gato, só que em vez da língua é essa toalhinha.

Eu não podia ficar de bruços, e, para lavar as costas, ele chamou a Elma. Me viraram de lado, ela segurando e ele lavando. O cara ficou esfregando a toalha na minha bunda e depois enfiou a mão numa luva de plástico e pôs o dedo no meu cu para tirar o cocô. Eu morrendo de vergonha, mas ele nem aí. Já devia estar acostumadíssimo.

Só agora percebi que estava num colchão d'água. Enxugaram-me e me cobriram. Elma mandou-me esperar um pouco, porque tinha que dar banho em outros pacientes. Disse que logo depois viria dar o café da manhã e bater um papo.

“Que loucura, o que está acontecendo? Eu aqui deitado, sem poder me mexer. Essas pessoas que nunca tinha visto antes, esse lugar, o que é tudo isto afinal? A única certeza que tenho é de que estou vivo e muito lúcido. Consigo me lembrar perfeitamente do acidente, do meu passado, de tudo, enfim. Minha cabeça está a mil por hora e eu aqui paralisado: não poderia ter acontecido algo tão sério assim, será?”

Senti que só existia uma coisa funcionando em mim. Era como se fosse uma cabeça em cima de uma bandeja. Qualquer balançada que desse, a cabeça cairia da bandeja e sairia rolando como se fosse uma bola. Cairia no chão e continuaria rodando, rodando, rodando, rodando, rodando, rodando...

— Até que você é bonito.

— Porra, Elma, o que está acontecendo?

— Nada, vou começar a dar café para você agora.

— Eu preciso falar com alguém.

— Tua mãe ligou e está vindo de São Paulo. Deve chegar daqui a pouco.

E foi-me dando com colher um café com leite e pão amassado dentro. Fiquei um pouco mais calmo e imaginei minha mãe preocupadíssima. “Como será que eles reagiram à notícia? Será que minhas irmãs já estão sabendo? E o pessoal de Campinas?”

Finalmente chegou minha mãe; a primeira reação que tive foi a de sentir vergonha pela cagada que havia feito: me atirar num lago de meio metro, bêbado.

— Você quebrou a quinta vértebra cervical e comprimiu a medula.

— Medula?

— Medula é um negócio que liga o cérebro aos músculos por estímulos nervosos: enfim, o cabo que liga o telefone de uma casa à central telefônica. O que aconteceu foi que caiu um poste no meio da rua e todos os telefones de um bairro ficaram sem funcionar, apesar da central telefônica estar inteirinha.

— Quer dizer que os meus braços são o Jardim Paulista e as minhas pernas o Ibirapuera?

— É, filhinho, mais ou menos isso.

— Eunice, falando sinceramente, eu fico bom? Diga a verdade!

Eu nunca tinha tido contato com a morte na minha vida até os doze anos. De repente, morreu meu pai, o pai do Ricardo (meu tio), uma prima, outro tio, outro tio, meu avô, meu outro avô. Tudo isso em dois anos. Foi um choque, pois, encarando-me como uma criança, nunca me contavam direito a verdade. As pessoas não entendem o que é a morte porque a morte não é para ser entendida, é para ser apenas a morte. A morte é para ser vivida, e minha família não queria que as crianças convivessem com ela.

A morte do meu pai eu vou contar mais tarde. A mais chocante delas foi a do pai do Ricardo. Ele estava com câncer no cérebro, mas me diziam que estava apenas doente. Eu pensava que ele estivesse com uma gripe forte, um resfriado ou com tosse, pensava que ele ia ficar bom logo e nem me importava com o fato de ele ter ido aos Estados Unidos fazer uma operação, de voltar careca, com uma cicatriz enorme na cabeça, de aos poucos ir perdendo a memória, os movimentos, e, enfim, entrar em coma. Eu pensava que era só tomar tira-tosse para ele ficar bom logo, porque me diziam que ele estava apenas doente.

Um dia o Ricardo me acordou e ficou sentado na cama olhando pra parede. Percebi que ele estava um pouco triste e, para animá-lo, montei a mesa de botão. Começamos a jogar:

— Lá vai Doval com a pelota: uahah! (barulho da torcida), entrega para Fio, dribla o primeiro e perde a bola para Clodoaldo.

— Lá vai Clodoaldo galopando pelo campo, faz um passe em profundidade para Edu, vai pro gol!

— Pode vir.

— Ploc.

— Defende Ubirajara numa sensacional defesa.

Entra Nalu no quarto e, meio assustada, me chama para o quarto dela. Chegando lá ela me diz:

— Fica com o Ricardo, porque tá a maior confusão lá embaixo.

— Mas por quê?

— Porque tio Carlos morreu.

Voltei para o quarto, olhei para o Ricardo e não sabia o que dizer. Eu estava chocadíssimo, e, olhando para o Ricardo, comecei a chorar. O que eu ia fazer? Dizer “meus pêsames” para o meu primo?

Nunca perdoei minha família por não dizer que o tio Carlos ia morrer. Isso me fez sentir um medo tremendo da mentira, e, no momento em que vi minha mãe na UTI, sabia que a verdade seria mais saborosa. Eu não queria de jeito nenhum que minha mãe me encapuzasse, fazendo o que algumas tias minhas fazem, me dizendo:

— Fica calmo, porque deus vai resolver tudo direitinho. Deus é muito bom, viu? Pode confiar nele.

Um dia eu estava tão de saco cheio que perguntei para a tia Cida:

— O que é deus?

Eu devia estar sendo muito bem dopado, pois apagava com uma facilidade incrível e, quando acordava, não conseguia pensar direito: hospital, esses caninhos, esse teto branco, por que não mexia nada? Ah é, era a tal de medula.

“E agora? Minha maior preocupação é sair daqui, estudar pra dois exames que ainda faltam na faculdade, fazer a matrícula do próximo semestre, pagar o

aluguel e arrumar grana pra passar o carnaval em Olinda, na casa da Nana.” Quando entrou no quarto minha mãe de novo, com um baixinho meio careca, todo de branco:

— Esse foi o médico que te operou, dr. Alex.

Me deu um sorriso, foi até o pé da cama, examinou as minhas fichas, voltou, examinou o meu pescoço.

— Doutor, eu queria te fazer umas perguntas.

— Lógico, eu vou te explicar tudo direitinho.

— Vou ter que ficar ainda muito tempo aqui? Tenho umas coisas importantes pra fazer.

— Agora não posso te responder. Você foi operado e está em estado de observação.

Teto branco. Branco para paz. Limpeza. Repouso. Branco que nem vazio. Tédio. Solidão. Era difícil o tempo passar, e não tinha um filme do Marlon Brando com a Maria Schneider na frente, ou mesmo um com Chico Cuoco e Regina “Malu” Duarte pra me distrair. Não dava pra ler um jornal naquela posição horizontal sem levantar a cabeça. Jogar dominó, pôquer, botão. Não dava pra fazer nada a não ser pensar e olhar o teto branco, com três lustres de lâmpadas de mercúrio, oito parafusos em cada e uma rachadura no teto que lembrava o perfil de um cachorro.

Cachorro. Isso me fez lembrar a minha trágica vida com os animais: cachorros atropelados e gatos fugitivos. Nunca me esqueço do Sig (homenagem ao Sigmund Freud). Eu tava passeando com ele pela praia do Leblon quando de repente soltei a coleira e ele, numa demonstração do quanto gostava de mim, se picou. Saiu correndo feito louco, e eu atrás:

— Volta aqui, seu desgraçado.

Ele atravessou a rua e um Decavê passou por cima. Fiquei chocado, arrependidíssimo, com o maior sentimento de culpa. Meu pai, percebendo meu sofrimento, me deu outro: Khe San, nome de uma província bombardeada pelos americanos no Vietnã (meu pai tinha um senso de humor político incrível). Passeando de carro por Copacabana, eu, num instante, abri a janela pra jogar um papel fora e ele pulou, saiu correndo, felicíssimo, latindo.

Pimpão era um gato incrível. Um dia apareceu na casa, foi com a cara do meu pai e passou a morar lá. Passava o dia inteiro na rua e só aparecia quando meu pai estava deitado, fumando charuto e lendo jornal. Ele pulava a janela, subia no encosto do sofá, descia calmamente até a barriga do velho e ficava lendo o jornal. Os dois se amavam silenciosamente. Dizem que quando um gato vai embora é sinal de morte. Pois é, o Pimpão sumiu e, pouco depois, deram sumiço no meu pai.

Por último, veio o mais incrível deles: Biro-Biro, um gato vira-lata, preto e branco. Esse foi na minha fase adulta, já morando sozinho em Campinas. Peguei-o para criar desde pequenininho, numa época em que eu passava muito tempo sozinho. Resolvi que tinha que educá-lo liberalmente, sem repressões sexuais etc. Quando eu estava escrevendo, ele subia na mesa, caminhava pelo meu braço até o ombro e pulava na minha cabeça, para me ver escrever. Então, eu o colocava na mesa e ficava acariciando sua costela. Apertava bem devagarinho sua bunda, ia e voltava. Ele adorava, me olhava bem no fundo, levantava o rabo e se contorcia todo. Todo dia que eu estava escrevendo, ele vinha como quem quer ser acariciado. Já estava virando mania. Eu não queria, mas ele pegava a ponta da caneta com a boca e não me deixava escrever. Eu tirava a caneta, ficava lendo, mas ele sentava em cima do papel e só saía se eu o alisasse. Fiquei preocupado. “Esse gato tá virando um sexomaníaco.” Resolvi reprimi-lo. Joguei o Biro-Biro numa almofada, como quem diz: “Vá procurar suas gatas, canalha”.

Eu me dava tão bem com ele que até nossos gostos musicais eram parecidos. Quando eu punha uma música de que gostava na vitrola, ele vinha correndo, pulava em cima do disco e ficava rodando, felicíssimo. Eu achava um barato, só que isso me custou duas agulhas e uma coleção de discos arranhados.

— Hora do almoço — disse Elma.

Almoço? Você deve imaginar uma mesa no meio de cinco macas com pessoas absolutamente estouradas comendo frango e chupando ossinhos.

— Cuidado, isso é o meu braço.

— Desculpe, é que parecia uma coxinha de galinha.

Mas não. O almoço era um prato de sopa na mão da Elma. Enquanto me dava na boca, a gordinha falava:

— Você é um cara bem conhecido. Tem um monte de gente lá embaixo querendo te ver.

— Ah é? E por que eles não entram?

— Não pode. Aqui na UTI não devem entrar pessoas de fora, pode ser perigoso. Vocês estão em estado de observação, absoluto repouso. Só a tua mãe e...

— Minhas irmãs?

Acabando o almoço, ela me trouxe um copo d'água com um canudinho de plástico.

— Pra que é que servem esses canudinhos aí pendurados?

— Esse amarelo é soro. Tem glicose e alguns medicamentos. O vermelho é...

— Sangue.

— Isso. É por causa da operação, mas hoje mesmo você tira ele. Aqui no pênis é uma...

— Pênis?

— Ah, não dá pra ver, mas tem uma sonda.

— Pra quê?

— Pra você urinar, burro.

Mais uma vez apaguei. Aliás, os três primeiros dias foram na realidade alguns minutos acordado e o resto dormindo. A vida se resumia em alguns flashes de sopinhas e enfermeiras tirando a pressão. O dr. Alex, que vinha me ver todas as manhãs, não falava nada além de um:

— Está melhor?

Quando abro os olhos, na minha frente estão duas caras conhecidas: Veroca e Bundão.

— Agora você já pode receber visitinhas, mas por poucos minutos, pra não se cansar.

— E aí, tudo bem? Viram a cagada que eu fiz?

— Pois é, a gente ficou preocupado.

— No que é que vai dar tudo isso?

— Ninguém sabe dizer, mas tá todo mundo mandando a maior força.

— Vai dar tudo certo — disse o Bundão, que até agora estava quieto.

— Claro que vai. Eu tô ótimo, é só sair daqui e pronto. — Os dois olharam meio desconfiados.

— Está ótimo. Eu estou bem, não estou?

— É... — disse a Veroca.

— Olha o que eu trouxe pra você.

No começo achei graça daquele presente. Um espelhinho e um pente, desses que vendem em banca de camelô. Pude ver como estava horroroso. Careca, cheio de espinhas, a cara inchada. Mexeu com a minha vaidade. Mas, olhando pra minha cara, pude ver que realmente era eu que estava ali. O espelho nos dá essa sensação mágica de, subitamente, tomarmos consciência de nós mesmos. É o momento em que você se encontra com o que você representa para o mundo. “Ah, então é assim que eu sou.” Repare que na frente do espelho a gente sempre faz uma careta. É porque achamos que somos diferentes daquilo que realmente somos. Então, a princípio, não acreditamos muito naquela imagem. Até achamos graça. Depois a examinamos direito, e viramos de perfil, de costas, mexemos no cabelo e dizemos: “Olá, como vai?”. Espelho sempre foi uma coisa importante na minha vida. Eu adoro me ver num espelho, apesar de sentir certa vergonha se houver outra pessoa do lado. Em banheiro de rodoviária, por exemplo, sempre finjo que estou espremendo uma espinha quando quero me olhar por mais tempo no espelho. Sempre que vou a uma festa e estou bêbado ou chapado, me tranco no banheiro e fico horas me cagando de rir na frente de um espelho: “Olha lá você, safado. Está doidão”. É engraçado como eu me estudo minuciosamente em frente ao espelho. Presto atenção em todos os detalhes: “Essa mecha de cabelo está feia, passo ela pra cá, e assim tá melhor”. Acontece que ninguém percebe a mecha corrigida, isto é, pra maioria das pessoas tanto faz se ela está de um lado ou do outro.

Mas foi aquele espelho de camelô que o Bundão me deu que me fez acordar. Me deixou consciente de que, agora, meu dia a dia ia ser: teto branco, dormir, teto branco, dormir, teto branco, dormir...

De repente começou. Não, não podia ser, não havia mosquito aqui. Mas era. Uma tremenda coceira na cabeça. Calma, tente se concentrar. “Passa, desgraçada!” Mas ela não passava. Era grande, e eu não podia fazer nada. O braço não saía do lugar. Balançava a cabeça e nada. Não teve jeito.

— Elma! Elma!

Veio uma enfermeira bonitinha:

— A Elma só vem de manhã.

— Dá pra você coçar a minha cabeça?

— Claro.

Ah, que alívio. Ao mesmo tempo fiquei preocupado. E agora, será que sempre, quando der uma coceira, terei que chamar alguém? E se não tiver ninguém? Já imaginou que horrível coçar, coçar, coçar... cada vez aumentando mais. Em filmes, essas coisas nunca acontecem: o mocinho é amarrado numa cadeira, enquanto o bandido sequestra a sua namorada. Ele percebe que o maldoso assassino esqueceu uma faca em cima da mesa (o bandido é sempre burro). Então ele vai arrastando a cadeira até a mesa, encosta a mão na faca e, de repente, sente uma tremenda coceira no nariz. Ele fica desesperado, a coceira vai aumentando, ele não aguenta mais, solta a faca, se joga no chão, arrasta a testa no pé da mesa, mas não adianta nada. Ele, desesperado, grita. Então, joga-se na fogueira, preferindo a morte a se entregar aos domínios de uma terrível coceira.

— Como é o seu nome?

— Ilma.

— Ilma? Tem uma Elma e uma Ilma, vocês são irmãs?

— Não, mas moramos juntas.

E continuava coçando. Muito bonitinha. Me olhava com uma ternura que transmitia uma certa segurança. Achei altamente sensual duas enfermeiras morando sozinhas nessa cidade moralista. Sei que é um tremendo preconceito meu imaginar que todas as enfermeiras tendem a ter mais relações sexuais do que outras profissionais. É o mesmo que imaginar que todos os enfermeiros são bichas. Mas a minha cabeça sexomaníaca não parava de imaginar: “Quando estiver bom, vou sair daqui e ficar bastante amigo dessas enfermeiras, para transar com elas”. Sacanagem, né? Também acho, mas eu sou assim mesmo.

Depois eu desencano e acabo ficando amigo, mas a primeira coisa em que penso é sempre sexo.

— Você mora aqui? — perguntou Ilma.

— Moro. É que eu estudo na Unicamp.

— Ah é? O que você faz?

— Engenharia agrícola.

— Que ano?

— Passei pro quarto.

— Nossa, mas você parece tão moço. Mora em república?

— Mais ou menos.

Eu não gostava de falar que morava em república, porque minha casa era diferente. República lembra uma casa de dois quartos, onde moram dez pessoas, um monte de beliches, uma mesa na sala e uma enorme televisão pifada. Minha casa era mais transada: um quarto pra cada um: Nana, Gureti, Helô, Mariúsa, Cassy e eu. Uma decoração linda, samambaia, som na sala, rede. Meu quarto era um barato. Eu o pintei todo de marrom-claro e, na parede da janela, um verde-óleo bem escuro, com umas árvores desenhadas. O teto, azul-claro com o lustre parecendo um sol. Era a fase ecológica pela qual eu estava passando: transando tecnologia alternativa, agricultura orgânica (falando grosso: agricultura homeopática), essas coisas que viraram moda. Era lindo, em um dia de lua, apagar a luz do quarto. Como a parede da janela era escuríssima, a janela ficava bem realçada, parecendo uma tela de cinema. Aquela lua fazia o teto brilhar, parecendo um planetário. Nessa coisa de pintar paredes de cores diferentes, eu imitei o Otaviano. É que ele tinha feito a sala dele toda marrom-escuro, com o teto bem verde, e tinha pendurado umas esteiras de palha na parede. Parecia que você estava no meio da selva. Lindíssimo.

— Tico-tico.

Que gracinha, era a Nana que tinha acabado de entrar na UTI. É uma das minhas irmãzinhas campineiras, isto é, mora comigo. Pernambucana, linda. Acho que deve ser descendente de holandês: loira, com a pele bem queimada do sol e olhos verdes. Nos conhecíamos há uns seis meses, mas já éramos

amigos pacas. Um dia, eu tava em São Paulo na casa de minha mãe, quando tocou o telefone.

— Queria falar com Marcelo.

— É ele mesmo.

— Oi, tudo bem? Eu sou a Nana, irmã de Zaldo. É que eu tô ligando de Recife, porque eu tô “afins” de morar em Campinas, e meu irmão me falou que tinha um lugar na tua casa.

Ficamos uma hora falando pelo telefone, batendo altos papos. Meu primo, que tinha passado as férias em Recife, já tinha me falado sobre ela. Mas quando a vi, já em Campinas, não imaginava que fosse tão bonita. Pena que ela me conheceu quando eu tinha acabado de levar um pé na bunda da Ana. Eu estava mal pacas, a ponto de queimar a fotografia dela e jogar tudo o que ela tinha escrito pra mim no lixo. Levei a Nana pra casa, ajudei-a a arrumar seu quarto e demos uma bola. Já na primeira noite transamos, o que foi a maior cagada. Eu não estava nem um pouco inspirado, ou melhor, estava brocha mesmo. Ia ser difícil desencanar da Ana, paixão das maiores. Uma mulher forte, com personalidade marcante. Taurina como eu. Foi com ela que eu descobri que orgasmo e ejaculação são coisas distintas. Minha relação com a Nana já começou complicada, eu não conseguia tirar a outra da cabeça, estava querendo ficar sozinho e a coitada pagou o pato.

— Estou emocionado, tudo bem se eu chorar?

— Tico-tico.

Ela me deu um beijo na boca e me abraçou. Ficamos um tempo quietos.

— Que loucura que está acontecendo. Estou muito carente, sozinho. Que será que vai acontecer comigo? Este hospital...

— Você não está sozinho, tem um montão de gente aí embaixo querendo te ver. Tá todo mundo torcendo por você.

— Sabe que me dá umas dores na barriga toda hora.

— Cocô?

— Não, acho que é nervoso. Eu tô muito sensível. Eu vejo vocês e me dá vontade de chorar.

Enquanto isso, entram também a Veroca, a Big (minha irmã caçula) e a Gorda. Todos fazendo festa, rindo baixinho.

— Trouxemos uns trecos pra escovar seus dentes — disse a Veroca, tirando do saco uma escova, pasta, um líquido, fio dental.

— Tem também um creminho pra sua pele, que tá toda ressecada.

— Deixa que eu limpo — falou a Nana. Sentou na cama e começou a escovar os meus dentes delicadamente. Aliás, ela tem um jeito incrível pra essas coisas. Daria uma ótima mãe.

Veroca começou a contar das pessoas que estavam lá embaixo, de gente que havia ligado do Rio, de Brasília, da Bahia. Falou da bagunça em que a minha casa tinha se transformado. Tava todo mundo morando lá. Minha mãe trouxera até a empregada. Ia trabalhar de dia e, de noite, voltava. Eram férias e todas as minhas irmãs estavam em Campinas. Só Nalu, que tinha que trabalhar, ficava em São Paulo. E a Eliana, que estava incumbida de receber os telefonemas e explicar o acidente. Disse também que não se falava em outra coisa, todo mundo mandando mil forças, rezando, torcendo, fazendo-macumbas.

— Mas, afinal, quando é que vou sair daqui?

— Vai demorar um pouco, você não precisa mais da UTI, só que é muito arriscado transferir você. Aqui é um hospital pequeno, só tem um quarto, que está ocupado.

— Mas pode deixar, agora você pode receber visitinhas. Nós falamos com o dr. Alex e ele tá fazendo uma exceção com você. Agora vamos sair que tem mais gente querendo te ver.

Acordei com minha mãe. Ela havia trazido um rádio, mas eu pedi pra não ligar, ia atrapalhar os outros.

— Tudo bem, eu ligo bem baixinho.

— Que bom ver você.

Estava cansado. Minha mãe é dessas figuras fortíssimas, que transmitem uma segurança incrível. Sabia que ela estava sofrendo pra burro por ver o filho todo estourado. O que minha mãe já passou na vida a fez ter essa cara de segurança em qualquer momento trágico. Você já imaginou uma mãe de cinco crianças ter a sua casa invadida por soldados armados com metralhadoras, levarem seu marido sem nenhuma explicação e desaparecerem com ele? Já

imaginou essa mãe também ser presa no dia seguinte, com sua filha de quinze anos, sem nenhuma explicação? Ser torturada psicologicamente e depois ser solta sem nenhuma acusação? Já imaginou essa mãe, depois, pedir explicações aos militares e eles afirmarem que ela nunca fora presa e que seu marido não estava preso? Procurar por dois anos, sem saber se ele estava vivo ou morto. Ter que, aos quarenta anos de idade, trabalhar para dar de comer a seus filhos, sem saber se ainda era casada ou viúva. É duro, né? Nem Kafka teria pensado em tamanho absurdo. Fora as informações de que:

“Seu marido está em Fernando de Noronha. Eu mesmo o levei até lá.”

“Está preso no Xingu e passando bem.”

“Está internado num hospício como indigente.”

“Está exilado no Uruguai, esperando um momento melhor pra voltar.”

Ou então ler as declarações de um general supostamente responsável pela prisão do meu pai:

“Pergunte à mulher dele onde ele está, que ela sabe melhor que a gente.”

Mais absurdo ainda foi o que uma testemunha, que também fora presa, contou, muito tempo depois:

“Seu marido foi espancado na minha frente até cair no chão sobre uma poça de sangue.”

A conclusão é de que seria difícil ele estar vivo depois de passar pelas mãos das nossas heroicas “Forças Armadas”.

Essa é mais ou menos a história da minha mãe. Só que, agora, com uma tragédia a mais pela frente: o que dizer a um jovem de vinte anos, quando ele, depois de ter quase morrido, ficou parálítico? Nada. Diga apenas que o ama. E foi isso que ouvi.

— Pode deixar que a gente vai resolver tudo. Você tem uma cabeça boa, vai sair dessa fácil.

— Eu sei que vou, mas agora eu tô mais preocupado em sair daqui.

— Eu já tô transando isso pra você, fique tranquilo.

Ela nem precisaria ter dito aquilo, tranquilo era uma coisa que eu ficava só em ouvir a sua voz.

Sabia que era de noite, pois já havia mudado o plantão. Até o almoço, eram a gordinha Elma e o que me dava banho, Divino. À tarde, até o jantar, que também era sopa, ficavam a bonitinha Ilma e uma japonesinha. De noite, até o dia seguinte, João e Maria. Numa UTI não existe noite e dia. A luz de mercúrio fica sempre acesa, não tem janelas e a movimentação de enfermeiros é de três em três horas. Tirar a pressão, medir a temperatura, abrir a tampinha da tal sonda pra sair o xixi, e o que é pior, os antibióticos e sedativos. Esses remédios me faziam dormir e acordar durante o dia todo. Chegava de noite, o mesmo. Só que, juntando com o não fazer nada, teto branco, frio na barriga de nervoso, passava a noite inteira acordado. Terrível. Tinha que pensar em alguma coisa. De certa maneira, sentia inveja dos meus colegas de UTI. É que a maioria deles estava mais pra lá do que pra cá, totalmente grogues. Não precisavam enfrentar aquele tédio. O do canto estava com traumatismo craniano. Tomou um pileque e se espatifou na sarjeta. Do outro lado, uma mulher que tinha se envenenado com mata-ratos. À direita, uma velha gorda, quase morta.

E eu lá, aceso, contando os parafusos. Uma maneira de passar o tempo foi pegar uma determinada pessoa, lembrar todos os momentos em que estive com ela, os papos. Aliás, é uma mania que tenho até hoje. Isso me angustia um pouco, pois acabo conhecendo muito mais a pessoa do que ela a mim, e dando um valor que nem sempre essa pessoa merece. Cada palavra que ela tenha dito, o gesto ao acender um cigarro, o beijo de despedida acabam se tornando imagens marcantes e importantes no meu dia a dia. A velha gorda ao meu lado começou a gemer. Os enfermeiros vieram rápido, puseram uma espécie de biombo pra ninguém ver. Ela estava morrendo, era óbvio. Entraram alguns médicos, barulho de massagem cardíaca. De manhã já tinha morrido um que eu não vi, pois estava dormindo. Parece que o esforço fora inútil. Eles tiraram o biombo e pude ver a velha quieta. Saíram todos e lá estava eu, deitado naquela cama sem mexer nada além do pescoço, ao lado de uma velha gorda morta. Foi aí que eu descobri o que é uma UTI. É uma espécie de antessala do céu ou do inferno. Se você entrou nela, ou morre, ou sai com profundas lesões. Eu não tinha tanta certeza se eu preferia sair ou passar pro outro lado.

Mas uma manhã, que alívio ouvir a voz daquela gordinha:

— Bom dia, Marcelinho, como vai este menininho?

— Vai bem, gordinha, bunduda e fofinha.

— Olha o respeito, senão você não ganha café da manhã.

Já estava me tornando íntimo das enfermeiras. Também, de hora em hora, um tal de coça aqui, coça ali. Depois do café da manhã, ficou combinado que minha mãe viria de manhã me fazer um pouco de companhia e ler o jornal pra mim, antes de ir pra São Paulo trabalhar. Desde moleque sou viciado em jornal. Leio tudo, até os classificados.

Estava aflito, precisava ver alguém, aquela dor na barriga não me deixava em paz. Tinha medo de que ela aumentasse. Procurava me concentrar, mas já estava de saco cheio de ter paciência. Queria me balançar, mexer com o corpo. Fiquei respirando com força pra me cansar, afinal era a única atitude física que poderia ter. Mas nada, já estava desesperado. Me senti uma planta sendo atacada por um enxame de abelhas africanas. Frágil, só fotossintetizando. Que loucura. Pedi desesperadamente pro Divino me virar de lado, mas ele estava ocupado. Chamei a Elma e disse-lhe para ligar pro dr. Miguel. Era o único telefone que sabia.

— Diga-lhe qualquer coisa, que eu estou precisando urgente.

Enquanto isso, veio uma sombra escura na minha frente.

— Não esquenta a cabeça, que caspa vira Mandiopan, falô, meu chapa?

Era o Ding Dong. Incrível, mas todo dia ele vinha, nunca se esquecia. Acho que no cartão dele estava escrito:

NÃO SE ESQUEÇA DE FALAR PRO MARCELO:

“NÃO ESQUENTA A CABEÇA,

SENÃO CASPA VIRA MANDIOPAN.”

Apesar da movimentação, e dos cinco colegas estourados, estava sentindo uma profunda solidão, uma total incapacidade de me controlar. Estava a um passo de enlouquecer. Eu sou touro, ascendente touro. Sol em oposição a Netuno, isto é, o Sol ilumina exatamente as coisas opostas às influências de Netuno, planeta da transcendência, do mistério. Minha cabeça doía de tanto pensar. Se ao menos eu erguesse a cabeça para mudar o cenário. Impossível.

Uma mulher bonita qualquer. Imagine transar com a Lídia Brondi. Como é mesmo a cara dela? Cante, isso, cante:

*Eu sempre quis muito
Mesmo que parecesse ser modesto
Juro que eu não presto
Eu sou muito louco*

(Louco? É, não. Que saco, não aguento mais.)

— Oi, dr. Miguel.

— Tudo bem?

— Mais ou menos. Fica um pouco aqui comigo.

— Claro.

— Eu tô de saco cheio de ficar nessa posição.

— É, eu imagino. Mas fica calmo, que é por pouco tempo.

— Mas é esse o problema. Eu sei que vou ficar bom, mas quanto tempo?

— No seu caso é difícil afirmar qualquer coisa.

— Quanto tempo?

— Pode durar dois meses como pode durar um ano. Mas logo que sua vértebra se consolidar, você já poderá sentar numa cadeira de rodas e fazer bastante fisioterapia.

— Por favor, pega na minha mão.

Era um cara ótimo. Pai de uma antiga namorada campineira. Apesar de ser médico de pele, ele entendia de tudo. Ficamos um tempo de mãos dadas. Era estranho, mas pude descansar com ele ao meu lado. A cabeça tinha desacelerado, estava bem mais tranquilo.

Enquanto isso, entraram na sala minha mãe e o médico, dr. Alex. Pronto, agora eu estava salvo. Ela tinha trazido uma maçã e um Danone de morango. Ótimo, já estava ficando de saco cheio de sopinhas. O médico começou as perguntas de praxe, tirou uma agulhinha da maleta e mediu a minha sensibilidade. Ela tinha baixado, já estava sentindo um pouco o tórax.

— Agora vamos ver a movimentação dos braços. Bom... com muita força já pode dobrá-los. Precisa começar a fisioterapia, esses braços têm que receber muito trabalho.

— Concordo, doutor, não aguento pedir pros outros coçarem a minha cabeça.

— Agora as pernas. Vai, concentre-se. Força, mexa. Não, nada ainda. Mesmo assim elas precisam de movimentação para não atrofiarem. Fisioterapia nas pernas é necessário também.

— Será que eu volto a andar, doutor?

— Não sei, não posso lhe dizer nada. Só com o tempo é que se pode fazer qualquer prognóstico.

Que saco! Eu tenho que imaginar o que esse doutor fala, ele fica quieto o tempo todo.

Realmente, eu nem tinha reparado, mas conseguia dobrar o braço. Só que não o esticava, as mãos ficavam paradas em cima do peito.

Os dias foram passando. A sensibilidade cada vez mais baixa. Já estava atingindo a altura dos mamilos. A fisioterapia havia melhorado um pouco meus braços, mas não o suficiente para coçar a cabeça. O tédio é que era o problema. Não aguentava mais os oito parafusos. A única novidade era o Francisco, o nome que eu tinha dado à rachadura com cara de cachorro. Agora eu batia papo com ele, quebrando um pouco a monotonia. Cada atividade extra era uma sensação. Eu curtia horrores os dois minutos que durava o café da manhã. Dia em que acordava cedo demais, eu ficava perguntando as horas de dez em dez minutos, pra ver se chegava logo a danada da Elma pra me dar café. Mais tarde um pouco, vinha minha mãe com um Danone (já estava viciado, eram cinco copos por dia) e o jornal. O dr. Alex continuava calado. Só soltava um:

— Está melhor?

Dia em que ele estava mais criativo, ouvia um:

— Bom dia, está melhor?

E quando ele estava muito contente:

— Como tem passado, está melhor?

O Ding Dong não mudava nunca. Pressão e temperatura de três em três horas. Adorava, era o maior programão. Almoço, sopinha. Depois vinha a farra. Chegavam a Nana e a Gorda, geralmente chapadíssimas. Ela me dava um

beijo na boca e ficava escovando os meus dentes. Primeiro com a escova e a pasta. Cuspia. Depois molhava uma gaze com um líquido e esfregava dente por dente. Próxima etapa, cotonete nas dobras, e, por último, fio dental. O processo demorava uma hora. Era uma viagem. Ficar olhando aquele sorriso carinhoso da Nana e as palhaçadas da Gorda. Ficavam contando a zona que tinha virado a minha casa. Todo mundo dando uma bola, enquanto minha mãe estava tomando banho. Às vezes, quando a escovada de dente era muito rápida, eu pedia e ela fazia tudo de novo. Depois, vinham as fofocas de quem tinha estado no hospital. A cabeça genial da Veroca bolou que todo mundo mandasse cartas, bilhetes, telegramas.

Mais tarde, vinha a Eliana ou a Veroca. Ficavam lendo o livro do Gabeira (*O que é isso, companheiro?*). Na maioria das vezes, eu não conseguia prestar atenção. Aquela infernal dor na barriga me tirava de órbita. Mas era bonito ficar ouvindo uma voz baixinho no ouvido. Às vezes, eu dormia com aquela voz. Então, minha irmã saía, mas ficava na porta, pra que, quando eu acordasse, ela continuasse lendo.

Em compensação, quando eu prestava atenção, as aventuras do Gabeira entravam pelo meu ouvido e me faziam lutar junto. Tinha momentos em que me identificava profundamente com ele. Principalmente numa parte do livro em que ele, perseguido pela polícia, é obrigado a ficar um mês no apartamento de uma pessoa que nem conhecia. Para não dar bandeira pros vizinhos, quando essa pessoa saía pra trabalhar, ele não podia ouvir um som, atender a porta, fazer nenhum barulho, pois podiam desconfiar de algum ladrão e chamar a polícia. Era uma situação muito parecida com a minha, preso num lugar que não conhecia, absolutamente sem fazer nada. Coincidência maior é que tinha sempre um mosquito que entrava no apartamento. Ele tinha posto o nome de Eduardo, servindo-lhe de confidente. Assim como meu cachorro Francisco. O Gabeira nem imagina quão importante ele foi pra mim. Nunca me esqueci da emoção que ele sentiu, quando, ao sair do apartamento, pegou um ônibus que vai pelo Aterro, na praia do Flamengo, abriu a janela e ficou curtindo o vento batendo em seu rosto. Foi aí que eu prometi pra mim mesmo que, quando saísse do hospital, a primeira coisa que faria seria abrir a janela, para receber a brisa da avenida Paulista no rosto. No final do livro, Gabeira é trocado por um embaixador e posto num avião para fora do país, na condição de exilado. Era

mais ou menos a sensação que eu estava esperando sentir quando saísse daquele hospital. Exilado, sem poder voltar. Alguma coisa ia mudar, isso eu sabia. Mas tinha medo de imaginar o que poderia ser. Afinal, pra onde eu não voltaria? Não, eu não devia pensar nessas coisas. Ia dar tudo certo. Eu tinha uma cabeça boa. Todo mundo diz que o mais importante é a cabeça. Ou não?

Qualquer pessoa que está dentro de um profundo sofrimento, à beira da morte ou de sei lá o quê, fica mística. Nessas horas, a gente apela pra tudo. Não que eu tenha me convertido à religião católica, mas estava acreditando nas simpatias, nas abobrinhas populares. Uma mulher, que tinha entrado pra visitar um paciente, me olhou, ficou com dó de mim e me deu uma medalhinha da Nossa Senhora da Aparecida. Eu nem sabia que ela era a padroeira do Brasil, mas pedi para pendurarem na minha cama e botei a maior fé naquela plaquetinha de metal. Olhava pra ela e sentia uma coisa agradável, uma proteção carinhosa. Foi assim também com o Buda que puseram no criado-mudo. Ele tinha três barbantes amarrados: um azul, um amarelo, outro laranja. A Veroca fez a maior macumba nesses barbantes. Mas não interessava, o importante é que havia teorias.

O Edu, um amigo que manja de umbanda, filho de santo, coisa e tal, me trouxe uma pulseira com um búzio no meio e três miçangas: uma branca, outra vermelha, outra preta. Deu quinhentas explicações: o búzio era fechado, sinal de proteção; as cores vermelha e preta representavam blá-blá-blá; a branca, pó-pó; esse nozinho aqui é uma bi-bi-bi; essa manchinha é importantíssima, ela solidifica tudo o que os outros detalhes representam.

— Joia, pode pôr no meu braço, que eu boto fé.

Mais tarde leram o *I Ching* que a Gorda havia feito pra mim. *I Ching*, pra quem não sabe, é um livro (dizem que o mais antigo) chinês. Depois de se fazer uma pergunta, jogam-se umas varetinhas (ou moedas) e sai uma combinação que é a resposta. A pergunta que fizeram foi óbvia:

— Seu *I Ching*, o Marcelo vai andar?

A resposta (que não respondeu muito) apenas afirmava que era um acontecimento que, pela segunda vez, iria mexer com as pessoas (o primeiro,

imagino que tenha sido o assassinato do meu pai), que iria mover montanhas, mas só o tempo iria responder.

Não sei se essas coisas dão certo ou não, mas que outra alternativa eu tinha? Se me dissessem que uma vaca daria sorte, pediria para porem uma na minha cama e colocaria um chapéu cheio de margaridas para ficar mais simpática.

— Todo mundo me dizia que estava rezando, e eu botava fé.

— A tia Maricota de Taubaté organizou uma mesa de reza pra você.

— Ótimo.

— Seu primo Sérgio mandou um santinho benzido pelo papa.

— Pelo papa?

— Pelo papa.

— Ótimo.

Meus amigos eram mais escrachados, mas sinceros. Pedrinhas que davam sorte a eles, pulseirinhas, colares, fotografias do Jimi Hendrix.

Minha mãe teve uma viagem mais interessante. Ela foi numa mesa com parapsicólogos e, depois de muita concentração, conseguiu enxergar a minha medula, visitá-la e mandar forças para ela.

Mais estranho ainda, e disso eu fui testemunha, foi o sonho que a Eliana, minha irmã, teve comigo uma semana antes do acidente. Ela sonhou que eu estava me afogando e não conseguia levantar a cabeça. E que, depois de eu ser salvo, ela só me via do pescoço pra cima. Isso, numa sexta-feira. Como de costume, cheguei sábado em São Paulo, e ela me abraçou assustadíssima, quase chorando:

— Tive um pesadelo horrível com você, ainda bem que você está vivo.

Um dia, foi internado um paciente que causou sensação na UTI: um delegado do Mato Grosso envolvido com alguma transação de diamantes que ninguém explicava direito. Tinha até saído no *Jornal Nacional*. Ele recebera um tiro de espingarda na cara e estava totalmente deformado, com o rosto cheio de ferros para, literalmente, colar o nariz. Respirava por um buraco na garganta: traqueotomia. Ele estava do meu lado, e eu adorava ficar olhando praquela rosto deformado, todo vermelho de mercurocromo. No princípio eu tinha um

pouco de nojo, mas depois foi o meu passatempo preferido. Nos primeiros dias, o tal buraco entupia e ficava aquele barulho de ar passando por um monte de meleca. Coitado, ele esbravejava todo pra respirar, e mal conseguia. Vinham dezenas de enfermeiros. E, quando ele já estava roxo, enfiavam um cano de oxigênio. Era um verdadeiro show. Aquele delegado veio em boa hora, pois já não suportava mais o tédio. No meio da noite, quando eu estava com insônia, torcia para que entupisse a porra do buraquinho, para haver distração. Um dia, entrou um cidadão para visitá-lo, e, de repente, ele começou a gemer. Balançou os braços até o cara ir embora. Como não conseguia falar, escreveu para a enfermeira que tinha acabado de ser ameaçado de morte. Pronto: rebu na UTI, e quem saiu perdendo fui eu. Proibiram as visitas e até puseram dois guardas na porta. Mas, afinal de contas, o que tinha feito esse misterioso delegado? A imaginação fértil dos enfermeiros dizia que ele tinha engolido um diamante gigante, e os caras queriam pegar. Um enfermeiro brincava com outro:

— Troco dois plantões de domingo para eu tirar o cocô dele no seu lugar.

O que me deixou mais chocado foi o dia em que ele mudou de quarto. Chegou o médico e falou: “Vamos”. Ele simplesmente se levantou e saiu andando, sem fazer nenhum esforço. Será que virá algum médico pra mim, e, depois de me dar alta, vou me levantar e ir embora? Senti uma tremenda inveja daquele cara sem cara. Ainda mais se eu cagasse um diamantão.

— Entrou um cara que teve a mesma coisa que você.

É mesmo, no leito da frente, que eu não conseguia ver, tava um garoto que havia se atirado do viaduto (pra quem conhece, a rotatória de Campinas). Só que ele, além de quebrar uma vértebra, caiu de pé e quebrou as duas pernas. Fiquei morrendo de vontade de conhecê-lo. Sei lá, quem sabe poderia dar uma força, já que estava há alguns dias na mesma situação. Gostaria de ajudar. Era exatamente disso que eu precisava nos primeiros dias: um cara na mesma situação. É bom pra dividir um pouco mais o sofrimento e a angústia do que acontecerá com a gente. De certa maneira, existia ali dentro um espírito de solidariedade. Por exemplo, um senhor que tinha quebrado a perna foi com a minha cara, e, durante os três dias em que lá estive, pagou um monte de sorvete da Yopa pra mim. No final, disse que rezaria por mim.

— Falô.

Um dia como os outros. Elma e o café. Ding Dong. Banho com Divino. Dr. Alex, minha mãe e o jornal. Nana e a Gorda mais a Big chapadas. Bilhetinhos. A bonitinha Ilma que já estava me deixando apaixonado. Veroca massageando minha barriga para ver se a dor de nervoso passava.

Mas, de repente, entrou um bando de gente cantando e tocando violão. Foi aí que me dei conta:

Dingo bel, dingo bel
Já chegou Natal
Lá lá lá...

Fiquei contente com as pessoas. Elas queriam, e conseguiram, transmitir uma felicidade, um espírito de Natal, um vamos-nos-dar-as-mãos que me deixou emocionado. Nunca fui muito de Natal, exceto quando criança, óbvio. Mas naquele dia a música me deixara feliz, feliz por saber que jamais teria outro Natal tão triste como aquele. Por saber, também, que, apesar de tudo, ainda existia Natal. E descobri que Natal é isso mesmo. Por que não um momento de ternura e amizade com as outras pessoas, mesmo levando uma vida fodida o ano inteiro? Estamos todos na mesma. Não sejamos tão egocêntricos a ponto de querer, quando estamos mal, que esteja todo mundo péssimo. Foi o nascimento de um cara incrível, de um revolucionário que lembrou às pessoas que, acima do poder, o amor e a felicidade são mais importantes. E que poderemos construir um mundo melhor. Então, é um dia em que temos a oportunidade de renascermos em nós mesmos. De brilhar, de ser gente. Lutar por aquilo que desejamos, defender a nossa condição de homens. E como disse o poeta: “Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”.

De Cristo eu gosto. Pena que o manipularam pra tanta babaquice. Pra começar, dizer que ele é filho de deus. Que besteira. Será que o homem é tão incapaz de se dar valor a ponto de achar que, quando outro homem é genial, tem que ser do outro mundo? Que nada, Jesus era tão homem quanto eu.

Ganhei um radiogravador estéreo do François, mas preferi continuar com meu radinho do lado da cama. Um dos motivos foi o medo de que estragasse naquela UTI cheirando a éter. Mas o motivo mais forte mesmo foi não querer ostentar, já que a maioria não tinha onde cair morta. Sempre fui assim, meio popularesco, fazedor de média com a classe baixa. Mas tudo bem, o pessoal lá em casa foi que se divertiu com o gravador.

Minha fisioterapeuta chamava-se Rosana. Linda, simpática e falante. Conversávamos muito sobre Campinas. Olhos pretos, rosto bem queimado do sol, cabelo moreno liso. Chegava, me dava um beijo e ia para as pernas. Dava pra ver o quanto curtia a profissão. Pegava nas pernas com delicadeza e, enquanto falava, flexionava o joelho, levantava, dobrava o pé. Às vezes, parava de falar e ficava movimentando a perna com carinho, bem devagarinho. Depois, sentava na cama e punha meu braço sobre sua perna.

— Tente dobrar. Isso! Mais força! Bom!

Fazia uma massagenzinha nas juntas para relaxar e, depois, a mesma coisa. Eu sentia um prazer enorme com aquelas mãos morenas na minha pele. Quando me cansava, encostava ao máximo meu braço em toda a superfície de sua coxa. Estava melhorando, já havia uma certa força nos meus ombros. Ela colocou uma mesa ao meu lado e eu abria os braços, na posição horizontal. Uma hora de terapia, sessenta minutos de carinho e prazer.

Um dia, ela trouxe suas alunas da PUC para me verem. Um monte de meninhas bonitinhas me examinando, me olhando com olho clínico e, ao mesmo tempo, ternura. Acho altamente sensual estudantezinhas de fisioterapia da PUC, uma mistura de inocência com sacanagem. Puro preconceito machista achar que fisioterapia é o mesmo que massagem erótica. Lembrei-me de que, por um bom tempo, não teria uma relação sexual. Primeiro, essa borracha, a sonda, instalada no meu pinto. Não ia ter útero que aguentasse. Também não ia adiantar, não estava sentindo nada, embora o François me dissesse que, já no primeiro dia, meu pau ficara duro. Estranho não mexer nada debaixo do pescoço e o pinto se levantar. Deve ser um órgão independente, autônomo. “Mas como ele se levanta? Quando alguém põe a mão ou quando penso em alguma situação sexy?” É, não entendia nada dessas coisas e estava ficando curioso. Sabia que existem duas coisas que fazem o pinto ficar duro. Uma reflexiva, independente de nossa vontade: isto é, quando fica duro mesmo sem a gente

querer. Sempre que pego um ônibus em dia de sol, sentado, ele fica duro. O saco é quando chega a hora de descer. Tenho que fazer altas manobras pra ninguém perceber. A outra ligação é psicológica mesmo, dependendo do estado de excitação. Essa todo mundo conhece.

Paciente novo. Meu xará, Marcelo. Caiu da moto e quebrou a perna: caso simples. Um desses boyzinhos típicos de cidade provinciana.

— Pô, e minha moto, onde é que ela tá?

O cara era um verdadeiro chato. Ele ia ser operado e não podia comer nem beber nada. Como estava com sede, tentava fazer a cabeça da Ilma pra lhe arrumar um pouco d'água. Mas ela, com um espírito de profissional responsável, não lhe dava nada. Não é que o cara começou a berrar?

— Eu quero água.

— Calma, tenha paciência. Já, já, você vai ser operado e poderá ir para casa. (Essas enfermeiras têm que aturar cada cara!)

— Eu quero água.

E chorava feito bebê. Garotão mimado, de Limeira, uma das cidades mais babacas que conheci. O papaizinho dele deve ficar orgulhoso do filhinho motociclista, cantando as “minas” e bundando o dia inteiro. O cara não parava de chorar, e eu não suportava mais. Uma tremenda falta de respeito com os quase mortos, simplesmente por um copinho d'água. Quando ele começou a xingar a belezinha da Ilma, eu me estourei:

— Ô, meu chapa, você não tá vendo que tem gente morrendo aqui?

— É, mas eu quero água, tô com sede.

— Espere um pouquinho, respeite os outros, senão você pode matar alguém.

A princípio deu certo, mas depois começou de novo. Não aguentei. E, como ele não sabia do meu estado físico, gritei:

— Olha aqui, bebê chorão, se você não calar a boca, eu me levanto daqui e te arrebento.

— É que eu queria um pouco d'água.

— Fica quieto.

Ele ficou resmungando baixinho, mas calou a boca. Quem gostou foi um bêbado na minha frente que, enquanto eu falava, me aplaudia. Senti-me como um galo defendendo seu território e suas fêmeas.

Último dia do ano. Grande coisa. Única diferença é que não haveria fisioterapia. Mas, de resto, era um dia qualquer. Passagem de ano é bom pra se fazer um balanço do que passou e prometer a si mesmo que corrigirá os defeitos.

— Este ano, paro de fumar.

— Este ano, vou estudar.

— Este ano, arrumo um emprego.

Claro que nada disso dá certo, mas a tentativa é que vale. Na minha situação, não adiantava nada. Que poderia eu fazer de promessa, se nem ao menos sabia se ia continuar vivo ou não? E também foi o tipo de passagem de ano para pior. Preferiria que o tempo voltasse atrás, até o exato momento em que eu mergulhara naquele lago. Quantas vezes desejei isso. Uma coisa de nada transformou minha vida num pesadelo.

Minha mãe era quem ficava comigo de noite. Ela voltava de São Paulo e dava janta pra mim. Esperava até eu dormir, dava um tempo e ia embora. Mas essa noite, pouco antes da meia-noite, acordei com fogos e gritaria na rua. Era ano-novo. E mudança de década: 1980. Não haveria champanhe, serpentinas ou abraços. Eu estava só.

— Feliz Ano-Novo, Marcelo.

— Pra você também, Marcelo.

Admirava a alegria das pessoas na rua, uma alegria da qual não fazia parte. Estava triste e só.

Adeus, Ano Velho, feliz Ano-Novo

Não tinha o mínimo sentido. As lágrimas rolaram, chorei sozinho, ninguém poderia imaginar o que eu estava passando. Nada fazia sentido. Todos sofriam comigo, me davam força, me ajudavam, mas era eu que estava ali

deitado, e era eu que estava desejando minha própria morte. Mas nem disso eu era capaz, não havia meio de largar aquela situação. Tinha que sofrer, tinha que estar só, tão só que até meu corpo me abandonara. Comigo só estavam um par de olhos, nariz, ouvido e boca.

Feliz Ano Velho, adeus, Ano-Novo

Foi o que eu prometi a mim mesmo. “Se eu não voltar a andar, darei um jeito qualquer pra me matar.” Era bom pensar assim. Eu não tinha medo de morrer. Era muito mais fácil a morte que a agonia daquela situação.

— Parabéns, Marcelo. Foram vinte anos bem vividos. Deixará muitas saudades, alguns bons amigos, umas fãs. Fique tranquilo, o Cassy sabe tocar algumas de suas músicas. Um dia, quando ele gravar um disco, irão saber que você existiu. Mas também, se não souberem, tanto faz. De que vale a eternidade? Um orgasmo dura poucos segundos. A vida dura poucos segundos. A história se fará com ou sem a sua presença. A morte é apenas um grande sonho sem despertador para interromper. Não sentirá dor, medo, solidão. Não sentirá nada, o que é ótimo. O sol continuará nascendo. A terra se fertilizará com o seu corpo. Suas fotografias amarelarão nos álbuns de família. Um dia alguém perguntará:

— Quem é esse cara da fotografia?

— Ninguém que interesse.

Meu R.G. irá para outra pessoa. Meu violão se desintegrará em algum depósito de velharias. Meu gravador será roubado por um trombadinha. As cuecas, minhas irmãs poderão guardar para seus filhos, mas aconselho jogar fora, pois até lá já estarão fora de moda...

Tchau, mãe. Se cuida, tá? Thais e Ana, vocês são belas mulheres. Cassy, continue tocando, que você chega lá. Virgínia, pena você não ter me amado como eu te amei. Veroca, Eliana, Nalu e Big, juízo, hein? Gorda, você é um cara incrível. Ricardo, meu irmãozinho, o cara que mais me conhece. Nana querida, não fique com raiva de mim, eu tentei gostar de você, mas não dava, eu tava muito chato. Marcinha gracinha, você é uma fofa. Fabião, vá à luta, meu chapa. Mariúsa mãezinha, valeu a força que você me deu. Gureti, vê se fica menos briguenta. Maurão, seu veado, não beba tanto. Bundão querido,

cuida bem delas, tá? Zequinha, seu louco, largue um pouco os livros, bata mais punheta. Celso, lindo, você é duca. Nelson e Olaf, cuidem bem da chácara. Betão, Rubão, Max, lembrem de minhas posições políticas. Laurinha fofa, emagreça um pouquinho. Milu, você tá me devendo uma transa, hein? Tchau, pessoal, feliz ano-novo pra vocês.

Continuei chorando.

Tive outra crise. Essa foi brava.

— Pelo amor de deus, faça alguma coisa!

— Calma, Marcelo — disse Ilma, de mão dada.

— Mexe comigo, balance esse colchão d'água. Isso, mais, eu não aguento!

— Tenha um pouco de paciência.

— Quanto falta pra tomar o remédio?

— Mas faz uma hora que você tomou. Fique calmo que o tranquilizante deve estar fazendo efeito agora.

— Merda! Esses remédios já não fazem efeito, devo estar imune.

Precisava descarregar essa energia acumulada. Balanceava os braços, virava a cabeça, mas nada. A porra da dor de barriga não parava. Eu tava tonto de tanto ficar na mesma posição. Pedi pra Ilma inclinar um pouco a cama.

— Aí nessa manivela.

— Não pode, sua coluna não está calcificada ainda.

— Claro que pode. O dr. Alex falou, hoje de manhã, que agora tem que, de hora em hora, erguer um pouco a cama. (Sempre fui mentiroso.)

— Mas não tem nada prescrito aqui.

— Por favor, levanta logo, só um pouquinho, senão eu vou ficar louco.

— Tá bom, só um pouquinho.

E foi rodando a manivela bem devagarinho. Minha cabeça foi levantando, mas parecia que tinha um FNM me atropelando. Tava tudo duro. Começou a faltar ar.

— Volta, volta, não dá.

Não deu mesmo, era loucura minha. Estava absolutamente proibido de levantar a cabeça. Tinha que aguentar, ter a maldita da paciência, palavra que mais ouvi nesses tempos de UTI.

“Pense em alguma coisa, Marcelo, um dia qualquer de sua vida, um momento de amor.”

Foi aí que me lembrei da Lúcia de Búzios. O sobrinho do dono da casa em que eu estava hospedado em Búzios tinha morrido, e ele deveria voltar imediatamente pra São Paulo. Só que tinha que levar a outra hóspede, já que havia prometido pro pai dela. Mas não tinha lugar no avião. Logo, ele me pediu:

— Eu dô a grana do ônibus e você leva a menina.

— Tá legal.

Por mim, tudo bem, eu tinha mesmo que voltar, pois entrara na Unicamp e precisava fazer a matrícula. Era uma menina de dezesseis anos que conheci no dia de irmos embora. Lúcia, seu nome.

— Então, você é que é o meu protetor?

— Mais ou menos.

— Por que a gente não faz o seguinte: vamos de carona até o Rio e economizamos dinheiro. Depois a gente gasta em São Paulo.

Gostei da ideia, aventura é comigo mesmo.

Fui com a cara dela. Bonitinha, um cabelo castanho, olhos verdes. Meio peituda, mas eu adoro mulheres peitudas. Fomos para a estrada. O primeiro carro que passou, parou. Era um Alfa, com um casal de cariocas, jovens, desses ricos que passam o verão em Búzios andando de lancha e cheirando pó. Logo a peituda nos apresentou como marido e mulher.

— Mas tão jovens?

— É, casamos há um ano, já temos até um filho. (Cara de pau essa menina!)

Ficou a viagem inteira só contando mentira. A princípio fiquei desconfiado de que estava protegendo uma paranoico-depressivo-esquizofrênica. Mas cada vez gostava mais do jeito meio sacana dela. Ela contava as besteiras e eu era obrigado a confirmar. Chegou a falar que nosso primeiro beijo fora no ar, já que os dois saltavam de paraquedas. Que imaginação fértil! O casal se deliciava com as imaginativas histórias. Só porque eu estava com o violão, ela falou que eu era o guitarrista do Raul Seixas. Imaginem só! Eu, que não sabia tocar nenhuma música do cara, tive que inventar na hora, já que a mulher pediu.

— Toca aquela da mosca que pousa em uma sopa.

Chegando no Rio, admirado com nossa felicidade conjugal, o casal convidou-nos para passar o dia em sua casa na Gávea. A safada da Lúcia topou no ato, mas eu, dando uma de protetor durão, não aceitei.

— Vamos, bem.

— Isso, ficam em casa, tem um quarto pros dois, amanhã eu levo vocês até a rodoviária.

Não, eu já não podia, já que tinha prometido que a levaria ainda naquele dia. Mas fiquei arrependidíssimo. Ia ser interessante um dia de casado, com altas mordomias.

Eu poderia até dormir com essa mentirosa, já que teríamos que representar o papel de felizes “um ano” de casados. Porém, o meu diabinho não convenceu o santinho, e fomos direto pra rodoviária. Compramos a passagem e ficamos tomando uma Coca, na espera. Foi aí que ela perguntou:

— Você gosta de mim?

Subiu uma sensação gelada da barriga, as pernas tremeram. Como é duro ser tímido, e eu era um bocado. Claro que gostava dela, mas era difícil dizer que sim. Eu tinha que dizer, já era um passo adiante pra uma possível transa. Quando consegui reunir forças pra dizer o “G” de gosto, já estava entre a língua e os dentes, ela me pegou pelo braço:

— Vamos logo, senão a gente perde esse ônibus.

Ela sentou na janela, eu na ponta. Estava uma tarde lindíssima, céu aberto, batendo sol na nossa janela o tempo todo, o que me deu um tremendo sono. Dormi a maior parte do tempo. Quando acordei, quase em São Paulo, ela estava cantando baixinho, com a mão atada na minha. Estávamos tristes. Tinha acabado a fantasia. Agora cada um iria levar a sua vida. Eu sabia que, quando se conhece uma pessoa numa viagem, depois fica um relacionamento hipervazio, um saco. Com ela, não seria diferente. Chegamos, pegamos um táxi, levei-a até a sua casa. No caminho, já abraçados, falei em nos encontrarmos mais vezes. Ela me deu o telefone e um delicioso beijo na boca que durou da Consolação até a avenida Heitor Penteado.

No dia seguinte, tive de ir pra Campinas fazer matrícula na Unicamp e acabei ficando uma semana. Quando voltei, ela não havia ligado. Peguei o telefone dela, fiquei olhando, olhando e imaginando como seria ela num

cinema, num boteco, numa festa. Será que ela dança legal? Será que puxa fumo? Estuda? Amassei o papel. Decidi deixá-la na estrada, no fundo da imaginação. Era mais bonita assim. Nunca mais a procurei.

Foi na estrada, um ano depois, voltando de Ubatuba, que cruzei com ela num posto da Dutra. Eu estava imundo, com o cabelo enorme, bem queimado do sol. Eu e mais quatro surfistas, num Opala velho do Cabeção. Um carro engraçadíssimo, quatro portas, cor de abóbora, caindo aos pedaços, que a gente chamava de Lúcio Flávio, pois parecia que íamos assaltar um banco.

Pra contrastar, a menina estava arrumadíssima, com um boyzinho do lado, vindos de São Sebastião num Passat todo bonitinho. Quando ela me viu, abriu um lindo sorriso.

— Como vai, protetor? Estava com saudade.

Peguei um sanduíche e, enquanto todos estavam sentados num balcão, eu, como quem está querendo ficar sozinho, fui pra uma mesa. De longe, fiquei encarando. O boyzinho não parava de falar, e ela, de longe, só me olhando. Devia se lembrar da nossa viagem. Pegou sua comida e veio até a mesa, deixando o outro com cara de tacho. Sentou-se e perguntou:

— Ainda gosta de mim?

Peguei na mão dela e disse:

— Claro que sim.

Ficamos quietos, meio sem assunto. Mas foi melhor assim. O que eu ia dizer? Minha vida? Tava tudo tão diferente, morando sozinho em Campinas, universitário, namorando firme a ciumenta da Marina.

— Você ainda toca violão?

— Toco. Muito mais que antes.

Ela estava mais branca, assim meio burguesa, mas ainda tinha aquele olhão verde e dois peitões gostosíssimos.

— É seu namorado?

— Mais ou menos.

Continua esquizofrênico-paranoica. Como *mais ou menos*? Odeio gente que responde *mais ou menos*. Fala que é uma transa, um caso sem interesse, mas nunca *mais ou menos*.

— Bom, tá na hora de ir embora.

— É, pois é...

Pensei em dizer o velho “me procura”. Mas não ia adiantar, nosso caso é o que se pode chamar de amor das estradas. Ela se levantou, abraçou-me e me deu um beijo delicioso. Virou as costas, pegou o boy e nunca mais vi aquela carinha bacana.

Uma vez no Rio, eu estava de férias passeando no carro da Nesita, quando parou um ônibus ao meu lado. Olhei e tinha uma menina linda me olhando. Dei uma piscada pra ela e ela retribuiu com um beijinho. Então dei uma lambida nos meus lábios e ela me fez uma careta. Depois rimos, e, quando o ônibus partiu, ela mandou um tchauzinho bem íntimo. Fiquei morrendo de vontade de parar o carro, subir no ônibus pra conhecer a garota. Deve ser uma menina legal, pra corresponder assim a uma brincadeira. Mas deixa ela ir embora. Pode ser que uma palavra estrague tudo. Essa cena nunca mais saiu da minha cabeça, nem o rostinho bonito dela. Eu a amei assim como amei a Lúcia. Na minha vida existem lugares, cenas, palavras que eu amo com um grande respeito. Como eu amei um orelhão de esquina que tinha perto da minha casa campineira. Como amei dona Margarida, minha professora de português em Santos, tanto que cheguei a arrancar a tampa da mesa onde ela dava aula só pra ver as pernas dela. E, como dizia Vinicius de Moraes, mais ou menos assim: “O amor não é para ser eterno, mas sim infinito enquanto dure”.

Hospital Paraíso, São Paulo

Teto verde. Chique pra burro. De fórmica toda furadinha, desses isolantes térmicos e sonoros. Estava na maca indo pro raio X e admirava o novo visual. Realmente, era um hospital caro. Pelo verde e pelo silêncio já dava pra sacar que a gente ia gastar os tubos. Todo mundo falando baixinho, com respeito. Tava cansado da viagem, mas ficava atento a tudo. Estava recebendo um monte de informações novas, novidades para ter o que pensar depois. Os furinhos do teto verde, o bebedouro de água. A porta grande, cinza. O cheiro era mais azedo que o da UTI. Mas o que me impressionava mais era o silêncio, um som abafado, seco, sem o já costumeiro eco. Parecia um mundo mais calmo, devagar, sem vida. Dava pra ouvir a própria respiração. Terrível, sentia-me mais vigiado, qualquer palavrinha que desse seria ouvida pelo corredor inteiro.

Chegando na sala de raio X, fiquei sozinho. Teto verde, ainda. Na parede, uns quadros estranhos. Radiografias de colunas, de pés. Puxa, que fixação, podiam pôr umas paisagens, umas mulheres peladas, o time do Corinthians.

O cara do raio X pediu pra eu ficar de pé, ele nem imaginava meu estado clínico. Achei bom, sinal de que eu não tinha cara de quem estava totalmente paralisado. Isto me dava uma certa esperança. “Meu corpo ainda está todo aqui. Apesar de não sentir, a perna ainda tem joelho, pelos, pé. Deve estar branquinha de falta de sol. Quem sabe, até magrinha. Mas está viva ainda.”

— Não, moço. Não consigo me levantar.

— Então espere um pouco, que vou ter que pedir ajuda.

Essas máquinas de raio X são lindas. Modernas, imponentes.

Chegou a ajuda e me deitaram na mesa. Com um controle manual, ele focalizou a máquina bem na coluna e:

Pronto. O raio invisível lascou uma foto da minha vértebra. Depois de revelada, pedi para me mostrarem, mas nem adiantou. Não entendi nada, eram todas iguais. Mas o cara olhou e falou que a minha vértebra estava bem ruinzinha. Fiquei puto. Não era possível, quase um mês sem levantar a cabeça e essa porra ainda não havia solidificado. Vai ver esse merda não entendia nada. Ou, então, os burros dos médicos campineiros não entendiam nada de vértebra quebrada. É mesmo, sempre soube que, quando quebra um osso, tem que engessar e tomar bastante leite. Não, besteira minha, engessa porque tem que ficar imóvel. E meu pescoço estava imóvel. “Que bosta, que bosta, que bosta! Eu quero sentar, sentar. Quero ir para um banheiro, sentar na privada, peidar, roer a unha, bater uma punheta.”

A maca começou novamente a andar. Saímos da sala, entramos num elevador bem comprido. Que delícia, o elevador subindo. Eu estava andando por tabela. A máquina fazia vibrar todo o corpo. Sentia até ventinho na cara, como se estivesse guiando um kart. Subindo, levitando, crescendo, como um anjo escolhendo a mais confortável nuvem para repousar, meditar e viver. Estava indo para meu novo leito, continuaria deitado, fazendo o possível para não enlouquecer.

Para o elevador. Acabara a sensação deliciosa. Quase pedi pro guia dar mais uma voltinha. “Aperta o térreo de novo.” Mas eu tenho senso do ridículo.

Abre-se a porta, novo corredor. Este, amarelo-claro. “Devo estar na parte velha do hospital, pois o teto (pé-direito, na linguagem engenheril) é bem alto, com portas também altas. Cheiro de comida. Provavelmente estou perto do restaurante. Incrível, mas faz um mês que me alimento de sopas e alguns danones. Quem sabe não irei comer um filezão com fritas e bastante cebola. Uma salada de cenouras cruas, com azeite e vinagre.

Entramos em um corredor estreito. “Devo estar chegando.” Uma mistura de êxtase e nervoso fazia minha barriga doer. Estava curioso para conhecer o falado quarto. “Será amarela a cor do teto?” Não, provavelmente seria um quarto todo vermelho, cama redonda giratória, espelho no teto. A enfermeira me receberia vestida com uma camisola transparente preta e, depois de banhar meu corpo com óleo de amêndoa chinesa, deitaria sobre mim, falando baixinho no meu ouvido: “Bem-vindo, gostosão”.

Marrom-claro, bem clarinho. Nem bonito, nem feio. O pé-direito altíssimo. Teto de madeira, com um monte de ripas. No centro, um lustre redondo. Luz normal. Interessante.

Por incrível que pareça, estava ficando com saudade da UTI, das minhas enfermeirinhas. Aqui estava tudo meio esquisito. Minha cama não estava arrumada, não tinha colchão de água. Deixaram-me jogado numa maca, sozinho. Comecei a ficar inseguro, num lugar que não conhecia, com pessoas que não conhecia, num corpo que não conhecia. A porta estava aberta e o eco que fazia no corredor dava a impressão de que tinha uma verdadeira multidão. Chamei por alguém e veio um enfermeiro meio bicha. Carinhoso, ficou pegando no meu braço, explicando a dificuldade de arrumar um leito pra mim, pois o colchão d'água era muito pesado (em torno de cento e cinquenta quilos), e eu precisaria de uma cama mais forte. Realmente. Eu, pesando uns sessenta e cinco quilos, mais o colchão d'água dava uma gorda enorme de uns duzentos e quinze quilos. Não precisaria só de uma cama, e sim de uma verdadeira estrutura metálica pra aguentar todo este peso.

Finalmente conheci meus novos médicos. Dr. Luís era clínico geral, responsável pela minha saúde no hospital. Depois, veio um neurologista que nunca mais vi na vida. Fez os testes da agulhinha:

— Sente aqui?

— Sim.

— E aqui?

— Não.

Fez umas anotações, me olhou preocupadamente e foi embora.

Veio um enfermeiro, tirou o caninho amarelo que continha soro.

— Agora você não precisa mais disso, você vai se alimentar com comida.

Já estava gostando desse hospital. Homens de coragem. Estavam me tratando mais naturalmente, sem caninhos (exceto a sonda no pinto), comida pura. Altos progressos.

Depois de um tempo, entrou no quarto o tão falado Mangueira. Junto dele estavam uns assistentes, meus amigos e a família. Todos animados para ouvir as palavras do mestre. Aparentava uns cinquenta anos. Bem grande, uma mistura de gordo e forte. Olhava com uma cara indecifrável. Não sabia se estava gostando ou não, mas isso não eliminava a expressão forte. Era um

homem tranquilo, transmitia muita segurança. Examinou meu pescoço, tirou umas medidas, confabulou com um dos assistentes, deu um tapinha no meu ombro.

— É isso aí, rapaz.

E saiu, abraçado na minha mãe. Uma palavra, não disse uma palavra. Achei estranho. Afinal, eu era o doente. Tinha uma necessidade incrível de saber, mesmo em termos médicos, quais eram as minhas chances. A Nana me deu um beijinho e ficamos imaginando o que ele tinha achado do meu estado clínico. Analisamos cada sorriso, cada gesto, o tapinha no ombro. Mas não adiantava. Nada, nada. Mistério. Que saco!

Mais tarde, veio minha mãe trazer as novas. O Manguiera estava bolando um colete de ferro pra fixar o meu pescoço. Assim eu não precisaria fazer tração, e logo, logo poderia sentar.

— Sêrio?

— É, ele falou que o mais importante pra você agora é sentar.

“Joíssima. Falei que esse cara era corajoso. Eu gosto de gente assim. Nada de tremer com o desconhecido: ir à luta, aguentando as consequências, sejam quais forem. Ir de cabeça. (De cabeça? É, mas tomando cuidado pra não quebrar a quinta cervical.) Que maravilha, vou sentar, ver as pessoas na horizontal, ver as paredes, as janelas. Ver, enfim.”

Estava cansado de pensar.

Nunca em toda a minha vida meu pai fizera tanta falta. Não sei ao certo o que é ter um pai, foi pouco o tempo que pude dizer “papai”. Mas de uma coisa tenho certeza: ele se orgulhava de mim. Ficou preocupado que seu filho, convivendo com quatro irmãs, acabasse se afeminando. Então, logo cedo, me pôs num colégio público, em São Paulo. Mais tarde, percebeu que não precisava, já que eu era um brigãozinho e tinha uma voz hipergrossa. Quando mudamos pro Rio, me deixou estudar num colégio burguês, com os filhos dos seus amigos.

No boletim vinham as minhas barbaridades, mas em casa não tinha bronca. Ele se orgulhava de seu filho macho. As notas estavam ficando ruins, principalmente em Português.

Minha mãe dava verdadeiros castigos, obrigando-me a estudar com ela. Meu pai me deu uma garrafa de uísque para rifar, e, com a grana, comprar um jogo de camisas novas pro Vasquinho (eu, como presidente, tinha que fazer uma média com os eleitores). O número sorteado foi o do vizinho da frente, e ele fez questão de ir com todo o time entregar o prêmio. Depois, nos convidou para irmos ao Maracanã ver um jogo do Mengão (apesar do nome do time, éramos todos flamenguistas). Achei incrível. Meu pai nunca tinha sido de futebol, mas naquele dia queria participar da minha vida.

Ele guiando, eu ao lado segurando uma bandeira pela janela, o resto do time atrás. Na entrada do túnel Rebouças, um trombadinha se aproveitou da lentidão do trânsito e passou a mão na bandeira.

— Para o carro, para — eu pedia desesperado.

Ele parou, descemos atrás do canalha. Voou pedra, pau e palavrão até que o bandidinho deixou meu pano rubro-negro no chão. Voltamos pro carro e dei com aquela figura de bigodes, meio assustado e meio surpreso ao ver seu filho se defendendo sozinho. No estádio — o Rubens Paiva e seis moleques sentados na arquibancada — gritamos “Meengo!”, xingamos o juiz, atiramos bolinha de papel.

Gol do Fio: ÊÊÊÊÊÊÊÊ! Ao meu lado, um senhor pulando e agitando minha bandeira com a mesma alegria que meus cinco amiguinhos. Voltando pra casa, depois de comentar cada lance com os amigos, disse que enriquecera seu vocabulário de palavrões com seu filho de 10 anos.

No começo dos anos 70, ele viajava menos e estava bem caseiro, decididamente curtindo os filhos e a vida em família (um pouco também por não ter o que fazer politicamente). A maioria dos seus amigos estava no exílio, mas nos fins de semana ainda dava pra reunir a turma num jogo de pôquer. Antes, porém, a preliminar era comigo. Montava a mesa de botão na sala, colocava dois times e lá estávamos, eu e o Gasparian, jogando. Em volta, toda a nata do Partido Socialista Brasileiro, claro que torcendo pro mais fraco: o Gaspa. No meio do jogo, o Ryff deu um pênalti contra mim (era o juiz, mas não entendia nada de botão). Pronto, armei o maior escarcéu, soltei todos os palavrões possíveis, briguei com todo mundo. Tirei o time do campo sob vaias da torcida e fui pro quarto, jurando nunca mais falar com os caras.

Já vivíamos o espírito carioca e, domingo, íamos todos pra praia. Como minha casa ficava de frente pro Leblon, todos trocavam de roupa lá: um verdadeiro estado-maior, a cúpula do Vasquinho, jornalistas e o que sobrou da cúpula do governo Jango: Raul Ryff, Valdir Pires, Bocayuva Cunha, Fernando Gasparian, Flávio Rangel, Hélio Fernandes, José Aparecido.

Era sol, era praia. Biquínis, maiôs, ricos e pobres, pretos e brancos. A maior qualidade do Rio de Janeiro é que uma vez por semana a cidade fica absolutamente democrática. Tudo se mistura: bate-papo, futebol, vôlei (o Chico Buarque era frequentador da nossa rede), mulheres seminuas, cachorros enchendo o saco, bolinhas de frescobol perdidas. Mesmo com ditadura, o carioca sabe usar o que tem de melhor: a praia.

De repente, meu pai se levantava e íamos pra água. Ultrapassávamos a rebentação, até não mais distinguir uma pessoa de um cachorro. Longe de todos, bem lá no fundo, boiávamos. Eu não conseguia, mas não me cansava. Me sentia tão seguro que nem me importava com aquele mundão d'água. Descansados, nadávamos. Cruzávamos o canal do Jardim de Alá e, quase no Country Club, já em Ipanema, a gente parava. Íamos nos aproximando da costa até pegarmos um jacaré. Eu me agarrava nas costas dele como se estivesse numa prancha, e ele, com um bruto fôlego, deixava a onda nos levar até o raso. Era a glória eu ali, sendo levado nas costas do meu pai, preocupado em não machucá-lo com minhas mãos, vencendo todas as barreiras da natureza revolta, deslizando velozmente. Eu e meu pai, juntos desafiando a vida, sabendo que unidos venceríamos, em paz um com o outro, respeitando a vontade e os desejos um do outro.

Enquanto alguns pais levavam seus filhos pra jogar tênis, o Rubens Paiva levava o Marcelo pra Pavuna, um bairro operário da Zona Norte, onde ele estava construindo umas casas populares. Eu adorava, ajudava a fazer cimento, levantar muro, passar argamassa nas paredes. Aprendi a comer feijão com farinha na marmita, a beber café mineiro no copo, usar capacete de obra e carregar martelo na cintura.

Todo 1º de maio os candangos faziam festa nos canteiros. E, como era meu aniversário, sempre tinha um bolo pra mim. Ganhava os presentes mais incríveis, desde um martelo mirim até um chaveiro de fita métrica. Às vezes, eu ia pro escritório dele no centro da cidade e ficava brincando de engenheiro.

Sentava naquelas pranchas enormes e desenhava pontes. Quando mostrava, meu pai sempre dava uns palpites e corrigia. Acho que foi assim que nasceu a vontade de estudar engenharia.

Meu pai me ensinou a andar a cavalo.

Meu pai me ensinou a nadar.

Me incentivou a ser moleque de rua.

Me ensinou a guiar avião (tinha um na firma dele e, depois de decolar, eu pegava no manche e ia mirando até São Paulo).

Mas meu pai não pôde me ensinar mais.

O dia 20 de janeiro de 1971 era feriado no Rio, por isso dormi até mais tarde. De manhã, quando todos se preparavam pra ir à praia (e eu dormindo), a casa foi invadida por seis militares à paisana, armados com metralhadoras. Enquanto minhas irmãs e a empregada estavam sob mira, um deles, que parecia ser o chefe, deu uma ordem de prisão: meu pai deveria comparecer na Aeronáutica para prestar depoimento. Ordem escrita? Nenhuma. Motivo? Só deus sabe.

Quando acordei e vi aqueles homens, perguntei pra minha mãe o que era. Ela não respondeu e disse que papai tinha saído. Desci, tomei café e vi as armas na sala. Não entendi nada e fui jogar bola na praia. Quando voltei, estavam todos assustados.

— Onde você andou? — me perguntou um sujeito.

— Fui jogar bola.

— Mas não pode.

Não tinha sacado, mas éramos prisioneiros. O telefone fora do gancho, ninguém saía. O namorado da minha irmã chegou e foi preso, levado embora. Um amigo de dezesseis anos chegou e também foi levado.

Minha mãe chamou-me num quarto e me mandou entregar uma caixa de fósforos pra Helena, que mora perto, mas fazendo o possível pra não ser visto por ninguém. Fui pro banheiro da empregada, subi no telhado, pulei o muro da vizinha, corri pra rua e voei pra casa da Helena com a caixa apertada na mão. Chegando lá, hesitei em tocar a campainha. Abri a caixinha e vi um papelzinho dobrado:

O RUBENS FOI PRESO, NINGUÉM PODE

VIR AQUI, SENÃO É PRESO TAMBÉM.

Minhas pernas tremeram. Que loucura, preso, mas por quê? Toquei a campainha, entreguei o bilhete e voltei pra casa preocupado.

Tivemos que conviver o dia todo com os caras jogando baralho, botão, vendo novela. À noite, mudou o plantão. Jantar, cafezinhos e, com mais intimidade, minha mãe pediu pra guardarem as metralhadoras num canto da sala.

Minha mãe me acorda no dia seguinte e se despede de mim. Ela também tinha que ir, junto com a Eliana (minha irmã de quinze anos). Os caras saíram, trancaram a porta, colocaram minha mãe e irmã no banco traseiro de um Fusca azul. E agora? Que fazer? Eu, Nalu (treze anos), Big (nove anos) e a empregada trancados. Ligamos pra minha avó, que morava em Santos, e esperamos seis horas até ela chegar, encolhidos num canto morrendo de medo.

À noite, a casa estava cheia e ficou decidido que eu deveria deixar o Rio. No dia seguinte, um cara que nunca tinha visto na vida me levou prum sítio em Petrópolis. Não sabia de quem era o lugar, mas devia ser alguém bem rico, pois tinha piscina e até quadra de tênis. Fiquei aos cuidados de um casal simpático (irmão do Bocayuva) e do filho deles. Minha irmã ficou só um dia presa, mas meu pai e minha mãe...

Não tinha muito o que fazer. Tomar banho de piscina, tentar aprender a jogar tênis (não via a menor graça nesse esporte) e ficar dando tiro com espingardinha de chumbo. À noite, rezava pra que deus soltasse meus pais e ia dormir tranquilo, pois sabia que nada de grave ia acontecer, afinal “cadeia é coisa pra bandido” (pelo menos deveria ser).

Duas semanas depois, toca o telefone. Minha mãe estava solta. Alívio. Meu pai ainda não. Voltei imediatamente pro Rio e encontrei minha mãe exausta, deitada na sua cama. Tava irreconhecível, muito mais magra. Nos abraçamos e choramos. Tive o pior ataque de asma da minha vida. Ela tinha estado no quartel da Barão de Mesquita, Polícia do Exército, doze dias numa cela individual. Foi interrogada várias vezes, sempre com as mesmas perguntas: ideias políticas do meu pai e quem frequentava a nossa casa. Entre os

interrogatórios, era obrigada a ver coleções de fotos e exigiam que as reconhecesse. Mas ela só identificou a do meu pai e da família.

Naquela época, a censura da imprensa não estava tão rigorosa e todos os dias saíam artigos nos jornais:

ONDE ESTÁ RUBENS PAIVA?

O Governo dizia que ele não se encontrava preso.

MAS COMO NÃO ESTAVA PRESO, SE SUA

MULHER VIU A FOTOGRAFIA DELE

NO ÁLBUM DA PRISÃO?

A resposta era cínica e covarde:

A MULHER DE RUBENS PAIVA NUNCA

ESTEVE PRESA, NEM SUA FILHA.

Mas eles cometeram uma gafe. Meu pai, quando preso, foi guiando o próprio carro, que ficou estacionado no quartel da Barão de Mesquita. Mais tarde, uma tia minha foi recolher o carro, e os caras deram um recibo com o timbre do Exército.

MAS, SE RUBENS PAIVA NÃO ESTAVA PRESO,

O QUE SEU CARRO ESTAVA FAZENDO ALI?

Houve um silêncio. Com esse documento foram impetrados três pedidos de habeas corpus, mas nada aconteceu. Minha mãe chegou a ir um dia à PE ver se conseguia alguma notícia. Ficou de pé horas, esperando fora do portão, até que um policial comovido disse: “Não adianta, Dona Eunice. Os homens não vão devolver o que a senhora quer. Não adianta ficar aqui”. No Congresso Nacional havia debates agitados. De um lado, Pedro Horta; do outro, o líder da maioria Eurico Resende. No dia 20 de fevereiro, o ministro da Justiça

Alfredo Buzaid disse pra minha mãe que meu pai tinha sofrido “alguns arranhões”, mas que voltaria em breve para casa. As reuniões do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana passaram a ser secretas depois do caso. Mesmo sob censura, a imprensa pegava no pé. Finalmente, no dia 24 de fevereiro, sai no *Diário Oficial da União* o que até hoje é a versão do Exército:

SEGUNDO INFORMAÇÕES DE QUE DISPÕE ESTE COMANDO, O CITADO PACIENTE, QUANDO ERA CONDUZIDO PARA SER INQUIRIDO SOBRE FATOS QUE DENUNCIAM ATIVIDADE SUBVERSIVA, TEVE SEU VEÍCULO INTERCEPTADO POR ELEMENTOS DESCONHECIDOS, POSSIVELMENTE TERRORISTAS, EMPREENDENDO FUGA PARA LOCAL IGNORADO...

Em outras palavras, ele tinha fugido. Foi a versão mais idiota que já inventaram, mas o que fazer? Logo depois veio a censura da imprensa sobre o caso, foi julgado um habeas corpus numa sessão secreta do Superior Tribunal Militar (obviamente negado), sessão essa a que minha mãe esteve presente, sozinha (só com a ajuda do tio Rafael). Não havia provas. O jeito foi esperar.

Continuamos morando no Rio e começaram a chegar as informações mais terríveis: ele tinha sido torturado e morrera. “Mas como? Não existe tortura no Brasil.”

Doce ilusão, estava-se torturando gente como nunca e havia-se criado uma tática mais eficiente: mata-se o inimigo, depois some-se com o corpo.

Inimigo. Mas o que fez Rubens Paiva? Em 1978, o *Jornal do Brasil* lançou um caderno especial intitulado *Quem Matou Rubens Paiva?*, no qual dois repórteres, Fritz Utzeri e Heraldo Dias, faziam um completo levantamento do caso, sete anos depois.

O motivo da prisão parece ter sido uma carta enviada por alguns amigos exilados no Chile. Uma amiga da família, depois de visitar o filho no Chile, foi detida no aeroporto, onde os agentes de segurança descobriram as cartas. Dali ela foi levada para a 3ª Zona Aérea (para onde, no dia seguinte, levaram meu pai), comandada pelo brigadeiro João Paulo Burnier. Segundo versão dela, outra mulher e meu pai permaneceram de pé muito tempo, com os braços pra cima, num recinto fechado. Com a longa duração do castigo, ela fraquejou, sendo amparada por meu pai, que estava ao lado dela. A atitude dele irritou o

chefe do interrogatório, descrito como “um oficial loiro, de olhos azuis”, que atacou meu pai e começou a surrá-lo.

— Vocês vão matá-lo! — gritou uma das mulheres.

Isto fez com que esse oficial ficasse completamente fora de si, e, agarrando a mulher pelos cabelos, forçou-a a aproximar-se do meu pai, já estirado no chão.

— Aqui não se tortura, isto é uma guerra — gritou o oficial.

Essa mulher ainda ouviu a voz do meu pai, já no quartel da Barão de Mesquita, no dia 21 de janeiro, mas depois foi solta. É a única testemunha do caso, professora das minhas irmãs, porém contou essa história por carta meses depois, nunca pessoalmente.

Passei anos da minha vida sem saber se tinha ainda um pai ou não. Lembro-me até de que, um dia, já morando em Santos, pensei ter ouvido minha irmã gritar “papai”. Saí correndo feito um louco, rodei pela casa toda, fui pra rua, procurei por todos os cantos, mas não o achei. Ainda com uma tremedeira no corpo fui perguntar pra minha irmã. Era engano meu. Ninguém tinha gritado. Sonhei centenas de vezes com meu pai chegando um dia. Mas foram sonhos. Quando viemos morar em São Paulo, três anos depois, já estava conformado com o fato de que realmente eu era órfão.

Depois da anistia ficou-se sabendo das barbaridades cometidas nos porões dos quartéis. Até soube que um repórter, que estava próximo do ex-presidente Médici no aeroporto de Recife, ouviu alguém dizer que Rubens Paiva fora morto. Segundo o repórter, nosso ex-presidente riu e falou pro senador Vitorino Freire:

— Acidente de trabalho.

Rubens Paiva não foi o único “desaparecido”. Há centenas de famílias na mesma situação: filhos que não sabem se são órfãos, mulheres que não sabem se são viúvas. Provavelmente, o homem que me ensinou a nadar está enterrado como indigente em algum cemitério do Rio. O que posso fazer? Justiça neste país é uma palavra sem muita importância. As pessoas de farda ainda são as donas do Brasil, e elas têm um código de ética para se protegerem mutuamente (como no caso do Riocentro).

Vou usar um velho chapéu, mas é verdade que não é matando um corpo que se elimina um homem. Rubens Paiva está vivo em muitas pessoas. Um

homem querido, respeitado. Um homem que não temeu nada. O contrário de quem o matou. Imagine as noites da pessoa que um dia colocou um senhor de quarenta anos e pai de cinco crianças num pau de arara, dando uma descarga elétrica naquele corpo...

Chegará o dia de quem desapareceu com Rubens Paiva, assim como chegará o dia dos que desapareceram com vinte mil na Argentina, porque esses desaparecimentos têm o mesmo significado. O sadismo de alguns imbecis que apenas por vestirem fardas e usarem armas se acham no direito divino de tirar a vida de uma pessoa, pelo ideal egoísta de se manterem no poder.

MATARAM RUBENS PAIVA

JESUS CRISTO

CHE GUEVARA

HERZOG

SANTO DIAS

20 MIL NA ARGENTINA

30 MIL EM EL SALVADOR

MATARAM E DECEPARAM VICTOR JARA

Mas nunca vão matar aquela esperança que a gente tem de um mundo melhor, que eu não sei direito como vai ser, mas tenho certeza de que gente tipo “o oficial loiro, de olhos azuis”, tipo brigadeiro Burnier e tipo Médici não vai ter.

Finalmente veio a hora do rango. Primeiramente, uma sopa, muito mais consistente que a da UTI. Bom. Depois, inacreditável, arroz, carne, cebola e um leguminho que deveria ser chuchu. O prato dava para dois, mas comi em um segundo. Salada, sem tempero, mas era salada. E tinha até sobremesa, veja só que mordomia. Mamão, que é bom para o intestino. Pra descer a comida, um suquinho artificial, com a pretensão de ser de laranja, que tinha mais gosto de dióxidorubinolaranjeico-2. Nem tudo é perfeito. Faltava o cafezinho, mas tudo

bem. Veio a moça buscar a bandeja, e perguntei se não poderia repetir o prato. Claro que não podia, era uma dieta cuidadosamente receitada.

A noite vinha chegando, e com ela o pavor da insônia. Havia quase um mês que vinha sofrendo com isso. Só que na UTI tinha outros caras estourados pra gente se distrair. Aqui só iria dormir eu, num colchão de ar, pois os colchões de água do hospital estavam todos ocupados. Ao meu lado ficava outra cama, para o acompanhante. O colchão de ar era mais gostoso, macio. Tinha um motorzinho, provavelmente um compressor, que ficava ligado deslocando o ar através do colchão, fazendo com que meu corpo ficasse em ligeira movimentação. Uma mistura de massagem com mudança de posição.

Minha mãe iria ser minha acompanhante naquela noite. Bom. Era a pessoa que me dava mais confiança, e eu já estava prevendo uma noite difícil.

Onze horas, medicamentos: remédio pra dormir, antibióticos, tranquilizantes. Que dia emocionante hoje. Primeiro, um passeio de ambulância. Depois, outro hospital, novos enfermeiros, novos amigos. Médicos, quarto marrom-claro, sentar qualquer dia. São Paulo, eu adoro esta cidade, agito, multidão. Campinas era ótimo pra morar, mas tinha muita gente babaca e, principalmente, não tinha vida noturna, o que estraga qualquer província com pretensão de ser cidade. Campineiro é muito idiota. Muita cocotinha e pouco conteúdo. O que vale lá são os estudantes da Unicamp e da PUC, que são na maioria de fora. É a cidade que tem mais dedo-duro que já conheci. Tem uma polícia municipal que é mais nojenta que a polícia que nós conhecemos. Andam pra cima e pra baixo, num fusquinha creme, pondo sossego na decadente aristocracia campineira. Precisava ver como grilava o fato de morarmos em república mista.

— Mas como? Homem e mulher juntos?

E não era só velho que tinha preconceito. Tinha muito garotão que perguntava:

— Então, você come todas elas?

É, imbecil, todinhas, uma por dia. E, se não der, a gente corta os seios da mina com gilete pra fazer ensopado.

Dormir, eu tenho que dormir.

Uma vez, em São Paulo, demos uma bola na casa do Fabião e fomos andar pela cidade. Era de noite, e eu, louquinho, não tinha a menor ideia de para onde estávamos indo. De repente, ali pela rua Augusta, ouvimos um tremendo som, um batuque meio afro, que vinha de dentro de uma galeria. Entramos. Era um lugar que tinha uns botecos, um do lado do outro, escuros, enfumaçados. Só dava crioulo. Cada boteco tinha um som diferente. Todos bêbados, loucos, sei lá. Veados, machos, mulheres lindas. Fiquei sentado em volta de uns caras que estavam tocando só instrumentos de percussão, fazendo um samba de roda.

— Pum, escapum tac pum, escapum tac pum.

Tinha um violão encostado ao lado. Tomei coragem. Entrei no ritmo e soltei:

Omolu, Ogum, Oxum
Oxum Maré, todo o pessoal
Manda descer
Pra ver Filhos de Gandhi.

Sol 7^a / Lá 7^amenor / Ré 7^a+ / Sol 7^aaumentada. Gilberto Gil. Tinha que ser um Gilberto Gil. E os caras entraram na minha. Eu dava os nomes dos santos e vinha um coro.

Manda descer pra ver
Filhos de Gandhi

Oxalá, Oxóssi, Ogum, até mesmo Exu. Estava todo mundo adorando. Uma qualidade minha é saber tocar exatamente o que o meio está querendo ouvir. Em acampamento, beira de praia, shows, eu sempre tocava uma que agradasse a todos.

Manda descer pra ver
Filhos de Gandhi

O coro estava crescendo. Tinha uns caras na porta entrando. Outros atabaques chegando. Agogô, chocalho, como eu gosto disso.

*Manda descer pra ver
Filhos de Gandhi*

Agora, só os instrumentos. Violão fazendo a base. Pena que o Cassy não esteja aqui, ele faz um solinho genial nessa música.

Senti que precisava mudar. Sem parar, no mesmo ritmo, uma que todos soubessem a letra. Que tal essa:

Eu não sou daqui

Nem precisei falar nada.

Marinheiro só

Caetano Veloso manja das coisas.

Eu não tenho amor

Que nem a maioria dos que lá estavam, solitariamente bêbados, mas solidariamente loucos.

Marinheiro só

Eu não sou da Bahia, portanto:

Eu sou de São Paulo

Gostaram.

Marinheiro só
Do Jardim Paulista
Marinheiro só

Nunca mais vi esse lugar. Procurei, mas não achei. Foi lindo demais, um sonho. Cada vez eu estava mais convencido de que meu negócio era música, uma das poucas coisas que me emocionavam. Como essa noite houve outras, mas não com um público assim.

Não estava conseguindo dormir. Esse compressor fazia um barulho danado. Não só o motor dele, como também o ar que saía e entrava no colchão, parecendo um velho respirando asmaticamente. Pra piorar, tinha uma luzinha vermelha que estava me deixando louco. Mantinha meu olho aberto, atento. Minha mãe também não conseguia dormir. Me concentrei. Fiz contas de matemática na cabeça. Cantei uma música sem abrir a boca. Não dava.

Chamei minha mãe. Além de tudo, minha barriga estava doendo. Igualzinha àquela dor de nervoso que dava na UTI. Tocamos a campainha, veio o enfermeiro de plantão.

— Outro sedativo? Mas você tomou um há uma hora.

Expliquei meu nervosismo. Afinal, era o primeiro dia depois de trinta na UTI. Ele fez uma cara contrariada, mas gentilmente me deu outro sedativo. Minha mãe ficou um tempo mexendo na minha barriga. Apagou a luz. Tentei dormir.

Tentei, tentei, como tentei. O sonho da minha vida era ter um botãozinho na barriga pra, quando quisesse dormir, só apertar e pronto.

Deve ser genético. Meu avô Paiva tinha insônias homéricas. Até achavam que ele era um fantasma. Ficava circulando pela fazenda com dois cachorrões, conversando com eles.

O chato era que, além da insônia, tinha essa luzinha, esse motorzinho, essa dor de barriga que aumentava, aumentava. Já estava gemendo de dor. Minha mãe pôs o desgraçado do compressor debaixo da cama, com um cobertor em cima pra abafar o barulho. Mas já não era isso o meu desespero, e sim o fato de não dormir. Não estava preocupado com a tragédia, com o meu futuro. Era

dormir que eu queria, e encanei tanto nisso que a barriga doía pela possibilidade de passar aquela noite inteira acordado, olhando para o teto, sem fazer nada.

Pedi outro remédio.

— Pelo amor de deus!

Mas minha mãe, com todo o espírito racional dela, falava:

— Fique tranquilo. É só fechar os olhos que você dorme.

Bosta nenhuma. Perdi a minha aliada. Comecei a gritar. Primeiro, para descarregar o nervosismo. Depois era pra chamar a atenção mesmo. Não poderiam me deixar gritando, pois isso atrapalharia outros pacientes. Teriam que dar um jeito. Veio o médico de plantão, e eu reclamei de dor. Tava doendo muito, era insuportável.

Finalmente deram-me uma injeção fortíssima de aspirina. Que delícia. Era de efeito imediato. Logo minha boca estava adormecendo, a bochecha formigando. Uma moleza ótima dominava meu corpo. Finalmente. Paz. Estava abandonando essa loucura toda. Ia dormir por alguns instantes, mas o suficiente para recarregar a bateria, já que outro dia viria pra me pirar. Paz, como é lindo o outro lado da vida. Sonhar, respiração lenta. Sonhar aquilo que desejo sonhar. Uma bela menina que me mostra os seios num elevador. A garçonete me convidando pra conhecer o sótão.

Se morrer é isso, então é a coisa que mais desejo. Passear de elevador até o infinito com um par de seios bonitos.

— O café está servido...

Surpreendentemente, logo de manhãzinha, fomos acordados pela moça do café, e que café. Pão, presunto, queijo, torradas, pacotinho de manteiga. Num bule, leite; noutro, café. Mamão e o suquinho de dióxido-laranjucleico. Formidável, parecia hotel. Comi tudo e ainda pedi mais. Incrível a fome que estava sentindo, não era normal. Podia ser que o jejum forçado da UTI estivesse me dando fome, mas creio que era um pouco de carência também. Deglutar, massagear a garganta, entupir o estômago. Era primordial que me cansasse, fazia o tempo passar mais depressa.

Logo após o café, vinha o banho. O ritual era o mesmo da UTI, só que mais sofisticado. Vieram dois caras bem alegres. Um era o Chico. O outro nem precisou dizer o nome, que já comecei a chamá-lo de Santista. É que ele tava com uma bruta camisa dos “Tubarões da Baixada”. Torcida organizada desse time medíocre (não sei se já falei, mas sou corintiano e flamenguista roxo). Um me segurava e o outro me lavava. Fiquei de lado um pouco e pude examinar melhor o quarto. Tinha uma janela verde, bem na minha cabeça, que dava para um bosque lindíssimo. O hospital era no Pacaembu, bairro hiperarborizado de São Paulo. Havia uma espécie de criado-mudo entre as duas camas. Nada mais, exceto uma poltrona grande de madeira. O quarto não era tão fino quanto o tratamento, pois eu estava na ala do INPS. Um silêncio delicioso. Trânsito não havia. Só passarinhos cantando em homenagem àquele sol de verão.

Os caras já tinham ouvido falar das minhas irmãs e das amiguinhas, em especial da Nana, a linda pernambucaninha oxênti-bichinha de olhos verdes. E logo já se interessavam:

— Mas aquela morena, de cabelo liso?

— É a Veroca, a irmã mais velha. Só que já tem um mineiro na vida dela.

Eles riam ironicamente. E perguntavam da Big:

— Essa tá sem namorado.

Eu já estava acostumado com esse inquérito. É bom ter irmãs bonitas, e eu tenho quatro, modéstia à parte. O que você tem de amigos facilita muito.

— E aquela loira, pernambucana?

— A Nana?

— Isso. Ela é sua namorada?

Nunca tinha pensado nisso. Não sabia responder. Eu nunca tinha pedido a Nana em namoro. Eu sabia que ela estava gostando de mim. Uma noite, transamos. Mas não era minha namorada, nem também uma amiga. Eu a estava amando loucamente naqueles hospitais. Adorava quando ela ficava, e era quem ficava mais tempo comigo. Estava sendo a pessoa mais importante na minha vida. Achava-a linda, beijava-a na boca. Amava-a, mas não era minha namorada. Dá pra entender?

Fiquei com ciúme quando eles riram da Nana. “Qual é, ô meu? Não põe a mãe em brasa que leva fogo!” Mas homem é assim mesmo. Nem todos gostam de futebol, ou de política. Mas falá de muié, uau!

Um dia ainda vou perguntar pra Nana se a gente namorou, mas acho que ela também não vai saber dizer.

Falando na danada, é ela que aparece agora. Todos estavam morando em casa e ninguém estava muito disposto a viajar, pois queriam ficar perto de mim. Lindo. Até a Gorda, que tem os pais aqui em São Paulo, estava em casa. Havia trazido o jornal e os óculos pirados, aqueles que, mesmo deitado, dá pra ver na horizontal, como um periscópio. Puseram uma mesa no meu colo e...

Incrível, tava dando pra ler. Só um pedaço, mas com alguém ao meu lado, ia orientando:

— Um pouco mais pra esquerda.

— Vira a página.

Que ótimo, poderia ficar lendo o dia inteiro. Jornais, revistas, livros. Quem sabe até estudar um pouco, pra não perder o ritmo. Vitória, passar o tempo, enfim! Digeri a *Folha de S. Paulo*. Começaram a chegar as visitinhas. Em vez de bilhetinhos, como na UTI, muitos vieram ao vivo. Emocionante! Amigos, amigas, tias, irmãs, curiosos. Parecia um bar. Cassy, brincando, ficou servindo salgadinhos imaginários para as pessoas.

— A madame deseja um?

Chato que não dava pra falar com ninguém direito. Chegava um, cumprimentava. A maioria me beijava, até os machos. Não entendia esse fascínio que eu estava tendo para as pessoas. Olhavam-me com uma cara de alucinados, como se estivesse sendo hiperimportante me ver. Acho que quem está de fora sabe medir o problema melhor do que quem está dentro. Pra mim, era uma questão de tempo, mas, pra eles, era de luta. Cumprimentavam-me efusivamente. Pegavam no meu braço, apertavam, sorriam em me ver, e por fim me beijavam. Recebi muito beijo melado de tias exageradas de batom, e beijos de machos amigos meus que até então tinham uma outra relação de carinho, que não passava de um aperto de mão e, raramente, de um abraço. Com o Ricardo, sempre tive cumprimentos exóticos. Xingava-o, pegava no pinto dele e dizia:

— Oi, querida.

Com o Fabião eu dava um pulo nele, como se estivesse comemorando um gol. A Gorda, eu pegava na barriga, nos seios dela, que são deliciosos, e beijava. O Cassy era como jogador de basquete americano:

— *Hi, man, how are you?*

— Yé!

Enfim, cumprimentavam-me e iam para o canto do quarto encontrar alguém conhecido. Um ou outro ficava comigo. A Nana, sempre ao meu lado, geralmente pegando na minha mão. Faziam uma barulheira grande, mas era bom. Importante ter muita gente que gosta de mim, principalmente agora. Quem já não deu uma de doente, pra deixar todo mundo preocupado? Uma vez, no Rio, um amigo meu quebrou a perna esquiando na Suíça (finíssimo), e, no colégio, todos o ajudavam. Ele andava com uma bengala charmosíssima, geralmente apoiado no ombro da Carla. A musa do colégio, minha primeira paixão platônica. Aliás, isso é uma tremenda fraqueza minha: sempre me apaixono pelas musas, isto é, as mais desejadas do colégio. E é claro que sempre me dava mal. Só na Unicamp que a musa virou pro meu lado. Não sei se eu estava bonito na época, ou se minhas músicas a encantavam. Mas logo no primeiro ano transei com a musa das Humanas, o que me deu vários inimigos, pois fazia Engenharia. A Maira era da Libelu (tendência política do movimento estudantil), uma morena com os lábios em forma de pêssego. Um tesão.

Dei muita sorte na Unicamp, com um sorriso bonito e esse meu machismo liberal. É a minha grande arma, meu sorriso. Não que eu tenha descoberto isso, mas várias garotas se deixaram seduzir por ele. Depois me contavam. É claro que eu comecei a dar mais importância, já que passei grande parte da adolescência com uma incrível incapacidade de me aproximar de mulheres. Ensaiaava com o Richard como seduzir uma garota. Ele vestia uma roupa de mulher, sentava na cama. Eu entrava no quarto como quem está entrando numa festa. Olhava pra menininha sentada (Richard), dava um sorriso, sentava ao lado e começava a ensaiar os papos furados:

— Oi, tudo bem?

— Tudo bem (geralmente o Richard caía na gargalhada).

— Sabe que você é linda?

Ele tinha me ensinado a técnica de pôr a mão no ombro ou nos cabelos. Eu achava melhor, despretensiosamente, ansiosamente, pôr a mão na perna. Discutíamos as investidas e, finalmente, a luta por vencer a timidez, antes de dar o primeiro beijo. Uma vez eu vi um filme do Woody Allen em que ele

estava paquerando uma mulher. Saíram, se gostavam. Daí, quando os dois andavam pela calçada, ele virou, pediu licença e lascou um beijo. Depois disse:

— É pra já ir facilitando as coisas.

O Bino tinha inventado uma técnica que comigo nunca deu certo. Ficar beijando no rosto e, se ela virar, pronto, já está com uma namorada. A minha melhor técnica é na despedida. Quando um dos dois se propõe a ir embora, imediatamente faço dois ou três elogios, fico bem pertinho e, na despedida, não ofereço a bochecha e sim a boca.

OBS.: Repare na qualidade pedagógica deste livro...

A Teté me emprestou uma televisão incrível. Era mínima e em cores. Desses milagres da tecnologia japonesa. À noite, colocaram-na na mesinha, e, com meus óculos malucos, podia vê-la. Minha vida estava ficando ótima. Televisão é o tipo do negócio que faz o tempo voar. Ligaram-na. Mas fazia uns quatro anos que não via televisão. Campinas absolutamente não combinava com televisão. Às vezes, ela fazia falta. Por exemplo, na Copa do Mundo de 78, ninguém em Campinas tinha televisão. Alguns acompanhavam o jogo pelas lojas de eletrodomésticos. Eu acompanhava no 437, um restaurante bastante fuleiro na minha rua, mas com comida barata. Tinha uma televisão velha pendurada na parede, e nós, já fregueses da casa, ficávamos na melhor mesa. Juntavam todos os estudantes e aposentados do Vila Nova. Um dia, a mãe do dono morreu, conosco jantando lá, e ele foi obrigado a fechar o bar. Era o último jogo da semifinal. A Argentina precisaria vencer o Peru por quatro a zero, senão o Brasil estaria na final. Ficamos em casa, ouvindo o jogo por um radinho de pilha. E não dava pra acreditar: a Argentina fez um, dois, três, quatro, cinco e, tchan-tchan-tchan-tchan, seis gols. Precisávamos ver as imagens, não era possível, o locutor poderia estar nos enganando. Foi um gelo, e logo com os argentinos, odiados por todo o Brasil.

Não conseguia me concentrar na televisão. Tá certo que ela era muito pequena, mas era a falta de costume. Não dava importância àquelas imagens. O som estava desconexo, metálico. Logo percebi que era falta de prática. Teria que ver bastante televisão, pro tempo passar mais depressa. Mas naquele primeiro dia, era difícil. A Veroca seria minha acompanhante, porque ela é uma

verdadeira especialista em relaxamento, do-in, o que eu precisava pra dormir, já que os remédios não estavam adiantando.

E, realmente, não adiantaram. Mais uma noite sem conseguir dormir. Já tinha tomado dois sedativos, e nada. Tensão, ansiedade, insônia. Veroca fez relaxamento, com atenção especial na barriga. Estava doendo, e ela tentava dissipar o ponto de tensão do centro de gravidade do corpo. Nada. Relaxamento na cabeça. Nada. Ligou o rádio, batemos papo, apagou a luz. Nada.

Precisava daquela injeção. Pedi para o enfermeiro de plantão, e ele me perguntou se estava doendo.

— Eu não aguento de dor. (Mentira!)

Ele me falou que aquilo era uma droga muito forte, e só em casos excepcionais ele aplicava.

— Por favor, eu não aguento.

E chorava alto, desesperado, me debatia na cama. Gemia de dor imaginária. Queria dormir, morrer por algumas horas. Finalmente, ele se convenceu e me aplicou aquela coisa maravilhosa. Que efeito, que joia, é maravilhoso querer e poder. Eu amo você, amo quem inventou você. Liquidozinho, vença meu corpo, vença meu cérebro, que não para de pensar. Você domina o filho de deus, é mais forte que a própria vida. Insuspeita, na sua reação, é a própria morte, inexplicável, destruidora...

No dia seguinte, a mesma multidão que viera antes, acrescida de alguns elementos. Uma loucura. Eu gostava, mas estava me fazendo mal. Havia me dado uma febre que, segundo o clínico geral, era cansaço. Fizemos um acordo: durante os próximos dois dias, seria melhor não receber visitas.

Realmente, muita gente, dormindo mal, emocionado, não dava pro meu corpo ficar numa boa. Só ficaram comigo as pessoas de sempre.

Foi bom. Fiquei a tarde inteira vendo televisão. Eu precisava me acostumar. Já estava melhorando, sabia quem era quem, distinguia as vozes, reconhecia aquele barulho estridente que saía de dentro do aparelho. A programação é que não ajudava muito. Estava passando *Flipper*, um golfinho babaca, amigo de uma típica e feliz família americana. Mudei de canal. Passava um desenho hiperimbecil que costumava ver na minha infância. Um tal de *Speed Racer*, corredor bonitinho que tinha um carro, o Mach 5, que voava,

andava em duas rodas, uma tremenda besteira. Mudei. Passava o programa *Clarice Amaral*, uma mulher simpática, maquiada até o tornozelo. Por coincidência, lembrei-me que estivera nesse programa havia uns quatro, cinco anos, com um grupo de teatro infantil. Fazíamos uma espécie de promoção da peça. Fomos entrevistados e, depois, cinicamente, ela perguntou:

— Por que vocês não fazem uma demonstração, de improviso?

Ridícula, nós já estávamos de roupa e tudo, e ela falou aquilo com um olhar de quem está sugerindo uma coisa nova. Provavelmente imaginando que os telespectadores pensariam que o programa era cheio de surpresas.

Fizemos uma cena em que eu e o Romão entrávamos no palco e perguntávamos pra Julinha se ela estava bem. A besta esqueceu o texto ali, em frente às câmeras. Percebendo a cara de coitada dela, assoprei bem baixinho o texto. Não é que os caras tinham aumentado o volume do microfone e tinha saído tudo? Bosta.

Mudei de canal. Não acreditei: aula de ginástica pela televisão. Uma velha, com um corpo horroroso, ao som duma valsa de Viena, comandando os exercícios. Deprimente. Ainda mais pra mim, que só poderia fazer um exercício: levantar o braço.

Às sete, passou uma novelinha boboca. Eram os últimos capítulos, e logo entraria outra. Bom, assim acompanharia desde o início. Depois: “Dez para as oito”. Era o *Jornal Nacional*. A União Soviética invadira o Afeganistão e os Estados Unidos afirmavam que iriam revidar. Estudantes iranianos invadiram a embaixada dos Estados Unidos. Meu deus, mas que loucura. Eu já tinha lido isso no jornal, mas o tom trágico do Cid Moreira me deixou apavorado. Bateu uma insegurança, pois, caso houvesse uma guerra, eu não teria forças pra fugir, me esconder. Fiquei puto. As potências ficam brincando com a humanidade que nem uma disputinha de gato e rato por um teco de queijo.

As cenas de canhões, gente botando fogo em madeiras, o bobo do Carter, Brejnev. Pronto: era o fim. Tudo estava perdido. Acabem logo, apertem o botão. Mas não era por isso que estava tão emocionado. Já tinha visto muitos “jornais nacionais”. Mas agora era diferente. Não dava pra entender por que tanta tragédia. Coisa inútil, esses homens perdendo um tempo precioso pra ficar brigando entre si. Você deve estar pensando — mas que carinha mais bobo, infantil, todo pacifista, ingênuo. O povo do Afeganistão tem o direito de

se levantar contra a tirania russa. Ou então, se você é do PC, deve estar me achando um agente do jogo capitalista que não entende a necessidade de uma teoria chamada comunismo ter que ser aprendida pelos muçulmanos do Afeganistão a porrada. Ora, eu estava absolutamente maluco naquela cama de hospital. Era inconcebível que as pessoas se preocupassem em se matar, guerrear. A violência do que havia acontecido comigo já era o suficiente. Se “quem procura, acha”, por que eu, que nunca bati em ninguém? Se “quem fere com ferro, com ferro será ferido”, oras! Ainda querem que eu acredite em justiça. Por que esses merdas dos generais, americanos, russos etc. não quebram a quinta cervical?

Que o mundo se foda todo, porque merece. Mas eu, NÃO!

Veroca, novamente minha acompanhante. Fizemos os relaxamentos, algodão úmido no olho, visualizar a respiração. Calma, muita paciência. Pensar no futuro, daqui a um tempo estarei longe, amando uma mulher numa praia, sentindo o ventinho de um CMTC, comendo churros na praça da Sé. Vestido de seda azul, penas de pavão, cheiro de patchuli, depilação, sol, pele, luz, olhos, sim, né.

É.

— Bom dia!

O quê? Como? Ué, não é possível, dormi. Dormi no meio do relaxamento. Sem injeções, sem sedativos. Nada de dores na barriga, gritos, gemeção. Que maravilha, dormi. Dominei minha cabeça. Meus olhos não viram nada. A vida parou por instantes. Epa, pera aí. Tive até um sonho. Isso mesmo. Sonhei que estava numa cela de cadeia ouvindo um radinho. Tinha na minha frente um pôster da Lídia Brondi. Com o som da música, comecei a dançar, e ela estava nos meus braços. Estava com uma perna entre as minhas e sentia perfeitamente o corpo dela, todo colado no meu. Os seios, as coxas. Não lembro de mais nada. Mas foi bom sentir de novo um corpo de mulher. Essa menina tem um rosto lindo que lembra uma namorada de infância. Uma mistura de inocência com personalidade. É uma menina inteligente. Sempre fui vidrado nela. Que bom, Lídia Brondi, você se lembrou de mim. No próximo sonho, levarei você pruma cachoeira linda que existe perto de

Campinas (ela é de Campinas). Minha musa, minha paixão, dedico esta noite de sono a você, e obrigado por ter dormido comigo.

Estava em êxtase. contei a grande novidade a todos: dormi. Oito horas de sono ininterruptas. Ronquei, sonhei, falei sozinho, enfim, apaguei esse desgraçado tédio por algumas horas. Não tinha dúvidas de que este hospital tinha dado um grande salto de qualidade na minha vida. Comer comida, livre dos caninhos. Ler jornal. Ver televisão e, o mais sensacional, dormir. Senti até o corpo de uma garota.

Não conseguia esconder meu entusiasmo na hora do banho. O Chico e o Santista não entendiam como alguém podia ter ficado tão feliz simplesmente por dormir, mas respeitavam minha alegria. Até então, eu só conseguia dormir por poucas horas. Sempre acordava no meio da noite. Chegaram as ajudantes de praxe, Nana, Big e Gorda. Conte-lhes a nova “SOPLESA”. Tínhamos combinado que “SOPLESA” eram as melhores físicas, os novos movimentos.

Mudamos os esquemas. As visitas não ficariam mais no quarto, até baixar a febre. Só poderiam me ver de duas em duas, e por pouco tempo. Prometi a mim mesmo que não veria televisão à tarde, para ler.

O que mais me agradava na mudança era que, como todos estavam ocupados, minha avó se encarregaria de passar as tardes comigo. Achei ótimo, eu me dava bem pacas com ela. Além do mais, era uma grande contadora de histórias. Filha de um anarquista italiano, famoso por provocar a polícia (dizem que tem até um chapéu dele num museu em Módena, Bolonha, que ele deixou cair numa fuga), ela veio pro Brasil aos quatro anos, junto com os pais, fugindo das autoridades. Foram trabalhar com cultura de algodão no interior paulista. Ganharam um certo dinheiro e vieram pra São Paulo, morar ali no Brás, onde conheceu meu avô, também italiano. ECCO!

Tenho um tremendo orgulho de ser neto de italianos, *tutti gente buona*, principalmente de anarquistas, os grandes revolucionários do começo do século. Uma ideologia fascinante que vou estudar melhor, neste período de... sei lá, período cabeçal (só a cabeça funcionando).

Depois do jornal, passei pro Gabeira. Na UTI, onde ditavam este livro pra mim, não tinha entendido direito, portanto comecei a ler tudo de novo. Minha avó virava as páginas. Muito melhor ler do que ouvir ditado. As palavras, quando escritas, ganham sentimentos, mais verdade. Aquilo estava ali e não

poderia ser apagado, enquanto a memória apaga facilmente. Veio um enfermeiro dizer que já estava chegando gente. Ele mandara, como o combinado, esperar no terraço.

Não estava a fim de visitas, principalmente agora que o Gabeira acabava de sequestrar um cônsul. Mas era um pessoal que estava de viagem para Recife. Tremi nas bases, devia ser a Virgínia e o Olaf. Olaf é um dos meus melhores amigos de Campinas. Um motoqueiro que não tinha o menor ciúme quando eu andava na moto dele. Sabia que eu curtia aquela moto e que andava bem. Morava na chácara, em Barão Geraldo, onde eu tava louco pra morar. Ficava horas tentando ensinar violão pra ele, mas não aprendia. Em compensação, tocava duas músicas dos Rolling Stones como ninguém. A Virgínia — ah, essa não tem palavras pra descrever...

Virgínia, morena Virgínia. Pernambucana que, um dia, trocou o sossego do lar pra vir morar em Campinas e acabar o curso de Antropologia. Linda. Pele morena, cabelo liso. Olhos caídos, pretos. Sotaque pernambucano forte. Abre bem a boca pra falar. Veio morar na minha rua, junto com a irmã e o Mateus.

Foi paixão à primeira vista, mas diziam que ela tinha um namorado pianista em Recife. Meu instinto machista respeitou o colega homem. Fiquei apaixonado a distância. Tempos depois, brigou com o namorado. Tchan-tchan-tchan-tchan. Homens de Campinas, preparem-se para um novo ataque. Novilha solta no pasto. Montem seus cavalos e avante! (Tenho nojo do meu machismo.) Na lista: Maurão, que morava comigo, Celso e eu. Minha cotação era a mais baixa, e por cagada minha. É que, pouco tempo antes, eu estava namorando a Silvinha e, ao mesmo tempo, transava às escondidas com Cristina. Acabei ficando indeciso e briguei com as duas, hypersacanamente. Aliás, sou um verdadeiro imbecil com as mulheres. Quando estou “afins” e ela não está, fico mal. Quando não estou “afins” e ela está, faço verdadeiras sacanagens. Com a Nana foi assim. É uma fraqueza minha. De tanta insegurança, eu trato mal a garota, para que ela desencane de mim, e isso é a pior coisa do mundo. Desprezo, não cumprimento, verdadeira sujeira. Não tenho o menor respeito com o sentimento alheio. Egoísta, eu sei. Sou um filho da puta, eu sei. Por isso sempre digo pra todo mundo que, se eu fosse mulher,

nunca transaria comigo, pois além de sacana, sou egocêntrico. Hoje em dia melhorei.

E minha fama de garanhãozinho (que insisto em dizer que não é verdade) chegou aos ouvidos da morena linda. Bolei um plano para desfazer essa fama, isto é, explicar pessoalmente a ela que eu estava ficando chateado com esse papo de garanhãozinho, de gostosão. Que eu não era assim. Era tão carente e inseguro quanto a maioria.

Não era uma tática sacana, mas simplesmente um jogo sincero. Peguei a bicicleta da Vera, pus meu cachecol e uns óculos escuros, e fui pra casa dela. Meu primeiro erro: pra que esta fantasia ridícula, cachecol, se não estava frio, e óculos escuros, se não tinha sol? Só pra me mostrar. Besteira. Chegando lá, ela estava de toalha lendo, deitada. Tinha acabado de tomar banho e me recebeu hiperbem. Legal. Como eu sei que, quando uma pessoa me conhece, me acha um cara metido a besta, eu estava fazendo de tudo pra não passar essa impressão. Segundo erro. Estava representando, falso. Gaguejava. O plano de ser sincero se inverteu. Eu estava mentindo. Saí de lá arrasado, com a certeza de que ela tinha me achado um babaca. Sempre que encontrava com ela, imaginava que no fundo de sua cabeça ela devia estar pensando:

— Que saco este cara. Metido, idiota, todo convencido, só porque toca violão bem, se acha todo gostosão.

O tempo foi passando. Tive outras mulheres, e ela, outros homens. Um dia, já morando com Nana, confessei o amor que eu sentia pela Virgínia e a impressão que ela me dava de não gostar de mim. A Nana achou graça e me falou que eu estava dizendo uma tremenda bobagem. Elas conversavam muito e a morena havia lhe dito que me achava um cara legal e que ela é que achava que eu não gostava dela. Vejam só, o que é uma cabeça encanada. Eu achando que ela não gostava de mim, acabei dando a impressão a ela de que eu não gostava dela. Dei um pulo de alegria. Já estava cheio dessa paixão engasgada. Aquela noite teria uma festa, e eu me declararia. Tinha que pôr pra fora, não importava nem mesmo que recebesse um fora. Ia ser bom tirar esse nó da garganta.

Me preparei, peguei o Olaf na chácara, e fomos de moto. Era uma festa boba, meia dúzia de pessoas dançando Milton Nascimento e umas cem na cozinha, bebendo e comendo. Fiquei dançando com a Nana e, ao meu lado,

estava ela, linda, dançando com o Olaf. Estava toda de preto, entretida com o Olaf. Fiquei com ciúme mas deixei os dois, pois sabia que eu era melhor que o Olaf (pelo menos, tocava violão melhor).

Final da festa, eu não sabia mais de nada. A imagem dos dois saindo da festa de mãos dadas ficou na minha retina. Fiquei tonto. Bebi até vomitar. Triste fim de uma paixão, e com um dos meus melhores amigos. Que jeito?

Pedi para minha avó deixar entrar um de cada vez. Primeiro veio o Olaf.

— E aí, canastrão? — eu sabia imitar perfeitamente a voz dele e seu sotaque carioca.

Ele sorriu, me deu um beijo e contou que estava indo pra Recife conhecer o sogro e a sogra. Xinguei-o (ele sabia da minha paixão pela sua namorada) e mandei-o tratar bem da menina, senão eu levantava da cama e dava um pau nele. Contou-me que havia alugado uma casinha em Barão, e iriam morar só ele e a Virgínia. Era a antiga casa do Otaviano. Desejei-lhe boa sorte, disse que morria de inveja. Me deu um abraço emocionado e saiu.

Finalmente entrou a danada. Estava linda. Bem queimada do sol e com uma camiseta sem sutiã. Eu adoro mulheres que usam camisetas sem sutiã, e ela é especialista nesse traje. Lembrei-me de umas fotos que o Olaf tinha feito dela, nua. Lindas fotos. Achei um barato ela ter posado nua pra ele, e o cara manjava de fotografia (ganhou prêmio e tudo). Ele não mostrava pra ninguém, uma atitude que respeito. Olhei pra ela e lembrei dos seios da foto. Senti vergonha da minha feiura. Minha careca, minhas espinhas. Caspas, caninhos no pinto. Corpinho parado, branco, sem vida alguma. Ela me deu um beijo na boca (não me lembrava dela ter me beijado assim antes). Disse que eu estava bonito, com uma cara boa. Disse também que eu estava transmitindo uma puta força pra ela com a minha luta. Disse também que me respeitava pela coragem que estava tendo. Engraçado que eu não tinha coragem nenhuma, simplesmente não podia fazer outra coisa senão enfrentar. Falei que ela estava linda e que era uma das garotas que mais curtia. Ela gostou e fez um carinho na minha cabeça. Falei que me orgulhava de sua personalidade forte, que a maioria das mulheres era muito passiva.

Ficamos um tempo nos elogiando até que acabou o assunto. Ficamos quietos, um olhando pro outro. Não tinha vontade de dizer nada, só olhar pra ela.

Imaginei a casa do Otaviano. Tinha um quarto e uma sala. No terraço, ficava uma rede de frente pro jardim, onde se viam umas montanhas. Era o lugar mais sossegado de Barão, e o sol costumava se pôr bem em frente. Imaginei-me tocando violão e a Virgínia chegando, depois de um dia duro na Unicamp. Eu a pegaria pelo colo e a levaria até o quarto. Tiraria calmamente sua roupa e beijaria delicadamente cada parte de seu corpo. Lamberia o bico de seus seios, morderia devagarinho. Enfim, deitaria calmamente sobre sua pele morena, olharia para sua vagina, encaixaria bem meu pinto entre as pernas dela e, aos poucos, penetraria, olhando para sua cara contorcida de tesão. Ela olharia pra mim e, sem tirarmos o olho um do outro, nos amaríamos até o sol se pôr nas nossas costas. O orgasmo seria longo, suado, aflitivo. Os dois corpos tremeriam, ela gemeria pedindo “não pare”. Finalmente viria o êxtase, os corpos tremendo, a boca espumando de tesão, os dentes batendo. A gente se beija, se abraça, a gente se olha. É agora, lá vai, lá vai, tá indo, te amo, tá indo, maravilha, linda, tá indo, cabelo, boca, tá indo, seus olhos, sua cara, seu corpo moreno, Virgínia, Marcelo, sós na cama, no fim de tarde, cansaço, prazer, a sós, AMOR.

Fumaríamos um Minister, quietos, cúmplices de um mesmo prazer. Querendo ficar naquela posição até o fim do mundo. Tchau, Virgínia, boa viagem, menina chocolate.

Passei a tarde lendo o Gabeira, atento para não dormir. Já à noite, minha avó se foi. Nana me deu o jantar. Sopinha, carinho, arroz com carne moída, beijinho, salada sem tempero, abracinho, sobremesa, te adoro, gracinha. Falamos da vida alheia e ligamos a TV.

Tragédias do Cid Moreira e, enfim, a novela das oito, à qual, apesar de achar um saco, assistia, tentando me acostumar com minha nova vida noturna (e que vida). Era uma novela boba do Lauro César Muniz que, para o meu azar, era das piores já passadas no horário das oito. Tinha uma tal de Paloma (Dina Sfat), que dividia seu amor por dois canastrões (Chico Cuoco e Tarcísio

Meira). Única coisa de excitante na novela é que trabalhava a Lúdia Brondi, minha Lúdia.

Veroca, a heroína da noite anterior, foi minha acompanhante. Esvaziamos o quarto, esperamos dar onze horas, hora do remédio para dormir. Tomei o danado e, para minha felicidade, dormi.

A febre baixara. Já estava dominando meu sono. Não havia dores, exceto a desgraçada coceira na nuca que a Nana, já a postos, aliviava. Liberadas as visitas. Pronto, acabou o sossego. A partir das quatro horas, começou a chegar gente. Tios, tias, amigos, todos querendo me ver. Todos precisavam me ver, não sei por quê, aliás eu sei, é que agora estou com preguiça de explicar. Às seis, chegavam os da casa: Cassy, Laurinha, Ana, Gorda, Big, Bunds, Nalu, Eliana... Adoravam aquele quarto, aquele astral. Era uma festa. Cassy me disse que ficava o dia inteiro esperando chegar a hora de visitar o Marcelo. É incrível isso, o espírito de ajudar que se criou em volta de mim. Cada um querendo dar um pouco de si, e é por isso que lá era gostoso. Todo mundo gosta de ser bom, mas essa vida maluca faz as pessoas frias, duras umas com as outras. Lá não tinha nada disso, era outro lugar no universo. Diziam que sentiam inveja de minha família, que podia dormir comigo.

— Não tem problema — disse. — A partir de hoje, quem vai dormir comigo vão ser vocês.

Dito e feito. Não precisaria mais da minha mãe ou da Veroca, estava já dominando completamente a situação, e principalmente meu sono.

Laurinha foi escolhida pra primeira noite. Eu adorava a Laurinha. O barato é que ela já tinha transado com todos os meus amigos, mas comigo não. E sabíamos que nunca transaríamos. Isso facilita horrores a amizade entre um homem e uma mulher. Ninguém precisa provar nada a ninguém. Somos o que somos, sem frescura, jogação de charmes, ciúme. Além do que, conhecia essa menina há tempos. Foi ótimo. Ficamos fofocando a noite inteira, e ela ria pra burro das nossas abobrinhas (é a risada mais gostosa que conheço).

Designaram uma fisioterapeuta pra mim. Heloísa. Era uma mulher comum, legal, mãe de dois filhos.

A fisioterapia não se diferenciava em nada da que eu tinha feito na UTI. Heloísa fez o discurso, que já tinha ouvido da outra, da importância de todo o corpo estar em movimentação constante e de muito exercício nos braços, que eu já movia, embora estivessem muito fracos. Ela sugeriu, e muito bem sugerido, que todas as pessoas ficassem constantemente movimentando minhas pernas e meus braços, sempre com o cuidado de verificar se não estava dando escaras no tornozelo e no cotovelo (nas costas e na bunda não precisava, pois o colchão d'água fazia a parte dele).

Imediatamente ensinou os exercícios à Nana, à Big e à Gorda. Ela faria todo dia, antes do almoço, e os outros, antes do jantar. Se desse pra fazer antes de dormir, ótimo.

Assim foi aconselhado, assim foi feito.

Marcinha veio me ver. Estava assustadíssima, pensava que fosse um probleminha de nada. Não sabia se me beijava ou se chorava. Tentei tranquilizá-la, mas não deu. Estava indo pra Andradina, onde moravam os pais, e só voltaria depois do carnaval. Prometeu torcer pra mim e disse que depois iria me ver já em casa. Tchau.

Marcinha era minha namorada. Incrível, né. Até agora ela nem tinha aparecido na história, mas era minha namorada, dá pra entender? Nem eu. Foi o namoro mais confuso que já tive. Vou começar do princípio.

Era uma vez uma amiguinha da minha irmã, no ginásio. Loirinha, bobinha (nem tinha peito formado). Vivia lá em casa desde os treze anos (eu, com quinze). Melhor amiga da Big. Complexada, triste. Eu não largava do pé dela. Sempre enchendo o saco, tirando sarro da cara dela. E ela, me confessou depois, curti uma paixão infantil por mim (típico: gostar do irmão mais velho da amiga), jurou pra ela mesma que me faria ficar “afins” dela. E fez.

Um tempo depois, ela já mais crescadinha, fiquei vidrado. Foi na festa da Denise. No primeiro dia que dei uma bola. Ela estava de preto, com blusa de abotoar branca, sentada no sofá, e eu, no chão, pedindo, pelo amor de deus, que ela namorasse comigo. A desgraçada fazia cu-doce. Insegura, fria, dizia:

— Não sei, acho que não vai dar certo.

— Mas vamos tentar pelo menos.

— Não, eu queria ser sua amiga, mas namorar, não sei.

O engraçado é que meu primo, melhor amigo na época, também estava “hiperafins” dela, e nós brigávamos horrores. A boboca não transou nem comigo, nem com o Richard. Transou com um babacão, menino discoteque, típico boyzinho paulista. Mandamos a menina se foder, e nunca mais a vimos. Nem minha irmã, que, a esta altura, já estava virando também “bicho-grilo”. E a menina virou gatinha discoteque, careta, alienada, um tipo bem comum nos anos 70.

Mas o Brasil mudou, e a Marcinha também.

Depois de ter levado o pé na bunda da Ana, me dediquei pacas ao movimento estudantil. Comecei a transar o pessoal do Refazendo (tendência estudantil), em Campinas. Fiz campanha pra UEE, ganhamos. Vinham as eleições da UNE e os caras começaram a fazer mais ainda minha cabeça. Eu era popular na Unicamp. Conhecia todos os “bichos-grilos” e todos os “malucos” que eram politizados mas não participavam. Fui eleito presidente do Centro de Engenharia Agrícola, o que me surpreendeu. Colocar um cabeludo maconheiro no Centro é um ato de muita coragem (mais tarde, na festa do BIIN, é que descobri que a maioria dos colegas engenheiros eram maconheiros). Em troca do meu apoio à chapa (Mutirão), exigi a minha participação nos altos escalões do Refazendo. Descobri que o Refazendo não era simplesmente uma tendência do movimento estudantil. Tinha coisas obscuras por trás: uma organização de esquerda forte dos anos 70, a Ação Popular. Fiquei entusiasmado. Era barra pesada: reuniões secretas e coisas mais. (Não seja ridículo.) Não éramos terroristas, subversivos, nem fazíamos planos de um levante armado pra dar o poder às classes trabalhadoras. Eram simplesmente reuniões de discussões sobre nossa intervenção no movimento estudantil, quiçá no movimento operário. (Ahn!) A chapa Mutirão fora eleita. A luta continuava. Precisaríamos de mais reuniões para sabermos as próximas etapas. Então o cabeludo fora destacado, junto com o Rubão (diretor da UEE em Campinas), para uma reunião de cúpula na GV; em São Paulo. Fui lá. Como toda reunião, estava um saco. Não aguentava mais e desci prum bar em frente. Pedi um guaraná e achei bonitinha uma loirinha que tava no canto do balcão. Moderninha, trancinha no cabelo, toda de branco, bem loirinha. Continuei tomando meu guaraná, quando ouço bem baixinho:

— Marcelo, é você?

Era a loirinha que estava perguntando. Como ela sabia o meu nome? Mas epa, pera aí...

— Marcinha!

Fiquei realmente contentíssimo em revê-la, e surpreso com a mudança do visual. Estava bonita, com cara de menininha ainda, mas cheia de colares, pulseiras, uma roupa toda moderna, sem sutiã (adoro!). Sentamos na calçada e batemos altos papos, as últimas transas, o passado. Foi ótimo. Decidimos sair à noite, de qualquer jeito. Marcamos um ponto lá em frente ao Gazeta, voltei pra reunião certo de que pintaria uma nova transa.

À noite, comprei um copo de Coca e fiquei no meio da Paulista com a Eugênio de Lima, esperando. Ela chegou um pouco atrasada, mas veio. Estava mais linda ainda, o que me deu certeza de que iríamos transar, pois se preocupara em ficar bonita. Fomos ao cinema, e, enquanto esperávamos o início da sessão, batíamos papos ótimos. Começou o filme e não saímos do lugar. Eu tirava sarro da mudança de menininha discoteque para “bicho-grilo”. Ela estava também dando bola, curtindo Bob Marley. Falamos sobre Gil, Caetano. Sobre música. Propus continuar o papo moderninho noutro lugar, já que não íamos mesmo ver o filme. Fomos no Pereira Lopes, um bar na alameda Santos que tem mesinhas na calçada. Sentamos, pedimos cerveja e rolou mais papo. Falei da Ana, da descoberta da verdadeira relação sexual. Ela me falou do Henrique, o namorado que morava no Rio, com quem pela primeira vez estava tendo relação sexual.

Eu, já bêbado, resolvi levá-la a pé até sua casa. Fomos caminhando pela avenida Paulista e, “sem querer”, esbarramos um no outro até nossas bocas se encontrarem. Beijamos deliciosamente e aceleramos os passos até sua casa, para darmos prosseguimento à nossa excitação.

Ela morava só com as irmãs. Chegamos no apartamento. Ver se as irmãs estão dormindo. Estão. Fechar a porta da sala, ligar a luz mais fraca, colocar Bob Marley na vitrola (*Positive Vibration*), deitar no sofá e se amassar. Tiramos as camisas e encostamos o peito nu um no outro (delicioso). Pude ver seus peitinhos, que tanto quisera dois anos atrás. Pontudinhos, rosinhas. Encostei minha boca nos mamilos quentes, doces. Ficaram arrebitados quando lambi. Lindo. Ficamos de roupa (essas calças Lee são infernais, machucam) nos

esfregando até gozar. Estávamos namorando? E o tal do Henrique? Ele mora no Rio. Tudo bem. Fui pra Campinas.

Voltei dois fins de semana depois e liguei pra ela. Fomos a uma festa e, depois, pra casa do Ito dar uma bola. Fumamos e ficamos a sós deitados numa cama. Era hoje, tinha de ser, mas ela não quis. Grilada com o carioca, achava confusa a ideia de ter dois amantes para quem era totalmente inexperiente. Respeitei a vontade dela, puto. Falei então que ela ficasse com o carioca, acabasse o que tinha de acabar e, depois, quem sabe, nos encontraríamos por aí. Decidi terminar. Levei-a para casa e, na despedida, ela tristemente disse que não queria terminar, que estava em dúvida, que gostava de mim...

Não terminamos.

Fui em outra festa com a Marcinha, onde, por coincidência, estava a Ana, que me perguntou se agora eu estava atacando no jardim da infância, referindo-se à cara de criança da Marcinha (Ana e seu senso de humor ciumento). Levei-a para casa e nada de sexo novamente.

Fui pra Campinas e não voltei mais pra São Paulo, enfronhado nas minhas atividades político-ecológicas (defendendo os interesses de meus eleitores agrícolas). Conheci a Pati, amiga misteriosa da Mariúsa, amei a Pati, organizei a festa da Escola de Engenharia Agrícola pro fim do ano e BIIIIIN. Era ou não era minha namorada?

Emoção no Paraíso. O colete pro pescoço ficou finalmente pronto. Os caras foram rápidos. A ordem era: sentar o Marcelo o mais rápido possível (boa, Mangueira!). Todos no quarto. Expectativa. O médico corajoso veio orgulhoso com o aparelho nas mãos, como quem carregava um troféu. Foi aplaudido. Assistentes, residentes, enfermeiros, médicos e o grande Mangueira. A turma na geral, sem fazer barulho. Ele tinha um encaixe que dividia em dois: um na nuca e outro no peito. Um pedaço de couro duro ficava no queixo, unido com dois ferros até outro no peito. Atrás, idem. Juntavam-se as duas partes por quatro tiras de carrapicho.

— Aguenta até quando der — aconselhou-me o mestre. — No começo vai doer, mas você precisa se acostumar.

— E sentar?

— Devagarinho a gente chega lá. Primeiro se acostuma com o colete. Se der, três vezes ao dia. Depois, nós inclinaremos a cama devagarinho até sentar. Mais tarde, vem a cadeira de rodas.

Gênio. Puseram o colete e apertaram. Havia também um parafuso que, ao longo do tempo, esticaria mais ainda meu pescoço. O negócio doía horrores, apertava o queixo e a cabeça. Depois de cinco minutos, não aguentava mais. Minha cabeça parecia que ia explodir. Doía tudo. Aguentei até onde dava, mas não resisti.

— Tira!

Ah! Que alívio. Resolvemos cobrir o colete com espuma, pra ficar mais confortável. Ótimo resultado. À tarde, fiquei mais tempo com ele. À noite, mais tempo ainda.

Os dias foram passando e o ritual era o seguinte: café de hotel, papo com Chico e Santista na hora do banho, fisioterapia com Helô. Almoço, jornal com vovó e colete. Tirar uma soneca à tarde de mais ou menos uma hora, visitinhas. Fisio com Nana e Big, jantar, mais visitas e colete. Novela, fisio com quem estivesse no quarto, relaxamento da Veroca, pensar na medula, sonífero e dormir.

O maior programão, né?

A moça do café entrava mais ou menos às oito horas. Só que eu e o acompanhante, desmaiados na cama, não conseguíamos acordar. A princípio deu confusão: ela precisava tirar a bandeja meia hora depois, mas, com o meu charme e minha virtude de ser chorão, conquistei a madame. Ela entrava em silêncio, punha a bandeja devagarinho e recolhia só na hora do almoço. Eu só acordava de fato com o Chico. Ele vinha me dar banho lá pelas onze horas e, sabendo do meu sono pesado, passava no quarto quinze minutos antes, acordando-me.

Abríamos a janela do quarto, deixando entrar a luz do verão paulista, e saboreávamos a mordomia samaritana. Era a hora que mais gostava, dia novo, novidades a surgir. A janela dava simplesmente para um bosque cheio de árvores. Longe dos barulhos de trânsito, só pássaros e o som do vento atravessando as árvores.

Finalmente chegavam os lavadores de doente. Me divertia. O Chico era um mulato claro, bem bonito, que tocava tumba na banda do Banespa e estava tendo incríveis problemas no casamento. O outro era o torcedor do Santos, a maior cara de malandro. Os dois ficavam o tempo todo brigando e eu servia de voto de Minerva. Eles brincavam comigo, dizendo que eu tinha um jeito difícil de falar. Vejam só, eu, falando difícil. Nunca pensei nisso. Tenho o maior bode das palavras complicadas, fica parecendo uma coisa formal, acadêmica. Eu adoro falar gíria, palavrão, mas falar “difícil”, por essa não esperava. Tenho fases de encanar com uma palavra difícil, isso é verdade. Por exemplo: quando descobri o significado da palavra “paliativo”, fiquei entusiasmado. Usava para tudo: essa questão, colega, é paliativa. Por favor, gatinha, não me dê um beijo paliativo. No colegial havia dois jornais. Um, do pessoal mais velho (*Cinzel*), cheio de frescura, intelectualizado. O outro era o nosso (*Jornal Mural*), mais debochado, tirador de sarro. Os dois grupos eram altamente rivais, inclusive no que dizia respeito às menininhas. Eles eram mais bonitos, ricos e sábios. Nós éramos desprezados, carentes. Nós os chamávamos de “multinacionais”, pois sempre usavam roupas importadas. Um dia, veio uma carta pra redação acusando-nos de estarmos fazendo um “pseudojornal”. Assinada pelo *Cinzel*. Nem sabíamos o significado de tal vocábulo: “pseudo”. Nos informamos com o Flávio, professor de literatura. A opinião foi unânime: uma linda palavra. Na edição seguinte publicamos a tal carta com um recado agradecendo o presente de tão bonita palavra, e comunicamos que, a partir daquela edição, o jornal se chamaria *Pseudo*. Todos os artigos tinham vários “pseudo”. Eu mesmo usei “pseudo” por um bom tempo. Passamos a chamar nossos inimigos mulherengos do *Cinzel* de pseudointelectuais.

O Chico ficava pedindo conselhos pra mim sobre o que fazer com a esposa. Ele não aguentava mais a mulher.

— Mas então, por que casou?

Não soube me dizer. Precisava de alguém que tomasse conta dele, pois já tinha sido alcoólatra e tinha uma saúde péssima, sempre ficava doente. Era um caso difícil, não tinha dúvidas, mas não dava pra ajudar. Não entendia nada de casamentos.

O santista só debochava. Dizia que ia arrumar um crioulo pra tomar conta dele.

— Um pouco mais pra esquerda.

— Aí?

— Não, mais pra cima, tá quase, vai.

— Pronto?

— Aí, tô vendo, tô vendo. Que lindo, é ele mesmo.

Bola de fogo, quente, luz, bate na minha retina me cegando por instantes, mas logo a visão se acostumou e pude ver o mais belo espetáculo da Terra: o pôr do sol. Cassy pendurado na janela com um espelho e a Laurinha, em cima de mim, com outro. Pude acompanhar seu deslizar pelo poluído horizonte do Pacaembu. Havia dias que não sentia sol na minha cara, e o desgraçado se punha bem nas minhas costas. Ele brilhava vermelhantemente, e a mão trêmula e emocionada de Laurinha fazia-o tocar em todas as partes da minha face. Magnífico, cenários que todo mundo via e eu apenas sentia.

Nesse dia especial, muita coisa mudaria. Depois de quatro dias me acostumando com o colete, chegara a hora de inclinar um pouco a cama. Era incrível, mas eu estava pronto para sentar, banalidade que tanto esperava.

Meu pescoço? Ainda estava bem ruinzinho, mas a genialidade do Mangueira fez esse colete doido que, em tese, substituiria minha vértebra grogue.

— Ele está chegando — disse Edmílson, um enfermeiro que parecia o Renato Aragão.

A geral estava eufórica. Foi um zum-zum. Todos queriam ajudar a pôr o colete. Tinha que ter muito cuidado com o pescoço. Duas pessoas para erguer a cabeça e encaixar a metade do aparelho nas costas. Era difícil, ele deveria estar bem posicionado, e era eu quem comandava o encaixe. Pronto. A parte da frente era fácil, já que ficava à vista da terceira pessoa. Primeiro no queixo, depois no peito, tomando o cuidado de pôr uma toalha entre o couro e a minha pele. Pronto. Agora é só apertar o carrapicho bem forte.

Esta coisa me dificultava abrir a boca, apertava muito os dentes. Tinha que falar que nem malandro cínico, isto é, com os dentes colados. Doía muito na nuca. Depois de um tempo, começava a doer também a cabeça. Os ouvidos ficavam tapados, como se uma pessoa estivesse espremendo meu crânio. Era a hora que me dava vontade de pedir pra tirarem aquela droga, mas nesse dia, em especial, aguentei ao máximo pra não decepcionar a plateia.

Chegou o Mangureira e, como de praxe, abraçou minha mãe, olhou ao redor cumprimentando a torcida e veio me ver. Abriu o sorriso discreto, que ninguém conseguia descrever, e examinou o aparelho. Não elogiou nem criticou, aliás, eu nunca sabia se estava gostando ou não. “O que pensa esta misteriosa pessoa, com seu corpo enorme, seu olhar macio?” Minha mãe, que já estava ficando bem amiga dele, dizia que era uma pessoa muito tímida, mas de um ótimo coração.

Depois de examinar a coisa, mandou-me apertar sua mão. Não conseguia. Não movia nem um dedinho. Sentia um pouco de vergonha por não poder mostrar-lhe logo minha recuperação. Mas o braço, esse sim, melhorou bastante. E ele comprovou pedindo-me para dobrar. Consegui dobrar.

— Levanta.

E levantava.

— Mais.

Estava conseguindo, mas, quando ele ficava de pé, desabava bem na minha cara. Não tinha forças para mantê-lo esticado.

— Abre.

Abria um pouco, mas sem deixá-lo pra fora da cama. Só um pouco.

— Agora, força pra fora.

Ele pedia segurando meu antebraço. Força pra fora significava, em termos fisioterapêuticos, *supinação*, segundo me ensinara Helô. Era girar o antebraço mantendo o cotovelo na cama.

— Levante o punho.

Nada. Minha mão ficava solta, desmunhecava como as bichas da Major Sertório.

— Tente dobrar as pernas.

Força, Marcelo, força! Nada, nem um milímetro. Era estranho fazer uma bruta força e não dar nenhum resultado. Se fechasse os olhos, juraria que ela dobrava, pois assim tinha acontecido nos meus vinte anos de vida. Sabia perfeitamente como fazê-lo, mas era a perna que não ajudava. Muito estranho.

— Agora, vamos girar a manivela da cama. Claro que não vai ser hoje que você ficará noventa graus. Hoje é só um pouquinho.

Ele mesmo foi girar a manivela. Silêncio na geral, ia se bater o pênalti, decisão do campeonato. Ao meu lado ficou um cara que, pelo que li no crachá,

era fisioterapeuta, o Osório. Disse que, se me sentisse tonto, era normal, depois me acostumaria.

Deu a primeira manivelada. Tchan-tchan-tchan-tchan. Nada. Só uns barulhos de ferro. Deu outra. Nada ainda, a cama parecia estar se encaixando, como um bicho se espreguiçando antes de levantar. Terceira manivelada. Sinto uma coisa dura nas costas. Esticou o colchão, é agora... Mais uma, e sinto um tranco doido no corpo. Mais outras, agora sim, dou uma erguida. Fico tenso, com medo, posso ver a junção do teto com a parede. Estou deitado ainda e o Mangueira dá um tempinho, pergunta se está tudo bem e dá mais outra. Ergue mais, sinto a água do colchão se movimentar. Muda tudo. As costas ficam mais duras. Estou me levantando, já vejo o topo da porta. O Osório me manda respirar fundo e soltar o ar pela boca. Mais uma manivelada, incrível, fico excitado, sinto os braços caídos e mais fáceis de mover, já posso olhar algumas pessoas na minha frente. Mais uma, minha boca seca, a garganta engasga, tenho vontade de chorar, como é bom, como é bom. Vai, levanta mais, eu tô conseguindo. Na minha euforia, as vozes começam a sumir, surge um zumbido e fico surdo. No corpo, uma sensação deliciosa de formigamento, de moleza, quando apaga a visão, fecho os olhos e desmaio.

— É normal, é normal!

Acordo com o tal de Osório batendo na minha cara. Pude sentir que desmaiara por pouquíssimos segundos, pois ainda ouvia o barulho da manivela abaixando a cama. Nunca tinha desmaiado e achei delicioso. A explicação veio rápida e lógica:

— Você está há tanto tempo na posição horizontal que seu coração já se acostumou a bombear o sangue pra cabeça com menos força do que o normal.

— Mas por que fiquei surdo e cego por instantes?

— É que tinha pouco sangue no cérebro. Pouco sangue significa pouco oxigênio. O sangue não conseguia subir direito, paralisando as atividades por uns momentos. Daí, é só abaixar a cama que o sangue volta a circular normalmente na tua cabeça.

— E se me deixassem naquela posição?

— Você ficaria desmaiado e, depois de uns quinze minutos, provavelmente seu cérebro pararia.

— E depois?

— Depois você morreria.

Morreria? Que incrível! Uma banalidade dessas acabar com tudo. Já pensou se me esquecessem, fossem todos tomar um cafezinho? Emocionante: minha vida se resumiria a uns quinze minutos sentado.

— Mas aos poucos seu corpo se readaptará de novo, e você poderá ficar sentado quanto tempo quiser. Por isso que a gente tem que te levantar umas três vezes por dia, e cada vez inclinando mais a cama.

Bom esse Osório, manja das coisas.

— Mais uma etapa vencida — disse minha mãe, cada vez mais aliviada. Não gostava quando ela dizia isso. Só vou vencer quando sair daqui andando. Esse papo de etapa parece uma coisa conformista: se contentar com pouca coisa. Nada disso, a luta está começando, até agora não venci nada, quem está vencendo é essa porra desse meu destino. Mas foi bom ter sentado um pouco, não vamos desprezar as mudanças.

Acabei o livro do Gabeira. Um tesão de livro. Fiquei fã do cara. Foi dado o alarme e logo chegou o Caio, amigão, dono de uma editora, com uma pilha de livros na mão. Estava entusiasmado por fazer alguma coisa realmente boa pra alguém: dar livros. A gente já tinha conversado antes e ele sabia que eu gostava tanto de ler, que, às vezes, me pedia pra escrever umas resenhas pro jornal da editora dele (*Leia Livros*). Mas eu, como conheço a minha ignorância literária, e sabendo que escrevo mal (uma vez pichei num muro campineiro: *Pela liberdade de “Expressão” e Organização*), nem pensava em mandar qualquer coisa. Aliás, é uma sorte minha gostar de ler. Devo isso um pouco à minha mãe, que contava uma história de que varava noites lendo às escondidas, pois seu pai não gostava que ela ficasse sem dormir e censurava livros pornô, “como esse tal de Jorge Amado, que só escreve sobre putas da Bahia”. Eu fiz um colegial (Santa Cruz) que transava muito o lado intelectual dos alunos. Era uma elite que podia ter aulas de literatura, educação artística, filosofia. E todas essas matérias eram basicamente em cima de grandes obras. Não sei se foi bom

pra mim, aos catorze anos de idade, ler *Os irmãos Karamazov*, do Dostoiévski, ou *A náusea*, do Sartre. Era uma fase em que eu estava mais preocupado com sexo, drogas e rock. Mas não desprezo esse curriculum pra adolescente. Aliás, é bem interessante o modo como iam sendo dados os livros. No primeiro ano, só literatura brasileira, de preferência a moderna: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge Amado, Graciliano, Mário Palmério...

No segundo ano, vieram os clássicos da filosofia moderna. Começamos por Sartre e suas náuseas existencialíssimas. Terrível, capaz de desestruturar qualquer adolescente frágil como eu. Percorremos Kafka e seus processos absurdos de vida. Da desestruturação, passamos a ser adolescentes surpresos com a vida sem lógica. Daí fomos para Tolstói e seus dramalhões de coletividade (países e famílias). Bem, não é a vida que não tem lógica, mas as suas instituições. Para terminar, uma cartilha cristã de um tal de Munie sei lá do quê, ridícula, exaltando o cristianismo como resposta pras nossas dúvidas.

Só aí entendi aonde os padres (em especial o padre Charboneau) queriam chegar. Uma tremenda doutrinação para ganhar novos adeptos do cristianismo. Primeiro, destrói com Sartre. Depois, vai montando os pedacinhos com doses divinas do Senhor. Alguns otários caíram nessa e, já no terceiro ano, fizeram acampamentos religiosos, encontros, missas. Não sei se algum virou padre ou freira, mas acho que não. Burguesia não entra nessa. A maioria ficou indiferente, como toda “maioria”. Eu e alguns colegas entramos em parafuso. Piramos. Crises existenciais típicas. Fazíamos laboratórios experimentais (transar o corpo). Comecei a compor músicas altamente introspectivas, que falavam da podridão e do falso sentir de cada um. Da farsa, da vida inútil. Mais tarde, desencanei disso tudo e virei surfista.

Estava ficando cada vez mais convencido de que, realmente, teria que levar a sério esse papo de fisioterapia. Logo após ter sentado um pouco, deu um clique no meu corpo e as coisas começaram a reagir melhor. Não sei se foi um fator psicológico qualquer, ou então aquela desmaiada, o coração tentando vencer a força que o sangue precisava pra subir à cabeça, tudo isso me deu mais disposição.

No dia seguinte, após a “pseudossentada”, fazendo os exercícios de praxe com a Helô, descobrimos que o pulso estava dando sinal de vida. Ela mandava erguer, eu estava ajudando um pouco.

Formidável.

Sensacional. O braço estava muito fraco ainda, dependia dos exercícios, mas as mãos, quem sabe já não poderia estar tocando a *Bachiana n.º 4* do Villa-Lobos, ou, pelo menos, “Asa branca” do Luís Gonzaga. Foi meu primeiro movimento novo, de fato. A lesão estava descendo, e aí logo eu estaria dançando um rock com a Nana (minha parceira preferida).

“Unidos do Paraíso pedem passagem para apresentar o seu samba-enredo de 1980:

*Paralisia vai-se embora, ô ô
Minhas pernas vêm chegando, ê ê
E vou sair daqui sambando
Vestido de senhora, ô ô
Mexe um pouco aqui, rebola ali
Dentro em breve, dentro em breve
Vou a pé até Jundiaí.”*

É isso aí, moçada. O punho já é meu, agora é só esperar e fazer muita fisioterapia. Eu estava em êxtase, não tinha havido secção da medula. Era a prova mais precisa. Ela estava inteira, agora era esperar e saber se a lesão tinha sido profunda ou superficial.

Imediatamente após a notícia, dei uma sentada com o colete de ferro. Já estava atingindo uns trinta graus, o suficiente pra ler o jornal sem os óculos-prisma. Enxergava a porta, a televisão e minha avó sentada numa poltrona de madeira. Tudo parecia longe, o quarto uma imensidão. Fiquei o tempo todo mexendo o pulso, fazendo força.

Eu tinha a possibilidade de examinar direito meu corpo. Erguia o lençol com o braço fraco, e via como estava branco e magro. Nunca estivera assim tão esquelético, sempre fui meio fortinho (fofinho, pra não dizer gordinho), as banhas do Rubens Paiva agora tinham me abandonado. Dava pra ver os ossos por trás de uma carne azulada. Forçando um pouco o olho, pude ver as perebas

que tinham se formado no meu peito. Espinhas com pelotinhas brancas de pus.

Levantando a calça do pijama, via também a tal sonda no meu pobre pênis. Era maior do que eu imaginava. Uma borracha alaranjada, grossa, que rasgava minha uretra de encontro à bexiga. Coitado do meu pinto. Fiquei acariciando, mas logo parei, vendo que ele endurecia. Parei porque fiquei preocupado, pois, endurecendo, a sonda apertaria mais ainda a uretra. Porém, fiquei orgulhoso de vê-lo firme, vivo.

Quem diria, hein, Marcelo, você, que se orgulhava tanto do seu corpo! Agora eu tinha um corpo feio, paralisado. Não causaria tesão nem a um pernilongo.

Eu era um cara supervaidoso, me olhava no espelho e tinha a certeza de que era lindo. Besteira minha, pelo que as minhas amigas falavam, não era lindo nem bonito, digamos que bonitinho. Frustrante, queria ser lindo, maravilhoso, mas era apenas bonitinho. Em compensação, tinha uma qualidade que poucos homens têm: um sorriso bonito e um olhar profundo. O olhar, eu já tinha sacado. Sou o tipo de pessoa que adora olhar bem no fundo, inclusive inibindo muita gente. Presto muita atenção nas coisas e nas histórias de cada pessoa, por isso olho bem no olho, pra sacar as reações e sentir as emoções. Odeio aquelas pessoas que falam olhando pros lados, parece-me um desprezo bobo, uma falta de atenção egoísta. E esse tal sorriso? Sei lá o que é ter um sorriso bonito! Meus dentes são hiperamarelados de nicotina, e tenho uma boca pequena, mas depois que a Ana me disse que foi meu sorriso que a ganhou, não entendi mais nada. Beleza, eu não entendo de beleza. Fico atraído por algumas mulheres, mas, se são belas, eu não sei. Pensava que eu era belo, mas era apenas belinho. Bundudo e barrigudo, me chamavam de gostosinho (engraçado isso, a mulher não fala gostoso, mas fala *gostosinho*).

Agora, todo esse meu orgulho de belinho, olhinho e sorriso foi por água abaixo. Fiquei feio, estupidamente feio. Esquelético, espinhudo, paralisado, branquela, olheiras, caspas, careca e com uma porra no meu pinto do tamanho de uma mangueira. É, Marcelo, que tal ser um feioso agora? Você que teve tanta sorte com mulheres na vida, agora está perdido no mundo. Sorte nas mulheres, azar na vida. Quem sabe, a partir de agora, eu, feioso o bastante para

ter azar com as mulheres, não terei sorte na vida... porque mais azar do que esse...

Azar ou não, tenho que concordar que as coisas estão melhorando. Estou quase sentando, ganhei pulso e fiquei mais forte.

Um dia, sentado a uns quarenta graus, um monte de gente no quarto, a Nana escovava meus dentes com todos os apetrechos exagerados. Enquanto ela estava distraída, eu puxei com toda força meu braço, fiz com que caísse da cama, dei a volta, impulsionei pra trás dela e *pimba!* Coloquei minha mão na bunda dela. Assustada, ela olhou em volta, não viu ninguém próximo, olhou pra mim e deu uma gargalhada deliciosa. Antes do acidente, eu tinha mania de colocar minha mão na bunda dela e dar um tapinha. Agora, recuperando minhas forças, recuperara também minhas vontades. Fiquei com a mãozinha naquela coisa fofa. Não sentia direito a mão, nem mexia os dedos, mas dava pra curtir aquela carnhinha macia.

Sempre fui um bundomaníaco, não só pelas dos outros como pela minha. Tenho um certo orgulho da minha bundona branca. Uma vez, voltando de Ubatuba com o Cabeção, topamos com um desses neuróticos de estrada que encanou com a gente e ficou dando farol alto. Já estava enchendo o saco e eu não tive dúvidas: pulei pro banco de trás e mostrei a bunda. O cara sossegou. Tá vendo que bunda útil? Não só útil, mas conhecida pela Unicamp inteira. O Guilherme estava fazendo um filme sobre a Unicamp e, um dia, me pegou de cueca, colocando uma faixa para a chapa Mutirão no monumento do laguinho do básico (uma construção ridícula feita pelo Zeferino Vaz que a gente chamava de Pintão do Zeferino Vaz Toma no...). Quando eu vi que ele filmava, abaixei a cueca e mostrei o bumbum. Não é que a câmera tinha um tremendo zoom e focalizou direitinho a minha danada? O filme foi visto por toda a Unicamp, e meu bumbum também.

Na rua em que eu morava, em Campinas, tinha uma turminha em torno dos catorze anos que era apaixonada pela Nana. Um dia, eu estava passando com ela, e os moleques começaram a assobiar e mexer com ela. Como eu acho besteira esse negócio de tirar satisfação tipo “mulher minha, ninguém põe a mão”, deixei barato e abaixei a calça mostrando a já falada pros caras. Foi uma

tremenda vaia. Nos outros dias, sempre que passava pelos moleques, eles ficavam gritando:

— Mostra! Mostra!

Aí, não só na Unicamp, mas naquela rua também todos conheciam o meu bumbum.

O barato é que eu não sabia que as mulheres (nem todas) também curtem uma bundinha de homem. Estava andando eu, o Cassy, a Mariúsa e a Helô. Pela intimidade que eu tinha com as meninas com quem eu morava, nunca escondia o tesão que sentia por algumas transeuntes. E eu e o Cassy sempre mexíamos com as mulheres e falávamos:

— Elas são nossas irmãs, não é namorada não — referindo-se às duas que passeavam com a gente.

Mas, de repente, passou um garotão pop no sentido oposto e imediatamente as duas, como num gesto de rotina, olharam para a sua bunda. Foi aquela gozação.

Daí que eu comecei a sacar que mulher também olha pra bunda de homem.

Mas bunda é algo altamente bonito. Bonito e simpático. Tirando o lado sensual, bunda sempre soa como algo pejorativo, engraçado. Até a palavra é gostosa de falar: BUNDA. Tem que inchar bem a bochecha no B, e no U, fazer um biquinho: BUNDA. Uma vez eu tava vendo pela televisão uma passeata na França. Era um grupo protestando contra as instalações de usinas atômicas e, de repente, todos em fila, de costas pra câmera, abaixaram as calças e mostraram o bumbum. Não tem nada a ver com usinas atômicas, mas dá um toque engraçado na passeata.

Falando tanto em bumbum, o Amaral trouxe uma revista de mulher pelada. No pôster, tinha uma loira deitada numa cama com o bumbum pra fora. Não tivemos dúvidas, o cara colou o pôster bem em cima da porta. Não foi pra me excitar, muito menos pra chocar. Simplesmente era uma maneira de deixar aquele quarto de hospital mais leve.

Os médicos olhavam e achavam graça. As minhas tias não falavam nada, mas quem gostou mesmo foram os meus enfermeiros, o Chico e o Santista.

— Mas que bundinha gostosa.

A mulher estava de barriga pra baixo, com a bundinha arrebitada, olhando pra cima, tentando fazer uma cara de tesão, mas dava pra notar que era falsa.

Nunca me excitei com esse tipo de revista. Às vezes compro uma só pela curiosidade de ver uma cara famosa, uma artista da Globo sem roupa: Sônia Braga, Vera Fisher.

No meu tempo de moleque é que seria bom essas revistas, mas não tinha. Era a época da censura brava. Vez ou outra saía uma foto de um seio naquela revista *Pais e Filhos*, mas geralmente em matérias referentes a câncer no seio ou amamentação infantil. Mas erotismo mesmo, nada. Então era aquele mistério, como será que é um corpo de mulher? A vagina? Será que é um buraquinho? Lembro-me até hoje da surpresa que eu tive quando descobri que a mulher tinha três buracos.

Você vê que essa moralidade, esse pudor é altamente prejudicial pra qualquer pessoa. Seria melhor se, quando moleque, descobrindo os prazeres do sexo, eu tivesse uma educação sexual pra não ter que aprender com as prostitutas da vida que a mulher — minha mãe, minhas irmãs, minha futura companheira — tem um buraco que é a vagina e outro que é a uretra. Chocante.

Falando tanto em sexo, lembrei-me que já fazia três meses que não tinha nenhuma relação. Uns dez dias antes do acidente, foi a última vez que estive com uma mulher. Era uma estudante de Arquitetura de Mogi que estava em Campinas num encontro de estudantes. Foi numa época agitadíssima na Unicamp. Os estudantes, em protesto contra a omissão da universidade com relação às moradias estudantis, resolveram acampar bem em frente ao restaurante. A adesão foi maciça. De um dia pro outro, todos de barracas instaladas, o que acabou tornando o protesto uma verdadeira festa. Era divertidíssimo, todos começaram a assistir aulas de pijama, escovando os dentes, com travesseiros. Fizemos inclusive uma passeata até a reitoria, e, com a recusa do reitor em nos receber, deitamos todos no corredor em frente à sua sala e simulamos uma soneca, roncando, assobiando, espreguiçando.

Foi tamanho o sucesso da manifestação que, uma semana depois, os alunos da USP fizeram uma também. E como ia ter um congresso de estudantes de Arquitetura promovido pela PUC de Campinas, convidamos esses estudantes para participarem de nosso acampamento. Adesão total. Foi aí que conheci essa

menina. Eu e o Cassy fomos dar um show, à noite, para os acampantes, e reparei nas olhadas que ela dava pra mim. Aí, não tive dúvidas, usei a minha tática mais suja. Fiquei cantando “se você quer ser minha namorada...”, olhando pra ela. Quando já não tinha quase ninguém, e o show virara uma rodinha no gramado, ela ficou bem ao meu lado. Daí passei o violão pra outra pessoa e deitei com a cabeça na perna dela (outra tática infalível). Pronto, depois de uma conversa, nos deitamos numa rede e ficamos à vontade. Mais tarde, fomos pra barraca da Mariúsa, que eu sabia que não tinha ninguém. Quando acordei na manhã seguinte, ela não estava. Procurei pela PUC, mas não achei. Incrível, às vezes eu não entendo o que se passa na cabeça das mulheres, e eu que nem soube o seu nome.

Já faz três meses, e posso dizer que não estou na menor ansiedade. Aliás, acho que é normal, na situação louca em que me encontro. Não tenho tempo de pensar em sexo. Nem tempo, nem cabeça.

A noite passada foi a Ana quem dormiu na cama do lado. Já tinha dormido a Nana, a Gureti, a Laurinha, a Gorda. Só faltava ela, a danada. Desde quando nossa transa acabou, não tinha ficado a sós com ela. Nos encontrávamos esporadicamente, e eu, com meu orgulho infantil, sempre procurava evitá-la. Mas, a partir do acidente, ela tava sendo hiperjoia. Vinha me ver quase todos os dias e me transmitia um tremendo carinho. Só vendo como sou infantil: só porque ela não queria mais transar comigo, eu ficava surpreso em vê-la preocupada com meu estado.

Ela que insistiu em ser minha acompanhante naquela noite. Achei ótimo, mesmo temeroso. Um detalhe curioso é que nesse dia em especial todo mundo saiu um pouco mais cedo. Eram umas oito horas, eu estava ainda sentado de aparelho (minha sentada noturna), quando aos poucos todo mundo foi saindo. Isso pra mim cheirou a coisa da Veroca. Com seu dom psicologuês, deve ter falado:

— Vamos deixar os dois a sós.

Como todos tinham conhecimento da minha paixão pela Ana e de nosso final de namoro esquisito, acataram a ordem da Veroca.

Ela fechou a porta, caminhando pra minha cama, sentou na beirada e ficamos, a princípio, sem graça. Mas logo ela iniciou um papo qualquer (a Ana

é boa de papo, sempre consegue enfrentar situações embaraçosas com uma conversa fiada).

Eu falava uma ou duas coisas, mas sempre com a bochecha dura (não por causa do colete, mas por estar sem graça mesmo). Pior: quando percebi isso, fiquei mais falso ainda. Não era aquilo que queria falar, era sobre nós. Uma coisa importantíssima pra mim era saber se ela tinha gostado de mim. Sabe que, quando você gosta de uma pessoa que você acha maravilhosa, você transa com ela e depois ela não quer mais, você acaba se achando um tremendo bosta e faz uma grande confusão na cabeça. Você elege uma mulher como modelo de perfeição e, se for incapaz de seduzi-la eternamente, você não é perfeito. E se a transa acaba de um dia pro outro, sem mais nenhuma explicação, nenhum dado, você se sente não só um imperfeito, como um fracassado.

Não falamos de amor. Falamos de sexo. Rimos de nossas transadas em banheiros de amigos, em redes de capim, no hall da casa dela, na praia. Falamos da gravidez, dos orgasmos que tínhamos (nunca tive tão intensos com outra mulher).

Não falamos de amor. É porque é difícil acreditar que eu tenha realmente amado aos dezenove anos de idade. Mas não sei, pra mim amor é aquela relação doida que se vê em filme americano da década de 50. Ou não: pode ser a sensação gostosa que eu sentia quando estava com ela.

É uma palavra vaga na minha cabeça. Por isso, não falamos de amor. E acho que nunca falaremos.

Frustrante não conseguir falar de amor. É o motor básico das relações humanas. É a vida, é a paz.

Mais à noite, depois de uma conversa muito carinhosa, chamamos os enfermeiros e tiramos o meu colete. Estava deitado agora e ela tirou a roupa na minha frente e vestiu uma camisola azul. Tinha saudade daquele corpo bonito, mas não estava com a menor ansiedade sexual. Sabia que era uma questão de tempo.

Tomei o remédio pra dormir, ela me deu um beijinho bem gostoso na boca e cochichou no meu ouvido:

— Você não imagina como é difícil pra mim dormir no mesmo quarto que você e não poder transar.

Apagou a luz e foi se deitar na cama ao lado. Imediatamente ficou quieta, provavelmente dormindo pesado, deixando-me ali, com aquela frase na cabeça.

Incrível essa menina. Minha cabeça ingênua não entende essa mentalidade. Ela deu um tremendo pé na minha bunda e agora veio me falar de não poder transar. Eu sou muito bobo mesmo. Racionalizo demais o sentimento humano. Por que pensar que ela me odeia? Por que a odiar? Nós nos gostamos, e até nos sentimos atraídos. Foi boa aquela época. Sofri por problemas meus, mas não que ela tenha me feito sofrer propositadamente. Foi o meu orgulho, meu ciúme, minha insegurança.

Ainda gosto dessa menina, e me frustra não ter conseguido falar de amor. O moral dela subiu mais ainda no meu conceito. Ela conseguia falar, ela se sentia atraída por mim. Eu só mantinha a bochecha dura, a palavra presa na garganta.

Ela dormia pesadamente. Demorei pra dormir. Aquela frase não saía da minha cabeça. O silêncio do quarto parecia me deixar só. Ao longe, ouvia o barulho do caminhão de lixo. Sacos caindo, o motor, latas batendo em latas, lixeiros falando alto. Comida velha misturada em sacos plásticos. E o caminhão foi-se embora, o barulho sumiu, o silêncio me deu sono e eu não consegui falar de amor. Frustrante.

Fisioterapeuta novo, vida nova. Helô entrara de férias e designou o Osório, aquele que entendia de tudo. Era um cara casado, de uns trinta anos, cabelo pastinha, bem amassado, repartido pro lado. Devia usar Gumex. Entrou todo de branco (não entendo o porquê do branco), e começamos a trabalhar. Eram os mesmos exercícios da Helô, só que ele pegava mais duro, com mais firmeza. Fazia os movimentos com um ritmo incrível. A Helô fazia dez de cada um, e contando em voz alta. Ele fazia quinze, sem contar. Parece que já sabia quando terminava. Era mais rápido e mais animado. Tinha uns óculos grossos, desses bem caretas. Mineiro, tinha feito estágio de um ano em Luxemburgo (Uau! Chique, né?).

Mas, de repente, perdeu o ritmo. Deu uma engasgada e parou. Foi aí que percebi que estava olhando pro pôster em cima da porta. Fez uma tremenda cara de tarado, e me falou, sem graça:

— Mas que peitinho, né?

— É, pois é...

— Essa posição é uma delícia... Pega por trás assim e ó... Que cortada, hein, mineirão? E a seriedade?

Mas daí voltou a fazer os movimentos, como se fosse outra pessoa que tivesse feito aquele comentário idiota.

Pareceu até que eu estava bem mais forte, tamanho o ânimo do cara. Em seguida, começou a falar do tratamento, e que faltava pouco para sentar numa cadeira de rodas, e até usáramos a prancha.

— Que é prancha?

— É uma tábua reclinável onde a gente te amarra e você fica de pé.

Que doido, mal tô sentando e o outro já quer me pôr de pé. Eta homem corajoso!

Quando ele estava saindo, entrou a Nana pela porta, dando um esbarrão. Daí o Osório se transformou de novo no monstro tarado. Olhou bem pro corpo dela, com o queixo pra frente, respirando fundo, e arregalou os olhos balançando a cabeça. Depois, caiu na real e foi embora profissionalmente.

Só então reparei que estava pregado, devido ao esforço. O cara era tão mecânico e eficiente que na hora nem reparei que já passara do tempo e estava com os músculos doendo. Ele apertava bem meu braço, mas não doía, simplesmente me ajudava a fazer mais força. Parabéns, Osório, entraste no hall das pessoas conceituadas...

Visitinhas políticas.

Chegou um telegrama do Leonel Brizola dizendo que iria me visitar. Que coisa. Nunca vira o Brizola na minha vida. Ele tinha acabado de chegar no país, beneficiado pela anistia, e devia estar fazendo contatos políticos. Mas quem sou eu para ser um contato político? Ah, sim, me lembrei, sou o filho do Rubens Paiva, e meu pai tinha sido deputado pelo PTB, partido do Brizola (obs.: PTB antes de 64...). “Digamos que é um gesto simpático, mas acho que ele não sabe que eu apoio o PT; e a família inteira também. Se quiser gente para seu partido (que acabou culminando no PDT), aqui ele não vai encontrar ninguém. Somos todos petistas roxos.”

Não veio o Brizola, mas sim sua mulher. Uma simpática e bonita senhora: loira (não sabia que existiam gaúchos loiros). Tinha um monte de gente e ninguém conseguia disfarçar a situação sem graça. Mulher do Brizola, que abobrinha... Quando ela entrou no quarto, logo fui dizendo:

— Não adianta não, que aqui todo mundo é do PT.

Que idiota eu fui, só piorou o constrangimento geral. Mas não falei por maldade, só queria deixá-la mais à vontade. Imediatamente ela falou:

— Eu vim aqui só pra fazer uma visitinha, não vim falar de política.

Saiu-se maravilhosamente bem. Gostei da mulher. Além do mais, ela trouxera um quindim sensacional (não sabia que quindim era gaúcho).

Ficou por pouco tempo. Pena, devia ser uma pessoa legal. Um dia ainda reencontro a senhora abobrinha Brizola, que é uma simpática e bonita senhora.

Véspera de carnaval. Os dias estão um pouco mais introvertidos. Diminui a frequência de visitas e pude dar uma sossegada maior na cabeça. Nana e Big foram pra Recife passar uns dez dias. Mereciam, coitadas, não desgrudaram de mim nesses dois meses de hospitais. Pela felicidade delas, eu tava querendo que viajassem, mas tinha medo de me sentir sozinho, tamanha a dependência de afeto que tinha com essas duas. A Gorda foi pro sítio dela em Amparo, me dando o mesmo medo. Cassy, Ana, Matheus, Milu e Richard foram pra Eldorado. Laurinha, pra Itanhaém. Veroca e Bunds, pra Ubatuba. Eliana e Nalu também se foram. Não havia mais aquela turminha. Só a minha avó, *vècchia stùpida*, passava agora as tardes comigo. Mais à noite, uma ou duas visitinhas.

Isso fez com que eu arrumasse um programa joíssimo para as tardes. Após o almoço, tirava a sonequinha de praxe, de mais ou menos uma hora, lia o jornal com os óculos doidos e chamava os enfermeiros.

Punha o colete e ia inclinando a cama. Estava já em uns cinquenta graus. Não era sentado, mas já dava uma visão ampla.

Pedia pra Vècchia abrir a porta do quarto e ficava admirando. O banheiro ao lado e os hóspedes daquele corredor me proporcionavam uma bela visão. Não dava pra ver nada além do corredor e da porta fechada do quarto em

frente. Uma perfeita tela de televisão, com um enquadramento um pouco maior e um plano de fundo monótono.

“Desfilando pela passarela, velho que sofreu uma cirurgia no intestino. Altura, 1 e 65 metro, peso, setenta e dois quilos, busto, não tem, intestino, podre, situação de vida, péssima, estado emocional, tedioso, que nem eu.”

Ele passava lentamente, com cara de sofrido. Corcunda, arrastando os pés e um pijama bem velho. Passava e me olhava com a mesma cara de curioso que eu deveria estar. Não nos falamos, nem nos acenamos. Mas guardamos aquela visão, sabendo que era raro o momento em que víamos coisas e pessoas.

Como é bom ver, muito melhor que o livro do Gabeira. Estava assistindo a cenas de um filme sádico, e por isso divertido.

“Desfilando pela passarela, menino que amputou a perna por algum motivo desconhecido. Altura 1 e 12 metro, peso, cinquenta e sete quilos, busto, não tem (era uma ala masculina), perna, no lixo, situação de vida, preta (era preto), estado emocional, infantil. Sorridente e simpático.”

Cumprimentou-me. Não me olhou tão intensamente, mas fez cara de quem queria ser meu amigo. Ele carregava nas mãos um saquinho cheio de urina. Achei meio nojento aquele líquido amarelado e espumante. Só então me lembrei que estava pendurado na minha cama um idêntico.

Na volta, simulou uma entrada, mas, apesar dos meus olhares convidativos e da atenção da minha avó, preferiu ficar na porta.

— Você vai ficar bom?

— Claro que vou — respondi.

— Legal, eu também. Daqui a uma semana eu vou pra casa. E você?

— Não sei, os médicos ainda não me disseram.

— Você tá doente?

— É, eu me machuquei e não posso mexer as pernas. Por isso tenho que ficar deitado — não ia começar a explicar que tivera uma lesão medular na quinta cervical, com fratura na vértebra, que o moleque não ia entender nada.

— Ah, mas se deus quiser, você fica bom logo. Quer que eu reze por você?

— Eu quero.

— Então vou rezar. Tchau.

Eta povinho brasileiro, católico pacas.

Eu adoro crianças. Tudo simples, sem muitas perguntas, e sacando um montão de coisas que nós, adultos, nem reparamos (ou temos vergonha de reparar). Criança não tem vergonha de mostrar que é carente, que precisa de carinhos, se preocupa mais com os outros, principalmente se for doente. Numa boa, sem fazer cara de drama, sem sentimentalismo barato.

“Desfilando pela passarela...”

CORTA

Engano, era a moça da copa trazendo o carrinho com o lanche da tarde. Pão com manteiga (às vezes, bolo) e café com leite. Colocou meu prato no criado-mudo e foi abrir a porta do outro quarto. Foi então que pude ver meu vizinho. Um cara de uns trinta anos, magérrimo, cabelo todo despenteado. Ele estava de pé, não parecia ser do time dos estropiados. Nada de saquinhos de urina, nada de soro, nenhum gesso. Estava com uma cara horrível, como se tivesse visto um fantasma. Olhou assustadíssimo o prato e pulou na cama cobrindo a cabeça com um travesseiro. A moça deixou o prato e fechou a porta. Perguntei o que é que ele tinha. Ela girou o dedo ao redor da cabeça como quem diz que o cara é doente da cabeça.

“Desfilando na passarela, mulato, uns trinta anos, aspecto imundo...”

Que barato o cara com um caninho de soro no braço, e andava carregando o pedestal onde ficava a garrafinha. Lembrei-me de que usara esse soro num pedestal parecido, mas não dava pra sair por aí carregando. Realmente, se o cara tem que ir ao banheiro e não pode tirar aquilo da veia, por que não sair carregando? Parecia um cachorrinho de estimação sendo levado por seu dono por uma coleira.

Na minha porta, ele descansou o pedestal no chão, olhou-me curiosamente. Nenhum cumprimento, nenhum aceno. Pegou o treco de novo e saiu.

Na volta, fez o mesmo (todo mundo que ia, tinha que voltar, óbvio). Mas dessa vez deu um sorriso e mandou um tchauzinho. Pronto. Estava fazendo novas amizades neste mundinho cão que se chama hospital, cenário das podridões de uma sociedade que se diz civilizada. Está presente aí a marginália, que de jeito nenhum pode pôr a cara na rua. Cure-se, meu filho, depois volte, é

pro seu bem, estamos tentando prolongar um pouco mais a sua vida. Tentamos substituir sua perna, que foi pro esgoto, curar seu intestino pra você cagar melhor, isolar você, se sua cabeça for meio doidinha.

O hospital é a droga da sociedade, o carro-chefe da segurança, das ilusões. Pode pôr sua vida em risco, que ele garante. Estropeie-se, que não estará sozinho. Com o pouco que você sofre em nossas mãos, e alguma paciência, estará pronto para viver novamente entre os filhos do senhor, compartilhar com eles o sofrimento de uma vida cheia de buscas e riscos.

É, meu caro, você me fará companhia um dia. Seu corpo se compõe das mesmas substâncias que o meu. Somos filhos de um mesmo tipo de célula. Mas não seja tão imbecil a ponto de mergulhar num lago, bêbado e chapado, sem antes conhecer a sua fundura.

Confetes, batucadas, serpentinas
ÊÊÊÊÊ, carnaval no país do futebol
Samba, mulher pelada
Bum bum paticumbum
A moda esse ano é topless
ÊÊÊÊÊ, todo mundo de peitinho de fora
Abertura chegou pro carnaval
A estrela-d'alva, no céu desponta...
Amélia que era mulher de verdade (era uma trouxa)
Amélia não tinha a menor vaidade (pros machistas)
Mamãe, eu quero
Mamãe, eu quero... SAIR DAQUI!!!

— Mais um tempinho ainda, o Mangueira me disse que em menos de um mês você vai pra casa.

— Mas o problema não é ir pra casa. Eu quero andar, pular, sair correndo, ficar sozinho, viajar.

— Mas eu não posso fazer nada, filhinho...

Coitada da minha mãe, sempre quando vinha com esse “não posso fazer nada”, fazia uma cara de sentimento de culpa. Mãe, não foi sua culpa. Estou assim por cagada própria.

Recordar é viver, eu ontem sonhei com você

Quantas vezes eu penso em voltar no tempo para segundos antes de me atirar naquele lago. Mas tudo bem. Paciência é a prova dos nove. Procure pensar em daqui a um ano. Estarei fora dessa, numa boa.

Ô lê lê, ô lá lá, pega no ganzê, pega no ganzá

Nunca fui muito de carnaval, apesar de ser flamenguista e batucar muito bem. Não curto muito essa euforia de quatro dias. Sair agarrando todo mundo, jogar água em carros, ficar procurando mulher no salão, beber até vomitar. Tirar a roupa, suar, cantar essas músicas da década passada.

Olha a cabeleira do Zezé, será que ele é, será que ele é...

Nada a ver. O Carca tava me contando que passou o último carnaval em São Paulo, a fim de um sossego. Foi dar uma volta no Pico do Jaraguá. Sentado numa pedra, olhando pra vista, enquanto, por trás, passavam corsos e mais corsos de carros jogando ovo podre, água, tomate, xingando, gemendo. Velhas, crianças, pais e filhos. Ele se encheu e foi andando pela estrada pra voltar pra casa, quando voa uma garrafa de cerveja e se espedaça nos seus pés. Aí, pensou em revidar, e passa outro carro e atira um monte de pedras.

Chocante.

Neurose no País do Carnaval.

Claro que tem gente que leva o carnaval numa boa, principalmente quem é batuqueiro, passista de escola de samba, neguinho com ginga nos pés, turista americano, dono de hotel carioca, políticos da situação.

Samba, praia e futebol dão charme pra esse país com fome, doença e repressão.

Meus carnavais sempre foram longe dos carnavais. Acampar em praias desertas, pegar onda, ir pra Mauá, Búzios. Mas no último carnaval assumi minha brasilidade: fui pra São João da Boa Vista e desfilei na avenida. Os caras

que eu conhecia de lá fizeram um bloco (*Um Dois Feijão com Arroz*) e me convidaram pra participar.

Era o Bloco da Abertura. Na frente, iam dois sacos enormes levados por alguns burgueses, e, atrás de uns guardas, ia mais gente tipo estudante, dona de casa, operário. Eu não tinha muito a ver com a história, mas saí mesmo assim, realizando um grande desejo da minha vida: saí de prostituta.

Coloquei uma minissaia vermelha e um *collant* preto. Nas pernas, uma meia preta. Bem maquiado, cabelo comprido, garanto que deixei muita gente na dúvida.

Sáímos atrás de uma escola de samba da cidade. Sentia-me a própria vedete. Todo mundo assobiava pra mim. Aproveitei e entrei na dança. Ficava mandando beijinhos, cantava os guardinhas que protegiam a avenida. Levei até uma lata de cerveja na cabeça, provavelmente de alguma senhora com ciúme de mim, pois mandava beijinhos pra todos os homens da avenida.

Ainda na volta pra São Paulo, ouvi pelo rádio do carro a proclamação do bloco vencedor: em primeiro lugar, o bloco *Um Dois Feijão com Arroz*.

Era óbvio o resultado, a prefeitura de São João era do MDB, sendo que o prefeito (Nelsinho) era amigo nosso. Ganhamos um troféu que nunca vi e a glória de, mais uma vez, a classe média passar por cima dos sambistas, pela virtude intelectual (que porra!).

Carnaval em hospital significa outra coisa: ausência de médicos e fisioterapeutas, enfermeiros irritados por terem que fazer plantão, silêncio no corredor.

A pressão não subiu, a temperatura ficou nos 36,5, urina clara, evacuação normal, pernas sem dar sinal de vida e, pela porta do meu quarto, entrou uma visita especial.

Um encanto de menina. Maíta, que estudou comigo no Santa Cruz e agora fazia Psicologia na USP. Uma graça. Foi a primeira amiga mulher que tive na minha volta a São Paulo, em 74. Lembrei-me que tanto eu quanto ela não conhecíamos muita gente na escola, e ficávamos juntos no recreio, até que descobri que o caminho que ela fazia de volta pra casa era o mesmo que o meu,

com uma diferença: eu ia de ônibus, e a mãe dela a buscava. Comecei a pegar carona no velho e simpático Aero Willys da família Maíta.

Lembro-me bem da solidão no colégio, e nós brincávamos que íamos roubar aquele Aero Willys e fugir juntos.

Agora, tinha vindo passar o carnaval comigo (não é uma graça?) e me trouxera até um livro de contos com o nome dela e a seguinte dedicatória:

“Marcelo, de nós todos pra você, com um beijo especial de cada um.”

Logo depois veio a filha do meu dentista, também passando o carnaval em São Paulo. Trouxe dezenas de revistinhas da *Mafalda* e do *Snoopy* pra mim. Veio também o Carca, outro amigo do Santa Cruz (aquele do carnaval neurótico).

Estava formado o bloco carnavalesco dos que não gostavam de carnaval. Foram quatro dias de muito papo. Cada um chegava mais ou menos às duas da tarde e saía lá pelas 11 da noite. Um tremendo coleguismo ao meu redor, de gente que me curtia e tava a fim de ficar ali abobrinhando.

Com cada um eu tinha uma relação especial, mas, juntos, éramos um só. Uma quadra de ases rindo dos palhaços, confetes e serpentinas.

O Carca, em especial, eu curto muito. Nesse colégio burguês onde estudamos, existia por parte dos alunos uma tremenda discriminação em relação aos caras que não tinham feito o ginásio ali ou que não usavam tênis All Star (como eu e o Carca). Era uma panelinha que me chocava, pois, em todos os colégios por onde passara, sempre me dera hiperbem com todos, desde a diretora até a gangue da marginália (aquela que põe bombinha de São João no banheiro, fazendo a privada voar longe).

De repente, morava em São Paulo, de onde saía quando tinha seis anos, sem conhecer muita gente e me sentindo só no colégio, discriminado por uma panelinha de burgueses. Passei um ano e meio triste e com uma puta raiva dos caras.

Comecei a ensinar violão pro Carca. Eu já estava tocando bem, tinha passado pra Villa-Lobos. E a técnica e conhecimento teórico adquiridos no conservatório haviam me dado a capacidade de tirar um monte de músicas da moda na época. Músicas que pra mim eram fáceis, tipo Pink Floyd (sou o maior fã desses caras, tudo que tinha deles, para violão, eu tocava), Led Zeppelin, Yes.

Tirava tudo isso de ouvido, e corrigia tocando junto do disco. Saía legal e meu fã-clubes começou a querer tocar também. Achava graça do Carca tocando o tempo inteiro lá na salinha do centro. Ele tocava meio debochado, sempre inventando as letras, fazendo versões.

Quando fui pra Campinas, conheci o Cassy através do Carca (estudava também no Santa Cruz, mas não éramos tão amigos). E comecei também a dar uns toques de violão pra ele. Ficávamos horas e horas tocando. Geralmente eu fazia a base, e ele, uns solinhos tipo guitarra (tinha preguiça de decorar as posições). Montamos uma república de muita inspiração musical. Eu, o Cassy, o Matheus, que tocava flauta e atabaque, o Bira, que nos inspirava com sua cabeça maluca e suas poesias, e o Otaviano, com seu conhecimento de uma coisa que até então eu não conhecia direito: a contracultura. Foi aí que comecei a ficar fã do Gil, do Caetano, Luiz Melodia, Jorge Mautner, caras que eu nunca ouvia nas rádios ou na televisão.

E começou a bater em mim a vontade de mexer com música mesmo. Até então, achava minhas músicas muito Milton Nascimento pra cabeça. Comecei a fazer roquinhos, blues, versões de músicas, e nasceu uma tremenda dupla musical: Cassy e Paiva.

Comecei, com a ajuda do Zequinha, a tirar as músicas do Gil (melhor violonista que já ouvi até hoje) e do Caetano. A dificuldade é que na época não existiam essas revistinhas de música que hoje em dia qualquer pessoa compra nas bancas, e os discos deles eram uma tremenda raridade. Tiramos *Rouxinol*, *Oriente*, *Retiros Espirituais*, *London London*.

O Cassy era bom em Caetano. Aliás, ele canta pra burro. Eu sacava mais o Gil. Começamos a dar shows pela Unicamp, tocando as músicas desses caras. Fizemos sucesso e fomos convidados pra mais shows. Tocávamos em bares, em salas de aula, no pátio da escola. Até sermos convidados, com o Jorginho Matheus, pra fazer um show em Limeira. Fomos sem ensaiar, já convencidos de

que éramos os bons, e só fizemos cagada. Erramos tudo, e, no meio de uma música, o Cassy de repente parou de cantar a letra, apesar de ter um papelzinho no chão. Eu me perdi, e paramos no meio de trezentas pessoas. Fomos vaiadíssimos.

Perdemos o rebolado e decidimos fazer música mais seriamente, ensaiando, discutindo cada acorde e o que falaríamos nos shows. Antes, porém, tive coragem de tocar minhas composições em público, devido ao sucesso das músicas que tinha feito para a peça *A Farsa do Advogado Pathelan*.

Mais tarde, demos um show em Campinas, com o Lumumba, só tocando composições nossas. (Você não imagina o medo que dá ficar em público e tocar sua própria música.) Eram quatro músicas, duas minhas e outras duas do Cassy. O resto, do Lumumba.

Gostaram. Lembro-me de que os caras até pediram bis. Era um rock que eu tinha feito depois de ver um filme de ficção científica sobre um computador que domina uma mulher e tem um filho com ela (ridículo).

*O Proteu teve um filho
Com a mulher do Zé Bedeu
Uma menina de borracha
Mais inteligente do que eu*

*Nessa Kubrick não pensou
Que tamanha fantasia
Uma máquina IBM
Tendo orgasmo de borracha na vagina da mulher do Zé Bedeu*

*Quando nasceu a criança
Que tamanha confusão
Não sabiam se a amamentavam
De leite ou de óleo diesel*

*Que religião dariam
Seria ateia ou proteia*

*Coitada da criança
Não havia gente igual
A quem ela iria amar
Ou seria um patrimônio nacional*

*Aos quinze anos de idade
Veio a crise existencial
Se jogou da Rio-Niterói
Hoje é pneu nacional
Good Year*

Assumimos a dupla e já marcávamos o show só com nossas composições. O Cassy me mostrava umas músicas geniais que ele havia feito com o Carca. Só tiração de sarro. Típicos roquinhos de três posições, que começaram a ficar conhecidos em Campinas. Todo show que nós dávamos, sempre vinha da plateia, no final, o “toca aquela”. A que mais gostavam era um blues japonês...

*No Japão também tem pão
No Japão também tem chão
No Japão também tem cão
E no Japão tem macarrão*

*Mas no Japão, terra da amargura,
Em vez de Pereira, em vez de Oliveira
Tem Nakamura.*

*Eu queria saber por que raios
Eu queria saber por que diacho
Se no globo estou de cabeça pra baixo
Então por que é que não caio?*

*No Japão também tem cão
No Japão também tem chão*

*No Japão também tem bem
Mas na China é que tem Mao*

*Na China é que tem Mao
E eles invadiram o Vietnã*

Ou, então, a obra-prima do Carca:

*Li na Enciclopédia Barsa
E fui procurar um médico
O meu comportamento era uma farsa
Talvez tivesse complexo de Édipo*

*Sou esquizofrênico, descobri
Fiz o teste do doutor Kildare*

*Dizem que isto é muito perigoso
Talvez fosse até hereditário
Pode ser também contagioso
Se for, peguei num vaso sanitário*

*Sou esquizofrênico, descobri
Fiz o teste do doutor Kildare*

Eu não tinha muito esse espírito debochado, e me enchia um pouco da plateia, que começava a nos confundir com meros humoristas. Mas fiz um rock cristão que pegou. Foi logo após a morte do papa João Paulo I.

*João Paulo viveu menos que um mês
(Coro) Menos que um mês
E morreu misteriosamente*

Tinha um bolero, em homenagem aos incêndios paulistas:

*O teu beijo é tão bom
Que pode me queimar os lábios
Por isso eu digo: pegou fogo no meu coração*

*Minha mãe mandou-me
Falar com um psiquiatra
Pois eu não parava
De pensar só naquela ingrata*

*Ao que ele me disse
Que o caso não era só dele
Era dos bombeiros
Mas dos bombeiros do amor*

*Passe-me o extintor
Para acabar com essa fornalha
Com esse amor
Que me aliena e me atrapalha*

*Depois eu vi
Que era só caso de palha
E hoje sou feliz
Sem você*

Joelma

Eu e Cassy começamos a elaborar melhor as músicas. Foi aí que pintou uma oportunidade de fugir de Campinas e aparecer um pouco mais. A TV Cultura bolou um festival que apareceria na televisão e teria até disco gravado pros vencedores. Naquela época, não existia essa onda de disco independente e de tocar em barzinhos. Os espaços pra quem fazia música se restringiam a

shows universitários. Então, fomos com duas fitas cassetes nos inscrever. Eu com o “Bamba Novo” e o Cassy com “Cemitério Blues”.

Chegamos lá no último dia, uma tremenda fila na porta. Incrível, não sabia que tinha tanto compositor escondido por São Paulo. Nada menos que setecentos inscritos. E, pelo tipo das pessoas, nunca aceitariam nossas músicas. O anúncio fora bem claro: MPB. O “Bamba” era um blues, e o “Cemitério”, um rock.

Na fila já sacamos que éramos dois peixinhos fora d’água, exceto por um cabeludo que estava atrás. Era um cara meio tímido, que por coincidência tinha uma música que também falava em cemitério, “Amor no Cemitério”. Tinha um nome meio esquisito: Arrigo Barnabé. Ficamos conversando sobre nossas chances de chegar entre as vinte classificadas, falando de cemitério, de Bamba.

Dois meses depois, veio uma carta timbrada. O “Bamba” fora classificado. Incrível. Eu não achava a música tão boa assim, mas o jurado gostou. Puxa vida, tocar na televisão. Enfim, as portas estavam se abrindo pra dois caras que nem tinham dinheiro pra comprar instrumentos. Eu, com meu velho violão, e o Cassy, com um Del Vecchio quebrado. Como faríamos? Teríamos um mês pra ensaiar...

Uma semana antes do festival, não tínhamos nada ensaiado, apenas eu, no violão, tocando a base, e o Cassy cantando e fazendo um solinho meio gozado (uma mistura de som árabe com blues). Foi aí que resolvi pedir ajuda para o Lumumba. Ele tinha montado um conjunto de música negra que tinha um baixista (TC, um cara parecidíssimo com o Luiz Melodia), mais uns percussionistas.

Mostrei a música pra eles e eles gostaram. Toparam. Teríamos uns três dias pra ensaiar, só que eu não poderia tocar violão. Sairia muito abafado pela potência do baixo elétrico. O jeito seria tocar guitarra, mas minha formação clássica não sabia tocar de palheta, só dedilhando. Então, soube de um primo da Gorda que tinha um Ovation. É um violão americano sensacional, que o Gil usou em Montreux e, depois, todo mundo começou a usar. Tem um captador já embutido, e dá um som metálico, mais pro violão do que pra guitarra.

Corri pra São Paulo, conheci o cara na hora, pedi clemência e logo fui atendido. Voltei pra Campinas e fizemos o primeiro ensaio. Ficou decidido: TC no baixo, eu no Ovation e na voz, Cassy só cantando na frente, Lumumba na tumbadora e Chico no atabaque. O ensaio foi ótimo. Nos entendemos hiperbem. O Lumumba até mudou uma parte da música que acabou virando uma mistura de blues com rumba.

Teríamos mais dois dias de ensaio, só que recebi um telegrama da minha mãe dizendo que precisava vir imediatamente na TV Cultura.

Voltei pra São Paulo, perdendo um dia de ensaio. Queriam uma entrevista.

— Comigo?

— Você não é Marcelo Paiva?

— Sou.

— Então, antes da sua música, vai uma entrevista, que já gravamos com todos, só falta você.

— Mas o que é que eu digo?

— Só responda o que a repórter perguntar.

E agora? Cassy tava comigo e foi testemunha do meu desespero. Não tinha nada pra dizer, ou melhor, tinha um monte de coisas, mas não sabia nem por onde começar. Depois, é negócio de televisão, e essa minha mania de falar palavrão ia atrapalhar.

Mas tudo bem, veio uma repórter, bateu um papinho comigo, sentamos num gramado e, olhando, pra câmera, começou:

Repórter: Marcelo Paiva vai defender agora a música de sua autoria “Bamba Novo”. Jovem estudante de Engenharia Agrícola, é o compositor mais novo do festival. Inclusive, hoje ele comemora vinte anos (era verdade, no dia do festival, era meu aniversário). Marcelo, no que você se inspirou?

Falei exatamente no que tinha me inspirado: “Um dia eu fui comprar um tênis e achei incrível a quantidade de marcas e tipos que tinha pra escolher. Tênis perfumados, de náilon, anatômicos, só faltava um que tivesse luzinhas. Daí me lembrei que, na minha infância, só havia uma marca de tênis: Bamba. E era hiperimportante o Bamba na minha vida. Ele tinha uma magia de ser meu companheiro, estar comigo em todos os momentos, e acho que agora não existe mais isso, com essa industrialização e consumismo que cresceu no Brasil

nos últimos tempos. Então, decidi comprar um Bamba preto e fazer uma música em sua homenagem”.

Depois veio a pergunta sobre o que eu achava da iniciativa da Cultura na volta dos festivais, e como era o espaço pros novos compositores.

Juntando meu nervosismo, uma música quase não ensaiada e a chatice daquela entrevista, não me contive. Desandei a falar, metendo o pau no festival, dizendo achar ridículo ter que competir com outros estilos de música totalmente diferentes, que não se pode dizer que uma música é melhor que a outra. Isso era reflexo de uma sociedade competitiva, e que a tv Cultura estava mais disposta a entrar num jogo de modismo, tentando reviver a década passada, do que promover novos valores, e que eu tava ali simplesmente porque não tinha onde tocar.

Falei da importância em tocar na televisão, mas que achava um saco o clima de tensão que se criava ao redor. O tempo controlado, a autocensura, agradar os jurados e a plateia com uma música convencional, que eu estava encarando aquilo mais como um show do que como uma competição. Disse ainda que preferia tocar em volta de uma fogueira do que na frente das câmeras.

Só sei que as pessoas da tv, que estavam atrás das câmeras, pararam de falar e ficaram ouvindo, tensas, o que eu dizia. Mas fiquei seguro depois de ver o Cassy escondidinho, rindo e fazendo um sinal de positivo com as mãos.

Parei de falar, a repórter olhou pras câmeras e disse: — Vejam agora a música do jovem compositor Marcelo. Acabou a entrevista, e, respirando aliviado, ainda ouvi da repórter:

— Puxa, que legal o que você falou. Acho que não vai sair na tv, mas foi a entrevista que mais gostei.

Me deu um beijo e se foi.

Eu só procurei ser sincero. Não podia falar outra coisa, não tava preparado, mas juro que fiquei com medo de alguma represália. Já pensou se, de repente, eles me desclassicassem antes de tocar?

Voei pra Campinas. Teríamos só mais um dia de ensaio. Passamos a música umas cinquenta vezes, e não estava pronta. Eu e o TC, que dávamos a base melódica, acabamos inventando um monte de passagens que só sairia com

muito ensaio. Mas não tinha jeito. Íamos tocar aquilo mesmo. Combinamos de todos ficarem olhando pra mim, que eu iria gritar na hora de mudar.

Na última hora, surgiu um problema. Como levar os instrumentos pra São Paulo? Meu deus do céu, só faltava essa. Tive que ir pra Sampa de ônibus, roubei o Fiat da Nalu, voltei pra Campinas, apertei os instrumentos no carro e fui direto pro Teatro Pixinguinha. Os outros foram de ônibus. Tínhamos que estar lá às duas da tarde pra ensaiar no palco (coisa deles).

Chegamos meio atrasados, mas tudo bem. Seríamos a décima apresentação (eram doze), e, como não tínhamos arranjo pra orquestra, ficaríamos pro fim.

Nove horas. Ouvimos a música de introdução do festival. Plateia cheia, inclusive uma grande torcida de amigos pra dar uma força. Nos bastidores, o clima de tensão era imenso. Estávamos bem. Ficamos juntos e decidimos, com garra, mostrar a música ensaiada, e, já que não seríamos classificados mesmo, fazer o que viesse na cabeça.

De lá, ouvíamos as músicas sendo executadas. Todas acompanhadas de orquestra, aquelas canções melódicas, tipo dramalhões existencialistas. Músicas de fossa, geralmente com finais apoteóticos. Um festival que não fugia à regra.

Nona música, seríamos os próximos. Descemos pra trás do palco e tivemos que esperar um pouco (pra técnica passar o *VT* da minha trágica entrevista) e entramos.

A tal de Aizita Nascimento me anunciou, dizendo que eu era um compositor irreverente à moda antiga (vejam só, nem sabia o que significava *irreverente*, e por que *à moda antiga?*).

Entramos eu, o *TC*, o Lumumba e o Chico. Pelo menos era organizado, já estava tudo pronto. Um microfone pra mim, e meu Ovation no amplificador. *TC*, bem ao meu lado direito, com o baixo já ligado. Do lado esquerdo os dois percussionistas. O Cassy escondido lá atrás com um microfone na mão.

— Tudo pronto? — cochichei pro conjunto.

Afirmativo com a cabeça.

Dei um sinal pro Cassy tocando o lá (sinal de entrada e o tom da música).

Ele entra assobiando a melodia da música, e nós, parados como estátuas. Fica na frente do palco, para de assobiar, olha bem pra plateia e, de repente, dá um salto. No momento exato em que ele pisa no chão, entra o conjunto:

*Comprei um Bamba novo
Agora vou poder fugir da bomba H
Subir arranha-céus, quando a luz se apagar*

*Comprei um Bamba novo
Agora vou correr quando a nuvem chegar
Bater o recorde de quantos metros cuspir
(breque pra cuspida)
Fui correndo até a Lua, para a ela impressionar
Mas, quando cheguei lá
Que bronca que eu levei
Mandou voltar aqui
E avisar que tudo tem que parar
Senão ela pede
Pro moço lá de cima aqui desligar
(entra a rumba)*

*Breque:
(Cassy falando)
Tentei avisar a ela que era sua TV que não devia estar
funcionando direito
(Coro)
Mas a Lua, a Lua sabe
A Lua sabe que tudo tem que mudar
Mas a Lua
A Lua sabe que um dia a Terra vai se acabar*

O nosso final apoteótico era todos se aproximando devagarinho do Cassy e, no “a Terra vai se acabar”, ele deitado no chão, a gente em volta dele metralhava com os instrumentos até que ele morresse. Aí, a gente saía do palco.

Aplausos, muitos aplausos, assobios. Minha turminha, cumprindo a função, levou toda a plateia também ao delírio. Antes mesmo da música terminar, no meio do final apoteótico, já via gente pulando na cadeira.

Que ótimo, incrível, fomos classificados. Tinha sido a música mais aplaudida. Nos bastidores fomos cumprimentados com os rotineiros tapinhas

nas costas e um “já ganhou”. Seriam classificadas quatro músicas, que, somadas com outras quatro da próxima eliminatória, fariam a final na outra semana, inclusive gravando um disco pela Continental.

Ganhar, não fazia a menor questão, mas gravar esse disco era uma ótima.

Eu, que não acreditava muito na música, comecei a botar fé. Depois da nossa, houve mais duas músicas e uma pausa pro julgamento. Acabamos nos tornando estrelas do show e vinha todo mundo falar com a gente. O cabeludo de nome esquisito (Arrigo) e mais um carinha de um conjunto de samba de breque (Premeditando o Breque, que eu já conhecia de um show no bosque do Morumbi) vieram dar uma força e pedir pra gente levar a nossa torcida pra eles, que iam tocar na eliminatória do dia seguinte. O cara do Premê até me disse que, apesar de a música dele ser um samba de breque, eles também faziam um teatrinho como nós.

Legal, gostei do cara, ficamos um tempo falando. Ele e o cabeludo tímido eram da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP), e prometi que levaria a torcida pra influenciar o público.

Ainda estava gozando os sabores de ser estrela, quando veio um cara e me chamou pra conversar. Não era possível, Tom Zé em pessoa. Ele era jurado e eu nem sabia.

Sou um dos maiores fãs desse cara. Tom Zé é baiano e, junto do Gil, Caetano, Rogério Duprat, Torquato Neto, Gal Costa e Mutantes, gravou o disco que seria a maior revolução da música popular brasileira: *Tropicália*. Mas o Tom foi o que ficou menos conhecido deles, e veio morar em São Paulo, onde gravou um disco que me inspirou a fazer música abobrinhesca. Por exemplo:

*A Brigitte Bardot está ficando velha e com a cara enrugada
Será que algum rapaz de vinte anos vai telefonar
Alguns momentos antes de ela se suicidar?*

Nos fechamos numa sala e ele disse que tinha acabado de sair da sala da comissão julgadora e que minha música não fora classificada. Achara um absurdo, pois, apesar de ser um festival destinado a descobrir novos valores, eles

tinham escolhido duas imitações do Chico Buarque e duas do Milton Nascimento.

Fiquei triste, mas conhecer o Tom Zé me tirou da órbita, nem me lembrava mais do festival. Eu estava ali pra aparecer e consegui mais que isso. Acabei aparecendo prum gênio. Ele me falou que havia votado na minha música e gostado muito do jeito daquele garoto cantar (o Cassy), e que eu não devia desistir só porque um bando de idiotas não tinha escolhido minha música.

Ficamos conversando um bom tempo, e lhe falei da dificuldade de morar em Campinas e do tipo de som que a gente fazia. Cantarolei umas duas músicas pra ele. Ele até me aconselhou a explorar mais esse jeito falado do Cassy cantar, muito parecido com um compositor *underground* americano: Lou Reed.

Final do papo, ele me deu o endereço e me mandou procurá-lo, pois poderia organizar um trabalho mais profissional pra gente. Me abraçou e saiu xingando os jurados, dizendo que, na próxima eliminatória, ele quebraria o pau se continuassem a escolher tanta besteira.

Saí do teatro realizado e contando pro Cassy que nosso futuro estava garantido nas mãos do Tom Zé.

De volta pra vidinha de sempre, em Campinas, era parado na rua:

— Você não é o cara que tocou naquele festival?

— Sou eu mesmo.

— Poxa, achei um barato sua música...

Minha vaidade subia pro céu. Mas as coisas não parariam aí, estávamos apenas no começo. Decidimos continuar com o grupo, apenas ensaiando outras músicas, sem, por enquanto, nenhuma jogada marcada. Passei a tocar baixo. Eu tinha um ritmo bom e impus mais balanço ao som do Lumumba. O TC foi pra guitarra (o cara, além de tocar baixo bem pacas, esmerilhava na guitarra). O Lumumba ficava num violão. Tinha o Ding Dong e o Chico na percussão. Cassy se ligou mais em São Paulo, inclusive com um projeto de montarmos lá um conjunto com o Carca, o Mafalda (outro compositor de primeira), o Fabião na flauta (um dos flautistas mais técnicos que conheci) e mais um baterista que eu não conhecia.

Vi pela TV a segunda eliminatória. Tinha esquecido de levar a torcida pra dar uma força (nem queria mais ouvir falar em TV Cultura), e, para minha surpresa, tanto o Premê como o cabeludo com nome esquisito foram para a final. Achei legal, um som ótimo na praça, e novo. Imaginei o Tom Zé dando bronca nos jurados. Tinha uma coisa meio comum que ligava o nosso som, apesar de que o som do Premê era outro papo, muito mais profissional que a gente. E esse som doido e ao mesmo tempo fascinante do cabeludo Arrigo, um conjunto afinadíssimo, altos instrumentos, um corinho de três meninas lindíssimas e um balanço incrível.

Era a nova música pintando, de uma nova geração paulista que curte as mesmas coisas: fliperama, chacretes, perversão. Um tom de deboche com a vida, sem confundir com alienação. Apenas tiração de sarro (palavra bem paulista). Fiquei muito a fim de conhecê-los, até — por que não? — juntar todos os músicos paulistas que fazem esse tipo de teatro-música num grande show. Brinquei com o Cassy pra ele se preparar, pois estava surgindo um novo movimento musical chamado *Paulistália* (uma mistura de tropicália com paulista canalha).

Não vi a final do festival, mas soube que o cabeludo ganhou e o Premê tirou segundo (o terceiro foi uma melosa que tocou no mesmo dia que eu). Formidável, mais que justa a premiação. Abaixo a caretice, ainda existe esperança pra Música Popular Brasileira.

O Cassy veio de Sampa com dois convites pra show. Na FAU, um show em homenagem aos sandinistas da Nicarágua; outro, no pátio da ECA.

Fui imediatamente para São Paulo, deixando pra trás os exames finais do semestre. Precisava de um contrabaixo pra mim e arrumei emprestado com o namorado da Big. O Carca arrumou um piano elétrico e o Mafalda comprou uma guitarra. O baterista tinha bateria e nós tínhamos amplificadores, microfones, até mesa de som, tudo emprestado. Ensaíamos todos os dias no centro da Física, lá na USP. Eu e o Carca cuidávamos mais do arranjo, das entradas, das passagens e dos finais de cada música.

Montamos o show com sete músicas. Em cinco delas eu tocava o baixo, numa eu tocava guitarra e, noutra, só eu e o Cassy com dois violões. O som tava afiadíssimo, tudo sobre a voz do *crooner* e meu cantor preferido, Cassy Bill-Bill Cassy.

Não tínhamos nome pro conjunto e, minutos antes do show, ficamos entre: Conjunto Conjuntinho, De Bitols, Os Bostas. Acabou ficando o último.

Plateia cheia, um ótimo lugar pra show (anfiteatro da FAU). Só que, antes, tocaram uns caras péssimos. Aquele violão misturando bossa-nova com Milton. Depois, veio um conjunto de música latina chatíssimo, uma dupla de meninas chorosas, uma dupla caipira. Cada mudança de gente demorava uma hora, o som quebrou, concertaram pela metade, a plateia foi saindo. Tocou um conjuntinho de rock (tipo heavy metal) que acabou de estourar o som. Uma hora de concerto e nós entramos com uns cinquenta gatos-pingados resistindo bravamente na plateia. Subindo no palco, caiu o baixo das minhas mãos e rachou o braço. Lá em cima, tive que fazer o apelo:

— Será que não tem ninguém aí embaixo que possa me emprestar um baixo elétrico?

Um cara de outro conjunto me emprestou um Giannini melhor que o meu.

Na primeira música, o piano elétrico do Carca pifou. Na segunda, meu amplificador. Não se entendia nada do que o Cassy cantava. Final da história: dez pessoas na plateia aplaudindo pateticamente um show que não ouviram, minha mão em carne viva de tanto puxar as cordas do baixo quase mudo, o Carca lambendo os dedos, e um conjunto fracassado, pedindo pelo amor de alguém que anulassem aquele dia da nossa história.

Ninguém se falou, e ainda tínhamos o show mais importante, que seria o da ECA. Jurando que lá seria melhor, tentei convencer a não desistirem, mas sem sucesso. Fazer show em universidade não dá pé, concluía o conjunto, não mais um conjuntinho.

Mesmo assim, insisti e falei que eu e o Cassy iríamos pra ECA, que, se eles quisessem, aparecessem por lá, senão iríamos fazer o show de improviso, com dois violões.

No dia seguinte, encontrei o Cassy perambulando pela ECA com a Milu. Eu estava só e ele me deu a notícia de que o conjunto não viera.

Filhos da puta, mas tudo bem, dominaríamos perfeitamente a situação. Entraríamos com dois violões e faríamos o mesmo tipo de show a que estávamos acostumados em Campinas. Só que, dessa vez, com o “Bamba”, já que era uma música conhecida ali. Seria bom entrar com uma carta de

apresentação. Bolamos o repertório, e fui falar com os organizadores. Precisávamos de quatro microfones, nada de amplificadores.

Fiquei contente, pois tinha um monte de gente em cima do cara pedindo para tocar, e, quando eu apareci, o chefão me viu e veio falar comigo:

— Você é o Paiva, do “Bamba”? Vocês estão na lista, vão tocar depois do Arrigo.

Meu orgulho flutuava nos ares da escola. Tinha sido reconhecido e nem precisava bajular o chefão. Sentia-me o próprio artista.

Cruzei com o cabeludo de nome esquisito.

— Você não tá me reconhecendo?

— Não — eu não estava mesmo, não foi frescura.

— Eu sou o cara que se inscreveu junto de você com a música que também falava de cemitério.

— Ah é, parabéns por ter ganhado aquele festival. — Achei legal, em vez de o cara dizer “fui o que ganhou”, ele se lembrou do dia da inscrição. Trocamos três ou quatro palavras, mas estava impossível, tava todo mundo em cima dele.

— Deixa pra lá, depois a gente se vê — disse o cabeludo. Fiquei perambulando e descobri uma barraca de pinga onde a vendedora era ninguém mais ninguém menos que a minha irmã Eliana (ela estudava na ECA). Comecei a beber. O show foi demorando e a bebida foi entrando. A ansiedade, nervosismo com a felicidade de ser reconhecido, me fez beber mais e mais...

A Milu, menina que estava com o Cassy, que eu conhecia, mas nunca tinha conversado, estava ao meu lado e ficamos papeando. Uma menina linda de morrer, com um papo ótimo. Vendo que eu estava bebendo muito, ela me convenceu a dar uma volta, enquanto não chegava minha vez de tocar. Coloquei meu braço sobre o pescoço dela e fomos passear.

Ela tinha um jeito engraçado de rir, meio histérico. Fiquei imitando-a e dizendo que ela tinha a boca torta. Ela, simpaticíssima, ria mais ainda, e, num desses encontrões, nos beijamos. Que menina, ela grudava no meu corpo me excitando horrores, respirava fundo, gemia (fico doido com gemido de prazer). Não teve jeito, não voltei pra ECA, perdi a chance de tocar prum público joia e quase perdi meu melhor amigo.

Acalmei um pouco os ânimos quanto a abandonar a escola e partir pra música, apesar de nunca ter parado de tocar. Mas ser duro e morar em Campinas me tirava qualquer possibilidade de ser músico. Tinha que tomar uma decisão: ou largar tudo e voltar a morar em São Paulo, vivendo só de música, ou fazer Engenharia Agrícola.

Resolvi dar um tempo, conhecer melhor o curso e minhas perspectivas profissionais.

Continuei compondo, tocando no conjunto do Lumumba e com o Cassy. O DCE tinha comprado um equipamento de som ótimo, e fomos convocados a inaugurar.

Bolamos um show sério. Estávamos maduros musicalmente, nossas composições estavam ficando harmonicamente mais trabalhadas. Fizemos arranjos para cada violão e, como eu estava cantando bem, transamos músicas a duas vozes. Passávamos por um momento mais romântico e solitário. Cassy compôs a bela:

*Um dia de frio, quantos agasalhos são necessários
Um dia vazio, quantos momentos desnecessários
Um olho na janela, amores*

Tinha acabado meu romance com a Ana e compus um hino às mulheres, que foi a música mais bonita que já fiz (na minha opinião):

*Eu passei tanto tempo
Pensando, sozinho,
Fantasiando uma linda garota
Só minha, só linda,
Sem nome, profissão, sem roupa,
Uma louca
Já tenho a bebida preferida
Rum
O cigarro do charme irresistível
Min
A marca registrada de desodorante*

*Pode ser até bilíngue
Smack
E adorar milk-shake do Jack
Mas quero ter seu body expiatório
Num tapete peludo
E ser aliado de seu corpo, peitudo,
Ingenuamente.*

Estávamos em outra, não nos importávamos com agradar. Estávamos fazendo da música um meio de nos relacionarmos com o mundo, um jeito de entender melhor as coisas e passar adiante aquilo que a gente sentia.

Resolvi também fazer uma conciliação com as três correntes existentes na universidade — por que não? O caretismo, o desbunde e a revolução. Juntamos numa música só: “Namoradinha de um Amigo Meu” (com aquela frase absurda: “O que é dos outros não se deve ter”), mais “Olorum”, do Gil & Jorge (uma chamada pros santos de umbanda protegerem os filhos de Gandhi) e mais “Caminhando”.

Começava a música com um solinho só de harmônicos dos filhos de Gandhi. Passava prum ritmo hindu. Depois, o “Caminhando” num ritmo doido. Juntamos com “Namoradinha de um Amigo Meu” e, depois da frase “o que é dos outros não se deve ter”, Cassy declamava com imposição de voz, e eu, desafinando:

*Vem, vamos embora, que esperar não é fazer,
Quem sabe faz agora, não espera acontecer*

Voltava pros filhos de Gandhi e terminava em ritmo do Saara, falando de quibe, camelo, Khomeini.

Na Unicamp, todos os cursos são em período integral, e, como a universidade fica a treze quilômetros de Campinas, a estudantada come lá mesmo. Param as aulas das onze às duas da tarde, e os shows ficam no centro, exatamente à uma. Juntam quase duas mil pessoas.

Uma hora da tarde, plateia lotada. Muito sol e calor. Início de verão. Quatro microfones instalados na moderna mesa de som do DCE. Quatro alto-

falantes. Subimos eu e o Cassy, sem camisa, sentamos e afinamos os instrumentos. Já tínhamos tamanha intimidade com aquele palco e plateia que parecia que íamos fazer mais um ensaio no nosso quarto. O som estava perfeito, ouviam-se bem a voz e os violões.

Primeiro o “Bamba”, nossa marca registrada. Conhecíamos tanto a música que tocávamos como se fosse um disco. Depois do “corpo peitudo”, Cassy atacou com “Um Dia de Frio”. Lindo.

Começamos a ouvir: “Toca a do *Japão!*” “*Esquizofrênico!*” Mas era impressionante a nossa indiferença com a plateia. Aquele show era para nós mesmos. Marcelo homenageando Cassy e vice-versa. Cantávamos olhando um pro outro a maioria do tempo. Ríamos dos improvisos, dávamos dicas pra mudar de ritmo, contávamos a passagem, tudo ali, ao vivo.

Finalmente, a música da conciliação. Saiu magnífica. Tudo ensaiadinho, mas inventamos a maioria ali, na hora. Dois amigos que se falam por música. Depois de três anos morando juntos e tocando todos os dias, saiu uma dupla musical perfeita. Eu tocava hiperbem e conhecia teoria musical. Ele cantava lindamente e tinha um tremendo ritmo. Ambos compunham bolando o que o outro ia tocar ou cantar. Conversávamos numa linguagem sem delongas, direta e poética. Um entendimento espiritual baseado nas sensações das notas musicais e das palavras. A intuição sobre a razão, na pureza da alma, do amor, do entendimento entre seres humanos que pensam, mas estão de saco cheio de dever obrigações com a sociedade. Estão de saco cheio de representar um papel, um estereótipo, de serem classificados, de serem cobrados.

Cassy e Marcelo conseguindo viver através da música, e não do racional. Não estou querendo dizer que proponho agora que todos abandonem a fala e comecem a se entender por música (nem acho que a gente deva se alienar de um papel político na sociedade), mas sim que se mantenham relações espirituais com determinadas pessoas em determinados momentos.

Fazer um som com o Cassy
Dançar com a Nana
Fazer amor com a Ana
Fofocar com a Gorda
Rir com a Laurinha

Discutir política com a Veroca
Dar uma bola com o Tucum
Jogar futebol com o Maurão
Ir ao cinema com o Richard
Pegar onda com o Bino
Ficar olhando a cara da Virgínia
Descobrir Campinas com o Rubão
Ver televisão com a Biguinha
Ir a uma festa com a Quitinha
Conhecer os amigos da Li
Dar amendoim pros pombos com a Gureti
Escrever cartas pra Cris

São as relações espirituais que mais gosto, e, se meu corpo reagir a essa paralisia, não quero perdê-las por nada nesse mundo malucão.

Acabou meu carnaval, sem samba nem serpentina. Mas foi menos ruim do que pensava. A turminha, Maíta, Maira e Carca, não me abandonou um dia sequer. Sempre ali, fazendo o tempo passar mais depressa, com a mesma eficiência que Nana & companhia. Afinal, carinho e pressa eram o que eu mais precisava.

Logo de manhã, na quinta-feira, a alegria dos ex-foliões Santista e Chico. Contaram os casos dos salões e do samba na avenida. Muito pileque, mulheres, aquele papo de foliões.

Depois veio o Osório, monstro tarado, que passou o carnaval comportadamente com sua esposa e filhos. Com um tempinho sem fisioterapia, sentia-me um pouco cansado dos exercícios, mas logo me reanimei com a sugestão do Osório de me inclinar na tal prancha.

Logicamente aceitei. Faria qualquer coisa que me reanimasse, não só por ser um programinha diferente, mas também por acelerar minha recuperação. Se ele quisesse me amarrar num dos braços do Cristo Redentor, eu toparia. Ou então me jogar nu no fedorento rio Tietê.

A máquina consistia em uma tábua reforçada com estofamento e uma armação apoiada sobre quatro rodinhas. Ao girar uma manivela, a tábua inclinava gradativamente.

Colocou-me o colete, encostou a prancha ao lado da minha cama e chamou os enfermeiros. Me colocaram na danada.

Que gostosura, bem mais dura que meu colchão, porém uma volta pro mundo da dureza. Sentir as costas pressionadas pela madeira, nada dessa sensação de navio que o colchão d'água tava me dando.

Eles amarraram meus joelhos na tábua, passaram uma fita no meu peito.

— Tudo pronto. Checar os instrumentos.

— Instrumentos checados.

— Ligar os motores.

— Motores ligados.

— Preparar para a partida.

— Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, decolar...

Primeira manivelada, reação imediata. Meu corpo estava em delírio e minha mente inclinando. Uma mudança de visual brusca. O mesmo visual de quando começava a sentar, mas com o corpo todo formigando, sendo prensado. No fundo da minha imaginação, enxergava os ossos estalando, as juntas se comprimindo umas contra as outras. Imaginação ou realidade? Será que realmente estava sentindo?

Mais maniveladas. Tudo esticadinho, meu corpo se apoiando nos calcanhares, os ossos em rígida tensão. As veias jorrando sangue através das pernas paralisadas. O coração batendo firme, respiração ampla, músculos, nervos, ossos, a pele, os pelos.

Devia estar a uns quarenta graus, quase em pé. Mas o sangue foi faltando na cabeça. “Falta de oxigênio”, lembrando da aula do Osório sobre desmaios. Era inevitável, tudo formigava com intensidade. A audição foi faltando e me veio aquela viagem doida, prenúncio de desmaio. Tudo mole, a língua já desmaiara. Não conseguia parar de sorrir. Estava indo pro espaço, quando providencialmente abaixaram uns graus. Voltei a mim.

— Isso, vamos ficar nos trinta graus, por enquanto. Daqui a meia hora vocês o tiram — falava o Osório pros enfermeiros.

Antes deles me deixarem a sós com a Vècchia, tive a brilhante ideia de pedir pra me virarem de frente pra janela.

Forçando um pouco a vista, conseguia ver, sob o brilho do sol, aquela paisagem surrealista em São Paulo: árvores. Meu quarto dava pra um tremendo bosque esquecido nas ruas do centro paulista. Sem dúvida, um engano das competentes firmas de construção civil não terem descoberto essa maravilha.

Cores, como é bom ver o azul do céu, o verde do mato. Você pode pensar “ó, que bucólico você é, cara de tatu”. Mas você há de convir que o verde e azul que eu via pela televisão é diferente dessa coisa que se vê todo dia na rua. Por enquanto, as cores predominantes nessa minha vidinha idiota estavam sendo o marrom-claro e o branco.

Pude ver alguns pássaros.

Esse bosque do Paraíso deve ser o Morumbi dos pássaros. Árvores grandes, com muitos galhos e folhas, num bairro sossegado e ao mesmo tempo perto do centro. Eram mais saudáveis, voavam rápido. Alguns arriscavam um canto alto e bonito (vejam só que pretensão: pássaros em São Paulo, cantando).

Acabou o tempo. Meia hora só, dissera o Osório. Adeus verde e azul. Adeus passarada. “Vou voltar pro meu gancho, que tá na hora, e minha cabeça já tá doendo.”

Deitado de novo na mole cama, fiquei mais uma vez defronte de um teto sem graça, mas com a sensação de estar começando a viver novamente.

Vira o mundo lá fora. Nada que lembrasse hospital e doenças. Animais que continuariam vivendo, dependendo ou não do meu estado. Árvores que não se importavam com minhas mãos e pernas. Era assim que tinha de ser, estavam na deles. Por mais que queira negar, estou sozinho nessa, e vou ter que sair por minhas próprias forças.

Uma coisa, porém, me intriga: existem pássaros em cadeiras de rodas?

Três horas da tarde. Depois de longas e delongas, estava, como de hábito, sentado na cama com o colete no pescoço e a porta do quarto aberta, vendo a selva passar. A Vècchia roncava na poltrona de madeira com um jornal no colo. Eu, quieto, curtindo estar sozinho e vendo os pobres passarem.

Como sempre, alguns nem me cumprimentavam, apenas olhavam curiosamente, se perguntando:

“O que será que esse tem?”

“E esse troço esquisito no pescoço dele?”

Outros acenavam alegremente, dentro do espírito de solidariedade doentia e amizade hospitalar.

— Oi, tudo bem?

— Vai-se indo.

— Tá melhorando?

— Aos poucos.

— Paciência, deus está nos olhando.

— Tá certo, tá certo... (certo?).

Alguns melhoravam, aliás, a maioria. Afinal de contas, hospital é pra isso mesmo. Eu não me considerava nessa qualificação. Pra mim, melhorar significava estar dando os primeiros passos. Porém, tinha consciência de que estava me recuperando.

Sentar, mexer melhor os braços e os punhos, era importantíssimo pra mim. Não tinha uma paralisia definitiva. Do zero, eu estava avançando aos poucos prum número que acreditava não ser dez, mas uns oito ou nove eu tinha fé.

A porta do quarto da frente (o do louco) estava fechada, como sempre. E, de repente, começou a sair fumaça pelo vão da porta. Achei estranho: “O que será que esse doido está fazendo?” A fumaça aumentava, e um cheiro de coisa queimando dominava o ambiente.

A princípio, achei excitante estar ali sozinho, defronte de um perigoso malucão. Mas meu senso de responsabilidade foi mais forte. Chamei a Vècchia, que, assustada, foi ver o que estava acontecendo. Provavelmente o cara tinha posto fogo no quarto. Ela chamou os enfermeiros, mas foi inútil. Era troca de plantão, e, naquele exato momento, só estava a enfermeira-padrão (essas que fazem faculdade de enfermagem e são chefes do andar).

Ficaram as duas tentando abrir a porta e acalmar o pirado. Mas o cara tinha se trancado por dentro.

Corre-corre. Alguns pacientes tentavam arrombar a porta, quando veio um cara correndo dizendo que o malucão estava no parapeito da janela

ameaçando se atirar.

— Chame alguém pra arrombar essa merda — gritava a enfermeira, desesperada, enquanto a fumaça aumentava.

— O cara vai se atirar — lembrava alguém.

Imediatamente foram chegando alguns médicos, enquanto a enfermeira correu à janela vizinha pra convencer o doidão.

Arrombaram a porta e pude ver a cara de horror do louco, atrás do colchão em chamas. Ao abrirem a porta, ele saiu correndo e, bem na frente da minha porta, foi agarrado pelos médicos, enfermeiros, pacientes. Ele esbravejava, gritava, mordeu o braço de um médico, até que uma seringa salvadora voou em sua bunda e, aos poucos, ele foi se acalmando, até relaxar feito um animal domado.

Só então a paz voltou ao corredor. Puseram-no numa maca e levaram o incendiário embora. O fogo do quarto apagou sozinho, e pude ver o cenário do pseudoJoelma.

Chocante. Só então me toquei do perigo que esse doido representava. Já imaginou se ele sai correndo com uma faca e faz minha avó de refém?

— Ninguém se aproxime, senão eu meto a faca.

— Tá bom, tá bom... solte ela que nós te deixamos em paz.

— Não se aproximem.

— Calma, calma, o que você quer?

— Um milhão de dólares e um helicóptero para fugir.

— Mas você sabe guiar helicóptero?

— Não!

— Então não vale.

— Tá bom, eu solto a velha se me derem um picolé da Kibon e uma entrada pro Playcenter.

Ou, então, se esse pirado entra no meu quarto e se tranca comigo? E se ele me mandar levantar ou então me obrigar a beijá-lo?

Eu, hein? Que perigo passei. Pelo menos serviu de assunto para mais uns dias e fez o diretor do hospital mandar tirar as trancas dos quartos. No mais, tudo azul na América do Sul...

Anistia, pacotões, partidos extintos. O povo brasileiro (povo?) em busca de uma identidade partidária.

XYZ para os alienados.

PT saudações para os interessados.

Na faculdade, em 78, a gente ouvia falar num tal de Lula, líder sindical em São Bernardo do Campo, que saía quase todos os dias no *Jornal Nacional*. O governo e seu porta-voz, a Globo, usavam o tal de Lula pra mostrar os novos caminhos de um sindicalismo moderado e não nas mãos comunistas de antes de 64.

O barbudo soava como fruto da redemocratização do Geisel, que a sociedade estava se organizando livremente e que já, já, o país virava uma democracia. A Libelu chamava o Lula de pelego, mas a verdade é que, pra mim e pra maioria dos estudantes, ele era uma grande incógnita.

Em 79, o Figueiredo assume o poder, e a metade do país estava em greve, com destaque para o ABC paulista, área de influência do tal barbudo. Não era um protesto generalizado do operariado brasileiro contra a dominação dos generais da ditadura: era uma greve sobretudo de reivindicação salarial, apesar de ocorrer na época da troca de “presidentes”.

“Não é uma greve política”, diziam os jornais em letras garrafais. Mas os olhos dos estudantes brilhavam: “Será que está chegando a hora?”.

Eu já estava me preparando pra agir. Como membro do Centro da Agrícola, conheci o comando da AP de Campinas (Ação Popular). Mas reinava a indefinição política no movimento estudantil e nas organizações clandestinas. Reflexo da indefinição do próprio país. O MDB fora extinto e novos partidos já estavam em organização. Um deles, um tal de PT (Partido dos Trabalhadores), organizado por alguns recentes líderes sindicais e pelo tal de Lula. No meio estudantil, a tese era “ficar com as oposições unidas no velho MDB”, futuro PMDB.

O meu grupo, que também era diretoria do DCE-Unicamp, UEE-USP e UNE, ficou em cima do muro. Eu arrisquei. Quebrei o pau em Campinas e, junto com o Percival (aliás, quem fez minha cabeça), me interessei pelo PT.

Era uma nova opção, sem os velhos chavões parlamentares. Um partido organizado por trabalhadores e não por políticos, raposas velhas, exilados que não estavam no Brasil havia quinze anos. Uma oportunidade utópica de se construir um partido da classe trabalhadora, e não um partido de personalistas que se dizem defensores dos interesses do povo brasileiro (advogados, engenheiros etc. que saem da classe média e vão fazer política).

É a minha mentalidade ingênua e ignorante das teorias revolucionárias da esquerda (Lênin, Trótski, Marx...).

O Airton Soares, deputado federal por São Paulo, se filia ao PT. Nas eleições de 78, havia feito campanha pra ele, apesar de votar no Darci Passos (um amigo íntimo da família). O Airton fazia dobradinha com o Geraldinho, amigão nosso, ex-companheiro de diretoria do DCE da USP da minha irmã Veroca, que se candidatou a deputado estadual e, por incrível que pareça, foi eleito.

O PT começou a aumentar a influência no meio estudantil e até rachou com a diretoria da UNE. Na Unicamp, todo o nosso grupo estava agora decidido pelo PT. As coisas melhoraram quando o Geraldinho também mudou para o PT. Ótimo, tínhamos o nosso primeiro deputado estadual.

O movimento operário estava explodindo. A greve de 79 foi vitoriosa, até fez com que o governo fizesse um decreto de aumento salarial de vinte por cento para todo o país. Mas a maior vitória mesmo foi a reorganização dos sindicatos, principalmente no ABC, e, de uma certa maneira, a politização dos operários.

Sofri o acidente, e, ao lado do Hospital Paraíso, no Colégio Sion, foi feito o encontro de fundação do Partido dos Trabalhadores. E o meu quarto estava se tornando ponto de encontro dos amigos do Marcelo que participavam do encontro do partido. Foi quando a Veroca me falou que o grupo autêntico do MDB (um grupo de uns dez deputados da Assembleia Legislativa de São Paulo) estava consultando as bases para saber se iriam ou não para o PT.

E entraram pela porta do meu quarto o Eduardo Suplicy, o João Breda e a Irma Passone, para saber minha opinião.

Visitinhas políticas.

O Suplicy eu já conhecia de longa data, e foi o primeiro que perguntou:

— O que você acha de mudarmos do MDB para o PT?

Quem diria, eu, que nunca trabalhara na vida, convencendo um deputado a ir pro Partido dos Trabalhadores. Ele me ouvia atento (o Suplicy é desses que conversa com uma criança no mesmo tom que com o presidente da República).

Final da história. Os três, mais um tal de Marco Aurélio, acabaram mudando pro PT, que, somando o Geraldinho, tinha uma bancada de cinco

deputados na Assembleia. Era uma tendência natural. O MDB, por mais glorioso que tenha sido no passado, era um saco de gatos. Muitos membros estavam interessados em realizações pessoais, e outros só usavam a legenda por saberem que, em São Paulo, vota-se na oposição. Prova disso foi que, logo depois da extinção dos partidos, a metade dos deputados foi pro partido do governo, o PDS (uma vergonha).

Até hoje o Suplicy, sempre que me encontra, diz que eu fui muito importante pra decisão dele. Venhamos e convenhamos, quem sou eu pra influenciar um deputado a mudar de partido? Mas fico emocionado com a atenção dele, e, principalmente, por ter gente como ele no PT.

Minhas sentadas estavam mais ousadas. Uns setenta graus. O único saco era o ritual que se fazia para uma bobeira dessas.

Mas, para minha surpresa, entra pela porta do meu quarto uma cadeira de rodas preta seguida de um batalhão de gente.

Mangueira decidira que já estava na hora de sair daquele colchão d'água.

Imediatamente o Osório me pegou pelas costas, o Chico e o Santista em cada perna, o Bunds no quadril. Primeiro me sentaram na cama com as pernas pra fora.

— Tudo bem?

— Tudo.

— Está tonto?

— Não.

— Podemos continuar?

— Vai em frente.

E foram.

Num voo espacial, as dimensões mudaram. A vida mudara de forma, nada me prendia àquela cama. Estava no ar, sendo carregado por alguns braços machos e peludos e aterrizou confortavelmente na cadeira. Não me soltaram. Um burburinho danado no quarto. Mistura de êxtase com suspense. Osório, agarrado às minhas costas, dava as ordens.

— Primeiro as pernas. Soltem!

“Pernas soltas, no encosto da cadeira.”

— Agora, o quadril!

“Tudo bem, bunda fixa.”

— Agora, Marcelo, vou soltando devagarzinho as costas. Não se espante, que você não tem o menor equilíbrio no tronco, mas cair você não vai. Ficarà encostadinho como se estivesse numa grande poltrona.

E foi soltando. Meus braços se apoiavam no encosto e minhas costas estavam soltas. Estava sentado normalmente. O braço caía se eu soltasse; o tronco parecia um boneco. O pescoço estava tenso pelo colete, mas balançava com qualquer forcinha que fizesse. Era verdade, estava sentado. O Bunds, na minha frente, estava rindo assustado. Todos prenderam a respiração. Mangueira abraçou minha mãe, e a audição foi acabando. Bochecha formigando, os olhos pesando uma tonelada e tudo preto.

Desmaiei.

Uma barreira vencida.

Ana foi minha acompanhante-amante essa noite. E, com sua camisola azul debaixo do braço, foi-se embora, substituída pela Vècchia. Banho com Chico e com Santista, fisioterapia com Osório. Prancha e almoço. Tirava uma sonequinha de meia hora e estava na hora de sentar. Nana, Big e Gorda foram inclinando a cama e, aos setenta, pararam. Era a inclinação máxima. Chegaram o Osório e os enfermeiros, e, com a ajuda da Gorda, me puseram sentado, só que foi diferente da outra vez. Com as pernas na horizontal, pois, segundo a teoria, assim não ficaria tonto, muito menos desmaiaria. A própria cadeira de rodas tinha o pé regulável. Realmente, não desmaiei. Me senti um pouquinho tonto, mas, respirando fundo, passou. Agora sim, estava sentado como se estivesse esperando o dentista.

Fascinante. Com uma tábua à minha frente, pude ler o jornal como gente grande. Estava com força nos braços pra levantá-los, mas desabavam sobre minha cabeça. Se eu respirasse profundamente, a barriga me empurrava pra trás, podendo até ver o velho e amigo teto (esse desgraçado).

Mal conseguia pensar direito. Ficava descobrindo tudo o que eu poderia fazer fisicamente. Com os cotovelos fixos no encosto da cadeira e movimentando um pouquinho os ombros, eu podia ir pra direita e pra esquerda.

Que incrível, eu me mexia novamente. É óbvio que a gravidade fazia a maior parte do esforço, mas aqueles pedaços de carne balançavam, mudavam de forma. As pessoas iam falando e eu estava absolutamente desligado. Viajava e curtia minha nova posição. Não poderia ficar mais de três horas, mas é mais tempo que uma sessão de cinema.

A minha irmã Eliana chegou e constatou uma coisa que todos sabiam, mas ninguém tinha prestado muita atenção. A cadeira tinha rodas. Oras, óbvio que tinha rodas. A roda gira, claro que gira.

— Então, por que não damos uma volta por aí?

Fantástico, que puta ideia.

— Mas será que não vai fazer mal, dar tontura?

— Claro que não...

Realmente. Eu estava em cima de um carrinho, e aquelas rodas eram pra isso mesmo. Pelo amor de deus, vamos dar uma volta, quero ver finalmente onde estou, como anda o mundo lá fora, o céu, os carros, gente vivendo.

A dona da ideia genial ganhou o direito de guiar. Atenção. Largaram.

Um ventinho gelado bateu no meu rosto. As paredes começaram a andar, tudo mudava de forma, e saí pela porta.

ALELUIA, ALELUIA!

A vida, enfim. Acordei de um sonho entre quatro paredes.

— Quer ir pra esse lado ou pro outro?

— Quero ir pro tal de terraço.

Virou à esquerda. Um corredor não muito grande, todo escuro, da mesma cor do quarto, só que com o pé-direito mais alto. Fomos passando pelas portas de outros quartos. A maioria fechada, mas nas que estavam abertas ou tinha gente vendo TV ou dormindo. O chão, de madeira, dava uma boa aderência. O trânsito absolutamente desengarrafado. Nenhuma cadeira de rodas pra querer apostar um racha.

Chegamos ao terraço, no fundo do corredor. Que beleza, tinha uma visão melhor da floresta em volta do hospital. Árvores e mais árvores. Os pássaros, o céu, que beleza, nublado, mas enorme.

Fiquei meio tonto. Minha visão nunca ia além de uns metros de quarto de hospital ou algumas olhadelas pela janela, mas agora estava vendo um céu infinito. Um mundão esbranquiçado, nuvens empelotadas com milhares de formas. Poderia ficar cinco dias olhando pra esse céu, e cada minuto seria uma sensação nova.

Podia-se ver ao longe um minhocão com os carros passando em cima. Devia ser o minhocão da Lapa. Pelas frestas das árvores, viam-se alguns edifícios, mas o que mais me animava era o barulho. Buzinas, motocicletas roncando, carros acelerando. Crianças, portas batendo, tudo abafado pelas árvores, misturando o zum-zum de cidade grande com o vento que soprava entre as folhas. A megalópole existindo, num complexo de cores, formas e sons.

Ninguém me conhecia, muito menos no estado em que estava. Sentia-me meio cheio de ser o centro das atenções. Queria um pouco do anonimato da cidade grande, passar despercebido naquela janela, naquele terraço, naquele hospital daquele bairro, daquela cidade, país, planeta.

Era gostoso ver que não era só pela televisão que as coisas aconteciam. As pessoas existiam mesmo, andavam de carro, iam ao trabalho. Eu sou meio São Tomé: “Ver para crer”.

Dia seguinte, sentei na cadeira novamente.

Magnífico, nem um pouco tonto. O Mangueira veio me ver sentado, examinou, tateou o pescoço e deu a ordem:

— Quando sua mãe chegar, mande-a vir falar comigo.

Tchan-tchan-tchan-tchan.

Tinha coisa por trás disso. Os fatos medicinais mais importantes eram sempre comunicados primeiro à *mother*. Fui dar meu segundo passeio, só que pelo outro lado. Passei pelo banheiro que ficava ao lado do meu quarto e pelo bebedouro. Numa salinha, que parecia ser da enfermagem, estavam o Divino e a enfermeira-padrão. Me convidaram prum cafezinho.

Que joia, pude ver a tal papelada da qual Chico e Santista sempre reclamavam. Havia um quadro para cada paciente. No meu estava escrito: “1/2 Diempax antes de dormir”.

Minha deliciosa pílula para dormir. Ficamos falando abobrinhas, quando vi um telefone. Que coisa, quase dois meses sem falar num. Até tinha

esquecido o barulhinho de ocupado, ou de quando tem linha. Resolvi fazer uma surpresa pra minha mãe.

Liguei pro seu escritório...

Que barato que é a voz, que se ouve quase todos os dias, sendo transmitida eletricamente por fios e atingindo nossa mente. Visualizamos a pessoa com quem falamos. Aquilo acaba se tornando verdade. Já imaginou o que deve pensar um índio falando pelo telefone com outro índio? Nunca que ele vai associar aquele barulho estridente como sendo seu amigo.

Dei o recado do Mangueira pra minha mãe. Ela ficou contente, sabia que tinha algo bom para ser falado, quem sabe não estava na hora de ir pra casa.

— Pra casa? — perguntei assustado.

— É, por que não? — me disse aquela voz eletrificada.

— Mas como?

— É, não lembra que ele disse que era só sentar na cadeira de rodas que você continuaria o tratamento em casa?

Não me lembrava que ele tivesse dito isso. Nem me lembrava que eu tinha uma casa, estava tão habituado com aquela vidinha de hospital. Mas como será em casa, sem os enfermeiros, sem os médicos? Porra, eu queria sair já curado, andando, e não transferir essa agonia prum apartamento no Jardim Paulista. É, mas pensando melhor, é mais agradável um clima caseiro do que um hospital. Mas como vai ser, e pra sentar, quem vai ajudar? Banho, quem vai me dar?

— Calma, filhinho — continuava a voz eletrizada. — Eu já pensei nisso tudo. Vai ter uma enfermeira forte pra te ajudar, e todos nós, suas irmãs, seus amigos. Sua avó e a Nana vão ficar em casa.

— E cama? Não tem nenhuma cama em casa que inclina, que caiba um colchão d'água.

— A gente aluga, não se preocupe.

Meu deus, eu tanto desejava sair daquele lugar e, de repente, estava morrendo de medo. De certa maneira, um hospital dá uma tremenda segurança. Qualquer infecção, ou noite de insônia, havia médicos e remédios para curar (mas eu não tinha nenhuma infecção e com o 1/2 Diempax dormia feito pedra).

Na realidade, o que me deu mais medo foi perceber que, em termos médicos, meu caso estava definido. Agora, era só esperar o tempo e a

recuperação. Que merda essa porra da medicina, não serve pra nada. Será que nenhum veado vai me curar? Será que a ciência não inventou uma porra de uma injeção que me cure? Nenhum tipo de operação, nada? Só eu e meu corpo?

Não dá, sou muito imaturo pra lutar sozinho. Preciso da ciência, das drogas, dos bisturis. Por favor, não me deixem só. Alguém aí tem um remédio? Acupuntura? Macumba? Reza? Deus?

Puta que o pariu: o homem foi à Lua e ninguém descobriu a cura para uma lesão de medula. Ora bolas, vão todos tomar no cu.

Realmente, a alta era um fato. Não restava outra coisa senão me despedir desses incríveis amigos enfermeiros. Estava tudo engatilhado. Uma cadeira de rodas e uma cama de hospital alugadas. Um colchão d'água montado no apartamento, e uma enfermeira contratada pra ficar o dia todo. Medicamentos estocados (principalmente o genial Diempax), equipamentos urinários no armário (sonda, garrafinhas de xixi pra pendurar na cama, seringas pra desentupir a sonda).

Três meses de hospital na minha vida (um desperdício). Três meses de paralisia nas mãos e pernas. Natal, réveillon, carnaval. Ilma, Elma, Ding Dong, Divino, dr. Alex, Chico, Santista, Neneca, Edmílson, dr. Mangureira, dr. Nirvan. Tubinhos na veia, caninhos no pinto. Cabeça coçando, cuca esquentando. Pacientes passando. A selva, a merda.

É bom mudar um pouco de vida, me apartamentar um pouco. Chega de tetos grandes, de luzes brancas de mercúrio.

Tchau, tchau.

Saí do quarto, do corredor, finalmente conheci a parte externa do hospital. Incrível, mas era todo branco com janelas azuis. Meio estilo colonial.

Tchau, tchau.

Outra ambulância na minha vida. Essa, bem mais chique. Era uma Caravan toda modernosa. Duas tremendas sirenes com luzes no teto. O Neneca ia comigo, junto da minha mãe.

Tchau, tchau.

O motorista, impaciente e chato, nos apressou. Deitaram-me na traseira e, finalmente, partimos. A porra era baixinha e tremia horrores. Pelo vão da janela pude sentir a avenida Pacaembu, a Dr. Arnaldo e a alameda Santos. Pertíssimo de casa. Estávamos na frente do Astor quando parou a ambulância e vi uma menina olhar pelo vãozinho. Olhou-me bem nos olhos e fez uma cara de piedade chocante. “Sua putinha, vai olhar por outra janela, que essa é minha.” Mas logo desculpei a boba, pois eu mesmo sempre tinha vontade de olhar o que se passava dentro de uma ambulância.

Eugênio de Lima, senti pela inclinação da descida da minha rua. Chegamos. Opa, um problema, a merda da porta da garagem é muito baixa e o carro não entra por causa das sirenes.

Não teve outro jeito, abriram a porta de trás da Caravan e me tiraram ali mesmo, na calçada. “Bochicho” generalizado na Eugênio de Lima. Que vergonha, até o trânsito parou para ver aquele bicho saindo da ambulância, com um monte de ferros no pescoço. Sentaram o animal numa cadeira de rodas e o levaram para dentro de uma garagem.

Eu estava gostando daquele show e, em especial, da novidade que estava sendo aquele passeio. Neneca empurrou a cadeira até o elevador (Atlas, pra quem estiver muito curioso). Minha mãe abriu a porta e, de repente, ficou tudo preto. Não acabou a luz não, eu desmaiara pela centésima vez.

Acordei deitado numa maca, ainda na garagem, sob os olhares assustados do Neneca.

— Tudo bem?

— É, mais ou menos.

Foi aí que vi o síndico do prédio. Um velhinho com quem eu, quando morara ali, tinha quebrado altos paus.

Não é que o síndico era médico e estava agora medindo meu pulso?

— É, a pressão está baixa.

— Será que não dá pra ele ir deitado na maca pelo elevador?

Não dava, de jeito nenhum. Incrível, só agora percebi a dificuldade de um doente para entrar no elevador. E, quando um cara morre no décimo quinto andar de um edifício, será que o caixão desce em pé no elevador? Ridículo.

— Tudo bem, acho que aguento até o nono andar.

Entramos no elevador, a porta fechou. Nós três naquela caixa de aço. Agora, mesmo se desmaiasse, não poderia fazer nada a não ser esperar chegar no nono andar. Mas deu tudo certo. A porta abriu e entrei pela cozinha.

Vum, vum, vum, não deu nem tempo pra sentir a casa direito. Levaram-me direto pro meu antigo quarto, que tinha virado sala de televisão quando morava em Campinas. Deitaram-me numa cama de hospital bem grande, e dormi, exausto.

Apartamento

No começo de 1974, morando em Santos, a família Rubens Paiva já não tinha qualquer esperança de que o homem da casa estivesse vivo. Os boinas-verdes desse país continuavam afirmando que ele fugira.

E como diz a música: “Começar de novo...”.

Santos não afunda porque merda boia. Então viemos morar em São Paulo definitivamente (de onde nunca devíamos ter saído). Minha mãe conseguiu transferência pra faculdade de direito do Mackenzie. Eu fiz um vestibulinho pro colégio da burguesia paulista e passei (muito mais pela influência do meu tio, que era advogado do colégio, do que por meus dotes). Veroca já estava na USP. Nalu e Big foram pro Colégio Bandeirantes, e a Eliana fazia cursinho.

Era a época da febre imobiliária no Brasil, e a melhor maneira de investir dinheiro era comprar imóveis. O que meu pai deixara deu para comprarmos um “Gomes Almeida Fernandes”, no Jardim Paulista. Só que, devido à falta de grana, compramos o apartamento na planta, isto é, o prédio ia começar a ser construído.

Alugamos um apartamento a duas quadras do “Gomes” e esperamos a eficiência dos trabalhadores, pedindo pelo amor de deus que não atrasassem as obras.

Lembro-me de ficar horas e horas em frente à construção, vigiando, orgulhoso por ter a primeira casa própria da minha vida (até então, pagávamos aluguel).

— Prega bem essa tábua aí, ô meu — ficava alertando, imaginariamente. Um dia, quando tudo estava pronto, subi os nove andares a pé, pra curtir a nova toca.

O prazo foi cumprido, e, antes mesmo de mudarmos, ia lá todos os dias com um livro debaixo do braço e ficava lendo no meu futuro quarto (é uma

delícia apartamento sem móvel nenhum).

Era um prédio típico da época em que vivíamos, a ascensão da classe média no Brasil (para nós, a decadência da burguesia). Fachada em estilo colonial, como outros quinhentos em São Paulo. Tinha até uma piscina no térreo (de meio metro, mas tinha). Salão de festas, salão de jogos (com uma mesa minúscula de *snooker*). O apartamento era grande: quatro quartos, uma sala espaçosa que tinha até terraço (só cabiam duas pessoas, mas era terraço). Enfim, tinha todos os elementos de um edifício chique, pra gente com uma renda não muito chique.

Morei três anos nesse apê, depois fui pra Campinas e passava alguns fins de semana nele. Agora, estava de volta, meio contra a minha vontade, mas o que poderia fazer? Morar em república campineira, do jeito que estava, nem por pensamento.

Acordei antes do anoitecer. A porta do quarto estava aberta. Percebi que tinha uma multidão na sala, mas não chamei ninguém. Precisava de um tempinho só, para raciocinar direito sobre minha nova condição.

Incrível a diferença do meu novo mundinho. O teto parecia encostar no meu nariz, de tão baixo que era. Erro meu, o teto estava na altura normal. É que três meses de hospital, onde o pé-direito era altíssimo, tinham me acostumado mal. A impressão que tinha é que estava dentro duma caixa de sapato. Tudo branco, pequeno, bem aconchegante. O som abafadíssimo (chão acarpetado). Dava pra ouvir o barulho do trânsito da rua, apesar de estar no nono andar. Lembrei-me de que, bem em frente ao prédio, tinha um sinal. Fazia barulho de carros parados com motor ligado.

Gostei da sensação de normalidade que dava aquele barulho de trânsito. Realmente eu estava em casa, apesar da altíssima cama de hospital. Minha mãe fazia jus à sua fama de caprichosa. Colocou uma cortininha cheia de flores, comprou um abajur bonitão (desses que parecem de ficção científica). Havia uma poltrona forrada com o mesmo tecido da cortina (estava começando a me sentir numa floricultura).

As paredes, limpíssimas, mais brancas que dente bem-escovado. A televisãozinha da Teté estava em cima de uma típica mesa de doente. Meu potente e supersônico gravador, ao lado da cama. Levantei o lençol e pude ver que estava tudo em ordem com a borracha que entrava dentro do meu pinto (a

terrível sonda). Acompanhei o caninho até a borda da cama. Não conseguia ver onde aquele xixi desaguava (ou melhor, xixiaguava). Devia ter uma garrafinha pendurada na cama, como no hospital.

A cabeceira da cama dava pra porta do quarto, deixando-me a visão da janela livre. Ficava de costas pro armário embutido. O ruim é que não via a porta, não podia controlar a entrada das pessoas no meu quarto. Tinha até um vaso de samambaias numa mesinha redonda. Que bonito...

— Filhinho, está acordado? — era minha mãe cochichando no meu ouvido.

— Ah, mais ou menos.

— Está aí a tua nova enfermeira. Ela quer te ver.

— Ah!

— É uma alemãzona bonita, loira de olhos azuis.

— HUUUUUMMMM!

— Posso deixar entrar?

— Não!

— Por que não?

— Hoje não estou “afins”.

— Tá bom, então amanhã ela começa a trabalhar bem cedo. Se prepara, que ela é pontual.

— Tá.

Loira de olhos azuis, uau! Será que arrumei uma Farrah Fawcett? Que tesão, hein? Já imaginou se for uma tremenda gatona quem vai me dar banho?

— Hora de papá — entrou a Nana com um prato saindo fumaça.

— Gracinha.

— Chuchuzinho.

— Gostosinha.

— Tico-tico (a Nana sempre me chamou assim, tico-tico, não sei por quê).

Ah, comida caseira... que saudade. Temperada, salgada, acebolada, já não aguentava mais o rango do hospital. AAAHHH feijão, a grande curtição nacional. Há três meses não via feijão. Sobremesa, podia escolher. Vejam só, escolher a comida que quisesse. Que luxo, que liberdade. Tinha até cafezinho.

Havia umas visitinhas na sala, mas, em respeito ao meu dia agitado, deixaram-me descansar. Nana, Gorda e Big já eram suficientes pro meu sossego. Iam todas dormir comigo. Portanto, vimos TV até mais tarde e tchan-tchan-tchan-tchan...

Chegou a hora. Que será, será? Marcelo vai ou não vai conseguir dormir?

VAAAI!

Vai ou não vai?

VAAAI!

Por precaução, tomei um Diempax inteiro. A casa em silêncio, minha mãe deixara minha porta aberta. Qualquer problema, era só gritar. Consegui convencer a Nana a dormir com a Big.

— Tudo bem, eu tô louco pra dormir sozinho, não vou passar o resto da minha vida com uma babá ao meu lado.

Veroca fez o relaxamento e se despediu. Todos saíram, as portas do quarto se fecharam, as luzes apagadas. Silêncio absoluto. Rua sem trânsito.

“E agora...”

“Que quarto abafado.”

Da rua, ouvia o barulho do sinal. “Deve ter mudado agora pra vermelho.”

Plec, plec: verde agora.

O teto fazia “cosquinha” no meu nariz.

Chuaááá, barulho do colchão d’água.

Ouvia com nitidez o som da minha respiração.

Inspira, expira, inspira, expira...

Dormi feito um cocô.

— Bom dia, João Grandão.

Era a Nana me acordando com uma bandeja na mão (sempre que me acordava, ela cantava esse “bom dia, João Grandão”, vai saber por quê).

Suquinho de laranja, café com leite, pão com queijo de Minas e um pedaço de mamão. Chocante, nunca tivera tanta mordomia na vida. Atrás dela entrou uma loirinha toda de branco. Sem dúvida era a Stella, minha enfermeira: minha mãe não tinha exagerado quando se referira à alemãzona. Era a própria. Um brutamontes com ombros de nadadora russa. Braços brancos e

fortes. Usava uma calça justa, dando pra perceber a largura das coxas musculosas. Um cabelinho boboca, desses oxigenados, com um cortezinho redondo saltitante. Os peitos pequenos, duros, arrebitados, aliás tudo nela era duro. Os olhos azuis e bem fundos. Era feia, muito feia, e com um corpo de macho. Mas era exótica e, afinal de contas, loira de olhos azuis (não sei quem inventou essa de que loira de olhos azuis é bonita por definição).

Sorridente, quis me dar o café da manhã, mas, olhando pra minha pernambucaninha loira de olhos verdes, pele queimada, seios grandes, magra, mas bunduda e muito fofinha, dispensei a atleta.

— Tudo bem, deixa a Nana me dar, que ela já está acostumada.

— É, mas eu tenho que me acostumar.

Iiih, não aguento essa intimidade comigo. Muito menos esse sorrisinho forçado de quem está querendo ser minha babá.

A Nana me deu o rango sob os olhares invejosos da outra.

Hora do banho. Aceitei a tese de que a outra precisava se acostumar e deixei a coitada me banhar. Ela não sabia direito as técnicas, mas fomos lhe ensinando.

Tiraram minha roupa.

Peladão, molhou um paninho com água quente misturada com sabonete e, primeiro, passou no meu rosto.

Enxugou o rosto e foi pro peito. Molhou, enxugou. Depois os braços. Molhou e enxugou. Depois, é lá mesmo... Vamos, mulher, sem acanhamento, afinal eu sou um pobre doente. Vamos, coragem...

Ela respirou fundo, contou até três e pimpa, passou a toalha no meu pinto.

Esfregou bem, passou entre as pernas e, de repente, fez uma cara assustada, perdendo imediatamente todo risinho cínico. Percebi que meu pinto ficara duríssimo. Era normal, afinal, esfregando uma toalha, mesmo que eu quisesse, não dava pra deixar de endurecer.

— Vamos, mulher, tudo bem.

Voltou a me limpar. Molhou bem as pernas, os pés e enxugou.

— A frente está pronta, agora vamos passar pras costas.

Ensinamos como me virar, tomando o máximo de cuidado com o pescoço. Virado, ela passou água nas costas. Imediatamente, o quarto ficou

com um odor inconfundível. Seja rico, seja pobre, preto ou branco, terráqueo ou marciano, cocô em qualquer lugar do universo tem o mesmo cheiro.

A loira boboca me limpou e me enxugou. Pronto. Tudo em ordem.

Ao meio-dia chegou o Osório. Estava tudo combinado: segundas, quartas e sextas ele me faria uma hora de fisioterapia. Claro que não era o suficiente, mas é que o cara cobrava caro à beça. Nos outros dias, deveria ser feita pelas minhas assistentes, inclusive pela Stella, não deixando de fazer à noite também.

Ele veio todo de branco. Nos cumprimentou com um “bom dia, dormiu bem? Ótimo”, e, depois de lavar as mãos, veio me tratar, sob os olhares curiosos da loirosa.

Fez uma série de recomendações: mudar sempre de posição, pra evitar as abomináveis escaras, sentar no mínimo quatro horas por dia na cadeira de rodas, só que com uma espuma por baixo. Duas horas, à tarde, descansar na cama, e duas horas, à noite. Tomar cuidado pra não entupir a sonda.

Fez os mesmos exercícios de antes, só que dessa vez finalizou com um exercício de respiração. Inspirar bem forte e soltar devagar pela boca. Enquanto soltava, ele vibrava meu tórax, simulando uma respiração torácica (eu só respirava pela barriga, respiração diafragmática, em virtude da falta de movimentação também do tórax).

Acabou a fisio, ele olhou pra Stella e... Pronto! Bateu os dentes, pôs o queixo pra frente, fechou os olhos, respirou ofegantemente (ressuscitou o monstro tarado) e falou, quase gemendo:

— Boa tarde...

Voltou a si, balançando a cabeça, e se foi, deixando a loirosa assustada.

— Não liga não, vez em quando dá isso — acalmou a Nana, como quem já fora olhada desse jeito.

Hora do almoço. Decidi pôr o colete e almoçar sentado na cama. Com a ajuda da Nana, ensinamos à Stella a difícil tarefa de encaixar os ferros no pescoço. Agora quem queria dar o almoço era a Vècchia. A outra ficou enciumada, mas, coitada, não tinha o menor poder de decisão sobre mim. Restava ficar com a cara emburrada sentada no sofá, vendo minha avó dar a comida.

Decidi sentar. Encosta a cadeira e, com a forte da Stella pegando atrás, mais a Gorda e a Nana, pimba! Estava sentado.

Antes de ir pra sala, porém, fui dar um passeio pelos quartos. O da minha mãe, igualzinho ao de antes. Pedi pra Stella abrir a porta do banheiro dela e pude ver que não dava pra entrar com a cadeira de rodas. Tudo bem, pra que vou precisar do banheiro, se não posso tomar banho? No banheiro dos filhos, no final do corredor, também não entrava a cadeira. As portas dos banheiros são bem menores que as outras.

Só então entrei na sala e pude ver que estava tudo igual. E que saudade desses móveis. De um lado, uma bruta estante com livros (minha mãe sempre gostou de mostrar o quão culta é sua família). É uma sala carregada de móveis. Pra quem tinha morado numa casa enorme no Rio, era difícil colocar tudo num apartamento, e mais difícil ainda desfazer-se de alguns móveis caros (tinha um avô, o milionário, que ia quase todo ano pra China, Índia, e sempre trazia vasos, tapetes caríssimos). A parede, forrada de quadros. Sempre achei o maior barato encher a parede de quadros, um em cima do outro.

Meu pai tinha uma fazenda que vendera pro seu irmão colecionador em troca de quadros. Não é que tínhamos na parede três gravuras do Portinari, um Bonadei, um Lazzarinne? Mas a maioria era da Renina Katz, amicíssima dos meus pais e uma artista genial.

Na sala tinha uma poltrona grande, bem confortável. Imediatamente, chegando lá, pedi para a Stella me sentar nela. Era mais gostosa que a cadeira, e, com a altura do encosto, minhas costas não ficavam tão pendentes como na cadeira de rodas.

Colocaram uma mesinha com tampa na minha frente de tal maneira que desse pra ler o jornal.

Nana ligou o rádio, na Bandeirantes FM. Chato, porque de cada cinco músicas que tocam nessas FM, uma eu gosto, outra, mais ou menos, e três eu odeio. Mas uma coisa me chamou a atenção, já tinha reparado nisso no meu supersônico rádio: o novo disco do Caetano, *Cinema Transcendental*, estava tocando bastante nas rádios. Finalmente descobriram esse cara, coitado, já era o décimo disco dele e só agora estavam dando o devido valor. Abertura no país da Transamazônica. Não que o Caetano fosse um subversivo revolucionário que não tocassem antes nas rádios. Mas tudo o que é novo e diferente como o som de Caetano deixa paranoicos os meios de comunicação de massa. Não é só autocensura, mas também uma mentalidade conservadora da cultura (nossa,

estou falando bonito). É muito mais cômodo pras rádios, isso é, cria muito menos problemas prum país repressivo tocar coisas tipo Benito de Paula (“Meu Amigo Charlie Brown”), ou aquela duplinha reacionária, Dom e Ravel (“Eu te amo, meu Brasil, eu te amo, meu coração é verde, amarelo, branco e azul anil...”).

Li o jornal, ouvi músicas bundas e me cansei. Fui de novo pra cama tirar a minha saudável sonequinha.

Acordei antes do entardecer e, aproveitando a força da Stella, sentei novamente na cadeira de rodas e, na sala, passei pra poltrona. Estavam chegando as primeiras visitinhas. Por vaidade minha, pedi pra Stella colocar a garrafinha de xixi que sempre me acompanhava debaixo da poltrona, e pus o jornal no caninho. É que só agora percebia que devia ser meio chato pras pessoas conversarem comigo e, ao mesmo tempo, verem aquela garrafinha cheia de xixi do meu lado. Era fedorento e feio, por isso escondi.

Quase noite, a casa já estava cheia. Muito melhor receber gente num apartamento que num quarto de hospital. Aqui não incomodava ninguém, tinha som na vitrola, fumo no terraço, cafezinho, telefone. Só na hora do rango que o pessoal, sacando que tinha muita gente, desceu pra padaria em frente e depois voltou.

Mas, à noite, caminha pra ver a novela e, depois do Diempax, bau, bau.

Primeiro fim de semana. Livre da Stella, mas, em compensação, casa cheia. Era o último fim de semana das férias. Toda a turminha campineira, inclusive a Nana, só viria pra São Paulo pros fins de semana próximos. Os amiguinhos paulistas, com aula e trabalho, me veriam com menos frequência. Big iria pra PUC à tarde. A Nalu trabalhava de dia, e à noite, USP.

Fiquei com medo de ficar só, mas, pra comemorar a despedida, nada como um passeio de carro.

Genial, descemos pra garagem. O Bunds e a Gorda me puseram no Corcel azul da minha mãe.

— Tudo bem?

— É, mais ou menos. Eu fico menos firme, mas se alguém for me segurando atrás, dá pra ir numa boa.

Tchan-tchan-tchan-tchan. Abre-se a porta da garagem. Bunds guiando. Nana atrás e a Gorda me segurando as costas.

Pé na tábuia. Finalmente estava vendo a rua. Era um sábado lindo, céu azul. Pouco movimento nas ruas.

A ladeira da Eugênio de Lima foi suave. Cada esquina, cada poste era uma curtição. Entramos na Estados Unidos. Tomamos a direção de Pinheiros, onde a maioria dos meus amigos morava. As pessoas se assustavam um pouco com aqueles ferros no meu pescoço, e em cada sinal vermelho era aquele festival de curiosos (imaginem se eles soubessem como eu estava).

Fomos até a casa da Laurinha (a risada mais gostosa do mundo). Emocionada, entrou no carro. Pegamos o Cassy e fomos pra casa do Carca, no Alto da Lapa. Todos queriam passear comigo, não teve jeito. Nana no meu colo, Bunds guiando, e quatro atrás. Conheci a nova avenida Sumaré. Esplêndida.

Uma coisa que me chamava a atenção era a quantidade de pichações de muro. Havia umas engraçadíssimas como: *Rendam-se, terráqueos*. O Cassy nos mostrou a que ele tinha feito, na Vila Madalena, bairro da intelectualidade-pop-esquerdizante-uspiana de São Paulo: *Liberte o Ivan Lins que há dentro de você*.

Achei um barato essa conquista do espaço urbano. Na realidade, os muros não são de ninguém. A propriedade é uma forma de capitalizar a natureza que o imbecil do ser humano inventou. Os muros, então, pra que servem os muros? Pra impedir ladrões? Sim. Pra garantir a privacidade? Sim. Mas servem também pra acabar com o direito natural do ser humano animal de ir e vir (um direito inclusive constitucional).

Já imaginou se a onda de construir muros pega também na zona rural? Nós acabaremos por conhecer somente as ruas e as estradas. Que direito tem um cidadão de tapar a visão e o usufruto da natureza? É, Marcelo, você é um bobo sonhador. Está mais que óbvio para a humanidade que a natureza se compra e passa a ser particular. Os marcianos rirão de nós um dia, ao saberem que nosso planeta é um grande quebra-cabeças de proprietários. Restam-nos os parques e praças públicas.

Em Campinas tem uma cachoeira linda na qual o dono colocou cercas pra ninguém ver. Legal, né?

Por isso, pichem. Invadam o espaço, xinguem a mãe do presidente, declarem amor à sua prostituta preferida. É a imprensa popular e democrática.

Lucy in the sky with diamonds

Não adianta, dona Lucy, você pinta, nós picha

Beatles 4 Ever

Esse muro tava tão branquinho...

Atenção, atenção. Entramos na avenida Paulista. Ah... não esqueci da minha promessa. Pedi pra Nana abrir a janela e recebi o ventinho na cara. Não era um CMTC, mas era ventinho da Paulista, dois terços do meu sonho. Que delícia essa gente toda aí, andando, bundando, amando, esperando o ônibus, indo prum cinema. Ah, que inveja de vocês todos. Adoraria estar trocando uns passos nessa calçada, dançando com esses postes, correndo pela contramão no meio da avenida.

Um dia eu venho, querida Paulista, e te amarei sozinho, te farei gozar como a mais mulher das mulheres, porque você é minha, só minha. Ninguém te curte mais do que eu, gatona.

Chegando em casa, emocionado, fui direto pra cama tirar o colete, que já estava doendo. Estava em êxtase. Fiquei com vontade de compor uma música, mas não dava. Eu tinha um monte de coisas pra falar, sei lá, uma poesia, uma carta de amor. Viva a vida.

— Nana, pega um lápis e papel que eu vou ditar um negócio aí.

Uma paulista chamada avenida

Ou é uma menina chamada Paulista? Isso, uma garota confusa, agitada, que brilha nas retinas dos paulistas, dos *ecolá* aos *arigatô*. Uma avenida tão dialética que, na hora do *rush*, as pessoas que vão a pé andam mais rápido do que as que vão de rodas. Homens, mulheres e minorias andam sobre seu ventre moreno, cospem em seus poros e excitam seu corpo exposto, faça chuva, faça sol. Na cabeça, a mentalidade dela: a Sears. Uma menina muito consumista, cheia de coisas, mas fraca de conteúdo. Nos pés, a decadência, o Ponto 4, mosquito e mosqueteiro. No centro, bem no centro, ali ó, a região pélvica. O Trianon plumoso, suas babás sensuais, velhos, bichas, meninos e meninas saindo do Dante, pipocas com cocotas, bobocas como eu, moços bons para dar uma bola, árvores tão densas que não dá pra jogar bola, cheirar cola, Coca-Cola, Kibon. Tá bom.

É o centro nervoso do capital Brazil (com z). A cidade e sua função. As células são impressas em Brasília, cheias de demagogia, pensando assim: ó, como somos importantes. Mas é aqui, mais especificamente na Paulista, que elas são devoradas, selecionadas e guardadas nos subarranha-céus bancários. Chegam cheias de panca, são trocadas por letras de câmbio, ações, juro e correção monetária. São Paulo empapela o país. Santos é diferente: traz e manda. Conhece Santos? Aquele mar marrom com manchas de petróleo brilhando, aquela areia cinzenta com ossos de galinha e garrafas de cuba-libre vazias. No horizonte, uma infinidade de navios cargueiros, lado a lado, esperando a oportunidade de desembarcar contrabandos, marinheiros e suas gonorreias. Ia ser ridículo se o mar fosse azul-claro com areias brancas, coqueiros e, no fundo, veleiros e jangadas em busca do sol.

Em cada cem habitantes paulistanos, quinze são viciados em fliperama. É a cidade da máquina, do digital, da tomada. Meninos e meninas, velhos

impotentes, a Pauliceia delira apertando botõezinhos, fazendo a bolinha subir. E ela sobe, derruba um “extra” e sobe outra. Não deixa ela cair, ô cara, cuidado com o “tilt”. Mostre pra máquina que você é mais máquina do que ela. Na avenida Paulista tem um fliperama gigantesco. É o Diversões Eletrônicas Curso Objetivo. Só que não tem bolinha, não. É gente, isso, gente que sobe, derruba um “extra” e desce. Esse “extra” é mais difícil. É a contradição do sistema, onde os felizardos serão os futuros infelizes desta mal-educada nação, pobre problema que não depende da magia da avenida. E é com má educação que o paulistano não respeita os *black* postes da menina. Todos forrados de cartazes: vende-se, show, luta, eu quero ser alguém. Mas essa sujeira eu até acho uma boa, e a menina também gosta. O mundo precisa de manifestos, de letras, de apresentações. Pô, ele nos dá tanto de graça e de inspiração, por que nós vai ficá parado, hein? Beijos para o mundo, beijos para Porto Seguro, para Arembepe, para a avenida Niemeyer, para o Maracanã. Beijos para a Ponte Preta, para o Comando Vermelho. Força aí, Comando, o povo brasileiro está na sua luta. Por melhores condições de assalto a banco, abaixo os alarmes, mais dinheiro, menos vigilantes. Encoste a arma no gerente e diga:

— Eu não quero te machucar, só quero a grana do teu patrão.

Depois, venha gastar conosco da classe média, num barzinho da Henrique Schaumann, compre um Passat, vista um belo jeans, paquere uma mina d’Augusta, sente-se e tome umas e outras conosco. Quem sabe até fumaremos um?

Hoje li no jornal que vão pôr uma antena de 270 metros na Paulista. Nada mau, se pensarmos que a Torre Eiffel tem trezentos e poucos metros. Já pensou como vai ser mais fácil se suicidar? A ponte Rio-Niterói vai fechar as portas. Vai ter fila para se atirar lá de cima e beijar o corpo da menina, se espatifando numa velocidade aproximada de 310 quilômetros por hora. Ufa, já imaginou que pau? A menina vai se deliciar com as cosquinhas que esses suicidas vão fazer na pele morena dela...

Minha mãe trabalha na avenida, no tal de World Trade Center. Bonito, né? Chique, até vou repetir, só que agora com a língua bem enrolada: WORLD TRADE CENTER. É o primeiro prédio, quase esquina com a Rebouças. O engraçado é que, em dia que faz calor, ninguém consegue trabalhar. Se abrir a janela, é por causa do barulho; se deixar fechada, morre-se sufocado. Não falei que é uma

avenida dialética? Outra vantagem de trabalhar nesse prédio é que no décimo andar funciona o consulado americano. Assim, quando algum boy estiver com preguiça, é só ligar pra lá e avisar sobre uma suposta bomba que tenham colocado em protesto contra o imperialismo *yankee*. A polícia chega em poucos minutos e evacua o prédio. Fica todo mundo na calçada tomando picolé. No mundo dos negócios isso se chama “que aperto”. Dá-lhe menina, dá-lhe minha amante. Beijos na sua calçada deste cara que admira você.

Dia seguinte, domingo, seguimos a tradição italiana. Comemos todos juntos um *maccherone da mamma* e discutimos à beça (*tutti gente buona*).

Bunds fez um convite temeroso, mas difícil de recusar:

— Vamos pegar um cineminha?

Putzgrila, e agora? Um cinema, de cadeira de rodas, vai ficar todo mundo me olhando, sentindo pena de mim.

E daí? O que importa é o filme e não os espectadores. A escolha do filme era dura. Poderíamos ver *Apocalypse now*, filme do FF Copolla sobre a guerra do Vietnã, ou *Zabriskie point*, do Antonioni. Mas escolhemos o Z do Costa-Gavras, que depois de anos na censura foi liberado. Sempre fora louco pra ver esse filme, principalmente depois de uma entrevista do senador Marcos Freire, que eu tinha lido, falando da censura desse filme, que era muito parecido com o caso Rubens Paiva, só que se passava na Grécia.

Fomos eu, Bunds, Veroca e Nana. Era no Center Três, na Paulista (e, como o cinema tinha elevador e garagem, estava tudo limpo pruma cadeira de rodas). Chegando lá, o Bunds estacionou bem na frente do elevador. Foi aquela correria, abre o porta-malas, monta a cadeira. Tiram-me do carro tomando cuidado pra eu não sentar em cima do caninho de xixi. Põem uma almofada nas minhas costas e pegamos o elevador. Não preciso dizer o espetáculo teatral que acabou virando. Todos pararam e ficaram assistindo àquela peça em um ato — um garoto comum paralisado do pescoço pra baixo.

Que tanto essas pessoas me olhavam? Ih, meu deus, já estava começando a ficar nervoso. Pensei em desistir, mas tentei pensar só no filme que iria ver.

Eu abria um sorriso sem graça de como quem tenta dizer: “Sou um cara legal, não me olhem com essa cara de piedade, que eu estou bem”. Mas não

adiantava. Do caminho do elevador até a bilheteria, fui olhando pro chão, sem levantar o rosto um minuto.

— Não liga não, eles só estão assustados com esses ferros no seu pescoço.

E daí que era pros ferros, eles estavam no meu pescoço, então era pra mim aquela secada geral.

Ainda bem que entramos no filme já começado. Luzes apagadas, ninguém estava muito interessado em quem entrava ou saía da sala. Encostaram a cadeira numa poltrona (era mais confortável que a cadeira) e, naquele bafafá, me passaram, com o cuidado de deixar o caninho do xixi livre.

— Tá tudo em ordem? — cochichava a Nana.

— Acho que sim, mas olhe a garrafinha, vê se não está vazando mijo.

— Não, tudo bem.

Aí que ficamos quietos para ver o filme. Focalizei minha visão naquela telona. Puxa vida, três meses sem ir ao cinema desacostuma. Não conseguia acompanhar aquelas letrinhas. Não sabia se olhava pra cara do personagem ou pra legenda. Depois, como eu tava no corredor, tinha uma luzinha vermelha bem na minha cara.

Bom, vamos prestar atenção no filme.

— Com licença.

— Ah.

— Dá pra tirar a perna pra eu passar?

— Ih, e agora — cochichei pra Nana.

— Ó moço, não dá — me acudia a pernambucaninha.

— Como não dá? O cinema tá cheio e eu paguei pra sentar. Não tá vendo que tem um lugar logo ali?

— É, tudo bem, acontece que eu sofri um acidente.

— E daí, já sofri vários acidentes. Por favor, tire a perna pra eu passar.

— Não posso mexer a perna.

— Por que não?

— Tente ir pelo outro lado.

— Mas como, vou ter que dar a volta toda? Não, assim não dá.

Ele foi forçando passagem e empurrando minhas pernas.

Fui caindo da cadeira, quando a Nana falou:

— Porra, ele é paralítico!

— Paralítico? Ó garoto, desculpe, mas por que é que vocês não avisaram antes?

Por que é que não avisamos antes? Acho que é falta de costume. Sei lá, como avisar? Dizer que sou aleijado? Paralítico? Acidentado? Pelo jeito vou ter que achar um outro termo. Esse de paralítico foi bom, mas é chocante.

Bom, agora ao filme.

Essa merda de ar-condicionado tá bem na minha orelha.

— Tá com frio?

— É, um pouco — respondi à Nana, tremendo de frio.

— Puxa, nós te sentamos no lugar mais frio do cinema.

— Tudo bem. (Tudo bem nada, eu estava já batendo os queixos.)

Enfim: THE END.

Nunca minha dupla personalidade fora tão exercitada como ali. Uma prestava atenção no filme, e a outra morria de frio, insegurança, chateada com a luzinha, com medo...

Na saída, mais show e mais sem-gracismo de minha parte. Sorrisinhos olhando pro chão. O filme, muito joia. Não lembrava nem um pouco o caso do meu pai, mas lembrava muito o que nós gostaríamos que acontecesse. Um julgamento dos milicos que fizeram isso com ele. Impressionante como militar tem a mesma cara em todo o mundo. No filme, um promotor resolve fazer uma investigação sobre o assassinato de um deputado e descobre uma trama de generais por trás. Chama pra depor um por um e acusa todos.

A última cena do filme é ótima. Entraram aqueles generais com cara de macho na sala do promotor e, depois de ouvirem as acusações, saíram todos pela porta dos fundos, morrendo de medo. A plateia entra em delírio com o que poderia acontecer neste país. No letreiro final, uma explicação. Logo após o julgamento (esse filme baseia-se num caso verídico), houve um golpe militar na Grécia. O promotor foi preso e os implicados no caso viraram ministros de Estado.

Nana, Gorda, Cassy, Gureti, meus irmãozinhos campineiros, foram à luta. Começaram as aulas, e me deixaram em São Paulo. Que inveja, poderia estar na minha casinha fazendo um som com o Cassy, enquanto Nana e Mariúsa

faziam o jantar. Depois iríamos todos comer na copa, e quem não tinha cozinhado lavaria a louça. Tomaríamos um chá, acenderíamos um “basy”.

Mas estava muito longe disso acontecer. Logo às nove horas chegou a Stella. Me deu um suco, pão com queijo, café com leite. Com os óculos-prisma e a tábua em cima de mim, li a *Folha de S.Paulo*. Quando chegou a Vècchia, deram-me o banho. Começou a haver uma certa disputa entre Vècchia e Stella. A minha avó não escondia a preocupação que sentia em me ver sob os cuidados daquela loirosa. Ficava dando palpites, geralmente rejeitados pela enfermeira.

Meio-dia, chega o Osório. Põe a chave em cima da TV e diz: — Bom dia, dormiu bem?

Sai o Osório, entra um prato de comida, feito pela Vècchia e pela nova empregada, uma menina de catorze anos que minha mãe insistia em dizer que trabalhava mais que uma empregada maior.

Depois do almoço, colete. Era a recomendação osorial: sentar na cadeira de rodas. Cheguei à conclusão de que agora, que estaria mais sozinho, deveria me preocupar eu mesmo com o cotidiano.

Então, num ato de coragem, chamei a Stella:

— Chame o elevador, que nós vamos dar uma volta.

— Mas nesse sol? Você tem que tomar cuidado, está muito branquinho.

É, realmente. Resolvi colocar um chapéu na cabeça, para me proteger e, mais importante, esconder a cara. Assim ninguém poderia me ver.

O único chapéu realmente capaz de esconder a minha cara era um mexicano enorme. Pra melhorar o disfarce, coloquei uns óculos escuros, e fomos.

Descemos pela garagem, e, ao sair à rua, pude ver pelos furinhos do chapéu os primeiros rostos assustados.

— Desce a ladeira pela calçada — disse à Stella.

O chão esburacado me balançava todo, fazendo com que meu corpo fosse caindo.

— Calma, me segura.

Stella não era muito esperta, mas, com um grito meu, ficava a pessoa mais inteligente do mundo.

Ela não sabia se me segurava ou segurava a cadeira. Minha bunda já tava quase fora do encosto quando ela me agarrou pelo colete.

— Aí não, sua imbecil.

O homem da banca de jornal da esquina veio ajudar. Algumas pessoas pararam e o trânsito engarrafou. Um pegou uma perna, outro puxava o braço. Meu chapéu voou com o vento, a calça ficou presa no encosto e, quando me levantaram, fiquei de bunda de fora. A bolsa da velha que segurava a outra perna abriu e jogou tudo que tinha dentro na calçada...

Voltei pra casa com uma certeza: nunca mais saio na rua com essa imbecil.

A partir das quatro horas não precisava me preocupar mais com a falta do que fazer. Geralmente chegava uma ou outra visitinha. Um ex-colega do Santa Cruz, algum amigo das minhas irmãs ou um unicampista perdido em São Paulo. Meus colegas de infância. Todos me dando uma força. Realmente o meu acidente abalou muitas pessoas, e elas precisavam comprovar na prática se eu estava bem, se isso tinha ocorrido mesmo, quanto tempo demoraria a recuperação, se eu já tinha sentido alguma melhora, o que poderiam fazer pra me ajudar...

O que mais me irritava é que a loirosa sempre fazia questão de estar presente nas conversas. Até que um dia me irritei e tive um papo sério com ela:

— Olha aqui, você só fica onde estou quando eu te chamar. Senão, fica longe de mim, tá?

Óbvio que não fui tão rude assim. Afinal de contas, sou impaciente, mas sou socialista. Expliquei pra ela que, apesar da minha total incapacidade física, minha cabeça estava perfeita, e não precisaria de alguém pra me ajudar intelectualmente. Só pra virar a página de um jornal, colocar um disco na vitrola, empurrar a cadeira pelo apartamento, me pôr e tirar da cama, me fazer as higiênes. Às vezes eu queria ficar sozinho, ou com meus amigos. Ela não precisava ficar sempre onde eu estava.

Foi falando tudo isso que descobri, em palavras, a minha relação com a Stella.

— Você é o meu corpo. Meu cérebro está bom. Geralmente, pruma pessoa normal, quando ela quer um chá, o cérebro comanda os músculos para se locomoverem até a cozinha e fazer o pedido. Você é meus músculos, minhas pernas e mãos. Eu é que comando.

Essa visão me lembra um pouco os escravocratas que consideravam os negros como máquinas. Pode ser até que tenha ressuscitado um escravagista,

mas não sou muito de ficar encanando com as coisas que penso. Descobri que a loirosa era meu corpo sem o cérebro, ponto final.

Mais à noite, chegava minha família. A Big, a Nalu e *my mother*. Jantávamos, e, enquanto uma das meninas levava a Vècchia embora, eu fazia exercícios na cama com a outra, sempre com a TV ligada (já estava ficando viciadão).

Num desses exercícios, a Nalu mexendo nas minhas pernas, de repente o pedaço de carne deu um puxão.

— Mas como, ela mexeu?

— Mexeu, eu estava segurando e você dobrou a perna.

— Mas eu não fiz força alguma, eu não quis dobrá-la.

— Mas dobrou.

Um sorriso desconfiado surgiu na carinha da Nalu. Será... será...

Estavam enfim chegando os movimentos pernaís? Chamamos a mamãe e contamos a novidade. Estávamos todos emocionados.

— Precisamos falar com o Mangureira.

— Mas eu não fiz força pra mexer.

— Tenta fazer agora.

Isso, boa ideia. Me concentrei, mandei todas as energias possíveis pra perna:

“Vamos, dobre, queridinha, dobre, só um pouquinho, mostre que você tá viva, prove que você gosta de mim, dá só um sinalzinho, só uma mexidinha de nada, vamos, força...”

Não dobrou. Nem um teco. Continuou estática, com aquela corzinha branca e seus pelinhos arrepiados.

Nalu continuou os exercícios na perna, e novamente a desgraçada dá sinal de vida. Chocante. Precisávamos falar com algum especialista. Dessa vez, minha mãe também era testemunha.

Na manhã seguinte, ao chegar o Osório, contei a novidade. Ele me olhou com uma cara sem expressão, não disse que era bom nem ruim. Com uma frieza profissional, pegou minhas pernas e fez um teste.

— Tenta dobrar um pouco.

Fiz força, mas não deu em nada.

— Tenta esticar agora.

Nada.

— Levantar.

Nada.

— É, vamos aguardar um pouco mais. Quando foi a última vez que você foi testado por um neurologista?

— Aqueles testes das agulhinhas?

— É.

— Foi quando saí do Paraíso, há umas duas semanas.

— E ele não notou nenhuma melhora na sensibilidade? — perguntou o Osório.

— Que eu saiba, não.

— Então deixa completar mais um mês, e volta lá pro hospital pra fazer um novo exame, mas continue prestando atenção nessas pernas.

— Você acha que minha movimentação está voltando?

— Pode ser, não sei.

Esse “não sei” já tinha me enchido o saco. Havia mais de três meses que me acontecera uma catástrofe e ninguém sabia me dizer como iria ficar. Eu entendia um pouco a medicina do meu problema, mas a única resposta que tinha era a da primeira vez que minha mãe havia estado com o Mangueira. Depois de ler o relatório do médico que me operara em Campinas, ele falou:

— Como não houve secção de medula, existe a possibilidade dele voltar a andar. Mas não se pode afirmar nada.

Eu sou um engenheiro, preciso saber dos números. Quanto de possibilidade? Cinquenta por cento? Dez por cento? Quanto tempo? Um ano?

Esse era meu quadro físico, mas meu quadro psicológico já estava declinando um pouco, começava a sentir falta de uma atividade mais concreta. Estava ficando cheio da Stella, já tinha lido uma porrada de livros e me sentia meio inútil, vendo o tempo passar. Não podia fazer fisioterapia numa clínica de reabilitação por causa do meu pescoço não consolidado. Antes de tudo tinha que resolver meu problema ortopédico pra agitar o resto. O prazo de consolidação de um osso depende muito da fratura. No meu caso, o Mangueira dera quatro meses. Depois disso, não precisaria mais usar esse colete infernal, só fazer exercícios por período integral.

Foi sacando tudo isso que a Veroca teve mais uma de suas ideias geniais. Transar uma psicóloga pra mim, e ela era a pessoa mais indicada pra me arrumar alguém legal, já que, além de me conhecer pra burro, era também psicóloga.

Mesmo antes de sofrer o acidente, eu já estava “afins” de fazer análise. Não que eu me considerasse perdidão, maluco, pirado, mas é que, depois que tinha visto a diferença que fizera com o Fabião, tinha me dado vontade. Ele me contava as sessões, os exercícios reichianos, os relaxamentos. Eu, com a mente racional, falava que, se quisesse me curar, seria muito mais válido fazer por conta própria, com a ajuda de amigos, nada de ficar dependendo de psicólogo. Mas o Fabião conseguiu me convencer.

— Pô, cara, qual é? Que preconceito: você não sabe o que é e fica falando essas besteiras de se encontrar sozinho. Você não imagina quantos homens passaram a vida inteira estudando a cabeça humana, a quantidade de gente que mexe com isso. E depois você já leu Reich e gostou, então...

Realmente, era uma infantilidade minha ficar subestimando a capacidade da ciência em tratar da mente. É que eu sempre achei ridícula essa universalização do comportamento humano. Eu sacava que cada pessoa era muito diferente da outra. Como era que uns bacanas se propunham a entender minha mente com fórmulas científicas? Mas foi aí que eu soube que não era bem assim, e fiquei curioso em fazer análise. Também porque o Fabião me contava do tesão que era sua psicóloga. Logo já imaginamos quão excitante seria ficar deitado num divã com uma analista de minissaia. Daí, falaria dos meus problemas sexuais, contaria um caso excitante pra criar um clima e, por fim, falaria da minha atração por mulheres mais velhas. Se ela não quisesse transar comigo, eu me suicidaria. Então, ela, com pena de mim, tiraria sua roupa e nos amaríamos debaixo de um retrato do Freud.

Fiquei mais “afins” ainda quando Richard começou a fazer também. Mas era caro, e depois, em Campinas, não devia ter muitas psicólogas legais.

Agora, infelizmente por um acaso do destino, toda a família achou boa a ideia da Veroca de arrumar uma terapeuta pra mim. Só que quem?

— Pode deixar que eu vejo isso.

— Arruma uma mulher bem bonita — eu disse.

Arrumei um programa joia pra me tirar um pouco desse apartamento, e, ao mesmo tempo, sem muito xereta em volta: ir tomar sol na piscina do prédio, não propriamente dentro d'água. A Stella apertou o T do elevador de serviço, e lá fomos nós, em busca de um espaço mais amplo para minha pequena movimentação.

Pedi pra loirosa tirar minha camisa, pra arriscar até, quem sabe, um bronze. Que delícia, sou capaz de ficar um dia inteiro debaixo do sol sem me preocupar com a vida. É uma tremenda terapia. Voltar ao passado, lembrar das horas passadas no Leblon, ou então, até há pouco tempo, pegando onda e tomando sol em Itamambuca (Ubatuba).

É a grande desvantagem de morar em cidade grande. A altura dos prédios, a poluição, a pressa pro trabalho fazem a gente esquecer o contato dessa luz amarela na pele.

Ao voltar pro apartamento, encontrei um bilhete debaixo da porta que fez com que eu me arrependesse horrores da minha saída:

“Marcelinho, estive aqui pra te ver, mas não tinha ninguém. Volto pra Campinas hoje e outro dia eu venho. Quero muito te ver. Força aí,
MARINA”

Por instantes, minha empregada tinha saído e minha avó dormira, não tinha ninguém pra atender a porta, ou pelo menos dizer que eu estava na parte de trás do edifício: na piscina.

Azar, muito azar.

Marina, doce Marina.

Minha grande paixão.

No segundo semestre da Unicamp, eu já tinha me desiludido totalmente com a engenharia e estava tocando violão mais do que nunca. Morava com Cassy e mais três músicos na melhor república que já tive: a da Carolina Florence. Uma casa caindo aos pedaços, mas de uma magia que nos levava a passar noites em claro fazendo som.

Mesmo assim, matriculei-me em três matérias no segundo semestre. As três do básico (na Unicamp, todos os cursos de exatas têm o primeiro ano

igual, onde as classes são misturadas, com nego que faz engenharia, matemática, física, química...).

Quando entrei, no primeiro dia de aula de Cálculo Integral, logo na primeira fileira estava uma menina que era uma gracinha. Tinha um cabelo castanho-claro, nem muito alta e nem muito baixa. Nem magra, nem gorda (sou péssimo para descrever as personagens da minha vida). Comecei a ficar bem interessado e passei a não perder mais nenhuma aula. De carteira em carteira, fui me aproximando, e cheguei a ponto de, antes da aula, ver onde ela tinha deixado o seu material, pra sentar perto.

Foi nessas que um dia ela me pediu cigarro. Abrindo um sorriso de quem já a conhecia havia muito tempo, dei-lhe um Minister e falei que quando quisesse era só pedir (boa essa, não?). No final da aula, passei a mão delicadamente no cabelo dela e soltei um “até a próxima” (posso ser tímido, mas sei jogar um charminho).

Foi assim que ficamos amigos. Começamos a sentar um ao lado do outro e, um dia, um colega em comum veio nos convidar pruma festa. Ela topou no ato, mas eu tinha uma outra festa em São Paulo e falei que não sabia direito se ia ou não.

Mais tarde, estava no barzinho da Química quando ela apareceu e veio me perguntar:

— Como é que é? Já decidiu se vai na festa?

— Não sei.

Foi então que ouvi daquela boquinha, suavemente:

— Ah, vai sim, eu queria muito que você fosse...

Que loucura, minhas pernas tremeram. “Será possível que ela tá ‘afins’ de mim?” Merda de timidez, ela fora muito mais direta do que eu. “Diz que vai, diz logo antes que ela retruque algo.”

— Tá legal, então eu vou — falei engasgado.

— Que joia, você tem como ir?

— Eu pego um ônibus.

— Não, pode deixar que eu te pego.

Dei-lhe o endereço, combinamos um horário. Voltei pra casa animadíssimo. Tinha certeza de que um novo amor estava nascendo na minha vida. Tomei um belo banho, raspei a barba, passei um Très Brut debaixo do

braço e até arrisquei na colônia do Otaviano. Vesti-me e fiquei contando os minutos até que o pessoal da república resolveu acender um (e agora, vou ou não vou chapado pressa festa?). Mas a buzina já antes combinada pela Marina me fez mudar de ideia. Ouvi os cinco toques, uma pausa, outro toque mais longo, e tirei o “basy” da boca.

— Tchau, pessoal, até mais tarde.

Na porta da casa estava um Galaxy com a menina bem-arrumada.

— Nossa, que carrão...

— É do meu pai.

Fomos pra festa. Lá, soube um pouco mais da vida dela. Vinte e dois anos, morava com os pais, ia se formar em física. Percebi que, de uma certa maneira, estava me envolvendo com uma menina da burguesia tradicional campineira. Mas não estava nem aí.

Contei um pouco da minha vida: dezessete anos, paulista, já tinha morado no Rio e em Santos, “afins” de me formar em engenharia, mas não muito animado pra continuar. Filho de ex-deputado desaparecido nos aparelhos de repressão (pelo menos é assim que diz um cartaz da Anistia).

Bom, chega de papo furado. Passamos a falar amenidades, quando, num gesto de tremendo esforço físico e emocional, coloquei minha mão em seu ombro. Opa, ela aceitou. Até deu um risinho meio cúmplice. Mais amenidades e, finalmente, o gesto de confirmação de que éramos feitos um pro outro: peguei em sua mão e ela retribuiu, apertando delicadamente a minha.

Não nos beijamos até ela me levar de volta pra casa. Naquela lenga-lenga de “gostou-da-festa-é-estava-legal-mas-nem-prestei-muita-atenção-estava-preocupado-com-outra coisa” (essa foi boa).

— Com quê? — ela perguntou.

Vixe, e agora? — dei de falar aquilo, então tinha que assumir.

— Com você — respondi totalmente sem graça. Foi aí que nos beijamos. Finalmente estávamos namorando, esse era o código, o beijo. Segunda-feira nos encontramos na sala de aula e sentamos juntinhos. No meio daquela chatice, eu peguei o caderno dela e escrevi convidando-a pra dar uma volta. Pegamos o seu Fusca e fomos pra Barão Geraldo. Que delícia, ficamos passeando a tarde inteira por essa bucólica cidadezinha, não faltando nem os beijos, abraços e carinhos. Ofereci-lhe flores, tal qual num anúncio de cigarros. Corremos,

rolamos pela grama (que original) e nos beijamos. Ela me excitava horrores, abraçava-me bem forte. Fui mais ousado, passando as mãos em seus peitos, e ela aceitou numa ótima. Uma menina rara de encontrar, dessas que demonstram sentir muito prazer nas carícias de seu homem, não ficando naquelas de que parece uma coisa forçada.

Foi então que surgiu o papo de sexo. Falei das minhas experiências com prostitutas e algumas meninas, que nunca tinha namorado alguém que transasse (na minha geração, a maioria das garotas só transava depois dos dezoito). Ela era virgem e, o que era pior, tinha um namorado.

— Como?

— É, eu tenho um namorado que estuda a mesma coisa que você, só que ele está no último ano.

— Que saco, quer dizer que estou envolvido num triângulo amoroso?

— Mas e daí? Você não gosta de mim?

Realmente, eu estava gostando dela. Mas não pude deixar de ficar desanimado e bem enciumado, principalmente porque o cara era mais velho, ia se formar em breve. Provavelmente tinha carro, se sustentava sozinho. Eu estava no primeiro ano, ganhava uma mesadinha bem mixa da mamãe e nem tinha carta.

Perguntei se ela gostava de mim.

— Claro que sim, senão nem estaria com você agora.

— Mas de quem você gosta mais?

— Ah, não dá pra dizer. É tão diferente. Ele eu já conheço há quatro meses, e você, conheci agora. Você me balança bastante.

Essa eu nunca tinha ouvido: *balança*. É uma boa maneira pra dizer que se sente atração por alguém.

Ela começou a me falar do cara, que inclusive já tinham dormido na mesma cama, pelados. Só não soube me dizer por que ele não tinha transado, já que ela estava “afins”. Seria pudor, ou o cara era bichoso?

No outro dia nos encontramos à noite e fomos jantar juntos.

— Mas eu não tenho dinheiro.

— Tudo bem, eu pago — ela disse.

Não ligo pra esse papo de que homem tem que pagar. Ela era mais rica do que eu, por que ficar regulando? Foi aí que decidimos pôr um fim naquilo

antes que começássemos a nos envolver mais. Ela iria ficar com o outro carinha, mas fez questão de dizer que eu tinha sido um cara legal. Eu disse que gostava dela pacas.

— Antes mesmo de sairmos juntos, eu já te namorava em pensamento (o que era verdade).

Fim da história. Fui pra casa num tremendo baixo-astrol, me tranquei no quarto, olhei pro espelho e chorei. Esperei todos saírem, fui pra sala, abri uma lata de cerveja e curti uma tremenda fossa ouvindo James Taylor cantar “You’ve Got a Friend”.

Fui pra São Paulo e mudei totalmente de visual (sempre faço isso quando levo um pé na bunda). Cortei meu cabelo, deixei crescer um pouco o bigode e roubei uns óculos fracos da minha mãe pra, quando a encontrasse de novo, dar a impressão de um cara mais velho e sério.

De novo na sala de aula, sentei-me ao seu lado, ela riu da minha cara.

— Você ficava mais bonito antes.

A cada frase que ela falava, eu gostava mais dela. Eta mulher danada. Pegou meu caderno e escreveu:

*“Briguei com o meu namorado
nem precisava ter feito essa cara de sério
e esses óculos ridículos.*

Te adoro”

Uau, uau, samba lê-lê.

Tá com tudo, ô-lê-lê.

Marina, doce Marina, estávamos namorando. Marcamos uma viagem pra Ubatuba no fim de semana seguinte, pra comemorar.

Ela transou pra ir um casal de namorados, amigos dela, e fomos num Chevete apertado, com uma barraca grande no porta-malas.

Ficamos no banco de trás deitados, começavam a pintar as primeiras carícias, aquele delicioso começo de namoro. Ela dormia no meu colo, outras vezes era eu (dormia porra nenhuma, imaginem dormir naquele clima delicioso).

Chegamos e acampamos. Uma barraca ótima, com dois quartos separados. Deixamos nossas coisas no “nosso quarto” (que romântico) e fomos jantar num restaurante fino (o amigo dela também era rico). Nem consegui digerir direito a comida, de tão ansioso que estava pra entrar naquela barraca.

Finalmente chegou a hora. Entramos juntos no nosso quarto de pano, estendemos os dois *sleeping-bags* e deitamos. Ela era virgem e, o que era pior, estava no período fértil. Por isso já havíamos combinado não fazer nada.

Ainda de roupa nos abraçamos, fomos nos encostando melhor. Estava escuro, qualquer barulho seria ouvido pelo casal ao lado. Conversávamos baixinho, fomos nos excitando. Primeiro, tirei a camisa, depois ela. Que delícia um peito nu de encontro ao outro. Eu lambia aqueles seios durinhos, apertava com os dentes bem devagarzinho e ouvia um gemido de prazer, sentindo seu braço me apertando. Estávamos com as pernas entrelaçadas, quando ela começou a me apertar bastante e a mexer com os quadris. Cada vez me apertava mais, e eu, agora por cima dela, encostando bem forte meu pinto contra ela. De repente senti todo o seu corpo tremendo e uma força grande que ela fazia pra me abraçar. Havia gozado. Achei incrível a facilidade com que gozara e perguntei baixinho.

Só ouvi um “hum-hum” afirmativo e um sorrisinho doce. Aproveitei e tirei a calça. Ela também tirou.

Que tesão, podia sentir todo o corpo agora, uma pele suave, uns pelinhos bem-formados. Nos abraçamos de novo, e delicadamente fui pressionando meu pinto contra o clitóris dela. Senti aquela coisinha melada e fiquei mais excitado ainda. Na mesma rapidez com que gozara, também tinha se recomposto. Começamos a nos mexer, simulando um coito.

Tava escuro, mas conseguia ver seu corpo debaixo do meu. Sem roupa, ela era muito mais linda. Abríamos bem a boca e jogávamos uma língua contra a outra.

Ela, de pernas bem abertas, roçava toda a região da vagina no meu pinto e, quando encostava no clitóris, espremia-o bem apertado entre as coxas. Não tinha clima para um coito. Era um negócio importante que tinha que ser feito com muita delicadeza, amor e respeito. A primeira vez de uma mulher é muito importante. Tem a relação dor e prazer. Só com um cara que ela gosta pacas e no qual tenha uma tremenda confiança poderá ficar à vontade. É um momento

forte de libertação, um rompimento com os dogmas ensinados pela sociedade, desvinculação com a família, com a Igreja, que nós homens nem imaginamos como é duro. Também nem daria pra imaginar. De nós, homens, ao contrário das mulheres, sempre foi exigida uma potência sexual. Tínhamos que transar com prostitutas pra provar pros nossos coleguinhas que éramos machos. Nossos pais (o que não foi o meu caso) nos incentivavam a ter uma conversa de “homem pra homem”, na qual era oferecido um dinheirinho ou uma secretária.

A mulher sempre aprendeu, desde a infância, que ter prazer e fazer sexo eram atributos das prostitutas, e que homem que se preza gosta mesmo é de casar com uma virgenzinha limpa. Deixar penetrar ou não aquele negócio duro dentro de seu corpo passa a ser uma opção entre ser uma vagabunda ou uma menina.

A mulher tem o dom de ser bem mais sensível, pra perceber que ela não é simplesmente um buraco, mas gente, e que tem cabeça também. É duro pruma mulher estar sem roupa e ter em cima de si um corpo que sempre foi proibido, e tentar associar aquela dor com o tal prazer do qual suas colegas sempre lhe falavam.

Fora o papo que, por um descuido, ela fica grávida, o que pro homem não faz a menor diferença.

Não era simplesmente ali, naquela barraca escura, desconfortável, que a Marina passaria um dos dias mais importantes de sua vida. E ela concordava.

Ficamos na bolinação até eu gozar em sua mão. Nos abraçamos fingindo estar dormindo, com sua mão fazendo carinho no meu cabelo, e eu de tempo em tempo beijando o seu ombro. Que lindo, estava consumada a nossa paixão, por mim eu entrava numa igreja e casava com ela. Ela aceitava o meu jeito meio pop e eu aceitava o seu jeito burguês. Nós nos entendíamos porque éramos opostos, e isso dava uma certa liberdade de opções. Ela sabia que eu dava uma bola, que eu queria ser músico, e não interferia. Eu sabia que ela curtia um restaurante fino, ou varar a noite numa boate, e tudo bem. Eu já havia sido até mais burguês do que ela, e transava perfeitamente bem essas situações.

Ainda em Ubatuba, nós fomos sozinhos dar uma volta na praia sob o sol nascente. De mãos dadas, íamos pelo desenho que as ondas faziam na areia. Ela desenhava um *te adoro* bem grande, enquanto eu sentava num tronco. Fuma-

mos e bateu. Ela ficou meio encanada e não gostou. Mas, comigo ali, sentia-se segura. Tiramos a roupa e fomos nadar. Eu estava vivendo então uma coisa inédita na vida: um filme de amor.

Nunca até então tinha desejado que o mundo se acabasse e que somente nós sobrevivêssemos. Criar um castelo de areia, coroar Marina rainha do meu reino. Colocar uma coroa de conchas na sua cabeça, um colar de algas no pescoço, fazer um juramento de fidelidade ajoelhado sob os seus pés.

— Te amo.

Voltamos pra Campinas, e ela foi pra casa dos pais. Nos encontrávamos todos os dias e começamos a invadir o mundo um do outro. Ela conheceu meus amigos pops e sujos e gostou apenas do Cassy. Ela achava que era muito careta pra ficar em minha casa (realmente, àquela época estava um desbunde total, eu mesmo me espantava, às vezes, quando o Otaviano me beijava na boca, ou quando o Bira subia pelado numa árvore pra contemplar os pássaros).

Conheci a sua família e, com toda a minha educação Eunice Paiva, logo os conquistei. Seus amigos não foram nem um pouco com a minha cara. Íamos pruma boate chique e, enquanto dançava um *disco* com ela, paravam uns caras ao meu lado me examinando. Um dia ouvi um boyzão falar no seu ouvido:

— Quem é esse bebê?

Mandei o cara ir tomar no cu e quase fui linchado. Eu já estava querendo me identificar com Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, quando começaram as rixas. Ela era altamente possessiva e ciumenta. Quando via alguma das minhas amiguinhas pop me beijar na boca, sumia. Tinha que ir pra casa dela, gastar uma noite inteira de explicações e, quando falava: “Tá bom, já que você não me quer, tchau”, ela me abraçava e fazíamos as pazes.

Finalmente surgiu a possibilidade de transarmos. Até então, ela não podia dormir fora, por causa dos pais, não queria ir prum motel porque era constrangedor. Na minha casa não dava, por causa da multidão que sempre tinha lá. Mas eu saquei que ela tava precisando de um tempo pra assimilar melhor a ideia e me conhecer mais.

Todos em casa viajaram e fomos pra lá. Era começo de verão, e tava um dia lindo. A casa era amarela, o que a deixava toda iluminada e limpa.

Coloquei o “You’ve Got a Friend”, abrimos uma garrafa de vinho e brindamos como sempre tínhamos visto nos filmes. O que seria de nós sem os filminhos românticos de Hollywood?

Dançamos com taças de vinho, nos beijávamos a todo momento. Carreguei-a no colo até o meu quarto (que originalidade...) e, depois de ter juntado todas as almofadas da casa sobre o meu colchão e o do Cassy, fechamos a porta, acendemos um abajur e nos abraçamos, sem roupa.

Ela iria ficar menstruada dentro de uns dias, então não tínhamos mais nenhum empecilho. Estávamos livres, enfim, pra fazer amor. Ela abriu bem as pernas, e pude ver com clareza aquela penugem aloirada e os lábios vaginais bem rosa. Primeiro, fui beijando-a de cima até embaixo, e, quando cheguei no clitóris, senti um gemido e, imediatamente, ela ficou tensa. Respirava fundo, enquanto eu lambia, beijava, mordida devagarzinho. Com a mão na minha cabeça, ela apertava minha cara sobre sua vagina até que ouvi, bem calmamente:

— Vem até aqui.

E fui, nos beijamos, e encostei a cabeça do meu pinto na vagina dela. Com as pernas bem abertas, ela ia empurrando meu quadril, me ajudando na penetração. Aos poucos, fui forçando, sempre seguido de um gemido incômodo, mas com um suspiro de prazer. A vontade de penetrar me fazia forçar mais e mais. Eu olhava bem a posição e via a cara de tesão dela.

Ela abriu os olhos e nos encontramos num olhar profundo, amigo, amante, cúmplice: “Vai fundo”.

— Eu te amo — ela me disse. Primeira vez que uma mulher me disse “eu te amo”. Aquilo me emocionou, agora sim eu iria fundo, eu iria possuir você, menina, colar meu corpo no seu, ser um só com você. Lágrimas escorreram por nossos olhos.

Agora sim, senti um repuxão nas suas pernas. Ela deu um pulo e me olhou assustada. Uma coisa quente escorria entre suas pernas e uma carne macia envolvia a cabeça do meu pinto. Ela me olhou e abriu um sorriso.

— Tudo bem? — perguntei.

— Pode ir.

— Se doer, avisa, tá?

— Tá — respondeu suspirando.

Comecei devagar a forçar os quadris, e, a cada entrada, ela dava um pulinho e uma relaxada, um pulinho e uma relaxada. Aos poucos, eu sentia que entrava mais, e o pulinho e a relaxada eram maiores. Senti que, se continuasse naquele ritmo, ia gozar. E eu queria gozar. Falei baixinho pra ela que estava começando a sentir que ia gozar, e ela disse que também ia. Aquilo me excitou mais ainda. Tinha necessidade de forçar o ritmo, e ela gemia mais forte. Não estava doendo, senão teria me dito. Agarrei bem forte seu quadril e, olhando pra cara dela, penetrei, entrei, colei, ela começou a tremer, as pernas grudavam nas minhas, apertou-me as costas, eu comecei a tremer, estava suando horrores, não prestava mais atenção na dor dela. Os dois trememos. Estávamos tendo um orgasmo juntos.

Não tive força pra me desgrudar dela. Nossos corpos estavam melados. Não tirei o pinto de dentro dela. Aos poucos, amoleceu. Ela se desgrudou de mim, acendeu um Minister e deitou em cima de mim, felicíssima.

— Gostou? — perguntei.

— Um tesão — falou isso rindo. Fumamos o cigarro, curtindo um o corpo do outro, naquele quarto aromatizado por um orgasmo. Cheiro de esperma, de lubrificante e de amor.

Foi lindo. Ou melhor: foi maravilhoso. Nunca tinha me sentido assim em toda a minha vida, a metade de um compromisso. Eu estava nu com a pessoa que mais me conhecia naquele momento e com quem mais eu era sincero, verdadeiro.

Ela me protegia e ao mesmo tempo me dava forças pra eu ser mais eu. Minha cabeça cheia de dúvidas existencialistas tinha sido jogada no mar em Ubatuba. Era um novo Marcelo que estava nascendo, um Marcelo mais homem e mais seguro de si, por saber que foi capaz de ser amado por alguém e...

— Também te amo — consegui dizer a ela, sem engasgar. Sincero.

Seis meses depois acabou tudo. Não deu certo. Perdi meu lado racional, seguro e maduro (isso era o que ela significava pra mim). Marina perdeu seu lado louco, livre e inseguro. Ela queria no fundo um homem que a protegesse, um pai e amante, um machista, enfim. E isso eu não era, muito pelo contrário,

sempre incentivava a independência das pessoas. Não a afetiva, mas a de tomar decisões, de construir um mundo sem relações de posse. Era fase minha, eu tava há um ano fora de casa, descobrindo um mundo novo no qual eu era dono da minha própria cabeça (exceto pela mesadinha da mamãe).

Um dia, bêbados, eu lhe disse que nunca me casaria com ela, tamanho o ciúme e posse que ela sentia por mim e que, às vezes, me castrava. Isso a chocou horrores e a fez tomar consciência de que eu era na realidade um criança desbundado.

Já estava estudando no prédio da engenharia e raramente cruzava com ela. Em Campinas, não fui mais pras suas boates e seus restaurantes finos. Não mais voltei a comer aquele cachorro-quente com purê de batatas no parque Taquaral. Por coincidência, tinha mudado de casa. No dia de seu aniversário, mandei-lhe flores e um cartão bonito. Ela nem respondeu. Fui algumas vezes visitar sua família, que estava amicíssima minha, mas ela me recebia friamente.

Na Unicamp, nos cumprimentávamos como dois desconhecidos. Quando eu dava show e via que ela estava assistindo, tinha vontade de me esconder. Ela tinha conseguido me fazer seu admirador, mas agora estava destruindo tudo isso. Ficava muito triste. Um dia ela me pegou pelo braço e falou assustada:

— Preciso falar urgentemente com você.

Nossa, o que será? Fomos pro barzinho da física, sentamos na última mesa, e ouvi de sua boca que tinha uns carinhas da engenharia (um amigo dela contou) que, quando ela passava, diziam entre eles: “Essa aí é a maior piranha”. E ela me perguntava se, por acaso, eu tinha espalhado que nós havíamos transado.

Fiquei chocado e puto, ela conseguira me fazer achá-la uma babaca idiota. Respondi o seguinte:

— Todos os homens machistas e idiotas ficam falando isso das menininhas, que é uma piranha, já deu pra todos os alunos etc. O seu problema é que você se importa demais com o que os outros dizem. Por acaso você se arrependeu, por acaso você está se sentindo uma piranha? Por acaso você se preocupa com o fato de não ser mais virgem? Ora, então vai num médico e pede pra ele costurar você de novo.

Me levantei e fui embora. Não adianta, Marina, por mais que você queira, nunca vou te esquecer. Naqueles meses você foi linda, depois foi outra pessoa

que não conheço, nem quero conhecer.

Muito tempo depois, escrevi-lhe uma linda carta e ela respondeu com outra mais bonita ainda, mas nunca mais nos falamos, exceto pelo bilhete que ela deixou debaixo da porta, enquanto eu e a Stella tomávamos sol na piscina de meio metro de fundura no edifício da Eugênio de Lima, em São Paulo. Nesse mundo fodido de coisas ótimas e de coisas péssimas, ela foi a única que disse “te amo”.

As dúvidas continuavam, realmente eu estava precisando saber em detalhes o que significava essa perna mexendo. Não fazia força e só sentia um puxão por dentro, mas repentinamente ela dobrava. Será algum sintoma? É bom ou é ruim? Osório não dizia nada claramente, mas dava pra perceber, pela cara dele, que era uma coisa boa. A família estava entusiasmada. “Pode não ser um movimento proposital, mas ela mexe”, diziam. Eu simplesmente ficava na dúvida.

Finalmente minha mãe tomou uma decisão sábia. Chamou um médico neurologista à parte da equipe do Mangureira. Era vizinho da amiga-do-cunhado-do-tio-da-prima-de-minha-avó, enfim, uma pessoa bem recomendada...

Oito horas da noite, com toda a família reunida, chega a peça. Um italianão de um metro e oitenta e um nariz de meter medo. A cara do Lando Buzzanca, e parlava, parlava, um bom papo.

Abriu a maletinha, fez os testes da agulha.

— Sente aqui?

— Sinto.

— De zero a dez, quanto você sente?

— Dez.

— E aqui?

— Dez.

— Aqui?

— Ummm... oito.

— Aqui?

— Cinco.

Mas, de repente, na altura dos meus mamilos, a sensibilidade ficava a zero. Era como se meu corpo acabasse ali. Daria perfeitamente pra desenhar uma linha limítrofe separando onde eu sentia de onde eu não sentia.

Veio o famoso teste do martelinho no joelho.

Pimba!

Plunque, a perna levantava. Bom, o reflexo do joelho estava em ordem.

— É bom isso, doutor?

— Não dá pra dizer muita coisa, mas é bom.

Veio a explicação do que tanto agoniava a gente. Estava tendo contrações involuntárias na perna. Assim como, batendo no joelho, a perna levantava. Essas contrações tinham o mesmo sentido.

— Mas isso é bom, doutor?

— Não se pode dizer muito.

Iiihh, que saco, ninguém explica nada direito. É um tal de “quem sabe?” ou “não se pode dizer”. Está na cara que esses médicos não queriam se arriscar a dar um prognóstico exato: vou andar ou não? Quando?

Será que realmente existem pessoas que tiveram o mesmo que eu e que andam de cadeira de rodas? O Bunds falou que encontrou um dia um cara na USP que andava com duas muletas. Ele mergulhara num rio e quebrara a mesma vértebra que eu. Em oito meses estava de pé.

Eu precisava encontrar esse cara, saber o que ele tinha feito, onde, como. Já soube por aí que existem dois centros de reabilitação bons em São Paulo. Um, na Santa Casa, e outro, na BBB, onde inclusive a Veroca tinha transado uma psicóloga pra mim.

Estava louco pra conhecer esses lugares, e, principalmente, os pacientes. Ver como e o que era o tratamento, e se eles me curariam ou não. Na minha vida inteira nunca conheci ninguém de cadeira de rodas ou de muletas. Aliás, sempre tive um certo receio, e fugia das pessoas deficientes. Ficava com pena e tinha vergonha de me aproximar. Em 78 passei o réveillon no sítio do Otaviano, em São João da Boa Vista. Havia um cego com a gente. Eu não conseguia conversar com ele, ficava só de longe, imaginando o que ele poderia estar pensando, o que ele fazia da vida dele. Mas, no último dia, não resisti. Fiz uma poesia e li pra ele. Falava sobre a vista de São João da Boa Vista prum cara

que não vê. Fiquei morrendo de medo que o carinha não gostasse, mas, diante do seu sorriso, aliviei e me senti um pouco útil.

Às vezes passava um filme sobre alguma bailarina que sofria um acidente e tinha que andar de cadeira de rodas. Outro filme, bem famoso, com a Jane Fonda e o Jon Voight, era sobre um americano que fica paralisado no Vietnã. Chamava-se *Amargo regresso* e tinha ganhado uma porrada de Oscars. Mas não o vira, exatamente para não sentir aquela coisa estranha que sentia quando via um deficiente físico.

Minhas irmãs falam muito desse filme, inclusive fazem questão de dizer que o carinha era um tesão, e que teve uma cena de trepada, linda, entre ele e a Jane Fonda. Mas eu sabia que elas falavam isso mais pra me confortar do que pela beleza do filme (ou não? Sei lá).

Deitado na cama, virava o rosto e ficava olhando praquela cadeira de rodas alugada. Será... Não, não pode ser, afinal eu não fui pro Vietnã, simplesmente mergulhei num laguinho de meio metro de fundura.

Finalmente chegara o dia em que começaria a terapia. Dez da manhã, estava ansioso pra chegar a hora. Ela viria às cinco da tarde. Chamava-se Eli e, além de trabalhar na BBB, era assistente direta de um psicólogo da PUC, chamado Sandor, que fez um monte de teorias de relaxamento pra deficientes do pós-guerra na Alemanha. Um cara quente que a Veroca descobriu por aí.

Pra passar o tempo, fui tomar sol lá embaixo, e, quando acabou, subi pra pegar o resto da minha bola de fogo. Já tinha completo domínio do que dizia respeito à minha fotossíntese. Até uma e meia, sol na piscina. Depois, abria a janela do quarto da Big e ia até as duas. No quarto da Nalu, até as quatro ainda tomava sol no rosto.

Tá-rá-tá-tá-tá-tá. Cinco horas. Blim blom.

— Como é que está, tudo bem? — disse-me a psicóloga.

— É, vai-se indo.

Nos apresentamos e ficamos papeando furadamente na sala. Disse-me que tratava de gente com casos de deficiência há um bom tempo, mas que as sessões precisavam ser num quarto, deitado.

— Tipo divã? — perguntei ironicamente.

— Não, é que a gente faz um relaxamento depois. Precisa ser num quarto escuro, e você tem que estar bem confortável.

— Tá legal.

A Stella nos levou pro quarto. Com a ajuda da Vêcchia e da psicóloga, me puseram na cama. Tiraram o colete, arrumaram direitinho a garrafinha de xixi e me deixaram a sós com aquela figura magra, bem alta, com dois olhos lindamente azuis. Era calma, segura. Sentou na poltrona e falou com muita simpatia.

— E aí, moço? Fala um pouco da sua vida pra mim.

Chocante, falei uma hora seguida. Meu passado, a molecagem carioca, o músico unicampista, sexo, drogas, emoção. Às vezes, fazia uma pausa, e ela só falava:

— Explique melhor isso aí.

Desandava a falar de novo. Um tremendo tagarela. Não quis fazer nenhum tipo e muito menos menti. Fui sincero, falei o que achava de mim mesmo, que me considerava um cara inseguro, mas cheio de vida. Encanado com algumas coisas, mas não sofria por isso.

— E agora, Marcelo, como é que você acha que vai ser?

— Ah, eu vou sair dessa fácil. Foi um acidente bobo e eu tenho uma cabeça boa. Pode ser que eu precise andar com uma bengala, mas tudo bem, é até charmoso, não é?

Ela não riu, nem retrucou, apenas continuou me olhando.

Uma hora passou rapidíssimo. Tinha mais um monte de coisa pra contar, mas respeitei a coitada da moça, que morava em Guarulhos e tinha que pegar uns trinta quilômetros congestionados da Dutra.

Gostei dessa mulher principalmente por ela não ser uma típica psicóloga pop de esquerda. Ela era neutra.

Tive um sonho tesudo essa noite. Tesudo mas encucante. Mais uma vez a personagem principal foi a Lídia Brondi (que fixação...). Estávamos numa casa cheia de corredores e portas, quando a convidei para sair de lá. Entramos numa Kombi e, enquanto eu guiava, ela ia fazendo carinho em mim, me abraçando, me beijando, até me excitar. Com uma mão no volante, ia dirigindo, com a

outra, a acariciava. Ela subia sobre mim até encostar sua bunda no meu pinto. Quando tirei a sua camisa e fui beijar seus seios, os mamilos dela eram verde fosforescentes, uma delícia. De repente, outro carro começou a nos perseguir, sei lá por quê. Partimos em velocidade, nus, com ela no meu colo. O sonho tornou-se um filme de câmera rápida. Foi quando me dividi em dois, cada um guiando uma Kombi. Um era ágil e, com Lídia no colo, escapava facilmente dos perseguidores. O outro tinha dificuldade pra dirigir, e os caras estavam colados em mim. Aí, a única solução foi me atirar contra eles causando uma enorme explosão. O Marcelo da Lídia viu a explosão e ficou com dó do outro Marcelo.

Eu levo muito a sério esses sonhos que tenho. Principalmente se tem uma Lídia Brondi no pedaço. Estranho me dividir em dois. Um escapava com facilidade do perigo, enquanto o outro, com dificuldade, prefere se atirar e acabar com aquela agonia. Será que no fundo eu não estou fugindo de um problema sério? E essa cadeira de rodas aqui ao meu lado não representa nada? Todo dia, quando sento, vou pra sala e prefiro ficar na poltrona. Não é uma desculpa dizer que ela é mais confortável? Por que, no cinema, eu não vejo o filme sentado na cadeira de rodas, e, na festa do Mateus, a primeira coisa que fiz foi pedir pra me sentarem numa poltroninha?

Eu, hein? Alguma coisa está errada.

O ano seguinte iria ser o Ano Internacional do Deficiente Físico (1981), e, num domingo, o *Fantástico* mostrou uma grande reportagem sobre deficientes. Rapazes apostando corridas de cadeiras de rodas, moças cegas tricotando com agilidade, todos sempre com um sorriso esquisito no rosto. Do que esses caras estão rindo? Devem levar uma vida bem fodidinha pra ficar rindo à toa. Num certo momento, apareciam paraplégicos (que palavra horrorosa) trabalhando, andando pela cidade. É, realmente existe gente que usa cadeira de rodas, não sou o único.

Essa reportagem deu um gelo na minha até então certeza de que iria sair desta. Dizia que existem perto de dez milhões de deficientes só no Brasil. Uau, quanta gente. Será que não acabarei fazendo parte dessa estatística? É, Marcelo, o negócio é sério.

No dia seguinte, fui até o quarto da minha mãe procurar uns livros que ela tinha comprado sobre problemas de lesão de coluna. Ela não me mostrava, mas

também não tinha escondido. Estavam bem à minha vista. Fiquei na mesa da sala com um livro americano na minha frente. Respirei fundo e tomei coragem, apesar de não entender muito bem inglês. O título era: *The Total Care of Spinal Cord Injuries*. Não se fala em medula, que em inglês deve ser *medulst* (nossa, que chute!). Mas esse *spinal cord* lembra uma corda da espinha, portanto é o meu caso.

Já no primeiro capítulo mostra-se uma estatística assustadora: nos Estados Unidos há 10 mil acidentados por ano que resultam em paralisia por lesão de medula. Calcula-se que há duzentos mil paraplégicos vivendo lá, dos quais setenta por cento por acidente de carro ou esporte. Os outros trinta por cento são mergulhos em piscinas sem profundidade.

Que chocante, então meu caso é muito comum nos Estados Unidos, ou no mundo inteiro. Mas como, se nunca ouvi falar disso? Nunca conheci nenhum outro rapaz que tivesse também feito um mergulho infeliz. Nunca ouvi de nenhum médico para tomar cuidado ao mergulhar de cabeça numa piscina. Que coisa... Na página seguinte havia um desenho mostrando a maneira certa de se transportar um acidentado. Devia deixar o cara na horizontal, de preferência em cima de uma tábua, fazendo o possível pra não levantar a cabeça: lembrei de que logo que saí do lago, pedi pras pessoas me porem em pé. Elas me puseram. Um a zero pro destino.

A coluna é basicamente dividida em três partes. A cervical (região do pescoço), a torácica e a lombar. Na cervical, existem oito vértebras, que são enumeradas de cima para baixo: C1, C2, ... C8. Se o cara lesar da C1 à C3, pode-se considerá-lo morto. Se lesar a C4, ele só mexerá o pescoço. Lesando a C5, terá movimento do deltoide (ombro), bíceps e braquiorradial. A C6 já faz com que o cara estenda o punho também. Daí já me fez perceber que, apesar de ter quebrado a quinta cervical, posso considerar-me no nível C6. Engraçado que havia uns desenhos mostrando cada tipo de movimento, e eram iguaizinhos aos meus (minha mãe poderia ter comprado este desgraçado antes de eu mergulhar naquele lago).

Percebi que, se abaixasse o nível da minha movimentação para C7, ganharia o tríceps (parte traseira do bíceps) e os extensores dos dedos. C8 ligaria os flexores dos dedos.

As lesões de nível torácico para baixo (T1, T2... até L1, L2...) mantêm intactos os movimentos dos braços e das mãos. Foi aí que soube que minha nova classificação social era ainda mais feia do que a que os médicos me chamavam. Quem mexe os braços e tem lesão de medula que afeta as pernas é chamado de *paraplégico*. Se afetar também os braços e as mãos (lesão na cervical), é chamado (pasmem) *tetraplégico*. Que horror, sou um *tetraplégico*. Preferia que me chamassem de Drácula.

Nas páginas seguintes, saquei as limitações e o potencial de reabilitação dos “tetra” ... (recuso-me a dizer este nome):

Acima de C4 (dependência na respiração) — *guia cadeira de rodas elétrica equipada com respiradores portáteis com controle de sopro.*

C4 — *guia cadeira de rodas elétrica com controle de sopro. Manipula objetos pequenos com mouth-stick.*

C5 — *guia cadeira de rodas elétrica com controle manual. Manipula objetos pequenos.*

C6 — *empurra cadeira de rodas. Transfere-se da cadeira e para a cadeira. Guia carros adaptados e se veste sozinho.*

C7 — *vive independentemente.*

Em seguida, vinham algumas fotos dos casos. Na foto do C4, aparecia um neguinho numa cadeira de rodas, cheio de tubos de respiração na garganta (devia estar com traqueotomia), batendo à máquina com um pauzinho na boca. O C5 estava sendo ajudado a sair da cama por uma mulher, segurando um trapézio dependurado. O C6 saía da cama sozinho e o C7 saía do carro. O que me chocou mesmo é que nas fotos havia uma tarja preta nos olhos dos quatro, como em fotos de bandidos. Que é isso? Por que não se podem reconhecer esses caras? Quer dizer que eles são anormais pra taparem os olhos? Ora bolas...

Foi bom ter visto este livro, sinal de que a medicina realmente estuda problemas deste tipo. Se não arrumaram nenhuma injeção para me curar, pelo

menos me classificaram. Porém, depois de ler esses trechos, mudou um pouco a forma de encarar o problema. Não deveria lutar apenas pra sair andando, mas me preocupar basicamente com minha independência. A reabilitação viria aos pouquinhos (as tais etapas de que minha mãe tanto fala): primeiro, preocupar-me em fortalecer o braço, pra empurrar a cadeira de rodas, sair da cama sozinho, vestir-me sozinho, guiar um carro adaptado, andar com aparelhos ortopédicos e, enfim, com muletas. É óbvio que só vou conseguir isso depois de consolidar a vértebra e ficar livre deste colete de ferros no pescoço. Como chegar até lá? Simples: fazendo muita fisioterapia num centro de reabilitação. Só isso?

Só isso?

Essa pergunta estava me perturbando.

Lembrei-me de que fazia terapia com uma psicóloga, então por que não chateá-la um pouco? Realmente, assim que aquela figura magra de olhos claros sentou-se na poltrona colorida, falou o simpático:

— E aí, moço, quais são as últimas?

E ouviu atenta meu desabafo. Incrível, não sei se Freud explica, mas esses sessenta minutos são os momentos mais lúcidos que tenho. Fico verdadeiro, disposto a me descobrir e a sacar o que realmente está acontecendo. Imaginava-me de muletas, andando com aqueles aparelhos ortopédicos, de certa maneira conformando-me com aquele estado. Tentava encarar com objetividade, pensar no futuro, descobrir o que fazer. Como bom neto de italianos, parlava, parlava, sempre olhando prum desenho que a Nana tinha feito pra mim (e pendurado estrategicamente em cima da cama). A magricela não falava. Às vezes, quando eu ficava quieto, ela dizia, interessada:

— Explique melhor isso aí.

— Ah, sua safada, me pegou no ponto fraco.

Eu tinha que fazer o maior esforço pra tentar explicar uma coisa de que nem tinha certeza. Era um esforço incrível. Cansava. Mas, quase no final da sessão, vinha a recompensa: um delicioso relaxamento reichiano, junguiano, sei lá o quê.

Apagava a luz, reclinava a cama. Silêncio total no quarto. A Eliana esfregava as mãos, tirava as minhas meias e cutucava meu pé. Uma espécie de do-in que ela chamava de *calotomia*. Pegar os pontos de tensão do corpo que refletem na planta do pé, massageá-los para relaxar ou sei lá o quê. Eu não sentia os dedos dela, mas vinham lá debaixo uns choques esquisitos e, realmente, sentia-me relaxado. Depois, ela sentava de novo na poltrona e ia me orientando:

— Respire fundo, tente relaxar ao máximo. Sinta agora o sangue fluindo pelo seu pé, finja que ele é a única parte do corpo. Sinta-o inchar e desinchar de acordo com sua respiração. Agora a perna...

Assim ia até a cabeça, só que, geralmente quando atingia o tórax, eu dormia. Era uma delícia, realmente um relaxamento que relaxava relaxicamente. Depois ela me acordava e perguntava se nessa dormidinha eu tinha sonhado ou pensado em algo. Geralmente eu tinha sonhado, mas sempre achava besteira dizer. Ela ia fundo:

— Explique melhor isso aí.

Sempre tinha a ver. O mais impressionante foi um sonho que tinha tudo a ver com a minha maneira de encarar a vida. Eu estava com alguns amigos andando de trem, quando, ao nos aproximarmos de São Paulo, descemos antes. Havia duas maneiras de ir até a cidade. A primeira, pelo próprio trilho do trem, onde estava escuro. A segunda, pelos esgotos, onde estava claro, mas tinha um monte de portas. Escolhi e convenci a minha turminha a ir pelo esgoto, por ser mais emocionante. Mas no meio do caminho tivemos que parar: havia uma porta emperrada, e não sabíamos se por trás dela tinha água.

Isso é típico em mim. Sempre escolho aquilo que possa trazer experiências novas, apesar do perigo. O trilho é o estereótipo da coisa correta, sempre reta, segura. Na minha vida, nunca andei no lado certo, infelizmente, e acho que é meio por isso que estou assim. Sempre me atirei de cabeça nas coisas, nunca achando que algo de mau fosse acontecer. Sempre me achei forte o suficiente pra arcar com as consequências. Nunca tive medo da polícia, muito menos de bandido. Nunca tive medo de pegar onda nas maiores ressacas de Ubatuba.

Mas agora estou morrendo de medo do que possa acontecer.

Mais uma vez, a Globo não me deixa pra trás. Agora foi um tremendo *Globo Repórter*, uma hora seguida sobre deficientes físicos, uma espécie de

prefácio para o Ano Internacional do Deficiente. Apareceram os problemas que a medicina enfrenta com as lesões de medula, a parte mais atrasada na ciência médica (logo qual...). Problemas com a reabilitação física: poucos centros, pouca gente especializada, aparelhos caros (uma perna mecânica custa o mesmo preço de um Fusca zero quilômetro, e uma cadeira de rodas dá perfeitamente pra comprar um carro usado).

As famosas e imbecis barreiras arquitetônicas (nunca vi uma sociedade gostar tanto de escadas como a nossa).

Mais uma vez me dava aquele arrepio na barriga ao ver os neguinhos de cadeira de rodas. Pedi pra Big apagar a televisão, tentei dormir. Não conseguia, aquelas imagens das cadeiras de rodas ficavam grudadas na minha cabeça. Não sei se terei cabeça pra viver daquele jeito. E meu violãozinho, ia ficar meio ridículo subir num palco de cadeira de rodas, as pessoas iriam olhar muito mais pras minhas pernas do que pra minha música. E meu ladinho ecológico? Porra, como é que eu vou examinar um pasto? E se um touro sair correndo atrás de mim e a cadeira atolar naquele bosteiro total. Que puta bostação. Lembrei-me do Stevie Wonder, que, mesmo cego, toca todos os instrumentos. Poderia comprar um piano, ficar o dia todo tocando. E mulheres? É, mas teve aquele filme... Quem sabe não vai pintar uma gatona que adora transar com neguinhos de cadeira de rodas? O silêncio tomava conta do quarto, só o barulho do sinal mudando do verde pro vermelho. Vez em quando passava um carro. Que delícia poder sair à noite de carro e andar por São Paulo. Quantas noites de insônia eu descia até a garagem e saía por aí (na época em que a gasolina era barata). Às vezes ia até o apartamento do Richard e, se a luz estivesse acesa, eu subia (outro exímio sofredor de insônias).

Mais um carro voou pela Eugênio de Lima. Esse deve estar com pressa, ou brigou com a namorada. Que merda, o que vai ser de mim? Por que não entro numa máquina do tempo e recuo até um momento antes de dar aquele salto infeliz? Por que isso só acontece comigo?

Acordei com a porta abrindo. Stella trazia o café na bandeja. Que saco, eu estava odiando essa mulher, esse seu sorrisinho cínico e a sua vontade de ser minha amiga. Falsa, ridícula. Pedi

Era de manhã e a Nana trazia o café na bandeja. Ah, gracinha, que delícia que você veio, largou a Unicamp porque tava com saudade. Você não imagina como eu precisava desse seu

pra ela abrir a janela, e, puta que o pariu, estava um dia horroroso. Todo nublado, cinzento, desses típicos dias de inverno paulista. Um inferno. Que saco essa mulher. Ela ia me dando o pão na boca com aquela competência nojenta e aquela mão boba. Não conseguia comer, estava com uma tremenda alergia. Ela me deu antialérgico e deixou o vidro em cima da mesa. Fiquei olhando praquilo e pedi pra ela sair do quarto, pois queria dormir mais.

O monstro saiu. O vidro estava cheio. Estiquei com toda a força o braço e o alcancei. Peguei-o com as duas mãos e trouxe até a boca. Não tive dúvida. Virei todo o vidro. Ele ia fazer efeito. Era forte pacas. Sempre que tomava um, eu dormia na maior. Um vidro todo, iria dormir para sempre.

Ah, que delícia. Adeus para tudo isso. Chega, não aguento mais, já vivi muita coisa boa, agora quero sossego. Vou encontrar meu pai, fazer uns passeios. Nunca senti um alívio tão grande, espero que essa imbecil da Stella não entre aqui agora. Tchau, moçadinha, pra mim já basta.

olhinho verde. Ela abriu a janela e tava um puta sol. Convidou-me pra tomar o café da manhã na piscina. Não tive dúvidas. Chamamos a imbecil da Stella. Puseram-me o colete, me sentaram, e lá fui eu sem camisa e com a Nana tomar meu suquinho de laranja e um pãozinho com queijo de Minas.

Pedi pra ela me abraçar bem forte e me dar cinco mil beijos na boca. Ah, Nana, como você faz bem pra mim. Ela falou que à noite vinha a turminha de Campinas pra ir ver um puta filme que estava passando num autocine, eu nem precisaria sair do carro. Que joia, puta programão. O filme chamava-se *Zabriskie point*, a música era do Pink Floyd e tava censurado há um tempão.

Ficamos tomando o solzinho e a Nanoca me atualizando nas fofocas da turminha. Fiquei morrendo de saudade da Unicamp e fiz uma promessa: com ou sem cadeira de rodas voltaria pra lá morando com a Nana, Cassy e Gorda. Não seria nada difícil. É isso aí, ainda tem muita coisa boa pra se fazer.

Foi a Nana quem me acordou aquele dia, claro, senão você não estaria lendo isso.

Num carro, íamos eu, a Gorda e Nana. Noutro, ia outra turma. O cinema era longe pacas, lá na Penha, no final da marginal do Tietê. Antes de chegarmos, rolou um. Fiquei meio em dúvida, mas tudo bem. Era um dia joia e tava com gente mais joia ainda. Fumei e fiquei bobão. Olhava pro rio poluído e cagava de rir. Sei lá do quê, apenas ria.

O cinema era uma tremenda abobrinha. Autocine Chaparral, todo no estilo Velho Oeste. As mocinhas garçonetes vestidas de chapéu, roupa de couro e até revólver de brinquedo na cintura. O filme: um tesãão. Um dos melhores filmes que vi em minha vida. Uma tremenda história de amor alucinógeno.

Voltando pra casa, tinha uma multidão me esperando. Era sexta-feira e o ponto de encontro pra se partir pras festinhas tinha virado o meu quarto. Entre as pessoas estava a Marcinha, a loirinha que era minha namorada, e estava viajando, e não era namorada, transa, amizade colorida, sei lá.

A loirinha Marcinha começou a vir bastante em casa. Ela estudava de manhã na PUC (sociologia), à tarde trabalhava numa lojinha da Augusta e, como morava a duas quadras daqui, jantava e ficava até eu dormir. Vinha por causa da Big, dos meus amiguinhos e, claro, por minha causa. A gente trocava altos livros. Adoro mulheres que leem muito, e ela é uma dessas. Quando menina, achava-se feia, quase nunca tinha namorado, então lia adoidado. Hoje em dia, apesar do fã-clubes, continua lendo. Dei pra ela ler o *Apanhador no campo de centeio*, que achava a cara dela, mas ela não gostou.

Um dia, ela ficou me olhando, passando a mão na minha cabeça e me deu um beijo. Colocou a boca, foi abrindo devagarinho e deixou eu pôr a língua. Sutilmente ela também me lambia. O beijo demorou e foi uma delícia. Não entendi. Voltamos a namorar? Ou foi só demonstração de carinho? Muita gente tinha carinho por mim, mas ninguém me beijava assim. O que essa gracinha vai querer com um fenômeno de vitalidade física como eu? Sei lá. Também não fiquei muito encanado, mas seria joia namorar essa loirinha.

E foi o que aconteceu. De tarde eu ligava pro trampo dela e ficávamos titiricando pelo telefone. À noite, ela vinha me ver. Como não sou bobo nem nada, vestia o melhor pijama, ia pra sala, sentava na poltrona mais larga, punha um livro no colo e fingia estar lendo. De repente a porta se abria, eu ouvia aqueles passinhos apressados e sentia a sua mãozinha gelada me abraçando.

— Oi, gracinha.

Ela tinha uma voz afônica, meio rouca, e a coisa que mais gosto numa mulher é quando ela tem a voz rouca. Pode ser gordinha, baixinha e espinhuda, mas tendo a voz rouca fico apaixonado. Brincava com a Marcinha dizendo que namorava suas cordas vocais.

No começo surgiram pequenos problemas práticos: como abraçar? Quando eu estava sentado na cadeira de rodas, era péssimo. Pra me dar um beijo, tadinha, se contorcia toda. Na poltrona da sala era joia. Sentava no meu

colo e ficávamos a noite toda papeando e nos beijando. Com meus bracinhos fracos eu abraçava, brincava com os peitinhos dela e passava as mãos nas pernas o tempo todo. Na cama, era complicado. Essas camas de hospital têm que ser altas pra facilitar quem cuida dos doentes (dar banho, fazer curativo, essas coisas). Pra me beijar, ela tinha de ficar na ponta dos pés. Deitar na cama era impossível, eu ocupava todo o espaço, e, por causa do pescoço, não podia ficar de lado. Mas a gente se virava. Ela punha um banquinho e, com a metade do corpo pra fora, agarrava-se em mim.

Sexo? Não, não tinha. Não dava, deitado eu não conseguia erguer minhas costas nem um milímetro. Ficava lá mortão, com aquela borracha no meu pinto. Mas tinha horas que o estado de excitação nos matava. Eu punha a mão na vagina dela e massageava até sentir aquela tremedeira. Ela só me beijava, e, quanto mais eu massageava, mais sua boca ficava mole, gostosa. Respirava forte, gemia, suave. Era tesão. E a gente sabia que era só esperar, deixar a bexiga funcionar direito, tirar a sonda, consolidar minha vértebra e ficar mais forte, que nos amariamos melhor.

Era um doce. Sábado, quando todos saíam pra ir nas tradicionais festinhas, ficávamos a sós. Falava pra ela sair, mas, pra minha alegria, preferia ficar comigo. Na cama, ligávamos meu gravador supersônico e, com a luz apagada, amávamos do nosso jeito. Quando ficava tarde, ela me deitava melhor, arrumava o pijama, punha um cobertor e me beijava.

— Tchau, gracinha.

Aí começava meu desespero. Já sou ciumento por natureza, mas, nesse estado em que estava, era pior. Eu a imaginava saindo do prédio, andando pela calçada, quando parava ao seu lado um garotão bonito, de moto, e dizia:

— Como é que num sábado à noite você está sozinha?

— É que meu namorado não pode sair.

— Então por que é que a gente não dá um passeio? Vamos a um bar, a gente bebe, ouve música romântica, dançamos coladinho, depois levo você até minha casa. Você deita na minha cama, eu tiro a sua roupa e a gente se ama, sem sondas pra atrapalhar. Você vai adorar esse meu corpinho atlético.

Será que ela falaria:

— Não, prefiro meu namorado “tetra”, com pescoço quebrado, que não tem forças pra se mover um milímetro. Doente, numa cama de hospital,

branco, careca e cheio de espinhas.

Nasceu em mim um ciúme doentio. Achava que qualquer rapaz que andasse seria muito mais atraente que eu. Tinha certeza de que uma menina de vinte anos, linda como a Marcinha, em pleno começo de vida sexual, não poderia perder seus dias com um cara no meu estado.

Que fazer? Nada, apenas viver.

A Stella me acorda, assustada. Não havia uma gota de xixi na garrafinha, sinal de que a sonda entupira. Eu só sentia uma tremenda vontade de mijar, mas não doía nem nada. Minha mãe resolveu chamar um urologista, pois já tava na hora de ver se essa bexiga funcionava ou não. Deu uma pesquisada e chamou um tal de dr. Bucheli, especialista em deficientes físicos.

À tarde veio o homem, e, como em toda visita chique, a casa estava impecável. Cafezinhos, bolinhos, os famosos tratos da Eunice. Ele pegou uma baita seringa, injetou por dentro da sonda, e saiu uma pelotona branca. Logo atrás, uma quantidade grande de urina. Um depósito entupira a danada.

— Com quanto tempo de sonda você já está?

— Uns cinco meses.

— Tudo isso? Tá na hora de tirar.

Realmente, ele tirou a sonda, fez umas massagens na barriga e tudo saiu pela uretra. Que lindo, que fantástico, maravilhoso. Meu pinto ali, mijando como qualquer pessoa, solto, livre.

Mas veio um problema. A lesão da medula, além de me tirar os movimentos da perna etc., tirou também os movimentos internos, como, por exemplo, um pequeno diafragma que inconscientemente a gente usa pra controlar a urina.

— Mas e agora, doutor, quer dizer que vou ficar urinando descontroladamente?

— Não.

Veio a explicação. Eu teria que condicionar a bexiga novamente. Por enquanto, urinaria descontroladamente. No princípio, de uma em uma hora, eu daria uns cutucões na bexiga. Isso faria com que excitasse a danada, pra eu

mijar. Aos poucos, essa massagem passaria a ser de duas em duas horas, até atingir períodos de quatro horas. Era o tempo máximo.

— Mas, pra dormir, vou ter que acordar de quatro em quatro horas?

— Não, daí é melhor você usar um coletor.

Mais uma palavra nova no meu vocabulário de deficiente. Como existem milhares de acidentados com problemas de lesão de medula, existem vários componentes da indústria médica. Um desses componentes (atenção para mais uma palavra) chama-se Uropen. É uma espécie de camisinha de vênus com um furinho na ponta onde se liga um caninho até uma garrafinha de plástico: Urofix. Até aí, a única coisa que o diferencia da sonda é que esta vai por dentro da uretra, e o coletor vai por fora do pinto.

Lá foi a Stella com sua mãozinha idiota enrolar meu pobre piu-piu com um Uropen. De hora em hora, vinha me ajudar a fazer a tal massagem. A ridícula era tão competente que até anotava a quantidade de urina que eu mijava, não sei pra quê.

O surpreendente mr. Mangueira guardou-me uma surpresa não muito agradável, ou melhor, desagradabilíssima. O prazo para usar o colete de ferro no pescoço era de três meses. Só que, depois de examinar as radiografias, ele deu a notícia: teria que ser operado, ia precisar abrir meu pescoço de novo, tirar um calo de osso que se formara na vértebra e colocar dois pinos. O termo médico: artrodese. Não era mole, mas que se havia de fazer? Nada, apenas sofrer.

Lá fui eu, com mala e cuia pro hospital. Já tínhamos experiência no assunto, dessa vez foi um quarto bem chique. Tinha até um banheiro acoplado. Chegamos à tarde. Teria que ficar meio dia em jejum e, na manhã seguinte, ir pra faca. Reencontrei o Chico e o Neneca, dois dos meus enfermeiros. Dei uma boa folga pra Stella, convocamos a Vècchia, e lá estava eu deitado novamente olhando pro teto.

De manhã, num tremendo frio, puseram-me numa maca e me levaram. De repente, estava no que parecia ser a sala de espera do centro cirúrgico. Ao meu lado, três outras macas com caras em cima, esperando a vez. Fiquei morrendo de medo: já pensou se me confundem com outro carinha e me

levam pruma cirurgia de transplante de coração? Mas logo o ambiente ficou descontraído. Depois de quinze minutos, um olhando pra cara do outro, surgiu um bate-papo pré-operatório.

— Você vai ser operado do quê?

— É uma pedra no rim que vou tirar, e você?

Resolvi dar uma mentirinha:

— Transplante do coração.

— Nossa, teu negócio é sério...

Chegou um enfermeiro e me levou. Entrei numa sala redonda, e imediatamente puseram-me num tablado debaixo de um grande holofote (aquilo que a gente vê em televisão). Um médico com uma seringa falou:

— Não vai doer nada.

Aplicou-me uma anestesia que doeu pacas. Tudo foi se apagando devagarinho, e senti aquele formigamento gostoso. Ainda deu tempo pra virar pro lado e desejar:

— Boa sorte pra todos...

Onde eu estou? Quanta gente me olhando... é mesmo, fui operado. Eu sou Marcelo. Puta que o pariu, como dói, os caras me puseram numa pedra?... Meu pescoço, dói demais... tá tudo vermelho, que frio... não consigo falar, minha língua tá mole... tô com frio, mas tô suando.

— FRIO.

Puseram mais um cobertor. Tô com fome e sede.

— ÁGUA.

— Não pode, deixa acabar o efeito da anestesia.

Como dói, meu deus, não aguento mais... Tô amarrado num monte de caninhos. Tem um com sangue, outro com soro, tem até um em volta do pescoço.

— É um dreno, filhinho.

— FRIO.

— Mas já tem cinco cobertores.

Que horrível, nunca sentira tanta dor em minha vida, e aquela gente não parava de falar.

Foram quinze dias de hospital. Nunca tinha imaginado que essa operação pudesse ser tão violenta. Seis horas numa mesa cirúrgica com o pescoço aberto. Depois tem o acordar, ainda sob efeito da anestesia: a cabeça em ordem, o corpo em câmera lenta. Acaba a anestesia e vem a dor. Para operar meu pescoço, tiveram que afastar com um gancho todos os músculos da coluna. Três dias de dores insuportáveis, amarrado. E, o que era pior, quinze dias sem sentar. Senti-me voltando à UTI. “Eu não aguento mais, é muito sofrimento prum carinha de vinte anos que nunca fez mal a ninguém.” Ó deus, como você foi injusto, cara. Lamentável. Tanta gente babaca por aí, e justo eu você escolhe... Tanto assassino, tanto ladrão, tanta gente que não usa o corpo pra nada, que não sabe tocar um Villa-Lobos, não sabe catar no gol, não se interessa por agricultura, não sabe fazer amor. É, você me preparou uma surpresa desagradável. Tudo aquilo que eu tinha sonhado, meus planos pro futuro, desaguou numa simples queda mal calculada.

Uma vez minha mãe disse que na vida não se deve fazer muitos planos. É verdade. A parte do meu cérebro em que estava armazenado o futuro desintegrou-se. E é terrível não ter a menor ideia do que vai acontecer daqui a um ano. Vou estar andando? Sinceramente, já não acreditava muito. Mas não saía da minha cabeça como era injusto esse acidente. Eu não merecia isto. Já deveria bastar ter o pai assassinado na infância. Por que mais desgraça?

Ainda no hospital, o Caio me trouxe um livro: *Minha profissão é andar*, do João Carlos Pecci, o irmão do Toquinho (“Na Tonga da Mironga do Cabuletê”). Aos vinte e oito anos de idade sofreu um acidente de carro e ficou paraplégico (que palavrinha). Ele narra toda a trajetória da reabilitação e, por fim, o cara anda de muletas com aparelho ortopédico. O nível dele é C7, um pouco mais abaixo do meu. Seus braços são perfeitos e mexe ligeiramente uma das mãos. O acidente foi em 68, e só em 80 ele publicou o livro. Achei que faltavam mais detalhes, pra saber como ele chegou até lá. Mas dá pra sacar que foi com muita luta e fisioterapia.

Esse livro me deu um certo ânimo. Agora que eu corriji esse pescoço de merda, tenho ainda mais uns três meses de uso de colete de ferro. Depois vou pra BBB e pau na máquina. Não interessa, chega de desgraças, vou pôr esse corpinho pra funcionar. Quem sabe não escrevo também um livro pra contar a minha trajetória?

O Caio me pediu pra escrever uma resenha pro *Leia Livros* sobre o livro do João. Topei, mas avisei-o do meu analfabetismo. Saí do hospital, sentei do lado da Vècchia e ditei:

RESENHA DO JOÃO

Nossos caminhos se cruzaram, assim como a ideia de escrever um livro também se cruzou. Eu sou Marcelo e ele, João. Não somos mais aqueles homens descendentes do macaco, não conseguimos mais andar, correr. Perdemos o contato com a pedra, a areia, a árvore, o chão, o mar. Andamos sobre uma máquina, invenção tecnológica, a cadeira de rodas: isto está longe de ser a morte, mas é um grande absurdo.

O título — *Minha profissão é andar* — poderá parecer um pouco estranho, feio inclusive. Mas é a grande sacação do livro. Apesar de ganhar a vida como pintor, João afirma que sua profissão é andar. Ele pinta por acaso e escreve por mais acaso ainda.

Sentado na minha máquina de andar, olhando o mundo se agitando lá fora, sinto pouca diferença entre o meu estado atual e o dos seres humanos sentados em suas máquinas possantes, patins, ônibus, motos, skates etc. O homem está se tornando um paraplégico por si mesmo, perdendo o prazer de movimentar seu corpo e ver a calçada ficar para trás, de ver vitrines, butiques e a deselegância da menina paulistana. João, não.

Um dia, não aguentei:

— Fora, vá embora e não apareça mais.

Era pra Stella. Minha Vècchia olhava assustada, e a loirosa mais ainda. Mas tava demais, a nojenta agora dera pra ficar mexericando as coisas das minhas irmãs e, o que era pior, brigava o dia todo com a Vècchia. Eu tinha um tamanho ódio dela que não aguentei. Dei a conta.

Tínhamos que contratar outra enfermeira. Pedi que fosse um homem, e a empregada nova disse que um amigo dela era enfermeiro e tava precisando de emprego.

— Tudo bem, manda o cara vir falar comigo.

Dois dias depois, tava sentado na tradicional poltrona vermelha, com aqueles ferros no pescoço, quando entra a peça. Um neguinho mirradinho, todo de branco. Uma cara de malandro. Expliquei a situação e o meu tedioso cotidiano: acordar às nove, tomar café na cama, um banho de gato, pôr o colete e sentar. Tomar sol, almoço na boquinha e deitar pruma sonequinha. Cinco horas, sentar-me de novo e tchau, até amanhã.

No dia seguinte ele aparece todo de branco, com um suco de laranja na mão e falando um “bom-dia” meio sem graça. Trazia uma maleta onde estava o diploma de enfermagem.

— Tudo bem, não precisa mostrar.

A Vêcchia mostrava o armário, quando ele pega a minha camisa do Corinthians, abre um sorriso e pergunta:

— Você também é corintiano?

Não é que o neguinho era hipercorintiano, inclusive da bateria dos Gaviões da Fiel? Pronto, um bom assunto. “É, o doutor tá mal, Vladimir deveria estar na seleção, Biro-Biro é craque, final de 77.”

— Você tava? — ele me perguntou.

— Eu tava, bem na arquibancada.

— Pô, que jogão.

Às 11 horas ele sugere.

— Posso ligar a televisão pra ver esporte no sete?

Deixei o neguinho ligar. Depois ele mudou o canal e tava começando outro programa. Depois, noutro, e à uma, na Globo. Incrível, parece combinado, acaba um e começa outro. Entrevistas com jogadores, lances e gols da outra partida, curiosidades do esporte...

Chega o Osório, peço pra ele ficar no quarto e ver o tipo de exercício osorial pra me fazer à tarde. Simples, ele aprendeu no ato. À tarde, chegam o Maurão e o Rogério, e ficamos falando da vida. O neguinho ficou sentado e, com uma cara de interessado, até participava do papo. Quando foram embora, fiquei olhando aquela cara de malandro e não aguentei:

— Escuta, já que só estamos nós, que tal darmos uma bola? — sugeri.

— Ô, boa ideia, legal.

— Então pega lá no meu quarto.

Fumamos e ficamos ouvindo Bob Marley nesse fim de tarde gostoso que faz em dia de sol paulista. Antes dele ir embora, pedi pra que não viesse mais de branco:

— Vem com uma roupa comum, fica mais informal.

Ele topou e se foi. Legal, gostei da peça, tava precisando mesmo de uma companhia e não de um competente obstinado como era a Stella.

Já fazia sete meses de acidente e essa fisioterapia do Osório não estava ajudando muito. Na BBB não podia ir, pois faltava um mês para ficar com o pescoço livre. Precisava fazer alguma coisa com os braços e as mãos. Então, por conta própria, chamamos uma TO (Terapeuta Ocupacional). À noite, chega uma linda loira de olhos azuis. Simpática. Conversamos, ela fez uns exames nos braços e mãos.

— Come sozinho?

— Não.

— Como não? Mas já dá pra você comer sozinho. Tirou da bolsa duas tirinhas de couro, colocou na minha mão, pegou um garfo, deu uma entortada e pimba. Não é que dava? Incrível.

— Escova os dentes sozinho?

— Não.

Tirou da bolsa outra tirinha e pimba, também deu.

— Empurra a cadeira de rodas?

— Não.

— Tente.

Tentei. De pouquinho em pouquinho, ela andava. Mas era uma cadeira muito dura, mesmo uma pessoa normal tinha dificuldade em empurrá-la.

— Então arrume outra.

Realmente, eu deveria estar tentando fazer as coisas sozinho, mas é que nessa casa era difícil mesmo. No banheiro, a cadeira não entrava, e geralmente eu rangava deitado. Mas era bom começar a agitar e, segundo ela, dava pra eu fazer muita coisa.

— Até descascar uma laranja, se quiser.

Formidável, contratamos a ^{to}. Na semana seguinte ela veio com um monte de canetas hidrocor e pôs uma papelada na minha frente.

— Escreve.

Mas não dava, meus dedos não tinham firmeza, não conseguia segurar direito a caneta. Tudo bem, ela tirou um elástico da bolsa, colocou entre os meus dedos.

— Tenta agora.

Pimba, parecia letra de criança, mas estava escrevendo.

— Você bate à máquina?

— Não.

Tirou outras duas tirinhas. Colocou uma máquina e:

MARCELO RUBENS PAIVA

Que tesão... dava pra escrever! Agora poderia ficar o dia todo escrevendo poesias, cartas, e até um livro. Nossa, por que não descobri as ^{tos} antes? Só que descobri também mais um problema, que provavelmente todos os deficientes físicos que andam de cadeira de rodas enfrentam: das cinco mesas existentes lá em casa, apenas na da sala entrava a cadeira embaixo. Mas tudo bem. Agora meus dias eram nessa mesa. Um monte de canetas, papel, máquina de escrever, tirinhas. Outra coisa boa foi que comecei a assumir um pouco mais a cadeira de rodas. Não me sentava mais em outras poltronas. Agora ficava direto nela, sempre tentando empurrá-la.

OUTUBRO DE 80, BBB

Sete horas da manhã. Neguinho me acorda afobado:

— E aí, belo?

Putá que o pariu, fazia tempo que não acordava tão cedo. Estava só com os olhos pra fora, o terrível frio paulista fazia-me dormir com três cobertores, cachecol e um gorrinho de lã na cabeça. Entra minha mãe com o tradicional:

— Vamos, que estamos atrasados.

Tinha consulta às oito. Finalmente não precisava mais usar o colete de ferro. Minha vértebra se consolidara e estava livre para um tratamento de fisioterapia mais intensivo. Engolimos o café da manhã e fomos voando pela Rubem Berta. Que delícia. Tava me sentindo um cara ativo, indo ao trabalho como todos os outros carros. Antes, aqueles ferros no pescoço deviam me dar um aspecto monstruoso. Em todo farol, o dono do carro vizinho não tirava os olhos de cima de mim. Agora não, ninguém sabe como sou, só veem minha cara barbuda.

Chegando lá, minha mãe e o neguinho tiraram-me apressados do carro, e fomos procurar o local do exame.

— Sinto muito, mas seu exame está marcado pra uma hora.

Eta palhaçada. Mandaram vir às oito horas pra saber que era à uma. E agora? Minha mãe tinha que ir trabalhar.

— Tudo bem, leva o carro que eu fico aqui com o neguinho.

E ficamos. Neguinho empurrando e eu ali sentadão. Fomos dar uma banda pelo local. O chão era liso, bem fácil pra empurrar, as portas largas, não havia escadas, tudo rampa. De repente a gente sai por uma porta e dá num tremendo gramadão lindo. De um lado, uma quadra de basquete, do outro, uma piscina. Isso mesmo, uma piscina toda transada. Num canto, em volta de umas árvores, tinha um grupo de caras em cadeiras de rodas, tomando sol. Alguns sem camisa. Ficamos dando uma volta e, por uns janelões, pude ver onde se fazia fisioterapia. Um monte de tablados com gente em cima. Alguns sozinhos, fazendo ginástica com halteres, outros com umas fisioterapeutas de branco. Levantavam, rolavam, deitavam. No canto, duas barras onde um carinha andava com aparelhos ortopédicos.

Ficamos rodando por um tempo, quando vem um senhor de cadeira de rodas, me para e pergunta se sou filho do Rubens Paiva. Ele tinha reconhecido minha mãe. Era de Santos, fora advogado de um tio meu. Que joia, era bom ter alguém conhecido. Ficamos conversando, meu acidente, quanto tempo fazia... Ele havia lesado a medula na parte lombar, só não mexia as pernas. Devia ter uns quarenta anos e era ágil pra burro, fazia de tudo naquela cadeira. Chamava-se Sílvio, tava internado já havia uns seis meses. O barato é que devia ser do tipo brincalhão, pois enquanto falávamos todos o cumprimentavam e

faziam brincadeiras. Ele abraçava as enfermeiras, perguntava quando elas iam fugir com ele etc.

O cara percebeu que eu ainda era novato em termos de deficiente, que não estava entendendo muito o que me acontecia. Foi quando falou uma coisa que até hoje não saiu da minha cabeça:

— O negócio é o seguinte: o passado aconteceu, foi bom, mas não volta mais. Agora a gente tá noutra. Você está na beira de uma escada e tem muitos degraus pra subir. Cada degrau é uma tremenda vitória que tem que ser muito comemorada. Olhar pra trás não adianta. Aconteceu.

— É, são as tais etapas que todos dizem — falei.

— Você vê, quando cheguei aqui tava desesperado, quase não fazia nada sozinho. Hoje em dia, você pode me jogar numa casa que me viro perfeitamente bem, e é isso que é importante, ter independência. As pernas a gente substitui, mas a liberdade de não ter que depender de ninguém é que é importante.

De repente passou um moleque com a garrafinha de xixi amarrada na cadeira, da mesma maneira que a minha. Percebi o quanto era feio ter um litro de xixi pendurado. Mas o Sílvia não tinha nada.

— É que aqui a gente faz compressão.

— Compressão? Aquelas massagens na bexiga?

— É, essas mesmas. Você não faz?

— Faço.

— Quanto tempo você fica seco? — ele perguntou.

— Umas três horas.

— Então, por que você não tira esse coletor e, de três em três horas, vai a um banheiro mijar num bico de papagaio?

— E pra dormir?

— Daí você coloca o coletor.

“Pô, que joia, não tinha pensado nisso. Claro que é muito mais agradável ver o pintinho solto do que ter essa garrafinha pendurada na cadeira de rodas. Altas técnicas. Primeira coisa que vou fazer vai ser comprar esse bico de papagaio.”

Hora do almoço. Eu, o neguinho e o Sílvia fomos até um refeitório grande, tipo bandeirão. Devia ter umas vinte cadeiras de rodas, a maioria com

homens. Muita gente de branco, alguns com roupa de mecânico (na BBB tem uma oficina que faz aparelhos ortopédicos). Sentei numa mesa junto do Sílvio. Logo veio uma burocrata dizendo que o neguinho não podia almoçar, pois era acompanhante. Fizemos o maior escândalo, mas não deixaram mesmo. Ridículo, tinha certeza de que, se eu tivesse um enfermeiro loiro vestido de branco, com um estetoscópio no peito, serviam até camarão pra ele.

Logo foram chegando mais pacientes, sentando ao lado. Imaginei que a mesa do Sílvio era a mais divertida, e era mesmo. Ele fez questão de me apresentar, e a cada um que chegava tive de relatar meu caso.

— Foi um mergulho.

— Num rio?

— Não, num lago.

— Ah, que nem o Márcio.

Outros falavam: “que nem o Alberto”, ou “Isaías”, enfim, era um caso comum. Percebi também a classificação de casos em paraplégicos: mergulho, tiro, moto, carro, doença... Dentre os mergulhadores idiotas, pode-se classificar: rio, lago e piscina.

Chegou um tal de Luís, que era bem animadinho. Imediatamente todos começaram a fofocar das enfermeiras e fisioterapeutas. Quando ele me notou, e percebeu que eu era novo na parada, perguntou se queria jogar palitinhos.

— Não dá, não tenho forças nas mãos pra segurar os palitos.

Enquanto respondia, todos se cagavam de rir. Era brincadeira, ele sacara que eu era um “tetra”. O tal do Luís parecia ser muito gente fina, e era mesmo. Ele começou a me perguntar o que eu fazia antes do acidente, e, quando lhe respondi, ele falou.

— Agora, meu filho, a única profissão que resta é vender bilhetes de loteria. Portanto vai treinando. Olha o macaco, macaco na cabeça.

— Olha a borboleta — e imitava Sílvio —, borboleta final seis, quem vai querer?

Ao meu lado tinha um tal de Arnaldo, que chamou uma enfermeira e pediu um café. Daí virou pra mim e falou:

— Tem que tomar muito cuidado com café, principalmente se ele for quente, senão você fica cem por cento broxa.

— Por quê? — perguntei.

— Cinquenta por cento broxa porque queima a língua, e cinquenta porque queima o dedinho.

Que piadinha mais babaca. Eta visãozinha de sexo escrota, né? Mas também é foda, eu sei que a maioria dos “para” tem problemas de ereção, e isso causa um puta complexo.

Tinha vontade de perguntar pra todo mundo quem ficava também de pinto duro, se já tinha transado, se tinha sido bom, se alguém já saíra andando da BBB, quanto tempo durava um tratamento, se era possível mexer a perna e não mexer as mãos etc. Mas saquei que aos poucos ia aprendendo isso.

À minha frente sentou uma moça toda de branco, que não tirava os olhos de mim. Não falava nada, mas, pelo jeito que os outros brincavam, devia ser fisioterapeuta. Discretamente li no seu crachá: Aline (belo nome). Comecei a olhá-la com o meu quinquagésimo segundo olhar (aquele que quer se mostrar atraído). Ela me olhava e abaixava a cabeça sorrindo. “Será que está me paquerando? Sei lá, mas o que é que tem usar o quinquagésimo segundo?”

Todos acabaram o rango e foram saindo. O Sílvio, percebendo que eu não empurrava a cadeira direito, me deu uma ajuda (o neguinho foi almoçar em outro lugar). Fomos até um salão onde havia um aparelho de som. O Luís ligou bem alto e ficou aquele auê. Passou um burocrata reclamando do som e ninguém deu bola. Um carinha chegou pro outro e falou:

— Sapato novo, hein?

O outro respondeu:

— Que nada, esse aqui é bem velho.

Foi quando o Sílvio chamou minha atenção:

— Tá vendo, ser paraplégico tem suas vantagens. Uma delas é que o sapato não gasta.

Veio o neguinho:

— E aí, belo? Uma hora, é melhor a gente ir.

Todos se despediram de mim e, enquanto eu ia prum lado, eles iam pro outro. Fiquei esperando num salão com um monte de gente, até ouvir:

— Paciente Marcelo Paiva.

— Sou eu.

— Espere na segunda porta, à direita.

Atendeu-me uma simpática médica:

— Oi, Marcelo, tudo bem?

— Tudo bem.

— Eu vou fazer umas perguntas pro seu relatório, depois examino você.

Ficamos uma hora papeando. Perguntou tudo, até se já tivera alguma relação sexual depois do acidente. O joia é que perguntou com uma tremenda naturalidade.

— Não, não tive.

Falamos muito de sexo, da vida, de política. Na hora do exame (as agulhinhas), ela e o neguinho me deitaram numa maca e tiraram minha roupa. Quando acabou, eu tomei coragem e perguntei:

— Então, doutora, quais são minhas chances?

— Olha, Marcelo, não dá pra dizer muito, você tem que saber que cada caso é um caso. Em alguns, voltam os movimentos das mãos, tem outros que até saem andando. Seu caso é difícil, pois o impacto foi tão grande que chegou a quebrar a vértebra, mas não é impossível, já que não seccionou a medula. O jeito é esperar e fazer muita fisioterapia. Reabilitar-se, ficar independente, sair pelo mundo afora.

Claro, objetivo, direto.

Fim de semana em casa. O tradicional agito: turminha de Campinas, turminha paulista procurando festas, minha *girl* Marcinha. Só eu não estava. Quer dizer, minha cabeça. Não pensava em outra coisa a não ser na BBB. Ia começar o tratamento dentro de um mês. De segunda a sexta, período integral, num precinho bem caro, mas minha avó Paiva ia pagar.

Marcinha reclamou dizendo que eu estava distante. E estava mesmo. Tinha encontrado gente que nem eu, com os mesmos problemas e ideais. E que, apesar de tudo, divertiam-se e davam força um para o outro.

Já tava meio danado de ouvir os planos de viagens das férias, o MR-8 ganhou as eleições da UNE, a festinha do Carioca. Eu queria falar de problemas urinários, profissões de paraplégicos, o movimento de defesa dos deficientes, lugares que têm escadas e lugares que não têm, qual o melhor tipo de cadeira de rodas, qual fisioterapia recupera o quê, qual das enfermeiras é mais gostosinha.

À noite eu e a Marcinha ficamos a sós. Não tava legal. Eu tava estranho e ela, mais ainda. A menina vinha com uns papos de que “a civilização não está com nada, de que o negócio é viver no mato”. O engraçado é que o meu quarto consiste em uma cama de hospital, uma televisão, um rádio e uma máquina de escrever elétrica. Nada a ver com vida natural, ecológica etc. Eu a beijava e lembrava da Aline, que tinha sorrido pra mim. Ela falava e eu pensava na escada que o Sílvio mencionara. É, sem dúvida, eu preferiria viver numa cidade onde só houvesse pessoas de cadeiras de rodas e fisioterapeutas bonitinhas.

Pedi pro neguinho me levar até lá embaixo pra tomar um solzinho. Tava inaugurando minha cadeira de rodas nova. Comprei uma que era bem mais fácil de empurrar. A anterior era alugada, já que, no princípio, a gente não sabia como ia ficar. Agora tínhamos comprado uma, e me dava um certo nó na garganta: “Será que essa coisa vai me acompanhar o resto da vida?”. Sempre tive como filosofia de vida que “do céu não cai nada além de chuva e avião sem gasolina”. Não estava dependendo só de mim sair andando daquela cadeira. Se a porra da minha medula tivesse tido uma lesão total, que jeito... Meu problema era antes de tudo orgânico, células que não se recompõem, uma fatalidade. Mas eu ia lutar, ah, isso sim.

Chegando ao sol, fiquei empurrando a cadeira. Realmente, não era nenhum Néelson Piquet, mas tava mais fácil. Ao meu lado, sobre suas seis pernas, um besouro rebolava despreocupadamente. Desgraçado, resolvi apostar uma corrida com ele. Fui atrás dele, mas...

Tinha uma merda de buraco no chão e não tive forças pra tirar a roda. O besouro continuou seu caminho, tranquilo. Fiquei desejando que esse inseto levasse um tombo e lesasse a medula: “Duvido que ele, numa cadeira de rodas, ganhe de mim. Aliás, como é que um bicho se vira quando quebra uma de suas cervicais?”. Imagine um cachorro numa cadeira de rodas, ou mesmo uma galinha de aparelho ortopédico.

Sem aquele colete de ferro e com uma cadeira de rodas mais ágil, estava me sentindo elétrico. Não parava quieto, tentando empurrar a cadeira pela casa. À noite, Bunds me convida pra uma festa.

— Festa?

— Ué, e daí?

— Pô, mas vai ser chato, todos me olhando...

— Que nada, meu, desencana.

“É, realmente, vou lá, foda-se. Quem sabe não danço um rock paraplegicamente?”

Lá fui eu com o Bunds até a Vila Madalena. Logo na entrada, uma bela escada. “Ih, saco!” Mas tudo bem, muita gente conhecida na festa. Bunds armou a cadeira lá em cima, ele nos braços e o Babaca nas pernas (esse era o nome dele).

Fui carregado pornograficamente até a porta.

Na entrada, uma sala grande. Já saquei que a festa era tipo gente bebendo e falando alto.

— Com licença.

— Onde você quer ficar? — pergunta o Bunds.

— De preferência numa outra sala, essa aqui tá muito cheia.

Chegamos na tradicional sala de jantar. De longe vejo o Mô e uma menina. Mô é um amigo de infância. Tinha três lindas irmãs, que todo mundo falava, mas eu não as conhecia. Fiquei papeando com o Mô, e sua menina sentou bem em frente. Ela olhava, olhava... De repente, se levanta, senta ao meu lado e fala:

— Sou a irmã do Mô.

— Ah, você é uma das famosas irmãs.

— É, sou a Bianca.

— Já ouvi falar muito em você, mas nunca tinha imaginado a sua cara.

— Você faz massagem com alguém? — ela perguntou.

— Massagem, não.

— Será que não seria bom pra você?

— É, realmente, eu estou com o pescoço muito tempo parado e tenso.

— Então, você não quer que um dia eu vá na sua casa fazer massagem?

Alguém a convida pra dançar e ela vai. Pude reparar que tinha um belo corpo, era macia, sensual.

Uma hora depois, enquanto parlava com alguém, vejo-a sentar na minha frente. Ficamos trocando olhares e caretas. Quando estava só, ela veio e falou:

— Pronto, agora você é só meu.

Pega na minha mão e fica ao meu lado. “Que coisa”, já estava começando a gostar daquela morenosa. Começou a tocar uma música do Arrigo Barnabé, e eu falei que adorava o cara, mas não sabia onde comprar o disco dele. A gata me prometeu um, e assim surgiu o inevitável papo sobre gostos musicais. Ponto para ela. O mesmo gosto que o meu, e principalmente por adorarmos Stevie Wonder. Ela manjava mais de jazz. Ficou furiosa por eu nunca ter ouvido falar num tal de Bill Evans.

— Como? Ah, então vou levar uns discos dele pra você ouvir.

Hora de ir embora. Bunds chama o outro pornográfico, Babaca, mas ela reclama:

— Pô, já vai embora, vai me deixar sozinha?

É, realmente a gente estava começando alguma coisa. “É incrível isso. Como pintam essas atrações por alguém. Uma troca de olhar já deda tudo. Uma palavrinha de despedida firma um pacto. Eu e Bianca já estávamos comprometidos com alguma coisa. Além do que, ela tinha achado meu sorriso bonito.”

— Tchau.

E senti aquela língua entrando na minha boca e dei minha língua pra ela. “Ainda bem que ela gosta do Stevie Wonder.”

Marcinha entrou no quarto. Tava com uma tremenda cara de bunda. Eu já tava meio de saco cheio da cara de bunda dela. Começamos a discutir. Brigamos. Ela fechou a porta e falou:

— Precisamos conversar.

É, nem precisávamos. A gente já se conhecia havia tempos e uma palavra sincera resumia tudo.

— Acabou, né? — perguntei.

Ela me olhou, meio sem graça.

— Tudo bem, Marcinha, eu já tava sacando que não dava mais.

E não tava dando mesmo. Nos beijamos sem lágrimas, sem fossa e sem amor.

Era um domingo, tinha muito sol.

Meu avô na frente, minha avó atrás, o rádio a mil, que legal.

O neguinho tinha trocado o sábado pelo domingo. Melhor. Ele me acorda com uma novidade:

— Chegou a cadeira de banho que tua mãe comprou.

Que joia. Agora que havia tirado o colete maldito ia poder entrar debaixo de um chuveiro. A danada era uma cadeira bem menor que a de rodas, mas tinha quatro rodinhas embaixo, toda de plástico. Me sentaram nela e tchan-tchan-tchan-tchan. Lá estava eu, peladão, no boxe do banheiro. Ligo a água e chuááááá, jato de vapor em todo o meu corpo, tirando a sujeira na marra. O corpo fica todo vermelho, uma delícia. Pego o sabonete e esfrego nos braços, na barriga, nas pernas e no pintão. Epa, ele começa a endurecer. Esfrego mais sabão e ele endurece mais. Não resisti, fechei os olhos, imaginei a Bianca e:

Bat macumba ê ê

Bat macumba obá

— Vamos dar uma banda, belo? — sugeri pro neguinho.

— Hoje tem jogo no Pacaembu, vamos?

— Quem joga?

— Corinthians e Guarani.

Para desespero de toda a família, o neguinho me pôs sozinho no carro, guardou a cadeira de rodas no porta-malas, sentou no banco do motorista e me guiou até o estádio. Loucura? Não, ele me protegia. Se eu tava nervoso? Nossa, e como. Tava desesperado, mas tinha que ir, tava na hora de começar a viver um pouco mais, sem encanações. Ele já sabia onde era bom ficar, em que portão dava pra entrar.

— O Quiririra também deve estar lá pra dar uma força.

Quiririra era o irmão mais novo dele. Descendo a avenida Pacaembu, já sentia o clima. Casa cheia. Gente estacionando o carro, nego andando rápido com uma bandeira enrolada, vendedor de pipoca, churrasquinho, cachaça. Muita polícia, muita buzina tocando. Me sentia em casa nesse estádio, sempre fui um verdadeiro rato de futebol. Maracanã, eu ia todos os fins de semana; em Campinas, ia ver sempre a Ponte; em Santos, gostava dos jogos da Portuguesa

Santista. Até no Paraguai vi dois jogos. Pacaembu, eu conheço muito bem. Já assisti a muito coringão ali.

— Por onde nós vamos entrar?

— Ah, o melhor lugar é no portão principal.

— Mas lá não pode parar o carro.

— A gente pede pros guardas.

É, realmente, tem mais que usar o sentimento de piedade das pessoas.

— Seu guarda, eu sou deficiente físico, será que dá pra gente entrar nesse estacionamento?

— Mas aqui não pode, é só imprensa e jogadores.

— Mas é só pra me pôr na cadeira de rodas, depois ele tira o carro e estaciona em outro lugar.

— Tudo bem, mas vai logo.

Joia, paramos, descemos, trancamos o carro.

— Duas arquibancadas, por favor.

— Uma é pro rapaz da cadeira de rodas? — perguntou o bilheteiro pro neguinho.

— É sim.

— Ah, então é uma só, ele não paga.

Nossa, que mordomia, mas aí já é bem ridículo. Por que eu não pago? Tenho dinheiro. Aí já está havendo uma puta discriminação, só porque sou deficiente. Tudo bem, sem ideologias, até é bom ser de graça, quem sabe a ideia não pega e passo a não precisar mais pagar comida, aluguel, condução, impostos etc...

Na porta do estádio, uma batucada e umas bandeiras escrito “Gaviões da Fiel”. É a maior torcida organizada de São Paulo, coisa de oito mil sócios, capaz de derrubar até técnico de futebol. Aí pude ver o quão bem acompanhado estava. O neguinho era popular pacas. Todos vinham falar com ele.

— Esse aqui é o meu patrão.

— Ah, então você é o famoso patrão.

Imediatamente começaram a me chamar de patrão. De repente, descubro que meu neguinho é um talento em batucada. Ele se dirigiu até a bateria e solenemente pediu silêncio. Colocou um repinique no peito, ajeitou a alça, deu três ordens, afinou o instrumento e lascou:

Pracatá, pracatá, praaaaatáá

Os outros instrumentos respondem:

Pa pa pa pa

Ele para, faz uma cara feia, dá uma bronca em todos e lasca de novo. Agora sim, todos respondem no tempo. Ele repete, melhorou. Vai em frente e de repente estou no meio de uma tremenda batucada de primeira. Passamos a acertar os passos, e caminhar pro portão, eu ia atrás, levado pelo Bimba. Já dentro do estádio, circulando pela arquibancada, éramos recebidos com palmas e papel picado. Os Gaviões da Fiel, além de serem a grande joia da torcida corintiana, são respeitados e temidos. A maioria veste uma camisa preta com um gavião vermelho no peito, e o respeito vem da força que essa torcida organizada dá pro time em qualquer lugar do Brasil. Mesmo com a casa cheia, sempre alguém dos Gaviões consegue lugar onde quiser, e lá fui eu subindo com a bateria os degraus da arquibancada. Uns quatro caras me levantavam com a cadeira e tudo. Colocaram-me num lugar ótimo, exatamente no lance mais largo da arquibancada. Atrás de mim a fantástica batucada.

Final da história: dois a zero pro Guarani. Foi bom, deu pra dar uma xingada no filósofo do presidente Vicente Matheus, aquele que, numa festa de comemoração de aniversário do clube, levantou no meio da refeição e discursou: “Queria agradecer à Antartica por ter-nos oferecido essas braminhas”.

Meu dente tava doendo, e não houve jeito, tive que consultar um profissional da profissão mais odiada do planeta: o dentista. Mas o carro tava quebrado e tivemos que ir de táxi. Paramos um fusca na Eugênio de Lima e o neguinho pediu:

— Ô tio, dá pra parar o carro mais perto da guia? É que eu estou com o rapaz da cadeira de rodas.

— Ah, tudo bem — disse o chofer extremamente solidário. Também, se não o fosse, foda-se, ia perder uma boa corrida. Eu, sentado ao seu lado; o neguinho, atrás com a cadeira dobrada. Demos as instruções e, é claro, não faltou a pergunta:

— Você sofreu um acidente?

Acho ótimo que as pessoas da rua perguntem o que aconteceu comigo. Deficiência física sempre existiu no mundo inteiro, e só agora as pessoas estavam discutindo. O ano seguinte seria dedicado ao deficiente físico, e as estatísticas provam que é um problema de toda a sociedade e não de meia dúzia de doentes. Eu adoraria ter sabido antes que, se um cara mergulha num local muito raso, há o risco de ficar paralítico. Ou que aqueles encostos pra cabeça, que tem em alguns carros, não são só pra descansar o pescoço, mas principalmente evitar a quebra de uma vértebra cervical num acidente.

Eu já estava começando a enfrentar uma chatice. Se dissesse pro chofer que fora um mergulho mal dado, ele não ia entender e teria que ficar meia hora falando. Portanto usei uma técnica mais rápida.

— Foi acidente de carro.

Dizer “acidente de carro” não requer muita explicação.

Mas logo me arrependi. Já que não existe uma campanha de esclarecimento à população sobre prevenção de acidentes, deve partir de nós, acidentados, a campanha boca a boca.

Chegando lá, dei uma boa gorjeta pro cara começar a tratar bem outros deficientes (às vezes penso que eu deveria ser escoteiro). Fui ao dentista, sentei-me em sua cadeira de avião morrendo de medo de dar uma mijada fora de hora, e voltamos pra esperar outro táxi. Só que me esqueci que morava em São Paulo, e quem disse que se acha táxi fácil na hora do rush? Eu não, portanto me fu. Ficamos horas na calçada até que o neguinho teve uma ideia digamos que genial:

— Fica aí na calçada que eu vou até a Paulista ver se lá tem táxi.

E fiquei, sozinho, sentado na minha cadeira de rodas, sem dinheiro e sem documento. As pessoas passavam por mim e me olhavam com aquela cara de bunda, porém me surpreendi quando saquei que não dava mais a menor importância às olhadas curiosas. Era um fato: eu era um rapaz sentado numa cadeira de rodas, quisesse ou não. E isso implica muito mais coisa do que um

rapaz sentado numa cadeira que tem rodas. É um mito que deixa a maioria das pessoas sem graça, às vezes desesperadas. As meninas passam e pensam:

— Que desperdício, um rosto tão bonito, mas...

Os velhos pensam:

— Coitado, tão jovem...

Os boyzinhos pensam:

— Puxa, eu não queria estar na pele dele, deve ser tão triste...

E eu penso:

— Ei, menina, que tal fazer amor comigo? E você, coroa, me conta um pouco sobre o Getúlio Vargas. Ô boy, será que dá pra eu andar numa garupa de moto?

Não adianta, agora eu sou um rapaz de cadeira de rodas. Os meus novos amigos vão me identificar:

— O Marcelo, aquele da cadeira de rodas.

Quem sabe tudo meu nome pra Marcelo Rodas, assim facilita a identificação. Não posso culpar ninguém por isso. Eu mesmo, antes de sofrer esse acidente, era preconceituoso. E agora estava ali, sentado numa cadeira de rodas, sem aceitar o que acontecera comigo, sem conseguir encontrar algo que eu tivesse feito pra merecer isso, sem entender o conceito de justiça que deus tem por seus filhos, mas disposto a dormir com uma menina bonita, levar um papo sobre Getúlio Vargas e “afins” de andar numa garupa de moto.

De repente vejo pousar uma nota de cinquenta cruzeiros no meu colo. Era uma velha que tinha jogado e saído rápido. A princípio não entendi, mas depois não aguentei e caí na gargalhada. Ela tinha me dado uma esmola. E, como dissera meu amigo paraplégico Sílvio: ser deficiente tem as suas vantagens.

Brasil e Alemanha, o jogo tava duríssimo. Primeiro tempo: zero a zero. O Brasil tinha que ganhar de uma diferença de dois gols pra participar da final do Mundialito com o Uruguai. Começa o segundo tempo e, “puta que o pariu”, gol da Alemanha. Tamo frito, que jeito, no país do futebol realmente só tava dando Fórmula 1. Chega a Bianca, me dá um beijo na boca e assiste ao jogo com a gente. O Carca, não aguentando mais, sugere:

— Vamos dar uma bola.

Quem acha que fumo é uma fuga da realidade teria todos os argumentos pra nos fuzilar. Fumamos. Um a um. Dois a um. Três a um. Quatro a um. Brasil na final, isso mesmo, moçada, mostra pra esses gringos que futebol é com subdesenvolvido tupiniquim. Ficou decidido, a Copa do Mundo de 82 seria vista na chapação. Quem sabe não é a “zica” mais poderosa.

Felicidade no país do João do Pulo. Carnaval na Paulista. Todos foram comemorar a seu modo. Eu fiquei ouvindo o tal do Bill Evans com a Bianca. Ela era uma menina engraçada. Enquanto me fazia uns carinhos hipersexies, falava que estava apaixonada por um publicitário. Depois me fazia massagem no pescoço e falava do balé que ela ia estrear (*Clara Crocodilo*, do cabeludo de nome esquisito). Eu, numa inspiração súbita, tirei os braços da cadeira de rodas e a sentei no meu colo. Enquanto falava do livro que estava escrevendo, ficava dando uns beijinhos no queixo, na testa e na boca. Ela era excitante, aliás excitante pacas. Tinha um corpo lindo, gostoso, e não me preocupava nem um pouco estar com mais vontade de transar com ela do que de esperar conhecê-la melhor. Com uma naturalidade chocante, ela tirou a camisa. Com uma naturalidade oportuna, eu lambi os seus seios. Com uma naturalidade rotineira, minha avó entra quarto adentro. Com uma naturalidade sem graça, disfarçamos. Com uma naturalidade telefônica, marcamos pro próximo dia uma sessão de massagens. Ao natural, naturalmente.

Fiz questão de levá-la até o elevador. Queria mostrar meu novo dote: empurrar a cadeira até o elevador. Se despede com um beijão e levanta a saia mostrando que tava esse tempo todo sem calcinha. Era uma menina engraçada essa Bianca, muito fácil de gostar.

De repente, deu-me um clique. Lembrei-me de que tinha um corpo, apesar de tudo. Cheguei no meu quarto, deitei no chão. Minhas pernas, que saudade delas. Fiquei acariciando-as e, mesmo sem sentir muita coisa, mordi o joelho, arranquei uns pelinhos, lambi a coxa, cocei o dedão. Meu corpo, vivinho, apesar de não se mexer. Tirei a calça e examinei meu saco. Tava igualzinho. Meu pinto, que durante esses dez meses estivera ou com sonda ou com coletor, coitado. Agora tudo bem, estava controlando a urina de três em

três horas, e só usava coletor pra sair. Em casa, ou lugar que tem banheiro acessível, eu levo meu bico de papagaio. É outra coisa ver o meu pintinho livre.

Fiquei curtindo as sensações nele. Na pele não sentia muito, mas se apertasse ou manipulasse, sentia tesão. A respiração ficava ofegante. Corria pelo corpo todo aquele formigamento de prazer. Que loucura, eu tenho que me redescobrir sexualmente, saber usar esse corpo, aprender com ele. Não é o mesmo prazer, mas é gostoso ficar mexendo no pinto. Não é psicológico, mas físico. Senti-me uma criança que descobre a sensação gostosa de mexer no piu-piu.

Fechei os olhos e fiquei imaginando a Bianca. Como seria? Teria que, antes de tudo, fazer uma boa compressão na bexiga, urinar tudo, pra não fazer xixi na hora. Depois, ela teria que se deitar sobre mim. E se amolecer na hora? Daí foda-se, faça outra coisa, beije sua vagina, conte uma piada, jogue dominó.

Dia seguinte, ela me liga:

— Às cinco horas eu vou aí te fazer massagem, tá?

— Joia.

Me deu um puta tremor na barriga. “E agora, será que vai dar tudo certo?” Porém, tinha um porém. Além do meu quarto não ter tranca, eu tava dormindo naquela cama de hospital, hiperdesconfortável. Mas eu sou esperto, me deitei no quarto da Big e fiquei contando os segundos. Cinco horas, nada. Cinco e cinco, nada (ê saco), cinco e dez, nada. Cinco e quinze, dormi.

— E aí, garotão? — era a Bianca me acordando.

— E aí, princesa? Pensei que tinha me dado o cano.

Não deu o cano, não.

Fechei a porta e vi seu corpo todo nu, deitado de costas. Ela era linda, mas linda mesmo. Já havia transado com ela uma vez, em Campinas, e já há duas semanas, digamos, que estávamos namorando, transando, tendo um caso, sei lá. Nos deixaram a sós na casa da Laurosa, e, apesar de ser em Itanhaém, não se ouvia barulho do mar, grilos, pássaros, nada. Só o nosso barulho. No quarto, uma camona e nosso barulho. Tirei minha calça meio timidamente, caminhei até a cama e sentei devagarzinho sobre suas costas.

— Deixa eu relaxar as suas costas.

Ela não falou nada, mas pelo sorriso saquei que era um consentimento. É incrível o cheiro de um corpo de mulher. Hipnotiza, deixa você outra pessoa. Mais animal. Pela coluna vertebral, eu cutucava de cima a baixo. Massageava com força, e diminuía até quase não tocá-la. Ela curtia, adorava. Sinto uma mão por baixo. Ela queria que eu penetrasse, adorava. Deito sobre ela. Fecho as pernas, ela abria. Meu peito nas costas dela, ela gemia, adorava. Penetrava lentamente, ela se contorcia, abria a boca e ria. Queria mais, adorava. Quase babava, quase gritava, ela queria, ela me amava. Abro bem os olhos pra ver se era verdade. Ela existia, era amada. A gente voa prum mundo sem céu, a gente se junta, se esfrega como mel. A gente se olha, quero mais. Caía o teto, caía o chão, quero mais, quero mais. A gente treme, a gente treme. Tô chorando, tô te amando, não pense, não pare, quero mais. Ela grita, ela suplica, tô gozando, tô te amando.

Olho pra ela, e fico com raiva, pois minha vida não era só naquela cama com a Ana.

Início de dezembro 1980

Dia 14 faço um ano de acidente, e só agora realmente vou começar o tratamento de fisioterapia na BBB. Foram dez meses de vértebra em frangalhos, usando aquele colete de ferro, e mais um mês de espera de vaga na BBB. Um ano em que tive uma certeza: minha vida mudou pacas. Sou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não mais violonista, e sim deficiente físico. Ganhei algumas cicatrizes pelo corpo, fiquei mais magro e agora uso barba. Não fumo mais Minister, agora passei pro Luiz xv. Meu futuro é uma quantidade infinita de incertezas. Não sei como vou estar fisicamente, não sei como irei ganhar a vida e não estou a fim de passar nenhuma lição. Não quero que as pessoas me encarem como um rapaz que apesar de tudo transmite muita força. Não sou modelo pra nada. Não sou herói, sou apenas vítima do destino, dentre milhões de destinos que nós não escolhemos. Aconteceu comigo. Injustamente, mas aconteceu. É foda, mas que jeito...

Muito tempo depois, soube que estivera mais morto do que vivo naquela UTI. Minha mãe conta que, logo após chegar em Campinas, perguntou pro médico o que ela poderia fazer, e ele disse:

— Nada, apenas reze.

Hoje em dia, me pergunto se preferiria estar morto. Não sei nem quero saber. Só sei que, nas noites em que tenho insônia, lembro de um garoto normal que subiu numa pedra e gritou:

— Aí, Gregor, vou descobrir o tesouro que você escondeu aqui embaixo, seu milionário disfarçado.

Pulou com a pose do Tio Patinhas, bateu a cabeça no chão e foi aí que ouviu a melodia: BIIIIIN.

Estava debaixo d'água. Não mexia os braços nem as pernas. Via somente a água barrenta e ouvia: BIIIIIN.

Ainda
estou
aqui

MARCELO
RUBENS
PAIVA

ALFAGUARA





Para minhas irmãs Veroca, Eliana, Nalu e Babi

Planet Earth is blue, and there's nothing I can do.

David Bowie

Parte 1

Onde é aqui?

Não nos lembramos das primeiras imagens e feitos da vida: do leite do peito, das grades do berço, do móbile que se mexe sozinho magicamente, de nos virar, não conseguir desvirar e chorar até alguém acudir, de como jogar as perninhas pro lado, nos virar e desvirar sozinhos, o primeiro movimento que revela um domínio corporal relevante da vida, do qual nos orgulhamos imensamente, como nos erguer no berço, na cama dos pais, no chão, da primeira vez que ficamos em pé, apoiados na parede, o segundo movimento de domínio corporal do qual nos orgulhamos imensamente, de jogar brinquedos para fora do berço, de quem são papá e mamã, de apertar bonecos que dizem “você é meu amigo”, “coraaaação”, “quem tá feliz bata palmas”, de que chorar é recompensador, do fascinante interruptor que acende e apaga a luz, do mundo dos vários botões ao redor, do mundo em que passam aviões no céu, e há tomadas, o papel rasga, a impressora cospe papel, a gaveta abre e fecha, abre e fecha, e há gavetas por todos os lados, de ligar a TV, de chamar o elevador, das teclas do telefone e computador e controle remoto, do primeiro contato com o magnífico celular, que toca música, e de uma queda livre sem apoio que com o tempo se transforma em caminhar e é aprimorada, um movimento que todo mundo incentiva e adora e bate palmas pra ele.

Nos lembramos disso diariamente, ao sair do berço, de ir atrás do celular, do controle, de tentar caminhar, de rasgar papel, de abrir e fechar gavetas, abrir e fechar, do botão do boneco que nos chama de amigo, dos domínios corporais que se aprimoram com o tempo, dos interruptores de luz, do que pode e daquilo que “NÃO!”, não pode, dizem bravos, de quem é papá, mamã, vovó, titia, de que, quando nos levam ao berço e apagam a luz, temos medo de tudo isso sumir e nunca mais voltar: por isso choramos até cansar.

Já temos MEMÓRIA desde o primeiro dia em que nos deram à luz! Temos lembranças assim que acordamos, lembramos que o mundo é magnífico, sentimos um vazio no estômago, uma fralda pesada, molhada, e lembramos que, se chorarmos, milagrosamente aparece alguém que nos livra do desconforto.

Somos um pi-to-qui-nho de gente pe-ti-ti-ti-ca e temos memória, referências, jogamos com elas, calculamos nossas ações nos apoiando em lembranças (já) solidificadas. No entanto, não nos lembraremos de nada disso anos depois. Não nos lembramos de nada disso, mas nos lembramos do triciclo que ganhamos aos três ou quatro anos, da pré-escola, de uma festa de aniversário em que foram TODOS os amigos, de alguns brinquedos, babás, casas em que moramos, corredores, quartos, castigos, brigas, escolas, tias-professoras, coleguinhas.

As primeiras lembranças que guardamos para o resto da vida são as de quando temos três ou quatro anos, e a cada ano que passa virão mais lembranças que serão guardadas, cinco, seis, sete, que se tornam as primeiras lembranças mais fortes do que o esquecimento, que serão cobertas por novas experiências, que se acumulam, se acumulam, se acumulam, oito, nove, dez...

Meu filho não vai se lembrar de quando tinha um aninho e fazia questão de mostrar o umbigo a todos que viessem falar com ele. Só sossegava se também mostrássemos o nosso. Não vai se lembrar dos umbigos gordos, peludos, lisos, engraçados, femininos, enormes, branquelos, tortos, achatados, moles, tímidos, exuberantes, belíssimos que viu. Não vai se lembrar dos tios, tias, amigos e amigas dos pais, desconhecidos e desconhecidas, que levantaram a camisa para ele, fazendo uma cara engraçada, sorrindo um sorriso que ele costumava checar se tinha a ver com o umbigo, pois olhava o umbigo alheio, o rosto do seu dono e voltava ao umbigo. Nem vai se lembrar de que girava na sala como uma barata tonta, caía, levantava e girava; só dias depois descobrimos que estava jogando capoeira sozinho na sala, que aprendeu na escolinha.

Mas saberá do seu fascínio infantil por esse buraco de nome engraçado no meio do corpo que todos têm, depressão na pele resultado da queda do cordão umbilical, a primeira cicatriz fisiológica que ganhamos. Saberá disso porque contaremos, porque nas primeiras fotos das primeiras festas do primeiro ano do

grupo G1 da sua primeira escola, as crianças em torno de uma mesinha aparecem sorrindo ou chorosas, olhando ou não para a câmera, e ele aparece de camisa levantada apontando o seu umbigo fenomenal. E se perguntará se existe uma fase em que a comunicação com o mundo se passa pelo umbigo, e se as primeiras lembranças entram por ele.

O renascimento de um fato psicológico passado, seu reconhecimento e localização são as condições necessárias das lembranças. Ou da memória. Elimine um deles, não será lembrança, mas reminiscência. Você olha uma pessoa na rua, pensa reconhecê-la, imagina que já a viu antes, mas não sabe dizer quando nem onde. Há o retorno de um fato passado e o reconhecimento, mas falta a localização: não há lembrança. Henri Bergson escreveu sobre isso. Um teste clínico simples para detectar a falta de memória, como em pacientes com Alzheimer, é perguntar onde e em que ano estamos.

30 de janeiro de 2008. Saímos da estação Liberdade. Fazia sol, mas me lembro do cheiro de que ia chover. Talvez todo paulistano detecte com precisão o cheiro da chuva a caminho. Sente no ar que o mundo pode desabar e tudo vai mudar. Sabe que, se chove, segue-se o caos. E que, por mais que tentemos, a natureza ainda é quem comanda a rotina do maior núcleo urbano da América do Sul.

São Paulo é das raras cidades que têm postes com placas que indicam ÁREA SUJEITA A ENCHENTES, letras em vermelho sobre um fundo azul com duas grandes nuvens com gotas enormes, placa que não está no Código de Trânsito Brasileiro. Como se adiantassem ao motorista que desce a rua Diana, em Perdizes, onde está a placa, na esquina com a rua Turiassu — em algumas placas, Turiaçu —, que no caso de tempestade a rua em frente se torna um rio caudaloso, e que a enchente desce a rua com uma correnteza forte no mesmo sentido dos carros, não na contramão, como se também obedecesse às placas de trânsito, e que alaga todos os verões.

A memória é uma mágica não desvendada. Um truque da vida. Uma memória não se acumula sobre outra, mas ao lado. A memória recente não é resgatada antes da milésima. Elas se embaralham. Minha mãe, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Minha mãe, com Alzheimer, vê meu filho de um ano, que é a minha cara, e o reconhece. Não acha que sou eu, mas o chama de filhinho, de meu filhinho. E sempre diz:

— É a coisa mais linda.

E às vezes se confunde e diz:

— Ela é a coisinha mais linda.

Pode ser ela, a criança. Pode ser que, por ter tido quatro filhas, todos os bebês se tornem ela. Minha mãe reclama muito quando o levamos embora.

Centro velho de São Paulo. Saímos da estação Liberdade. Minha mãe, minha irmã Veroca e eu. Cruzamos o largo Sete de Setembro. Me lembro do cheiro de que ia chover e do agito em torno do fórum. Ela já tinha feito aquele caminho centenas de vezes. Mas, se a soltássemos ali, sozinha, naquela tarde abafada, ela estancaria e não saberia o caminho de volta. Se perderia num raciocínio circular, sob uma enchente de imagens, sinapses, comandos, lembranças, que inundariam seu cérebro, fariam do conhecido, desconhecido, resultariam numa só pergunta:

— O que estou fazendo aqui?

Ou melhor:

— O que é mesmo que vim fazer aqui?

E talvez:

— Onde é aqui?

Como não encontraria a resposta, já que a tempestade cerebral impediria a clareza dos pensamentos, ela diria a frase que marcou a parte inicial do Alzheimer:

— Quero ir embora.

Ou:

— Quero ir pra casa.

Às vezes sorridente. Às vezes furiosa. Sempre surpreendente.

Entramos no Fórum João Mendes. Ela olhava para o lugar com familiaridade e sorria. Estava curtindo o passeio. Esperamos nas filas dos elevadores. Sobre eles, placas indicam os andares em que cada um para. Um entra e sai numeroso de advogados, estagiários, réus, testemunhas, queixosos, policiais, prisioneiros, assistentes, vítimas e casais se separando.

Turiação é um rio no Maranhão. A origem do nome vem de “tury” = “facho” + “assu” = “grande”. Facho grande, grande luz, grande fogueira. Uma fogueira num lugar elevado e vista de longe servia à pesca do camarão no mar. Em noites escuras, mostrava aos que se demoravam, mais afastados da costa, o

ponto do regresso. Guiava os perdidos. Turyassu: a grande fogueira, o farol que iluminava o caminho de volta para casa, para a aldeia, para as famílias.

Bateram no meu carro numa paralela à Turiaçu, num dia claro, e fui processado naquele fórum. Minha mãe foi a minha advogada. O sujeito, mesmo culpado, me pediu uma grana. Minha mãe aceitou a conciliação. O cara pedia cinco vezes mais do que o conserto. Apresentou orçamentos falsos. Fiquei decepcionado com ela, pois não lutou até o fim, não fez a justiça prevalecer; eu era inocente. Ele bateu no meu carro e agora tá dizendo que eu bati!

— Meu filho, faz um acordo, não vale a pena ficar brigando...

Não foi feita a justiça. Paguei o conserto do cara. Descemos no elevador com o pilantra e o advogado oportunista dele. Descemos num respeitoso silêncio. E cada parte foi pro seu lado sem se despedir. Eu deveria ter esganado os dois, ele e o advogado. Fomos caminhando para a estação Liberdade. Ouvi outras vezes, derrotado:

— Meu filho, faz um acordo, não vale a pena ficar brigando...

Me separei naquele mesmo fórum, anos depois. Era para minha mãe ser a minha advogada, como tinha sido a vida toda, advogada para tudo: batida de carro, contratos, desentendimentos trabalhistas, problemas com a Receita. Foi minha revisora e contadora, além de advogada de todos os cinco filhos e de uma dezena de primos, amigos e até de amigos de primos e pais de amigos. Divorciou casais amigos, inventariou bens de famílias amigas, foi advogada de fábrica, de empresas e de índios, foi advogada do divórcio do Ronnie Von, que causava furor quando aparecia no escritório:

— Meu bem...

Uma das poucas especialistas em direito indígena, foi advogada da fundação do Gilberto Gil, foi advogada no Brasil do Sting, que doava grana para os caiapós, ele ligava para ela em casa, com um sotaque inglês inconfundível:

— Eunice Paiva, porrrr fa-vorrrr.

— Mãe! Stingui de novo no telefone! Fala rápido, que estou esperando uma ligação!

Foi advogada de ilustres e desconhecidos, foi consultora do governo federal, do Banco Mundial, da ONU. Para onde foi todo esse conhecimento?

Está à deriva na sua memória, pra lá e pra cá no mar de ligações químicas, de onde não se enxerga o facho grande da costa, a grande fogueira, para retornar à terra, ao ponto de partida. Como Major Tom, o astronauta de David Bowie que empacou flutuando no espaço num jeito peculiar, ao redor da Terra.

*Ground Control to Major Tom.
Your circuit's dead, there's something wrong.
Can you hear me, Major Tom?
Can you hear me, Major Tom?*

Major Tom, às escuras, num voo às cegas, na porta da sua nave, que parece uma lata fina. *Planet Earth is blue, and there's nothing I can do.* Me pergunto se esse é um pensamento conformista, de quem não acredita em ações transformadoras ou nas possibilidades de o homem, um ser político, fazer a história, em atitudes que um dia chamou de revolução, ou se, em certos casos, a Terra é azul, é muito maior do que nossa insignificância, e não há nada que se possa fazer.

Descemos na 5ª Vara da Família do João Mendes, onde encontramos nossas duas advogadas, advogadas que minha mãe escolheu, com quem se reuniu num escritório na avenida Paulista para, ainda lúcida, dar dicas de como elas deveriam agir.

Esperamos no corredor.

Prisioneiros algemados ficam de costas, os rostos grudados à parede, e sempre escoltados. Em muitos bancos, réus, testemunhas e queixosos estão incomodados com o mesmo calor, com a ciência de que vai chover, de que sairemos daquele prédio e o caos terá desabado sobre a cidade. Todos quase em silêncio, silêncio respeitoso, sim, doutor, não, doutor. Eu já disse isso?

O curioso é que, dentro das varas, quebra-se o maior pau. Mas fora, nos corredores, no hall, nos elevadores, pouco se fala. Quando se fala, é aos sussurros.

Em nenhum momento ela perguntou o que estávamos fazendo, nem pediu para ir embora. Naquela fase, “passear”, ver coisas e pessoas, podia deixá-la feliz. E talvez ali se sentisse confortável. Restavam em sua memória os tantos

momentos em que esperou naqueles bancos. Minha mãe devia se sentir em casa, por isso não se queixara. Ainda havia algum senso de presente, logo de memória. Ainda. E talvez não tenhamos UMA só memória.

Diante de cada vara, uma mesinha com uma ou um secretário. Quando nos chamaram, olhei para ela. Vamos? É a nossa vez. Ela olhou para a Veroca. Confiava nos dois, não apenas em mim. Confiava na filha mais velha e no único filho homem. Não confiava cegamente, nunca confiou em ninguém cegamente. Era advogada. Checava cada decisão que tomávamos, para ver se fazíamos o certo. Sabia que estávamos nós dois agora no comando. E, se assinasse algum documento, mesmo com Alzheimer, checava cinco vezes. Se não concordasse, não assinava. Checava cada decisão que as advogadas tomavam, para ver se estavam fazendo o certo. Sabia como seria o seu futuro. Sabia que a demência era um caso não só para a medicina, mas também para o judiciário. Sabia que havia leis que a protegiam e preservavam o bem (e os bens) familiar(es). Acreditava na Justiça. Orgulhava-se de fazer parte daquele meio. Me dizia sempre:

— Ela existe para defender os mais fracos.

Chamaram seu nome. Obedeceu, resignada. Entramos na sala. O juiz de família numa mesa sobre um praticável. Nos sentamos nos locais indicados pela escritã. Um retrato enorme e mal pintado de um soldado fardado era a única reprodução pendurada na parede, diante do juiz. Comentei, para quebrar o gelo, que era impossível alguém lutar com aquele uniforme ridículo, sem contar o pesado capacete. Ele me interrompeu, disse que era seu pai, que tinha sido policial da Força Pública, antiga Polícia Militar, um exemplo de caráter. E que aquele era o uniforme de gala. Eu não podia voltar no tempo. O juiz leu por alto o processo, pulou parágrafos, olhou para todos. Encarou a minha mãe.

— Vi que temos aqui uma colega bacharel.

— Sim, sou advogada. Aposentada.

— A senhora sabe por que está aqui?

— Porque estou velha e preciso que cuidem de mim — respondeu com a sua marca: sinceridade e lógica.

Estávamos no Fórum João Mendes, na 5ª Vara da Família, porque ela estava velha. Essa era a grande ironia. Especialista em interditar pais dos amigos, tida como advogada de confiança, estava para ser interditada às 14h35.

Tinha setenta e sete anos. Nem tão velha assim. Interditou dramaticamente velhos conhecidos. Sabia, passo a passo, como fazê-lo.

O juiz tinha à sua frente atestados de dois médicos especialistas, um deles professor da USP, exames clínicos, imagens do cérebro com as detectáveis manchas brancas que indicam a doença, procurações dos cinco filhos pedindo a interdição. Esperávamos que, como de praxe, fosse constituir um perito judicial de sua confiança para tirar os direitos civis de uma bacharel. Tratou o caso com objetividade, frieza e respeito; afinal, estava diante de uma colega. Não falou em juridicês. Rotina. Quantos casos semelhantes não julgou naquela semana? Quantas vezes não leu os autos do processo e viu as mesmas palavras, termos, pedidos?

Virou-se para a minha mãe e perguntou de surpresa:

— Em que ano estamos?

Ela me olhou em desespero. Era aquela expressão, a nova expressão, adquirida havia poucos anos, como se tentasse lembrar algo banal e não conseguisse, a data!, que dia é hoje!, data!, dia/mês/ano!, humilhada pelas conexões do cérebro, proteínas que faltavam a cada dia, mais e mais, eles querem a data!, o que a deixava num branco incomum, onde está o facho? Olhou para nós como se estivesse sendo arrastada pela correnteza para o vazio do oceano, iria se afogar, afogar-se no esquecimento. Assustada, surpresa por não se lembrar, coisa simples. Era um exercício sobre-humano remar de volta. Tinha que adivinhar a direção, defender-se e responder em que ano estávamos. Não sabia. Não sabia em que ano estávamos, em que mês estávamos, em que dia. O tempo não fazia muito sentido. Não conseguiria dizer com certeza o que tinha comido no café da manhã. Por mais que tentasse, não acertaria a primeira pergunta. Um a zero para a doença. O juiz emendou outra:

— Como é o nome do presidente do Brasil?

Novamente, o olhar, desespero, vergonha, branco, deu branco, ela sofria demais, sofria sempre quando não reconhecia alguém e a pessoa perguntava, “Se lembra de mim?”, era desesperador não se lembrar se já se banhara, esquecer os remédios, a panela acesa no fogão, não ver a fogueira no alto do morro para voltar à costa com o barco cheio de camarão, a pesca realizada, a missão cumprida.

O presidente do Brasil, mãe, você o conhece pessoalmente. Ele já foi em casa duas vezes, quando ainda era líder sindical. Você esteve na fundação do partido dele. Esteve ao seu lado na luta pela Anistia, pelas Diretas, pela redemocratização. Até queriam você como suplente de senador do partido dele. Ele foi em casa numa noite em que tudo estava uma bagunça. Eu jogava War na sala com amigos. Tínhamos fumado maconha. Ríamos alto. Você, no quarto. A Veroca o trouxe com o Geraldinho. Ele entrou, e gargalhamos, pois estávamos bem chapados. Ele nos cumprimentou, riu também, deve ter sentido o cheiro da rua. Claro que não oferecemos. Ele entrou e foi conversar com você sobre os rumos da política brasileira, que se reorganizava, saía da ditadura. Ficamos nos perguntando se deveríamos ou não oferecer maconha ao metalúrgico líder sindical. Melhor não. Naquela época, eu fumava maconha em casa com os amigos. No quarto, na varanda, nunca na sua frente. Depois de você ter descoberto que eu fumava, depois de ter descoberto que meus amigos fumavam, depois de ter descoberto que seus amigos, e amigos que fez já viúva, fumavam, depois de seus amigos que fumavam terem lhe oferecido, e de você não recusar, por educação, por timidez, e ter dado uns pegas, curiosa... e não ter sentido nada, você viu que não era coisa do demônio. Liberou.

A memória não é a capacidade de organizar e classificar recordações em arquivos. Não existem arquivos. A acumulação do passado sobre o passado prossegue até o nosso fim, memória sobre memória, através de memórias que se misturam, deturpadas, bloqueadas, recorrentes ou escondidas, ou reprimidas, ou blindadas por um instinto de sobrevivência. Uma fogueira no alto ajudaria. Mas ela se apaga com o tempo. E não conseguimos navegar de volta para casa.

O juiz esperava a resposta. Veroca, como se falasse com uma criança, ainda tentou:

— Mamãe, você conhece ele, é o Lu...

Nada. Silêncio. Ela me olhou. Nada. Tudo bem, mãe. Tudo bem, é normal esquecer, você está velha, acontece, todos nós esquecemos, não precisa ficar desesperada nem se sentir culpada, estamos aqui pra te ajudar, todos nós também vamos envelhecer, lembra da sua sogra, a vovó?, também ficou assim, ficou gagá, sua mãe também envelheceu, ficou velhinha, lembra dos amigos dos seus amigos, que você interditou?, também ficaram assim, envelhecer faz parte,

se esquecer é normal, eu também me esquecerei no futuro, eu, a Veroca, as advogadas, esse juiz, o pai dele, nesse uniforme ridículo, deve ser hoje um velho que se esquece, não sofra, todos esquecemos, esquecer faz parte, é normal, envelhecer é normal, faz parte, vai dar tudo certo, a Justiça te protegerá, você confia na Justiça, nós cuidaremos de você, fique tranquila...

O juiz perguntou, pois queria saber se tínhamos uma causa, se abria o processo. Sim, a bacharel estava incapaz. Sofria de alguma demência. Era a doença que a impedia de se lembrar. Podia ser Alzheimer. Podia ser hormonal ou outra demência. Hoje existem demências identificadas, nomeadas, diferentes umas das outras. A população envelhece. O cérebro da população envelhece. Um perito escolhido pelo juiz faria a avaliação final. Mas era preciso fazer a interdição temporária.

— Estamos aqui porque seus filhos pedem a sua interdição judicial e elegem seu filho, Marcelo, como curador. A senhora está ciente disso?

— É porque estou velha e preciso que cuidem de mim.

Ela não disse seu prognóstico. Tentava, a todo custo, ser tratada não como uma doente, uma demente, mas como um ser igual a todo mundo, que, com a idade, é traído pela memória, fica velho, fica esquecido, fica esclerosado, velhinha.

— Ela pode também ser minha curadora? — perguntou, se referindo a Veroca.

— Não, apenas um.

— Mas ela pode cuidar de mim?

— Claro, mamãe, sempre cuidarei de você — Veroca disse.

E era quem cuidava. Já havia se estabelecido ali uma parceria de amor e confiança. Me perguntei por que eu, e não ela, minha irmã mais velha, estava sendo eleito curador. Porque sou homem. O único homem da casa. Ela me escolheu. Depois de tudo o que fez por mim, por toda a minha vida, eu deveria retribuir.

Passou a falar das duas filhas que moram fora, uma na Suíça, outra em Paris, dos netos que moram na França, que queria pagar para eles virem vê-la todos os anos, já que ela não conseguia mais viajar, insistiu que deveríamos sempre mantê-la próxima dos netos, que ela tinha dinheiro para isso. O juiz concordou. Ela insistiu. Falou de novo que tinha duas filhas que moravam fora,

uma na Suíça, outra na França, e três netos em Paris, que precisava que eles viessem todos os anos, que ela pagava se não tivessem dinheiro, pois ela ia todos os anos vê-los, mas agora estava velha, não conseguia viajar, se perdia em aeroportos, se perdia na rua em busca de um táxi, não conseguia comprar passagens pela internet, não conseguia comprar nada pela internet, não conseguia usar a internet, apesar das tardes em que passei ensinando-a, irritava-se com o mouse, não entendia direito o mouse, o cursor sumia e reaparecia, queria mesmo comprar passagens na loja da Varig, que ficava na Paulista, mas a agência tinha fechado, a companhia estava falindo, a Vasp também tinha falido, a companhia com a qual viajava rotineiramente atrás da promoção (guarde nove cartões de embarque e ganhe uma viagem GRÁTIS). Faliram. A Transbrasil também faliu, tudo mudava rápido demais, os bancos se automatizavam, suas notificações da Justiça vinham agora por e-mail, não mais em carta em papel-jornal grampeado da AASP, Associação dos Advogados de São Paulo, e ela não conseguia se entender com o “maledetto” do mouse! Ma-le-det-to!

Repetir é um dos gestos rotineiros de quem tem demência. Não sei se é porque a pessoa se esqueceu do que disse ou para reafirmar o que disse, já que alguns não prestam atenção. Essa repetição, aliás, é um alerta: é quando a família recebe os primeiros sinais de que os pensamentos de quem repete não seguem uma rota contínua.

O juiz foi surpreendentemente atencioso e ouviu a segunda vez como se fosse a primeira, que ela tinha filhas e netos no exterior e que queria pagar para eles virem vê-la todos os anos. Claro, pode deixar, vamos cuidar disso, ele respondeu.

O juiz me olhou seriamente. Anunciou que, a partir daquele instante, eu seria responsável jurídica e criminalmente pela minha mãe.

— A partir desta data, o senhor é responsável jurídica e criminalmente pela sua mãe.

Exigiu que eu me desdobrasse pelo conforto e bem-estar dela. Determinou que ela não poderia mais ficar sozinha. Precisaríamos de cuidadoras vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana, trezentos e sessenta e cinco dias do ano. E lembrou que eu tinha a obrigação de trazer as filhas e os netos que moram fora.

Desde então, minha mãe nunca mais ficaria sozinha.

O jogo tinha se invertido naquele instante.

Em 30 de janeiro de 2008, naquela tarde abafada, na forma da lei no Foro Central Cível na praça João Mendes, s/nº, 4º andar, sala 426 do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, primeiro provisoriamente e depois definitivamente, aquela que cuidou de mim por quarenta e oito anos seria cuidada por mim. O referido é verdade e dou fé.

Eu virava mãe da minha mãe.

E não choveu.

A água que não era mais do mar

Em fevereiro de 2014 nasceu meu filho. Talvez, de alguma forma, ele vá se lembrar de quando nasceu: verá fotos e filmes de como era gostoso fazer da minha barriga um tambor, da minha perna, uma escada, da minha cadeira de rodas, um andador, e de como ele gargalhava quando eu assoprava seu cabelo, colocava um chapéu em mim e depois nele, de como ele parava o que estava fazendo para ver os comerciais das Casas Bahia ou dançar na música de abertura do *Jornal Nacional*, do prazer em ouvir qualquer música, que começou quando nenê e que descobri casualmente: música era a única coisa que o fazia parar de chorar, como uma injeção de ondas harmônicas de opiáceos pelo ouvido.

Dizem que bebês escutam no útero, e que a audição é o primeiro sentido aprimorado das nossas vidas. Ele gosta de bandas que estavam no line-up do Lollapalooza em que eu e minha mulher ficamos no gargarejo, no local privilegiado de deficientes com direito a acompanhante (The Black Keys, Alabama Shakes e Kaiser Chiefs). Gosta e se lembra de bandas que ouviu no meu colo, como Arcade Fire e Arctic Monkeys. Ou dos clipes de “gostosas” que assistíamos pelo YouTube, como Madonna, Shakira, Rihanna, Beyoncé e Britney Spears, até ele parar de chorar. Eu juro que ele gostava e provei a todos os amigos (especialmente à mãe), sem perceber a projeção paterna e a inversão: quanto mais gostosa, pior a música. Até o dia em que, sem querer, coloquei Sammy Davis Jr. e o vi despertar de um pesadelo sonoro, abrir a boca espantado, encantar-se pela qualidade musical do artista. Passei a investir no jazz dos anos 40, 50, e ele ficava cada vez mais embasbacado. Chegou ao êxtase quando ouviu Tom Jobim. Com um ano de idade, foi enfim tragado pelas bandas infantis que misturam ritmos, diversão, mensagens didáticas e não economizam nas guitarras: Pequeno Cidadão e Palavra Cantada. Toda vez que

precisávamos acalmá-lo, distraí-lo, ocupar seu tempo, me pediam para colocar os (mesmos) cliques do Pequeno Cidadão e da Palavra Cantada. Ele se lembrará disso no futuro?

Eu me lembro da primeira música que aprendi ainda na pré-escola, Serelepe, casinha que ficava numa travessa da Rebouças, de cujo pátio também me lembro bem: “Espinafre é gostoso e ferro contémmmmm”. O “mmmm” era prolongado até perdermos o fôlego. Me lembro da abertura de *Bat Masterson* (“No Velho Oeste ele nasceu, e entre bravos se criou, seu nome lenda se tornooooou, Bat Masterson, Bat Masterson...”), de *Vigilante Rodoviário* (“De noite ou de dia, firme no volante, vai pela rodoviíííia, bravo Vigilante”) e do incompreensível e hipnótico tema de *National Kid*, cujo refrão era a única coisa que entendíamos (“Hei, Nationaro Kido, Ki-do!, Nationaro Ki-i-dooo”). Se me lembro de tudo isso, meu filho se lembrará do refrão “o Sol pediu a Lua em casamento, e a Lua disse não sei, não sei, me dá um tempo”, do Pequeno Cidadão. Assim como minha mãe no estágio avançado do Alzheimer canta, quando meu cunhado Daniel toca para ela no violão, “Aquarela do Brasil”, “Samba do avião”, “Night and Day”, “Volare” e chora de emoção.

Me lembro de coisas da infância porque vejo fotos. Como da vez em que colocaram em mim um capacete verdadeiro de bombeiro, profissão que por muitos anos planejei ter. Está registrado, tem foto, então tenho certeza de que aconteceu. Ou será que está na memória porque há um registro do momento? Me lembro das festas de São João da Serelepe, em que minha mãe me fantasiava de caipira da cabeça aos pés, com chapéu de palha, camisa xadrez, calça erguida como um pequeno Mazzaropi. Até no bigode de rolha queimada ela caprichava. Lembro porque há muitas fotos da quadrilha em que eu danço com minha irmã Nalu, uma coreografia nitidamente ensaiada, cercados por monitores que organizam o casamento na roça, a fuga da cobra e da chuva. Mas não me lembro com clareza. Vejo as fotos.

Me lembro até hoje com precisão de um evento da categoria dos Traumáticos Para a Vida Toda, capaz de modificar a personalidade de um indivíduo sensível e inseguro. Foi no Rio de Janeiro, quando eu tinha seis anos e era recém-chegado e recém-matriculado no Colégio Andrews. Na primeira festa de São João da escola, lá foi o pequeno Mazzaropi paulistano: chapéu, camisa xadrez, calça encurtada. Acontece que, no Rio, ninguém se fantasiava

de caipira em festas de São João. Muitos vieram me perguntar por que meu rosto estava sujo. Não tinham ideia da complicada operação que era desenhar um bigode com uma rolha queimada.

Nunca perdoei minha mãe por esse fora cultural. E até hoje tenho trauma de festas à fantasia. Não vou nem arrastado: tenho medo de, como num pesadelo, ser o único a aparecer a caráter.

Me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e passam a se lembrar das vividas na infância? Chamam filhos pelos nomes de irmãos, veem netos e acham que são sobrinhos ou filhos, amigos antigos, confundem o marido com ex-namorados, parentes vivos com os já mortos, contam piadas infantis, riem de brinquedos e cantam canções de ninar com requinte de especialista.

A intensidade de uma lembrança é diretamente proporcional à sua antiguidade. As recém-chegadas somem antes daquelas de que lembramos muitas vezes na vida, as adquiridas. Quanto mais antiga e primitiva, mais estável ela é. As últimas se vão primeiro.

Meu filho nasceu às 8h45. Me lembro e me lembrarei de cada segundo do seu parto. Me lembro de ver sua cabecinha saindo. De ele balançar os bracinhos na luz. De eu chorar sem sair lágrimas. Ou de sair lágrimas sem eu chorar. Duvido que me esquecerei de algum detalhe desse dia milagroso. Existir é passar de um estado para outro: tenho fome, como, tenho frio, me agasalho, estou alegre, e agora triste, e depois estarei alegre, penso e chego a conclusões, me lembro de algo que me toca o coração, sinto um cheiro que me lembra alguém, sinto um gosto que me lembra um lugar, me emociono. Emocionar-se é passar de um estado para o outro. Você vê um quadro hoje. Vê o quadro de novo daqui a dez anos, o revê daqui a vinte, trinta, quarenta... É o mesmo quadro com a mesma moldura, na mesma parede do mesmo museu, com a mesma luz, é você, mas cada vez será visto de outra forma. Cada vez ele nos conta uma história. O quadro não mudou. Já nós...

Li em *Putas assassinas*, de Roberto Bolaño: “Uma rajada de vento que só atravessa sua imaginação borra as casas do bairro de que se lembra. Depois de se barbear, B vai à janela e observa as fachadas vizinhas. Tudo está igual a ontem...”.

Se tudo é recriação de algo já inventado, nada é invenção.

Sei que repetirei lá na frente o que narrei antes. Este livro sobre memória nasce assim. Histórias são recuperadas. Umas puxam outras. As histórias vão e voltam com mais detalhes e referências. Faço uma releitura da releitura da vida da minha família. Reescreverei o que já escrevi.

Ainda vejo o facho, não quero me afastar. Existem várias formas de contar a história sobre memória e a falta dela. Procurarei a fogueira no alto quando o mar me puxar. Vou para voltar. Quem nadou em mar aberto sabe: antes de lutar desesperadamente contra a correnteza, é melhor deixar-se levar por instantes; é preciso ter calma e coragem; a correnteza enfraquece, então saímos fora.

Antonio Callado escreveu em agosto de 1995 na coluna da *Folha de S.Paulo*:

Outra recordação que me ficou nítida liga-se a Búzios. Ali fui, num fim de semana de 1971, hóspede de Renato Archer. Saíra com ele, Maria, Maurício Roberto e outros amigos para um passeio de lancha. Quando paramos, ao voltar, a uns cem metros da praia, vimos alguém, uma moça, que nadava firme em nossa direção. Minutos depois subia a bordo, cara alegre, molhada do mar, Eunice Paiva, mulher do deputado Rubens Paiva, amigo de Renato, amigo meu, de todos nós, um dos homens mais simpáticos e risonhos que já conheci. Eunice andara preocupada. Rubens fora detido pela Aeronáutica dias antes e nenhuma notícia sua tinha chegado à família. Mas agora Eunice, que fora também presa mas em seguida libertada, podia respirar, tranquila, podia nadar em Búzios, tomar um drinque com os amigos, pois acabara de estar com o ministro da Justiça, ou da Aeronáutica, que lhe havia garantido que Rubens já tinha sido interrogado, passava bem e dentro de uns dois dias estaria de volta a sua casa. Dois dias depois, isto sim, os jornais recebiam uma notícia tão displicente que se diria que seus inventores não faziam a menor questão [de] que fosse levada a sério: Rubens estaria sendo transferido de prisão, num carro, quando guerrilheiros que tentavam libertá-lo tinham atacado e sequestrado o prisioneiro. O que correu pelo Rio, logo que se suspeitou de sua morte, é que ele morrera às mãos, ou pelo menos de tortura diretamente comandada pelo brigadeiro João Paulo Penido Burnier, aquele mesmo que queria fazer explodir o gasômetro do Rio para pôr a autoria do crime na conta dos comunistas. A família Paiva nunca mais teve notícias oficiais de Rubens. Nunca se encontrou a cova onde o terão atirado depois do assassinato. A cara de Eunice continuou molhada e salgada durante muito tempo, tal como naquela manhã de Búzios. A água é que não era mais do mar.

Eu e minha mãe lemos a coluna juntos, no sábado em que foi publicada, durante um almoço na casa dela. Acho que ficou lisonjeada. Você se lembra desse dia em Búzios?

— Claro. Foi dias depois de eu ser solta, em 1971, eu estava magérrima, queimada, de biquíni, linda... — ela disse, e foi sorridente para a cozinha.

O que importa era que ela estava magra, magérrima, queimada, linda. E que a prisão não a quebrou por dentro.

No verão de 1971, a imagem da minha mãe, aliviada, de biquíni, com os olhos castanho-claros brilhando sob a luz do sol, quarenta e um anos, subindo alegre numa lancha depois de ficar doze dias presa no DOI-Codi do Rio de Janeiro, sem ter a menor ideia de por que fora presa nem de que o marido estava morto havia muito, não saiu da memória de Callado. Escritor é assim. Lembra-se das contradições enormes, de imagens que podem ser descritas décadas depois, pois ficou tocado por ela.

Ela tinha perdido vinte quilos. Ficou presa numa cela de fundo, em que quase ninguém aparecia. Sem sol. Ela não viu meu pai, apenas sua foto no álbum de presos, o que a deixou contraditoriamente aliviada, pois então ele estava ali, nas mesmas dependências, vivo, e ao mesmo tempo angustiada, pois seu rosto fazia companhia ao de centenas de presos, suspeitos, guerrilheiros, terroristas, inimigos do sistema, procurados, mortos em combate, torturados, subversivos, ou, como preferia a imprensa: O Terror!

A maioria dos brasileiros não sabia exatamente da luta armada, de organizações clandestinas, de guerrilheiros da selva, nas cidades. Minha mãe lia as notícias filtradas pela censura ou autocensura sobre terroristas tombados em combate na fuga, sequestros de embaixadores, assaltos a bancos praticados pelo Terror! Será que meu pai sabia do que acontecia nos bastidores e a poupava por “questão de segurança”? Seria inútil torturá-la. Apesar de ela desconfiar que, mesmo cassado e visado e contra a luta armada, ele conhecia gente demais e fazia alguma coisa contra o regime que combateu e contra quem perdeu. Regime que foi à forra e o virou do avesso.

23 de fevereiro de 1996. Centro velho de São Paulo. Calor. Sol. Não ia chover.

Ela me fez vestir um dos ternos que eu tinha herdado dele e que estão comigo até hoje. Pegamos o metrô para descer na praça da Sé. Adorávamos

andar de metrô. Caminhamos até o cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais — 1o Subdistrito da Sé. Os funcionários estavam assustados com a quantidade de fotógrafos e cinegrafistas. Era um momento sublime. Mal sabiam que se fazia história naquela repartição abafada.

Um cordão da imprensa respeitou a nossa passagem. A escrevente substituta Cibeli da Silva Bortolotto nos entregou, com as mãos trêmulas e um sorriso forçado, o atestado:

Certifico que, em 23 de fevereiro de 1996, foi feito o registro de óbito de Rubens Beyrodt Paiva. Profissão, engenheiro civil. Estado civil, casado. Natural de Santos, neste Estado. Nascido em 26 de dezembro de 1929. Observações: Registro de Óbito lavrado nos termos do Artigo 3o da Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995.

Meu pai, um dos homens mais simpáticos e risonhos que Callado conheceu, morria por decreto, graças à Lei dos Desaparecidos, vinte e cinco anos depois de ter morrido por tortura.

Na calçada, avistávamos a baixada, o parque Dom Pedro (o que restou dele), o Brás, bairro em que ela nasceu (o que restou dele). Ela ergueu o atestado de óbito para a imprensa, como um troféu. Foi naquele momento que descobri: ali estava a verdadeira heroína da família; sobre ela que nós, escritores, deveríamos escrever.

Minha mãe esteve na capa de todos os jornais no dia seguinte. Com o atestado de óbito erguido, alegre. Uma batalha foi vencida. V de vitória. Ela nunca faria uma cara triste. Bem que tentaram. Por anos, fotógrafos nos queriam tristes nas fotos. Tivemos nossa guerra fria contra o pieguismo da imprensa. Com o tempo, aprendemos a selecionar qual órgão evitar e como nos portar. Éramos “A família vítima da ditadura”. Apesar de preferirmos a legenda “Uma das muitas famílias vítimas de muitas ditaduras”. Não faríamos o papelão de sairmos tristes nas fotos. Nosso inimigo não iria nos derrubar. Família Rubens Paiva não chora na frente das câmeras, não faz cara de coitada, não se faz de vítima e não é revanchista. Trocou o comando, continua em pé e na luta. A família Rubens Paiva não é a vítima da ditadura, o país que é. O crime foi contra a humanidade, não contra Rubens Paiva. Precisamos estar saudáveis, bronzeados para a contraofensiva. Angústia, lágrimas, ódio, apenas

entre quatro paredes. Foi a minha mãe quem ditou o tom, ela quem nos ensinou.

Durante toda a minha vida, se um entrevistador me perguntasse sobre o meu pai, eu respondia imaginando como a minha mãe responderia.

Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995.

Artigo 1º: São reconhecidas como mortas, para todos os efeitos legais, as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e que, por esse motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, sem que delas haja notícias.

Artigo 3º: O cônjuge, o companheiro ou a companheira, descendente, ascendente, ou colateral até quarto grau, das pessoas nominadas na lista referida no art. 1º, comprovando essa condição, poderão requerer a oficial de registro civil das pessoas naturais de seu domicílio a lavratura do assento de óbito, instruindo o pedido com original ou cópia da publicação desta Lei e de seus anexos.

Depois de vinte e cinco anos, minha mãe pôde enfim se considerar viúva, mexer em aplicações bancárias do meu pai, bens, fazer um inventário. Graças a uma lei que o governo Fernando Henrique se viu forçado a promulgar, depois de uma provocação que fizemos.

Eleito presidente em 1994, FHC, amigo íntimo do meu pai, desconversou quando a Anistia Internacional cobrou uma posição sobre os desaparecidos políticos. Foi notícia. Eu morava nos Estados Unidos. Liguei para a minha mãe, que também estava indignada no Brasil. Minutos depois, chegou um fax no meu quarto e sala em Stanford, Califórnia. Ela tinha encontrado nos arquivos o texto do FHC sociólogo e colunista da *Folha*, nos anos 80, citando o amigo Rubens Paiva e cobrando do governo Sarney uma posição sobre os desaparecidos políticos. Liguei imediatamente para meu amigo do movimento estudantil, Paulo Moreira Leite, conhecido como PTB, que na época era redator-chefe da *Veja*. Pedi uma página para escrever um texto sobre a contradição do

FHC dos anos 80, pensador crítico do regime, e dos anos 90, presidente da República. Ele me deu duas páginas.

A repercussão, imensa. Mas a resposta foi digna. Com José Gregori, outro amigo do meu pai, seu ministro da Justiça, redigiram a Lei 9140. Quando ela foi promulgada, chamaram minha mãe para a cerimônia no Palácio do Planalto. Ela ficou sentada ao lado do presidente, diante de ministros militares. Ao final, todos se levantaram, abraçaram-se. Fotos.

No dia seguinte, vejo na capa dos jornais minha mãe abraçada ao chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, do Exército brasileiro. É uma das fotos mais importantes do longo e infindável processo de redemocratização brasileira. Tempos de reconhecimento. Um lado sai da trincheira e cumprimenta o outro.

Sabemos muito bem que o terror que reinou no país foi obra de parte dos militares. Sabemos muito bem que não se fazem generalizações em acirramento ideológico. Militares foram os que mais sofreram nas mãos dos militares durante a ditadura. Muitos foram presos, expulsos, humilhados, exilados, torturados e mortos. Aliás, grande parte dos que combateram a ditadura militar, desde o seu começo, foram militares contrários ao regime. Muitos caíram na luta armada. Fundaram até uma organização clandestina, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de sargentos, tenentes e capitães descontentes. Sabemos que a “linha dura” manchou o nome da instituição que lutou na Guerra do Paraguai, proclamou a República, lutou contra o nazifascismo na Itália e se levantou em nome da democracia em 1945. Sempre soubemos que o nosso inimigo não vestia farda. Era um regime, não uma carreira.

O general contou para o jornalista Emanuel Neri: “Eu a conheci ali, pouco antes da cerimônia. Me impressionou o equilíbrio e a simpatia daquela senhora, que, logicamente muito machucada, não exibiu o menor rancor. No abraço, eu senti que ela estava emocionada. O meu abraço foi espontâneo, nada programado. Quando vi, me assustei, mas depois vi que naquela foto o mais importante não era eu estar ali, mas sim o simbolismo. O triângulo ali exposto representava bem a reconciliação. Depois, recebi cumprimentos de colegas de farda”.

Quando a encontrei, tempos depois, pedi detalhes do abraço. Ela falou na maior simplicidade:

— Todos se levantaram, abracei o Fernando Henrique, que estava ao meu lado, virei, tinha um militar, eu não sabia o que fazer, era o general, acabei abraçando-o também.

Grandes gestos são humildemente casuais. Tenho um agradecimento a fazer aos militares brasileiros: obrigado por não terem matado a minha mãe.

Blá-blá-blá...

A Facciollada.

Minha família materna é italiana. E saudável. Raramente um Facciolla morre. Como diz o ditado, sempre repetido pela minha avó italiana, que como todo italiano adora ditados, “coisa ruim não morre cedo”. Temos dupla cidadania, passaporte e direitos, como parte dos paulistanos. Até votamos para o milenar Senado romano.

Minha família é louca, como toda família italiana: tudo é um drama, tudo é intenso, vamos do amor ao ódio e do ódio ao amor antes de a água ferver. E, quando achamos que tudo está perdido, que a vida é uma desgraça, alguém se lembra, ah, somos italianos, e passamos a ignorar a birra, o escândalo, o drama, que já identifico no meu filho de um ano e três meses, já com dupla nacionalidade, que urra, ajoelha-se e esmurra o chão tragicomicamente, joga a cabeça para trás e faz um drama operístico quando contrariado, para o qual não damos bola, porque sabemos: é um *ragazzino* canastrão.

Somos italianos, loucos e com problemas de peso. A única pessoa não cem por cento italiana da *famiglia* era justamente a minha mãe. De sangue, era. De alma, muito pouco. Eu queria ter tido uma mãe completamente italiana. Me pergunto se é normal um cara invejar a mãe dos outros. Passei a vida achando minhas tias, sogras e mães de amigos mais afetivas e carinhosas do que a minha. Que por vezes parecia uma namorada birrenta e temperamental. Costumava bater o telefone na minha cara. E ficava dias sem falar comigo, me evitando, me “dando um tempo”. Imagino que uma verdadeira mãe italiana jamais bateria o telefone na cara do filho.

Meus avós nasceram na Itália e se casaram no Brasil. Ela de Modena, no norte, ele de Polignano a Mare, no sul, um dos lugares mais lindos da Itália, de mar azul-claro, em Puglia, um complexo rochoso no mar Adriático, cidade de

onde veio uma comunidade grande de imigrantes e se instalou no Brás. Minha mãe foi criada num ambiente completamente italiano, em cima de um armazém de cereais perto do Mercado Municipal de São Paulo. Era uma casa em que todos comiam muito, todos gritavam muito, choravam muito e dramatizavam tudo. Eram bem loucos, como toda família italiana. Meus avós e suas quatro filhas. Quatro mulheres, numa época em que elas não trabalhavam! Meu avô as preparou para o casamento e as proibia de estudar.

Minha mãe decidiu não ser inteiramente italiana. Preferia se parecer com atrizes de Hollywood. Ficou obcecada por ser magra. A vida toda. Não comia. Nunca comeu. Um palito. Trancava-se para não comer. Como se trancava, lia sem parar. Lia em jejum no quarto. Era prática, culta, magra, sensata e workaholic. Tudo o que não se quer de uma mãe. Falei no passado, reparou? Quando eu queria colo de mãe, apelava para as minhas avós, tias e mães de amigos, a quem me apegava. Me apeguei até a professoras. Minha mãe deve ter me dado uns quatro beijos na vida. Me levou duas vezes ao cinema, quando eu era criança, para ver filmes que ELA queria ver: *Doutor Jivago* e *Lawrence da Arábia*. Uma vez fomos ao teatro, no Jardim Botânico: *Chitty Chitty Bang Bang*. Tão poucas vezes, que consigo enumerar. Eu passeava mesmo com minhas avós, tias e mães de amigos. Na adolescência, pedi mais conselhos à filósofa e coordenadora do meu colegial que me recebia na sua sala, Malu Montoro, do que à minha mãe.

Meu avô José era um homem bonito, forte, pele bronzeada, corpo atlético, olhos verdes e um sorriso irresistível. Ele se cuidava para ficar sarado. Praticava esportes para continuar bonitão. E tinha uma casa de veraneio em São Vicente, para onde desde jovem ia a pé, de bicicleta, de trem, dormia em praças e chegou a ser preso por vadiagem no histórico presídio de Santos, na entrada da cidade, hoje museu. Ele sempre se gabava de já ter sido preso lá.

Foi numa dessas idas para a Baixada Santista que ele quis dar uma de super-herói e saltou do vagão em movimento. Queria mostrar a todos que poderia correr ao lado do trem e chegar junto. Ele rolou e se espatifou no chão. Quebrou a perna. A família resolveu voltar para São Paulo, pois em São Vicente não havia bons hospitais. Foi internado no Samaritano, em Higienópolis. Ao sair do hospital, e nas visitas médicas, ficou encantado pelo bairro. Belos casarões, ruas arborizadas, carrões... Viu o prédio do Colégio Sion

e ficou encantado com a beleza da obra, de 1901 (do arquiteto Ramos de Azevedo). Sentiu-se na Europa. Descobriu que a escola era frequentada por meninas da “boa família paulista”. Para as filhas serem aceitas no Sion, era preciso serem apresentadas por alguma aluna da escola, e ele não tinha nenhum contato. Comerciante de cereais, seu negócio dava lucro. Enriqueceu vendendo arroz beneficiado; tinha máquinas de beneficiar arroz espalhadas em três estados. Foi ironicamente apelidado pelos cerealistas de São Paulo de Rei do Arroz.

Era o momento de deixar o Brás, bairro italiano popular, e morar no bairro nobre de São Paulo. Comprou um terreno em Higienópolis. Ao assinar o título de propriedade, descobriu que pertencia à família de uma freira do colégio, que abriu todas as portas, e as meninas foram matriculadas. Construiu uma casa. Mudaram-se para a rua Maranhão. Colocou as filhas na escola francesa da elite paulistana, em que não estudavam descendentes de italianos.

Uma Paiva, irmã mais nova do meu pai, estudava na mesma escola e ficou amiga de uma Facciolla. Assim meu pai e minha mãe se conheceram, nas festinhas do casarão do seu Facciolla, em que o bate-coxa rolava solto e era famoso no bairro. Foxtrote que atravessava a noite, ritmo quaternário, forte-fraco-meio-forte-fraco, swing das grandes orquestras, Glenn Miller, Benny Goodman e do genial Duke Ellington, dançado nos cinemas por Gene Kelly, Fred Astaire e Ginger Rogers, dois para lá e dois para cá, compassos marcados pelos instrumentos de sopro — as famosas festas do seu Facciolla, que juntavam turcos (como eram chamados os sírio-libaneses), italianos, armênios, quatrocentões paulistas, portugueses, espanhóis, todos fãs de Sinatra e Cole Porter, e atraía também uma garotada à casa do velho novo-rico italiano que queria casar as quatro filhas. E assim surgiu a composição Facciolla Paiva.

Sempre que escuto um foxtrote, me lembro da minha mãe dançando, estalando os dedos. De nome composto triplo, coisa de italiano, Maria Lucrécia Eunice, ela me contou que na escola seu apelido era Italianinha, o que a deixava furiosa, e que davam reguadas na sua mão esquerda para forçá-la a escrever com a direita, quando o mundo pedagógico achava que canhotos eram uma aberração e que todos deveriam ser destros.

Não deu outra: retraiu-se mais, estudou como uma louca e se tornou a melhor aluna da escola. Dizia com orgulho que tinha entrado em primeiro

lugar na faculdade de letras do Mackenzie aos dezoito anos. Repetia sempre. Entrei em primeiro lugar. Para ela, o segundo lugar era uma derrota. Aos quarenta e dois anos, prestou outro vestibular. Estudou sozinha, viúva, triste. Em Santos, para onde nos mudamos. Estudou e entrou em primeiro lugar na faculdade de direito e se transferiu para a do Mackenzie. Uma prima conta que minha mãe estudava o tempo todo, que nós corríamos pela casa, e ela estudava, estudava, estudava. Eventualmente, olhava pelo corredor para checar se estávamos vivos, se não tínhamos incendiado a casa do meu avô Paiva, onde moramos em 1971 e 1972.

Quando eu nasci, ela já tinha lido de tudo. Os russos Dostoiévski e Tolstói, os franceses Balzac, Flaubert, Victor Hugo e Proust no original e, do inglês, de Hemingway a Fitzgerald, passando por Henry Miller, além de toda a literatura brasileira. Era amiga de escritores como Lygia Fagundes Telles, Antonio Callado, Millôr, Haroldo de Campos — colega de classe do meu pai —, além de editores e livreiros. Era fã de Erico Verissimo. Dizia que, a cada lançamento dele, ficava na fila de livrarias, como os fãs de Harry Potter ou de iPhone. Nas salas das casas em que morei, não tinha TV, mas livros, do chão ao teto. Nas paredes, as estantes eram recheadas de livros. Lembro de passar tardes brincando com livros abertos.

Minha mãe sabia falar fluentemente francês e inglês. Não sei se falava italiano. Apesar de proibida pelo meu avô, ela fez letras antes de se casar e direito depois de viúva. Não foi ser na vida uma digna mãe italiana, mas uma advogada tão eficiente e requisitada que, aos setenta anos, nunca a deixavam se aposentar. Ela tentava, mas dobravam seus honorários, mesmo quando o Alzheimer subia pelo elevador sem ser anunciado.

Não exercia seu afeto por meio de afagos, mas pela praticidade. Nunca me disse “eu te amo, filhinho”. Mas eu sabia que ela me amava, orgulhava-se de mim, sem demonstrar.

Percebeu que conjuguei no passado, apesar de ela ainda estar viva enquanto escrevo, morando num prédio vizinho ao meu, provavelmente sentadinha vendo TV com alguma de suas cuidadoras, que ela adora e com quem se diverte? É uma confusão recorrente de quem tem um parente com Alzheimer: falar dele no passado. Antes, eu sentia uma culpa sem fim por

enterrar na conjugação verbal alguém que está vivíssimo e presente. Parecia um golpe do inconsciente, um lapso proposital, um desejo reprimido.

Quem tem Alzheimer em estado avançado está lá, mas não está, é a pessoa, mas não é. Pensa de uma forma peculiar; talvez tais pensamentos façam algum sentido, talvez ela tenha se acostumado com a confusão deles; ou talvez deixe de pensar, já que eles não se concluem.

Muitas vezes ela presta atenção no que dizemos. Às vezes, solta uma frase picotada, que faz sentido. Ou não faz, e pretendemos que faça. Por vezes, ela repete irritada:

— Blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá...

Não sabemos se as vozes dos outros se tornaram para ela um longo blá-blá-blá, ou se aquilo sobre o que debatemos não faz sentido, não tem relevância, não chega a lugar nenhum, não passa de um enorme blá-blá-blá.

Talvez o vazio dos seus pensamentos não passe de um blá-blá-blá.

A vida é um blá-blá-blá para quem sofre de uma doença que o afasta de tudo em volta. E toda vez que vejo alguém gripado se queixar de que está doente, eu penso que ele não sabe realmente o que é estar doente, não tem ideia do que é uma doença que leve toda a cultura da humanidade a se transformar num besta blá-blá-blá, que faça o debate político da semana não passar de blá-blá-blá, os livros da estante são blá-blá-blá, o que se diz no rádio, na televisão, nos jornais, não serve para nada, blá-blá-blá de quem não tem mais o que fazer, blá-blá-blá de gente que faz ruídos sem parar, barulhos irritantes.

Música não é blá-blá-blá, ela diria:

— De música eu gosto. Canto, até. A melodia entra na alma, não no cérebro. A poesia musicada não exige compreensão daquele que já não compreende muita coisa. O resto é blá-blá-blá.

Nos anos 40, meu avô Paiva comprou uma fazenda rústica em Eldorado Paulista, cidade fundada por garimpeiros às margens do rio Ribeira. No começo, para chegar lá, seguiam de trem de Santos até o vale do Ribeira. Subiam o rio num barco que mais parecia uma balsa, daquelas que cruzavam o

rio Mississippi: era uma região primitiva, de florestas intactas, montanhas e rios limpos, plantações de banana e pouco povoada. Sinônimo de boas oportunidades. E perto de Santos.

Meu pai, meus três tios e duas tias passaram a adolescência lá, numa casa rústica, que foi crescendo e ganhando anexos. Levaram namorados. Casaram-se. Minha mãe passou a frequentar aquela fazenda com o figurino apropriado: botas, cinto, chapéu, chicote. Não sei se andava a cavalo. Meu pai andava.

Pouco a pouco, o progresso chegou. Asfaltaram a BR-116 até Curitiba. Para chegar à fazenda de carro, pegávamos a BR e então uma estrada de terra em Jacupiranga. Que hoje também está asfaltada.

A modesta casa de pau a pique virou um casarão com muitos quartos. Ganhou piscina e um lago represado, barrento, em que vivia um jacaré, dizia-se. Boato só desmentido recentemente: era para que as crianças não se arriscassem muito e não nadassem até a margem oposta. Fugir do jacaré mitológico passou a ser uma espécie de batismo e desafio da molecada. Cruzávamos o lago temendo o pior, chegávamos à outra margem e voltávamos a jato, com medo de sermos mordidos nos pés, apenas para provarmos quão corajosos éramos.

A família cresceu. Eram vinte e cinco netos, com pouca diferença de idade, em que me incluo. A maioria foi batizada na pequena capela construída ali, como eu. Nesse paraíso distante, passei a infância e a adolescência, como meu pai. Minha mãe trocou botas, cinto, chapéu e chicote, de quando ainda não era mãe, por livros, livros e livros. À beira da piscina, lia; na lareira, lia. Minhas tias cuidavam da criançada. Eu pediria alguma delas em casamento, se pudesse. Lanches, horários, banhos. Primos mais velhos cuidavam de primos menores. Cavalo, leite da vaca, programação diurna e noturna. Minha mãe nunca aparecia. Nunca entretinha outras crianças. Tinha mais o que fazer, já que saíra a trilogia de Henry Miller. Eu não pediria minha mãe em casamento.

Não tinha telefone, TV. Não pegava rádio. De dia, a criançada se entretinha na piscina, no lago, nas areias de praia do rio gelado e de águas transparentes, andava a cavalo pelas matas, tocava a boiada com os vaqueiros. Ficávamos soltos. Eventualmente, alguém se machucava. Só então um adulto (um tio ou meu pai) era requisitado para levar o ferido ao hospital mais próximo — em Iguape, a oitenta quilômetros dali. Geralmente era meu pai,

que dirigia como um louco e fazia o percurso em tempo recorde, rota que sabia de cor. Quando um primo rolou pela cachoeira, meu pai foi levá-lo. O que me deu uma tremenda inveja, pois era emoção garantida voar com ele por aquelas estradas de terra, e uma oportunidade rara passar algumas horas com ele.

Meu pai tinha uma relação difícil com meu avô Paiva. Chamava-o de coronel, e o coronel queria que o filho engenheiro trabalhasse para ele. Minha mãe dizia que nos mudamos pro Rio porque meu pai não aguentava a pressão do seu pai. Meu avô plantava banana e mexerica. Quando era safra da banana, tinha festa da banana e se elegia a Miss Banana. Quando tinha a da mexerica, elegia-se a Miss Mexerica. O mesmo galpão ficava todo enfeitado, caixotes e folhas. Toda a cidade aparecia. Era uma fazenda de dois mil e quinhentos alqueires, enorme. Que sempre crescia. Nem toda ocupada: muita Mata Atlântica intacta, primitiva, e mananciais.

Muita gente de Eldorado trabalhava na fazenda: a cozinheira Silvéria, no seu enorme fogão a lenha, mandava mais do que minha avó. Magra, alta, cozinhou muito, e eu a pediria em casamento, se pudesse. O mordomo gay, Vadinho, servia de jardineiro. Morou depois com a minha avó em Santos e São Paulo, cuidou dela, dirigiu para ela, cozinhou, organizou festas, até morrer de aids. Escutava Raul Seixas na vitrola, não gostava muito de crianças, mas quando viramos adolescentes passou a nos curtir: “Eu sou a luz das estrelas, eu sou o início, o meio e o fim...”.

Era tudo ao contrário. Meu avô criava dogues alemães enormes, com nomes de cidades japonesas, Nara, Kyoto, mas quem mandava mesmo era uma cadela vira-lata chamada Gwendoline, pequena, irritadiça, odiava crianças, e quem fazia a segurança da casa era uma turma de gansos que vivia em bando e também odiava crianças; viviam nos atacando. Os cachorros eram enormes, mas muito mansos. Havia dois cavalos de raça, mas preferíamos os pangarés. Tinha duas araras e um papagaio. Um dia, um dos dogues alemães mansos os comeu.

Cida, a nossa babá, nascida em Eldorado, foi alfabetizada comigo. Ou melhor, dizem que a alfabetizavam e eu acabei aprendendo junto. Aprendeu a dirigir e tirou carta de motorista. Virou motorista eventual do meu pai. Ele se gabava para os amigos de que tinha uma “chofera” ao volante de seu Aero

Willys desengonçado, numa época em que as mulheres ainda não ocupavam as mesmas posições dos homens.

Passávamos a maior parte do tempo de botas de borracha coloridas. Ou subindo em árvores frutíferas. Dormíamos em quartos enormes, só as crianças, com quatro beliches. Os quitutes eram doces de banana, caldinho de feijão, rabanadas, rabadas, chá de capim-limão, que arrancávamos aos tufo do quintal, pão na chapa, leite da fazenda, suco de mexerica e muita carne do gado de lá.

Eldorado era uma cidade pequena, não tinha mão de obra suficiente. Nos anos 60, vinham trabalhadores da Bahia. Sua chegada era um acontecimento. Os solteiros da fazenda ficavam numa grande casa de madeira, a Casa dos Solteiros. Para os casados havia muitas casinhas enfileiradas, com varanda, sala, dois quartos, cozinha e banheiro. Acho que foi meu pai quem as construiu.

Muitas vezes, atravessávamos a vila de trabalhadores e visitávamos suas casas, tomávamos café em canecas de metal com eles. Minha irmã caçula Babi se lembra:

— Adorava ir comer a comida deles. Ia com a Cida, nossa babá, na casa de algum parente ou conhecido comer aquela comida feita num fogão a lenha. Adorava feijão, arroz com farinha, que eles ofereciam num prato de alumínio amassado. Achava delicioso o arroz molinho com feijão.

À noite, os adultos iam para a sala de estar do meu avô, com poltronas de couro, tapetes chineses e lareira. Só maiores de dez anos (ginasianos) tinham permissão de entrar. Quando os netos começaram a fazer dez anos, a regra mudou. Só maiores de catorze (colegiais) teriam então o privilégio de acompanhar a noitada dos adultos. Restava para os menores o terraço. Lá as brincadeiras de salão eram organizadas pelas tias e pelos primos mais animados e criativos. Fazíamos coral, com músicas da Jovem Guarda. Peças de teatro, em que representávamos histórias e lendas da região. Jogos de adivinhação. E cedo íamos para a cama, para, antes de o sol nascer, bebermos leite diretamente da vaca na cocheira ao lado.

A cidade de Eldorado ficava a pouco mais de dois quilômetros de distância. Às vezes, animados, fazíamos o percurso a pé, pela estrada de terra, todos os primos, cantando, para comprar sorvetes, um rolê pela praça central, visitar amigos, comprar varas de pesca e quem sabe arriscar uma sessão no

único cinema da cidade, que passava de Chaplin a Mazzaropi, meu primeiro ídolo. Procissões em feriados religiosos, não perdíamos uma. Até cantávamos as músicas religiosas arrastadas e de vogais abertas, coro desafinado que percorria as ruas da cidade. E nós, os primos, arriscávamos a nos misturar entre os campos de pelada. Claro que as crianças de Eldorado jogavam muito bem, e tomávamos um baile.

Os trabalhadores da fazenda resolveram montar um time próprio, que treinava num campo ao lado de suas casinhas e tinha até uniforme. O clássico da região era contra o time de Eldorado, num campo gramado na entrada da cidade, cuja encosta também gramada servia de arquibancada. Caraitá era freguês de Eldorado, que era freguês de Jacupiranga.

Era a rotina dos três meses de férias de verão. Nem sempre os pais ficavam conosco. Deixavam a molecada lá, sob o comando da minha avó, sempre a mais animada e brincalhona, e só apareciam no Natal. As tias, como minha mãe, ficavam. Entediadas ou não.

Contávamos os dias até o Natal, quando os pais apareciam. Vestíamos a melhor roupa. Apenas no Natal era permitida a entrada de toda a criançada na misteriosa e imponente sala com peças de marfim. Na poltrona do meu avô havia duas cabeças de tigres com dentes esculpidas em madeira. Abriam-se as portas. E, solenemente, entrávamos, por fim, naquele templo sagrado, em que os adultos passavam as noites debatendo sobre os mistérios dos negócios e da vida. Num piano de cauda, eles se revezavam: Chopin, Beethoven, marchinhas de carnaval, choros. Bossa Nova? Não, muito ousado. Só minha irmã Veroca e minhas primas mais velhas tocavam no violão, que aprendiam nas férias com o professor e único músico de Eldorado, que era apaixonado por todas elas. Cada um exibia o seu dote. E, claro, rolava o “Bife”, música infantil que todos sabiam tocar. Muitas mãozinhas apertavam juntas aquelas teclas. Revezavam-se. Batucavam.

O grande momento era, enfim, abriremos os presentes. Embrulhados e secretos, ao redor de um pinheiro que cresceu na própria fazenda. Brinquedos do meu avô eram chineses, alemães, caros, sofisticados. Que vidão...

Para mim, toda criança tinha direito a uma vida como aquela. Não sei como alguém é capaz de aprender, sobreviver e trocar experiências, gerar filhos, ter paz espiritual, ser completo e solidário, se não vivenciou uma rotina no

campo com muitos primos, abraçado por sua família, mimado e seguro, se não cruzou a névoa matinal de um vale ou o rio numa canoa feita de um tronco, sem contar estrelas cadentes, sem sentir na pele as águas geladas de um rio transparente ou os pelos de um cavalo entre as pernas, se não correu de gansos selvagens, não rolou pela lama, fugiu de jacarés, aprendeu a selar um cavalo e a cair dele, a tocar o gado, a comer frutas do pé, a pescar, caçar saci, conviver com os moleques de lá, beber café em caneca de metal, obedecer ao chefe dos vaqueiros, que, diziam, tinha vindo a cavalo da Bahia e sabia laçar um boi de primeira.

Eu era uma das crianças mais felizes do mundo.

Porém, a cortina se abriu e começou o segundo ato do espetáculo, que até então era uma farsa, mas se revelou uma tragédia. Meu pai desapareceu em 1971, no mesmo ano em que morreu meu tio mais velho, Carlos. Meu avô morreu dois anos depois. De enfarto. De tristeza. Logo depois, outro tio morreu num acidente de carro na estrada que ligava a fazenda a São Paulo. Um terremoto abriu uma fenda. O sentido de tudo se modificou. Nos perguntamos o que alimentou uma vingança tão caprichada e cruel. O que fez os deuses da felicidade se voltarem contra nós. Morreu uma prima, a mais animada, que não tinha nem dezoito anos, de uma doença misteriosa. Depois outro primo, um menino lindo, num acidente de moto em Santos.

A tragédia dos Paiva foi um contraste com a alegria das décadas anteriores. A família ruiu: não tinha estrutura emocional para administrar tudo aquilo. Os bens começaram a ser vendidos. Ousaram se desfazer daquela fazenda tão fundamental para a vida de todos nós. A grama deixou de ser aparada. O gado morreu doente. O rio ficou poluído. A areia de suas praias foi vendida para a construção civil. Cortaram as árvores de mexerica. Chegaram a televisão e o telefone. Até uma pequena favela foi erguida na outra margem do rio da cidade. E camelôs dominam a praça que era exclusiva do *footing*.

No entanto, o céu é o mesmo. As montanhas ainda estão cobertas pela mata densa. O professor de violão ainda mora lá. Não deve ter tantas paixões como antes e agora deve ensinar também Renato Russo e Cazuza.

Ninguém sabe ao certo se existe precaução contra a demência ou a falta de memória, como o Alzheimer. A causa. Se é genético, como começa. Mas sabemos como termina. Tem gente que pensa que exercitar o raciocínio ajuda a

evitar as demências inevitáveis da idade. Um tio passava horas fazendo palavras cruzadas. Dizia que precisava exercitar o cérebro. Ficava sentado numa poltrona, com os pés para cima, a tv ligada, preenchendo palavras cruzadas, sem exercitar um músculo. Não morreu de Alzheimer.

A geração dos meus pais é sedentária. Fumava cigarro, cachimbo e charuto. Bebia um uisquinho para relaxar, quando chegava do trabalho. Não sabia como agia o colesterol. Talvez não temesse a velhice e a morte como nós.

Hoje, o corpo resiste bem à degradação natural. O cérebro, não. Conseguimos enganar o envelhecimento com dietas, vida saudável, sem abusos ou vícios, avanços da medicina, drogas para o humor, a pressão, a gordura e o açúcar no sangue. Não conseguimos enganar o cérebro. Minha mãe tem uma saúde invejável até. Nunca fica ou ficou doente. Era magra. Era advogada atuante. Lia sem parar. Fazia tudo a pé. Andava de metrô. Nadava no mar de Búzios. No entanto...

Já acusaram os adoçantes artificiais. Minha mãe não colocava gotas, mas jatos de adoçante líquido no café. Já culparam o alumínio presente em torneiras, quentinhas, latas, enlatados. Minha mãe, a partir de certa idade, só comia congelados que esquentava na forminha de alumínio no micro-ondas. Recentemente, falaram que beber pouca água dá demência. Minha mãe não bebia água, quase nunca, algo que me afligia enormemente. Minha mãe andava pelo bairro. Mas não se exercitava.

Meus tios tinham entre trinta e quarenta anos quando dei os primeiros passos naquela fazenda. Nunca os vi se exercitarem. Não os vi nadando, cavalgando ou remando. Nunca vi nenhum adulto com roupa de ginástica se alongando para dar uma corridinha. Só a criançada corria solta. Alucinada. Meus tios não saíam do sofá.

Alguns acham que o mal de Alzheimer aparece em alguém com um trauma profundo. O da minha mãe não tem fim. Se os pacientes com a doença tivessem capacidade cognitiva e de mobilização, logo se uniriam contra o nome dela, que passa uma imagem negativa. O mal! O mal de Parkinson. O mal de Alzheimer.

Toda vez que alguém diz “sua mãe tem mal de Alzheimer”, eu corrijo: “Ela tem Alzheimer. Não mal de Parkinson”. Empurro para outros o substantivo, uma prova da desunião dos maus, uma maldade contra aqueles que têm

Parkinson, tá, não “mal de”. Mal de Parkinson e de Alzheimer não têm nada a ver. Apesar de os dois ocorrerem em ligações nervosas do cérebro. Curioso como não se diz mal de câncer, mal de distrofia muscular, mal de gripe, mal de alergia. Mas Parkinson e Alzheimer são um mal. Como mal de Crohn (a doença de Crohn), inflamação crônica no intestino.

O *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, elaborado pela American Psychiatric Association, separa os transtornos em mentais, por substâncias, esquizofrenia e psicóticos, do humor, ansiedade, factícios, dissociativos, sexuais e de identidade de gênero, de alimentação, sono, controle dos impulsos, de adaptação e personalidade. São mais de trezentos e noventa abusos, demências e transtornos com códigos e diagnósticos. Alguns você conhece, como TOC, voyeurismo, de aprendizagem (SOE), síndrome de Asperger, pedofilia, bipolaridade, ejaculação precoce, exibicionismo, masoquismo, anorexia, bulimia, cleptomania. Alzheimer está no Apêndice F (código 290-0). É um transtorno. Não tem data exata para se manifestar. Nem motivos visíveis. Detecta-se através da ressonância magnética do cérebro. Não tem cura. Pode-se viver anos com a doença.

Cometas da memória

Mais uma vez estávamos no metrô, em 2005, eu, minha mãe, de novo com minha irmã Veroca. Descemos no Trianon-Masp. Era dia de Parada Gay. Não sabíamos a dimensão que aquele evento teria anos depois no Brasil. Eram dezenas de milhares de pessoas na época. Ficamos na calçada da avenida Paulista na altura do prédio da Justiça Federal. A maioria dos militantes e ativistas vai no chão. É festivo, é agregador, é político e, por ser político, lá estávamos nós. Me surpreendeu que minha mãe quisesse ir. Não sabia que a intolerância e a causa LGBT a mobilizavam.

A parada é conduzida por trios elétricos. Alguns patrocinados por boates de todos os gêneros. Percebi que uma dezena de gogo boys do alto de um carro acenava para nós. Olhei ao redor. Era na nossa direção que acenavam. Então reparamos na minha mãe. Ela acenava para os carros alegóricos, com strippers dançando uma música de boate (pancadão). Ela acenava, eles respondiam. Ela chorava. Acenava e chorava, emocionada, enquanto eles mandavam beijos e reboavam. Foi das poucas vezes que a vi chorar. Minha cabeça não encontra uma explicação razoável para isso. Talvez nem ela conseguisse explicar. É daquelas peças que o Alzheimer apronta e que sempre surpreende. Doença que não apenas afeta a memória, mas embaralha emoções, enaltece desgostos que não existem, muda o humor até do mais calculista dos matemáticos.

Minha mãe formou uma clássica família burguesa do mundo ocidental do pós-guerra. Não tinha amigos gays. Não assumidos. Só anos depois uma amiga sua se tornaria lésbica militante. Minha casa tinha empregada, e a empregada (ou babá) passava mais tempo com os filhos do que ela. No final dos anos 60, enquanto a revolução sexual transformava as mulheres e as relações, ela andava entediada com a carreira de dona de casa, sempre bonita à espera do seu Don Draper. Que não era um publicitário alcoólatra de *Mad Men*, mas fumava

tanto quanto (ou mais). Queria uma mulher sempre bonita à espera, com os filhos na cama, uísque com três pedrinhas de gelo, a janta pronta. Quando, por sorte, Don podia sair, ligava para a minha mãe, Betty, e avisava do jantar de negócios, do compromisso na casa de um amigo, da peça de teatro, do show, do jazz, do restaurante novo, do carteado. Para ela ficar bonita. Ele passaria às oito para pegá-la. E ela ficava bonita. As viagens do casal para fora do Brasil duravam meses. Ficávamos com as vovós. Don tinha orgulho de sua Betty sociável, elegante, com bom gosto, culta, que costurava as próprias roupas e as dele, inclusive ternos, um hobby do qual nunca abriu mão, e que falava francês melhor do que ele.

Meu pai viajava demais. Figura sempre ausente. Minha mãe me educou sozinha. Isso é bom? Ruim? Não sei... Ele chegou a temer que eu ficasse “afeminado”. Me tirou de uma escola construtivista alternativa do bairro, em que estudavam os filhos dos seus amigos, em que me conheciam pelo primeiro nome, apelido, e me matriculou numa escola pública na praça da República, em que me chamavam pelo sobrenome, quando me chamavam, frequentada por uns dois mil alunos com o mesmo uniforme.

Mas a qualidade do ensino público decaía na proporção em que a ditadura se firmava. Não fiquei afeminado nem mimado. Fui mal alfabetizado. Virei um aluno desinteressado. Minha mãe me confessou que ficou furiosa com tal decisão, mas não podia com a teimosia dele. Chegou a me levar nas primeiras vezes. Atravessávamos a rua de mãos dadas. Eu, em pânico, e ela, me acalmando. Chegou a fazer um reforço em história e português ao perceber o ensino defasado, comparado ao das minhas irmãs. Sofri naquela escola. Mimado. O menino da casa. O queridinho da casa.

Desde pequeno, me fascinava o rico mundo das minhas irmãs, o mundo feminino, os detalhes, os aromas, as cores, os penduricalhos. Minha rotina proustiana era envolta por perfumes, delicadezas e mimos. A família acordava com o mesmo toque do despertador. Minhas irmãs estudavam de manhã. Eu estudava de manhã em São Paulo e à tarde no Rio. Como se eu estivesse na coxia de um teatro de revista, assistia ao corre-corre das quatro irmãs matriculadas no rigoroso colégio religioso.

Enquanto meu uniforme era um short azul de brim, uma camiseta com o logo da escola, um par de sapatos pretos, dos mais fajutos, com meias brancas

até as canelas, elas tinham que lidar com um vestido de brim pesado, torçal, laço, faixa e uma cruz pendurada. Uma ajudava a outra a guarnecer e amarrar a cintura. Usavam meias, roupas de baixo, sem contar a maquiagem, o encaixe de grampos, brincos, pulseiras e anéis, além de adornos com nomes estranhos, como piranha e tiara. Havia trombadas no corredor. Brigas. Mãos disputavam peças do figurino. Empurra-empurra. Paninhos com água morna e limão limpavam manchas. As quatro transformavam aquela casa numa trincheira sob bombardeio.

De manhã, elas partiam, eu ficava com a minha mãe. Ou melhor, assistia à minha mãe. Ela fazia tudo com calma. Costurava. Ouvia música. Lia. Falava ao telefone. Eu achava minha mãe linda, classuda. Elegante e magra. Italiana morena de olhos claros. Perfumada. Cuidadosa com o cabelo, com a roupa.

À noite, nos reuníamos. Minhas irmãs passavam horas ao telefone com pinças, esmaltes e escovas de cabelo, diante de espelhos. Cada uma examinava com cuidado cada centímetro do próprio corpo. Enquanto eu nem cuidara do joelho ralado na escola, elas pintavam as unhas dos pés e das mãos, raspavam as pernas com a gilete do pai ausente, usavam cremes, pós e batons. Mulheres dão muita importância aos espelhos. Na minha geração, o menino que se olhasse muito no espelho seria “bichona” no futuro. Não tinha espelho em vestiários masculinos. Se tinha, não podíamos olhar que logo vinha um colega nos xingar:

— Bicha!

Cuidar da aparência na fase de moleque era coisa de bicha, afrescalhado, afeminado. E ninguém com suas faculdades mentais em ordem se arriscaria a ganhar essa fama naquela época. Enquanto eu apenas chacoalhava a cabeça ao sair do banho, como um cão vira-lata saindo do mar, elas enrolavam com destreza a toalha na cabeça, antes de usarem o secador. Um laço sofisticado, que nunca entendi como fazer. Lembrava um adorno egípcio. Uma vez, tentei enlaçar a cabeça com uma toalha. Não parava na cabeça. Não entendia por que na cabeça delas parava, e na minha, nada. Dei um nó. Me enrolei todo. Quase morri sufocado. Sem sucesso. Só as mulheres conseguem.

Dividia o banheiro com as irmãs. A sós, passei esmalte nos dedos. Cheirei cremes. Ataquei formigas da pia com uma pinça em cada mão. Grudei presilhas nas minhas orelhas, elásticos no cabelo, piranhas no rabo do gato. Na

lixeira, me intrigavam os pacotinhos embrulhados em papel higiênico. Abri alguns deles e observei, maravilhado, o sangue escondido, proibido. Eu sabia que elas não estavam doentes, nem raladas. Ninguém me explicou o significado daquele sangue secreto; pedaço do misterioso mundo feminino. Vi no banheiro um sutiã. Os dedos percorreram o tecido delicado. Examinei a intrincada engenhoca e armação de alças, presilhas, elásticos e um fecho. Que sofisticada obra de engenharia é o sutiã. Fiz dele um estilingue. Depois de me certificar de que a porta estava trancada, experimentei por cima da roupa. Percebi o quanto é inoperante o fecho. Senti as alças apertarem os ombros, o tecido segurar algo que faltava, a armação dificultar os movimentos dos braços. Olhei de novo no espelho e ri. Agora, sim, eu estava comprovadamente embichado. Colégio público é pouco. Escola militar!

Vi durante a vida minha mãe se arrumar, desfilar, ir e vir do espelho, ir e vir do banheiro, testar combinações, se maquiar, se pentear. Tinha um andar elegante. Ensaiaava passos de dança pelo quarto. Eu gostava do jeito que ela dançava. Tudo no passado.

Quando meu pai me colocou na escola pública na praça da República, o queridinho da casa de repente virou um anônimo uniformizado, solitário, cercado por crianças que usavam o mesmo terno desconfortável e antiquado. Encontrei uma saída. Minha avó paterna, Cecy, animada, carioca de nascimento, morava em frente à escola, na avenida Ipiranga com a São Luís. Eu fugia da escola. Pedia para um pedestre me ajudar a atravessar a avenida e passava a manhã dançando Roberto Carlos com a velhinha de cabelo azul. Conheci os penduricalhos de outra geração, como cintas-ligas e anágua. Brinquei com joias pesadas. Dancei em sapatos altos. Me cobri com um casaco de pele e fingi ser um animal selvagem, atacando a governanta da casa. A visita virou rotina. Dormia no seu colo, que cheirava a talco, até a hora de voltar para casa depois da “aula”.

Lucila tinha cabelos encaracolados. Era sorridente e mais baixa do que o normal. Desde que a conheci em São Paulo, no primário da escola construtivista do bairro, fiquei apaixonado. Considero essa minha primeira

experiência de *passione* (em latim, “sofrer tardio”). Pensava nela antes de dormir. Antes de sair da cama.

Em 1965, meu pai decidiu que nos mudaríamos para o Rio de Janeiro. Ele fugia do estigma de paulista comunista inimigo da ditadura. Cassado e exilado em 1964, voltou para o Brasil no mesmo ano, clandestinamente, e imaginava ter menos visibilidade e mais oportunidades na Guanabara. Quando me comunicaram, sofri antecipadamente de saudades. Lucila... Como seria a minha vida sem ela? Caminhei infeliz pela casa. Estava infeliz na nova escola. Seria infeliz como um tenor de ópera alemã no Rio de Janeiro. Não me conformava.

Fui corrompido pela oferta de uma enorme festa de despedida. Toda a escola alternativa e parte da religiosa tradicional seriam convidadas. Ninguém da escola pública do Centro, já que não deu tempo para fazer amigos. Lucila então conheceria minha casa. Correria pelo quintal. Brincaríamos. Minha mãe se revelou uma festeira de alta classe. Foi perfeita. Teve palhaço e mágico. Apareceu uma multidão. Garotos da escola com primos, amigos de amigos, primos de amigos. A casa térrea com um grande quintal em que morávamos no Pacaembu parecia uma quermesse. Eu nem sabia que tinha tantos amigos. Era difícil se locomover. Não encontrava a minha paixão. Me lembro de que, num certo momento, fui para a garagem, sufocado, estressado, e lá tinha uma enorme mesa de autorama. E ela apareceu, com aquele cabelo dourado, cacheado como molas. Ficamos conversando. Não fomos ver outro número do palhaço. Passamos alguns minutos (que na memória pareceram o dia inteiro) na garagem. Foi a única vez que demos vazão à nossa paixão de garotos de seis anos de idade. Enfim nos separaram. Ela foi embora sem se despedir. Aflição com a qual convivi por anos.

Se eu não tivesse que me mudar, eu sabia, seríamos o casal mais feliz da cidade.

Em fevereiro, fomos para o Rio.

A reforma da casa alugada no Leblon não estava pronta, reforma que, acredito, ele tocava. Fiquei com meus pais, a Nalu e minha irmã caçula no Hotel Glória. Era uma suíte ampla, com quarto e sala, num lugar paradisíaco, com uma vista das mais lindas. Ele saía para trabalhar, e nós perambulávamos

pelo hotel. Foram dois meses de luxo, tomando um café da manhã nababesco, nos deleitando na piscina e correndo pelos corredores.

Fomos enfim morar no Leblon, a três quadras da favela do Pinto. A casa nunca ficou pronta. A obra não se completava, o muro não estava inteiramente erguido, tinha uma montanha de areia de construção no quintal, a alegria dos meus novos amigos, que brincavam nela, faziam túneis e estradas. Aquele monte de areia ficou uns bons anos ali. Meu pai estava sempre ocupado demais com obras para terminar a da própria casa.

Na época, o bairro não tinha o status de hoje. Tinha essa favela e outra na Lagoa, com casas em palafitas. E um conjunto popular inovador que assustava a elite, a Cruzada, o primeiro do gênero — criado por dom Hélder Câmara. Bacana era morar em Copacabana e Ipanema.

Jogávamos futebol na rua. Eventualmente, o jogo era interrompido:

— Olha o carro!

A regra era parar imediatamente. Cada rua tinha um time, com moradores da favela. A maior glória era jogar no campinho de terra da Cruzada. Lá, havia torcida e campeonato organizado, com tabela e troféus.

Minha rotina era de uma paz que nunca mais encontrei. Vivía na ex-capital do país, mas era como se eu estivesse numa vila pacata. Aos oito anos, eu pegava ônibus para ir à escola, Colégio Andrews, em Botafogo. Eu e toda a classe. Já na infância aprendíamos a andar de ônibus. De camiseta de algodão e bermuda azul, eu cruzava a favela. Invejava os amigos que não tinham aula e jogavam bola o dia inteiro.

Nessa escola reencontrei meu melhor amigo, Edu Gasparian, outro paulista exilado. Estudamos na mesma classe. Ele já estava enturmado, o que me ajudou. Ele também tinha irmãs, tinha diálogo com garotas. Ficamos amigos de Roberta e Isabel, duas morenas amadas por toda a escola.

Nas aulas, dividíamos a mesa com elas. Eu com Roberta, ele com Isabel, conhecida como Isaboa. Ou o contrário. Passávamos os recreios com elas, para a inveja coletiva. Nas aulas de música, tocávamos triângulo, elas, coco. Ou o contrário. Ficávamos juntos, fora do ritmo, tocando outra música, mais engraçada, nossa.

Havia um obstáculo para o desenvolvimento de paixões ali. As duas eram maiores do que nós. Bem maiores. Se não me engano, Roberta era a mais alta

de todas. Para um moleque, isso é um entrave, especialmente aos oito anos. Apesar de toda a escola achar que namorávamos as duas, era pura amizade.

Não me esquecia de Lucila e seus cachos malucos.

Eu circulava pelo bairro de bicicleta. Cruzava favelas. Pegava atalhos dentro delas. Muitos garotos eu conhecia de lá, jogava bola com eles, na praia, nas quadras. Muitas vezes, parava para cumprimentar e papear com amigos. Nunca fui assaltado. Nunca sofri qualquer tipo de violência. Psicopatia social não estava em nossos dicionários. Pulávamos o muro do Clube Paissandu para jogar bola (ninguém era sócio). Depois, dividíamos o milk-shake com os que não tinham dinheiro. Enfiávamos vários canudinhos num mesmo copo e contávamos até três. Sorte daqueles que, com bons pulmões, conseguissem sugar mais rápido o sorvete batido.

A vida no Rio, diferente de São Paulo, era na rua e na praia. Empinando pipa e jogando bolas de gude nos canteiros de terra do Leblon. No domingo, lotávamos uma Kombi para ir ao Maracanã, assistir ao Flamengo, time sediado no Leblon. Fio Maravilha era nosso ídolo. Os pais se revezavam. O meu nos levou certa vez. Lembro que, quando subíamos o viaduto para entrar no túnel Rebouças, um moleque arrancou a bandeira do Flamengo que eu segurava. Gritamos:

— Para o carro, para o carro!

Ele parou. Descemos uns cinco moleques atrás do ladrãozinho. Em segundos, o alcançamos e resgatamos nossa bandeira. Trocamos uma infinidade de palavrões, voltamos para o carro como heróis. Meu pai ficou mais branco do que uma bandeira do Santos — o seu time, desconfio, já que era da cidade. E surpreso: seu filho já estava mais carioca do que muitos cariocas.

Num dia de semana, a praia amanheceu apinhada. Toda a favela correu para lá. Estavam chamuscados. Crianças carregavam pertences. Na água, bonecas com fuligem. A favela do Pinto tinha pegado fogo. Foram os militares, diziam. Viram helicópteros do Exército sobrevoando a favela na noite da tragédia. O tumulto durou uns dias. Certa manhã, tomávamos café e um grupo de moleques invadiu a nossa casa. Não falaram nada. Foram até a geladeira, comeram com as mãos o que encontraram. Nem nos levantamos da mesa. Eram meus vizinhos da favela do Pinto, remanejados para o outro lado da cidade.

A área abandonada do Leblon foi aterrada em tempo recorde. Em meses, subiram prédios de até dezessete andares. Os apartamentos foram comprados na maioria por militares, que receberam empréstimos descontados diretamente da folha de pagamento (soldos). O condomínio, que se estendia por grandes quadras, com uma praça no meio, recebeu o apelido de Selva de Pedra, em homenagem à novela da Globo. A especulação imobiliária expulsou o democrático futebol de rua. Enviaram os pobres para os guetos. E o convívio pacífico virou passado e ilusão.

Toda a molecada do bairro fazia uma conexão no Central-Gávea. No ginásio, com dez, onze anos, descíamos depois da escola para assistir a filmes de arte. Educação sexual formal naquele tempo era uma piada, quando havia. O que aprendíamos estava nos livros de medicina legal, no catecismo do Zéfiro, vendido clandestinamente nas bancas, e nos filmes proibidos para menores.

Instalado na rua Jardim Botânico, na rota dos ônibus que vinham de Botafogo, o Cinema Floresta, inaugurado em 1922, que em 1960 mudou o nome para Jussara, educou uma geração. Não sabíamos a diferença entre Nouvelle Vague e Cinema Novo. Nem que aquelas imagens causavam uma revolução na linguagem. Não guardávamos os nomes dos diretores. Lotávamos a sala, garotos das escolas da região, pois o porteiro não pedia carteirinha e queríamos ver mulheres nuas. Não era pornografia, era arte. Talvez o hábito tenha formado uma geração de cinéfilos. Muitos sonharam com Norma Bengell nua em pelo correndo na direção da câmera, numa praia deserta, como se suplicasse pelo nosso carinho — cena inesquecível, o primeiro nu frontal do cinema brasileiro, de *Os cafajestes*. Tônia Carrero, Norma, Joana Fomm, Odete Lara, Leila Diniz foram nossas primeiras musas. Admirávamos os filmes italianos com aquelas mulheres com curvas, decotes, lábios grossos. Os franceses, com suas lindas atrizes, despudoradas, que não se intimidavam diante das câmeras e ainda por cima ganhavam prêmios. Sonhávamos com as personagens volumosas e pálidas de Fellini.

As incongruências do regime se ampliaram. Ele endurecia e censurava, empastelava e prendia, proibia peças e livros, mas não a pornochanchada, na carona da revolução sexual.

Na TV, Lucélia Santos botava nossas mães para chorar no dramalhão *Escrava Isaura*. Na sala do cinema cheio de baratas, nos apertávamos para vê-la

nua em *Já não se faz amor como antigamente*. Os nomes provocavam a imaginação: *Eu dou o que ela gosta* ou o clássico *A ilha das cangaceiras virgens*.

Quando passei para o ginásio do Colégio Andrews, mudamos de prédio: Praia de Botafogo. Um prédio tombado, antigo, bonito. Recepcionamos novas turmas e conheci Carla, loirinha enigmática, linda como a vista do Pão de Açúcar pela janela da sala de artes. Era do meu tamanho, e nutri por ela uma paixão secreta. Quando ela passava, eu tinha taquicardia. O acanhamento era na mesma proporção da minha admiração. Nunca ouviu a minha voz. Puro amor platônico.

A maioria de nós compreendia o que significava amor platônico e já vivera o seu, idealizara uma garota e sofrera por causa de uma timidez revoltante, comum na idade, apesar de a maioria não ter ideia de quem foi Platão, nem de que seu amor foi definido bem depois. Carla despertava amor platônico em parte do Colégio Andrews. Seu pai, Carlinhos Niemeyer, era quem fazia o *Canal 100*, telejornal que revolucionou a linguagem, exibido antes dos filmes e que terminava com imagens em câmera lenta de lances do último clássico de futebol, sob uma trilha sonora que sabíamos de cor. Queríamos Carla, queríamos conviver com sua família, sermos convidados para ver os jogos de perto e termos em mãos aquela loirinha linda e seu acervo.

A ditadura apertou. A família do Edu se exilou em Londres. Ele me mandava cartas perguntando de futebol e de Carla. Eu mentia. Dizia que estávamos namorando. Que ficávamos na casa dela nos pegando, aos onze anos de idade. Meu pai foi preso e morto naquele ano. Me fechei. Meu olhar ficou triste, como o de nenhum outro moleque. Muitos passaram a me evitar. Eu era filho de um terrorista que atrapalhava o desenvolvimento do país, eles aprendiam com alguns pais e professores, liam na imprensa, viam nos telejornais. Meu pai era membro “do Terror”! Em 1971, eu ficava muito tempo sozinho no banco da escola. Aos poucos amigos, eu tentava explicar que meu pai não era bandido. A maioria não tinha ideia do que se passava. A censura e o milagre brasileiro cegavam.

No meio do ano, minha família foi obrigada a sair do Rio. Na festa de São João, comuniquei a mudança. Muitos vieram se despedir. Eu estava numa barraquinha comprando doces quando Carla se aproximou. Fiquei encantado.

Ela disse o meu nome, Marrrcelo, com aquele sotaque carioca delicioso. Me beijou.

— Você vai embora, Marrrcelo?

— Vou — eu disse.

— E não volta mais?

— Não sei.

— Por causa do seu pai?

— Por causa de um monte de coisas.

— Vai pra onde?

— Vou morar em Santos, a família do meu pai é de lá.

— E você volta?

— Não sei.

Mais um caso de amor que a ditadura me fez deixar para trás.

Àquela altura, não sabíamos se meu pai estava vivo ou morto. Eu poderia voltar ao Rio. Não fazia sentido largar tudo para trás. Mas não voltei. Àquela altura, meses depois da prisão, minha mãe sabia que meu pai estava morto. Mas eu não.

Mãe-protocolo

Minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei, no Rio e em São Paulo, não lia meus boletins nem meus trabalhos, o que me deixava perplexo, radicalmente decepcionado, me fazia sentir o mais abandonado dos alunos pela mais desinteressada das mães. Gesto que, por outro lado, me obrigou desde cedo a tentar resolver meus próprios problemas, batendo nas portas de quem eu poderia bater, de coordenadores, diretores, professores e amigos. Deixa eu fazer uma correção: minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei depois de ter ficado viúva aos quarenta e um anos. Tinha mais o que fazer. Confiava no bom senso das escolas e delegava aos cinco filhos a missão de zelarem pela própria educação.

Existem muitas minhas mães. Ela virou outra, depois de viúva. Passou a andar com gente muito mais jovem ao frequentar a faculdade de direito. Passou a sair com amigas desquitadas, viúvas ou solteiras. Passou a sair. A ir a festinhas. A namorar escondida de nós, depois passou a assumir. Era charmosa. Não ficou no balcão da solidão bebendo lágrimas de sal. E trabalhava demais.

Apreendi cedo que minha mãe não era a pessoa ideal para se fazer manha, choramingar por nada, reclamar de bobagem. Minhas tias morriam de pena de nós, que, bebês, ficávamos chorando meia hora sem que ela acudisse. Era a forma que acreditava ideal para educar um filho. Não nos mimou, palmas. Mas criou cinco filhos chorões.

Confesso que eu queria uma mãe sentada numa sala de uma escola vazia e silenciosa, numa noite de segunda-feira, ouvindo dos meus professores os meus problemas educacionais, emocionais e comportamentais. E que me desse duras, indicasse caminhos. Será? Indiretamente, ela foi aliada da minha rebeldia juvenil.

Antes de completar dezoito anos, eu pegava seu carro, um Corcel 1 azul, quase todas as noites. Com amigos, rodava a cidade. Não me lembro de ter alguma vez colocado o banco e os espelhos na posição original, nem de ter esvaziado o cinzeiro. Como se não me importasse. Ou, pior, quisesse ser flagrado. Evidente que de manhã, quando ela o pegava, percebia que a farra do filho menor de idade tinha sido pesada e ilícita. Ela nunca me deu uma dura por causa disso. Nunca me deu uma dura na vida. Já bateu o telefone na minha cara, mas uma bronca?... Só mães italianas descontroladas fazem isso.

Uma manhã, ela me disse algo como:

— Se alguma vez a polícia te parar, não se esqueça de dizer que sua mãe é advogada e que o documento está no porta-luvas, com minha carteira da OAB.

A praticidade era a sua loucura. E a de muitos advogados.

Aconteceu uma vez. Fui parado numa blitz na avenida Pacaembu. Eu estava sozinho, sóbrio, “de menor”. Era a época em que a PM não chamava ninguém de cidadão, nem pedia os documentos, ordenava:

— Desce, desce!

Mas, no meu caso, estavam estranhamente calmos. Não me mandaram descer, mãos na cabeça, encosta aí! Eu que desci. Fui logo dizendo que tinha esquecido a carteira (que eu não tinha), que o carro era da minha mãe, a-de-vo-ga-da, e que os documentos do carro estavam no porta-luvas, com a carteira dela da Ordem, Ordem dos A-de-vo-ga-dos.

As palavras mágicas funcionaram, a senha para que eles não se metessem com alguém sem carteira, mas, com documento da Ordem, a carteirada foi suficiente para me liberarem. Era madrugada, estavam sonados. Estavam no bairro dos filhinhos de papai, estavam acostumados com carteiradas. Já tinham parado filhos de a-de-vo-ga-dos, de-pu-ta-dos, pro-mo-to-res, ju-í-zes, mi-nis-tros, e, antes que se soletrassem as autoridades que poderiam lhes causar problemas, devem ter se arrependido do local da batida policial e decidido fazer uma blitz num bairro mais pobre.

Minha mãe me ensinou algo que não se ensinava nas escolas, em parte alguma: como tratar (bem) uma garota. Regras básicas de etiqueta que, se serviam para os adultos, deveriam servir para a garotada. Ensinaamentos sobre como tratar uma mulher nos anos 50 e 60: ter sempre um isqueiro à mão para acender os cigarros, oferecer bebida, andar na calçada do lado mais perto da

rua, abrir portas, dar passagem, levantar-se da mesa para cumprimentar, tirar o chapéu, ajudar a sentar puxando a cadeira e, o que nunca me aconteceu, colocar o capote na poça d'água para ela não se sujar ou carregá-la no colo num lamaçal.

Algumas regras são polêmicas. Num bar ou restaurante, você deve deixar a mulher entrar primeiro? Já li de profissionais de etiqueta que o homem deve entrar antes, para checar se o ambiente é suficientemente respeitoso. Ele entra, observa e, a seu critério, deixa a mulher entrar. Minha mãe me ensinou o contrário. Pensa bem, ela tem razão. Primeiro, deixe A MULHER avaliar se o ambiente é “respeitoso”. O que é respeitoso para um homem vale para uma mulher? Ela deve ser protegida pelas convicções dele, para prosseguir o regime tutelar?

Acabei seguindo a regra da minha mãe.

Sempre fui um cara considerado fofo por tudo isso. Não sei se isso me ajudava com as garotas. Na verdade, ser fofo era um entrave. Ser fofo era bom para os pais delas. A garota não queria um sujeito fofo, mas um cara misterioso, interessante, gato demais, que tocava algum instrumento, que fosse solitário, com um cabelo indefinido, uma barba mal aparada e um olhar fulminantemente sensual, tal qual o de um *sniper*. Fiz sucesso entre amigos dos meus pais, já que, desde moleque, colocava o guardanapo no colo, esperava todos se servirem para comer (outra regra contestada, pois, dizem, especialmente a italianada, que comida quente não deve esfriar), usava o talher certo, não colocava os cotovelos na mesa, esperava todos terminarem para pedir licença e, se aprovada, saía da mesa, deixava os adultos com problemas de adultos, nunca repetia o prato. Não me esquecia de depositar os talheres em paralelo sobre o prato quando terminava. Sim, um fofo completo, bem treinado, que encantava as mães das garotas, não as garotas, que deviam me achar meio esquisito, fofo demais.

Minha mãe me ensinou tudo isso. Reprimia um filho sempre que ele ralasse o cotovelo na mesa. Impunha a maneira correta de comer, cortar carne (com a faca na mão direita, mesmo os destros), sentar-se com a coluna reta.

Quando nos mudamos de volta para São Paulo, em 1974, fui convidado para uma festa numa mansão no Morumbi, de uma garota de quinze anos de uma família que era uma entidade paulistana e fez história — para enumerar

apenas um feito, conspirou para a proclamação da República. Era uma honra estar ali. Minha mãe aconselhou:

— Você tem que dançar com a dona da festa, faz parte das regras.

Havia centenas de adolescentes de muitas escolas de São Paulo. Minha turma tinha acabado de estudar Max Weber. Façanha da professora Zilda, do primeiro colegial, que dava textos sobre marxismo na escola da elite. Nos doutrinou rapidinho. Analisávamos na festa os fatos sociais, dividíamos nossas ações fundamentais, estávamos pouco nos lixando para o “Isn’t She Lovely” do Stevie Wonder que rolava na pista. No primeiro colegial, todos da minha turma viraram marxistas, inclusive os filhos de banqueiros. No segundo, existencialistas. No terceiro, nem uma coisa nem outra, a prioridade era o vestibular e a (insípida) iniciação sexual.

Eu sabia que chegaria o momento de dançar com a pequena aniversariante, que eu não conhecia, nem sei por que me convidara ou se o convite se estendia a toda a escola. Deixei meus amigos, que analisavam os quadros da casa e criticavam o paradoxo da burguesia que colecionava o comunista Portinari, fui até ela, que conversava com umas amigas, e a tirei para dançar. Ela era um pouco mais baixa do que eu, estava de vestido branco, tinha os cabelos castanhos encaracolados, nem sei se estava a fim de dançar, não ficou feliz nem exultante nem eufórica nem entediada nem demonstrou se meu convite fora bem-vindo ou fazia parte de um conjunto de regras obsoletas. Aceitou. Como eu, seguia também uma regra que sua mãe, tradicional como a minha, que deve ter estudado no mesmo colégio tradicional que a minha, ensinou. Se um rapazola a tirar para dançar, não pode recusar.

Fomos para o meio da pista. Poucas pessoas dançavam. Na época, dançávamos com gestos minimalistas. Rebolava-se pouco: os braços dobrados, mãos fechadas, duas para a direita, duas para a esquerda, sem tirar os pés do chão, com os cotovelos erguidos. Era uma música disco, que eu desprezava. Eu preferia rock progressivo. Quando as mãos iam para a direita, o joelho esquerdo dobrava e o direito se esticava. Quando iam para a esquerda, um joelho dobrava e o outro se esticava. Dançava-se assim qualquer música, funk, discoteca, soul. Dançou-se assim por anos. Mas Zeppelin a gente dançava diferente: com os dois pés fixos no chão e os braços balançando, de olhos fechados, rebolávamos viajando, como se surfássemos na pista. Só no punk

tudo mudou, o que se estendeu para o pós-punk, dark e new wave. Passamos a chutar, alternando a direita e a esquerda. Chutava-se com o pé direito, socava num jab com a mão direita e alternava. Minha geração até hoje dança assim. Percebe-se em festas e casamentos que nós, tiozinhos, ocupamos as pistas para dançar os clássicos. Se tem swing, herança da era “disco”, é mãozinhas pra lá e pra cá. Se é rock, são chutinhos e soquinhos no ar.

Detalhe importante. Não se olhava para o companheiro, mas para os lados, como se se procurasse a bola em um jogo de tênis. Olhava-se o movimento na pista, o vazio da existência, os garçons, os quadros nas paredes. No punk, olhava-se a injustiça social com ódio, com um olhar de quem, a qualquer momento, esfaquearia alguém, esgoelaria o DJ, quebraria tudo, em revolta contra a ausência do Estado e a implementação do liberalismo individualista podre que atacava as instituições.

Ela dançou comigo sem demonstrar alegria. Dançou protocolarmente, dois pra lá, dois pra cá. Minha vista era um gramado imenso, uma piscina e a cidade de São Paulo, o grande vale entre o rio Pinheiros e os Jardins e os espigões na Paulista. Dois pra lá, dois pra cá. Foi assim até o final. Acabou, ela agradeceu, eu agradei, cada um foi para o seu canto, a sensação de missão cumprida, e nunca mais nos vimos.

Na volta para casa, minha mãe fez um inquérito. Se dancei com a dona da festa, se agradei o convite, se me apresentei e me despedi dos donos da casa. Sim, mamãe. Fui fofo. Você se orgulharia de mim. Na época, eu era tão fofo que apareço em fotos amareladas nas festas de família dançando valsas com as minhas tias. Que sobrinho...

Um dia fiz uma descoberta incrível: nunca dancei com a minha mãe. Nunca a abracei de verdade. Nunca rolei com ela fazendo cócegas. Nunca gargalhamos juntos. Nossa relação era como as regras que me ensinava, protocolar. Talvez ela tivesse lido num manual como se relacionar com filhos. Um manual de etiqueta, com um capítulo sobre como abrir as portas, cruzar talheres, tirar a dona da festa para dançar. Até nossas conversas eram secas, diretas, objetivas. Nunca pude lhe pedir conselhos sobre garotas, numa adolescência que chegava sem escalas.

Minha turma passou a ser convidada para muitas festinhas iguais em casas enormes da Cidade Jardim, Morumbi, Alto de Pinheiros, Jardins, de

banqueiros, varejistas, industriais, donos de empresas, herdeiros de empresas, capitalistas que combatíamos nas aulas da radical professora e de outro professor marxista, Benauro, este preso num dia de aula, levado ao DOI-Codi e torturado, que nos doutrinava com textos xerocados de Marx e Engels sobre mais-valia. Ao todo, três professores do colégio foram presos naquele ano de 1975, o da grande caçada ao PCB, que deu na morte de Herzog. Vimos dos janelões da escola dois deles serem levados por agentes à paisana. E de nada adiantava serem professores dos filhos do governador do estado (Paulo Egydio Martins) e do prefeito da cidade (Olavo Setúbal), meus colegas.

Minha turma passou a ser convidada porque éramos meninos, garotos, gentis e educados, apesar do determinismo histórico e de estarmos mesmo preocupados com a exploração do homem pelo homem. Se déssemos sorte, éramos beijados por garotas sem preocupações com a luta de classes. Quem se interessasse, podia nos beijar. Nos beijaram garotas ricas, milionárias, com bafinho doce, com aparelho nos dentes, que sabiam beijar, que não sabiam beijar, que tinham pressa, que tinham a boca tensa. Nos levavam para um canto ou quarto escondido, geralmente o escritório do pai burguês, que seria fuzilado no socialismo, nos sentavam no sofá e nos beijavam. Garotas nessa idade eram muito autoritárias, intensas, safadas, curiosas. Não podíamos contestá-las. Volúveis, nos beijavam numa festa, mas, na seguinte, beijavam rapazes de outra escola. Beijamos garotas cuja fortuna daria para pagar a dívida de muitos países. E, apesar de tantas mulheres na minha casa, ninguém me ensinou como lidar com as garotas. Aprendi na marra.

Não tive muitos problemas com a polícia, comparado com amigos meus mais azarados (ou que aprontavam mais, ou que estavam com a droga errada, na quantidade errada, caminhando na hora errada ou de carro na estrada errada).

Em 1976, eu dirigia sem carteira pelo Rio de Janeiro uma moto trail 125 cc, emprestada do amigo Edu, quando um PM me parou na Bartolomeu Mitre, me levou para a delegacia da Humberto de Campos, 315, a 44a DP, e me deixou mofar por uma tarde, arbitrariedade comum, até me permitir telefonar para alguém. Eu não tinha andado mais que cinco quadras (ia ao Bob's). Liguei para o melhor amigo do meu pai, Fernando Gasparian, pai do Edu, que apareceu de terno e gravata, esbaforido. Conversou algo no pé de orelha com o

policial responsável. Fui liberado. Não entendi o que se passou. A moto ficaria mofando no pátio? Que nada. O mesmo PM que me deteve me deu a chave e virou as costas. Era para eu dar a partida e ir embora, o que demorei para entender. Mas, sim, senhor, obedeci. Fui embora dirigindo a mesma moto. Não iria desacatá-lo. Comprei um lanche no Bob's para o Edu. E nunca contei para a minha mãe a-de-vo-ga-da.

Aos dezoito anos, eu fazia uma viagem longa de busão e trem pela Argentina com um amigo. Acabou o dinheiro. Não tínhamos para a volta. Liguei para a minha mãe, ela deu um jeito. No dia seguinte, tinha uma grana numa loja de câmbio. Ela não me deu uma dura, não me perguntou como pude gastar todo o dinheiro, fazer uma viagem mal planejada. Acabou o dinheiro porque acabou o dinheiro, aprendi a lição e pronto. Minha relação com ela era de uma objetividade abismal. Uma relação ideal, para quem vivia num imbróglio jurídico sem parâmetros e não tinha tempo para uma futilidade chamada afeto. A menos italiana de todas deixava o filho fumar maconha dentro de casa; não na frente dela. E, sempre que eu fumava no quarto e ela chegava, reclamava do cheiro insuportável do incenso patchuli, que minhas irmãs hippies adoravam. Uma vez, não estava fumando e acendi um patchuli. Ela entrou e reclamou do cheiro de maconha que dava para sentir da rua. Não gostou muito de eu me mandar para Campinas para fazer Unicamp, mas não deixou de me financiar (pensão + passe de ônibus + comida do bandeirão + cigarros). Roupas, eu tinha herdado do meu pai.

Carnaval de 1978. Fiz uma viagem improvisada com amigos e amigas do antigo colégio. Pegamos um ônibus em São Paulo até Eunápolis, Bahia; dois dias de viagem. Depois, um coletivo até Porto Seguro. Atravessamos então um rio com uma balsa e fomos a pé, pela areia, umas três horas de caminhada, até uma vila que não tinha estrada, luz ou água encanada, Arraial d'Ajuda. Sonhávamos em passar o Carnaval na Bahia para curar tanto niilismo e desânimo, fruto do vazio existencial. Mas, naquela vila, que compreendia uma quadra e casinhas de pau a pique ao redor de um gramado, uma igreja, naquele fim de mundo, não tinha Carnaval. Tinha umas bandeirolas penduradas do último São João.

Dormimos na praia em Arraial, perto da bica d'água. No dia seguinte, subimos a ladeira de terra, interagimos, compramos comida. Foi quando as

garotas locais passaram a se interessar por nós, garotos de fora. Esquentamos o contato até a noite, para a hora do forró. Numa cabana, tocava forró ao vivo. Nada de vitrola. Havia outros estudantes e estrangeiros. A minha menina já tinha me escolhido, e eu, correspondido. A minha menina era uma das mais lindas que já vi. Era morena do sol, cabelos lisos, assanhada, de minissaia, cheirosa, vibrante. Ela dançava girando, me pegando, me acariciando o pescoço, sorrindo. Tinha tanto tesão nela, tanta malícia, que eu não sabia se conseguiria um dia largá-la, voltar para a estrada, a luz elétrica, a minha vida. Ela esbarrava de propósito as coxas nas minhas, encostava até o limite do permitido e do possível seu ventre no meu, passava a mão em mim. Ou era a menina mais encantada e apaixonada da terra, ou eu nunca tinha tido contato com a sedução em estado puro. E a pinga descia, descia, descia. Passamos a noite agarrados nos beijando debaixo de uma árvore. Me deu uma tontura demoníaca. Nunca tinha bebido tanto na vida.

No dia seguinte, acordei sozinho de ressaca no gramado. Encontrei meus amigos, que levantavam acampamento para marchar até Trancoso, para onde se ia a pé, pela praia, muito tempo caminhando, também sem luz elétrica, nada. Três decidiram ficar em Arraial. Eu fui um deles. Nos deixaram uma barraca.

Encontrei a minha menina à tarde na praia. Almocei na casa de alguém. À noite, mais forró, mais pinga. Ela me falou algo que eu não esperava:

— Com você estou descobrindo uma coisa que não conhecia, o sexo.

Eu não disse que comigo ocorria o mesmo. Me coloquei no altar de um homem muito experiente, um homem da cidade, onde as coisas de fato acontecem, e que tem muito a ensinar, a desbravar: um bandeirante! Foi na segunda noite que transamos em silêncio, em segredo. Ela não era virgem. Então como estava conhecendo o sexo comigo? Talvez quisesse dizer que comigo conhecia o tesão. Ou, pior, que comigo foi consentido. Ou que eu era a sua escolha, que ela enfim tinha feito sexo com alguém que ela queria. O amor de Carnaval foi verdadeiro. O tesão, nem se fala. Tinha muito mais carinho do que sexo em si. Éramos dois adolescentes em terras inóspitas, as primeiras avistadas pelos europeus em 1500. Um europeu e uma nativa. Uma pataxó!

No ônibus de volta a Eunápolis, senti uma ardência na uretra. No banheiro da rodoviária, vi pus saindo dela: DST! Não era possível! Corri para

uma farmácia lotada de surfistas, mochileiros e hippies, a única farmácia decente em quilômetros. Por sorte, um farmacêutico me atendeu com cuidado e privacidade. Me deu um antibiótico. Você vai urinar vermelho nos primeiros dias. Procure um médico depois.

De volta em São Paulo, comentei com a minha mãe que precisava de um médico. Pegara uma doença na Bahia de algum banheiro de estrada, alguma privada. Ela me levou ao seu clínico. Falei o mesmo, diante da minha mãe, que peguei algo na Bahia, de algum banheiro de estrada, alguma privada. Ele me levou a uma salinha anexa e me examinou. Eu estava curado pelo antibiótico de Eunápolis. Mandou que eu tomasse cuidado da próxima vez e me ensinou a colocar uma camisinha. Minha mãe pagou a consulta e não fez perguntas. Não sei se acreditou. Nem me mandou tomar cuidado da próxima vez. Nunca me mandou nada. Respeitava a minha privacidade como poucas mães respeitavam. O que não sei se é um elogio. Nunca mencionou um contraceptivo chamado camisinha. Quando minha irmã Babi ficou menstruada, foi minha irmã Eliana quem a levou ao ginecologista.

Aprendi quase tudo sozinho. Fui para a Unicamp. Virei um duro feliz, que morava em repúblicas mistas sem TV, telefone ou carro. Morava em edículas, em quartos pequenos e úmidos, em casas com rato, problemas na fiação, encanamento, telhado. Andava de carona, a pé. Livros eram o maior luxo. Os que não encontrava na estante da minha mãe, eu comprava em sebos. Jornais, eu lia os de um centro acadêmico. E nunca senti falta de conforto.

Uma vez apenas dinheiro fez falta, no começo de 1979. Eu ia para o terceiro ano da Unicamp. Minha namorada de dezoito anos engravidou. Eu morava em Campinas, e ela, em São Paulo. Eu tinha dezenove anos, vivia da mesada apertada da mãe, dava aulas particulares de física e matemática, trabalhava nas férias para um tio, numa empresa de exportação e contêineres, tocava em barzinhos e shows universitários, e não tinha nenhum bem, nada de posses, nada de nada.

O elemento Marcelo Paiva, universitário, morador de uma república estudantil em Campinas, na rua Carolina Florença, afirma ser namorado da ex-colega de escola, não presente ao plantão, moradora da Cidade Jardim, São Paulo, capital. Por paixão, afirma o declarante, ela engravidou. Bobearam, contou. Num fim de semana na praia, na casa de amigos, a lua estava demais, a

paixão era demais, tesão transbordando, rolou, escapou, afirma o declarante supraqualificado. A família dela é muito conservadora. Ele pesquisou, queria o melhor para a namorada, descobriu que havia tipos diferentes de aborto, queria o mais seguro, caríssimo, o de sucção, ele não teria dinheiro para pagar, mas tranquilizava a namorada. Corria contra o tempo. Pediu para a pessoa mais improvável, mas que ele sabia que era com quem mais podia contar. Pediu para a sua mãe, Eunice Paiva, moradora do Jardim Paulista, São Paulo, capital; explicou o propósito do empréstimo. Ela nem pensou duas vezes. Não deu lição de moral, uma dura, não reagiu emocionalmente, usou a razão, como sempre. Desta vez, afirma o declarante, gostou de ver que a mãe, apesar de origem italiana, raciocinou como o filósofo grego de nome Aristóteles. Deu o dinheiro, apoio, e ainda exigiu o melhor. Avisaram a família da namorada que iam viajar. Foram à clínica no Itaim, indicada pelo ginecologista da mãe. O garoto ficou apavorado quando a namorada entrou com a enfermeira. Esperou horas num sofá. Levou-a para a casa da mãe dele. O meliante não dormiu, preocupado, segurando a mãozinha dela. A moça passa bem, apesar do trauma. A mãe nunca mais tocou no assunto. O flagrante não foi realizado.

Minha mãe era assim: não me deu uma dura por engravidar a namorada, me deu uma força para resolver o problema. Minha mãe não era minha amiga. Não saíamos juntos. Não bebíamos ou fumávamos juntos. Eu não falava para ela do que vi e vivi. Era minha mãe. E, na urgência... Não sei se tratava as minhas irmãs com o mesmo padrão moral. Acho que não. Minha mãe era machista. Topava as maluquices e irresponsabilidades do filho homem. Não as das meninas.

No fim de 1979, sofri um acidente. Quando acordei na UTI, eu estava paralisado do pescoço para baixo. Ela ficou do meu lado.

Mas aí é outro livro.

Parte 2

Merda de ditadura

O golpe de 64 começou mesmo em 25 de agosto de 1961, quando Jânio renunciou de surpresa. Os militares e a direita sentiram que se abria a oportunidade perdida antes, abortada com o suicídio de Getúlio. Meus pais estavam em Moscou. Era uma época em que muitos iam à União Soviética conhecer a “tecnologia de ponta” e as propagandas maravilhas do mundo socialista. O que mais chamou a atenção da minha mãe era que em cada andar do hotel havia uma gerente mulher, que mandava, e ninguém aceitava gorjeta, vício capitalista. No hotel, viram na TV que falavam do Brasil, viram fotos de Jânio, mas não entenderam nada. Acontecera algo sério. Meu pai pegou um táxi e foi encontrar estudantes brasileiros, que lhe traduziram as notícias surpreendentes.

Na volta, gastou toda a poupança da família, que morava de aluguel, investindo na sua campanha a deputado federal de 1962. Não fazia oito anos que ele tinha saído da faculdade. Vendeu o único terreno que tínhamos, no Jardim América, em São Paulo, numa esquina da rua Groenlândia. Aos trinta e três anos, com cinco filhos pequenos (a menor com dois aninhos) e uma empresa polivalente de engenharia, decidiu arriscar. Idealista, ex-líder estudantil, achou que podia contribuir para mudar o Brasil. Nunca foi perdoado pela minha mãe. Foi eleito e cassado em 1964. Quando morreu, em 1971, por causa da política, vivíamos ainda numa casa alugada.

Em 1964, meu pai era deputado federal do PTB. Tinha um apê em Brasília. Grande chance de nos mudarmos para lá. Era um apê funcional, amarelo, baixo e comprido, com uma área aberta de lazer que lembrava uma praça. Cidade espaçosa, arejada, desértica, com esculturas incríveis no meio do nada. Seria divertido nos mudarmos para lá. Seria diferente. Brasília era um descampado. Se não fosse o golpe, será que eu me criaria em Brasília? O que

seria de nós sem o golpe? O que seria do Brasil? Seria possível o Brasil resistir à tendência dos anos 60-70, quando países do continente se transformaram em ditaduras de direita, peças do jogo de dominó da Guerra Fria?

Todo mundo que era contra a ditadura era comunista. Todos se tornaram suspeitos, subversivos em potencial. O comunista estava na fronteira, atrás da porta, na sombra, na igreja, na escola, no cinema, no teatro, na música, no Exército, o comunista vendia pipoca, estava disfarçado em balés, óperas, podia ser seu vizinho, podia estar debaixo da sua cama, poluir o reservatório de água, dopar os bebedouros. Os comunistas tomariam o poder. Até os não comunistas eram comunistas disfarçados, foram doutrinados, sofreram lavagem cerebral. Muitos que, em 1964, conspiraram com os militares, na missão de impedir que comunistas tomassem o poder e o Brasil se transformasse numa diabólica ditadura do proletariado, perceberam a manobra e foram acusados pelos anticomunistas de ligações com comunistas.

Muita reza era necessária para impedi-los de se aproximar de nossas famílias e de nossos bens. Jesus era anticomunista. Deus era anticomunista. Jesus, Deus, o Espírito Santo, José e Maria, Nossa Senhora de Aparecida, o papa, todos os papas foram anticomunistas e nos salvariam. A ditadura foi um golpe civil com ajuda militar para tirar um grupo político do poder, o golpe dos governadores do Rio, de São Paulo e Minas. O primeiro ato da ditadura, o Ato Institucional n. 1 (AI-1), foi baixado pela Junta Militar em 9 de abril de 1964. Cassaram os líderes trabalhistas João Goulart, Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, parte da bancada do PTB, como Almino Afonso e o meu pai, o ex-presidente Jânio Quadros, o governador Miguel Arraes, o deputado católico Plínio de Arruda Sampaio, o economista Celso Furtado, o jornalista Samuel Wainer e até o presidente da Petrobras, marechal Osvaldo Alves. Nenhum deles era comunista.

A intenção do golpe de 64 era impedir o avanço comunista no Brasil e restaurar a democracia em dois anos. Não demorou muito, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, candidato favorito à reeleição, foi cassado, acusado de corrupção e de colaborar com comunistas. No primeiro teste eleitoral, em 1965, não foram eleitos os candidatos dos militares em Minas Gerais e Guanabara. Baixaram o AI-2. Partidos políticos foram extintos. O Poder Judiciário sofreu intervenção. Reabriram processos de cassação. Carlos Lacerda,

governador do Rio, então aliado, foi surpreendentemente cassado. Logo ele, quem mais discursou a favor do golpe. O golpe dos governadores se tornou um golpe apenas dos militares.

O novo partido da situação, Arena, não engrenava. Seria derrotado nos estados mais populosos. A paciência dos militares se esgotou: o AI-3 foi baixado, determinando que a eleição de governadores seria indireta, executada por colégios eleitorais, e que os prefeitos das capitais, estâncias e cidades de segurança nacional seriam nomeados. O AI-4, do mesmo ano, revogou definitivamente a Constituição de 1946 e proclamou outra. O golpe não tinha projeto. Tinha ocasiões.

Brasília, 13 de dezembro de 1968: 147º ano da Independência e octogésimo da República. É baixado o ato institucional no 5, assinado pelo presidente general Costa e Silva e todo o seu ministério, inclusive juristas, numa reunião solene. Na mesma noite, anunciaram para um país atônito, em cadeia de rádio e televisão: o AI-5 suspendia as garantias constitucionais promulgadas no AI-4. É uma obra-prima da contradição. Usa a ameaça à democracia como argumento para endurecer o regime, uma aberração jurídica, incongruência em que todo regime autoritário se baseia (para defender a liberdade, precisamos acabar com ela).

Está no texto: para os militares, a “Revolução Brasileira de 31 de março de 1964”, como chamavam o golpe, visava dar ao país um regime que “assegurasse autêntica ordem democrática, baseada na liberdade, no respeito à dignidade da pessoa humana, no combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições de nosso povo, na luta contra a corrupção”.

Atos “nitidamente subversivos, oriundos dos mais distintos setores políticos e culturais” estavam servindo de meios para combatê-la e destruí-la (a democracia):

Se torna imperiosa a adoção de medidas que impeçam os ideais superiores da Revolução, preservando a ordem, a segurança, a tranquilidade, o desenvolvimento econômico e cultural e a harmonia política e social do país comprometidos por processos subversivos e de guerra revolucionária.

O ato institucional determinava a

suspensão dos direitos políticos; suspensão do direito de votar e de ser votado nas eleições sindicais; proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política; aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança: liberdade vigiada; proibição de frequentar determinados lugares; domicílio determinado.

O presidente da República poderia, mediante decreto, demitir, remover, aposentar empregados de autarquias, empresas públicas ou sociedades de economia mista, demitir, transferir para a reserva ou reformar militares ou membros das polícias militares. Poderia decretar o estado de sítio e prorrogá-lo, fixando o respectivo prazo. Ficava suspensa a garantia de habeas corpus nos casos de crimes políticos contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

O golpe sofreu um golpe. A ditadura se impôs sobre a ditadura. Ela encontrou o seu projeto e se firmou. Elio Gaspari a dividiu em quatro fases: Envergonhada, Escancarada, Derrotada e Encurralada. O AI-5 a escancarou. Não existe uma só ditadura, não existe um só golpe de 64. Nem se sabe a data correta: 31 de março ou 1º de abril?

Nos tempos da ditadura, não se discutiam os grandes investimentos. Militares construíram uma usina nuclear com tecnologia obsoleta, numa região de difícil evacuação, e duas estradas paralelas ao rio Amazonas, a Transamazônica e a Perimetral Norte, e que foram tomadas pela floresta anos depois, devastando nações indígenas, estatizaram companhias telefônicas e de energia. Colaboraram para o desmantelamento da malha ferroviária brasileira. Editores de livros, como Ênio Silveira e Caio Prado, foram presos. Jornalistas, como toda a redação do *Pasquim*, entre eles o fanfarrão Paulo Francis, foram presos. Até escritores no início simpáticos ao golpe, como Nelson Rodrigues e Rubem Fonseca, foram censurados. Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos, tiveram os cabelos raspados e foram expulsos do Brasil. Raul Seixas foi convidado a se retirar, depois de gozar o regime com “Eu sou a mosca que pousou em sua sopa”. Chico Buarque se exilou. Teatros foram depredados; atores, espancados. Parte da classe teatral, como Zé Celso e Augusto Boal, foi embora. Glauber Rocha também se mandou.

O contrabando e o jogo do bicho se associaram a agentes da repressão e se fortaleceram. O crime organizado nasceu. A promiscuidade entre polícia e

bandido, tema do filme *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, consolidou-se. O Comando Vermelho surgiu num presídio da ditadura. Em 15 de março de 1985, ao terminar, ela deixou uma inflação que virou hiper (a acumulada de 1984 foi de 223,90%), uma moeda desvalorizada (um dólar valia 4160 cruzeiros) e uma dívida externa que nos levou à moratória (o FMI suspendeu em fevereiro de 1985 o crédito ao Brasil, que não cumprira as metas depois de sete tentativas). Outra herança: o desmantelamento do ensino público.

O Brasil talvez tenha sido vítima de uma das maiores farsas da história: nunca correu o risco de virar comunista. Muitos apontam o golpe como resultado da instabilidade institucional e desordem provocadas pelo próprio governo João Goulart. O Brasil vivia um conflito ideologicamente polarizado. Greves como a dos marinheiros, sublevação de tropas, comícios com bandeiras do PCB e palavras de ordem radicais assustaram parte da sociedade. A conspiração se generalizou e atravessou fronteiras. Mas o único que respeitou as regras estabelecidas foi justamente ele, o desordeiro Jango, latifundiário acusado de ligações com comunistas. Ele pode ser acusado de frouxo por uns, inábil por outros. Não resistir e fugir do Brasil no dia 2 de abril decepcionou aliados. Incendiar com palavras e gestos um ambiente já volátil atçou a conspiração. Mas, do começo ao fim, ele cumpriu a lei.

Na prisão, dez anos depois da viagem a Moscou, minha mãe teve que explicar várias vezes o que ela e o marido faziam ali e por que meu pai se encontrou com estudantes.

Você conhece a história. Jango, vice-presidente, estava na China. Os ministros da Marinha, Exército e Aeronáutica ameaçaram derrubar o avião, caso voltasse. Tentou-se a conciliação: mudar o regime político brasileiro. Em setembro de 1961, o Brasil virou parlamentarista. Tancredo Neves, o primeiro-ministro. Em 1962, eleições renovaram o Congresso. Meu pai foi eleito deputado. Convocou-se um plebiscito para definir se o país voltaria ao regime anterior. O presidencialismo ganhou de lavada. Jango tomou o poder de fato e direito. Tinha dois anos para governar. A eleição seguinte à presidência, de 1965, estava garantida e seria uma barbada: como já disse aqui, Juscelino, popular, ganharia com folga.

Foi lançado o Plano Trienal: reformas institucionais para controlar o déficit público, manter a política desenvolvimentista, instaurar a reforma fiscal

para aumentar a arrecadação do Estado e limitar a remessa de lucros para o exterior, reforma bancária para ampliar acesso ao crédito de produtores, nacionalização de setores de energia elétrica, refino de petróleo e químico-farmacêutico, direito de voto para analfabetos e militares de patentes subalternas, desapropriação das áreas rurais inexploradas nas margens das rodovias e ferrovias federais, reforma educacional para combater o analfabetismo com o método Paulo Freire, abolição da cátedra vitalícia.

Uma pesquisa feita na época pelo Ibope (e encontrada recentemente) mostra que 59% dos entrevistados eram a favor das medidas e 49,8% admitiram que votariam em Jango se ele pudesse se candidatar à reeleição.

Jango se aproximou dos empresários, para dar uma acalmada no mercado. Nomeou Carvalho Pinto ministro da Fazenda. Sargentos se revoltaram contra a lei que os tornava inelegíveis. Jango não os puniu. Um mês depois, ameaçou decretar estado de sítio. Para a direita, era um golpe que ele preparava. Desistiu. A polarização empacava as reformas. Em 25 de março, marinheiros e fuzileiros se rebelaram. O presidente os apoiou; o fim de seu governo estava selado.

O embaixador norte-americano Lincoln Gordon recomendou remessa clandestina de armas e petróleo e sugeriu que o governo americano preparasse uma intervenção. O presidente Lyndon Johnson autorizou o envio de uma frota ao Brasil. A missão: invadir Pernambuco se houvesse resistência. Golpistas receberam o sinal verde da Casa Branca.

20 de março de 1964. O general Castelo Branco, com prestígio na tropa, informou a oficiais do Exército que aderiria ao golpe iminente. Foi a senha de que os conspiradores precisavam.

31 de março. O general Olímpio Mourão Filho iniciou a movimentação de tropas em Minas Gerais, incentivado pelo governador Magalhães Pinto.

1º de abril. Jango foi a Brasília e, depois, para o Rio Grande do Sul.

2 de abril. Numa manobra da mesa do Congresso, declarou-se a vacância do cargo, apesar de o presidente estar ainda em Porto Alegre, não exilado. Brasília foi cercada pelo Exército. Uma junta tomou o poder: o general Costa e Silva, o tenente-brigadeiro Correia de Melo e o vice-almirante Rademaker Grünewald. Em dois dias, sem derramar uma gota de sangue, um golpe derrubou um governo popular, respaldado pela Constituição.

Meu pai, jovem deputado, montou a Rede da Legalidade. Na Rádio Nacional, gravou o discurso, convidando outras rádios a aderirem ao movimento. Mas as organizações dos trabalhadores marcaram uma greve geral contra o golpe. Não se marca uma greve num golpe. É preciso ter a infraestrutura da resistência, especialmente transporte coletivo. Ele disse na gravação, encontrada em 2014 nos arquivos da Rádio Nacional (há quarenta e três anos nós não ouvíamos a sua voz):

Me dirijo especialmente a todos os trabalhadores, todos os estudantes e a todo o povo de São Paulo tão infelicitado por este governo fascista e golpista que neste momento vem traindo seu mandato e se pondo ao lado das forças da reação. Estejam atentos às palavras de ordem que emanarem aqui da Rádio Nacional e de todas as outras rádios que estejam integradas nesta cadeia da legalidade. Julgamos indispensável que todo o povo se mobilize tranquila e ordeiramente em defesa da legalidade, prestigiando a ação reformista do presidente João Goulart, que neste momento está com o seu governo empenhado em atender todas as legítimas reivindicações de nosso povo. Está lançado inteiramente para todo o país o desafio: de um lado, a maioria do povo brasileiro desejando as reformas e desejando que a riqueza se distribua; os outros são os golpistas, que devem ser repelidos, e, desta vez, definitivamente, para que o nosso país veja realmente o momento da sua libertação raiair.

Minha mãe acompanhava de São Paulo os acontecimentos. No dia 2, surgiram boatos de que haveria prisões. Ela logo pensou no marido. Brasília estava ainda sob uma ilusória e temporária vida democrática. Instituições funcionavam. Reuniões pela cidade buscavam o que fazer. Ninguém acreditava no golpe, que pairava havia dois anos, mas que agora se tornava um fato. Era celebrado pela grande imprensa e por muitos civis. Era apoiado pela Igreja. Basta! Chega de baderna comunista! As centrais sindicais não reagiram. Os estudantes sumiram. A UNE foi incendiada.

Minha mãe conseguiu falar com o meu pai pelo telefone, e ele a tranquilizou. Morávamos na alameda Tietê, num sobrado de classe média. Ela, teimosa, não pensou duas vezes, chamou a minha avó Olga, nossa babá-chefe, e foi para o aeroporto. Lá, uma confusão. Voos eram cancelados. O aeroporto estava cercado. Gente querendo embarcar às pressas. Ela conseguiu uma passagem para o dia seguinte. Dormiu com centenas de passageiros amedrontados numa ala sem luz. Dormiu vendo as sombras de militares nas

paredes. Embarcou sem comer, num dos poucos voos comerciais que partiram para Brasília.

Chegou numa capital estranhamente calma. Calma demais. Nada de tropas à vista. Nada de tanques, como em São Paulo, em Minas e no Rio; nada de jipes do Exército arrastando presos, como no Recife. Ela pegou um táxi e foi até o nosso apartamento funcional, onde nunca moramos nem moraríamos. Pelo telefone, encontrou meu pai no Congresso, ele estava afobado, num corre-corre. Foi rapidamente vê-la. Disse que estava tudo sob controle. Mas não estava, estava na cara que não. Quando foram dormir, ele lhe deu um revólver que ela nem sabia que ele tinha, explicou rapidamente seu funcionamento e pediu que não se desgrudasse dele. Foi a primeira vez que minha mãe segurou uma arma. Passou a noite com o dedo no gatilho. Dormiu com ele no colo. Dormiram cada um com um revólver, numa capital em suspense, atordoada, sem comando, sem governo, cercada. Uma vez perguntei se ela teria tido coragem de usá-lo.

— Claro — respondeu. — Se alguém entrasse por aquela porta, eu atirava.

Meu pai conhecia Brasília. O Plano Piloto estava entalhado na palma da sua mão. Como jovem engenheiro, foi um dos seus construtores. Montou uma lona de circo para abrigar a peãozada e construiu pontes e viadutos, sua especialidade. Quantas vezes não passei debaixo de pontes dos acessos ao Eixo Monumental e imaginei se ali não estava uma obra do meu pai. Existe uma foto dele, anônimo, com JK e trabalhadores. Está sujo dos pés à cabeça, com um chapéu de palha e um sorriso que demonstrava o orgulho de fazer parte daquela grande empreitada.

Como piloto de avião, conhecia também as rotas de fuga, os campos de pouso improvisados, e tinha contatos com o PCB, que, historicamente, era quem mais sabia tirar gente clandestina do Brasil, pela terra, pelo mar ou pelo ar.

Enquanto o golpe se consolidava, rolavam reuniões nas casas da cúpula do governo Jango. Decidiam quem deveria fugir, com qual urgência e como. Notícias de que haveria prisões saíam já na imprensa, que festejava o golpe. Com o teco-teco de um amigo, meu pai tirou de Brasília Darcy Passos e Waldir Pires, do primeiro escalão do governo. Levaram a faixa presidencial de birra.

Quando o general Castelo Branco tomou posse, tiveram que confeccionar outra.

Minha mãe voltou para São Paulo. A reação popular não veio. Ele esperou os acontecimentos. Veio o pior, o ato institucional que o cassou. Foi um corre-corre. Muitos se exilaram em embaixadas recém-inauguradas na cidade. Mas ele decidiu fugir de Brasília. Não sei onde, mas sei que um pequeno avião foi buscá-lo numa pista de pouso antiga, dos antigos construtores da cidade. Ele foi no Fusca dirigido por um aliado, que ficou na estrada vicinal ao aeroporto. O aviãozinho pousou, mas não parou, taxiou de motor ligado e com a porta aberta até a cerca, de onde meu pai apareceu, pulou, correu e entrou. O avião decolou. Mas a torre de controle viu tudo, mandou voltarem, caso contrário abateriam a aeronave. Ele quis continuar. O piloto implorou para voltarem. O golpe estava mais organizado do que antes. Caças sobrevoavam Brasília, tanques a cercavam. Havia baterias antiaéreas nas redondezas. Partiram para o plano B. Deram a volta, pousaram, mas de novo o piloto taxiou até a cabeceira, abriu a porta, e meu pai correu em zigue-zague para a cerca até o mesmo Fusca, que o esperava de motor ligado. Soldados foram na sua direção, ele corria, eles atiraram, balas passaram rente, ele se agachou e rastejou até o carro, aceleraram, fugiram, entraram no setor das embaixadas, ele correu de novo e pulou o muro da embaixada da Iugoslávia, onde já estava parte dos seus amigos cassados. Embaixada escolhida por ele, numa reunião preliminar, pois tinha piscina, era novinha em folha, recém-inaugurada pelo próprio presidente Tito, que, apesar de liderar um país comunista, angariou simpatias por aqui por não ser alinhado ao stalinismo, ser independente da URSS, ser o queridinho do Ocidente.

Eu sempre pedia para o meu pai contar e recontar essa história para meus amigos. Era incrível imaginar um cara meio gordo, sempre de sapato, terno e gravata, com abotoaduras, meio sedentário, num momento cinematográfico, heroico. Ele recontava obedecendo à mesma linha narrativa. Mas dizia que atiravam para o alto, que eram revólveres fajutos, que não queriam matá-lo de verdade. Pode ser. O golpe foi desferido sem vítimas fatais. O fato é que eu tinha orgulho dele. Não tinha o perfil dos meus heróis da TV ou dos gibis, mas teve o seu momento de fugir sob balas. Poucos tinham um pai assim.

Da embaixada, ele nos escreveu uma carta emocionada, que guardo até hoje, na minha pasta de documentos importantes. Nos chamava pelos apelidos

que ele nos deu. E procurava explicar a conjuntura política para os filhos de três (Babiu) a nove anos (Veroca). Claro, no tom de desabafo. A carta vinha com uma ironia: o brasão da Câmara dos Deputados no papel timbrado.

Verinha, Cuchimbas, Lambancinha, Cacazão e Babiu.

Recebi suas cartinhas, desenhos etc., fiquei muito satisfeito de ver que os nenês não esqueceram o velho pai. Aqui estou fazendo bastante ginástica, fumando meus charutos e lendo meus jornais. É possível que o velho pai vá fazer uma viagenzinha para descansar e trabalhar um pouco. Vocês sabem que o velho pai não é mais deputado? E sabem por quê? É que no nosso país existe uma porção de gente muito rica que finge que não sabe que existe muita gente pobre, que não pode levar as crianças na escola, que não tem dinheiro para comer direito e às vezes quer trabalhar e não tem emprego. O papai sabia disso tudo e quando foi ser deputado começou a trabalhar para reformar o nosso país e melhorar a vida dessa gente pobre. Aí veio uma porção daqueles muito ricos, que tinham medo que os outros pudessem melhorar de vida e começaram a dizer uma porção de mentiras. Disseram que nós queríamos roubar o que eles tinham: é mentira! Disseram que nós somos comunistas que queremos vender o Brasil: é mentira! Eles disseram tanta mentira que teve gente que acreditou. Eles se juntaram — o nome deles é gorila — e fizeram essa confusão toda, prenderam muita gente, tiraram o papai e os amigos dele da Câmara e do governo e agora querem dividir tudo o que o nosso país tem de bom entre eles que já são muito ricos. Mas a maioria é de gente pobre, que não quer saber dos gorilas, e mais tarde vai mandar eles embora, e a gente volta para fazer um Brasil muito bonito e para todo mundo viver bem. Vocês vão ver quer o papai tinha razão e vão ficar satisfeitos do que ele fez.

O velho pai tinha trinta e cinco anos. Queria se justificar para os filhos que, na escola, nas ruas, podiam ouvir que o pai era um comunista. Revelava um otimismo peculiar: todos ali imaginavam que o golpe não duraria muito. Pela lógica e roteiro escrito pelos próprios golpistas, eles devolveriam o poder aos civis em 1966, numa eleição ganha por um JK ainda não cassado. Meu pai não imaginava que duraria vinte e um anos. E que só vinte e seis anos depois teríamos uma eleição direta para presidente. Que o terror seria uma rotina e prática do Estado a partir de 1968, com o AI-5. E que ele estaria sob tortura seis anos e meio depois. Morrendo. E que seu corpo desapareceria.

Minha mãe fez as malas, dessa vez com toda a família. Nos hospedamos no apartamento funcional do deputado cassado. Ele estava exilado na embaixada, e nossa família, em Brasília, com direito a passeios turísticos.

Nas primeiras noites, os novos hóspedes, exilados, dormiram no chão da embaixada inaugurada havia meses e ainda não decorada. Depois arrumaram camas de acampamento e se cotizaram para comida e sabonetes. Ficaram meses assim. Os familiares e amigos podiam entrar e sair pelos portões livremente. Os exilados, nem pensar.

Brasília era um descampado, ensolarada e fria, estranhamente fria. Era um cerrado com clima de deserto, uma cidade de concreto escultural num planalto. Minha mãe pegou uma procuração do meu pai e passou a ser, pela primeira vez, mãe-pai, o que se repetiria ao longo da vida. Nos levava a passeios turísticos, à praça dos Três Poderes, à catedral, tirávamos fotos, ela cuidava de duas casas, a de São Paulo e a da capital, íamos para a embaixada, um prédio interessante, bonito, de concreto aparente, moda na época, com uma fachada toda envidraçada voltada para o lago Paranoá, no Setor de Embaixadas com poucas embaixadas; a maioria ainda permanecia na antiga capital, Rio de Janeiro. Tinha um belo jardim, em que nós, crianças, brincávamos. Em maio fizeram minha festa de aniversário de cinco anos nela. Estou de estrela de xerife, com um chapéu e um revólver de espoleta no coldre. Apareço brincando com os filhos do Almino. Reconheço a Gláucia. Cara de índia. Meu pai está bem mais magro. Minha mãe faria trinta e cinco anos. A vida recomeçando. E que vida...

Só em junho, três meses depois, o governo deu salvo-conduto. Meu pai pôde enfim deixar o Brasil, partiu para o exílio: primeiro a Iugoslávia, depois Paris. Sem os passaportes brasileiros, que não foram entregues. Viraram todos cidadãos iugoslavos, com direito a passaporte iugoslavo, com o qual viajaram por todo o exílio.

Não sabíamos se iríamos também. Ninguém sabia se a ditadura duraria. Poucos levaram a família toda. Alguns foram e deixaram a família, que depois se reuniu com eles na Argélia, na França, no Uruguai, no Chile. Meu pai não se decidia. Ficou meses na Iugoslávia e depois na França.

Ainda em 1964, pegou em Paris um voo para o Uruguai que fazia escala no Rio. Olhou a porta do 707 aberta no Galeão, a escada, chamou a aeromoça e disse que ia comprar charutos. Desceu do avião tranquilamente. Andou pela pista enquanto o avião era reabastecido. Foi andando por corredores de um aeroporto dos anos 60, sem os esquemas de segurança de hoje. Andou por

lojas, circulou pelo desembarque, viu as portas abertas. Não perdeu a oportunidade. De repente, estava na calçada do aeroporto. Deixou sua bagagem para trás, pegou um táxi até o Santos Dumont. Pegou uma ponte aérea. Apareceu em São Paulo, na nossa casa da alameda Tietê de surpresa. Minha mãe quase teve um enfarto.

Ficamos ainda dois anos em São Paulo, antes de nos mudarmos para o Rio, para a casa alugada do Leblon.

É a peste, Augustin — Perdão, tenho que morrer

Morávamos numa casa de dois andares, na esquina da rua Delfim Moreira com a Almirante Pereira Guimarães, em frente à praia. Na época, uma transversal tranquila, com casas de classe média e sobrados, onde crianças brincavam e jogavam bola na rua. Num dia em que eu jogava com os novos amigos, minha mãe me viu e gritou da janela:

— Seu vigarista, venha terminar o dever!

Riram muito da palavra “vigarista”. Acho que a maioria não sabia o significado. Nem eu. Pelo tom, sacamos que era algo que se diz a alguém que quebra uma promessa e deixa os outros irritados. Eles ficaram repetindo, “Vigarista!”, “Vigarista, Vigarista!”. O apelido pegou. Até nisso ela era sofisticada. Enquanto a maioria tinha apelidos simples, Teco, Neco, Caco, o meu vinha de uma palavra sofisticada, que enrolava na boca. Era a cara da minha mãe inspirar um apelido impronunciável. Com o tempo, virou Viga.

A casa do Rio era um entra e sai rotineiro de amigos: dos meus pais, que deixavam suas coisas e iam à praia; das minhas quatro irmãs; paqueras e apaixonados; amigos meus do time de rua, que jogavam entre os portões dos vizinhos e passaram a me chamar de Viga.

No dia 20 de janeiro, feriado da cidade, fazia bastante sol, ou, como dizem os cariocas, “deu praia”. Meu pai tinha saído cedo para caminhar na orla com Raul Ryff, que também voltara do exílio e era nosso vizinho, confidente e correspondente de um jornal inglês. Andava preocupado. Sabia que seu nome tinha vazado, que a repressão sabia que ele e Gasparian ajudavam garotos procurados pela polícia. Um deles foi preso com um cheque da firma do Gaspa. Gaspa soube, avisou meu pai e se exilou com a família em Londres.

Não sei o que passava pela cabeça do meu pai. Ele sabia que o cerco apertava. Apesar de não estar envolvido diretamente com a luta armada,

escondia gente, dava dinheiro, ajudava os mais desesperados, trocava informes, viajava e fazia contato com brasileiros no exílio, lideranças do governo deposto, denunciava tortura, prisões arbitrárias, censura, tinha amigos correspondentes estrangeiros, como muitos da esquerda brasileira, ou democratas, ou enjoados com o terror praticado pela ditadura, ou traídos por ela, que davam dinheiro, ajudavam os perseguidos, faziam contatos, denunciavam arbitrariedades de um regime de terror. Ele andava tenso, queria dar um tempo, se dedicar mais à família; dizia isso aos amigos. Estava na cara que deveríamos ter partido para o exílio. Todos se foram. Era a lógica para alguém visado. Partidos de esquerda se esfacelaram no começo do golpe. Até partidos de esquerda contra a luta armada estavam sendo esmagados pela ditadura depois do AI-5. A pergunta: por que ele atrasou tanto a nossa partida? Arrogância? Confiança? Dever ideológico?

Tinha comprado um terreno gigantesco de uma pedreira falida no sovaco do Cristo, no Jardim Botânico, um achado típico de engenheiro. Faria a nossa casa lá, finalmente uma casa com escritura, sua, da família. Passávamos horas na sua prancheta desenhando a casa, cada um com seu quarto, com seu banheiro, com varanda. Haveria um campo de futebol no gramado. Tinha espaço para tudo. O projeto estava só no papel. Visitávamos o terreno. Tinha uma jaqueira enorme no meio. Por meses, a única coisa que desfrutamos dele foi sua jaca.

Entrou como sócio numa firma de fundação. Se não podia atuar politicamente, como engenheiro estava trabalhando como nunca. Foi o engenheiro responsável de um bairro popular na Pavuna, ao lado do que hoje se chama Vila Rubens Paiva. Fazia as fundações dos novos prédios do Recreio e da Barra, torres redondas e futuristas, em bairros que sofreriam um boom depois da inauguração do túnel que ligaria a Zona Oeste à Zona Sul. Túnel que hoje tem o nome de Zuzu Angel, cujo filho foi morto e torturado pela mesma equipe que matou o meu pai.

O sensato seria nos mudarmos para Londres ou Paris. Minha irmã Vera passava férias em Londres. Deveríamos ter ficado dois ou três anos por lá, como fez o Gasparian. Meu pai perdeu o timing. Onipotência e teimosia que minha mãe nunca perdoou. Queria lutar quixotesicamente numa guerra já perdida. Arriscou a família. Tinha cinco crianças. E tenho certeza de que, destroçado pela tortura, deve ter pensado nisso. Sabendo que a minha mãe e a

minha irmã Eliana estavam nas mesmas dependências do DOI-Codi em 21 de janeiro de 1971, de capuz, prontas para os torturadores caírem em cima, sabendo que minha mãe e irmã não tinham a menor ideia do que faziam ali, ele deve ter sofrido, ele, o irredutível inconformado, que não soube tomar as precauções devidas. Inimaginável o seu sofrimento. Talvez a dor da tortura não chegasse aos pés da descoberta de que tomou decisões erradas, arriscou a vida da mulher e dos filhos, crianças ainda. Deve ter sido a sua derradeira tortura.

Quem tem um filho faz de tudo para se preservar, para dar suporte e acompanhar o crescimento daquele que mais ama. O que eu fiz? Por quê? Onde você estava com a cabeça? Agora não dá para voltar atrás. Agora não dá para fazer nada. Agora não dá para evitar a dor. Agora não dá para salvar minha família. Agora não dá para fugir da morte. Eu vou morrer, sinto que vou, espero que me perdoem. O que fiz prova minha vulnerabilidade, falhas do meu caráter, que pôs tudo a perder e causa muito sofrimento. Não tenho palavras, Eunice, Verinha, Cuchimbas, Lambancinha, Cacareco, Babiú... Perdão. Não verei mais vocês crescerem, não estarei mais ao lado de vocês, não consigo mais proteger vocês, não vou mais brincar com vocês, escutar suas risadas, correr atrás, nadar, não acompanharei vocês na escola, nossa casa maluca não sairá do papel, não saberei que faculdade farão, que diploma pegarão, não acompanharei vocês na vida profissional, não conhecerei seus filhos, meus netos, não verei meus netos crescerem, não estarei ao lado deles, não os protegerei, não vou brincar com eles, escutar as risadinhas, correr atrás, nadar, não acompanharei eles na escola, e como é triste saber que tudo isso acaba, que meu momento com vocês foi tão curto, que não pude aproveitar mais, e me arrependo, me arrependo de não ter passado tempo apenas com vocês, que pena que estou indo embora, que triste que não posso ficar, não me deixam ficar, é inevitável que eu vá, eu não queria, eu não queria, estou tão triste. Tenho que morrer agora.

Morreu repetindo o seu nome. Meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva...

Dizem que foi torturado ao som de “Jesus Cristo”, de Roberto Carlos, música que a minha irmã Eliana se lembra de ter escutado enquanto estava lá:

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo, eu estou aqui
Toda essa multidão
Tem no peito amor e procura a paz
E apesar de tudo
A esperança não se desfaz

Meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva, meu nome é Rubens Paiva...

Jesus Cristo! Jesus Cristo!
Jesus Cristo, eu estou aqui
Olho no céu e vejo
Uma nuvem branca que vai passando
Olho na terra e vejo
Uma multidão que vai caminhando

14 de julho de 2013. Rocinha, Zona Sul carioca. Amarildo Dias de Souza, pedreiro, foi preso por policiais militares, levado até a sua casa e depois para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) instalada na Rocinha.

No Leblon, Zona Sul carioca, meu pai, engenheiro, foi preso por militares em casa e levado a unidades da Aeronáutica e depois do Exército.

Amarildo era casado com a dona de casa Elizabeth Gomes da Silva e pai de seis filhos.

Meu pai era casado com Eunice Paiva, dona de casa, e tinha cinco filhos.

Não se tem notícias do paradeiro de ambos.

Para a polícia, traficantes da comunidade são os principais suspeitos do desaparecimento de Amarildo. Para o Exército, terroristas sequestraram meu pai enquanto militares faziam reconhecimento de aparelhos com ele num Fusca. Versão oficial que só foi desmentida em 2014.

Testemunhas ouviram Amarildo ser torturado por choques elétricos num contêiner anexo à UPP. Meu pai foi torturado num prédio do Pelotão de Investigações Criminais (PIC), onde funcionava o DOI, anexo ao 1º Exército, e testemunhas o ouviram gritar.

Retiraram o corpo como retiraram o corpo do meu pai, sem testemunhas, sem alarde.

A tortura é a ferramenta de um poder instável, autoritário, que precisa da violência limítrofe para se firmar, e uma aliança sádica entre facínoras, estadistas psicopatas, lideranças de regimes que se mantêm pelo terror e seus comandados. Não é ação de um grupo isolado. A tortura é patrocinada pelo Estado. A tortura é um regime, um Estado. Não é o agente fulano, o oficial sicrano, quem perde a mão. É a instituição e sua rede de comando hierárquica que torturam. A nação que patrocina. O poder, emanado pelo povo ou não, suja as mãos.

28 de junho de 2013. Tayná era uma adolescente que se encantou pelo parque de diversões montado perto da sua casa, na periferia de Curitiba. Avisou a mãe que ia até lá. Foi encontrada morta num matagal. Na imagem gravada por uma câmera de segurança de uma avenida, ela caminhava na direção do parque. A polícia agiu rápido, foi eficiente e apresentou quatro criminosos. Trabalhavam no parque de diversões. Confessaram que a estupraram. A população tentou linchar os quatro, que foram transferidos para outra cidade. Botou fogo no parque. Dias depois, o caso teve uma reviravolta. A Perícia Criminal do Paraná é desvinculada da Polícia Civil, autonomia que favorece os peritos. Descobriu-se que não havia sinais de estupro, abuso, fissuras nos órgãos genitais da garota. O sêmen encontrado nas roupas íntimas de Tayná não era compatível com os dos presos Sérgio, 22, Paulo, 25, Adriano, 23, e o irmão Ezequiel, 22. Os quatro foram torturados até confessarem o inconfessável. Um teve perfuração intestinal, depois de empalado. Outro ficou surdo, com o tímpano rompido. Um terceiro teve suspeita de osteomielite no pulso. Não há provas de que Tayná esteve no parque naquela noite. Vários policiais foram presos e afastados, entre eles o delegado que comandava a unidade. Os torturados voltaram destroçados para as suas famílias, para os seus pais e filhos, sem seu ganha-pão.

A tortura existiu em arenas romanas, em masmorras da Idade Média, em castelos, pelourinhos, foi patrocinada por imperadores, reis e papas, ditadores de esquerda e de direita. Existe quando um Estado precisa subjugar seus inimigos. Apesar de ser considerada crime hediondo, inafiançável, continua existindo. Por que a tortura nunca acaba? Serve para quê?

Para apressar, com eficiência duvidosa, a conclusão de uma investigação. Para encontrar reféns desaparecidos, comparsas, resgates e mandantes. Para desbaratar uma quadrilha. Como vingança. Para destroçar um indivíduo, reforçar quem manda, aterrorizar a população, torná-la dócil. Para dar senso de camaradagem a uma comunidade fechada, como um satânico rito grupal primitivo. Para unir sob uma bandeira que não se sustenta. Para humilhar.

Tortura também serve para inspirar ódio dos próprios torturados por eles mesmos, que se sentem culpados por não resistirem à pressão e a dor e entregar companheiros, comparsas, a família, inventar até o que não fizeram. O torturado se sentirá então o próprio repressor, o próprio torturador. Na ditadura, torturaram freis, freiras, bispos, padres brasileiros e estrangeiros, velhos, bebês, grávidas, pais com filhos, mães amarradas diante de filhos, por uma causa torpe. O torturador tem pai, filho, esposa, amigos, vida pública, faz compras, viaja de férias, gasta horas no trânsito, paga impostos, economiza, vota, protesta, planeja o futuro. Pensa no seu gesto ou apenas cumpre ordens? Nenhum torturador dá nome a uma escola, uma praça, uma rua, tem um busto. Já seus torturados... Ele cumpre uma rotina trivial sem distinguir o certo do errado? Vive sob a banalização do mal sem questionar moralmente os efeitos dele? Até democracias que priorizam o bem social, defendem a liberdade, movidas pela igualdade, torturam.

20 de janeiro de 1971. Meu pai apanhou por dois dias seguidos. Apanhou assim que chegou na 3ª Zona Aérea, interrogado pelo próprio brigadeiro João Paulo Burnier. Apanhou no DOI-Codi, no quartel do 1º Exército. Meu pai era um homem calmo, bom, engraçado, frágil fisicamente. E vaidoso. Um dos homens mais simpáticos e risonhos que Callado conheceu. O que mais lembram dele? Da gargalhada, que fazia tremer a casa. Fumava charutos. Gostava de comer do melhor. De viajar. Gostava de Paris. Chegou a morar lá, aos vinte anos, a uma quadra do Sena. Passou um ano na Europa, com os três irmãos, em 1947, para testemunhar a reconstrução de uma terra arrasada. Falava inglês e francês. Cantava algumas músicas em alemão, que aprendeu com sua tia Berta, alemã solteirona: “O, du lieber Augustin, Augustin, Augustin. O, du lieber Augustin, alles ist hin...”. Oh, querido Agostinho, tudo está perdido... Música austríaca baixo-astral cantada de forma histriônica, como toda música em alemão, que fala da quase destruição de Viena pela peste no final do século XVII. “Geld ist

weg, Mensch ist weg, alles hin, Augustin. O, du lieber Augustin, alles ist hin. Rock ist weg, Stock ist weg, Augustin liegt im Dreck, o, du lieber Augustin, alles ist hin.” Não há mais dinheiro, as garotas desapareceram, tudo está perdido, Augustin, cada dia era uma festa, e agora é o quê? É a peste, é a peste, Augustin.

Imaginar este sujeito boa-praça, um dos homens mais simpáticos e risonhos que muitos conheceram, aos quarenta e um anos, nu, apanhando até a morte... É a peste, é a peste, Augustin. Dizem que ele pedia água a todo momento. No final, banhado em sangue, repetia apenas o nome. Por horas. Rubens Paiva. Rubens Paiva. Ru-bens Pai-va, Ru... Pai. Até morrer.

O telefone tocou

O feriado de 20 de janeiro de 1971 é um dia que não tem fim. Demoramos para entender por que esse dia existiu e foi daquele jeito. Depois de caminhar na orla, meu pai se deitou no sofá do escritório de casa, acendeu um charuto e começou a ler jornais. Minha mãe lhe fez companhia. O telefone tocou pouco depois das dez da manhã. A voz de uma mulher pediu nosso endereço para entregar uma encomenda do Chile. Ele não notou nada de anormal e deu.

Meia hora depois, seis sujeitos armados em trajes civis cruzaram o quintal. Tensos, como se invadissem um aparelho subversivo. Entraram pela porta dos fundos da casa de esquina. Cruzaram a cozinha, apontando metralhadoras para a empregada, Maria José. Mandaram erguer as mãos. Calma, calminha...

Meus pais, ambos com quarenta e um anos, estavam lá, de maiô, prontos para ir à praia. A empregada entrou pálida. Disse para o meu pai que tinha uns homens querendo falar com ele. Ele saiu. Minha mãe continuou a ler o jornal. Ele voltou escoltado por dois militares com metralhadoras e disse:

— Amorzinho, fica calma.

Ele pediu para baixarem as armas. Meu pai os apresentou à minha mãe, de um em um, disse que eram nossos hóspedes e que a casa estava à disposição. Era aparentemente o mais calmo de todos. Perguntaram quem mais estava na casa. Minha mãe explicou que só crianças. Foram todos para a sala. Minha irmã Babi percebeu o barulho, foi até lá, minha mãe a acalmou e a convidou a se sentar. Perguntaram dos outros. Sim, meu filho, um garoto, está dormindo.

Fecharam todas as cortinas e janelas da casa.

Tomado o “aparelho”, fizeram perguntas, trocaram informações por rádio, até informarem que o levariam para prestar um depoimento. Coisa de rotina. Ele pediu para se trocar. Subiu com dois agentes. O resto da família ficou na

sala. Ele se vestiu acompanhado pelos dois, colocou terno e gravata. Minha irmã Nalu chegou com Cristina, enteada de Sebastião Nery, também deputado cassado. Deram uma paradinha em casa, pois iriam à praia depois. Não entenderam o que acontecia. Nalu subiu e viu meu pai se vestindo, estranhou o figurino formal para um dia de sol e feriado. Pediu uma camisa emprestada, para fazer de túnica, um hábito das minhas irmãs. Ele emprestou, desceu, papeou ainda com Cristina, mandou lembranças ao padrasto.

Ele colocou um relógio no pulso, umas cadernetas no bolso. Foi com dois agentes dirigindo o Opel da minha mãe. Quatro sujeitos ficaram em casa. Um deles disse se chamar dr. Stockler, especialista em parapsicologia. Minha irmã Eliana chegou da praia. Estranhou a casa toda fechada, cortinas e janelas fechadas. Ao entrar, minha mãe logo lhe informou o que acontecia.

Acordei depois de tudo isso. Fui sonolento ao banheiro. Escovando os dentes, percebi um intruso no corredor, que vigiava pela janela do segundo andar o movimento da rua. Cumprimentei-o com a cabeça. Ele era quieto, sempre ficava no segundo andar.

A cada seis horas, esses homens eram substituídos por outros quatro. Para mim, eram sempre os mesmos.

A memória não é apenas uma pedra com hieróglifos entalhados, uma história contada. Memória lembra dunas de areia, grãos que se movem, transferem-se de uma parte a outra, ganham formas diferentes, levados pelo vento. Um fato hoje pode ser relido de outra forma amanhã. Memória é viva. Um detalhe de algo vivido pode ser lembrado anos depois, ganhar uma relevância que antes não tinha, e deixar em segundo plano aquilo que era então mais representativo. Pensamos hoje com a ajuda de uma parcela pequena do nosso passado.

A prisão do meu pai (como a da minha mãe e da minha irmã) com o tempo ganhou outro significado, outras provas, testemunhas, releituras.

Quando descí a escada, não encontrei um ambiente de terror. Estavam todos calmos, calmos até demais. A casa parecia na rotina. Ninguém comentava a presença daqueles estranhos não fardados, então sem armas, jovens, de boa aparência, educados até. Era comum ter em casa gente desconhecida espalhada pelos cômodos. Especialmente num feriado. Mas não estavam com roupas de praia. No fundo, pareciam encabulados. Era como se a

família tentasse seguir a rotina, e eles percebessem que, na verdade, aquela era uma casa comum, não um aparelho. O telefone tocava e era um dos sujeitos, Militar 1, quem atendia, com o telefone preto de laca na mesa de centro da sala, telefone que ficava no escritório e tinha um fio enorme esticado. Perguntei à minha mãe:

— O que está acontecendo?

— Nada, filhinho. Você já tomou o café?

— Quem são estes caras?

Ela disse que eram fiscais, depois disse que vieram dedetizar a casa. Criativa.

A ordem era levar todo mundo que aparecia. E num feriado, num dia de praia, apareceria todo mundo. Levaram garotos amigos das minhas irmãs que apareceram. Apareceu o Nelson, filho de um casal amigo dos meus pais, e o levaram preso também. Foram todos pro DOI-Codi.

O almoço foi servido. O clima era de apreensão, não tensão. Minha mãe então ofereceu um almoço. Vocês estão servidos? Eles ficaram sem graça. Aceitaram. A empregada dizia:

— Tô uma pilha de nervos, minha mão não para.

Nós da família almoçamos na mesa, eles, espalhados pela casa. Minha mãe falou trivialidades. Falamos trivialidades. O que tem de sobremesa? Abacaxi. Todo dia tinha abacaxi. Não sei por quê, mas implicamos com abacaxi. Como sempre tinha abacaxi, cantávamos em coro, batendo na mesa: “A-ba-ca-xi! A-ba-ca-xi! A-ba-ca-xi!”. Nunca tinha sorvete, torta, doces mineiros, crepes. Nem açúcar tinha em casa. Nem refrigerante. Tinha suco sem açúcar, com adoçante! Minha mãe, obcecada pela forma física, sabendo a origem italiana de todos nós, nos ensinava desde cedo a odiar gordos, desprezar barrigas, ignorar doces e a experimentar as maravilhas de uma laranja, maçã, pera, mexerica e de um a-ba-ca-xi!

Saí na surdina. Fui jogar bola na praia, sem ninguém perceber. Bem em frente, no posto 11, tinham quadras de areia de vôlei e futebol. As de vôlei ainda estão lá. Não cabe mais um campo de futebol. O mar quando bate na praia é bonito. O mar subiu. A larga faixa de areia de Ipanema, Copacabana, Leblon, diminuiu. Era um longo caminho a ser percorrido entre a calçada, a areia fumegante e a areia úmida. Corria-se como um atleta para cruzar a “zona

morta”, faixa de praia em que ninguém ousava se deitar. Jogar futebol de areia no Rio de Janeiro é para superatletas. Em Santos, a areia é dura, joga-se muitas vezes de tênis ou até chuteira. No Rio, o pé afunda, o jogador fica atolado, a bola não rola numa trajetória lógica, pipoca imprevisível, irascível, incontrolável.

Na frente de casa, rolavam peladas entre crianças, jovens, por vezes um combinado entre adultos e crianças, por vezes era um contra um (um debaixo das traves, outro chutando), e aos fins de semana partidas animadas com torcidas entre os times de futebol de praia, com camisa, rivalidade, disputas acirradas. Nada a ver com o *beach soccer* jogado hoje. Era o mesmo futebol do gramado, onze contra onze, sobre a areia, descalços, de camisa e calção. Nos anos 60, alguns jogos eram até transmitidos pela tv Rio, de times como Lá Vai Bola, Dínamo, Radar, Real Constant, Copaleme, que mobilizavam os moradores do bairro. Alguns jogadores, como Júnior e Heleno de Freitas, foram revelados na praia.

Na frente de casa, um par de traves era o ponto de encontro, e lá se decidia na hora o que fazer. As regras também eram decididas na hora. Os times, escolhidos na hora.

Cheguei e havia dois garotos. Como estávamos em três, seria um no gol e dois disputando a bola; quem não fizesse o gol trocava de posição com o goleiro, que ia para a linha. Mais chutes que dribles, como nos jogos de areia fofa. Um jogo preguiçoso, sob o sol abrasador. Eram dois garotos que moravam na rua, dois irmãos, dos que me chamavam de Viga, cujo pai tinha uma Kombi e nos levava ao Maracanã. Na minha casa, dedetizadores, e eu nas areias, chutando uma bola pesada, sem correr muito.

Eu amava aquele Rio de Janeiro. Minha família amava. Quem não amava? Melhor coisa da vida, nossa mudança pra lá. Olha o espaço, a vista, a quantidade de amigos que tenho. Como é fácil fazer amigos na rua, na praia. Vou e volto de busão para a escola. Aqui, a criançada, rica ou pobre, anda de busão. Eu nado. Bicicleta. Bola. Jogo aqui, na Cruzada, na rua, no clube, em outro clube, onde tiver uma quadra, jogo futebol de salão, de areia, de terra, jogo no gol, na linha, descalço, de tênis, e moro a quadras do Mengão, o primeiro time de coração.

Voltei para casa e levei uma dura de um dos dedetizadores. Perguntou onde eu estava. Como assim, onde eu estava? Quem é você para me perguntar onde eu estava? Eu estava, como sempre, ali em frente jogando bola. É o meu direito. É a minha praia! É feriado, férias, não tem aula. Ninguém me impede de ir à praia. Só atravessar a rua com cuidado. Ela é de todos.

A minha resposta foi tão surpreendente que ele não falou nada. Me olhou com uma cara do tipo “você não tem a menor ideia do que está acontecendo por aqui, não é, garoto?”.

Minha mãe viu tudo aquilo e teve a ideia. Me fez subir com ela no quarto, como se fosse me dar uma dura. Me perguntou como consegui sair. Caminhando. Por onde? Pela garagem. Escreveu um bilhete pequeno, colocou numa caixa de fósforos e pediu para eu entregar à vizinha, Helena, e que ninguém me visse. Pelo tom de voz, senti que era uma ordem não questionável e uma missão fácilíssima de ser realizada, garoto.

Nem pensei duas vezes. Poderia pular de um muro para o outro, mas eu seria visto. Priorizei a segurança e a eficiência da minha primeira ação efetiva contra a ditadura. Nossa casa ficava na esquina da Almirante Pereira Guimarães com a Delfim Moreira. O portão de entrada era na Guimarães. O da garagem, na Delfim Moreira. O endereço era Delfim Moreira, 80. Existe ainda. Não a casa, o endereço, um prédio preto, de poucos andares, construído no boom imobiliário que desfigurou o Leblon dos anos 80. Um edifício escuro, que lembra um caixão, com um jazigo, uma pedra preta em frente, e que ficou anos em reforma, corroído pela maresia. Sei porque toda vez que passo em frente dou uma boa olhada. Olá, antiga casa. Olá, antigo garoto.

Fui pela Afrânio de Melo Franco, que tinha uma turma da pesada, a mais violenta do bairro; era numerosa e temida por todos. Por vezes, quebravam um bar, uma boate, um segurança. Saía no jornal, jovens de classe média fazendo arruaças. Todos comentavam. Iam para a delegacia, na própria Afrânio. Todos tinham pais influentes, que os libertavam para a próxima arruaça. A minha turma, da Almirante, nem se comparava com essa.

Entrei na San Martin. Já fui assaltado uma vez ali. Quer dizer... Uns garotos da favela do Pinto me cercaram. Eu estava de bicicleta. Queriam a minha grana. Eu tinha uns trocados no bolso da camisa. Ficaram nessa. Dá o dinheiro, não dou, dá o dinheiro, não dou, cara, qual é, qual é você? Não dei o

dinheiro. Ponto final. Qual é? Ainda existia respeito entre os moleques do bairro. Nunca me assaltaram, apesar de eu ser um dos riquinhos que moravam na área cercada por duas grandes favelas.

Entrei correndo pela Almirante. Passei pela casa dos meus amigos sem parar. Passei voando pelo predinho em que morava Fabinho, cruzei a Kombi que nos levava ao Maracanã, pela casa do Nando Buco, pelo sorveteiro que ficava no meio da quadra, pela sauna, que no Rio é chamada de termas. Fui desacelerando, encostado nos muros das casas, passei pela garagem do Eltes, que servia de gol e cuja vidraça quebrei umas cinco vezes com o poder do meu chute. Era quebrar e correr, e esperar à noite o esporro da minha mãe. E pagar varrendo sua calçada. Mas Eltes era gente boa. Parou de reclamar a partir da terceira vidraça quebrada.

Então toquei a campainha, abri a caixa e li o bilhete. Veio a Helena, tia Helena, mulher do Eltes. Minha mão tremia. Minha mãe pediu para te entregar isso. Entrega a caixa e corre! Tentando entender o que estava escrito num bilhete dobrado num papel de pão: “Rubens foi preso, ninguém pode vir aqui, senão é preso também”. Cena de que a memória guardou detalhes, segundo a segundo, do ritmo cardíaco à temperatura do asfalto, da brisa quente do mar, do tempo que tia Helena demorou, da sua surpresa ao me ver e ao ver meu desespero. Rubens foi preso. Por quê? O que ele fez? Ninguém pode vir aqui, senão é preso também.

Papai foi preso. Papai sempre tem problemas. Papai é um político perseguido. Desde que me entendo por gente, papai tem problemas com gente poderosa, foge, reaparece, se esconde. No Brasil, muitos têm problemas. Papai uma vez nos explicou. Os gorilas, como ele chamava os militares, como muitos os chamavam, tomaram o poder porque não queriam reformas que ajudassem aos pobres, assim nos explicava. Eu adorava a alusão de que aqueles caras que apareciam fardados de óculos escuros na TV e mandavam no Brasil eram gorilas.

Toda vez que passo pela Afrânio, imagino a cena: o garoto de onze anos, em 1971, correndo desesperado num inocente dia de praia, voltando para casa em pânico, para os braços da mãe, sabendo que o pai foi preso. Cruzei aquelas árvores. Cruzo sempre quando vou ao Rio. Algumas árvores da Afrânio estavam lá naquela época. Andando pelo Leblon, refaço esse percurso, com o coração na mão, lembrando os passos, revivendo aqueles dias inacreditáveis

de um destoante verão carioca. Por muitos anos, as traves em frente de casa mantiveram um rabisco que fiz na infância: MRP. Por muitos anos, fiz questão de checar se o rabisco ainda se mantinha na década de 70, 80. Mataram RP, mas o MRP resistia. Por alguma razão que não sei explicar, a faixa de areia das praias cariocas encurtou. Minhas traves não estão mais lá. Levaram a madeira pintada de branco com o rabisco MRP. Reciclaram. RP e MRP não resistiram ao tempo. Hoje há apenas redes de vôlei.

Na orla em frente, o Quiosque do Baixinho. Coco, Biscoito Globo, servidos não por um baixinho, mas pela minha amiga Juliana. Em 1971, pulei um muro que não existe mais e corri na direção da Afrânio. Cruzei quatro palmeiras. Delfim Moreira, 90, um prédio grande, dos antigos, Delfim Moreira, 106, outro predinho antigo, Delfim Moreira, 120, prédio baixo, que com certeza estava lá quando percorri o caminho, janelões grandes na sala, prédio velho de três andares, Delfim Moreira, 130, outro prédio pequeno, outra testemunha. Viro na Afrânio em direção à Lagoa. Predinhos geminados de quatro andares, bege, com janelões na sala sem varanda e dois quartos com janelas de treliça de correr, uma paisagem constante no Leblon antigo, Leblon tombado. Afrânio, 42, um edifício chamado Paul Klee. Que nome surreal para um prédio... Muitas amendoeiras pelo caminho. Estão lá há décadas. Dão os coquinhos com que a molecada do bairro guerreava. Que não são coquinhos, mas amêndoas verdes que nunca amadurecem. Árvores em simbiose com a trepadeira jiboia, ou hera-do-diabo, cuja folha parece um coração, que sobe como uma espiral cobrindo o caule. Algumas figueiras também por ali. Na esquina da Afrânio com a San Martin, cruzo onde tinha as casinhas da praça Almirante Belfort Vieira. Que não é mais praça, mas um largo. O prédio baixo e antigo do Fabinho virou um prédio amarelo de doze andares. Demoliram o pequeno prédio e a sauna (ou termas) para construírem outro gigante. A casa do Fernando Pernambuco também virou prédio de doze andares construído na mesma época. Ainda tenho dúvidas se o sobrado do Eltes, que ficava na Almirante Pereira Guimarães, 12, virou o mesmo prédio que tomou a nossa casa de esquina. A garagem dele, o portão de madeira que servia de gol, é exatamente onde fica a garagem do prédio. Os canteiros em que jogávamos bola de gude ainda estão lá. Para quem passa hoje, é uma calçada qualquer. Para mim...

Por aquelas ruas, fui também incrivelmente feliz. Por aquelas ruas, minha família, minhas irmãs, sobretudo meu pai, que se deslumbrou desde o primeiro dia com o Rio de Janeiro, santista que encontrou a cidade praiana cosmopolita, foram felizes. Não fecho os olhos para o fato de que, cada vez que visito aquelas ruas, aquela quadra, elas não são as mesmas. Como olhar para as mesmas ilhas Cagarras, na orla da Zona Sul, ilhas que ficam diante das praias de Copacabana, Ipanema, Leblon, Pepino, Barra e Recreio, arquipélago de sete pequenas ilhas e rochedos inabitados, sem reparar que elas também se transformam. Do Alto Leblon, elas têm um formato. Do Jardim de Alá, na fronteira entre Leblon e Ipanema, outro, o grande rochedo fica ao centro, e à distância elas se parecem uma ilha só. Caminhando até o Arpoador, no final de Ipanema, o arquipélago muda de formato, as ilhas se mostram separadas: o grande rochedo, a ilha Cagarra Grande, de oitenta metros de altura, não fica no meio, como me acostumei a ver diariamente da janela daquele pequeno sobrado na Delfim Moreira, 80, como a grande mãe. Aliás, a ilha Cagarra Grande é a mais distante. Todo carioca percebe numa simples caminhada a mudança do formato de algo que de longe parece um bloco sólido. O que vemos não é bem o que vemos. Por isso, como muitos, escrevo o que já escrevi.

Depois de entregar o bilhete, entrei transtornado em casa pulando o muro vizinho, pelo mesmo caminho que saí. Os tais agentes de dedetização tinham prendido meu pai. Ninguém podia vir aqui, senão era preso também.

Na sala, minhas irmãs jogavam cartas com dois agentes. Espalhadas pelo sofá e pelo chão, usando uma mesa baixa de centro. Todos estavam calmos. Eles não pareciam maus. Não pareciam vilões. Não pareciam com ódio. Eram até educados. Não pareciam dominar a nossa rotina. Não pareciam algozes, carcereiros. Pareciam convidados. Não pareciam eficientes, pois não perceberam minha ausência momentânea. Se o inimigo era aquele, não demonstrava.

Nós tínhamos direito de ir e vir dentro de casa. A calma se transformava quando tocava o telefone. Um atendia numa extensão, e minha mãe era obrigada a falar sob a vigilância de outro. Respondia secamente aos amigos que ligavam para saber da programação do feriado. “Ele não está.” “Ele saiu.” “Ele viajou.” “Ele não voltará...” Os amigos do outro lado estranhavam. Eunice, o que foi? Como não está, combinamos de ir à praia, como viajou, íamos jantar

hoje, como saiu, para onde, nesse calor, nesse sol? A frieza da minha mãe não foi ensaiada, não seguiu um manual da esposa do guerrilheiro urbano, “do terror!”, foi intuitiva, ela foi esperta, seguiu uma mágica intuição, nunca pensou no que falar, falava simplesmente, e sempre observei com atenção, pois o que falou sempre fez sentido, em entrevistas, em coletivas, em ambientes tensos, com dedetizadores, na militância contra a ditadura, na de direitos humanos, nas reuniões da Anistia, com índios, com Sting, era o bom senso materializado, era invejável, e tentei imitá-la em vão por toda a vida, nas entrevistas mais intrincadas que dei, sob um bombardeio de perguntas dúbias, em que se esperava de mim A OPINIÃO de familiares vítimas da ditadura, A OPINIÃO do jovem escritor, A OPINIÃO do formador de cabeça. Imaginava o que minha mãe responderia, qual a sua, a NOSSA luta, a luta de todos, a luta por direitos, a luta por justiça, o que quer a humanidade, qual a sua OPINIÃO.

Sua frieza acendeu o alerta. Como Rubens sumia assim num dia que deu praia; liga de novo, Eunice está estranha, não parece a Eunice calorosa de sempre, será que ligamos certo?

A suspeita se confirmou. Rubens foi preso. Rubens foi *internado*. Rubens estava na mira. Todos estavam. Era a ditadura. Já tinham prendido velhos intelectuais, editores, jornalistas, humoristas, professores, sindicalistas, deputados, militares, cantores, músicos, atores, diretores de teatro, de cinema, escritores, estudantes, padres, freiras, juristas, freis. Tinha escuta telefônica por todo lado. Interceptação de cartas e telegramas. O cerco estava apertado. Rubens caiu. Rubens foi internado.

A rede de amigos foi contatada. O alarme tocou. Alguns fizeram as malas e se mandaram para o aeroporto o mais rápido possível. Exilados foram informados. Correspondentes estrangeiros também. Rubens, logo ele? Era contra a luta armada, era um ex-deputado cassado, nem era comunista, era carta fora do baralho. Mas caiu, foi internado.

O tempo em casa não passava. Serviam-se lanchinhos. Sucos. Eu não vi nenhuma arma. Sei que entraram com metralhadoras em punho. Sei que por um tempo todos estiveram na mira de revólveres. Sei que, a pedido da minha mãe, guardaram-nos depois de um tempo, numa sacola que ficou debaixo da escada. Só sei que quando acordei não vi nenhuma arma.

Passei a noite entediado, jogando botão sozinho. Narrando a partida, como uma transmissão de rádio. Da janela, viam-se as pichações sob cal feitas durante a visita do banqueiro americano um ano antes. Eram em vermelho, apressadas. FORA ROCKEFELLER. Picharam todo o Leblon. Muitos nem sabiam quem era. E por que não queríamos a presença do “bom amigo” americano, governador de Nova York, milionário, republicano liberal, progressista, cuja fundação até hoje incentiva a pesquisa, curador de museus? Para onde vai o Brasil, vão os Estados Unidos. Rockefeller veio para alinhar acordos bilaterais, refinar a dívida externa, investir dinheiro no Brasil, enviado pelo bom governo americano, amigo dos brasileiros. Para onde os Estados Unidos vão, o Brasil vai junto.

Aquelas pichações ficaram dias nos muros das casas da Zona Sul. Os moradores que tiveram de pôr a mão na massa e na cal e repintar seus muros. Alguns moradores com raiva, ou preguiça, só jogaram cal em cima, displicentemente. Da minha janela ainda se lia, rósea, a frase ORA RO EFE LE.

Anos depois se soube: foi o PCB, que não participou da luta armada, que comandou as pichações. Para o Partidão, era preciso fazer a revolução por dentro do sistema, que pelas suas contradições e determinismo histórico ruiria. Não era preciso, então, pegar em armas, mas fazer trabalho político. Como pichar em vermelho FORA ROCKEFELLER nos muros de Ipanema e do Leblon.

Doze dias

Na manhã seguinte, e isso se repetiria por muitos anos, acordei ansioso, e a primeira coisa que fiz foi correr para ver no quarto deles se meu pai tinha voltado. Nada. A cama vazia. Só minha mãe fumando na janela. Nada ainda. Fumava desanimada.

Às onze da manhã, uma movimentação diferente na rua: duas viaturas de chapa fria encostaram rente à porta. A ordem foi dada. Levar a mulher do ex-deputado e a filha mais velha presente na casa. Chamaram a minha mãe. Disseram que a casa “seria liberada”. Ela e a filha deveriam ir com dois deles no Fusca creme. Dar depoimentos. É rápido. Reconhecer umas fotos, e voltam hoje mesmo. Rotina. Minha mãe e minha irmã Eliana foram escoltadas até o carro e levadas. Toda operação de busca e apreensão se encerrava ali. Foram embora. O “aparelho” foi liberado. Restaram Nalu, treze anos, eu, onze, Babi, dez, e Maria José, a empregada. Estávamos liberados, mas ainda presos: numa prepotência ridícula, nos trancaram e levaram a chave; como a casa tinha grades no térreo, pois já tinha sido assaltada, para sairmos havia uma logística complicada; e por que merda nos trancaram e levaram a chave, que tipo de luta é essa que combatiam, que perigo três crianças representavam num sobrado do Leblon? No cenário da guerra, gestos triviais se tornam infames.

Ligamos para a mãe da minha mãe, vó Olga, que morava em São Vicente. Foi a primeira pessoa que nos veio à cabeça, já que ela dispunha de uma chave da casa e costumava ficar conosco quando meus pais viajavam. Minha avó saiu fugida da Itália com quatro anos. Seu pai era um anarcossindicalista procurado em Modena, que se mudou às pressas com a família para o Brasil. Ela saberia o que fazer. Nos pediu calma. Estávamos calmos. Irritados com aqueles caras que havíamos tratado bem e nos trancaram e levaram as chaves, mas calmos, pois

não fizeram estragos na casa, foram embora e, até então, nenhum ferido. Não que soubéssemos.

Não tínhamos ideia do que acontecia nas prisões, do que era Cisa, DOI, CIE, PIC, Dops, por que meu pai tinha sido preso um dia antes e, depois, minha mãe e minha irmã. Tanta gente amiga foi presa. Tantos combatentes jovens e veteranos, com cara de velhinhos simpáticos, que não faziam mal a ninguém, amigos do papai. Alguns passavam dias presos, meses no máximo. Eles voltariam no dia seguinte, depois de tudo esclarecido, afinal, ali tinha uma família sem nada a esconder, numa casa que era um entra e sai, de um chefe de família que teve problemas políticos lá em 1964, mas que nem se metia mais, nem sabia o que estava acontecendo, se é que tinha alguma coisa acontecendo, não se falava de prisão de crianças, de mulheres, de tortura, muito menos de desaparecimento.

No Fusca, os dois policiais se comunicavam por rádio com alguém chamado Grilo. Minha mãe e minha irmã foram encapuzadas na praça Saens Peña, já na Tijuca. Um deles pediu desculpas pelo capuz. Nem todos são casos perdidos: violência constrangia aqueles que tinham noção do absurdo. Minha mãe percebeu para onde estavam indo: Quartel do 1 Exército, na Tijuca, rua Barão de Mesquita. Primeiro Batalhão da Polícia do Exército (BPE) — Batalhão Marechal Zenóbio da Costa. Um prédio bonito inaugurado em 1951 em homenagem ao marechal Zenóbio da Costa, herói comandante da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Quartel da Barão de Mesquita. No anexo, ao fundo, o DOI-Codi, o maior centro de tortura na América Latina, que usava tecnologia inglesa e americana, fazia experiências com novas técnicas de como arrancar confissões e despedaçar o inimigo, sem contar o know-how nacional já testado havia décadas em presos políticos e especialmente nos comuns: o infame pau de arara. A máquina de moer ossos, diziam, orgulhosos. Que inspirou outros centros na América Latina, readaptou a tortura para a nossa realidade e exportou conhecimento. Detalhes que não sei se a minha mãe sabia.

Testemunhas as viram chegar, ficarem em pé no pátio por alguns minutos. Empurraram-nas até o Centro de Informações do Exército (CIE), uma ala ao fundo. Não lhes tiraram o capuz dentro das instalações. Ela e minha irmã foram revistadas separadamente e despojadas dos pertences. Ficaram horas de

capuz sentadas num banquinho num corredor. Sem saber que uma estava ao lado da outra. Depois, foram fotografadas e fichadas. À noite foram levadas cada uma para uma cela.

Almoçamos seguindo a rotina da casa, sem pais. No resto do dia, não tínhamos o que fazer, a não ser esperar, esperar minha avó, esperar pela decisão dos adultos. A essa altura, todo o Rio de Janeiro já sabia do que tinha acontecido na casa do Rubens e da Eunice. Todo o Rio de Janeiro é a forma como muitos do Rio de Janeiro se referem aos moradores da Zona Sul, de uma classe social determinada, que frequentam a mesma praia e nem sempre têm as mesmas convicções políticas. Não era todo o Rio de Janeiro, era uma parte dele, parte minúscula. Aquela que talvez soubesse quem era ROCKEFELLER. Amigos da família, fingindo que caminhavam pelo calçadão da orla, passavam para checar o que acontecia, se continuávamos cercados, se havia viaturas suspeitas. Eunice e Rubens foram presos. Uma rede de telefonemas se armou. Eunice e Rubens foram internados.

Minha avó Olga e meu avô Facciolla chegaram de São Paulo no fim da tarde. Abriram as portas com a chave que tinham. Como se abrissem a janela de um ambiente abafado. À noite, apareceram alguns amigos da família. Perguntaram-se por que prenderam o casal e uma menina de quinze anos. Imediatamente começaram a planejar os próximos passos. Precisamos esconder os outros filhos. Vale tudo nessa guerra suja. Existem casos de crianças presas e torturadas. Façam as malas.

Na manhã seguinte, Nalu foi levada para Petrópolis. Me colocaram num carro, com um motorista que eu desconhecia. Você vai para o sítio, disseram. Não disseram que sítio, com quem, até quando. Mal deu tempo para fazer a mala. Babi ficou com os meus avós.

Fui no banco de trás. Falamos trivialidades, eu e o motorista. Trivialidades = futebol. O caminho, reconheci na hora. Avenida Brasil, entrada à direita, estrada de Petrópolis. Me levava para a região serrana. Fiz algumas vezes aquela viagem. Petrópolis, Teresópolis, Araras... Muitos pais de amigos tinham casas lá. É perto do Rio, é fresco, é lindo, é imperial. E sabia que nos primeiros quilômetros tinha a famosa barreira policial, temida por todos. Barreira que costumava dar uma batida completa: revista, porta-malas abertos, checagem de documentos.

Ao nos aproximarmos, vi de longe os policiais e seus uniformes azuis no meio da pista, entediados, com um olhar que misturava indiferença vigilante com “estou mesmo preocupado com outras coisas”. Fora de forma, nada ameaçadores, parando alguns carros, como se tanto fizesse, num que droga de vida, que droga de calor, escolha que nunca entendi: aleatória, carro de rico, de pobre, de indefeso, de suspeito? Quem é suspeito, o motorista com óculos escuros, o suado, o tranquilo? Homens ou mulheres? Jovens ou velhos? É racial? Econômica?

Por precaução, quando o carro entrou na fila seletiva, este fica, este vai, me deitei no banco traseiro, cobri meu rosto e montei o retrato: um garoto de onze anos dorme no banco de trás, desconhecendo o fato de o mundo estar dividido em dois blocos e de que, em 1964, montou-se o temor de que o Brasil estava para se tornar comunista, o bloco do mal, do forte e único partido comunista, o PCB, encabeçado por um líder carismático, Luís Carlos Prestes, que influenciava o movimento sindical, estudantil e camponês, com o cofre abarrotado pelo ouro de Moscou, enquanto na ilha de Cuba um movimento guerrilheiro libertário destronava o ditador da folha de pagamento da máfia, também do mal, apesar de não ser comunista, doutrina essa que conseguiu colocar o primeiro satélite e o primeiro homem no espaço, depois da união de proletários, que se industrializou sem patrões, construiu bombas atômicas, mísseis e uma utopia que não vingou, câncer comunista que crescia até no mundo livre, através de movimentos guerrilheiros que pipocavam na Ásia, África e América Latina, onde tinha comuna por todo lado, especialmente no Brasil, na arquitetura, como Niemeyer, no cinema, como Glauber Rocha, escritores, como Graciliano Ramos, Jorge Amado, grupos de teatro do Centro Popular de Cultura (CPC) e dramaturgos, como Dias Gomes, Oduvaldo Vianna Filho, Gianfrancesco Guarnieri, editores, jornalistas, pintores, dando a impressão que de repente toda a intelectualidade tinha virado comuna, e a tradicional família cristã sofria, seus filhos viam Nouvelle Vague, liam marxismo, diziam que religião é o ópio do povo, e outros, niilistas, falavam da morte de Deus, outros, de direitos civis, feminismo, sexo antes do casamento, duvidavam da monogamia, debatiam o sentido da vida, fumavam Gauloises e liam um casal de filósofos comuna e promíscuo, Sartre e Simone.

Quem deu o golpe de 64 pensou mesmo em nos salvar do comunismo? Planejou enfrentar o comandante-chefe das Forças Armadas da URSS, Vassili Chuikov, que poderia nos invadir pelo Nordeste com soldados cubanos munidos de AK-47, juntar-se às Ligas Camponesas e a Arraes, com tanques T-54 e T-55, que estiveram em Praga, no Vietnã, que desceriam o cerrado apoiados pelos aviões supersônicos MIG-19 e MIG-21, caças de interceptação SU-9 e bombardeiros Ilyushin Il-28, e cercariam Brasília pelo flanco esquerdo, para empossar o proletariado e candangos da URSB (União das Repúblicas Socialistas Brasileiras), que sofriam lavagem cerebral de um latifundiário que, como Tolstói, virou comuna, Jango? Cada vez mais, tal tese soa uma asneira bíblica.

Mas o garoto dorme no banco de trás. O garoto não sabe do que acontece no mundo e do estresse que vivemos naqueles dias. Deve estar sonhando com seu Flamengo, que está há anos sem ganhar um título. Mal sabe que, na década de 70 e principalmente na de 80, na chamada Era Zico, ele será o time mais vencedor do país, será campeão do Brasil quatro vezes, da Libertadores e do Mundo em 1981, anos de glória e alegrias, para compensar a frustração dos anos 60, justamente os anos em que você, garotinho do Leblon, começou a se interessar por futebol e escolheu o Flamengo. Deixe esse carro com esse garoto sonhador passar. Não representa ameaça à segurança nacional.

Minha mãe entrou escoltada numa sala que parecia a de uma repartição pública. Tiraram o capuz da “cliente”. Era assim que chamavam os presos. Depois do interrogatório, viravam “pacientes”. A repressão política em 1971 estava metódica, com um organograma padronizado em todos os estados. Quem prendia não era quem interrogava ou torturava. No início, não interrogavam sobre o passado. A prioridade era o presente e o futuro. Se o preso tinha treinado em Cuba, na China ou na Argélia, o matavam em “campo”, na rua. Ele “viajava”, como se referiam. Em 1971, nem era mais preso. Era um “cubano”, diziam. Não queriam correr o risco de ter que trocá-lo dias ou meses depois por um diplomata sequestrado. E foram quatro ao todo: um cônsul japonês, o embaixador americano, o alemão e o suíço, Giovanni Bucher.

Bucher foi libertado quatro dias antes da prisão dos meus pais. Tinha sido sequestrado no dia 7 de dezembro de 1970 pela VPR a caminho da embaixada no Rio, e levado para Rocha Miranda, subúrbio carioca. A organização que o

sequestrou exigiu setenta presos políticos em troca. O governo não cedeu. O impasse durou até o dia 16 de janeiro. A lista inicial foi recusada. Chegaram até a decidir pela eliminação de Bucher. Lamarca impediu a execução e aceitou trocar nomes. Meu pai sabia desse sequestro. Meu pai sabia intimidades desse sequestro? Quando noticiavam pela TV a demora e o sofrimento que o diplomata devia estar passando nas mãos de terroristas, ele debochava:

— Tá nada, está se divertindo adoidado, fumando seus charutos.

Minha mãe reparou: foi a primeira e única vez que meu pai falou de algo que ocorria nas entranhas da luta armada. Foi a primeira e única vez que deixou escapar uma observação que comprometia a sua segurança e a nossa. Será que ele foi preso por causa disso? Comentou com outros que o grandalhão Bucher fumava charutos e jogava cartas no cativeiro? Tinha microfones em casa, espões nos bares, no escritório dele? Comentou num balcão de bar:

— Tá nada, está se divertindo adoidado, fumando seus charutos.

Num táxi, depois de ouvirem a notícia pelo rádio:

— Tá nada, está se divertindo adoidado, fumando seus charutos, contando piadas, trocando receitas com os guerrilheiros.

No Rio de Janeiro, “todos” fofocavam. Gozavam. Todos se conheciam. Todos sabiam detalhes. Todos daquela faixa de areia.

Minha mãe, na prisão, fez um exercício de memória para tentar entender ou encontrar alguma pista de por que foram detidos. Ele poderia ter dito de brincadeira, piadista que era, gozador. Prenderam um gozador?

— Desculpe, foi uma piada.

Depois se soube que, de fato, o embaixador fumava charutos, jogava baralho, discutia política, criticava a ditadura e os generais. Liberado, trocado pelos presos que partiram pro Chile, Bucher não reconheceu a foto de nenhum de seus captores. Nem de Lamarca, nem do estudante Alfredo Sirkis, seu intérprete.

O DOI carioca tinha uma estrutura calculada militarmente:

1. Comando: Exercido por um tenente-coronel ou major. Na prisão dos meus pais, era o major Belham (José Antonio de Nogueira) quem comandava.

2. Seção de Administração: Responsável pelo apoio logístico às operações, como armas, transporte e comunicação, e de manter no depósito os bens dos presos.

3. Seção de Operações: Com grupamentos de buscas que operavam em revezamento de vinte e quatro horas de trabalho por quarenta e oito de descanso. Cada equipe tinha até vinte pessoas. Neutralizavam aparelhos, vigiavam pontos e apreendiam material “subversivo”. A da Aeronáutica (CISA) invadiu a nossa casa, levou meu pai e nos manteve presos. E depois o transferiu para o DOI. A do Exército (CIE) levou minha mãe e minha irmã direto ao DOI.

4. Seção de Informações e Análises: Fornecia ao comando estudo sobre as organizações clandestinas, a rede de apoio e organogramas de comando. Era dividida em duas subseções:

4.1. Subseção de Análise: Composta de oficiais do Exército e da Marinha, que analisavam os depoimentos dos torturados e o material apreendido e mantinham arquivos com fotos, nomes, codinomes, ações e atuação na organização.

4.2. Subseção de Interrogatório: O coração do DOI, interrogadores e torturadores, composto por policiais civis, oficiais, bombeiros, cabos e soldados, chamados de “catarinas”, pois a maioria vinha do Sul do Brasil.

No DOI carioca, a tortura era no prédio do PIC, em três salas. Rolavam três interrogatórios simultâneos. Uma era roxa, denominada “sala do ponto”. Era equipada com o mais sofisticado material de tortura. Era para tirar com pressa as informações dos presos, onde é o ponto, onde fica o aparelho, antes que seus companheiros soubessem da prisão. Os presos iam vendados das celas para os interrogatórios. Havia pequenas celas, as solitárias, em que presos torturados eram jogados e aguardavam. Às vezes, o preso era deixado moribundo no corredor mesmo.

Subimos a serra de Petrópolis pela BR-040. A entrada para Nova Friburgo ficou para trás. Cruzamos Petrópolis à direita. Fomos em frente. Antes da estrada para Teresópolis, entramos à esquerda. Araras era o destino. Depois de Petrópolis. Eu nunca tinha estado em Araras. Não conhecia ninguém em Araras.

Sáímos do asfalto e subimos por uma estrada de terra lamacenta, que cruzava uma floresta de eucaliptos. Depois, uma mata original densa. Nenhum vestígio de civilização. Chegamos enfim num sítio à esquerda, no pé de um morro, lugar isolado, que pela minha experiência de neto de fazendeiro não foi nem era fazenda, não se viam pastos, cocheiras, plantações nem terreno em que

secariam grãos. Nem gado, nem cavalo. Era um sítio de veraneio. Apesar de isolado, era bem equipado: com uma incrível piscina com trampolim, água limpa e uma quadra de tênis sem uso, rodeada por uma mureta de pedra sobre pedra, encaixadas. Alguma família amiga dos meus pais devia passar os fins de semana ou as férias ali.

Aparecem o jardineiro e a esposa, os caseiros. Não sei se me esperavam. O motorista falava com eles, enquanto fui recepcionado por um cachorro dócil, de raça desconhecida, que grudou em mim desde o primeiro dia. O motorista se despediu. O casal me mostrou as dependências. Casa térrea. Muitos quartos, arquitetura impecável. Me instalaram num quarto com um armário cheio de brinquedos. Nele, uma bola e uma espingarda de chumbo, com munição. Fiz uma inspeção na sala. Uma tv velha que não pegava. Móveis de madeira e couro, eu diria velhos. Nenhum luxo. Mas deviam ser móveis de designers premiadíssimos, que eu não reconhecia o valor. Estantes com muitos livros, para todas as idades. Estava na cara que era de amigos dos meus pais. Seguiu o mesmo padrão da nossa família: desprezo por tv, prioridade aos livros, nada de luxo, móveis de couro e madeira, nada de porta-retratos, uma medida de segurança que a esquerda brasileira adotou sábia e espontaneamente durante a ditadura, e desprezo pela forma física, o que se notava pelo estado precário da quadra de tênis. Eu não tinha ideia de quem era o dono daquela casa. Saquei que era de uma família que tinha filhos ou sobrinhos ou netos da minha idade. Até as roupas deles me serviam. E minha companhia foi o casal de caseiros, o cachorro, a bola, a natureza, a piscina e a espingarda de chumbo. Com angústia e a solidão. Angústia que eu nunca tinha sentido antes, que, como em Prometeu, espalha-se pela região do estômago, toma posse de um órgão que raramente nos damos conta de que existe. Ficar sem pai nem mãe de um dia para o outro, tê-los presos num país em que, eu já desconfiava, tudo mudava de uma hora para outra, apesar da certeza de que não eram bandidos, e portanto logo estariam fora da cadeia, e que o mal-entendido seria esclarecido, tudo isso me amedrontava.

Na manhã seguinte, café da manhã, algumas palavras trocadas com o caseiro, que me ensinou a usar a espingarda. Depois, a magnífica piscina e, claro, me bronzear no trampolim. Ler. Olhar o céu. O morro ao lado com eucaliptos. Mergulhar. Olhar o céu. Ler.

Xeretar a casa era um programão. A bola, chutada contra o portão da garagem, não tinha descanso. Almoçar, lanche e jantar, obrigações. Banho e dormir. Para ser atacado de novo no fígado pela grande águia.

No dia seguinte, o mesmo.

Sem apetite. Caseira ao meu lado.

— Come um pouco.

À noite, tentei dormir, mas tive um ataque de bronquite. Abri a janela e fiquei olhando para fora. Respirando, respirando.

O casal não me proibia nada. Enjoado da minha rotina, me dediquei à espingarda de chumbo. Senti uma atração especial em atirar em calangos, que corriam pra lá e pra cá na mureta da quadra de tênis. Minha mira era péssima. Não acertei um calango no primeiro dia em que, como um fuzileiro, explorei a parte de baixo do sítio, ou melhor, fuzilei.

Não acertei um calango no segundo dia.

Não acertei um calango no terceiro dia.

Eram rápidos. Fugiam das aves, de mim, num cacete... Mirava a cabecinha, eles passavam, eu não acertava nem a cauda. E não era problema da arma, que tinha um tiro firme, certo, nem da munição, que voava e, pá, atingia até arrancar pequenas lascas das pedras da quadra. Eram rabudos aqueles calangos. Cagões, como se diz no Rio. Abençoados. Deixei-os em paz e priorizei a piscina. Deu sol todos os dias. Sol de montanha, aquele céu azul sem névoa. O caseiro me emprestou um radinho e entrou música na minha solidão.

Na Tijuca, num corredor escuro, naquele mesmo momento, minha mãe, sozinha numa cela com apenas cama e colchão, a última cela do corredor, sentada, olhando para o nada, abatida e já quilos mais magra, vê o soldado encostar um prato de comida na grade. Ela nem se mexe. O soldado diz:

— A senhora tem de comer alguma coisa.

Ela nem responde.

A filha tinha sido solta no dia seguinte à prisão. Ela mofava naquela cela havia dias. Nenhuma notícia do marido. Nem dos outros filhos. Nenhuma notícia do mundo. Nos primeiros dias, chamavam-na para depor e olhar álbuns de fotos. Conhece este, conhece aquele? Nada. Não conhecia ninguém. E, se conhecia, não dizia. Ou não reconhecia presos assustados, destroçados pela

tortura. Reconheceu a sua foto, a da filha e a do marido. Ouviu gritos de tortura na volta para a cela, para a solidão, a aflição, o vazio e a falta de apetite.

Mas apenas nos primeiros dias a chamavam. Depois se esqueceram dela. Deixaram-na para trás, para o fundão, para o isolamento sem sol, sem visitas, sem notícias, sem sentido. Aguentou firme. Não reclamou. Aguentou quieta. Aguentou. O mesmo soldado de antes, num dia, de surpresa, deixou um chocolate no beiral da cela. Não disse nada. Deixou e saiu às pressas. Este, ela comeu com gosto. Num outro dia, também de surpresa, ela acordou e lá estava ele, o soldado, encostado na cela. Parecia atordoado. Infeliz. Como se quisesse dizer algo. Como se fosse explodir. Assustado. Olhava indignado para a minha mãe. Então ele disse as únicas palavras que faziam algum sentido:

— Olha, queria que a senhora soubesse que eu não concordo. Só estou cumprindo ordens. Eu não concordo com isso. Isso vai acabar. Um dia, vai acabar. O que estão fazendo aqui não está certo. E quando acabar, e nos reencontrarmos um dia, em outras condições, espero que a senhora conte a todos que eu não concordava, que só cumpria ordens e que torcia para isso acabar logo.

O desabafo trouxe um alívio instantâneo. Como se um raio do sol atingisse seu rosto, por uma fresta milagrosa da masmorra. O soldado fez um bem incrível a ela. Mostrou que o mundo não estava do avesso para sempre. Que o que ela vivia, sim, não fazia o menor sentido. Que existiam pessoas de dentro que não concordavam. Que nem toda a estrutura estava a serviço da loucura. Tinha humanidade naquele terror. Havia aliados da sanidade. E ela nunca mais se esqueceu dessa testemunha anônima do caos. Repetia para nós sempre a mesma história, em detalhes, com as mesmas palavras. Foi das poucas coisas que fez questão que sua memória registrasse naquele fim de janeiro de 1971. Do resto, se esqueceu de muito, ou não quis falar, ou não quis lembrar.

Na Serra Fluminense, era comum eu ter ataques de bronquite. Mofo, poeira, umidade. Naquele sítio, não seria diferente. Da janela do quarto, eu via a piscina, o extenso gramado, o morro com eucaliptos à direita, a quadra de tênis à esquerda. Era sempre à noite que os ataques apareciam. Quando criança, minha mãe me fazia companhia: inspira, solta, inspira, solta, inspira, solta, inspira, solta... Depois, uma bombinha de bronquite me acompanhou grande parte da vida, inseparável. Ficava ao lado da cama. Inspira, solta todo o

ar, até o limite, dá duas baforadas e respira forte o ar metálico, milagroso, de efeito rápido como um tiro de cocaína, mas que não cura, alivia a falta de ar e o bloqueio dos brônquios momentaneamente. Só que eu estava sem a minha bombinha.

Numa manhã de sol, eu estava na piscina quando chegou um carro com um cara da minha geração: Joca! Meu chegado. Gente fina. Veio ver se estava tudo bem. Veio me fazer companhia. Joca Bocayuva. Dos lendários Bocayuva (um proclamou a República, e só não virou presidente porque os militares não deixaram). Seu tio, Baby Bocayuva, ex-deputado do PTB, foi cassado com meu pai e exilado na mesma embaixada. Descobri: foi o pai de Joca, Guingo Bocayuva, quem planejou me esconder naquele sítio. Eu estava em família, na casa da Vera Mindlin e do Henrique Mindlin, grande arquiteto, irmão do José Mindlin, de São Paulo. Eu estava numa casa que era modelo de arquitetura modernista.

Ele não trazia boas notícias e estava com um motorista que foi embora em seguida. Contou logo que meus pais ainda estavam presos, mas que Eliana, minha irmã, fora solta. Presos ainda. Já fazia dias. Mas, complementou, está tudo bem, está todo mundo apoiando, saiu até nos jornais, tem advogados trabalhando, é normal, logo, logo eles estão em casa, vamos encarar isso como umas férias fora dos planos. À tarde, apareceram umas garotas conhecidas da minha irmã Nalu (que estava escondida ao lado, em Petrópolis, na casa do Marcílio Marques Moreira). Garotas lindas. Ponham os maiôs, está um sol de rachar. Passamos a tarde na piscina: a visão irreprimível de beleza, luz e cor, em contraste com a sombra que o futuro ameaçava, como um pequeno trecho sem nuvens numa montanha de onde se vê ao longe o clima cagado, trovões, vento e tempestades. Adolescentes cariocas no começo da década de 70. Que trocavam a infantilização de brincadeiras com a água, olha a bomba!, por olhares, risadas, encanto, pele, arrepios, cabelos, pelos, brilho, frases soltas, frases bobas, risadas bobas. Eram momentos de pura contemplação, ao som de um radinho de pilha que tocava os sucessos do programa do Big Boy da rádio Mundial-al-al...

Doze dias sem ver a luz do sol, sem notícias da família e do mundo, jogada numa cela no fundo do DOI sem nenhuma explicação. Abrem a cela.

Mais um depoimento. Mais uma folheada no álbum de fotos de subversivos. Não. Surpresa: decidiram liberá-la.

Não precisou assinar nada. Cruzou o corredor, saiu pela porta lateral do prédio. Cruzou um pátio com carros estacionados, onde surpreendentemente viu o seu Opel Kadet vermelho, o Opel que meu pai dirigiu quando foi preso. Se o Opel estava lá, ele estava lá! Estavam esse tempo todo no mesmo prédio. Cruzou o portão duplo de ferro, pintado de verde. Em frente, uma praça. Com um ponto de táxi.

Minha irmã Eliana apareceu no sítio com o próprio Guingo para me buscar. Estava alegre. Deu a boa notícia. Mamãe foi solta. Está em casa, te esperando. Nada do papai. De repente, senti como se a vida voltasse ao normal. Mamãe foi solta? Mamãe foi solta! Uma alegria que poucas vezes senti na vida. Recompondo os pedaços. O alívio da normalidade. Me leva daqui. Me leva já. Me leva embora.

Descemos a serra. No caminho ela contou que foi interrogada umas três vezes, que faziam perguntas sobre suas convicções, sobre quem frequentava a nossa casa.

2 de fevereiro, dia de Iemanjá. Fui recebido em casa com festa pelas irmãs e a empregada, Maria José. Subi a escada correndo e encontrei a minha mãe deitada no seu quarto, exausta. Abracei ela como nunca. Ela fez carinhos em mim, me acalmava, quando comecei a sentir falta de ar. Era um ataque de bronquite violento, bem mais forte que os outros. O quarto estava à meia-luz; ela manteve a janela fechada. Estava com uma roupa confortável cor de vinho. Era ela, a minha mãe, a minha amada mãe. Que não chorou. Apenas me acalmou, enquanto eu tentava respirar e meus brônquios não ajudavam. Depois dos habituais exercícios de inspirar e expirar, me acalmei. Eu que deveria cuidar dela, eu que estava sendo cuidado por ela. Adormeci ao seu lado. Senti paz. Senti proteção: eu, então, o único homem da casa.

Nos doze dias em que ficou presa, passou sete com a mesma roupa no corpo, sem banho, pente, escova de dente, toalha, sabonete, nada. Incomunicável. Sem sol. Foi interrogada muitas vezes. Às vezes, no meio da noite, acordavam-na para perguntar quem frequentava a nossa casa. Mostravam fotos. Soube pelos interrogatórios que duas presas vindas do Chile traziam cartas para o meu pai. Que cartas? Que presas? Do que você está falando?

Cartas comprometedoras, diziam os interrogadores. Diziam que ele também estava preso, no andar de cima, que estava sendo interrogado, negava tudo, mas ia acabar se abrindo. Tudo o quê? Finalmente, minha mãe identificou a foto da professora das minhas irmãs, Cecília, no álbum de presos. Mas não disse nada.

Fora da cadeia, soube da farsa montada: diziam que meu pai tinha fugido. Como? Tinham dito que ele estava lá, sendo interrogado. Foi manchete dos telejornais do dia 22 de janeiro, sem citar o nome completo dele. Saíram mais detalhes nos jornais do dia 23. Falavam de um Rubens Seixas. Algumas manchetes em maiúscula:

O Globo: “TERROR LIBERTA SUBVERSIVO DE UM CARRO DOS FEDERAIS”.

Jornal do Brasil: “Terroristas metralham automóvel da polícia e resgatam subversivo”.

O Jornal: “TERROR METRALHA CARRO LIBERTANDO PRISIONEIRO”.

O Dia: “BANDIDOS ASSALTAM CARRO E SEQUESTRAM PRESO”.

Tribuna da Imprensa: “Terror resgatou preso em operação-comando”.

A notícia era idêntica, cada jornal a adaptou ao seu estilo. *O Globo* tinha a foto de um carro incendiado na capa. Omitia o sobrenome do prisioneiro foragido. Dizia que se tratava de “um político cassado”, e que fora “capturado há dois ou três dias em sua residência, na Zona Sul”. “Os agentes refugiaram-se por trás do carro em chamas, mas nada puderam fazer para impedir a fuga de Rubens Seixas. O bando fugiu em direção à Barra da Tijuca.” Segundo “relato dos agentes empenhados na batalha”, era “possível que algum dos subversivos tenha sido atingido pelos tiros”.

No dia 25 de janeiro, o jornal *Tribuna da Imprensa*, do amigo do meu pai, Hélio Fernandes, publicou o nome verdadeiro, completo. Noticiou que o “Terror” havia resgatado “o subversivo Rubens Beyrodt de Paiva” na avenida Edson Passos, “imediações da Usina”. Era a senha para os amigos. Rubens foi *internado*. Usou a linguagem que satisfazia o regime, era aprovada pelo censor, que passava o dia na redação. E passou o recado. Esse cara de quem estão falando é o Rubens. Estão falando que ele fugiu dois dias depois de ser preso.

Aí tem...

Minha mãe estranhou. Mas os jornais divulgaram o nome do “terrorista” Rubens Seixas, que é o nome que apareceu no boletim de ocorrência. A confusão alimentou a esperança de que talvez não tivesse sido ele. Ou, se fosse

verdade, ele fugira, fora resgatado por “bandidos do terror”. Então Rubens logo mandaria notícias? Ela soube também que, no dia 25 de janeiro, enquanto estava presa, o advogado Lino Machado impetrou habeas corpus, responsabilizando o comandante do 1º Exército, Syseno Sarmento, pela prisão.

Ela contou a todos que viu seu carro, o Opel, no pátio do DOI-Codi. No dia 4 de fevereiro, minha tia Renée, irmã mais velha do meu pai, foi até o quartel buscar o carro. Não só o devolveram, como deram um recibo com o timbre PRIMEIRO EXÉRCITO — DOI. Ela levava roupas e medicamentos para o meu pai. Surpreendentemente, a informaram que ele não estava detido naquela unidade.

Em 4 de fevereiro saiu no *Estadão* que Eunice fora solta dois dias antes e que durante os doze dias em que estivera presa não conseguiu nenhuma informação sobre o paradeiro do seu marido:

Assim que é solta, Eunice entrega uma procuração ao advogado Lino, para que cuide do caso. Ela não dá declarações sobre os doze dias presa, apenas afirma que não conseguiu saber de Rubens. Na entrevista, Eunice diz que apenas “quer ter o marido de volta” e que os cinco filhos ficam perguntando pelo pai. “Sinto-me como um pássaro que regressa ao ninho. Minha mãe veio de São Paulo para assumir a direção da casa. As crianças acharam-me diferente, mais magra, mas não fizeram perguntas.” Na entrevista ela ainda afirma: “Fui solta, mas, evidentemente, falta uma peça na minha família. Há uma angústia profunda em Marcelo e Beatriz, os filhos mais novos. Ambos são muito ligados ao pai, que tem o hábito de colocar apelidos. Marcelo, por exemplo, é chamado de Cacareco. Tenho confiança em que tudo se resolva bem”.

No dia 17 de fevereiro saiu em alguns jornais: Eunice entregou ao deputado Oscar Pedroso Horta uma carta endereçada ao ministro da Justiça para que ele, no papel de presidente do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, saiba da prisão do marido. Na carta, ela relata que foi presa com a filha de quinze anos, Eliana.

Era o começo da luta. Uma das.

Ou, ou, ou, ou, ou...

Nunca me esqueço da primeira foto que fizeram depois do desaparecimento do meu pai.

Era março de 1971.

Era para a revista *Manchete*, símbolo do Brasil Grande, a revista das celebridades e notícias felizes, de Pelé na capa, de Roberto Carlos, Ronnie Von, o Príncipe, “Meu bem...”. De reis e rainhas, que, como grande parte da imprensa, grande parte da população, encantava-se com o Milagre Brasileiro e curtia a ressaca do choque de Jacqueline Kennedy ter virado Onassis.

Como cantavam nos anúncios oficiais, depois do tricampeonato no México: “Esse é um país que vai pra frente. Ou, ou, ou, ou, ou. De uma gente amiga e tão contente. Ou, ou, ou, ou, ou...”.

Ou...

A imagem do Brasil no exterior começava a ficar arranhada com depoimentos de exilados que contavam dos horrores da tortura. Autoridades brasileiras eram questionadas e negavam tudo. Zuzu Angel, estilista mais famosa do Brasil, fez um desfile em Nova York com estampas em que havia denúncias contra a tortura e o desaparecimento de seu filho, Stuart Jones, de dupla nacionalidade. Mobilizou artistas de Hollywood. O Senado americano fez um *hearing* com o diretor da CIA, Richard Helms, que desconversou. Não confirmou nem negou que o governo brasileiro torturava seus inimigos e em casos extremos desaparecia com os corpos.

Elio Gaspari conta que, desde agosto de 1970, a embaixada americana em Brasília mentia para o Departamento de Estado americano. Informava que a tortura estava sendo substituída por métodos “mais humanitários” de interrogatório. O consulado americano mantinha um pesquisador-visitante no

DOI-Codi carioca. Ao Senado americano, o chefe de Segurança Pública do programa de ajuda ao Brasil disse que não sabia o que era o Codi.

Médici visitou Washington em 1971 e foi brindado por Nixon com a frase: “Para onde for o Brasil, também irá o resto do continente latino-americano”. Discutiram a derrubada de Allende, do Chile, que rolou em 1973. Médici se ofereceu para ajudar a derrubar Fidel Castro. Pretensão.

Minha mãe passou aquele verão de 1971 dando entrevistas a correspondentes estrangeiros que moravam no Rio, cidade que sediava as sucursais latino-americanas das grandes agências de notícia, revistas e jornais do mundo todo. Muitos desses jornalistas tinham estado com meu pai, um informante que passava relatos de violações dos direitos humanos da ditadura. Talvez por isso a prisão dele tenha sido notícia no *The Times*, *The Guardian*, *The New York Times*, *Newsweek*. Mulher de ex-deputado federal perseguido pelo regime relata desaparecimento do marido, saiu no NYT:

Last January, a Brazilian civil engineer was arrested in his home by Government security agents and disappeared. He has not being heard from since. But, his case exploded in noisy publicity today. There have been at least two other cases of Brazilians who, according to their relatives, have disappeared after being arrested by security forces...

Era uma surpresa que um órgão da imprensa no Brasil como a *Manchete*, a revista que mais vendia no país, se interessasse em noticiar o desaparecimento de um dos subversivos mais simpáticos e risinhos que Callado conheceu. Em 1971, não se sabia mais quem estava do lado de quem. Mandou um fotógrafo lá em casa. Queria todos os filhos na foto. Na porta de entrada do sobrado do Leblon. Na mesma porta pela qual meu pai foi levado para a tortura e a morte semanas antes. A mesma pela qual minha mãe foi levada no dia seguinte com a minha irmã Eliana. Nela, nos apertávamos para caber. Não sei de quem foi a ideia de nos fotografar sob o batente da porta principal. O mar do Leblon estaria ao fundo, se ele tivesse erguido um pouco mais a câmera. Mas a pauta da prisão não combinaria com uma das vistas mais lindas, a da praia, do intrincado e sedutor arquipélago das Cagarras e a do morro Dois Irmãos abençoando uma das cidades mais lindas do mundo.

Vesti minha calça mais chique. Estávamos todos chiques, com roupa de domingo. Sorriamos. Não parávamos de sorrir. A ironia era imensa: apareceríamos justamente na mais bonita e glamorosa de todas as revistas. Nossa entrada de bico no colorido universo das celebridades que admirávamos, que não paravam de sorrir, que eram felizes e bem-sucedidas.

Nos empurrávamos e ríamos. Minha mãe de cabelo armado. Passara laquê para aquela foto, certamente. Tinha colares. Magérrima e ainda queimada do sol de Búzios. Nós cinco, da mais nova, Babi, dez anos, à mais velha, Veroca, dezesseis. Queimados, verão, incrédulos. Babi gargalhava. Saiu na foto de olhos fechados. Só Veroca não sorria. Veroca sabia de mais coisas do que nós. Veroca estava com exilados em Londres quando invadiram a nossa casa e nos prenderam. Veroca leu no *Times* sobre a prisão do próprio pai. A professora da escola em que estudava a informou: falam aqui da prisão de um ex-deputado do seu país. Era seu pai. Minha mãe temia que a prendessem no aeroporto na volta. Veroca teve que perambular por um tempo pela Europa. Esteve com os exilados em Paris. Contaram-lhe dos bastidores, dos horrores da tortura. Ela sabia o que acontecia nos porões. Sabia mais do que nós, no Brasil, que cantávamos “Esse é um país que vai pra frente, de uma gente amiga e tão contente, ou, ou, ou, ou, ou...”. Voltou em tempo de tirar a foto para a *Manchete*. Sem sorrir. Não como minha mãe, que sorriu depois de ficar doze dias no DOI-Codi, testemunha do bastidor e do horror, mas ainda sem certezas, na luta, queixo erguido, juntando informações desconstruídas de um quebra-cabeça que nunca concluiu. Sem saber do fim da história. Sem saber do fardo que carregávamos.

O fotógrafo reclamava: fiquem mais sérios, mais tristes, mais infelizes. Não conseguimos. Ou não queríamos. A irreverência sempre nos inspirou. Observo a foto hoje e vejo nos olhos da minha mãe: quem você pensa que é, para nos fazer infelizes? Nos indignamos. Não é a imprensa que nos pauta, nós a pautamos. Ou, ou, ou, ou, ou...

Foi a única foto da família que saiu na imprensa naquela época. Foi a única foto da família que saiu na imprensa em muitos anos. Logo depois, a censura apertou, ficou mais profissional, mais rigorosa, quase não passava nada, e entramos para a lista negra.

Durante anos, no Brasil, o nome da minha família foi riscado do mapa.

Durante anos, no Brasil, a minha família foi evitada.

Durante anos, alguns brasileiros, conhecidos e amigos, nos evitaram. Até parentes.

Nos temiam. Temiam ser associados a nós.

E recebemos solidariedade de pessoas que não esperávamos. De professores, amigos que não sabíamos que tínhamos, jornalistas, advogados, empresários que poderiam arriscar a reputação ou perder contratos e concorrências, gente que apoiou o golpe e se arrependeu, organizações que não concordavam com os rumos, até da Igreja. Aliás, especialmente da Igreja católica apostólica romana, que anos depois agregou sua insatisfação para protestar pelo fim do regime.

É uma foto que reflete o absurdo do seu tempo. Uma mulher, com cinco filhos adolescentes, perguntando pelo marido, que as autoridades afirmavam ter fugido numa diligência. Um fotógrafo procurando a essência da pauta. A porta que viu saírem militares de metralhadoras com um casal e a filha. Viu a dor e a morte passar.

Meu pai entrou no DOI-Codi em 20 de janeiro de 1971, morreu na noite do dia 21 de janeiro, foi levado na madrugada do dia 22, esquartejado, enquanto minha mãe e irmã eram interrogadas em separado. Testemunhas de lá de dentro nos dizem que ele foi enterrado na restinga de Marambaia, sob a areia de quarenta e dois quilômetros de praia que pertence à Marinha do Brasil, base paradisíaca de oitenta e um quilômetros quadrados e acesso restrito, hoje Centro de Adestramento da Ilha da Marambaia dos Fuzileiros Navais.

O labirinto de contrassensos que minha mãe começou a percorrer era longo.

Depois da impetração do habeas corpus em 25 de janeiro, o Comando do 1º Exército instaurou uma sindicância para apurar “os fatos narrados na parte, a fim de que sejam eles devidamente esclarecidos”. Foi assinada pelo próprio general Syseno Sarmento, comandante do 1º Exército, conhecido como “o feíssimo”. Está dirigida ao major Ney Mendes, que, assim como o capitão Raymundo Ronaldo Campos, trabalhava na Seção de Operações do DOI. Chefiavam as equipes de busca. Alguns nomes de envolvidos começaram a aparecer.

Em 11 de fevereiro de 1971, foi encerrada a sindicância instaurada dentro do DOI. O major Ney Mendes reproduziu os termos de Raymundo Ronaldo Campos e concluiu:

Pelas diligências e investigações por mim procedidas, constatei a veracidade das afirmativas dos agentes de segurança, corroboradas com o laudo de exame pericial procedido no local e na viatura incendiada, perícia esta do 1º BPE. Verifica-se, pois, que os agentes de segurança não praticaram qualquer ato que merecesse reprovação. Pelo contrário, usaram de todos os recursos legais de que dispunham para evitar a consumação do evento, por parte dos elementos desconhecidos, possivelmente terroristas. Não houve em qualquer hipótese algum indício de responsabilidade a apurar-se por parte dos agentes de segurança. Pelo contrário, demonstraram iniciativa, coragem e um elevado grau de instrução em face da surpresa e superioridade dos elementos desconhecidos. Na refrega, houve a evasão do sr. Rubens Beyrodt Paiva para local ignorado, não sabendo as autoridades de segurança o seu paradeiro, de vez que a preocupação dos referidos agentes era de se defender e também o seu acompanhante, cujas consequências foram a queima do carro e a interrupção das diligências que estavam se processando [...]

Em face do acima exposto e das provas periciais constantes da presente, conclui-se não ter havido qualquer responsabilidade ou indício de existência de infração penal a apurar-se por parte dos agentes de segurança, eis que, quanto ao sr. Rubens, ainda estão sendo tomadas providências pelos órgãos competentes. Razão por que opino pelo arquivamento desta Sindicância.

Nas semanas seguintes, a mesma versão da fuga do meu pai com as mesmas palavras foi reproduzida e repercutida nos comandos do Exército e da Aeronáutica, na Procuradoria Geral da Justiça Militar, no Superior Tribunal Militar, até no Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e na Câmara dos Deputados. O deputado Nina Ribeiro, vice-líder governista, leu na tribuna: “O capitão Raymundo Ronaldo Campos, primeiro-sargento Jurandyr Ochsendorf e Souza e terceiro-sargento Jacy Ochsendorf e Souza, todas testemunhas, foram acordes em afirmar que, às quatro horas do dia 22 de janeiro de 1971, levaram o preso”.

Aos poucos, entregavam os nomes, os personagens oficiais que participaram da prisão. Era um Estado que não temia ninguém.

Notícias mesmo saíam fora do Brasil e começaram a incomodar o regime, parceiro dos americanos, que sempre negou a existência de tortura. O senador Ted Kennedy fez um discurso duro no Senado americano. Jornais americanos e europeus cobravam uma resposta ao apoio de seus governos a regimes que

cometiam violações aos direitos humanos na América Latina. Os militares brasileiros também endureceram verbalmente. O chefe do Estado Maior do 1 Exército, general de brigada Carlos Alberto Cabral Ribeiro, soltou o ofício:

O paciente não se encontra preso por ordem nem à disposição de qualquer organização militar deste Exército. Esclareço, outrossim, que, segundo informações de que dispõe este Comando, o citado paciente quando era conduzido por agentes de segurança, para ser inquirido sobre fatos que denunciam atividades subversivas, teve seu veículo interceptado, empreendendo fuga para local ignorado, o que está sendo objeto de apuração por parte deste Exército.

Todas as esferas usaram o jargão “paciente”, não “detido” ou “preso”. Ou os torturadores se apropriaram do jargão das esferas superiores? O general Sylvio Frota reiterou ao STM:

O paciente não se encontra preso por ordem nem à disposição de qualquer OM deste Exército. Esclareço, outrossim, que, segundo informações de que dispõe este Comando, o citado paciente quando era conduzido por agentes de segurança, para ser inquirido sobre fatos que denunciam atividades subversivas, teve seu veículo interceptado por elementos desconhecidos, possivelmente terroristas, empreendendo fuga para local ignorado, o que está sendo objeto de apuração por parte deste Exército.

Estavam todos afinados: Exército e Aeronáutica, que entregou o paciente ainda vivo e com condições de ser interrogado para o Exército. Em 23 de março de 1971, depois de o STM pedir informações ao brigadeiro João Paulo Moreira Burnier, que prendeu meu pai e o levou para a 3ª Zona Aérea, ele mentiu descaradamente num ofício endereçado ao Tribunal Militar: “O sr. Rubens Beyrodt Paiva jamais esteve preso nesta Grande Unidade ou Unidades subordinadas a este Comando”. O STM negou o habeas corpus.

Onde ele estava? Quem podia nos ajudar? Era o Brasil do AI-5. Mas tinha uma brecha: apesar de o ato ter suspenso a garantia de habeas corpus para crimes contra a segurança nacional, não excluiu o dever de comunicação da prisão nem autorizou a manutenção de suspeitos, por tempo indeterminado, em estabelecimentos oficiais ou clandestinos, sob a responsabilidade de agentes do Estado.

Minha mãe passou a frequentar Brasília. Na teoria, aquele regime tinha ainda um braço de civilidade, o Congresso, e organizações da sociedade civil. Houve denúncia na Comissão de Direitos Humanos da Câmara. Houve denúncia da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, surpreendeu e disse que meu pai logo seria solto. Um coronel pediu dinheiro para meu avô Paiva para acelerar a soltura. Oficiais diziam que ele estava preso em Fernando de Noronha. Numa base no Xingu. Tudo mentira. Todos sabiam que era mentira. O alto escalão do governo sabia que era mentira. Jornalistas sabiam que era mentira. Menos a minha mãe, que queria acreditar que ele estava vivo, que precisava acreditar, e conheceu senadores que não serviam para nada, deputados que não legislavam, um poder corroído pelo autoritarismo, corrompido até a alma, juízes que não julgavam, tribunais que mentiam, um poder de fachada, uma mentira para dar legitimidade a uma ditadura e a milicos que mandavam e desmandavam e metiam medo, lia uma imprensa vaga, sob censura ou, pior, condescendente, via uma TV que se omitia, acovardava-se.

Cinco meses se passaram, e nada.

Callado testemunhou: minha mãe já esteve tranquila. Buzaid, o próprio ministro da Justiça, também de Santos, também despachante aduaneiro, como meu avô paterno, Jayme Paiva, colegas de ofício, garantira que meu pai seria solto. Seu marido sofreu alguns arranhões, dona Eunice, está se recuperando e será solto logo, logo.

Só no final de junho ela recebeu uma carta escrita à mão da professora das minhas irmãs, Cecília, que reconheceu no álbum de fotografias do DOI. Ela estivera presa com meu pai. E decidiu contar o que aconteceu. Só então o quebra-cabeça começou a ser montado. E Poliana parou de sonhar:

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1971

D. Eunice. Tendo lido nos jornais notícias desencontradas e mesmo alarmantes, imagino o sofrimento da senhora e das meninas, minhas ex-alunas do Colégio Sion, quanto ao paradeiro do dr. Rubens. Gostaria de minorar, de algum modo, a sua angústia, dando-lhe conhecimento do que sei a respeito do seu marido.

No dia 20 de janeiro último, estando eu no quartel da 3ª Zona Aérea próximo ao aeroporto Santos Dumont, quartel onde permaneci por algumas horas, fui transportada por elementos que usavam trajes esporte e que se diziam das Forças Armadas, para o quartel da Polícia do Exército, o DOI, que era mencionado pelos mesmos elementos como “Aparelhão”. Sentado, ao meu lado, no automóvel, estava seu marido, o dr. Rubens Paiva.

Chegando no mencionado quartel, fomos desembarcados eu e seu marido.

A senhora deve compreender que ainda não me sinto em condições de descrever as horas angustiosas por que passei, mas posso garantir que, nesse mesmo dia, ouvi a voz do seu marido sendo interrogado. Ouvi perfeitamente quando ele declarava seu nome, estado civil, naturalidade etc. Ele estava ao meu lado, embora eu não pudesse vê-lo, de vez que tinha a cabeça coberta por um saco que me impedia a visão.

Na noite de 20 de janeiro a 21 no mesmo quartel várias vezes me foi perguntado meu nome, ocasiões essas em que ouvi as mesmas perguntas serem dirigidas ao seu marido, que as respondia. Lembro-me de que, algumas vezes, ele dizia Rubens Paiva, e lhe exigiam o nome completo: Rubens Beyrodt Paiva. Ainda na manhã do dia 21 ouvi o dr. Rubens pedindo água, e esta foi a última vez que ouvi a sua voz, pois na tarde desse mesmo dia fui transferida para outro local.

Esperando que esta notícia lhe traga algum consolo, faço votos de que brevemente esteja a família toda reunida e despeço-me com um abraço amigo para todos e especialmente para as minhas ex-alunas Vera, Eliana e Ana Lúcia.

Cecília Viveiros de Castro

Minha mãe não entendeu a relação dos dois. Só se conheciam de reuniões da escola.

Dias depois, a Procuradoria-Geral da Justiça Militar soltou um parecer sobre a prisão. Já usavam o termo “desaparecimento”:

Embora se procurasse explorar o fato por todos os ângulos, inclusive na imprensa estrangeira, o que facilmente se depreende da leitura dos autos, finalmente, nada tem as Forças Armadas com esse desaparecimento ou mesmo sequestro. E é o importante para essa Justiça Especializada.

Em 28 de julho de 1971, ainda sobre o pedido de habeas corpus, o parecer foi reiterado pelo Procurador- -Geral da Justiça Militar, Ruy de Lima Pessoa:

O paciente não se encontra preso por ordem nem à disposição de qualquer OM deste Exército. Não se deve pôr em dúvida a palavra oficial, como pretende o Impetrante, tergiversando os fatos com

base em noticiário jornalístico, onde interesses diversos sobrelevam-se encobrindo a realidade. Assim, não se encontrando o paciente preso e inexistindo autoridade coatora, não se deve tomar conhecimento do pedido, salvo melhor juízo.

Em 2 de agosto de 1971, o STM encerrou o assunto:

Em face das informações da autoridade havida como coatora, de que o paciente já não se encontra preso, o tribunal, por unanimidade de votos, julgou prejudicado o pedido, sem prejuízo de apuração, na forma da lei, dos fatos objeto das diligências em curso no Comando do 1 Exército.

O ministro e comandante do 1 Exército, general Syseno Sarmento, nem apareceu na sessão. Um jornalista do lendário e independente *Jornal do Brasil*, Fritz Utzeri, dos poucos que não tinham medo, que continuaram em contato, em que confiávamos, confirmou para a minha mãe que meu pai não seria solto, que foi morto, e seu corpo, desovado. Que ouviu do próprio presidente do Brasil, general Médici, a frase “morreu em guerra”.

Não sei a data exata em que ela descobriu a verdade. Foi quando parou de sorrir por muitos anos. Foi a gota d’água: não tínhamos mais nada o que fazer no Rio. Nos mudamos para Santos.

O sacrifício

No meio do ano de 1971, fomos morar na casa do meu avô Paiva, em Santos, no José Menino, Canal 1. Minha mãe montou um quarto com uma cama de viúva. Trancava-se todas as noites para acender velas e chorar. Nunca a vimos chorando. Trancava-se e preferia sofrer sozinha. À luz de velas. Queria nos preservar, me diria anos depois, repetidas vezes. Não o enterrara ainda. Ninguém o enterrava. Tinha esperança de acordar de um pesadelo, com a volta dele, esperava um milagre, que fosse tudo um jogo de cena da ditadura, e quem sabe ele ainda não estava preso, jogado e esquecido no fundo de uma cela, numa ilha, num hospício, e curavam suas feridas. O ministro garantira. Mas os generais diziam que ele não estava preso. Ela ouviu lá dentro que ele estava preso no andar de cima. Nos inquéritos, ele fugira. Tem oficial garantindo que ele está vivo. Tem jornalista alertando: está morto. Conversou com pitonisas, rezou, apelou. Enterrar seria desistir. A nós, nada dizia. Para nós, ele ainda estava vivo. Cada um dos filhos o enterrou à sua maneira, em épocas diferentes, silenciosamente. Depois de um, dois anos, dois anos e meio... O tempo era o seu atestado de óbito. A demora, a comprovação que faltava.

Aos poucos, minha mãe se desfez das roupas dele. Herdei ternos, camisas e gravatas. Eventualmente ela consultava alguém, para um apoio espiritual. E consultava uma amiga psicóloga carioca, sem marcar hora, como papo de amigas. Foi tudo o que fez pelo luto emocional. A praticidade era sua loucura, e logo se agarrou a ela. Praticidade que hoje não serve para nada.

Em 1974, nos mudamos para São Paulo, para perto do Paraíso, perto da primeira linha de metrô, que era inaugurada naquele ano pelo general Médici. Voltamos para São Paulo, para o marco zero, o ponto de partida.

Numa palestra que deu para duzentas pessoas em 1979, em Londrina, ela disse que ainda não tinha entrado com uma ação contra o governo, pois

esperava as pessoas envolvidas no caso “perderem o medo de falar o que sabem”.

— Não adianta a União dizer que ele fugiu da cadeia, porque ninguém vai acreditar nessa história.

Contou que nem Buzaid acreditava na fuga de Rubens, e que ele afirmou, ainda em 1971, numa reunião com a minha família paterna, um mês depois da prisão do meu pai, na casa dele em São Paulo, que meu pai estava preso no 1 Exército e machucado, mas que seria liberado em quinze dias. Buzaid garantiu que ela teria o marido de volta. Depois de pressionado pelos militares, Buzaid negou o que disse. Ela disse que Buzaid estava por fora de tudo. Ou mentiu descaradamente, deu injustificadas falsas esperanças, apertou a ferida da minha mãe.

Em 1985, ela disse numa palestra que ouviu de tudo, muitas versões e mentiras, mas que a única coisa que tinha certeza era de que Rubens estava morto, mas uma morte não oficial. Dizia sempre:

— A tática do desaparecimento político é a mais cruel de todas, pois a vítima permanece viva no dia a dia. Mata-se a vítima e condena-se toda a família a uma tortura psicológica eterna. Fazemos cara de fortes, dizemos que a vida continua, mas não podemos deixar de conviver com esse sentimento de injustiça.

Só recentemente, em 2014, o quebra-cabeça foi completado pelo Ministério Público Federal do Rio de Janeiro. Nos cinquenta anos do golpe militar, tivemos a conclusão da Comissão Nacional da Verdade, com a morte de dois militares envolvidos diretamente, cujos documentos escondidos em suas casas vieram a público, e testemunhas de pessoas de dentro do DOI, que começaram a falar. Foi quase completado. Está tudo na internet. Até no YouTube. É público. Falta o principal, o corpo.

Para os procuradores do MPFRJ, que passaram anos investigando e montaram um organograma completo e detalhado de todos os envolvidos, o motivo da prisão do meu pai começou com o desfecho do sequestro do embaixador suíço, Giovanni Bucher. Cecília Viveiros de Castro, já doente, deu um depoimento por escrito. Os procuradores juntaram com outros depoimentos de agentes, inclusive torturadores, que os prestaram pessoalmente, e construíram a seguinte narrativa:

13 de janeiro de 1970. Setenta presos políticos foram trocados pela libertação de Bucher e seguiram para o Chile, destino de muitos exilados brasileiros, dentre os quais Helena Bocayuva (filha do ex-líder do PTB na Câmara, Bocayuva Cunha), Luiz Rodolfo Viveiros de Castro e Jane Corona Viveiros de Castro. A mãe de Luiz, Cecília Viveiros de Castro, foi ao Chile visitá-lo e, ao retornar em companhia da irmã de Jane, Marilene Corona Franco, concordou em portar consigo cartas e papéis com conteúdo político, endereçados a amigos e conhecidos do casal.

No dia 19 de janeiro de 1971, Cecília Viveiros de Castro e Marilene Corona Franco embarcaram com destino ao Rio de Janeiro. O voo em que estavam era o primeiro a retornar ao Brasil após o exílio dos presos trocados e por isso havia forte controle da repressão sobre a identidade dos passageiros e sobre seus pertences.

Declaração manuscrita de Cecília Viveiros de Castro, já falecida: “Depois de passar uma temporada com meu filho e minha nora, em Santiago, iniciei a viagem de volta no dia 19 de janeiro de 1971 pelo avião da Varig. Em minha companhia viajava Marilene Corona, irmã da minha nora. A viagem transcorreu normalmente. Durante os dias que passei em Santiago tive a oportunidade de encontrar numerosos brasileiros, amigos ou simples conhecidos de meu filho. Para alguns eu levava correspondências. Já tivera oportunidade de conhecer alguns parentes deles aqui no Rio. Outros eu conheci lá. Logicamente, quando se espalhou a notícia da minha volta ao Brasil, muitos retornaram pedindo-me que trouxesse cartas ou pequenas encomendas. [...] Como algumas manchetes pudessem criar problemas com autoridades brasileiras na revista da bagagem, a princípio recusei. Marta, porém, me pediu muito e convenceu-me dizendo que eu poderia trazer as cartas e recortes por baixo da roupa, e que assim não haveria problemas”.

Não explica quem é Marta. O nome aparece solto no depoimento. Nome ou codinome.

Marilene Corona Franco relatou que não participara do movimento estudantil, mas sua irmã, Jane, que fez Medicina na UERJ, era do movimento. Foi presa no famoso e clandestino congresso da UNE em Ibiúna, em 1969. Casou-se com Luiz Rodolfo Viveiros de Castro, filho de dona Cecília. Luiz Rodolfo exilou-se no Chile em meados de 1970. Jane, no final de 1970, resolveu se juntar a ele.

Estava no Chile o cabo Anselmo, da VPR, e agente duplo, aliciado pelo delegado Fleury (chefe do Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS). Que frequentava as reuniões dos exilados.

O avião aterrissou no aeroporto do Galeão pouco antes da meia-noite do dia 19. Tão logo foi concluída a aterrissagem, os pilotos conduziram a aeronave a uma área reservada, onde três homens à paisana retiraram Cecília e Marilene da aeronave e as levaram à base aérea adjacente ao aeroporto internacional.

A tortura de ambas — objeto de outra investigação — iniciou-se quando, após revista corporal, descobriu-se que tanto Cecília quanto Marilene ocultavam papéis com conteúdo político, remetidos por exilados. Nos papéis encontrados em poder de Marilene, havia a orientação de que um dos pacotes deveria ser entregue a “Rubens, que poderia ser contatado através de um determinado número de telefone”. Marilene não conhecia previamente a identidade do destinatário, nem tampouco era militante de organizações de oposição ao regime. Marilene, então, foi forçada, mediante tortura cometida pessoalmente pelo comandante da 3ª Zona Aérea, coronel JOÃO PAULO MOREIRA BURNIER (já falecido), a telefonar para o número indicado no pacote que recebera e dizer a “Rubens” que as cartas do Chile haviam chegado. O oficial portava na ocasião um radiocomunicador e, assim que a mensagem foi transmitida por telefone, começou a gritar, falando: “Já cercou a casa do homem?”, “Ele está em casa, podem invadir”.

Verifica-se, assim, que, a partir do prenome e do número de telefone apreendido em poder de Marilene, militares da Aeronáutica comandados por BURNIER identificaram o destinatário das correspondências e o endereço onde Rubens Paiva residia com sua família.

De acordo com a testemunha Marilene Corona Franco, “o avião estacionou fora do local de desembarque e já na boca da escada havia pessoas em um jipe gritando o nome de ‘Marilene e acompanhante’, o que sugere que os agentes tinham prévio conhecimento de que era a declarante quem trazia consigo as cartas dos brasileiros exilados”.

No mesmo sentido, escreveu Cecília Viveiros de Castro: “Continuando o meu relato, quando descemos do avião, eu e Marilene fomos levadas [...] por três homens em traje esporte que [...] diziam: ‘Não é nada, não se preocupem, vocês nos acompanhem, é assunto de rotina’. Descemos diante de uma porta onde vi escrito: ‘DAC — Polícia’, e daí em diante não tive mais dúvida: estávamos presas. Esta primeira fase de nossas aventuras, ou desventuras, melhor dizendo, não foi das piores, se compararmos com o que veio depois”.

A declarante [Marilene Corona Franco] e dona Cecília permaneceram no Galeão até a manhã do dia seguinte [20 de janeiro]. Ficaram sentadas em uma sala. Chegaram a ser ameaçadas de serem postas para caminhar em uma espécie de chapa quente no chão. Dona Cecília também foi obrigada a despir-se e sentiu-se mal e humilhada. [...] Após ser ameaçada por algumas mulheres fardadas, a declarante confessou que trazia consigo as cartas. O nome da declarante e de dona Cecília foi retirado da lista de passageiros, de modo que o esposo de Cecília acreditou que elas não tivessem embarcado.

De acordo com Cecília Viveiros de Castro, em seu depoimento manuscrito: “Com a entrada de um tal ‘dr. Alberto’ de que eu tenho horror de me lembrar até agora, iniciou-se, para mim, uma

sessão de humilhação que nem sei descrever. Fui tratada como uma pessoa sem moral, comparada a mulheres que ele citou e de que nunca ouvi falar [...]. O pior é que eu tentava responder quando ele me perguntava alguma coisa, mas ele não deixava, me interrompia, gritava, ofendia meu filho, dizia que se ele o pegasse de novo, eu ia ver o que ele faria. Garantiu que não somente eu ficaria presa, mas toda a minha família seria detida, pelo menos quarenta dias, inclusive minha filha de treze anos. Segundo este ‘dr. Alberto’, meu marido e eu perderíamos o emprego, nunca mais eu teria passaporte”.

Segundo a testemunha Marilene Corona Franco, na manhã seguinte, um oficial fardado, mais velho, apareceu e perguntou para a declarante se ela conhecia Rubens Paiva. Nesse momento, dona Cecília não estava com a declarante.

Minutos mais tarde, a casa foi invadida por seis agentes do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (Cisa), ainda não totalmente identificados, fortemente armados. Sem esboçar nenhuma resistência, a vítima foi escoltada ao comando da 3ª Zona Aérea, situado na avenida General Justo — Centro, conduzindo seu próprio veículo. Lá, no terceiro andar, Cecília e Marilene testemunharam o interrogatório e início das torturas infligidas ao ex-parlamentar.

De acordo com Marilene Corona Franco: “Logo depois, foi chamada e confrontada com Rubens Paiva, que não conhecia. Antes de ambos serem postos frente a frente, ouviu gritos e ameaças e uma voz dizendo ‘Não sei de Jane nem de Luiz Rodolfo’. Lembra-se que Rubens Paiva era um homem gordo e naquela ocasião estava com o rosto muito vermelho, como se estivesse muito nervoso ou mesmo levado alguns tapas na face. Ele suava muito e dizia: ‘Nunca vi essa mulher’. A declarante também afirmava nunca ter visto a vítima”.

No final da tarde de 20 de janeiro de 1971, os três detidos foram transferidos ao quartel do 1º Batalhão de Polícia do Exército onde, desde o ano anterior, também funcionava o DOI do 1 Exército.

Cecília Viveiros de Castro narrou o que se passou da seguinte forma: “Enquanto estivemos neste prédio na Aeronáutica [...] ouvíamos gritos de um cidadão que estava sendo ‘interrogado’. Era a primeira vez que constatava a existência dos horrores das torturas tão negadas pelos comunicados do governo. Não sabia o que ia me acontecer, e foi com indiferença de quem já não pode esperar nada de bom que fui levada para outro carro. Senti que os meus acompanhantes estavam aflitos por chegar a outro lugar e se consultavam sobre a procissão, se já tinha acabado etc. Fui colocada num carro e Marilene em outro. Ouvi as ordens a respeito de nossa bagagem que iria também para o mesmo lugar. Fizeram entrar no mesmo carro e sentar ao meu lado um homem grande, gordo, alourado, de olhos claros, suado e amarrado com as mãos atrás das costas que reconheci, espantada, ser o dr. Rubens Paiva, pai de três meninas, minhas alunas no Colégio Sion e companheiras das minhas filhas. Era ele que tinha estado apanhando. Ouvi as conversas em que o ameaçavam de mais ‘ameixas’ se não se mantivesse quieto. O dr. Rubens parecia sofrer muito e pedia para afrouxarem os nós que prendiam seus pulsos. Ouvi e ele também devia estar ouvindo as instruções dadas pelo rádio, do Tigre ao Elefante, Aranha etc. sobre como deviam agir na casa em que estavam ‘uma senhora e quatro crianças na Delfim Moreira’; elas devem permanecer lá, o telefone está

controlado; quem está dentro não sai, quem está fora pode entrar mas entra e é grampeado'. Isso foi repetido pelo menos umas três vezes até o outro animal (Elefante, Aranha etc.) gravar bem. Depois que tive quebrada a incomunicabilidade da minha prisão, entendi que o que ouvíamos se referia à casa e à família de Rubens Paiva”.

Marilene Corona Franco acrescentou que: “Algum tempo depois, disseram para a depoente que ela iria para casa. Colocaram-na em um Fusca acompanhada de três agentes. Depois soube que Rubens Paiva estava em outro automóvel, jogado junto aos pés de dona Cecília. Ela ficou muito surpresa ao vê-lo, pois não tinha ideia de que ele havia sido preso, nem que ele tivesse qualquer envolvimento com a resistência política”.

Segundo Cecília Viveiros de Castro, “quando chegamos ao chamado ‘aparelhão’ na Barão de Mesquita e o carro parou, colocaram uma toalha me cobrindo o rosto e o paletó na cabeça do dr. Rubens, e nos fizeram descer. Eu estava aterrorizada, já conhecia de fama o DOI das prisões de meu filho, e com dificuldades para respirar devido ao capuz preto que me colocaram. Não sei quanto tempo ali fiquei; sei que nesta mesma tarde fui fotografada e fichada e estivemos muito tempo em pé. Como não aguentasse ficar sem me apoiar na parede, acabaram me colocando numa cadeira. Eu ouvia os gritos do Rubens Paiva sendo interrogado e de vez em quando passava alguém e batia no meu ouvido ou puxava meu cabelo ou falava bem perto: ‘Vá se preparando! Está ouvindo? Está chegando a sua vez...’. Parecia um pesadelo, os gritos: ‘Eu não aguento mais’; ‘Eu não sei de nada’, ‘Não façam isto’ do torturado, e música de vitrola com o máximo de som e de vez em quando os xingamentos e expressões vulgares que me diziam ao ouvido. Não sei como aguentei”.

Marilene Corona Franco declarou ao MPF que: “Em seguida, a declarante, dona Cecília e Rubens Paiva foram colocados encapuzados de frente para uma parede, no andar térreo. Em um determinado momento, alguém passou e deu um soco em Rubens Paiva. Dona Cecília disse: ‘Vocês vão matar este homem’, e eles responderam: ‘Aqui é uma guerra’, dando a entender que a morte de um preso não seria considerada algo criminoso. Pouco tempo depois, dona Cecília desfaleceu, pois estava muito tempo em pé e sem dormir ou se alimentar. Colocaram-na sentada em uma cadeira. Em seguida, quando a declarante ainda estava em pé e de frente para a parede, começou a ouvir gritos de Rubens Paiva sendo torturado em um salão do lado. Reconheceu que era Rubens Paiva porque os interrogadores indagavam sobre Jane e Rodolfo. Achou que era um salão porque os gritos ecoavam de forma muito forte. Tais gritos eram de certa forma abafados por um rádio colocado em alto volume. Lembra-se perfeitamente que tocavam a música ‘Jesus Cristo’, de Roberto Carlos, e também ‘Apesar de você’, de Chico Buarque. Rubens Paiva dizia não saber quem eram Luiz Rodolfo e Jane, nem do que estavam falando. Ouviu gritos de dor. Enquanto estava havendo a tortura, a declarante foi levada para o andar de cima, onde foi posta em uma cela individual. A partir desse momento, perdeu contato com Rubens Paiva e dona Cecília”.

Ainda de acordo com a testemunha: “[Cecília] foi depois colocada em uma cela ao lado daquela onde foi colocado Rubens Paiva. Dona Cecília lhe disse depois que Paiva pedia seus remédios e também água. Ele também falava, com uma voz muito enfraquecida: ‘Meu nome é Rubens Beyrodt Paiva’. Durante a madrugada, não deixaram a declarante dormir, pois periodicamente

passava um soldado, iluminava o interior da solitária e exigia que o preso falasse o seu nome. Dona Cecília também lhe disse que durante a madrugada houve muito movimento na cela onde estava Rubens Paiva. Dona Cecília ouviu inclusive dizerem que ele precisaria ser hospitalizado”.

O mesmo fato foi presenciado pelo ex-presos político Edson de Medeiros, que aguardava no térreo do prédio sua transferência para um quartel no bairro do Leblon. Ouvida pelo MPF, a testemunha relatou que: “No dia 20 de janeiro [...]), o declarante foi colocado em uma cela no andar térreo, dotada apenas de grades, o que lhe permitia ver o que se passava no corredor do prédio. Como era feriado o movimento não era muito grande no pelotão. Recorda-se então que na parte da tarde ouviu gritos de um homem sendo torturado. Lembra-se perfeitamente de que os agentes colocaram uma música do Roberto Carlos — ‘Jesus Cristo’ — em alto volume, possivelmente com o objetivo de abafar os gritos. Algum tempo depois viu de sua cela passarem dois recrutas puxando pelos pés um homem forte e gordo, com mais de cem quilos. Esse homem foi colocado na cela ao lado e gemia muito. Chamou também a atenção do depoente o fato de que ele não aparentava ser um estudante, pois já era um homem de meia-idade. [...] Algumas horas depois, o depoente ainda viu alguns agentes retirarem da cela um corpo inerte e totalmente coberto. [...] Percebeu também que os agentes davam uma importância muito grande àquele preso. Foi a última vez que viu esta pessoa”.

Minha mãe nunca perdoou a incrível falha de segurança, o amadorismo, a imprudência: vir do Chile com uma carta escondida, no avião mais queimado do país, com o telefone do marido escrito no envelope; prepotência e descuido das organizações de esquerda, que colocaram duas famílias com crianças no fogo cruzado, os Viveiros de Castro e os Paiva.

Mas como culpar alguém se, naqueles tempos, por mais cuidado que tomassem, o mundo caía em cima, a repressão aparecia pelo esgoto, pelo telhado, infestava como uma praga que trazia a peste na saliva? Os militantes eram jovens. Eram idealistas. Largaram suas profissões e famílias por um ideal romântico. Queriam fazer algo pela liberdade. E eram dos poucos que tinham coragem de enfrentar um regime desgraçado, estúpido, dos gorilas. Como culpá-los?

O mundo estava de ponta-cabeça. Os direitos civis, anulados. A violência era uma política de Estado. Pelo documentário 70, em que se entrevistam alguns dos setenta presos que foram trocados pelo embaixador suíço, percebe-se que não se podem julgar atos do passado pelo olhar de agora. Os setenta estavam destroçados. Foram torturados seguidamente, as garotas, estupradas, passaram calor em celas abafadas, ou frio, molhadas e sem roupa. Antes de

embarcarem, ficaram horas presos sob o sol em camburões sufocantes no Galeão, a última tortura, uma lembrança de viagem, como os judeus em trens para a morte. Nem sabiam o que seria feito deles. Subiram as escadas do avião uns ajudando os outros. Os que não conseguiam caminhar eram carregados. Quando embarcaram, nem sabiam para onde iam. O piloto informou, a certa altura, que sobrevoavam os Andes.

Chile. Alguns desceram as escadas do 707 da Varig sem sapatos. Outros, sem camisa. Mancando. Surpresos, foram recepcionados como heróis. O aeroporto estava lotado de gente. Faixas e cartazes davam as boas-vindas. Autoridades do governo Allende os cumprimentavam de um em um. Deram entrevistas a correspondentes estrangeiros e agências internacionais de notícia. Com rupturas, cicatrizes de bala e tortura.

Tinha de tudo: guerrilheiros, freis, estudantes que foram pegos panfletando, moças que nunca deram um tiro na vida, gente que sabia que a opção da luta armada era uma roubada, mas não sabia o que fazer da vida. Dois desses se mataram anos depois, frei Tito, que se enforcou numa árvore na França, e Dora (Maria Auxiliadora Lara Barcelos), que se jogou debaixo de um trem em Berlim. Ambos destroçados pela tortura.

Ficaram pelo Chile sem dinheiro, passando fome. Eram tratados como “os setenta” que vieram ajudar a revolução de Allende. Mas veio o golpe do Chile, em 1973. Foram cassados pelo novo governo Pinochet. Passaram a ser “os setenta terroristas brasileiros”. Muitos foram presos. Muitos voltaram a se exilar em embaixadas.

Difícil exigir um rigor no protocolo de segurança para uma massa de garotos destruídos, que precisaram se reerguer do nada. Eles tinham apenas feridas, dores, orgulho, talvez arrependimentos, e seus ideais.

Parte 3

Depois do luto

A casa da Delfim Moreira, 80, continuou do mesmo jeitão por anos. Virou um restaurante suíço por um tempo. Dizem que era um bom restaurante. Eu não tinha dinheiro para experimentar. Certamente meus pais seriam dos primeiros a frequentá-lo. Que ironia: o sequestro de um embaixador suíço nos fez mudar da casa que virou um restaurante suíço. Mantiveram as mesmas cores (paredes brancas e batentes azuis). Cheguei a visitá-la. Comecei a subir para o segundo andar. Um garçom me barrou. Expliquei que eu morara ali anos antes e queria rever a casa. Ele deixou. Sozinho, circulei pelos quartos. O meu se transformara num depósito de garrafas. Tudo estava igual, o piso, as treliças das janelas, as mesmas portas e fechaduras. Tinha ainda o calor da minha família. Tinha ainda o calor do meu pai. Eu tinha vontade de contar para todos como fui feliz naquela casa. Dos jogos de botão no chão, do tapete em que eu e minha irmã mais nova rolávamos, imitando a abertura da novela *Sangue e Areia*, das brincadeiras de dublar dramaticamente grandes artistas no sofá da sala: “Conceição, eu me lembro muito bem, vivia no morro a sonhar, com coisas que o morro não tem...”. Reparem nesta vista! De todas as janelas, do quartinho da empregada, do lavabo, do escritório, dos quartos, se veem o mar, a praia, o céu. Naquela calçada joguei muita bola de gude. Na outra, empinei pipa. Ali, comemorei a conquista do tri, batucando. As pessoas passavam de carro e buzonavam, felizes. Nesta janela, coleí bandeirinhas do Brasil. Para alguns, seria considerado um gesto de apoio ao regime. Que nada. Para mim, era apoio à Seleção Canarinho. Repare nas Cagarras! Ninguém reparava. A maioria estava preocupada em pescar com o garfo comprido o pedaço de pão ou de carne que tinha perdido dentro do fondue.

Em Santos, minha mãe começou a trabalhar na empresa do meu avô aduaneiro, a Paiva Companhia. Era a primeira vez que trabalhava. Era uma

assistente. Sabia escrever, sabia línguas, sabia o básico. Fez vestibular para a faculdade de direito em 1972 e passou.

De dia ia para a rua xv de Novembro, sede da firma. Em casa, no quarto, trancada no escuro, chorava todas as noites, chorava sozinha, sem que nos déssemos conta. Não queria que percebêssemos, mas que tivéssemos uma infância e adolescência sem âncoras na alma, que tocássemos a vida, os estudos, que tivéssemos amigos, namoradas. Não repartiu sua dor com ninguém. Não sei julgar se estava certa ou errada. Era seu jeito de ser. Desde menina, a italianinha não repartia seus sentimentos felizes ou dolorosos com ninguém. Superar? Impossível. Esquecer? Nem pensar. Tocar. Seguir. Esperar reacenderem outra fogueira no alto, outro facho de luz, que orientasse a volta para a costa, para a terra firme, o chão.

Em 1974 nos mudamos para São Paulo, para um apê modesto e apertado nos Jardins. Ela só tinha uma procuração do meu pai antiga, de 1964 (de quando ele foi cassado e exilado). Poucos a aceitavam. A situação era uma aberração jurídica: não podia sacar dinheiro do banco, apenas o da conta conjunta, mas este estava acabando; ele não estava morto nem vivo, não tinha como tocar os negócios da família, tudo bloqueado; tinha um seguro de vida que não podia ser resgatado, pois não existia atestado de óbito; tinha uma pensão que não podia ser requerida; nem cheques de viagem em dólares podiam ser trocados (tenho eles até hoje, com a assinatura do meu pai).

Por sorte, ela conseguiu vender um terreno, o da pedreira no Jardim Botânico, o da jaqueira, o do sonho desfeito de uma casa enfim no nome da família, e comprou um apê na planta também nos Jardins, na mesma quadra, aproveitando o boom imobiliário da década de 70. Minha mãe morou ali por trinta anos, até o começo do Alzheimer. Uma casa própria, enfim. Sua! Nossa...

Em 1981, teve que vender um pequeno apartamento do meu avô Facciolla em São Vicente. Precisava da assinatura do meu pai. Relatou o “problema peculiar” ao juiz da Vara da Família, Marcos Martins, pedindo uma outorga judicial, ou seja, o direito de fazer a transação imobiliária sozinha. O juiz não apenas concedeu, como escreveu à Procuradoria da Justiça do Rio de Janeiro exigindo que um inquérito fosse aberto para apurar o desaparecimento de Rubens Paiva. Para ele, o relato de Eunice continha “veementes indícios de crime” cometidos contra Paiva e sua família. Ela comemorou muito. Alguém

estava do nosso lado. Foi o começo do reconhecimento. E da sua viuvez jurídica.

Passou a ganhar dinheiro com revisões, bicos e traduções. Traduzia coleções dos *Impressionistas* da Abril. Estudávamos com bolsa. Havia solidariedade nas escolas católicas de esquerda. Nos aceitavam. Faculdade? Se quiséssemos uma, só gratuita, USP ou Unicamp. E, desde a adolescência, começamos também a trabalhar. Babi estudou na PUC, mas tinha que pagar a mensalidade; trabalhava em escolas infantis.

Nascia uma nova Eunice. Renascia uma família.

Certa vez, dei uma festa no salão do prédio. Apareceu muita gente, de muitas escolas, muito mais do que convidei. Que se espalhou pelos corredores, escadas, hall social e de serviço: adolescentes alcoolizados fumavam maconha, namoraram, teve de tudo. À meia-noite, muitos mergulharam na piscina. Teve guerra de extintor de incêndio. Tínhamos acabado de nos mudar para lá, e os moradores, nossos vizinhos, especialmente a síndica, não gostaram nada do que viram. A ressaca moral foi pior do que a alcoólica. Fomos multados por desordem. Levei um esporro da minha mãe: logo na primeira casa própria que tivemos, depois de tanta luta para comprá-la?! Ela me obrigou a escrever uma carta com pedido de desculpas à síndica. Me obrigou, não, me pediu. Dizia que eu era o único homem da casa, que deveria cuidar dela e das irmãs, dar o exemplo, não dar trabalho. Escrevi. Dizia que a festa fugiu do controle. Pedi perdão. A carta é uma obra-prima literária. Só faltou citar Hobbes: “O homem é o lobo do homem”.

Fui perdoado pela síndica e pela minha mãe, que depois virou síndica. E então começou uma relação em que respeito era o primeiro mandamento. Cara, controle-se, nada de dar trabalho para a sua mãe. Tudo bem, você está na adolescência. Mas olha a situação dela. Respeita! Você é o único homem da casa. Não é um moleque como os outros. Você tem responsabilidades. Tem que cuidar delas...

Passei a trabalhar no Jornal Mural do colégio (Santa Cruz). Que não tinha censura. Em cuja sede, no centrinho acadêmico, se reunia uma mistura de nerds feras em xadrez com neo-hippies perdidos entre tocar Tropicália e rock progressivo no violão, ou os dois misturados. A maioria das meninas não nos dava bola. Não tínhamos carros, casas no litoral, guitarras importadas,

pranchas de surfe havaianas, roupas de grife nem mansões com piscina ou quadras. Se interessar, gostamos de poesia e livros, entendemos de cinema e literatura, sabemos por cima o que é o realismo italiano, o neorrealismo, a Nouvelle Vague, o Cinema Novo, o existencialismo, a importância de *Ladrões de bicicletas*, que mudou o cinema, filmes que vimos no Cine Bijou, que não pede carteirinha, na escola, no Cineclube da FGV, sabemos de Brecht, que mudou o teatro. Tocamos violão, usamos boinas. Isso acabou atraindo algumas poucas garotas, que curtiavam nossas ideias existencialistas e Continental sem filtro, o nosso Gauloise.

Discutíamos superficialmente Camus, Sartre e Kafka, Dostoiévski de bônus. Eram os livros que líamos na escola. Ou melhor, autores que nos obrigavam a ler. Viajávamos de carona. Dávamos shows com violão made in Brazil (Giannini ou Di Giorgio). Usávamos Bamba. Íamos de busão para a escola. E eventualmente pegávamos emprestado o carro dos pais, fugindo de blitzes, evitando avenidas movimentadas. Éramos conhecidos como “comunistas”, apesar de não sermos comunistas e nos declararmos existencialistas barra anarquistas.

1976. Ano em que prestei o primeiro vestibular. Ano em que começaram as manifestações políticas no Brasil. A “sorte” é que tinha uma ditadura a ser combatida, para extravasar nossas frustrações. Claro que só os “comunistas” da escola fizeram parte das primeiras passeatas reorganizadas pelos estudantes da USP, sempre dispersadas pela tropa de choque comandada por Erasmo Dias, a autoridade que gritava e espumava diante das câmeras. Éramos considerados os “secundaristas”, o apoio ou massa de manobra, termo pejorativo. A liderança estudantil pedia calma e que não revidássemos as provocações da repressão. Mas o que fazer contra os cavalos que avançavam sobre velhinhas religiosas da ala católica que apoiava a luta, organizada pelo bispo comunista dom Paulo Evaristo Arns, do Movimento Contra a Carestia, que eu nem sabia o que significava, e que eram as que mais gritavam “mais feijão, menos canhão!”? Minha ira foi detonada no dia em que vi uma bomba de efeito moral ser atirada contra elas. Num gesto instintivo, chutei a bomba de volta, que estourou entre os pés de um grupo de policiais com escudos, capacetes e cassetetes, que rosnavam e se preparavam para sair batendo. Foi minha grande contribuição para combater a ditadura.

Certa vez, eu estava acuado com meus amigos existencialistas numa rua estreita da praça da Sé. Meganhas jogaram em nossa direção bombas de fumaça colorida. Que devolvemos antes de estourar. Eram bombas incríveis, com fumaças fosforescentes, lindas, que coloriam o cinza e a pátina do centro velho de São Paulo. Gostava quando atiravam aquelas bombas. Elas não nos intoxicavam, serviam para nos marcar. Bombas inúteis, porque corríamos para o metrô e a polícia não nos achava, independentemente de estarmos manchados de roxo, laranja, verde-limão. Não as usam mais.

Então, nos especializamos. Em todas as passeatas — pela Anistia, liberdades democráticas, contra a carestia, contra a censura, em apoio às greves dos metalúrgicos — ficávamos pelos cantos, observando a movimentação da tropa, de olho naqueles que portavam bombas nos cintos. Quando eles começavam a jogar, chutávamos de volta. As coloridas podíamos pegar pelo corpo da lata, com calma, evitando o jato de fumaça, e devolver pelo ar, caprichosamente, ou com ternura, para riscar o céu de cor, como uma pincelada sobre uma tela urbana.

Chegou a hora do vestibular, eu tinha que escolher a carreira no formulário da Fuvest, um X nas várias opções, um X para o resto da vida, o pequeno X que seria determinante para o meu futuro. Que importância um mísero rabisco... Você é o único homem da casa. Não é um moleque como os outros. Você tem responsabilidades. Tem que cuidar delas.

Como sempre fui bom em física e matemática, frequentei aulas de exatas no colegial. Mas minhas opções eram conflitantes:

1. Engenharia, seguindo uma tradição e pressão pessoal (o único homem da casa, não um moleque), uma pressão da minha mãe (responsabilidades, cuidar delas, cuidar delas, responsabilidades).

2. Filosofia, uma carreira platônica, reprimida.

Bem, os primeiros filósofos eram matemáticos, e os primeiros físicos eram filósofos. Não era tão estranho ser bom em matemática e física e querer filosofar. Matemática e filosofia nasceram juntas. Os pré-socráticos Tales de Mileto e Pitágoras eram matemáticos. O segundo chegou a definir o mundo como uma sequência numérica; para ele, os números explicavam tudo.

Uma amiga filósofa me disse que os filósofos estão na sua maioria sempre se arrastando existencialmente, sofrem de depressão ontológica e estresse

metafísico. Me identifiquei. Sempre vivi em estresse metafísico. Nasci com estresse metafísico. Minha insônia era causada por estresse metafísico. Eu fumava porque vivia um estresse metafísico. Bebia porque vivia um estresse metafísico. Passava o dia em estresse metafísico xingando a estupidez do que via na TV, a mentira, a perda de tempo, a grosseria, lendo jornais, revistas, a grosseria nas ruas. Era um cara que via mais falhas no homem do que virtudes.

Mas eu era o único homem da casa, não um moleque qualquer, tinha responsabilidades, tinha que cuidar delas, e não tem discussão. Meu pai também foi meu modelo. Imitá-lo era uma missão. Ser como ele, ter sua integridade, seu carisma, inúmeros amigos, prestígio, uma profissão que incluísse viagens. Olhava para a minha mãe e deduzia que ela me preferia um filho engenheiro como o marido, com chances de obter um bom patrimônio no futuro, ajudar nas finanças abaladas da família, que vivia hoje sem saber do amanhã. Com os amigos dele, eu teria emprego garantido em grandes firmas, companhias de engenharia, empreiteiras. Quem sabe até herdar o espólio deixado por ele, reconstruir sua firma, reassumir seus projetos, sua vida. Tá, engenharia!

No mais, alguém vive de filosofia, sustenta a família, leva os filhos à Disney? Para decepção da minha professora de filosofia, Malu Montoro, que leu uma vez para a classe o meu trabalho de lógica aristotélica, meu único trabalho lido em classe, da única matéria em que tirei A numa avaliação. Nada disso. Engenharia.

Em 1977, fui para a Unicamp estudar engenharia. Minha mãe me apoiou. Dura, me disse quanto dinheiro poderia me dar por mês. Era pouco, mas dava. E no mais eu poderia fazer uns bicos.

Comecei na engenharia civil, como meu pai. Até descobrir que a partir do segundo ano teria que me mudar para Limeira. Campinas tudo bem, mas Limeira... Mudei para engenharia agrícola. Tentei até tirar brevê e aprender a pilotar avião, como ele. Fiz duas aulas apenas, no Campo dos Amarais, em Campinas. Não me entusiasmei. Não como as aulas de violão e teatro, que eu fazia desde os catorze anos e continuei em Campinas. Não larguei o grupo de teatro do Clube Paulistano, em que atuava desde os quinze anos. E entrei para um grupo na Unicamp, com estudantes de Brasília expulsos da UnB por causa

do infame Decreto 477 (que jubilava alunos que participassem de atividades políticas e culturais).

Morei numa pensão perto da rodoviária, porque achava que aquilo não ia dar certo. Dividia o quarto com dois colegas do colégio. Um estudava filosofia, o outro, antropologia. Passávamos as noites discutindo a origem das coisas, debruçados sobre Heráclito, o grego que inverteu a filosofia e afirmou que “tudo é um” e os opostos são iguais. Heráclito era a droga mais pesada que consumíamos. Enquanto os livros de cálculo e resistência dos materiais mofavam.

O colega filósofo brigou com a dona da pensão. Não sei o que ele disse ou fez. Num surto, ela ameaçou botar fogo no sobrado, jogou querosene na escada, acendeu um fósforo e nos avisou aos gritos que, se não saíssemos em minutos, viraríamos cinzas. Você precisa ter responsabilidades, não é um moleque qualquer! Saímos em minutos. Voamos com nossas tralhas, livros e enigmas e nos mudamos para uma pensão enorme perto da estação ferroviária.

Nos primeiros meses, dormimos num quarto com seis beliches. Era pensão completa — café da manhã e um digno jantar inclusos. Quem servia era a filha do dono, uma moça de roupas apertadas e unhas negras, olhar agudo e sedutor, como o de uma existencialista francesa, que impregnou minhas fantasias.

A pensão só tinha um banheiro. E uma fila matinal nele. Quantas vezes não tomei banho no tanque do quintal, sob o frio da manhã campineira. A cidade era como um deserto, gelada às madrugadas e um forno ao meio-dia. Enfiava as pernas na água, depois os braços, depois a cabeça, observado pela garota enigmática de unhas negras. Eu tomava banho como um francês.

No beliche ao lado, dormia um pedreiro que reformava o prédio de Química do campus, onde os alunos produziam LSD e em cujo pátio interno a polícia encontrou pés de maconha. Nunca trocamos mais do que duas palavras: “Bom dia”. Descíamos juntos as ladeiras do centro. No entanto, eu ficava no ponto de carona dos estudantes. Ele pegava o busão. Interessante como a divisão de classes cria rituais próprios, que aumentam a distância entre elas. Ele não ficava com os estudantes na fila de carona. Ia resignado para o seu busão, sua condução, o transporte dos trabalhadores. Que deviam entrar pela porta de serviço nos departamentos.

Estava na moda o marxismo. O marxismo estava em tudo: na filosofia, antropologia, sociologia, até na crítica literária. O Brasil vivia uma baita ditadura, mas nas universidades o pensamento predominante era sobre as bases do marxismo. Marxismo não me empolgava. O existencialismo, sim. E procurava como sempre desvendar os textos de dois mil e quinhentos anos antes e entender os pré-socráticos e os filósofos recentes, escrevendo cadernos e cadernos com pensamentos, me perguntando se a vida daquele pedreiro fazia sentido, me exibindo no banho de gato para a misteriosa garota de unhas negras, ignorando os livros de eletrificação rural e irrigação, cujo professor, no primeiro dia de curso, disse que a invenção mais importante da humanidade era o ar-condicionado.

Em algumas tardes, eu encontrava o pedreiro trabalhando com seus colegas. Nos cumprimentávamos educadamente. Ele já não usava a roupa de antes, mas um macacão sujo de tinta — que provavelmente a existencialista não lavava.

À noite, ele já dormia pesado quando eu entrava confuso pelos paradoxos de Zenão — e frustrado, pois as mãos com unhas negras tiravam os pratos e desprezavam as minhas, apesar de eu sempre tentar relar nelas, a maior ousadia que eu cometia, para tentar me aproximar da filha do dono, que parecia um mafioso siciliano e vigiava todos os passos da ragazza.

Engenharia, como o existencialismo, era um fardo. Comecei, como Parmênides, a desenvolver minha veia poética. Escrevi letras de música. Tocava violão até o amanhecer, no quarto de pensão. Fiquei meses morando nela. Meses sem ter um endereço fixo. Meses improvisando uma vida. Meses sem responsabilidades!

Certa vez, num dos pontos de carona na saída da cidade para a Unicamp, parou um carrão importado, chique, com ar-condicionado. Me dei bem, pensei. Era um senhor de idade. Provavelmente um dos professores-estrela da universidade. Perguntei o que ele fazia. “Sou filósofo”, respondeu. Fiquei mudo, perplexo e encantado pela ousadia. Invejei-o.

Desisti da engenharia agrícola no final do terceiro ano, depois de bombar em resistência dos materiais, o Platão dos engenheiros. Que pena. Eu não seria rico, com uma fazenda produtiva, dono de picapes, com uma esposa loira e sarada, cheia de joias, jeans apertados, botas até o joelho e chapéu country, me

perguntando se comprei ingressos para o imperdível show de Chitãozinho & Xororó. Responsabilidades? Ouvi a voz: “Vai, Marcelo, ser gauche na vida”.

Fui para a Escola de Comunicações e Artes da USP. Minha mãe não se opôs. Ganhava um bom dinheiro como advogada. Minhas irmãs, no mercado, na vida. Sustentavam-se. O mais fodido e perdido era justamente eu, o moleque, o único homem da casa. Quem sabe eu faria aquilo que meu pai sempre quis: dirigiria um jornal. Como ele, que fundou o *Jornal de Debates* com Gasparian e reorganizou o *Última Hora*. Ele que tinha tantos amigos jornalistas, escritores. O.k., jornalista, então.

Então mudei para Rádio & TV. Então passei a escrever livros. Então fiz teatro. Então minha mãe não tinha expectativa nenhuma sobre mim. E nem precisava. No final dos anos 80, eu já tinha a minha casa própria.

Você se lembra de mim?

A memória não se acumula sobre outra. A recente não é resgatada antes da milésima. Que não fica esquecida sob o peso das novidades, do presente. O passado interage com o segundo vivido, que já ficou para trás, virou memória recente. Memórias se embaralham.

Então me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e se lembram das vividas na infância, décadas antes? Minha mãe, aos oitenta e cinco anos de idade, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Mas vê meu filho, de um ano e pouco, e o reconhece, como pouquíssimas pessoas. Vê sua foto e o reconhece. Tem saudades dele.

“Você se lembra de mim?” é a pergunta que todos lhe fazem. Querem ser reconhecidos. Querem que ela se lembre. Querem que ela se lembre “de mim”. A prova de que tem algo deles dentro dela, uma memória que está lá, mas não consegue ser resgatada, que é da pessoa que quer ser lembrada. Querem a prova de que ainda existe alguma ligação com o mundo, com a vida. Pergunta que deixa o portador de Alzheimer em pânico, ele se sente desafiado, provavelmente tem uma vaga lembrança, e não sabemos se fala a verdade ou se desiste, mas passa a dizer para todos:

— É.

Não diz claro que me lembro, ou apenas sim. Diz: “É”. Que não significa nada. Que não responde a nenhuma pergunta. Que “é” apenas. E quando quer dar um ponto final numa conversa, diz: “Pronto”. Como quem diz “Satisfeito?”, me lembrei de você, sem lembrar exatamente quem você é”.

— Você se lembra de mim?

Veroca deu uma resposta ótima para um professor que fez essa pergunta:

— Não é importante, o fundamental não é a lembrança, mas como você interage com ela hoje.

Minha mãe ficou viúva aos quarenta e um anos. Na adolescência, eu não me identificava com colegas que reclamavam do conservadorismo dos pais. Minha mãe tinha amigos “avançados”, escritores, feministas, editores, intelectuais, antropólogos, maconheiros, hippies, sem contar inúmeros políticos cassados, ex-exilados e jornalistas em busca de notícia. Recebia visitas de correspondentes estrangeiros, representantes de organizações de direitos humanos e de outros governos. Eu sei que já disse tudo isso.

Ali estava um ícone da ditadura, prova bem articulada que contestava a versão oficial. Minha mãe viva negava a mentira criada. O entra e sai era tamanho, que ela não tinha tempo para futilidades. Eu tinha, sim, ódio dos militares. Do poder. No entanto, assistir à atuação dela me ensinou a não alimentar revanchismos. Ao invés de se fazer de vítima, ela falava de um contexto maior, entendia a conjuntura do continente, sabia ser parte de uma luta ideológica. Era mais uma Maria (Maria Eunice), cantada por Elis Regina em “O bêbado e a equilibrista” (“choram Marias e Clarisses, no solo do Brasil...”). Nunca se deixou cair no pieguismo, não perdeu o controle diante das câmeras, nem vestiu uma camiseta com o rosto do marido desaparecido. Não culpou esse ou aquele, mas o todo. Não temeu pela vida. Lutou com palavras.

Virgílio Gomes da Silva, o Jonas, foi o primeiro da leva de desaparecimentos políticos que começou a partir de 1969 no Brasil. A última vez que foi visto foi em 29 de setembro, na Operação Bandeirante (Oban) de São Paulo. Entre 1970 e 1971, foram quinze os desaparecidos políticos. Depois, o número saltou para cento e quarenta. A ditadura adotou como prática sistemática execuções e desaparecimentos. Impossível calcular quantos. Se botar na conta aldeias indígenas, tribos dizimadas, que desapareceram na expansão da fronteira agrícola e ocupação da Amazônia promovida pelos militares, esse número vira uma enormidade.

São eles, os pioneiros: Mário Alves de Souza Vieira, desaparecido a partir de 17 de janeiro de 1970; Jorge Leal Gonçalves Pereira, desaparecido em 20 de outubro de 1970; Celso Gilberto de Oliveira, 30 ou 31 de dezembro de 1970; meu pai, 22 de janeiro de 1971; Antônio Joaquim de Souza Machado e Carlos

Alberto Soares de Freitas, ambos em 15 de fevereiro de 1971; Joel Vasconcelos Santos, 15 de março; Stuart Edgar Angel Jones, 14 de maio; Ivan Mota Dias, 15 de maio; Mariano Joaquim da Silva, 31 de maio; Heleny Ferreira Telles Guariba, Walter Ribeiro Novaes e Paulo de Tarso Celestino da Silva, os três em 12 de julho de 1971; Francisco das Chagas Pereira, em 5 de agosto; e Félix Escobar, em outubro de 1971.

O Exército nem abria mais inquéritos sobre os desaparecimentos. Eram um caso banal. A prática, que começou no Brasil, espalhou-se. No Chile, a partir de 1973, foram três mil. Na Argentina, a partir de 1976, quinze mil.

Os familiares dos desaparecidos viviam num limbo civil, além de emocional (temos ou não um pai, uma mãe, um filho, uma filha ou netos vivos?). A burocracia engessava atividades corriqueiras. Não sabíamos nem a data em que deveríamos decretar como o dia da morte. Repare que usei a expressão “desaparecido a partir de”, e não “morto em”. Meu pai foi preso no dia 20 de janeiro. Estava morto na noite do 21 para o 22 de janeiro. Para nós, da família, a data da sua morte é 20 de janeiro. Só recentemente soubemos que ele morreu entre 21 e 22. Não mudaremos o dia em que sua morte faz aniversário.

Eu deveria vingar a morte do meu pai? Comprar um revólver e ir, de um em um, atirar na cabeça? Com dezessete, dezoito, dezenove anos eu não era maluco o suficiente para partir pra guerra. Era da paz. Era um pacifista. Alguns nomes dos torturadores envolvidos já tinham sido divulgados nas declarações oficiais do próprio Tribunal Militar. Bastava consultar o catálogo telefônico do Rio de Janeiro e ir de um em um, sabe quem eu sou?, pá, sabe de quem sou filho? pá, olha pra mim, pá. Mas lutar pela democratização seria uma vingança mais efetiva, e esperar que a Justiça numa nova democracia fizesse a sua parte. O que espero até hoje.

A famosa caixinha da Fiesp, de empresários que financiavam o centro de tortura da Oban, que inspirou os DOI-Codis, era passada pelo Henning Boilesen, da Ultragás, e dizem que ele frequentava as sessões, para assistir a garotos de ponta-cabeça levando choques. Empresários davam dinheiro e equipamentos para ajudar no combate ao “terrorismo”, que atrapalhava os negócios. Boilesen foi justificado pelo Movimento Revolucionário Tiradentes e a

Ação Libertadora Nacional (ALN), organização que ajudou a destruí-lo, metralhado numa rua dos Jardins, perto de onde mataram Marighella.

Torturadores, “traidores” e delegados também foram justificados.

Imagino o cara que foi torturado quase até a morte por um policial e depois o encontra nas ruas. Membros da ALN queriam vingar os amigos e atacar os centros de tortura. Marighella era contra. Dizia que a luta era ampla, contra um sistema, um regime, não contra os agentes da repressão, que era uma luta política, não pessoal. Impedia ações de vingança. Mas, depois da sua morte, a organização perdeu o rumo, executou companheiros, rachou.

Via minha mãe sem rancor, publicamente a favor da Anistia, aliada a movimentos dos direitos humanos, sensata, com um ideal nos punhos, e me dizia que ali estava a atitude correta, a nossa guerra. Ela aos poucos se tornava um ícone da redemocratização. Uma autoridade. Dava entrevistas, recepcionava aliados, frequentava reuniões no Congresso, agregava. Eu, com minha gangue de garotos revoltados e fiéis ao determinismo histórico, passava em frente de restaurantes da burguesia e gritava: “Essa moleza vai acabar!”. Ah, sim, fiz pichações. No campus da Unicamp. Não muito inspiradas: PELA LIBERDADE DE EXPRESSÃO, LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, ANISTIA AMPLA E RESTRITA. Os jargões reformistas em voga.

Minhas irmãs, sim, militaram no movimento estudantil. A Veroca chegou a ser líder da tendência majoritária, Refazenda. Com o tempo, fiquei mais à margem. A ditadura ruía. O movimento sindical se organizara. Novos partidos políticos surgiram. Achei que o movimento estudantil se tornava uma tolice, não se renovava, ficava isolado.

Os estudantes universitários do final dos anos 70 organizaram shows na USP, Milton Nascimento, Gilberto Gil. Quando entrei na USP, em 1982, o movimento enfraquecera. A esquerda perdeu as eleições da ECA para um grupo anarquista, Os Picaretas. Teve um show punk na recepção, com Cólera e Ratos do Porão. Numa festa chamada Gato Morto. Meus novos colegas me levavam a shows punks do Sesc e da PUC, à boate punk Napalm, depois Carbono 14. Eu namorava a garçonete do Carbono, que foi para o Rose. Aliás, frequentei tudo isso porque ela me levou, me ensinou, me aliciou. Eu bebia no Madame Satã, consolidava a amizade com as bandas punks, as de Brasília, não perdia um show do IRA!, bebia com Renato Russo, que era amigo dela, enxugávamos uma

merda de uma garrafa de um uísque brasileiro numa noite, escrevia letras de música e poemas em jornais universitários. Escrevi em fanzines punks, como o *SPALT*.

Na verdade, não contribuí efetivamente com quase nada para a queda da ditadura. Minha mãe e minhas irmãs, sim. Apenas escrevi expondo meu desencanto. Que poderia ser contra a ditadura, contra o capitalismo, contra a existência. Descontei. Desabafei.

No mais, a morte de Boilesen na manhã de 15 de abril de 1971, na alameda Casa Branca, não serviu para nada. Não apressou o fim da ditadura. Talvez tenha até a endurecido mais. Mas vai falar isso para quem foi torturado graças a ele... A luta armada não apressou o fim da ditadura. Um amigo me propôs matar os que mataram o meu pai. Era de Crato, no Ceará. Dizia ter ligações com cangaceiros, justiceiros. Bastava eu dar os nomes. Bastava eu apontar. Meu amigo diletante, poeta-jornalista, bebum dos bons, insistia. Mando matar. Nem aventei a possibilidade. A redemocratização será a morte deles. Uma denúncia da Justiça, um julgamento posterior e a condenação legítima, elas virão.

Não vieram.

A luta pela Anistia começou em 1977, 78, 79. Em 7 de novembro de 1978, minha mãe participou de uma mesa no Tuca, teatro da PUC-SP, sobre “Mortos e Desaparecidos”, com a Clarice Herzog. Em 27 de junho de 1979, foi à outra mesa-redonda, agora no auditório do Tuquinha, do Comitê Brasileiro de Anistia, seção de São Paulo.

A “operação Anistia”, que começou na posse do Figueiredo para abafar os movimentos sociais e propor uma Lei de Anistia que anistiasse os torturadores, recebeu retoques finais em 1979: a aprovação do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. O CDDPH passou a atuar em violações presentes de direitos humanos, tentando eliminar novos abusos, que implicaria “esquecer o passado” com o arquivamento de processos sobre tortura e desaparecimentos, dentre eles o caso do meu pai. A reação dos familiares foi imediata. Saiu nos jornais:

Eunice Paiva, que já se considera viúva de Rubens Paiva, baseada na Lei de Anistia, pediu declaração de “morte presumida” do marido e classificou a decisão do CDDPH como uma confissão

pública de coautoria do governo atual nos crimes cometidos contra presos políticos pela repressão. Ela ainda disse que o esquecimento proposto pelo ministro da Justiça, e aceito pela maioria submissa do CDDPH, nada mais é do que condescendência criminosa, proposta por motivos óbvios e que, um dia, também serão apurados.

Não foram.

Já falei do suflê?

Eu vivia com quase nada. Almoçava no bandejão da universidade. Andava de carona, moto, viajava de carona, busão, andava muito a pé. Adolescente, namorei uma garota no Morumbi, depois do Palácio do Governo. Voltava de sua casa a pé. Dava mais de uma hora. Descia resignado a avenida Morumbi, cruzava a marginal do Tietê e subia a Nove de Julho até em casa. No frio. Na madrugada. No silêncio e vazio da megacidade. No fundo, era gostoso passear e cruzar bairros tão distintos, com uma surpresa em cada quadra. Uma pena que ela me dispensou dois meses depois.

Morei em pensões e repúblicas em Campinas sem telefone, tv, carro, dormi em colchões no chão, minha vida cabia numa mala. Na minha vida, não cabia ostentação. Já na da minha mãe...

Assim que nos mudamos para São Paulo, em 1974, não tínhamos dinheiro, mas tínhamos quadros de valor. Ela não os vendia. Dizia que os quadros eram importantes para as visitas. Ela não queria de jeito nenhum demonstrar aos amigos que o padrão daquela família que já foi burguesa não era mais o mesmo depois da morte do “provedor”. A sala era bacanérrima. Tapetes caros, móveis de design, madeira de lei e quadros. Ninguém ligaria em ser recepcionado por uma viúva com cinco adolescentes numa sala simples e de bom gosto. Ela, sim, se incomodaria. Costurava os próprios vestidos, seguindo moldes de revistas. E fabricava o próprio destilado. Isso mesmo. Numa noite em que recebia amigos, flagrei-a na cozinha colocando uísque brasileiro barato através de um funil branco de plástico numa garrafa vazia de um escocês envelhecido e há muito consumido. Ri da cena. “Mamãe?” Ela ficou sem graça e se justificou:

— Depois da terceira dose, ninguém nota a diferença.

É bom lembrar que a economia brasileira era fechada naquela época, uísque escocês era uma nota, uma preciosidade; e só se conseguia de forma ilícita, no contrabando.

Nunca entendi a necessidade que ela tinha de oferecer algo que estava fora dos padrões, de demonstrar uma falsa estabilidade financeira. Insegura que era, talvez fosse a maneira que encontrou de encarar o luto: minha vida mudou, mas não a eliminaram. A ressaca dos seus amigos era menos importante do que a sensação de que a Eunice está bem, está viva, está magra, bonita, bem vestida, está se virando, sem fazer drama, sem reclamar, sem pedir nada. Sua vingança era a cabeça erguida, a pose de quem sabe enfrentar os inimigos. Ajudei algumas vezes a encher garrafas de Logan, JB, Chivas, Grant's Ballantine's com uma mistura de nacionais.

Nesse início de viuvez ela descobriu o que é estar sozinha ainda com quarenta e um anos. Jovem, queimada, magra, independente. Recebeu três propostas de casamento quando saiu do luto. Curiosamente, de três amigos do meu pai, dois separados e um viúvo, também nos seus quarenta anos. Não amigos íntimos. Companheiros. Um ex-colega de exílio, um ex-colega cassado, do governo Jango, e o irmão de um amigo. Era a geração pré-revolução sexual. Casamento era um pacto que hoje soa absurdo e caduco. Queriam casar com a minha mãe para ela administrar suas vidas, seus lares, suas famílias, a rotina de seus filhos. Eram homens que não sabiam viver sem donas de casa à sombra.

Minha mãe estava noutra. Dizia abertamente que ficava honrada com as propostas, mas achava ridículo se mudar com seus cinco filhos adolescentes para a casa de outro pai que tinha também filhos na adolescência. Tinha a faculdade de direito e a luta contra a ditadura, não tinha tempo para redecorar casas de homens crescidos, organizar festas e jantares, preparar a cristaleira com uísque e gelo para quando o mancebo chegasse de um dia de trabalho exaustivo, ajudá-lo a escolher gravatas, abotoar colarinhos, passar mangas e golas, preparar suflês (aliás, sua especialidade), decorar árvores de Natal, agendar compromissos, esperar bela e faceira o homem da casa voltar, o provedor da família, que a tirou do luto (e da luta) e lhe deu outro lar. Falamos de homens que nasceram nos anos 20; homens que não existem mais.

Minha mãe estava noutra.

Não há grandes tiradas freudianas nesse raciocínio. Na real, nenhum de nós tinha ciúmes dela. Na real, preferíamos até que ela se casasse e se desse bem na vida. Estávamos crescidinhos, apesar de adolescentes. Duas irmãs moravam com estudantes-namorados. Com nossos bicos, nos virávamos. Não precisaríamos dividir a rotina de outra família, com seu novo marido, com novos irmãos. Estávamos noutra também. O futuro tinha urgência. Prioridade.

Eu já falei, suas melhores amigas não eram mais as esposas dos melhores amigos do meu pai, as que sobravam na mesa de pôquer. Passou a se relacionar com outras mulheres, viúvas, separadas e excluídas como ela: uma editora lésbica, que por um tempo namorou uma mulher chamada Eunice, o que virou a maior gozação lá em casa; uma artista plástica solteirona, que dava aulas na faculdade de arquitetura e urbanismo da USP e tinha fama de pegar alunos décadas mais jovens; uma escritora também viúva; uma psicanalista desquitada, linda de morrer; uma arquiteta também recém-desquitada, também linda de morrer, que andava pela cidade num MP vermelho conversível, provocante e moderna. E saía com seus colegas da faculdade de direito, vinte e cinco anos mais novos do que ela. Deu até uma namorada num professor (da sua geração). Mantinha boas relações com alguns políticos, participava de encontros, palestras e lançamentos de livros que focavam os direitos humanos, participava das boas-vindas de exilados que se arriscavam e voltavam antes da Lei da Anistia.

Mas se casar de novo? Virar dona de casa? Não tinha volta. Até me surpreendeu um dia ao criticar meu herói, meu pai. Contou que disse uma vez para ele que queria trabalhar. Ele, irônico, comentou:

— Vai abrir uma butique em Ipanema?

Ela ficou furiosa. Meu herói, meu pai, era um homem da sua geração. Queria uma mulher que não trabalhasse. Sempre disponível. Acessível. Disposta. Arrumada. Ela me contou então que se ele não a deixasse mesmo trabalhar, tinha até planejado se separar. O que me deixou de boca aberta. Inquieta.

Na verdade, a geração dos meus pais viu aos quarenta anos a revolução sexual desfilando cantando coisas de amor diante de seus narizes. Viu a banda passar e babou. A maioria, tentada, acabou se jogando. Muitos divórcios rolaram na turma dela. Quase todos os amigos dos meus pais se divorciaram.

Exatamente na passagem da década de 70 para a de 80, quando ela começou a atuar como advogada. Por ser amiga e de confiança, virou a advogada de família de uma turma grande de amigos. Cujos pais começaram a morrer. Pronto, além de advogada do divórcio de confiança da família, virou a inventariante principal da mesma turma de amigos. E, como os mesmos amigos começaram a herdar os negócios dos pais, editora, empresa e até fábrica, pronto, virou a advogada de família, inventariante e civil da mesma turma de amigos herdeiros. E foi juntando assim um patrimônio considerável para uma viúva que começou a trabalhar depois dos quarenta e dois anos e não conseguia fazer o inventário do marido desaparecido.

Casar pra quê?

Aos poucos, ela se deu ao luxo de atuar numa área que não dava dinheiro, mas pela qual se apaixonou inexplicavelmente: o direito indígena. Passou a atender e a representar nações indígenas que tinham suas terras demarcadas não respeitadas.

Em outubro de 1983, assinou com Manuela Carneiro da Cunha, na seção “Tendências e Debates” da *Folha*, o artigo “Defendam os pataxós”. Ambas trabalhavam na Comissão Pró-Índio de São Paulo, ONG fundada em 1978. O artigo foi um marco na luta indígena brasileira e serviu de modelo para outros povos indígenas, inclusive africanos, americanos e esquimós.

O artigo descrevia a situação dos pataxós há-há-hae, do sul da Bahia. Ironicamente, morando nas terras em que oficialmente os europeus colocaram os pés pela primeira vez no Descobrimento. Tratados como um estorvo na ditadura por fazendeiros aliados do regime.

Sim, são aqueles dos arredores de Porto Seguro, Trancoso, Arraial d’Ajuda, Caraíva. Quem já passou por lá sabe que hoje não se pode entrar em suas terras sem autorização. Respeitam a existência deles, que se espalham de Ilhéus até os arredores do monte Pascoal, a elevação vista pela tripulação de Cabral: Terra à vista! Continuam no mesmo lugar.

No artigo, elas descreviam a saga vivida pelos pataxós, cuja reserva foi criada em 1929 e tinha cinquenta léguas quadradas. Em 1936, foi mutilada pelo próprio órgão do governo federal, o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1937, o governo arrendou suas terras para fazendeiros. Posseiros e grileiros começam a expulsar os nativos. Na década de 60, o governo os abandonou,

fechou o posto de fiscalização. Em 1970, o governo da Bahia distribuiu títulos de propriedade do território indígena a fazendeiros. Em 1982, a Funai, que substituiu o SPI, negociou: os índios se contentariam com seis mil e quinhentos hectares e renunciariam aos vinte e nove mil e quinhentos restantes. Não cederam, foram cercados pela polícia federal, que fechou a estrada. Ficaram isolados e sem mantimentos. A solução final estava em andamento.

Elas escreveram:

Os pataxós estão acuados: são mais de 750 na Fazenda São Lucas, em que barracas apodrecem. Estão na inteira dependência da Funai para sua alimentação, que não permite o cultivo de roças. Faltam ferramentas e sementes, estão sem água potável. Os fazendeiros os impedem de ir ao rio a um quilômetro da fazenda. Nesta situação, a quem recorrer? Há a Funai, que enquanto tutora deveria encaminhar a vontade expressa dos tutelados, mas está substituindo sua voz a deles. Coloca-se em posição que não lhe cabe, de mediadora e até de juiz. A Funai está atrelada a um sistema no qual os direitos indígenas são a última das suas preocupações.

Assim era o Brasil da ditadura: o órgão que deveria defender os índios defendia os fazendeiros que invadiam as terras indígenas, a polícia federal, que deveria defender o direito do cidadão, defendia o Estado e o poder, que se sentia ameaçado pelo cidadão.

Minha mãe viu semelhanças aí entre duas políticas de Estado, a da eliminação planejada e incontestável dos seus oponentes. Mataram deliberadamente os inimigos da ditadura. Deixam agora morrer os inimigos do progresso, do futuro, dos fazendeiros amigos do poder, poder instaurado por eles. Deixaram apodrecer nos porões da ditadura os adversários políticos. Deixem apodrecer os índios que não trabalham e são tutelados.

Então, ela usa a sua experiência pessoal, dá uma alfinetada num adversário antigo e compara: “A impotência da Funai, órgão do Ministério do Interior, tem analogias com a do Conselho dos Direitos da Pessoa Humana, órgão do Ministério da Justiça na época da repressão”. Pede providências do Congresso e da opinião pública. Encerra o texto: “Um grupo de índios que resiste a todas as violências conseguirá convencê-los? Defendam os pataxós”.

Para minha mãe, a luta era a mesma. Se não conseguiu salvar o marido e tantos outros, tentaria salvar os índios, numa ditadura enfraquecida, com uma sociedade civil mais organizada e a imprensa livre. O Congresso instituiu a CPI

do Índio. A Funai mudou de comando e política. Passou para as mãos dos índios. As reservas foram demarcadas, e os fazendeiros, expulsos. Hoje existem mais de catorze mil pataxós na área.

Um detalhe chama atenção. Ela não assinou Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva. E olha que em todas as ocasiões ela sempre exigiu que usassem o nome completo, composto de três nomes. Nem assinou como a viúva de Rubens Paiva, do movimento pela Anistia, Diretas Já, uma familiar de desaparecido político, uma vítima da ditadura. O artigo é assinado por uma Eunice Paiva. Por uma Eunice. Uma outra Eunice. Uma nova Eunice. E, cuidadosa que era, certamente foi quem pediu: assinarei apenas Eunice Paiva. Muitos dos leitores do artigo não fizeram associação com a outra Eunice Paiva, a Maria Lucrécia Eunice Facciolla Paiva. Não sei nem se a *Folha* sabia que era a viúva de Rubens Paiva quem assinava o artigo na importante página 3.

No mesmo ano, a notícia: “A ameaça de morte a funcionários da Funai, reféns dos índios do Xingu, preocupava antropólogos reunidos em São Paulo, sob a liderança indígena de Ailton Krenak, que recebeu uma carta dizendo que seria impossível controlar os guerreiros e garantir a vida dos reféns”. Minha mãe aparece na imprensa como “jurista”, advertindo para o problema da não demarcação das terras indígenas. Ela citou um caso em Serra Morena, no Mato Grosso, onde o próprio governo teria invadido uma terra indígena e estaria construindo uma hidrelétrica. Jurista...

A Comissão Nacional da Verdade mostrou que índios foram presos, sofreram tortura e até desapareceram durante a ditadura. Houve massacres de aldeias: crimes não eventuais, mas sistemáticos, praticados por agentes do Estado ou a serviço dele:

O ano de 1968, na esteira do endurecimento da ditadura militar com o AI-5, marca o início de uma política indigenista mais agressiva — inclusive com a criação de presídios para indígenas. O Plano de Integração Nacional (PIN), editado em 1970, preconiza o estímulo à ocupação da Amazônia. A Amazônia é representada como um vazio populacional, ignorando assim a existência de povos indígenas na região. A ideia de integração se apoia em abertura de estradas, particularmente a Transamazônica e a BR-163, de Cuiabá a Santarém, além das BR 174, 210 e 374. A meta era assentar umas 100 mil famílias ao longo das estradas, em mais de 2 milhões de quilômetros quadrados de terras expropriadas. Na época, o ministro do Interior era o militar e político José Costa Cavalcanti, um dos signatários do AI-5, que ficaria no cargo de 1969 até 1974,

apoiado por Costa e Silva (a quem ajudara a ascender a presidente) e por Médici. Costa Cavalcanti ele próprio declara que a Transamazônica cortaria terras de 29 etnias indígenas, sendo onze grupos isolados e nove de contato intermitente — acarretando em remoções forçadas. Para a consecução de tal programa, a Funai, então dirigida pelo general Bandeira de Mello, firmou um convênio com a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) para a “pacificação de trinta grupos indígenas arredios” e se tornou a executora de uma política de contato, atração e remoção de índios de seus territórios em benefício das estradas e da colonização pretendida.

Povos sofreram remoções forçadas. Aldeias foram dizimadas. Houve genocídio dos índios xetás no Paraná. Houve genocídio dos avás-canoeiros no Araguaia e um massacre contra os cintas-largas no Mato Grosso. Teve uma cadeia só para indígenas, o chamado Reformatório Krenak, construído em Governador Valadares.

O sertanista Antonio Cotrim Soares dizia que era “um campo de concentração” para onde eram enviados os índios revoltados com o sistema “explorador e opressivo” da Funai (121 índios ficaram presos entre 1969 e 1979).

Ao ouvir Bonifácio R. Duarte, índio guarani-kaiowá detido no reformatório, os comissários da CNV descobriram um padrão com o qual estavam familiarizados em relatos de presos políticos:

Amarravam a gente no tronco, muito apertado. Tinha outros que eles amarravam com corda de cabeça para baixo. A gente acordava e via aquela pessoa morta que não aguentava ficar amarrada daquele jeito. A gente tinha medo. Os outros apanharam mais pesado que eu. Derrubavam no chão.

Relatou também o desaparecimento de parentes e fez referência a uma ilha para onde os presos eram levados e não voltavam mais (Ilha das Cobras).

Oredes Krenak também denunciou:

Bater era normal para eles. Se o índio tentava se justificar por alguma acusação, batiam com cassete grande, depois jogavam na prisão. Não podiam nem perguntar por que estavam sendo punidos. Também batiam de chicote. Algemavam o preso dentro da cadeia e ele não podia falar, argumentar. Ameaçavam com arma. Os mais antigos contam que, quando matavam um índio,

jogavam no rio Doce e diziam pros parentes que tinha ido viajar. Até a década de 80, nosso povo sofreu bastante com os militares.

Depois de ouvir relatos semelhantes e se identificar com a dor, minha mãe se engajou com tudo: no Dia do Índio de 1984, participou de um debate na TV Cultura ao lado de Ailton Krenak, Dalmo Dallari, Sylvia Caiuby e sua amiga Carmen Junqueira. Passou a ser apresentada como assessora jurídica da Comissão Pró-Índio. Participou de vários debates, sempre ao lado de Krenak e Dallari. Era dura. Exigia a demarcação das terras indígenas. Denunciava que o governo não parecia estar disposto a cumprir o que exigia a lei. Governo militar, ainda. O que restava dele.

Anos depois, foi ela quem atuou para que a Vale do Rio Doce indenizasse os índios em cujas terras fora construída a linha de trem. A notícia se espalhou, outras nações, outros povos, pediram a sua intervenção. Um dia cheguei na casa dela, tinha na sala um krenak, Ailton, de quem ficou muito amiga, um terena e um índio tucano enorme. Depois a vi se reunindo com ianomâmis.

As linhas de transmissão da Eletronorte passavam em terras indígenas. Lá ia ela intervir. O Banco Mundial investia em projetos na Amazônia e exigia o respeito às terras indígenas. No Projeto Carajás, ela exigiu que três milhões de dólares fossem para treze comunidades indígenas afetadas. Em Rondônia, a mesma coisa, o BM financiou a rodovia Cuiabá-Porto Velho, que passava por terras indígenas, condicionando a proteção de aldeias. Minha mãe advogou por eles.

Em julho de 1984, foi convidada para representar o Brasil no Congresso Mundial das Populações Nativas em Estrasburgo. Havia aborígenes, tribos africanas, esquimós, tudo. Ficou lá uma semana com a minha irmã Nalu. Durante o dia, ela ia ao congresso, e à noite jantavam sorvete com vinho branco. Ela adorava aquelas imensas taças francesas com sorvete de *fruits rouges* (*cassis, framboise et fraise*) e chantilly. Como as taças eram muito grandes, só jantavam isso. Saíam bêbadas pela rua rindo da cara que o garçom fazia quando pediam apenas sorvete com vinho.

O Banco Mundial passou a exigir, de qualquer projeto que financiasse na Amazônia, o aval de peritos, atestando que o meio ambiente e o direito indígena seriam respeitados. Ela passou a assessorar o Banco Mundial. Ficou

amiga de antropólogos, especialistas em meio ambiente, em energia. Passou a falar não mais como viúva de Rubens Paiva, representante de familiares de desaparecidos, mas como autoridade em direito indígena e representante do BM.

Surgiu uma Eunice que viajava de aviãozinho pela Amazônia, chegava suja de terra e eventualmente com uma tatuagem de urucum, pulseiras e colares, de jeans e tênis, que ia e voltava para a Suíça, Genebra, para reuniões no Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que ia a Brasília defender o direito indígena nas instâncias superiores, Funai, STF, uma Eunice que para variar se renovava, encerrava um luto na medida do possível e a que meu pai, se por um milagre reaparecesse, teria que se readaptar, uma mulher nova e independente, que não serviria uisquinho para ele, porque estaria numa reunião na ONU. E que duvido muito aceitasse voltar ao papel de dona de casa do Leblon ou gerente de uma butique de Ipanema.

Descobri então que Eunice não foi uma só. Existiram algumas que não se contrapunham, completavam-se, não se contradiziam, somavam-se, reconstruíam-se da tragédia, alimentavam-se dela para renascer.

Na campanha das Diretas Já, lá estava ela de amarelo (a cor do movimento) nos palanques. Foi requisitada para a famosa foto de representantes da “sociedade civil” no heliponto da *Folha de S.Paulo*, declarando o apoio às eleições diretas.

Encontrou o candidato à presidência Tancredo Neves em outubro de 1984, num jantar com jornalistas em Brasília, no apê de Baby Bocayuva, reeleito deputado pelo novo PDT. A candidatura de Tancredo começou a decolar, interrompendo o ciclo militar. O mineiro ouviu mais do que falou. Minha mãe se queixou da Lei da Anistia, que perdoava torturadores. Ninguém sabia o que os civis fariam no poder em relação às monstruosidades da ditadura. Deixaram barato por muitos anos.

Na proclamação da Constituição de 1988, depois de uma constituinte atribulada de que ela participou defendendo os povos indígenas, o presidente do Congresso, o bom velhinho, o ícone da redemocratização, o homem mais respeitado do país, Ulysses Guimarães, declarou a um plenário lotado, encerrando os trabalhos: “Esta é a Constituição Rubens Paiva!”. Ela estava lá, convidada de honra.

Em junho de 1990, chegaram a oferecer que ela fosse candidata ao Senado pelo PT. Ela não quis. Ofereceram a suplência do senador Eduardo Suplicy. Ficou honrada. Era amiga do Supla pai. Mas declinou. Queria tocar a sua vida. Em outubro, estava num painel discutindo “A Questão das Nações Indígenas”, no Salão Nobre da OAB-SP, na praça da Sé. Inaugurou a Biblioteca Rubens Paiva, no prédio de engenharia do Mackenzie, onde ele estudou e militou.

Nasceram os primeiros netos. Eunice virou vovó Nice.

Em 25 de setembro de 1998, inaugurou com o governador do Rio, Marcello Alencar, a estação de metrô Engenheiro Rubens Paiva. Depois, o Terminal Rubens Paiva da rodoviária de Santos. Não deu para ela ir à inauguração da Escola Rubens Paiva, em Sapopemba, Zona Leste de São Paulo, escola municipal técnica. Fui com a Veroca. Apresentaram uma peça contando a história da minha família. Um garotinho de lá me representou. Eram todos negros.

Enquanto víamos renascer outra mãe, que voltava a dançar Frank Sinatra com uma alegria verdadeira, estalar os dedos no ritmo, rir de verdade, beber com gosto um bom vinho e um uísque enfim legítimo, algumas das suas manias permaneciam, como a de pentear meu cabelo ou criticar o corte (ou a falta de). Bastava eu chegar em sua casa que ela o penteava. Certa vez, no Theatro Municipal, fui receber um prêmio literário e ela veio atrás me penteando. Não reclamava das minhas roupas, de eu fumar, apesar da infância com bronquite, em que ela passou noites em claro comigo me ajudando a respirar. Não reclamou dos meus amigos esquisitos, abatidos, magros, das namoradas excêntricas, dos meus sumiços. Ao contrário. Meus amigos malucos a adoravam. Ela os tratava bem. Ela tinha assunto.

Orgulhava-se da minha opção de vida. Ela também tinha feito letras. Reclamava de duas coisas apenas: do meu cabelo despenteado e do meu estilo literário e dramático com palavrões. Não se importava com a linguagem coloquial, que parte da crítica chamava de subliteratura. Logo ela, letrada, com dois diplomas, tinha um filho que não respeitava a norma culta, escrevia de um jeito que chocava os acadêmicos e por vezes era chamado de semianalfabeto. Ela não se importava, porque ela, durante muitos anos, foi minha revisora, respeitava o estilo, entendeu minha proposta, corrigia as informações erradas

ou os erros que nem o coloquialismo sustentava, mas respeitava a linguagem. Nos meus primeiros livros e artigos, pode contar: tem a mão dela na revisão.

Certa vez, levei-a para ver a minha peça mais premiada. Na saída, olhei para ela orgulhoso. Mãe, essa daí os críticos amaram. Ganhei prêmio de melhor autor. Ela disse:

— Meu filho, pra que tanto palavrão? E por que o ator entra de havaianas? Teatro é um templo. As pessoas querem ver coisas bonitas e de bom gosto no palco. Seus atores estão muito molambentos...

E me perguntou se eu precisava de dinheiro para comprar sapatos para os atores, digo, personagens.

Arrumou um namorado suíço gente boa, Maurice, antropólogo especialista em arte barroca brasileira, que morava em Genebra, dirigia um conversível, usava casacão de couro e fazia piadas sobre as vacas suíças, que eram contratadas para fingir que pastavam para atrair turistas. O namoro ideal. Ele vinha duas ou três vezes por ano ao Brasil e se hospedava com ela. Ela ia duas ou três vezes por ano para a Suíça e ficava com ele. Mas ela mantinha uma tímida formalidade. Quando ele vinha, minha mãe preparava o quarto de hóspedes, quarto que já fora meu um dia. Mas ele dormia com ela, no quarto dela. Sei pois cheguei um dia de surpresa. A porta do quarto de hóspedes estava aberta. Risadinhas vinham do quarto dela, cuja luz estava acesa e a porta bem fechada. Dei a volta e os deixei a sós.

O cara era tão gente boa. Jovem. Cheio de histórias para contar. Antropólogo que conhecia mais do Brasil do que muitos brasileiros. Com uma ironia carioca, bon vivant. Zero ciúme dessa relação, zero incômodo. Nem da minha parte, nem das irmãs. Ao contrário: sempre quisemos que ela se desse bem, que namorasse, que não vivesse o papel de viúva da ditadura, viúva de desaparecido, viúva de mártir; ninguém queria uma mãe num luto eterno. A essa altura, ela morava sozinha, ganhava um bom dinheiro, viajava sem parar. Os cinco filhos já casados, criados, formados, com mestrados ou doutorados. Ele se especializou na ocupação francesa no Maranhão. Foi pedir apoio financeiro ao Sarney, então presidente do Brasil. Mamãe não gostou, achou oportunismo. Certa vez, foi visitá-lo em Genebra. Ele tinha quebrado a perna. Sentiu uma distância. O namoro acabou ali. Nem pareceu incomodada por ter terminado. Não curtiu fossa alguma. Minha irmã Babi, casada com um suíço

que mora em Berna, convidou Maurice para fazer parte da banca de mestrado dela em 1997, sobre a imigração brasileira na Suíça. Ele adorou e deu nota máxima. Olhava para ela emocionado e dizia que aquele olhar e sorriso eram parecidos com os da Eunice...

Minha mãe estabeleceu uma rotina familiar bem ortodoxa. No Natal, cozinhava os mesmos pratos havia décadas. Era no mesmo horário, com um brinde ao final. Os almoços de domingo, religiosos. Ao meio-dia e meia. E ah se alguém se atrasasse... Final do ano, estávamos liberados para passar onde bem entendêssemos. Por vezes, alugava uma casa numa praia paradisíaca e passávamos o fim de ano com ela. No ano 2000, fez um réveillon em Angra, numa casa alugada. Virada do milênio. Três filhas moravam na Europa. Vieram todas, com os maridos e filhos. Aniversários, com ela! Páscoa, com ela! Por mais jovial e libertária que houvesse se tornado, não abriu mão das tradições de uma família italiana, que quer todos próximos. E ninguém ousava discutir ou negociar tais regras. A comida? Ela preparava. Ela cozinhava. E muito bem. Com um livro de receitas que é uma preciosidade guardada como um tesouro familiar. Até sorvete italiano fazia, hoje imitado pelas minhas tias, suas irmãs. Seu marrom-glacê era um clássico. Sua mousse de aipo, tinha que ter em todos os finais de ano. E o suflê...

Já falei do suflê?

O choro final

Quem era meu pai? Por que a tortura foi tão violenta? Falo de décadas de mistério. O que aconteceu, como?

A imprensa, com o tempo, com o fim da censura, passou a trazer histórias, depoimentos. Quando Brizola foi eleito governador do Rio, iniciou uma grande escavação no Recreio, para achar a ossada supostamente enterrada lá. Foram meses de escavação em 1987, depois que Nilo Batista, secretário de Segurança, recebeu uma carta anônima. Nada.

Então veio o depoimento-bomba do médico Amílcar Lobo, que atendia no DOI-Codi. Era daqueles que atestavam se o preso conseguiria ser mais torturado. Arrepentido, confessou para a *Veja* que atendeu meu pai de madrugada. Em dois depoimentos prestados entre 1986 e 1987, afirmou ter sido chamado numa madrugada de janeiro de 1971 para atender um preso recolhido no DOI, que conseguiu apenas balbuciar, por duas vezes, o nome: Rubens Paiva. Com hemorragias internas, numa poça de sangue, repetindo o nome. Praticamente morto. Ele soube no dia seguinte que o “paciente não resistiu”.

Minha mãe chegou a anunciar que iria se encontrar com Lobo no dia em que ele fosse depor na PF do Rio. Não sei como teria coragem. Não foi. Declarou aos jornalistas que só agora, quinze anos depois do desaparecimento do marido, pôde “caracterizar sua condição de viúva”.

Em 1987, o procurador-geral da Justiça Militar, Francisco Leite Chaves, responsabilizou cinco militares pela morte de Rubens Paiva: Ronald José da Motta Batista Leão, João Câmara Gomes Carneiro, Ariedisse Barbosa Torres, Riscala Corbage e Eduardo Ribeiro Nunes. Todos negaram. Minha mãe declarou a jornalistas:

No começo, ainda havia esperanças do Rubens voltar. Mas o tempo foi passando, fui conhecendo outros casos de pessoas desaparecidas e fui aos poucos me conformando. Mas eu sempre quis saber como aconteceu. Eu nunca desisti de buscar os assassinos e esclarecer o caso. Para nós, o caso está encerrado apenas no sentido de saber o que aconteceu e desmistificar a versão oficial de que ele havia fugido. Ainda falta descobrir e julgar os verdadeiros culpados e encontrar os restos mortais. As Forças Armadas deveriam lutar pelo esclarecimento do caso. O que você acha de haver um general assassino?

Em 1988, ela surpreendeu. Enquanto Amílcar Lobo sofria um linchamento público e o Conselho Regional de Medicina de Rio de Janeiro cassou sua licença médica, ela declarou conflituosamente:

Essa decisão do CRM do Rio de Janeiro em nada atinge o caso, que continua sem resolução oficial. Ele pediu para que o Rubens fosse mandado para um hospital, porque estava mal depois das torturas. Mas os torturadores não obedeceram. Há pressões das Forças Armadas para que o caso não se resolva.

Conhecendo a minha mãe, tinha uma esperteza aí. O que nos interessava? Que Lobo abrisse o bico, falasse mais, desse nomes, apontasse culpados e, enfim, revelasse o lugar onde estaria a ossada. Perdoá-lo seria ganhar um aliado, trazer para o nosso lado. Lobo era o primeiro de dentro do regime a falar. Quem sabe outros se sentiriam encorajados. Deu certo. Ele falou tudo o que sabia, sentiu-se encorajado, até escreveu um livro com detalhes. Mas ele não sabia tanto assim. Era uma personagem secundária na máquina de triturar ossos. Morreu poucos anos depois.

Jogar com chantagem emocional era uma forma de lutar. Queríamos gente de dentro falando. Sabíamos que muitos viram, muitos sabiam e nem todos concordavam com os métodos aplicados. Mas tinham medo. A máquina da repressão estava intacta. Era eficiente. Eliminava arquivos sem deixar suspeitas. A máquina precisa sobreviver. A máquina é quem manda no Estado. Uma vez, um oficial me ligou, tinha presenciado a tortura do meu pai, queria me contar tudo. Morava em Guaratinguetá. Avisei ao Pedro Bial, que fazia uma matéria para o *Fantástico* sobre o caso. Vamos juntos. Misteriosamente, o cara sofreu um derrame quando marcamos o encontro. Coincidentemente. Apagou. Queima de arquivo?

As informações que temos não foram esclarecidas em meses, mas em anos. Encontrei Heleninha Bocayuva, um dos pivôs da prisão do meu pai, que me contou que, depois do sequestro do embaixador americano, o nome dela, que foi fiadora da casa que serviu de cativeiro, caiu. Meu pai a escondeu num apê em São Paulo. Ficou clandestina meses nesse apê. Ele a visitava eventualmente, levava mantimentos. Até conseguir tirá-la do Brasil pela rota do Chile. Era dela uma das cartas apreendidas no Galeão.

Alguns acreditam que a violência da tortura estava relacionada com a CPI de que meu pai foi relator quando deputado, em 1963, que descobria o dinheiro americano recebido por deputados e golpistas para derrubar o governo Jango. Denunciou no Congresso generais que receberam dinheiro da Casa Branca para preparar o golpe. Outros acreditam que ele tinha informações sobre “Adriano”, codinome de Carlos Alberto Muniz, líder do MR-8 e contato de Carlos Lamarca, à época o homem mais procurado do país.

Mas, para Riscala Corbage, vulgo dr. Nagib, da Subseção de Interrogatório do DOI da época: “O Rubens Paiva só tinha um significado para o CIE. Era controlar a correspondência, o leva e traz da correspondência pro Chile e pra Cuba”.

Na adolescência, eu insistia com a minha mãe, conta a verdade, o que aconteceu, por que ele foi preso, por que nunca podemos tocar no assunto. Ela se levantava e saía da mesa. Porque talvez não soubesse. Porque talvez ninguém soubesse. Ela não gostava que se falasse dele, dela, do inferno que viveram, das relações dele com a esquerda armada. Para ela, ele era um político cassado que foi preso por ajudar a filha de um amigo, jovem que enviou uma carta de agradecimento do Chile e, por descuido da organização, foi interceptada. Para ela, a versão de alguém que nem participava da luta armada, ou da subversão, ou do terror, ser torturado daquele jeito era a prova de que a ditadura fazia mal a todos, ao conjunto, ao regime cassado por milicos. Nunca quis discutir se havia indícios de que ele estivesse ligado, de alguma maneira, a organizações de esquerda. Apesar de hospedarmos figuras suspeitas do PCB numa emergência. Apesar das viagens dele ao Chile, ao Uruguai. Apesar de ele rir quando os telejornais diziam que o embaixador suíço sofrera maus-tratos. Apesar da viagem que fizeram a Moscou, dos encontros com estudantes exilados em Paris e na Universidade Patrice Lumumba, a Universidade Russa da Amizade dos

Povos. Para a minha mãe, meu pai deixara de fazer política em 9 de abril de 1964, quando foi cassado e exilado.

Minha dissertação de mestrado foi sobre a luta armada. Entrevistei muitos que participaram, dos dois lados. Li de tudo. Relato de presos que estiveram no mesmo DOI-Codi, no mesmo período. O último livro que li foi justamente o do Amílcar Lobo. O trocadilho do título é infame: *A hora do Lobo*. Lá estava a descrição em detalhes da morte do meu pai na contracapa. Caí num choro incontrollável. Coitado, coitado... Eu não tinha percebido, mas estava evidente: minha pesquisa do mestrado, de 1991 a 1995, era uma busca pelo que tinha acontecido com meu pai. Eu não percebia, mas era evidente: eu o pesquisava através de outros relatos, outros personagens, sobreviventes. Entendi então por que minha mãe e irmã tinham sido presas um dia depois. E tomei um susto enorme.

Em 1996, FHC a chamou para a Comissão de Mortos e Desaparecidos, que julgaria casos pendentes e até politicamente delicados, como as mortes de Lamarca e Marighella, e indenizaria famílias vítimas da ditadura. Curiosamente, minha mãe abriu mão da indenização de 100 mil reais oferecida pelo Estado pela Lei 9140. Tentou julgar com a isenção de uma bacharel e “especialista” cada caso que aparecia. Conseguiu por uns meses. Mas pediu afastamento. Aquilo mexia com ela. Ler e ouvir relatos de tortura... Ali tinha um ser endurecido que não era de aço. Como uma calda de açúcar queimado.

Em 1996, no dia em que pegamos o atestado de óbito do meu pai no cartório da praça da Sé, fomos para a casa dela. Sentamos à mesa, com o documento na mão. Olhando um para o outro. Comecei a falar dele. Pela primeira vez, em anos, ela não me interrompeu. Me deixou falar. Conteí coisas que descobri. Coisas que ela certamente sabia, mas não fuxicava. Entrei em detalhes. Narrei cenas de que sempre nos censuramos. DOI-Codi, 20 de janeiro, 21 de janeiro, 22 de janeiro... Por que Eliana foi presa e solta um dia depois? Por que você ficou presa ainda nos dias 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de janeiro, 1º, 2 de fevereiro?

Na sede do DOI do I Exército ficava o Centro de Informações do Exército (CIE), órgão de inteligência subordinado diretamente ao ministro do Exército. A Aeronáutica tinha o Cisa. A Marinha, o Cenimar. Mas quem mandava era o CIE. Mandava no DOI, no Cisa, no Cenimar, no Pelotão de Investigações

Criminais (PIC), que trabalhavam para o DOI, até no antigo Dops. Ninguém brincava com o CIE. O CIE era a ditadura no controle. O CIE era o poder. Acima dele, o presidente.

De acordo com o oficial do PIC, Armando Avólio Filho, em depoimento que está no site do MPF: “O Cisa trouxe Rubens Paiva para o DOI durante a noite. Já havia terminado o expediente no batalhão e, como de costume, eu já tinha ido para casa. Fiquei sabendo dessa chegada no dia seguinte pelos comentários ouvidos”.

Raymundo Ronaldo Campos, do DOI, disse para os promotores federais: “Nunca vi o deputado Rubens Paiva, nem sei como ele era. Eu vou contar como foi a história. Ele foi preso, segundo disseram depois, pela Força Aérea. Eu não vi! Foi à noite... Ele foi preso e levado lá pra dentro... Depois disseram... Foi preso pela Aeronáutica... Esse burburinho que poderia ocorrer era lá na Seção de Interrogatório, que era muito distante e eu não tinha acesso. Que era em outro prédio, onde ficava o PIC”.

Na prática, disse Riscala Corbage, “todo preso que vinha a nível nacional era entregue ao CIE”. O ex-presos político Edson de Medeiros se lembra de que viu entrarem na cela do meu pai três ou quatro oficiais do Exército, que aparentavam estar muito nervosos e agitados. Ouviu também uma parte do diálogo: “São ordens de Brasília, telefonaram de Brasília”. A impressão que se tinha era de que a frase “são ordens de Brasília” era proferida para ninguém se meter ou se preocupar com aquele preso. Depois, os oficiais saíram da cela bastante agitados.

Isso tudo aconteceu na tarde do dia 20 de janeiro. Marilene Corona Franco, presa com meu pai, disse ao MPF: “O outro interrogador era um homem loiro com cabelo estilo militar e muito agressivo. Esse homem inclusive chegou a se esfregar sexualmente em mim”. Olhando fotos, ela confirmou que o interrogador se assemelhava ao tenente Antônio Fernando Hughes de Carvalho.

Ainda no dia 20, acusam os promotores do MPF, os agentes do CIE Rubens Paim Sampaio e Freddie Perdigão Pereira foram às dependências do DOI para extrair do meu pai informações sobre o destinatário final dos papéis e cartas que vieram do Chile. Eles impediram a entrada na sala do chefe da 2ª Seção do I BPE, Ronald José Motta Batista Leão.

Segundo Leão, o preso estava sendo torturado. “Ao tomar conhecimento do fato, da chegada de um preso à noite, procurei me certificar do que se tratava, mas fui impedido pelo pessoal do CIE, major Rubens Paim e capitão Perdigão, sob alegação de que era um preso importante, sob responsabilidade do CIE. Alertei ao comando e fui para casa.”

Meu pai pedia remédios e água. Durante a madrugada, não deixaram ele dormir, pois periodicamente passava um soldado, iluminava o interior da solitária e exigia que o preso falasse o nome. O emprego de tortura contra ele continuou até o final da tarde do dia 21. Foi quando o comandante do PIC, Armando Avólio Filho, viu Antônio Fernando Hughes de Carvalho “empregar violenta tortura contra ele”. Avólio conta que noticiou o fato ao chefe da 2ª Seção do Batalhão, Ronald Leão. Ambos se dirigiram à sala do comandante do DOI, José Antonio Nogueira Belham, e comunicaram pessoalmente que Hughes estava matando o preso. A mesma comunicação foi feita ao comandante do 1º BPE, coronel Ney Fernandes Antunes.

Em 21 de janeiro, minha mãe e irmã chegaram ao DOI no final da manhã. Ficaram encapuzadas sentadas num banquinho.

Você sabe, mamãe, por que foram levadas ao DOI? Ele não falava nada. Repetia o nome. Foi torturado no dia 20. Nada. Retomaram no dia 21. Com a filha e a mulher encapuzadas, sentadas num banquinho. Será que ele viu vocês? Como ele reagiria? O que ele faria, para impedir que encostassem em vocês? Qual era a saída? A única saída?

Naquela tarde que pegamos o atestado de óbito, em 1996, vi minha mãe então chorar como nunca fizera antes. Era um urro. Não tinha lágrimas. Como se um monstro invisível saísse da sua boca: uma alma. Um urro grave, longo, ininterrupto. Como se há muito ela quisesse expelir. Pela primeira vez, me deixou falar, sem me interromper. Pela primeira vez, na minha frente, chorou tudo o que havia segurado, tudo o que reprimiu, tudo o que quis. Foi um choro de vinte e cinco anos em minutos. O rompimento de uma represa.

O alemão impronunciável

Em 1999, quando fez setenta anos, minha mãe surpreendeu a família. Anunciou que se aposentaria e se mudaria para uma praia. Mais uma Eunice se remontava dos cacos. Vivia um momento pessoal único: filhos crescidos, missão cumprida, dinheiro na conta, bens, netos, não devia nada a ninguém e tinha uma boa aposentadoria. Com o atestado de óbito do meu pai, pôde concluir os inventários dos meus avós Paiva, pais do meu pai, que morreram anos depois dele, e do próprio. Pôde tocar um processo contra a União para receber o seguro de vida, uma pensão e os salários atrasados, ação civil que corria no Rio.

Mas advogado não se aposenta da noite para o dia. Algumas ações ainda corriam na Justiça. Alguns recursos. Sua solução foi pragmática: deixava São Paulo aos poucos e passaria cada vez mais dias na praia. Que praia?

Pensou no litoral norte de São Paulo: Jukeí, onde morava sua irmã Tory; Ubatuba, onde tínhamos um terreno na paradisíaca Itamambuca; Santos, onde passou a vida toda em férias; Guarujá, perto de São Paulo... Chegou a visitar as cidades. Assustou-se com o trânsito e a muvuca de fim de semana. Se decepcionou com a falta de infra para velhos. Tomou então uma decisão corajosa e incrível: vou voltar para o Rio de Janeiro. Claro. Por um período, foi tão feliz lá. Foi onde teve a vida interrompida. Foi onde o tempo parou e se perdeu, seguiu uma rota imprevisível. Tenho setenta anos. Meus traumas estão solidificados. Meus pesadelos rareiam. Sou a mesma, e outra. No mais, amo esta maresia, este cheiro de mangue aterrado, este calor, o som do mar do Leblon, o formato das ilhas Cagarras, o mate com limão, a água de coco, a areia, meus pés na areia, a imprevisibilidade da meteorologia, o dia de sol, a manhã nublada, o vento que leva areia, a tempestade tropical, o Cristo Redentor, a mata nas montanhas, a pedra, a Lagoa, o chão coberto por folhas

das amendoeiras, mangueiras, jaqueiras, figueiras italianas grossas ocupando toda a calçada, as figueiras microcarpas, religiosas, flamboyants, tipuanas, os coqueiros da areia, as palmeiras imperiais do Jardim Botânico e do Palácio do Catete, trazidas por dom João VI, o resistente pau-brasil do parque da Catacumba, os humores do Jardim de Alá, por vezes com uma água verde-pérola, por vezes poluído e fedido, o mar de tombo, o mar de ressaca, o mar com correnteza, o mar piscina, calmo, os eventuais golfinhos, as eventuais arraias gigantes e baleias que saltam, os meninos do Rio, a carioca sangue bom, a ginástica na orla, as bikes, os skates, os bebês do Baixo Bebê, as calçadas planas, largas, da Zona Sul, as livrarias, as amiguinhas.

Comprou um apartamento no condomínio Selva de Pedra, no Leblon, a uma quadra da Lagoa, a duas de Ipanema. Justamente no condomínio em que praticamente só morava milico, construído sobre os escombros da favela do Pinto, incendiada em 1969. Imaginei encontrar majores e capitães na reserva pelos elevadores. Imaginei que se cumprimentariam com educação. Sim, foi o que aconteceu.

Comprou no décimo sétimo andar, o mais alto, de um prédio em que moraram capitães e majores. Alguns moravam lá ainda. Da janela, dizia, dá para ver o mar. De fato. Apesar de estarmos a cinco quadras da praia, é um dos prédios mais altos do Leblon. Da janela, vê-se uma pequenina faixa azul. O mar! E a pedra dos Dois Irmãos. Da janela da sala, veem-se o Jockey e a Lagoa. Se esticamos a cabeça para fora, vemos o Cristo. Decretado, vou morar aqui, envelhecer aqui, neste três quartos pequeno, morrer aqui. Minhas filhas que moram fora podem me visitar. Meus netos também. Deixarei dois quartos para hóspedes. Se precisar ir para São Paulo, vou de Vasp. A passagem está oitenta reais. E, a cada nove viagens, a décima é de graça.

Em 2000, mudou-se sem se desfazer ainda do apê de São Paulo. No começo, passava dez dias no Rio, vinte em São Paulo. Aos poucos, a matemática se inverteu. Trocou móveis praianos improvisados por uma decoração leve, móveis de juta, ar-condicionado na sala, tv a cabo, internet. Aos poucos, começou a se irritar com a presença de filhos e netos, dividir a rotina, algo que ela não dividia havia décadas. Sentiu-se invadida. Metódica, quase obsessiva, fazia o mesmo caminho para ir à praia, sentava-se na mesma barraca, em frente à casa em que morou por seis anos e foi feliz, casa em que

fomos presos e não existe mais, em que organizou a rede de vôlei em 1970, que tinha Marieta Severo e Chico Buarque como frequentadores, na Delfim Moreira, sua Delfim Moreira. Ficava a poucos metros de onde ficava com meu pai quarenta anos antes e não abria mão do seu mate, como há quarenta anos, do mergulhinho no mar em que meu pai tantas vezes nadou.

Estava radiante e novamente magra e queimada do sol. E irritadiça, pois não queríamos ficar naquela faixa de areia, mas circular, não queríamos ir pela praça, mas pela Fadel Fadel e comprar jornais paulistas na banca, não queríamos almoçar ao meio-dia e meia, encontraríamos amigos no BG, Bar Lagoa, Academia da Cachaça, Jobi, Braca, sei lá, ou lancharíamos rápido no Bibi Sucos ou no Big Polis, ou talvez nem jantaríamos. Estávamos de férias. Ela, na casa dela. Um dia, desabafou: disse que deixaria aquele apartamento para nós, os filhos e netos, insensíveis intrusos, venderia o seu de São Paulo e compraria outro só para ela. No Leblon, claro. O que não chegou a fazer.

Fazia amigos: o cara da barraca, os porteiros, o encanador (que no Rio é bombeiro), o cara da banca, o chaveiro. Durante uns cinco anos, podemos considerar que viveu lá de novo. Até hoje, quando ando pelas ruas do Selva de Pedra, muita gente vem falar comigo, perguntar dela, mandar lembranças. Param o que estão fazendo, atravessam as ruas para saber dela. O chaveiro, que tem um quiosque numa esquina, sempre emocionado:

— Mande lembranças pra sua mamãezinha, ela falava sempre de você, tinha muito orgulho de você.

Scott Fitzgerald dizia que não há segundo ato na vida dos americanos. Então começou o quarto ato da vida da minha mãe. O mais injusto, cruel, definitivo, que deu densidade à sua tragédia.

Até então, acreditava-se que a memória era compartimentalizada num reservatório, numa parte do cérebro, que os pensamentos a elaboravam, a interpretavam e a engavetavam por lá. Sabemos agora que não. Ela não fica armazenada em uma seção exclusiva, mas espalhada pelo cérebro todo, vive em sinais e impulsos eletromagnéticos. As lembranças se movem pelo cérebro. Não à deriva, pois a qualquer momento neurônios constroem milhões de novas conexões e as resgatam. O circuito neurológico se modifica a cada segundo. Somos diferentes em cada instante que vivemos. Temos um cérebro diferente a

cada segundo. E quando lembramos algo, as conexões mudam fisicamente a memória de lugar.

Trocar os nomes dos filhos, ela sempre trocou. Como qualquer mãe que tem cinco filhos e pensa em cinco coisas ao mesmo tempo. Esquecer o que estava fazendo, normal. Quem nunca esqueceu. Uma amiga que se hospedou conosco no Rio me perguntou confidencialmente:

— Sua mãe tem Alzheimer?

Ri, surpreso. Era como se perguntasse se minha mãe era astronauta e estivera nas missões Apollo. De onde você tirou isso? Olha, chequem direito, cuido da minha avó, que tem Alzheimer, estudei tudo da doença, sua mãe não está distraída, ela pode ter começado a desenvolver a doença.

Estranhamente, Nalu, que tinha passado uns dias com ela, reparou que ela estava confusa com contas e dinheiro, atrapalhava-se com algo com que era profundamente precavida. Nos avisou, antes de voltar pra Paris:

— Mamãe está tão estranha...

E estava mesmo. Certa vez, a vizinha da porta da frente do Rio contou que estava saindo, chamou o elevador, minha mãe a viu, papeou com ela, o elevador chegou, minha mãe falou que ia descer com ela. Só que estava de camisola. A vizinha a alertou. Ela ficou sem graça e disse que havia desistido de descer. A vizinha nos avisou.

— Sua mãe não está bem.

Começou a ficar confusa com procedimentos de viagem, cartão de crédito, cartão de embarque, bagagem, tíquete, portão, embarque, procedimentos de voo, portas em automático, apertem os cintos, poltronas na vertical e mesinhas guardadas, no caso de despressurização da aeronave... Lembramos que não é permitido fumar nos lavatórios. Taxiando, aqui é o comandante, nosso tempo de voo... Decolagem, serviço de bordo, Coca Diet? Guaraná? Com gelo ou sem? Pouso autorizado... Desembarque autorizado. Não se esqueçam das bagagens de mão. Conexão? Mala na esteira. Táxi, senhora? Os amarelos são comuns. Azuis, vermelhos e verdes, especiais, de frota. Qual caminho, pela orla ou pelo Humaitá?

Passou a vir do Rio e voltar para lá guiando, sozinha. Seis horas de estrada num Escortinho 1.0 sem ar-condicionado. Por vezes, com pressa, aflita para

chegar logo, nem parava. Numa dessas, desmaiou assim que entrou no apê carioca. Sozinha. Desidratada. O que a assustou. Não estou bem.

Não, não estava. Comprou duas televisões de uma vez numa loja, sendo que não precisava de nenhuma. Ela mudou de canal no aparelho de TV, não no de TV a cabo, e apareciam apenas imagens com riscos e chiados. Foi na loja, comprou uma TV nova. No caixa, perguntou:

— O que vim mesmo fazer aqui?

Comprar uma TV, lembraram. Ela foi ao balcão e comprou outra. Com três TVs funcionando em casa, percebeu que começava a entrar em roubadas.

Cuidado com a indústria de aproveitadores de portadores de demência, nos alertou um médico amigo. Não é possível, minha mãe tem uma demência? Depois de tudo o que passou? Justamente agora, quando ia curtir a velhice com dignidade, independência, conforto, situação financeira estável, na cidade mais linda do mundo? Como Deus pode ser tão imprudente e imputar tanto sofrimento a uma pessoa só? Essa doença não era para acontecer, não tinha que acontecer, não nela! Por que provação mais a minha família devia passar? Por que nos testavam até o limite? Chega! Queríamos um descanso.

Não teríamos.

Dizem que o Alzheimer é causado pela morte de pequenas células do cérebro. O nome vem do médico Alois Alzheimer, o primeiro a descrever a doença, em 1906. Ele viu as alterações no cérebro de uma paciente de cinquenta e cinco anos durante a autópsia. Falam da falta de uma proteína que faz as ligações nervosas (as principais alterações são o aparecimento de placas senis no cérebro, decorrentes do depósito da proteína beta-amiloide, e um emaranhado de neurofibrilares, resultado da hiperfosforilação da proteína Tau). A cada semana, novas descobertas sobre a doença que se torna uma epidemia dos tempos modernos. Perdem-se as funções cognitivas, memória, orientação, atenção, linguagem. Perdem-se os sentidos, a degustação, o olfato. Pacientes param de andar, porque se esquecem de como se anda. No final, param de comer, porque se esquecem de como é engolir. Há redução de neurônios e das sinapses, as ligações entre células do cérebro. O volume cerebral se reduz. Muitas velhinhas gagás, esclerosadas do passado, na verdade tinham Alzheimer. O paciente está com a doença há tempos, mas só a descobre tarde demais, na fase demencial, e não há como retroceder, apenas como retardar. Ela começa

aos poucos, como numa escada, desce bruscamente de degraus, chega inexoravelmente numa outra fase, sempre pior que a anterior.

Drauzio Varella estima que dez por cento das pessoas com mais de sessenta e cinco anos e vinte e cinco por cento daquelas com mais de oitenta e cinco anos podem apresentar sintomas da demência. O tempo de sobrevida é incerto. Genético? Ninguém sabe. Sedentarismo? Já alertei: afinal, o cérebro, como todo o corpo, precisa de atividade, oxigênio, para viver bem. Fumo e tabaco podem ser uma causa. Poluição das grandes cidades também. Outros atribuem às frequências e ondas de rádio que estão em toda parte. Minha mãe morava a quadras da avenida Paulista, onde ficam as torres da maioria das emissoras de rádio e televisão, fumou Parliament durante décadas. Não comia muito. Era fã de saladas e laranjas. Falava várias línguas. Exercitava o cérebro diariamente. Lia de tudo. Andava pelo bairro, mas exercícios...

Drauzio dividiu a doença em:

Estágio I (forma inicial): — Alterações na memória, na personalidade e nas habilidades espaciais e visuais.

Estágio II (forma moderada): — Dificuldade para falar, realizar tarefas simples e coordenar movimentos; agitação e insônia.

Estágio III (forma grave): — Resistência à execução de tarefas diárias, incontinência urinária e fecal, dificuldade para comer, deficiência motora progressiva.

Estágio IV (terminal): — Restrição ao leito, mutismo, dor à deglutição, infecções intercorrentes.

Eu, como “familiar”, acrescentaria:

Estágio I: Alterações na memória, início do inexplicável, do contrassenso, revolta em todos, não é justo, não é justo, reorganização dos papéis dos filhos, não temos mais uma mãe, mas teremos de ser uma; a dificuldade da paciente em assumir a doença e limitar as atividades, teimosia entra em campo, não quero, não vou, mudança do paladar, tudo está uma porcaria, sem sal, sem gosto, sem açúcar, tudo está malfeito, está um barulho infernal, aquelas pessoas não param de falar, estão gritando, calem a boca!

Nesse período, a paciente faz de tudo, mas não registra com precisão. Lê com dificuldade textos longos, mas ainda lê jornal. Vai ao banco, à farmácia, vai ao cinema.

Ela voltou para os Jardins, o apê que ainda mantinha em São Paulo, voltou a ficar mais tempo nele do que no Rio; os filhos, em Perdizes. O médico nos disse: mudem-na para perto de vocês. Como mudar alguém que perde a memória de um lugar em que vive há trinta anos, chama o cara da banca de Portuga, pendura fiado na padoca, vai a pé à farmácia, ao banco, às lojas de congelados, compra Parliament no boteco da esquina, para um lugar desconhecido? Aí está o paradoxo, se ela ainda tem capacidade de memorizar, é bom mudar agora, para aprender a se virar no bairro novo, socializar-se enquanto ainda tem capacidade cognitiva, comunicar-se, interagir.

Na entrevista com o médico, ela surpreendeu. Depois do teste do relógio (desenhar um relógio, os números de um a doze e os ponteiros; o paciente com Alzheimer se atrapalha, escreve os números fora da ordem correta, às vezes de um a dez, ou desenha ponteiros do mesmo tamanho), teste mais primário e conhecido de neurologistas e geriatras, que ela não acertou. O médico perguntou como se sentia:

— Estou ótima, tenho ido muito ao Rio, temos um apartamento ótimo lá, com vista para o mar, tenho me sentido muito bem ultimamente.

— Mamãe, faz mais de um ano que você não vai ao Rio — comentou Veroca, que estava com ela.

— Vou, sim, vou direto, tenho me sentido muito bem ultimamente.

Não somos nada sem o outro. Num registro pequeno de lucidez, mora ainda a necessidade de sedução, de agradar, de ser agradável. O médico percebeu, claro. E disse, emocionando a filha:

— A inteligência tem a capacidade de surpreender e se readaptar a todas as situações.

Ser cuidada por nós a aliviava. Receber atenção dos filhos, de profissionais, deixava-a feliz. Em alguns momentos, se esquecia de que tinha a doença do esquecimento.

Em 25 de abril de 2004, ela estava bem. Lúcida. Sem nenhuma dificuldade para andar. Na edição da *Folha* dos vinte anos das Diretas Já, os artistas e intelectuais voltaram ao heliporto do jornal, onde haviam posado para a famosa foto de 1984. Ela foi. E sorriu.

7 de outubro de 2006. A morte do amigo Fernando Gasparian, aos setenta e seis anos de idade, foi um baque. Gaspa era seu amigo, antes de se tornar o

melhor amigo do meu pai. Tinham a mesma idade, as mesmas ideias, os mesmos costumes. Por causa de Gaspa, nos mudamos para o Rio. Estudamos nas mesmas escolas dos filhos dele. Os dois eram unha e carne. Talvez, se meu pai estivesse vivo, estaria também morrendo naquele ano de 2006. Fumante e sedentário. Agora, sim, ela seria viúva. Gaspa deixou tia Dalva viúva. Os filhos, órfãos. Um legado de respeito na política e no jornalismo, na Editora Paz e Terra e nos negócios. Engenheiro do Mackenzie, como meu pai. O velório foi em São Paulo, na Assembleia Legislativa, no salão principal, com honras de Estado. Minha mãe estava bem. Não estava triste. Estava estranhamente bem, reencontrava amigos, contava novidades. Como você está, Eunice? Estou ótima. Estava serena. Pés no chão. É a vida. Vai nos levar também. Logo, logo iremos todos. Vivemos e partiremos. Estava feliz de rever tantos amigos. De papear, saber as novidades. Foi o último velório a que compareceu. Foi a última vez que viu a maioria dos amigos. Que rendeu homenagens ao passado, à memória, à vida.

Finalmente, decidiu vender todos os quadros. Quadros que com meu pai colecionou por toda a vida. Chegou a chamar Cacau, uma amiga antiga nossa, de quem fez o divórcio, que catalogou, ofereceu a um marchand, que se interessou. Na última hora, desistiu. Vendeu apenas um, pois se surpreendeu com o preço oferecido, ela não dava nada por ele, e precisava fazer caixa, pois não conseguíamos vender seu antigo apê dos Jardins, com apenas UMA vaga na garagem, o que nenhum paulistano quer. Decidiu então onde pendurar cada quadro no apê novo, a cor da parede, a reforma, fez tudo do seu jeito, com a autoridade que não ousávamos desafiar.

Mudamos. Que guerra. Odio tudo. O novo bairro, a nova padoca, a nova esquina, o ponto de táxi, o banco ruim, a farmácia sem concorrência. Passou a morar num apê menor, mais aconchegante, com uma das melhores vistas de São Paulo e duas varandas: veem-se de lá a Cantareira, Guarulhos, Jaraguá, Osasco, até a USP. Mais silencioso e menos poluído do que os Jardins. Odio tudo.

E não era o Rio, não tinha a vista do mar e da Lagoa.

Na mudança, fez coisas inexplicáveis, como jogar todos os papéis e processos arquivados fora. Ódio por ter se aposentado na marra. Ódio por não poder ler processos, acompanhar suas ações. E mandou doar todos os livros, os

mais de cinco mil livros, muitos deles com o nome do meu pai na lombada encadernada, muitos deles lidos por meu pai, sublinhados e com anotações à caneta, livros de arte, de direito, todos os prêmio Nobel, enciclopédias, literatura russa, francesa, americana, brasileira... Doei tudo para a Biblioteca Municipal de Diadema, que precisou de dois carretos para levar.

Ela ficou apenas com dois livros, um *Feliz ano velho* em alemão e a Bíblia.

Sua rotina era banal. Lia jornal todas as manhãs, como em toda a vida, comia pão francês fresco, como em toda a vida, congelados, fazia a feira em frente, pedia comida da lanchonete do prédio, dava um rolê pelo bairro e odiava tudo. Íamos ao cinema. Conseguia acompanhar uma trama, contanto que não fosse um David Lynch. Preferia as comédias infantilizadas. Ria do trailer animado em que pipocas ganham vida para pedir para não fumarmos e desligarmos os celulares etc., que nos tratam como loucos que não sabem que não se pode fumar. E, num outro filme, ria de novo do mesmo trailer animado, das mesmas pipocas que falam. Uma semana depois, em outro lançamento, ria de novo daquelas pipocas falantes. Como se as visse pela primeira vez. Como uma piada nunca contada.

Na sua casa, tudo era identificado. Colocou post-its em gavetas, embrulhos, tupperwares. Gaveta disso e daquilo, armário com isso e aquilo.

Comer fora era um problema. Ficava revoltada que em alguns pratos não vinha arroz. Mas, mãe, na lasanha não vem arroz. Nhoque não vem com arroz. Você pediu filé com fritas, não vem arroz. E lá íamos nós à cozinha pedir encarecidamente uma porção de arroz, que depois ela reclamava que estava sem sal e praticamente descarregava o saleiro nele, no “des-gra-ça-do!” do arroz.

O mau humor acirrava. Passou a andar com uma caderneta. Enquanto almoçávamos, ela anotava algo na caderneta. Perguntávamos o que era. Ela perguntava o nome e endereço do restaurante. Anotava e dizia que nunca mais colocaria os pés naquele lugar, que a comida era uma “por-ca-ri-a”!

No início, nos afligia, nos entristecia não satisfazê-la. Tudo era uma “por-ca-ri-a”. O que fazer com ela? Os almoços se tornavam um tormento, reclamava, às vezes gritava, às vezes pedia silêncio, em pleno restaurante “des-gra-ça-do!”. Chegou a brigar com moradores que jogavam truco na lanchonete do prédio. Mas, naquele caso, foi apoiada. Eram moradores antigos que passavam o fim de semana com uma garrafa de uísque na mesa, jogando truco

aos berros, xingando, falando merda na lanchonete da piscina com crianças. A briga ficou famosa. Ganhou respeito dos porteiros e de outros moradores. Muitos não aguentavam aquele truco desbocado. O fato é que uma tradição de anos foi rompida. Aqueles moradores nunca mais jogaram truco. Não na lanchonete da piscina.

Por vezes, a agressividade era contra nós. Exatamente quem cuidava dela, quem deixava de fazer coisas por ela, quem abria mão de viagens e trabalhos por ela, quem se sacrificava por ela. É duro aprender que a agressividade não era contra um filho ou por algo de errado que havíamos feito. Era a doença que gritava. Era a doença que agia e a mobilizava. Os efeitos dela nos agrediam. Aceitar o mau humor como um efeito colateral da doença é um processo que demora. Anos. Sair com ela em público podia trazer problemas. Ela podia implicar com alguém.

— Por que está me olhado? Nha-nha-nha. Falem baixo, por favor! Não gosto dela. Não gosto de você.

Ou o grito que se tornava constante:

— Quero ir embora!

Não, não é sua mãe, é outra pessoa, sua mãe não diria aquilo, logo ela, Eunice, a rainha da etiqueta, do bom senso, da sobriedade, da educação. Não era mamãe me xingando, gritando comigo. Era a falta dela em seu próprio cérebro. Era ela ausente do seu corpo. Era o seu apagar que agia com brutalidade nos gestos e nas palavras.

E foi exatamente quem não era filho dela, meu cunhado Avelino, um carioca gozador, um dos que mais conviveu com ela, quem se tocou disso. Foi ele que passou a rir da agressividade. Passou a rir dela. Passou a concordar com ela. Sim, também quero ir embora, falem baixo, é uma por-ca-ri-a.

Concordar passou a ser o tranquilizante que faltava. Concordar era nosso remédio. Concordar acabava com a discussão. Ela se acalmava. Até ria. E pensava em outra coisa. Esse processo de convívio com o gênio instável, de altos e baixos e sem lógica, especialmente de alguém que seguiu a vida nos trilhos da lógica, e de como transformar a inconformidade em piada, foi um segredo que aprendemos quase casualmente com o tempo.

Tudo era uma “por-ca-ri-a”. Tudo para nós passou a ser também uma “por-ca-ri-a”. O almoço, o lanche, o bairro, o banco, uma “por-ca-ri-a”! Então

entramos numa segunda fase do Alzheimer, quando não ligamos mais que tudo fosse uma “por-ca-ri-a”, passamos a entender a doença, a separar a pessoa de antes e depois, a não levar as ofensas para o lado pessoal, e passamos a rir das situações.

Entramos no segundo estágio de uma doença que afeta a família toda. A família toda, todo o condomínio, o bairro todo.

Estágio II: Todos passam a saber que ela, aquela senhora do apartamento X, bloco 1, precisa de atenção. Todos são avisados para olhar seus passos. Os seguranças e porteiros ficam de olho. Os vizinhos vigiam seus passos. No banco, a gerente sabe que há ali quem não presta muita atenção, que merece cuidado redobrado.

Então, como por um milagre, a paciente aceita a doença, sua condição de ser cuidada, observada, controlada. Depois da quarta panela esquecida no fogo, de se perder na quadra, de comprar duas televisões, de não conseguir acompanhar nem as comédias fáceis em que a levam toda semana, de ter que ler cinco vezes a coluna do filho no jornal para entender mais ou menos o que ele quer dizer e de começar a se esquecer de nomes e rostos que ela sabe que conhece.

Irritava-se, numa época, porque todos chegavam uma hora atrasados nos eventos familiares, almoços e jantares. Estávamos sempre atrasados, a vida inteira chegávamos atrasados, que falta de consideração! Então alguém se lembrou:

— Mãe, você mudou os relógios para o horário de verão?

Não tinha mudado. Ela não lera que era horário de verão, que os relógios deveriam ser adiantados uma hora nas regiões Sul e Sudeste. Ficou envergonhada com a imprudência e nunca mais reclamou dos atrasos.

A essa altura, em 2008, ela já estava interditada temporariamente e, mesmo à revelia, com cuidadoras durante o dia. Como as insônias eram constantes, acordar no meio da noite era o verdadeiro pesadelo, pois ela não sabia onde estava. Passou a telefonar duas, três vezes para os filhos, na madrugada, para fazer perguntas banais.

Começou então a ter cuidadoras dia e noite, vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana, trezentos e sessenta e cinco dias do ano.

Aceitou com resignação a doença. Tudo continuava uma por-ca-ri-a, sem gosto, sem sal, sem tempero, a conversa dos outros era um tormento, o barulho de uma TV sempre estava alto demais, começava o quero ir embora, vou embora, vou embora já!, tem que ser já!, agredia pessoas que amava, criticava.

Foi quando, pelo amor de deus, doutor, dá um antidepressivo para ela, um moderador de humor, um conhaque, qualquer coisa. Então o médico disse que tais medicamentos reduziram a capacidade cognitiva já abalada. Mas viver assim, sempre num estresse, sem dormir? Pequeno conflito entre a visão clínica e a do dia a dia. O médico faz testes, a vê eventualmente e tem a literatura de uma doença que ainda é uma incógnita e não tem cura. A família sabe mais como o paciente reage. O tratamento é com remédios que minoram os sintomas, mas não existe cura.

— O maldito alemão — como dizia um vizinho dela, bem mais jovem, também com Alzheimer. Quando ele se esquecia de algo, falava:

— Me deixa em paz, alemão, sai!

Era muito mais bem-humorado do que ela. Era da mesa de truco. Fumava e bebia um bom uísque a tarde toda. Com ou sem o alemão impronunciável ao lado. Seria o meu tratamento, a minha prescrição, com um cigarrinho pra arrematar.

É uma doença que ataca toda a família. De repente, é preciso se reestruturar: alguém tem que cuidar dela, arrumar cuidadoras, registrá-las, internar ou não internar, levá-la ao dentista, ao cabeleireiro, à missa!

Sim, à missa!

Religiosamente, todos os domingos, às onze da manhã, na igreja do bairro. Minha mãe sempre gostou de missa. Voltou a ser católica praticante depois de velha.

No Rio, ia a pé, sozinha, à missa das seis da tarde de domingo de uma igreja da Ataulfo de Paiva, de casa ouvíamos o badalar dos sinos. Em São Paulo, ia com a Veroca. Às vezes de táxi, com outra de minhas irmãs. Ou uma cuidadora. Sem referendar o avô materno italiano, que cantava à mesa: “Quando l’anarchia verrà, tutto il mondo sarà trasformato e nei governi sarà il ricordo d’infame passato”.

Minha mãe assistia à missa com uma visão crítica. Não falava do papa alemão, o mais reacionário dos últimos tempos, conservador que perseguiu

teólogos da libertação e condenava até o uso da camisinha. Mas do padre que dizia “Senhor Jesus Cristo”, as músicas novas, novos rituais litúrgicos, desnecessários, que afastavam seus líderes de seus seguidores.

— Jesus não era nenhum senhor, era um jovem! — ela dizia, irritada, toda vez que a liturgia repetia “Senhor Jesus Cristo”. E dizia em alto e bom tom.

No Estágio II, a igreja fez bem a ela. Devolveu uma adolescência esquecida da escola católica em que estudou. Devolveu um conforto, uma paz. Ela fez amiguinhos. Não perdia uma missa. Com o tempo, parou de criticar e passou até a comungar. Sempre dava de cinquenta a cem reais para a igreja. Tínhamos que nos lembrar, sempre, de levar dinheiro para a doação. E Jesus Cristo passou a ser um senhor.

Mas, enfim, o bom senso venceu. Depois de eu insistir que algo tinha que ser feito para moderar seu humor, o médico concordou: ela entrou num bem-vindo antidepressivo clássico, o Donaren, um best-seller das farmácias. Que também ajuda a dormir. A fórmula que faltava, a magia perfeita.

Então chegou de repente a nova fase.

Estágio III: Aqui, Drauzio falou da resistência à execução de tarefas diárias. É um inferno. Quase um pesadelo, se não desenvolvermos uma placidez contrastante com o momento, se não levarmos as vontades de alguém com Alzheimer com humor. O.k., é a sua mãe, aquela a quem você obedeceu no começo da vida, por muitos anos, na sua formação. Não quero! Não vou! Quero ir embora, quero ir embora, quero ir embora!!! Como ninguém obedece, afinal está chovendo, está sem luz, a voz de comando não obedecida se torna surto. A pessoa se sente incapaz de comandar as vontades, de decidir por conta própria, de agir sem a interferência de uma equipe dominada pelos filhos, de muitos deles ela não lembra nem o nome.

Em seguida, aos poucos, a fera é domada. Com o tempo, o “quero ir embora” não é mais um grito, mas uma súplica baixinha. Quem são essas pessoas? São sua família, mãe. O que estou fazendo aqui? É seu aniversário, mãe. Onde estou? Na casa da sua filha, mãe. Quem são essas pessoas? Suas irmãs, seus sobrinhos, seus cunhados. O que estou fazendo aqui? Vamos cantar parabéns. Quero ir embora. Você não quer comer o bolo antes? Quero.

Com o tempo, passou a se submeter às ordens daqueles que cuidavam dela. Passou a confiar. Passou a ter uma relação de afeto com as cuidadoras.

Chegou a dificuldade de andar. Não era um problema na musculatura da perna. O cérebro se esquece de como é andar. Fisioterapia nela. Vamos, primeiro o pé esquerdo, depois o direito. Então, na marcha a caminho da casa da filha, a duas quadras, os passos se encurtavam, até ela estancar. Lembrava-se do que tinha dito o fisioterapeuta, passadas largas. Ela repetia, “passadas largas”, e voltava a caminhar, com passos artificiais, como um robô, mas que a colocavam em movimento, e íamos repetindo passadas largas, passadas largas, passadas largas... Até chegar.

Meses depois, ela andava na ponta do pé e com apoio, apenas com apoio. Depois, andava só dentro de casa. Na rua, ia com a cadeira de rodas. Depois, enfim, ficava o dia inteiro na cadeira de rodas, uma cuja cor e modelo ela escolheu com a ajuda de uma fisioterapeuta; o físico estava indo antes da consciência.

Você se lembra de mim? No início, ela fazia um exercício de memória para se lembrar. Se não se lembrasse, ficava irritada, frustrada. Com o tempo, facilitou para todos e dizia, mentia, que se lembrava, claro. Até por fim encontrar a palavra certa, curta, simples, com a qual passou a se comunicar com o mundo por muito tempo: “É”.

Você se lembra de mim?

— É.

Você está com fome?

— É.

Você está confortável?

— É.

Você quer ir embora?

— É.

Acabou de comer?

— É.

Vamos dormir?

— Vamos.

A inteligência tem a capacidade de surpreender e se readaptar a todas as situações.

— É!

Muitos amigos se afastaram. Amigos se afastam em doenças da mente. Amigos que não sabem lidar com as dificuldades de amigos. Não sabiam se ela se lembraria, se estaria agressiva, se atrapalharia. Alguns me ligavam. Claro, vai lá, ela vai gostar. Iam. E ela gostava.

Quem se reaproximou com força renovada foram as suas irmãs. Que trazem coisas de que ela gosta de comer, fazem questão de falar com ela, fotografarem-se anualmente na mesma posição em que foram fotografadas quando crianças. Os sobrinhos médicos passaram a ser seus médicos. A reunião anual da italianada, em seu aniversário e na véspera do Natal, ganhou até um termo: Facciollada! Homenageamos nossos antepassados, comemos receitas passadas de geração em geração, especialmente doces italianos que não se encontram mais em São Paulo, e fazemos disputa de quem consegue trazer uma torta de cebola, que era especialidade da minha avó Olga.

A dependência é total. É dependente para se vestir, se virar, se limpar, comer, ir da cama para a cadeira e vice-versa. Por vezes, damos o que ela mais gosta, sorvete no palito, o mais incrementado. Se não ficarmos atentos, ela se esquece de que tem na mão a coisa de que mais gosta, se esquece de levá-lo à boca, perde a concentração, e ele derrete. Por vezes, dorme enquanto almoçamos juntos. De repente, está acordada prestando atenção e solta uma frase que tem a ver com o que conversamos:

— Nada disso, é uma revista que é contra todos os governos!

E nos surpreendemos com aquele segundo de lucidez, em que um raciocínio se formou, e uma ideia, uma frase, uma tese, com começo, meio e fim, foi articulada com palavras precisas. Mas, se pedimos para ela continuar, ela sorri, perde-se de novo, e diz aquilo que se tornou a marca deste Estágio III:

— É.

Dicas iniciais do dr. Drauzio:

1. Fazer o portador de Alzheimer usar uma pulseira, colar ou outro adereço qualquer com dados de identificação (nome, endereço, telefone etc.) e as palavras “Memória prejudicada”, porque um dos primeiros sintomas é o paciente perder a noção do lugar onde se encontra.

Eu escreveria PESSOA SEM MEMÓRIA. Nada de adoçar as palavras ou ser politicamente correto num momento de emergência. Minha mãe nunca se

perdeu. Mas, quando saía do prédio, seguranças da rua ficavam de olho e se comunicavam. Com um desses seguranças, o mais forte, um brutamontes de dois metros de altura, ela estabeleceu uma relação de amizade peculiar. Chamava de Meu Homem de Preto, uma referência ao filme *Men in Black*, pois o cara tinha sempre um terno preto impecável. Era um armário. Tinha um rosto infantilizado e, por alguma razão, apegou-se demais à minha mãe. Vigia os passos, para a nossa sorte.

2. Estabelecer uma rotina diária e ajudar o doente a cumpri-la. Espalhar lembretes pela casa (apague a luz, feche a torneira, desligue a TV etc.) pode ajudá-lo bastante.

No começo, sim. Depois? Não faz mais sentido.

3. Simplificar a rotina do dia a dia de tal maneira que o paciente possa continuar envolvido com ela.
4. Encorajar a pessoa a vestir-se, comer, ir ao banheiro, tomar banho por sua própria conta. Quando não consegue mais tomar banho sozinha, por exemplo, pode ainda atender a orientações simples, como: “Tire os sapatos. Tire a camisa, as calças. Agora entre no chuveiro”.
5. Limitar suas opções de escolha. Em vez de oferecer vários sabores de sorvete, ofereça apenas dois tipos.

Perfeito. Coisa que aprendemos com o tempo. Mas eu não ofereceria dois tipos, não, oferecia um só. Quer guaraná? Quer sorvete de chocolate? Quer comer? Quer café? Se começar com guaraná ou coca, com gelo ou sem gelo, normal ou diet, não rola. Isso a deixa tensa, ansiosa, e tudo o que vai querer é “ir embora pra casa!”. Seja lá de que casa ela esteja falando, pois tudo passa a ser casa.

6. Certificar-se de que o doente está recebendo uma dieta balanceada e praticando atividades físicas de acordo com suas possibilidades.

Se conseguir comer algo, já é uma vitória. Se conseguir ir da sala à cozinha, idem. Tenta-se. Fisioterapia, caminhadas, mas só no começo. Cada

vez mais, o esquecimento se torna dominante.

7. Eliminar o álcool e o cigarro, pois agravam o desgaste mental.

No meu caso, eu voltaria a fumar e a beber um uísque com três pedras de gelo.

8. Estimular o convívio familiar e social do doente.

Bastante. E ajuda. São os que ficam, os que nunca nos abandonam.

9. Reorganizar a casa afastando objetos e situações que possam representar perigo. Tenha o mesmo cuidado com o paciente de Alzheimer que você tem com crianças.

Especialmente se livrar dos tapetes.

10. Conscientizar-se da evolução progressiva da doença. Habilidades perdidas jamais serão recuperadas.

E tem jeito?

11. Providenciar ajuda profissional e/ou familiar e/ou de amigos, quando o trabalho com o paciente estiver sobrecarregando quem cuida dele.

Se a grana ajudar e tiver parentes com tempo livre. O fantasma da internação numa clínica sempre pairou. É inclusive o que nos aconselham advogados e médicos. Preferimos tê-la conosco, nos desdobrarmos e, na medida do possível, tentamos tornar sua rotina agradável e feliz.

O que estou fazendo aqui?

O passado é conservado por ele mesmo. Nos segue por toda a vida. Nosso cérebro foi feito para guardar o passado e trazê-lo à tona quando precisamos, para esclarecer uma situação do presente. Se não fosse esse truque do cérebro, acharíamos que o passado continua presente. Enlouqueceríamos. Tem uma válvula que registra o ano em que as coisas aconteceram. Válvula que, quando sonhamos, é aberta.

Mas e quando o presente não faz sentido? Quando ele passa a não existir, vira um furacão de imagens, um vento que impede de se enxergar com clareza, é substituído pela memória? Não. Pois, como não precisamos dela, já que não existem questões a serem esclarecidas no presente, a memória também se apaga.

Muitas vezes fico ao lado da minha mãe e pergunto o que tá rolando. Suas frases sempre me remetem ao pânico de uma mente eletrocutada, que não consegue fazer ligações entre dois pontos.

- Está tudo muito confuso.
- Não estou entendendo nada.
- Não sei o que tá acontecendo.
- Tudo muito estranho.

No entanto, enquanto seu raciocínio está confuso, ela pega a minha mão esquerda, mais fechada do que a direita, e a abre com carinho, dedo a dedo, para alongá-la. Como faz há trinta e cinco anos, desde os primeiros dias em que me viu numa UTI paralisado. Seguindo uma recomendação da fisioterapia: alongar sempre que der a mão do filho tetraplégico, para não atrofiá-la. Um instinto materno poderoso atravessa o choque e o caos em que vive, e ela faz aquilo que rotineiramente foi parte da vida, cuida do filho.

Quando percebi isso, associei o jeito de ela pegar a minha mão com as recomendações médicas e passei sempre a estacionar minha cadeira de rodas

paralela à dela e a pousar a mão sem mobilidade no largo apoio de braço da sua cadeira. Ela sempre a pega e a alonga, carinhosamente, dedo por dedo, um de cada vez, num toque que é só dela, que está lá ainda. Deixo-a alongar minha mão por minutos.

Nesse terceiro estágio da doença, sou dos poucos que ela ainda reconhece. Nossa ligação foge à explicação. Está na mente, mas parece viajar por outros caminhos do cérebro. Como um balão sem controle que segue o vento.

Nos almoços de domingo, ela fica onde queremos que ela fique. Vê o jogo que a TV exhibe, no volume em que deixaram. Ela olha para onde imaginamos que ela deva olhar. Ela almoça, vê toda a família, às vezes dorme, às vezes solta uma frase sem sentido, às vezes surpreende e dá uma opinião, uma frase completa que faz todo sentido, um raciocínio bem elaborado e econômico, que ela expõe rapidamente, pois se esquecerá dele em seguida, e quando reagimos com alegria e admiração à opinião sensata e bem-vinda, ela já se esqueceu, voltou para seu mundo enigmático, que imagino que seja como nadar num rodamoinho; por mais que se deem braçadas, não se sai do lugar.

Num workshop americano de um grupo de apoio com doenças variadas, foi sugerido a cada um escrever o nome da sua doença e colocar sobre a mesa. Depois, cada um se levantava e escolhia outra doença. Surpresa. Ninguém trocou de doença. Ninguém preferiu uma doença que substituísse a sua. Preferimos a nossa a recomeçar a vida com outra. Ela, conhecemos. É nossa. Aquilo que alguns consideram diferente deve ser interpretado como identidade. Nossa doença forma a nossa identidade.

Ela estava no Estágio III quando a Comissão Nacional da Verdade foi instaurada, o MPF-RJ começou a ação contra torturadores, documentos dos arquivos do coronel Molina, morto em Porto Alegre em 2014, provaram a prisão do meu pai, depois confirmada por Malhães, também morto em seguida, e a farsa que ela atacou por décadas e a intrigou foi enfim desfeita; os caras que diziam que meu pai fugira vieram a público e desmontaram a versão oficial. Ela não registrou em seus pensamentos que se criou a Comissão da Verdade Rubens Paiva em São Paulo, inauguraram-se bustos dele no Congresso e na Estação Engenheiro Rubens Paiva do metrô, que documentos surgiram, depoimentos, a morte e o desaparecimento foram sendo contados. Ele saía diariamente nos jornais, às vezes na capa, sempre nos telejornais. Uma escola

de samba carioca quis fazer do meu pai o enredo do Carnaval de 2015. Não nos empolgamos. Eles desistiram.

Em 2014, Rubens Paiva, ele mesmo, morto, ganhou o prêmio Vladimir Herzog de jornalismo. Em 2012, uma reportagem da Miriam Leitão sobre Rubens Paiva já tinha ganhado o mesmo prêmio. O que não aconteceu em décadas, aconteceu em meses. No ano em que o golpe de 64 fez cinquenta anos. Um busto na praçinha em frente ao antigo DOI-Codi, na Tijuca, foi inaugurado. Fui à Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e, para mais de mil pessoas, li um texto em sua homenagem e chorei. Um texto que dizia “a família Rubens Paiva não chora em público”. Ela não tem ideia dessa homenagem.

Um dia apareci na casa dela. A TV na sala, sempre ligada. Nunca reprimi a TV na sala estar sempre ligada. Nenhum livro por perto. Nessa fase, TV era um chiclete para os olhos. Nessa fase, meu filho a reconhecia, e ela o reconhecia. Ele estendia os bracinhos e queria ir para o colo dela. O que a derretia completamente. Ele ia. Puxava o cabelo dela. Era a fase em que, com ele já na escola, começamos a proibi-lo de puxar os cabelos dos outros (o meu, sempre deixei, escondido da mãe, claro). Então, antes que tirassem a mão dele do cabelo dela, ela disse:

— Ele pode...

Enquanto eu papeava com a cuidadora, me desliguei, até ouvir minha mãe chamar nossa atenção:

— Olha, olha, olha!

Olhamos, nada de estranho, meu filho estava confortável no colo dela, comendo o braço da cadeira de rodas. Ela apontou trêmula para a TV e começou a dizer, aflita, chamando a nossa atenção e a atenção da própria memória:

— Olha, olha, olha!

Na TV, um noticiário sobre Rubens Paiva. Neste 2014, apareciam todos os dias notícias sobre o caso Rubens Paiva. Todos os dias, novidades. Ela sentadinha inerte na cadeira de rodas. Apareceram fotos dele de arquivo na tela. Era a foto do seu ex-marido, era o nome dele, falavam dele, desvendavam segredos sobre a morte dele:

— Olha, olha, olha!

Ela olhava. Com lágrimas. Ouviu a notícia. Começou a dizer baixinho:
— Tadinho, tadinho, tadinho...

Em depoimento escrito apresentado ao ex-coordenador da Comissão Nacional da Verdade, Claudio Fonteles, e depois ao próprio MPF, revelado só em 2014, Armando Avólio relatou:

No mesmo dia seguinte à chegada de Rubens Paiva ao DOI e quase ao término do expediente, por volta das dezessete horas, ao me despedir dos soldados e sargentos do pelotão, reparei que a porta de uma das salas de oitiva do DOI estava entreaberta. [...] Ao dirigir-me para fechá-la, deparei com um interrogador do DOI, de nome HUGHES [...], no seu interior, utilizando-se de empurrões, gritos e ameaças contra um homem que aparentava já ter uma certa idade. Reparei, na fisionomia desta pessoa, um ar de profundo esgotamento físico.

Ao MPF, Avólio contou que a violência era desproporcional. Que o torturador Hughes o jogou no chão e começou a pular em cima da barriga dele:

Só eu presenciei. Eu fui à sala do capitão Leão, que era contígua à minha, e disse: “Olha, vamos lá no DOI [...] falar com o major BELHAM [...] que o que está acontecendo naquela sala não vai terminar bem”. E nós dois fomos até a presença do major BELHAM e falamos pra ele: “Major BELHAM, está acontecendo alguma coisa aqui, pode se tornar uma coisa grave”. Se ele tomou providências, eu não sei, se ele foi lá, eu não sei, se ele mandou alguém lá, eu não sei, se mais alguém ouviu nós dois falarmos pra ele isso, eu não sei. [...] Fomos ao coronel Ney. Em realidade, se nós seguíssemos a hierarquia militar, nós deveríamos ter ido primeiro ao comandante da PE a quem nós éramos subordinados, informar, para ele tomar a iniciativa, mas pela gravidade do que eu vi, eu preferi fazer o contrário... Se o coronel Ney entrou em contato com ele, eu não sei, porque eu não fiquei sabendo, se o coronel Ney foi lá no DOI falar com ele, eu não sei, mas pelo que conheci do coronel Ney ele deve ter tomado uma providência.

Avólio insistiu que tentou avisar o comandante do DOI:

Posso repetir as palavras? Isso eu falo na frente do BELHAM. Eu cheguei, entrei na sala dele [...], eu não me lembro se a sala dele era reservada, isso eu não me lembro. Eu disse, major... Ele levantou...

Eu me dava bem com ele, me relacionava bem com ele [...], eu até gostava dele, era um cara que conseguia manter aquelas figuras, que tinha umas figuras lá que... [...] Nunca mais eu estive com ele... Eu disse, major, é bom o senhor dar uma chegada lá na sala de interrogatório porque aquilo lá não vai terminar bem. Ele ficou olhando para mim... É o Hughes que está lá... Saí dali eu e o Leão e fomos direto para o gabinete do nosso comandante, lá no pavilhão da frente, e relatamos para o próprio coronel Ney o que tínhamos visto e com quem havíamos falado [...]

A ocorrência foi confirmada pela testemunha Ronald Leão, que morreu logo depois de enviar uma carta à Comissão Nacional da Verdade. Amílcar Lobo contou que, chegando no DOI de madrugada, examinou um homem em condição de “abdômen em tábua”. “O que em linguagem médica pode caracterizar uma hemorragia abdominal, sendo que naquela situação parecia ter havido uma ruptura hepática”, detalhou.

De acordo com Corbage, “a maioria do pessoal que trabalhou na repressão gostava de entrar com o preso para fazer o interrogatório. Aí era um massacre, doze contra um”.

A ex-presa política Dulce Pandolfi, presa na mesma época e na mesma instalação, detalhou que cabia aos cabos e soldados cuidar da infraestrutura. Eram eles que fechavam e abriam as celas, os levavam para os interrogatórios, para as sessões de tortura, faziam a ronda noturna, levavam as refeições. Nada de banho de sol, visita familiar, conversa com advogado. Nenhum contato com o mundo exterior. Naquela fase, eram presos clandestinos. Só saíam das celas para os interrogatórios, de olhos vedados, com um capuz preto na cabeça. Quase todos os que faziam o trabalho de infraestrutura incorporavam o ambiente da tortura. Mas havia exceções. Um dos soldados deu um pedaço de papel e uma caneta para ela escrever uma carta aos pais. E, de fato, a carta chegou ao destino. Pode ter sido o mesmo que deu chocolate para minha mãe.

Riscala Corbage contou em depoimento para os promotores:

Os soldados do PIC eram soldados engajados, os catarinas. [...] O oficial não encostava a mão em nenhum preso [...] porque não precisava. Tinha sempre dois soldados do PIC... Já viu catarina de dois metros e três, dois metros e quatro de altura, já viu catarina pesando cento e quarenta quilos, os caras assustavam a gente, que era oficial da polícia. Eles é que preparavam os presos para o pau de arara, eles é que botavam lá, eles é que prendiam o arame para dar choque, eles é que davam afogamento... Agora, você vai dizer, mas por trás deles tinha um oficial... Eram três salas de

interrogatório simultâneas, três interrogatórios simultaneamente. E todo dia mudavam os interrogadores, era vinte e quatro por quarenta e oito. [...] Eu passava, tá aqui vocês três, cumprimentava, ia lá para dentro e falava: Qual é a minha sala hoje? Ah, é a sala 1, a sala 2, a sala 3... Tudo bem...

Dulce lembra que no segundo andar do prédio havia umas celas pequenas e duas bem maiores, essas com banheiro e diversos beliches. Foi numa dessas que ela passou a maior parte do tempo.

Riscala Corbage continua:

Tinha a sala 1 que era a sala do ponto. Se o preso resistisse por mais de quarenta e oito horas na sala do ponto, ele era jogado no estado que sobrou no corredor. Nesse caso, não sabíamos o nome dele, a organização dele, se ele precisava ser socorrido. [...] A sala do ponto... Apanhava para burro. Preto no branco. Acabava falando. Ou mentindo. Ou falando a verdade. Era um cuidado que eu tinha com esse colega meu de equipe, que era da gente não correr esse risco. Às vezes não valia nem a pena... Por exemplo, o cara não queria falar. Mas já estava há quinze minutos no pau de arara.... Tira... Bota ele ali. Deixa ele lá pensando na vida... Porque tinha outros para ser interrogados. Aí quando o outro reclamava das dores, falava: quer voltar para o pau de arara? O cara não queria mais, era muita dor... Às vezes eu era chamado para a sala do ponto, a primeira sala, era a sala terrível, a sala mais terrível, até o diabo, se entrasse ali, saía em pânico. Eu chegava e falava: “Zairo, você quer descer do pau de arara?”. Ele dizia: “Quero!”. Mas você vai conversar legal comigo? Vou mandar te levar para uma outra sala, tu vai sentar, vou te dar água, mas nós vamos conversar legal. Agora eu tenho dados que você deve me dizer de outras pessoas que te indicaram, se você não me disser, você vai voltar para a sala do ponto.

Riscala Corbage se defende:

Você vê, na minha mão passaram mais de quinhentos presos, em dois anos. Aí disseram para mim, que nem esse repórter da Comissão da Verdade: “Nós temos sete presos que lhe acusavam de tortura”. Eu fiquei pensando comigo: será que no início, que era aquela confusão toda, o preso tá ali desesperado... Alguém perguntava: Dr. Nagib, vou dar choque nele, que é que o senhor acha? Aí eu dizia: Dá sim, dá sim, não quer falar, dá... No início era uma zona, só que depois nós acabamos com isso. Você vai dizer: acabou a sala de tortura, a sala de ponto? Eu vou dizer, não, isso não acabou, não... Agora... Meu amigo, se eu quisesse dar um tapa em alguém, eu ia ter que trepar nas costas de muita gente, porque na minha frente tinha muita gente querendo fazer o mesmo... O preso é de quem? Quem é o coautor? [...] Juntava quem estava lá, com quem lá já estivesse... [...] Eu interroguei muita gente, você não faz ideia... Em dois anos, vinte e quatro por quarenta e oito o

dia inteiro, preso chegando a toda a hora... Ninguém morreu durante os meus interrogatórios, sabe por quê?

E detalha:

Você pega um estudante, você bota ele com o peso dele aqui, numa barra de ferro, e deixa ele quinze minutos pendurado no pau de arara, não precisa dar choque, não... O cara urra de dor, sabe por quê? Atinge os nervos... Os nervos da perna... O cara quer descer de qualquer maneira... Esse negócio de bater em preso pendurado em pau de arara, isso é a maior imbecilidade... Eu acho que o cara, para fazer isso, devia ele fazer nele primeiro, pegar o interrogador, colocar pendurado no pau de arara e deixar ele lá meia hora, sem dar choque. Ele entrega até a mãe dele. [...] Veja se tem alguém com alguma cicatriz... Veja se tem alguém sem pernas, sem braços. Que nada... Esses estudantes foram muito bem tratados nas minhas noites de serviço, eu reunia eles e tinha até gargalhadas, quando um defendia uma tese, o outro achava que era mentira e tentava desmentir, era um bate-boca do cacete, e eu ficava ali me deliciando, tentando aprender, onde é que eles viam as coisas maravilhosas. [...] O oficial não torturava ninguém... Ele ficava presente. O oficial não precisa usar a força. Ele só ficava perguntando...

Meu pai viu minha mãe e sua filha, de capuz, sentadas à espera? Se viu, qual teria sido a sua reação? Afinal, por que as levaram pra lá?

Minha mãe já tinha pensado na possibilidade de ter ocorrido um sacrifício. Deve ter pensado. Como eu pensei. Meu pai sabia disso. Andar com cápsula de cianureto nos dentes era comum na Resistência. Os mais graduados da ALN as tinham na boca. Atirar-se debaixo de um carro, jogar-se da janela ou contra a parede, forçar a morte, xingar os torturadores, era um procedimento. O que meu pai fez para apanhar tanto? Nunca saberemos.

Por anos, ela não o perdoou por colocar a família em risco, numa luta desigual, desorganizada, praticamente perdida. Para muitos, meu pai foi um herói que não fugiu à luta. Para ela, deveria, sim, ter seguido para o exílio, quando soube que a família poderia passar pelo que passou. Mas lutou por ele a vida toda. Lutou para descobrir a verdade, para denunciar a tortura, os torturadores.

A doença chegou no ano em que ela ganhou a ação que começou nos anos 80 e obrigava a União a ressarcir o seguro de vida que ela não pôde resgatar,

pois não tinha atestado de óbito, e uma pensão por danos morais. Quando o dinheiro foi depositado, falei:

— Mãe, vitória, você conseguiu, vamos comemorar, vamos para a Itália, rever nossos antepassados!

— Já conheço a Itália.

— Então vamos para Paris, para você visitar sua filha e seus netos!

— Já fui muitas vezes a Paris.

— Então vamos jantar no Fasano, tomar um porre!

— Conheço o Fasano, ia muito com seu pai, quando era uma cantina, somos amigos do velho.

— Então o que você quer fazer? O dinheiro está na sua conta!

Ela me olhou humildemente e falou o que mais tinha vontade de fazer naquele momento, o que a deixaria a pessoa mais feliz e completa da cidade:

— Vamos tomar um sorvete na lanchonete do prédio.

Comemoramos a sua luta de décadas tomando um picolé, só nós dois, numa mesinha de plástico da lanchonete da piscina do condomínio em que moramos, eu no bloco 3, ela no 1, piscina que às tardes fica vazia e onde nunca mais se jogou truco.

Ficar ao seu lado é como ficar ao lado de um bebê, mas não é. Ela está lá. Sua história está com ela, foi vivida por ela. Ela é minha mãe, que cuidou dos meus ataques de bronquite, da minha inconsequência juvenil, tratou de mim na UTI, em hospitais, negociou operações, não interferiu nos meus planos ou projetos literários, massageou a minha mão para não atrofiar, fez a revisão dos meus primeiros textos, inclusive dos meus primeiros livros, fez meu imposto de renda por anos, reviu meus contratos, me levou para a AACD, me hospedou no Rio, não perdeu uma estreia de filme, peça ou lançamento de livro meu, deu entrevistas ao meu lado, me ensinou e fez o Brasil repensar.

Ela pegou o porta-retratos com lugar de destaque na sala com a foto do meu filho de um ano e o abraçou com delicadeza. Minha coisinha, disse. Todo dia que ela o vê, diz:

— É a coisinha mais linda que existe.

Sempre que me lembro, levo ele para ela segurar, rir, se emocionar. O neto e a vovó Nice. O neto que herdou os olhos do meu pai. O neto loiro de olhos azuis como meu pai. O neto gozador e brincalhão como o vovô. Que ela

consegue segurar com firmeza. Todos ficam em pânico, acham que ela vai derrubar. Vai nada, digo, já criou cinco! Ela não derruba. Ele estranha. Ele gosta, às vezes chora. Na maioria, curte aquele abraço confuso, titubeante, enquanto todos prendem a respiração.

Quando ele aprendeu a andar, apoiava-se nas rodas da cadeira dela. Para ficar perto da vovó, empurrá-la.

Num dia desses, ela falava baixinho para mim, segurando a minha mão, alongando os meus dedos:

— Eu sou a Italianinha.

Eu sei, mamãe. Era seu apelido na escola. Você me contou.

— É.

Estávamos na sala. Começo a orientar a cuidadora-chefe, rever problemas na casa, da roda quebrada da cadeira de banho, a roda murcha da outra cadeira, confirmar a ida ao dentista, pedir orçamento, pagar o vazamento consertado, acertar as férias, salários, checar o livro-ponto, quando escuto minha mãe chamar, olhando para o corredor que ia para os quartos:

— Mamãe?

Não entendi direito, continuei a conversar com a cuidadora, e ela repetiu:

— Mamãe?

— O que ela disse? — perguntei.

— Ela está com mania de falar “mamãe”.

— Mas ela está chamando você de mamãe?

— Não. Ela chama a mãe dela. Ela olha e diz “mamãe”. Fica esperando a mãe dela aparecer.

A mãe dela morreu dez anos antes. Morreu aos noventa e quatro anos, de velhice. Lúcida. Morte que abalou muito a minha mãe.

A coisa que eu mais admiro nela e tento levar como um exemplo para a minha vida: ela nunca sentiu pena de si. Sabia que sua doença degenerativa causava mal-estar em outros. Vive com ela com toda a sua completude: dando foras, tendo ataques de mau humor, engasgando com a comida, esquecendo-se dignamente de tudo. Estranhamente, nunca pronunciou seu nome: Alzheimer.

Tinha ataques de ansiedade difíceis de ser controlados. Certa vez, no seu apartamento no Rio, ainda com a mobilidade intacta, começou a jogar todos os discos, livros e revistas fora, em sacos. Livros, discos e revistas que nós, filhos

e genros, tínhamos levado, para ajudar a compor o ambiente, músicas que ouvíamos juntos, livros sobre os quais dividíamos as opiniões. Eu falava, Mãe, para, você está nervosa, é tudo nosso, é da família. Ela dizia, Não quero nada de vocês aqui, este apartamento é meu, não quero que vocês tragam coisas para cá. Era difícil convencê-la do contrário, e deixei. Ela encheu três sacos pretos de cem litros com coisas valiosas para nós, que para ela não tinham a menor importância. E jogou fora. Deixei-a jogar. Era a sua casa. Era Carnaval. Me infernizou três dias seguidos, do quanto a minha presença a incomodava. Não aguentei e fui embora. Senti raiva. Fui enxotado pela própria mãe. Fiquei triste. Mas peguei meu carro e dirigi de volta para São Paulo sozinho. Era a fase em que ainda levávamos para o lado pessoal os ataques que a doença comandava. Ela não conseguiria voltar para São Paulo. Passou dias lá, orgulhosa, sem pedir ajuda a ninguém. Alguém teria que buscá-la. Ela, teimosa, não avisou ninguém. Eu avisei: mamãe está sozinha no Rio. Vamos ver até quando ela aguenta sem pedir um help. Não pediu. Alguém foi buscá-la.

Seu orgulho era maior do que seu esquecimento. Jamais sentiria pena de si mesma. Nem queria que sentíssemos pena dela. Jamais pediu ajuda. Recentemente, uma nova fala cheia de significados entrou no seu repertório, especialmente quando um turbilhão de emoções a ataca, como rever uma filha que mora na Europa ou segurar no colo o meu filho, o que mostra uma felicidade e um alerta, caso alguém não tenha reparado: Eu ainda estou aqui. Ainda estou aqui.

Sim, você está aqui, ainda está aqui.

Minha mãe, aos oitenta e cinco anos, não entrou no Estágio IV, o pior de todos. Sua vida tem muitos atos. Teremos mais um. Enquanto a morte do meu pai não tem fim.

São Paulo, outono de 2015

A denúncia

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR JUIZ FEDERAL DA 4^A VARA CRIMINAL
DA SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO RIO DE JANEIRO.

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelos Procuradores da República infra-assinados, vem respeitosamente à presença de Vossa Excelência ajuizar a presente DENÚNCIA em face de:

1) JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, brasileiro, casado, general reformado do Exército (...).

2) RUBENS PAIM SAMPAIO, brasileiro, casado, coronel reformado do Exército (...).

3) RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, brasileiro, casado, coronel reformado do Exército (...).

4) JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA, brasileiro, solteiro, militar reformado do Exército (...).

5) JACY OCHSENDORF E SOUZA, brasileiro, solteiro, militar reformado do Exército (...).

1^A IMPUTAÇÃO: HOMICÍDIO DOLOSO QUALIFICADO

Consta dos inclusos autos do PIC nº 1.30.001.005782/2012-11 e nº 1.30.011.001040/2011-16 que, em hora incerta, entre os dias 21 e 22 de janeiro de 1971, nas dependências do Destacamento de Operações de Informações — DOI — do I Exército, localizado, à época, nesta cidade na rua Barão de Mesquita, 425 — Tijuca, os denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM e RUBENS PAIM SAMPAIO, acima qualificados, em concurso com os militares já falecidos JOÃO PAULO MOREIRA BURNIER, ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO, FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA e NEY FERNANDES ANTUNES, e ainda com outros agentes até agora não totalmente identificados, todos previamente ajustados e agindo com unidade de desígnios, MATARAM Rubens Beyrodt Paiva. O homicídio de Rubens Paiva foi cometido por motivo torpe, consistente na busca pela preservação do poder usurpado em 1964, mediante violência e uso do aparato estatal para reprimir e eliminar opositores do regime e garantir a impunidade dos autores de homicídios, torturas, sequestros e ocultações de cadáver.

O homicídio praticado pelos denunciados foi cometido com o emprego de tortura, consistente na infligência intencional de sofrimentos físicos e mentais agudos contra Rubens Paiva, com o fim de intimidá-lo e dele obter informações a respeito dos destinatários finais de cartas e documentos remetidos por dissidentes exilados no Chile, encontrados em poder de Cecília Viveiros de Castro, já falecida, e da testemunha Marilene Corona Franco.

A ação foi executada mediante recurso que tornou impossível a defesa do ofendido. Tal recurso consistiu no emprego de um grande número de agentes do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica — Cisa, do Centro de Informações do Exército — CIE e do Destacamento de Operações de Informações — DOI do I Exército para invadir o domicílio familiar, sequestrar a vítima, imobilizá-la e mantê-la sob forte vigilância armada.

2^A IMPUTAÇÃO: OCULTAÇÃO DE CADÁVER

Consta também dos autos que, em hora incerta, a partir do dia 22 de janeiro de 1971 até a presente data, nesta cidade e subseção judiciária, os denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO

CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, acima qualificados, em concurso com os militares já falecidos FRANCISCO DEMIURGO SANTOS CARDOSO, FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA, ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO, SYSENO SARMENTO, NEY FERNANDES ANTUNES e NEY MENDES, e ainda com outros agentes até agora não totalmente identificados, todos previamente ajustados e agindo com unidade de desígnios, OCULTAM O CADÁVER da vítima Rubens Beyrodt Paiva.

3^A IMPUTAÇÃO: FRAUDE PROCESSUAL

Consta também que, em conduta destacada da anterior, os denunciados RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, previamente ajustados e agindo com unidade de desígnios com FRANCISCO DEMIURGO SANTOS CARDOSO, no dia 22 de janeiro de 1971, nesta cidade e subseção judiciária, INOVARAM ARTIFICIOSAMENTE o estado: a) da pessoa de Rubens Beyrodt Paiva, ao falsamente afirmarem que ele se evadira e que, portanto, não estava mais sob a responsabilidade do DOI; e b) do veículo VW Volkswagen, placas GB 21.48.99, motor no BF 97562, mediante combustão provocada por disparos de arma de fogo por eles efetuados na Estrada de Furnas — Alto da Boa Vista. Ambas as inovações foram feitas com o fim de induzir em erro o perito Lúcio Eugênio de Andrade, bem como o órgão jurisdicional competente para processar e julgar o crime de homicídio cometido contra Rubens Beyrodt Paiva.

4^A IMPUTAÇÃO: QUADRILHA ARMADA

Ao menos entre 1970 e 1974, nos períodos adiante precisados, os denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, juntamente com outros criminosos já falecidos, dentre os quais FRANCISCO DEMIURGO SANTOS CARDOSO, PAULO MALHÃES, FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA, ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO, SYSENO SARMENTO, JOSÉ LUIZ COELHO NETTO, JOÃO PAULO MOREIRA BURNIER, NEY FERNANDES ANTUNES e NEY MENDES e com outros cuja participação ainda não foi totalmente individualizada, ASSOCIARAM-SE, de maneira estável e permanente, em QUADRILHA

ARMADA, com a finalidade de praticar crimes de lesa-humanidade tipificados, no ordenamento interno, como sequestros, homicídios e ocultações de cadáver. A associação começou com a adesão dos denunciados, em momentos distintos, à organização criminosa, e desenvolveu-se no interior do Destacamento de Operações de Informações (DOI) do 1 Exército e do Centro de Informações do Exército (CIE), órgãos dos quais os denunciados faziam parte, sediados nesta cidade e subseção judiciária. As quatro condutas imputadas foram cometidas no contexto de um ataque sistemático e generalizado à população civil, consistente, conforme detalhado na cota introdutória que acompanha esta inicial, na organização e operação centralizada de um sistema semiclandestino de repressão política, baseado em ameaças, invasões de domicílio, sequestro, tortura, morte e desaparecimento dos inimigos do regime. Os denunciados e demais coautores tinham pleno conhecimento da natureza desse ataque, associaram-se com outros agentes para cometê-lo e participaram ativamente da execução das ações. O ataque era particularmente dirigido contra os opositores do regime e matou oficialmente 219 pessoas e desapareceu com outras 152, dentre elas a vítima Rubens Paiva.

(...)

Não é demais registrar que a privação da liberdade da vítima nas dependências do comando da 3ª Zona Aérea e do DOI do 1 Exército era ilegal, porque nem mesmo na ordem vigente na data de início da conduta delitiva agentes do Estado estavam juridicamente autorizados a atentar contra a integridade física dos presos e muito menos a sequestrar pessoas e depois fazê-las “desaparecer”.

Com efeito, o art. 153, §12, da Emenda Constitucional no 1 de 1969, estabelece claramente que “*a prisão ou detenção de qualquer pessoa será imediatamente comunicada ao juiz competente, que relaxará, se não for legal*”. Mesmo o Ato Institucional no 5, de 13 de dezembro de 1968, apesar de ter suspenso a garantia do *habeas corpus* para os crimes contra a segurança nacional, não excluiu o dever de comunicação da prisão, nem autorizou a manutenção de suspeitos, por tempo indeterminado, em estabelecimentos oficiais, sob a responsabilidade de agentes do Estado. Portanto, ainda que a

pretexto de combater supostos terroristas, não estavam os agentes públicos envolvidos autorizados a sequestrar a vítima, mantê-la secretamente em estabelecimento oficial, torturá-la até a morte e depois dar ao corpo um paradeiro conhecido somente pelos próprios autores do delito, dentre os quais os denunciados.

2. HOMICÍDIO

Sequestrado no DOI, sob a responsabilidade do CIE e do próprio DOI, Rubens Paiva foi então vítima de violenta tortura cometida pelo integrante da equipe de interrogatórios da Seção de Informações do DOI, ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO (falecido no ano de 2005), dentre outros agentes ainda não totalmente identificados. A participação de HUGHES no crime foi inicialmente revelada pelos militares Armando Avólio Filho e Ronald José Motta Baptista Leão. Posteriormente, as testemunhas Marilene Corona Franco e Lúcia Maria Murat Vasconcellos reconheceram HUGHES como um dos autores das torturas que lhes foram aplicadas. Também Riscala Corbage e JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM confirmaram que HUGHES integrava uma das equipes da Subseção de Interrogatório do DOI do I Exército.

(...)

A violência empregada contra a vítima, com a intenção de provocar sua morte, foi assim a causa das lesões internas que ocasionaram o óbito, motivo pelo qual está a conduta subsumida no art. 121, §2º, do Código Penal. O crime foi cometido por motivo torpe, consistente na busca pela preservação do poder usurpado em 1964, mediante violência e uso do aparato estatal para reprimir e eliminar opositores do regime e garantir a impunidade dos autores de homicídios, torturas, sequestros e ocultações de cadáver.

O homicídio foi cometido com o emprego de tortura, consistente na aflição intencional de dores e sofrimentos físicos e mentais agudos a Rubens Paiva, com o fim de intimidá-lo e dele obter informações a respeito dos destinatários de cartas e papéis remetidos por dissidentes exilados no Chile.

A ação foi executada mediante recurso que tornou impossível a defesa do ofendido. Tal recurso consistiu no emprego de um grande número de agentes do Cisa, do CIE e do DOI do 1º Exército para invadir o domicílio familiar, sequestrar a vítima, imobilizá-la e mantê-la sob forte vigilância armada.

As condutas comissivas e omissivas imputadas a JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM e a RUBENS PAIM SAMPAIO, adiante precisadas, foram penalmente relevantes para a ocorrência do resultado naturalístico do homicídio, motivo pelo qual são eles coautores do crime nos termos dos arts. 11 e 25 do Código Penal. Convém frisar que os dois denunciados, na condição de superiores hierárquicos de ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO não apenas podiam, como também deviam ter agido para impedir a ocorrência do resultado, respondendo, desta feita, pela omissão dolosa também na condição de garantes.

No caso de JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, mesmo após ser pessoalmente cientificado, por dois oficiais do Exército, das torturas infligidas na vítima, e que tais torturas poderiam levar o preso a óbito, não agiu para impedir o cometimento e consumação do homicídio de Rubens Paiva, quando devia e estava em condições de fazê-lo.

O denunciado RUBENS PAIM SAMPAIO, por sua vez, já informado da intensidade da tortura praticada contra Rubens Paiva em cela militar, e agindo em concurso com FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA, dolosamente impediu o ingresso do capitão Ronald José Motta Baptista Leão à sala onde a vítima estava, assegurando, com sua conduta comissiva, a progressão criminosa do homicídio.

Por esses motivos, JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM e RUBENS PAIM SAMPAIO estão incursos nas penas do art. 121, §2º, incisos I (motivo torpe), III (emprego de tortura) e IV (mediante recurso que tornou impossível a defesa do ofendido), na forma do art. 25 (concurso de agentes), ambos do Código Penal.

3. OCULTAÇÃO DO CADÁVER

A “solução” encontrada pelos denunciados e demais coautores foi sustentar que a vítima “fugiu”. Porém, provavelmente em razão do status de ex-parlamentar ostentado por Rubens Paiva, não seria possível apenas anunciar o fato à família e censurar os jornais da época para que não divulgassem a notícia.

Inobstante não se tenha chegado à identidade dos autores imediatos da retirada de Rubens Paiva das dependências do DOI e da posterior ocultação do cadáver em local ainda ignorado, há nos autos elementos seguros de convicção a respeito da participação dos denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA na ocultação, ainda não exaurida, do cadáver da vítima.

Tal participação consistiu:

a) no caso do denunciado JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, na omissão conivente com a retirada do cadáver da vítima das dependências do DOI, e na posterior omissão em apurar o paradeiro do corpo, quando estava obrigado, em razão da função de comando do destacamento por ele exercida, a impedir a ocorrência e a permanência do resultado;

b) no caso do denunciado RUBENS PAIM SAMPAIO, na omissão de seu dever de garante em fazer cessar a execução criminosa, mesmo após, confessadamente, ter tomado ciência da morte e da farsa executada. O denunciado foi informado do óbito porque, juntamente com FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA, havia acompanhado o interrogatório da vítima no DOI, os dois na condição de membros da Seção de Operações do CIE. A comunicação da morte foi feita ao denunciado por telefone, através de um agente ainda não identificado do DOI, na própria data dos fatos. Mesmo ciente de que fora engendrada uma farsa, o denunciado deixou de impedir a consumação e permanência da ocultação do cadáver da vítima, quando estava obrigado a fazê-lo, seja em razão de sua posição hierárquica na estrutura do órgão diretamente envolvido nos fatos, seja porque havia ele, com sua conduta anterior, contribuído para a produção do resultado.

Termo de Declarações de Rubens Paim Sampaio ao MPF (doc. 50, fls. 155-158, v. II, do PIC no 1.30.001.005782/2012-11): “A respeito do caso envolvendo o ex-deputado Rubens Paiva, o declarante tem a dizer que em uma data recebeu um telefonema de uma pessoa do DOI cujo nome não se recorda informando que Paiva havia falecido de enfarte. O declarante disse: ‘Espera aí!’. Em seguida informou o fato a Coelho Netto, que então determinou que o corpo fosse levado ao IML. O declarante retornou a ligação ao DOI mas então a pessoa do outro lado da linha lhe disse que haviam feito um teatrinho para ocultar o corpo”.

c) no caso dos denunciados RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, na omissão da identidade dos autores imediatos do crime permanente tipificado no art. 211 do Código Penal, bem como na manutenção, até hoje, da versão falsa apresentada, ambas as condutas dolosamente dirigidas a garantir a perpetuação da ocultação do cadáver.

As condutas omissivas imputadas aos denunciados são penalmente relevantes porque contribuíram decisivamente para o resultado naturalístico do crime de ocultação do cadáver, tipo de natureza permanente. Por esse motivo, são eles coautores do evento nos termos dos arts. 11 e 29 do Código Penal.

As imputações específicas aos cinco denunciados estão detalhadas na seção II desta ação.

Em razão de tais fatos, JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA estão incursos nas penas do art. 211 c.c. o art. 29 (concurso de agentes), ambos do Código Penal.

4. FRAUDE PROCESSUAL

Para o acobertamento do homicídio, não foi suficiente a ocultação do corpo de Rubens Paiva. Foi preciso, também, que os agentes envolvidos apresentassem alguma explicação aceitável para o desaparecimento de uma

pessoa vista presa por três testemunhas no interior do DOI. Sem a farsa urdida, da qual participaram o então capitão RAYMUNDO RONALDO CAMPOS e os então sargentos JACY OCHSENDORF E SOUZA e JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA, não seria possível manter-se, por tanto tempo, a versão de que a vítima “fugira”.

A farsa começou com uma ordem manifestamente ilegal dada aos três denunciados pelo major subcomandante do DOI, FRANCISCO DEMIURGO SANTOS CARDOSO, já falecido: “Pega uma equipe, leva para o Alto da Boa Vista, diga que o prisioneiro fugiu, metralhe o carro para parecer que ele fugiu. E volte”.

A ordem — revelada somente agora, após 43 anos — foi cumprida pelos três na madrugada do dia 22 de janeiro de 1971. Acompanhado por JACY e JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS conduziu o automóvel Volkswagen, placa GB 21.48.99, motor no BF 97562 (disponibilizado ao Destacamento), até um trecho da estrada de Furnas, no Alto da Boa Vista. Chegando ao local, os três, previamente ajustados, efetuaram dezoito disparos de arma de fogo de calibre 45mm contra o veículo, sendo dois no capô do porta-malas, cinco no para-lama dianteiro esquerdo, dois no interior do porta-malas, cinco no tanque de gasolina, três na lateral dianteira esquerda e um na lateral traseira esquerda.

Segundo RAYMUNDO RONALDO CAMPOS: “Aí o Demiurgo, com ordem de alguém, porque ele não podia dar essa ordem, resolveu montar uma operação pra dizer que o Rubens Paiva fugiu. [...] Eu não sei [se ele já tinha morrido]. Ninguém sabe. Ninguém viu... Eu não vi... O Demiurgo deve ter visto... Aí eu fui fazer essa operação cinematográfica. [...] Atiramos no carro. [...] [Fui eu e] dois sargentos [...] acho que eram irmãos, sei que eram paraquedistas... Eles eram da equipe que estava naquele dia, podiam ser outros dois quaisquer, mas escolheram aqueles dois. Terminou aquele dia, eles foram embora e eu nunca mais os vi. [...] Quem me deu essa ordem diretamente foi o Demiurgo. Alguém deu para ele, porque ele não mandava. Alguém deu para ele. [...] [Fomos em] um carro. Era um fusca. Paramos num lugar ermo, saltamos do carro, metralhamos o carro, tocamos fogo no carro e chamamos os bombeiros e a polícia. Pegou fogo. Demorou a pegar fogo. [O carro pegou fogo] pelos tiros.

O DOI não usava metralhadora. O DOI usava o armamento individual de cada um. Uma pistola 9mm. Não... era uma 45. [...] Devem ter sido cinco ou seis tiros, de cada um. Ficamos aguardando no local. [...] Veio a polícia da delegacia da Tijuca. Foi feita uma ocorrência pela delegacia, polícia civil. [...] Os bombeiros foram lá mas já não tinha mais o que apagar. Voltamos para o quartel, contamos o ocorrido, fizemos o mapa, o registro...”.

Em decorrência da ação criminosa dos denunciados, o veículo incendiou-se. Os três então chamaram os bombeiros, e depois registraram a ocorrência junto ao 19o Distrito Policial.

Em momento posterior, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS ainda assinou a “Parte s/n” 42, datada de 22 de janeiro, não redigida por ele, na qual falsamente afirma que: “[...] às quatro horas do dia 22 jan. 71, em consequência das informações prestadas pelo cidadão RUBEM BEIRODT PAIVA [sic], levei-o acompanhado da equipe da Bda Aet [Brigada Aeroterrestre] para indicar uma casa onde poderia estar elemento que trazia correspondência do Chile. O sr. RUBEM não conseguiu identificar a casa e ao regressar, na pista de descida ao Alto da Boa Vista, lado da Usina, o Volks da equipe do DOI foi interceptado por dois Volks, um branco e outro verde ou azul-claro, que violentamente contornaram a frente do carro do DOI disparando armas de fogo. A equipe rapidamente abandonou o carro refugiando-se atrás de um muro, respondendo ao fogo. O carro logo incendiou-se. O sr. RUBEM saiu pela porta esquerda, atravessou a rua refugiando-se atrás de um poste enquanto elementos desconhecidos, provavelmente terroristas, pelo tipo de ação desencadeada, disparavam de atrás dos carros sobre o nosso carro, ele corria para dentro de um dos carros, os quais logo partiam em alta velocidade. Ao cessarem os tiros para o embarque dos terroristas, aproveitamos e atiramos violentamente conseguindo quebrar o vidro traseiro de um dos carros e com certeza atingindo um dos elementos que com um grito caiu ao chão, sendo arrastado para dentro do carro já em movimento. Desceram a estrada em alta velocidade sob uma saraivada de balas disparadas pela equipe. O carro do DOI a essa altura já ardia completamente. Foi participado ao 19o DP e ao Corpo de Bombeiros que compareceram ao local, porém não conseguindo salvar o carro. Na hora em que a equipe abandonou o carro foram deixados no seu interior dois carregadores de metralhadora 9mm

Beretta. Não houve feridos por parte dos elementos do DOI. RAYMUNDO RONALDO CAMPOS — Cap. — Oficial de Permanência”.

Ouvido pelo MPF, o denunciado RAYMUNDO RONALDO CAMPOS declarou que: “O major Demiurgo mesmo fez [o documento “parte s/n.”] e mandou eu assinar, porque eu tinha que assinar. Se eu não fizesse tudo isso, eu seria sabe o quê? Punido. [...] Eu era um capitão, o resto era tudo major, tenente-coronel, general, o diabo. Se eu não fizesse eu iria ser transferido do Rio de Janeiro lá para o interior do Rio Grande do Sul ou para a Amazônia... Então eu tinha que fazer. Eu tinha que fazer. Assinar o que ele me desse para assinar, então eu assinei isto aqui. Foi ele quem fez. Ou ele ou não sei quem acima dele, eu não sei... Era para dizer que tinha havido uma troca de tiros... uma tentativa de sequestro, uma coisa assim. Eu nunca vi o Rubens Paiva, eu nem sabia que ele estava lá. Eu só vim a saber depois porque eu tinha que fazer o registro no meu mapa da missão e eu: ‘Quem era o cara?’ — E me deram o nome dele. Então é isso aí.”

5. QUADRILHA ARMADA DESENVOLVIDA NO CONTEXTO DE ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA

Ao menos entre 1970 e 1974, nos períodos adiante precisados, os denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, juntamente com outros criminosos já falecidos, dentre os quais FRANCISCO DEMIURGO SANTOS CARDOSO, PAULO MALHÃES, FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA, ANTONIO FERNANDO HUGHES DE CARVALHO, SYSENO SARMENTO, JOSÉ LUIZ COELHO NETTO, JOÃO PAULO MOREIRA BURNIER, NEY FERNANDES ANTUNES e NEY MENDES e com outros cuja participação ainda não foi totalmente individualizada, associaram-se, de maneira estável e permanente, em quadrilha armada, com a finalidade de praticar crimes de lesa-humanidade tipificados, no ordenamento interno, como sequestros, homicídios e ocultações de cadáver.

A quadrilha em questão — verdadeira organização criminosa para fins de direito — consolidou-se com o golpe de Estado de 1964 e seus remanescentes

permaneceram em atividade até ao menos junho de 1981. Tinha âmbito nacional e congregou um grande número de agentes, civis e militares, a maioria integrantes da chamada “comunidade de informações”, rede nacional de pessoas e organismos de Estado envolvidos na repressão política ditatorial.

Ainda que os denunciados e demais integrantes da quadrilha agissem em nome do Estado, os crimes por eles cometidos não estavam, de nenhum modo, amparados pelo direito vigente à época, nem mesmo por aquele emanado do próprio movimento golpista. Os sequestros cometidos por integrantes da organização eram antijurídicos porque as prisões não eram seguidas de comunicação à autoridade judicial, como já determinava a lei vigente à época, havendo nos autos, ainda, provas de que, a partir de 1971, presos políticos foram levados a um centro clandestino de torturas mantido pelo CIE em Petrópolis, hoje conhecido como “Casa da Morte”. O denunciado RUBENS PAIM SAMPAIO, inclusive, confessou que foi responsável por manter sequestrada naquela casa a testemunha Inês Etienne Romeu.

Além disso, como já mencionado, nem mesmo na ordem vigente no período eram os denunciados e demais integrantes da organização juridicamente autorizados a atentar contra a integridade física das pessoas que estavam sob suas custódias, e muito menos a sequestrar pessoas, matá-las e depois fazê-las “desaparecer”.

As condutas típicas atribuídas aos denunciados eram, assim, antijurídicas. São também culpáveis, porque todos tinham plena e real consciência da ilicitude dos atos praticados; tanto que, ainda que por eles cometidos em nome do Estado, jamais foram assumidos por eles como atos oficiais, permanecendo na clandestinidade das ações criminosas publicamente negadas. Portanto, não há nenhuma dúvida de que, ainda que agindo em nome do Estado, todos os membros da quadrilha armada estavam conscientemente associados para praticar crimes.

Especificamente no que se refere aos denunciados JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA, a adesão à quadrilha armada ocorreu no Rio de Janeiro, no interior do DOI do I Exército e do CIE. Como descrito na manifestação anexa à denúncia, tais órgãos integravam o sistema instituído pela “Diretriz Presidencial de Segurança Interna” para suprimir a oposição ao regime, mediante ações criminosas cometidas e acobertadas por agentes do Estado.

O CIE estava subordinado diretamente ao gabinete do ministro do Exército e funcionava no próprio prédio do ministério, na avenida Presidente Vargas, nesta subseção judiciária. Ao menos entre 1970 e 1974 o órgão manteve equipes de operações comandadas por maiores e capitães com formação na área de informações, dentre os quais o denunciado RUBENS PAIM SAMPAIO e os capitães FREDDIE PERDIGÃO PEREIRA e PAULO MALHÃES, já falecidos.

Os oficiais eram subordinados ao tenente-coronel JOSÉ LUIZ COELHO NETTO, também já falecido, e tinham à disposição ao menos três sargentos para acompanhá-los em missões de sequestro, tortura e também de homicídios e ocultações de cadáver de opositores do regime, especialmente os integrantes de organizações da esquerda armada.

Posteriormente, o já coronel JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM passou a comandar toda a Seção de Operações do CIE, consoante comprovou-se através de documento apreendido na residência do militar PAULO MALHÃES, membro da organização criminosa recentemente falecido. Convém registrar que, poucas semanas antes do óbito, PAULO MALHÃES confessou ter recebido ordens do CIE para retirar os restos mortais de Rubens Paiva da praia do Recreio dos Bandeirantes e ocultá-los em lugar ainda ignorado.

O DOI, por sua vez, estava subordinado à 2ª Seção do Comando do I Exército, e funcionou, a partir de meados de 1970 e até o início da década de 1980, em dois prédios do Batalhão de Polícia do Exército, também nesta subseção judiciária. O denunciado JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, como será

melhor detalhado adiante, comandou o Destacamento entre novembro de 1970 e maio de 1971, mas já havia aderido à organização criminosa desde o final do ano de 1969 e início de 1970, momento em que passou conscientemente a atuar na coordenação de equipes de operações, responsáveis por invasões de domicílio e sequestros de suspeitos de oposição ao regime. Tais ações, convém repetir, eram antijurídicas porque contrariavam a legalidade vigente na época, inexistindo causa de exclusão da ilicitude para elas, seja no direito interno, seja no direito internacional.

Requer, outrossim, a oitiva das testemunhas abaixo arroladas para prestar depoimento sob as penas da lei.

Rio de Janeiro, maio de 2014.

SERGIO GARDENGHI SUIAMA

Procurador da República

ANTONIO DO PASSO CABRAL

Procurador da República

TATIANA POLLO FLORES

Procuradora da República

ANA CLÁUDIA DE SALES ALENCAR

Procuradora da República

ANDREY BORGES DE MENDONÇA

Procurador da República — PR/SP

GT-Justiça de Transição

MARLON ALBERTO WEICHERT

Procurador Regional da República

GT-Justiça de Transição

Decisão — Recebimento da denúncia

4ª Vara Federal Criminal
Av. Venezuela, 134, 3º andar
Praça Mauá/RJ — CEP: 20.081-310
Seção Judiciária do Estado do Rio de Janeiro

PROCESSO: 0023005-91.2014.4.025101

AUTOR: JUSTIÇA PÚBLICA

RÉU: JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM E OUTROS

JUIZ: CAIO MÁRXIO GUTTERRES TARANTO

DECISÃO

RECEBIMENTO DE DENÚNCIA

1. DO RELATÓRIO

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL oferece denúncia em desfavor de JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA pela prática, em tese, das condutas tipificadas nos artigos 121, §2º, incisos I, III e IV, 211, 288, parágrafo único, e 347, parágrafo único, todos do Código Penal e em concurso de agentes. Sustenta que, entre os dias 21 e 22 de janeiro de 1971, nas dependências do Destacamento de Operações de Informações — DOI do I Exército, então localizado à rua Barão de Mesquita, 425, Tijuca, Rio de Janeiro, os denunciados José Antônio Nogueira Belham e Rubens Paim Sampaio (Major Sampaio/ Dr. Teixeira), em concurso com militares já falecidos e com agentes ainda não identificados, cometeram o homicídio de RUBENS BEYRODT PAIVA. Defende o caráter torpe do homicídio praticado e a impossibilidade de defesa da vítima, consistente na busca pela

preservação do poder usurpado em 1964, mediante violência e uso do aparato estatal para reprimir e eliminar opositores do regime e garantir a impunidade dos autores de homicídios, torturas, sequestros e ocultações de cadáver. Asseveram o emprego de tortura, consistente na infligência intencional de sofrimentos físicos e emocionais contra RUBENS BEYRODT PAIVA, com o fim de intimidá-lo e dele obter informações a respeito dos destinatários finais de cartas e documentos remetidos por dissidentes exilados no Chile, encontrados em poder de Cecília Viveiros de Castro e de Marilene Corona Franco.

Imputam também aos acusados, em concurso com agentes não identificados e outros já falecidos, a ocultação do cadáver de RUBENS BEYRODT PAIVA. Narra que os acusados, juntamente com Francisco Demiurgo Santos Cardoso, no dia 22 de janeiro de 1971, inovaram artificialmente, ao afirmarem que a vítima se evadira, com o fim de induzir em erro o perito Lúcio Eugênio de Andrade e o órgão jurisdicional competente.

Por fim, afirmam que os acusados, ao menos entre 1970 e 1974, juntamente com agentes já falecidos, dentre os quais Francisco Demiurgo Santos Cardoso, Paulo Malhães, Freddie Perdigão Pereira, Antônio Fernando Hughes de Carvalho, Syseno Sarmento, José Luiz Coelho Netto, João Paulo Moreira Burnier, Ney Fernandes Antunes e Ney Mendes, além de outros não identificados, associaram-se, de forma estável e permanente, em quadrilha armada, com a finalidade de praticar crimes de lesa-humanidade tipificados, no ordenamento interno, como sequestros, homicídios e ocultações de cadáver.

A denúncia narra que as quatro condutas imputadas foram cometidas no contexto de um ataque sistemático e generalizado à população civil, consistente em organização e operação centralizada de um sistema semiclandestino de repressão política, baseado em ameaças, invasões de domicílio, sequestro, tortura, morte e desaparecimento de indivíduos contrários ao regime então em vigor.

Assevera o Ministério Público Federal que, no dia 19 de janeiro de 1971, Cecília Viveiros de Castro e Marilene Corona Franco embarcaram do Chile para o Rio de Janeiro (chegando à 0h do dia 20). Vítimas de tortura, descobriu-se que ambas ocultavam papéis e cartas com conteúdo político. Nos papéis encontrados em poder de Marilene Corona Franco, havia a orientação de que um dos pacotes deveria ser entregue a “Rubens, que poderia ser

contatado através de um determinado número de telefone”. Marilene Corona Franco, sustenta a denúncia, foi obrigada mediante tortura cometida pessoalmente pelo comandante da 3ª Zona Aérea, coronel João Paulo Moreira Burnier, a telefonar para o número indicado no pacote que recebera e dizer a “Rubens” que as cartas do Chile haviam chegado. Conforme narra o Ministério Público, o oficial portava radiocomunicador e, assim que a mensagem foi transmitida por telefone, ordenou o cerco e invasão da residência da vítima.

Minutos mais tarde, RUBENS BEYRODT PAIVA foi levado ao comando da III Zona Aérea na avenida General Justo conduzindo o próprio veículo, iniciando-se sessão de interrogatório com emprego de tortura. Posteriormente, a vítima foi levada ao DOI do I Exército. No final do dia 20, foi transferido para o 1º Batalhão de Polícia do Exército (onde funcionava o DOI).

Afirmam que RUBENS BEYRODT PAIVA foi, então, vítima de violenta tortura, de homicídio e teve seu cadáver ocultado. A presente Ação Penal foi distribuída por dependência à Medida Cautelar no 2014.5101020100-0, que teve por objeto busca e apreensão na residência de Paulo Malhães, cujo resultado consagra documentos e outros meios de prova que lastreiam o oferecimento da denúncia.

DA NÃO EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE PELA PRESCRIÇÃO DA PRETENSÃO PUNITIVA PELA QUALIDADE DE CRIMES CONTRA A HUMANIDADE

A qualidade de crimes contra a humanidade do objeto da presente Ação Penal obsta a incidência do decurso do prazo prescricional como hipótese de extinção da punibilidade. O homicídio qualificado pela prática de tortura, a ocultação do cadáver (após tortura), a fraude processual para a impunidade (da prática de tortura) e a formação de quadrilha armada foram cometidos por agentes do Estado, como forma de perseguição política, no período da Ditadura Militar como atos de repressão à liberdade política da vítima.

A Ordem Constitucional em vigor à época também contemplava a incidência da normatização dos princípios de direito internacional, razão pela qual consagrava a competência da União em celebrar tratados (artigo 8º, I, da Emenda Constitucional no 01/69). Dessa forma, já incidia o princípio geral de direito internacional, acolhido como costume pela prática dos Estados e

posteriormente por Resoluções da ONU, de que os crimes contra a humanidade são imprescritíveis.

A esse fato, acrescenta-se que o Brasil, pela edição do Decreto no 10 719, de 1914, ratificou a Convenção Concernente às Leis e Usos da Guerra Terrestre, firmada em Haia em 1907, na qual reconhece o caráter normativo dos princípios *jus gentium* preconizados pelos usos estabelecidos entre as nações civilizadas, pelas leis da humanidade e pelas exigências da consciência pública.

O conceito de crime contra a humanidade foi previsto inicialmente no art. 6º do Estatuto do Tribunal de Nuremberg, e depois ratificado pela Organização das Nações Unidas em dezembro de 1946. Nele estão previstas as condutas de homicídio, deportação, extermínio e outros atos desumanos cometidos “dentro de um padrão amplo e repetitivo de perseguição a determinado grupo (ou grupos) da sociedade civil, por razão política”. Nesse contexto, o sentido e conteúdo de crime contra a humanidade devem ser extraídos ponderando-se o histórico de militância política da vítima, inclusive sua atuação na qualidade de deputado cassado pelo Movimento de 1964.

Como fixado pelas Nações Unidas — ao aprovar os princípios ditados pelo Tribunal de Nuremberg —, o crime de lesa-humanidade constitui qualquer ato desumano cometido contra a população civil, no bojo de uma perseguição por motivos políticos, raciais ou religiosos. Note-se que não há necessidade de consumação de um genocídio, mas apenas que determinado segmento social seja alvo de repressão específica.

A denúncia narra com clareza o contexto das condutas imputadas aos denunciados como prática de uma política de governo ilegal perante o ordenamento à época qualificada por atrocidades. Passados mais de quarenta anos dos fatos objeto da Ação Penal, já não se ignora mais que a prática de tortura e homicídios contra dissidentes políticos no período conhecido historicamente como “Ditadura Militar” fazia parte de uma política conhecida, desejada e coordenada pela mais alta cúpula governamental, mas que a manteve em um plano de ilegalidade, expondo que o Estado e os detentores do poder estavam acima do ordenamento jurídico.

Narra, pois, a denúncia crimes contra a humanidade em contexto com demais fatos igualmente ilícitos, a exemplo de outros casos de tortura. Dessa forma, não se admite a prescrição da pretensão punitiva. Muito embora o

Brasil não tenha ratificado a Convenção sobre Imprescritibilidade dos Crimes de Guerra e dos Crimes contra a Humanidade, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 1968, incide o verdadeiro princípio geral de direito internacional, incorporado aos costumes internacionais, que obsta a extinção da punibilidade a partir de força derogatória do artigo 107 do Código Penal.

O artigo 38(1) do Estatuto da Corte Internacional de Justiça é amplamente reconhecido como a formulação mais autorizada a respeito das fontes do direito internacional e expressamente contempla o costume internacional como uma prova de prática geral aceita como direito. O costume como fonte do direito internacional apto a orientar juízos de supralegalidade exige fatos materiais, ou seja, o comportamento propriamente dito dos Estados e a crença de que é segundo o ordenamento jurídico (internacional). Há, assim, a crença e a coerência com o ordenamento jurídico de que os crimes contra a humanidade aceitos pelos Estados devem ser punidos, não se submetendo a impedimentos de incidência da lei penal, a exemplo das hipóteses de extinção da punibilidade, como a prescrição.

DA NÃO EXTINÇÃO DA PUNIBILIDADE PELA PRESCRIÇÃO DA PRETENSÃO PUNITIVA DO HOMICÍDIO QUALIFICADO POR TORTURA POR FORÇA DA CONVENÇÃO INTERAMERICANA CONTRA A TORTURA

Tendo-se em vista a primeira conclusão de não incidência de Anistia para os crimes imputados em desfavor dos denunciados nessa ação penal, conclui-se que não está extinta a punibilidade pela prescrição da pretensão punitiva da imputação de homicídio qualificado pela tortura, mesmo se desconsiderasse a qualidade de crime contra a humanidade. Ora, na medida em que o fato aconteceu entre os dias 20/21 de janeiro de 1971, em 5/10/1988, não havia decorrido o prazo de vinte anos necessários para a extinção da punibilidade (artigo 109, I, do Código Penal).

A Carta de 1988 consagrou que os direitos e garantias nela expressos não excluem outros decorrentes do regime de tratados internacionais em que a República Federativa seja parte (artigo 5º, §2º). Esse dispositivo superou a disposição normativa do artigo 153, §36, da Ordem Constitucional anterior, de alcance mais restrito. Por outro lado, a Constituição atribui reprovabilidade à tortura, em especial por consagrá-la como inafiançável e insuscetível de graça

ou Anistia (art. 5º, inciso XLIII). Há, pois, o direito fundamental na punibilidade dessa prática, sobretudo quando a disposição normativa do inciso XLIII é compreendida perante o inciso XLI do artigo 5º, ao estabelecer que “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”.

DA JUSTA CAUSA. CONTEXTO APTO À ADMISSÃO DA DENÚNCIA

A denúncia ofertada encontra-se devidamente acompanhada de documentos e testemunhos aptos ao recebimento da denúncia em desfavor dos acusados. Merecem ênfase a declaração manuscrita de Cecília Viveiros de Castro, a declaração de Marilene Corona Franco ao MPF, o depoimento de Cecília Viveiros de Castro à DPF em 11/09/1986, o recebimento de entrega do automóvel da vítima e o conjunto de documentos apreendidos por força da Medida Cautelar no 2014.5101020100-0.

DISPOSITIVO

Em face do exposto, RECEBO A DENÚNCIA em desfavor de JOSÉ ANTÔNIO NOGUEIRA BELHAM, RUBENS PAIM SAMPAIO, RAYMUNDO RONALDO CAMPOS, JURANDYR OCHSENDORF E SOUZA e JACY OCHSENDORF E SOUZA pela prática, em tese, das condutas tipificadas nos artigos 121, §2º, incisos I, III e IV, 211, 288, parágrafo único, e 347, parágrafo único, todos do Código Penal e em concurso de agentes.

Citem-se os denunciados para responderem à acusação, por escrito, no prazo de 10 (dez) dias, na forma do art. 396-A do Código de Processo Penal, ocasião em que poderão ser arguidas preliminares e alegar tudo o que interesse à sua defesa, oferecer documentos e justificações, especificar as provas pretendidas e arrolar testemunhas, qualificando-as e requerer sua intimação, quando não se tratar de testemunhas meramente de caráter, devendo nesta hipótese ser apresentada declaração.

O Oficial de Justiça deverá qualificar os citandos nas folhas anexas aos mandados e devolvê-las a este Juízo junto com os expedientes. Deverá, ainda, certificar se os denunciados têm advogado, bem como o nome e o número de

inscrição na OAB, ou, caso não possuam, informar se têm condições financeiras para constituir advogado.

Caso não possuam condições financeiras para constituir advogado, deverão ser orientados a dirigirem-se, em caráter de urgência, à Defensoria Pública da União, localizada na rua da Alfândega, no 70, Centro, Rio de Janeiro/RJ, de terça a quinta-feira, das 8h30 às 17h30, ou, na impossibilidade, manterem contato telefônico com o órgão, através do número 2460-5000.

Dê-se vista ao Ministério Público Federal.

Rio de Janeiro, 26 de maio de 2014.

(Assinado eletronicamente)

CAIO MÁRCIO GUTTERRES TARANTO

Juiz Federal

Nota do autor

O caso Rubens Paiva está longe de terminar. Em 25 de setembro de 2014, o advogado Rodrigo Roca, que defende os militares acusados do homicídio e ocultação de cadáver do ex-deputado Rubens Beyrodt Paiva, protocolou uma reclamação no Supremo Tribunal Federal (STF), para que seja extinta a Ação Penal.

Para a defesa dos militares, a decisão da Justiça de acolher denúncia do Ministério Público Federal (MPF) viola decisão, em ações anteriores, do Supremo, que considerou válida a Lei da Anistia, que perdoa crimes cometidos por militares e guerrilheiros durante a ditadura.

A principal tese do MPF é que os crimes foram cometidos contra a humanidade e, portanto, não prescreveram nem são submetidos à Lei de Anistia. O procurador-geral de Justiça, Rodrigo Janot, sustenta a mesma tese.

O ministro Teori Zavascki, do STF, suspendeu, em 29 de setembro do mesmo ano, a Ação Penal contra os cinco militares denunciados. Considerou que manter em andamento a denúncia seria “incompatível” com a análise já feita pelo STF sobre a aplicação da Lei de Anistia e pediu informações ao juiz federal da 4ª Vara Federal Criminal do Rio.

O caso não tem data para ir à plenária do Supremo.